

# A EVOLUÇÃO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. de Hartmann, *Philosophie de l'Inconscient* t. 1.º pg. 430

Caminhamos para um ideal político em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. Spencer, *Classification des sciences*, pag. 119.

## SEMANARIO REPUBLICANO



A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. Comte, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pg. 298.

**Agradecemos cordealmente a todos os cavalheiros que se interessaram por esta folha, angariando assignaturas e noticiando a sua publicação.**

**Especiallissimos no nosso agradecimento os distinctos escriptores que desinteressadamente nos prestam o valioso concurso da sua collaboração.**

Apresentando-nos na imprensa cumpre-nos expôr e justificar os principios que vamos defender.

Nós entendemos que a fórma de governo que nos pôde dar maior somma de garantias materiaes e moraes é a Republica.

Dizendo-nos clara e abertamente republicanos satisfazemos um dever indeclinavel da consciencia e uma feição particular do nosso espirito a qual nos torna incompativeis com as tergiversações e com os rodeios.

Passou o tempo das afirmações vagas e banaes. Hoje a primeira obrigação do jornalista consciencioso e digno é dizer francamente o que pensa, é declarar formalmente o que pretende,—demonstrando a verdade do seu pensamento e a justiça das suas pretensões.

É o que vamos fazer.

Estudando o estado social das diversas nações da Europa vemos que a Inglaterra e a França são indubitavelmente as que sobre nós teem uma influencia mais sensivel.

A Inglaterra exerce sobre Portugal uma pressão official, deprimente.

Todos os partidos monarchicos vão buscar a este paiz capitaes para restaurarem o thesouro e idéas para povoarem o cerebro.

A sua constituição politica é apontada pelos philosophos officiaes como exemplar e impecavel. Da sua bocca saem a cada momento estas palavras:

«Vejam a Inglaterra. Que perfeição: a liberdade amplissima, a riqueza inexaurivel, a ordem inalteravel.»

Apezar d'isso, enquanto os pensadores nacionaes discorrem com esta lucidez, Parnell está na prisão, vagueiam milhares de mendigos em Londres, e a Irlanda subleva-se contra um governo tão perfeito.

Mas admittamos que a Inglaterra tem as instituições politicas que mais garantias de prosperidade lhe podem assegurar. Isto não basta para que as desejemos ver entre nós.

As instituições d'um paiz não convêm a outro pelo simples facto de darem excellentes resultados no primeiro. Uma dada fórma politica corresponde a um determinado estado social; e as condições sob que se desenvolve a civilização ingleza são radicalmente differentes

das que se realisam nos outras nações da Europa.

Os escriptores que teem apreciado scientificamente a constituição ingleza, tão preconizada, depois de Montesquieu, pelos publicistas metaphysicos, demonstram que as suas instituições são especiallissimas e constituem uma anomalia politica verdadeiramente especial.

Henry T. Buckle, o eminente auctor da *Historia da Civilização na Inglaterra*, diz que este paiz deve á sua posição insular, que tornava difficis as relações com o estrangeiro, o ter uma civilização caracteristica e propria perfeitamente distincta da de todas as nações continentaes.

E Augusto Comte sustenta que os philophos e estadistas que desejam a transplantação para o continente europeu do regimen politico inglez commettem um erro capital, desculpavel unicamente em face do atrazo das sciencias sociaes.

Querer, pois, apresentar as instituições inglezas como um modelo que a Europa deva seguir é desconhecer as leis do condicionalismo social e os resultados da sciencia moderna.

A constituição ingleza, correspondendo a necessidades puramente locais, não pode aspirar ao cosmopolitismo.

E se nos referirmos particularmente a Portugal ninguem hoje duvida que de termos seguido de mais a Inglaterra provém a maior parte dos nossos males.

Todas as considerações nos levam, portanto, a pôr de parte o typo politico inglez.

A outra nação que dissemos ter uma influencia directa sobre a nossa sociedade é a França.

É para ella que convergem hoje, como sempre têm convergido, as atenções do mundo culto.

Em 1789 a França subleva-se e o grande movimento revolucionario repercute-se em toda a Europa. Agita-se em 1848 a França e a commoção propaga-se n'uma area immensa. Se o primeiro impulso teve mais em vista a decomposição do antigo regimen do que a organização do regimen novo, se a republica de 48 definiu n'um meio creado pela esterilidade sentimentalista dos seus chefes,—o movimento de 1870 tem, pelo contrario, um caracter essencialmente organico de renovação e de regeneração social.

Quem estuda a lição proficua da historia sabe que a França exerce, senão em toda a Europa, pelo menos na Europa latina, uma incontestavel preponderancia hegemonica.

Em todas as manifestações da nossa vitalidade social se faz sentir esse predominio. Impellidos na direcção que a França nos imprime, inspirados pelas mesmas idéas, sollicitados pelos mesmos interesses, nós vemos augmentarem de dia para dia os obstaculos que se oppõem á sustentação do regimen monarchico e dimi-

nuem as difficuldades que encontra o estabelecimento do governo republicano.

Herbert Spencer demonstrou, generalizando a lei de Maupertuis até ao campo social, que o movimento humano—economico, politico ou de qualquer outra natureza—segue, como todos os movimentos, a linha da menor resistencia, propaga-se no sentido em que encontra menos obstaculos.

A evolução politica segue, pois, o sentido republicano.

Não somos levados a fazer esta affirmação por interesses partidarios. O que dizemos é uma verdade fundamental accete e proclamada por todos os pensadores eminentes do nosso seculo que discutem as questões sociaes á luz do mais elevado criterio e das mais generosas aspirações.

As theorias philosophicas que mais se combatem, o materialismo do dr. Büchner e o inconscientismo de von Hartmann, o espiritalismo de Victor Hugo e o positivismo de Littré encontram-se n'este campo neutro.

Usando uns dos processos laboriosos e fructificaveis da sciencia, servindo-se outros da sua poderosa intuição philosophica, chegaram todos á affirmação da Republica, como um ponto central para onde convergem todas as philosophias, como um fim social para que tende todo o progresso.

Poderá a vontade dos estadistas, poderá a intriga dos politicos desviar este movimento do seu curso normal?

Ha quem responda affirmativamente. O idealista Carlyle deu uma amplitude tamanha a intervenção individual na marcha dos acontecimentos historicos que reduz á historia da humanidade á biographia dos homens eminentes.

Sobre tão estranha concepção baseou-se uma escola cuja inanidade de principios comprometteu todos os partidos politicos que a seguiram.

A sciencia combateu esta doutrina e provou que as façanhas dos grandes generaes e os planos dos grandes estadistas, quando se oppõem ás tendencias da sociedade em cujo meio se produzem, teem uma existencia perfeitamente ephemera.

«Os crimes gigantescos d'um Alexandre ou d'um Napoleão, diz um escriptor notavel, não produzem effeito algum, passado um certo tempo, e os negocios do mundo recuperam o seu primitivo equilibrio.»

A lenda napoleonica está destruida pela sciencia e apenas é hoje explorada pelo mais antipatriotico dos partidos politicos da França.

Concluimos, portanto, que as sociedades teem uma força intrinseca propria que não pode ser annullada nem mesmo desviada da sua direcção por qualquer esforço individual por mais poderoso que

seja, e que trabalhar no sentido opposto ao da evolução social é dar uma prova de insanias. A acção do homem é tão insignificante n'este caso que se não fór exercida convenientemente é nulla.

Por isso somos republicanos e movidos por estas considerações vimos com toda a sinceridade e com todo o entusiasmo dos peitos juvenis juntar os nossos esforços aos que trabalham na regeneração politica da nação portugueza. E áquelles que nos lembrarem a nossa pequenez responderemos que só a somma de pequenos esforços dá os grandes resultados.

Diz o *Diario Popular* de 22:

«Quem ganhou então e muito com tantos desatinos? Unicamente o partido republicano, já forte em Lisboa, e que seria na capital invencivel, se a destreza e a força dos seus chefes por um lado, e a união dos seus elementos por outro correspondessem ao numero dos adeptos e á firmeza das convicções. Se elle amanhã encontrar chefes vigorosos e habeis, a causa da monarchia estará perdida na capital do reino.»

E' a imprensa monarchica que o diz: é um dos seus órgãos mais acreditados quem assim vem declarar que o partido republicano engrossou á custa dos desatinos dos governos.

E' facto, em frente dos partidos monarchicos desacreditados pelos seus desatinos, existe organizado, compacto e com o prestigio de um nome sem mancha o florescente partido republicano, que vae tornar-se invencivel não só na capital, como diz o *Diario Popular*, mas em todo o paiz. Com effeito a imprensa onde tem illustres representantes e a opinião publica claramente manifestada nas luctas eleitoraes e nos grandes comicios em que a nação se tem levantado imponente para stigmatizar os crimes d'estes governos que nos amesquinham, ahí estão para demonstrar a utilidade vitalidade e força do partido republicano e quanto elle tem direito a esperar do futuro.

Decididamente a realza não navega em mar de rosas.

Ainda não ha muito que a monarchia gozava pacifica e bonacheironamente do prestigio e... dos rendimentos que as instituições lhe davam.

Que importava á monarchia que o paiz se agitasse contra os erros d'um gabinete qualquer?

Que importava á monarchia que no parlamento se desencadeassem terriveis as paixões politicas? Nada ou quasi nada, quando muito o aspero trabalho de encarregar algum chefe politico de organizar o ministerio.

—Deixal-os lá; no fim de contas era tudo gente amiga.

Republica! era uma utopia realisavel lá para o anno 2000.

E entre tanto as instituições gozariam de uma vida feliz e farta.

E' provavel que Luiz XVI, Luiz Philippe, Napoleão III e o proprio Amadeu assim tinham pensado algum tempo. Mas a mesma força que depoz Luiz XVI e Luiz Philippe, que precipitou Napoleão III e obrigou Amadeu a fugir é a mesma que hoje impulsiona a consciencia portugueza, e põe em grave risco a estabilidade das instituições.

Foi ao accordar da consciencia popular que nasceu o partido republicano portuguez. Os principios de 89, iludidos tanto tempo



pelas ficções do governo representativo vão pouco a pouco, actualizados pelos recentes e conscienciosos trabalhos da sciencia politica tornando-se o patrimonio de todos os que pensam, que são quem pode.

Hoje o que mais ha a combater é a indifferença; o que é preciso é acabar de levantar a nação da apathia em que a tem lançado o systema representativo.

Muito se tem já feito n'este sentido.

O patriotico levantamento contra o tractado de Lourenço Marques e a intervenção cada vez mais larga de todos os cidadãos na gerencia dos negocios publicos, claramente manifestada nas ultimas eleições camarárias de Lisboa e outras localidades são a obra do partido republicano.

Os estafados principios do direito divino e hereditario já ninguém os pôde encerrar a serio. O principio da liberdade é hoje um axioma politico e a maioria dos que pensam vae-se convencendo da sua incompatibilidade com o principio monarchico. O governo representativo, regimen de transição para as formas democraticas — considerado inopportuno vae cada vez mais, perdendo terreno nas consciencias. O povo portuguez que tanto sacrificio tem feito pelas suas dynastias, vae-se convencendo da inutilidade dos seus serviços e da exploração de que tem sido objecto.

Nos principaes centros d'actividade, que são quem definitivamente ha de orientar o resto do paiz, a ideia republicana germina, trabalha e fructifica em esplendidas manifestações de patriotismo, todas as vezes que a moralidade publica e a autonomia nacional recebem novos ataques, como não podem deixar de receber das instituições que nos regem.

Ao partido republicano cumpre aproveitar-se da boa direcção do pensar nacional, em prol da civilização, em prol da republica.

Partindo do principio de que a união faz a força, deve concentrar todas as actividades dos seus membros na consecução do seu fim ultimo, dotar o paiz com um governo republicano, cuja natureza as côrtes constituintes determinarão, convenientemente prevenidas e elucidadas.

É menos exacta a affirmação do illustrado collega quando se refere á falta de unidade no partido.

Felizmente não temos a sentir luctas internas entre os diversos grupos do partido.

Republicanos unitarios, republicanos federaes, republicanos moderados e republica-

nos radicaes todos nos auxiliamos n'esta lucta pela verdade e pela justiça.

Só assim é que o partido republicano, respeitavel pelo seu numero, pela sua força e pela sua disciplina se poderá impor á consideração do paiz e ao respeito dos partidos monarchicos, cuja actividade se vae consumindo em infructiferas luctas intestinas.

Só d'esta maneira se conseguirá consolidar em Portugal a forma republicana, unica solução razoavel para os graves problemas politicos, economicos e financeiros de que depende a vida e prosperidade nacional.

Collaboram n'este jornal os seguintes escriptores:

Abilio Maia, Affonso Vargas, Alfredo Xavier Pinheiro, Antonio Feijó, Antonio Furtado, Augusto Tavares, Bruno, Eduardo Araujo, Fialho d'Almeida, Fortunato da Fonseca, F. Xavier de Carvalho, Gomes Leal, Horacio Ferrari, Joaquim de Araujo, Joaquim Coimbra, Julio de Mattos, Luiz de Magalhães, Luiz Osorio, Manuel Duarte d'Almeida, Manuel Teixeira Gomes, Salazar Moscoso etc.

### O vaso de marmore

N'uma quinta ducal, em frio outomno em luto, vi um marmoreo vaso, entre arvores curvadas, com plantas tropicaes, direitas como espadas, por um grande silencio, estúpido e absoluto.

Não cantavam as rãs no pantano corrupto. O sol ensanguentava as aguas estagnadas. Não pairavam no ar as aves fatigadas. Toda a vegetação era sem flor nem fructo.

Então n'esse silencio immenso e inolvidavel, aquelle pôr de sol na matta impenetravel esse vaso glacial, grande, marmoreo, e serio...

esse vaso glacial na grande quinta antiga lembrou-me o teu olhar, ó pallida inimiga! que em meu peito floriu como n'um cemiterio.

Gomes Leal.

### Numero do «intermezzo»

(HEINE)

Chorei em sonhos; vi-te morta e fria,  
Sem brilho n'esse olhar,  
Nas faces ainda o pranto me corria  
Ao triste despertar.

Os pecegueiros tinham attitudes elegantes, incommodas. As olaias pareciam espumar vinho, embriagando a vista.

À esquerda e ao fundo da cerca o pomar dava uma frieza sombria, cortada das scintillações metallicas das folhas polidas, e da nudez arredondada das laranjas, que sobresahiam como balas esbrasiadas.

Os verdes succediam-se pelo declive n'uma escala viva, com reflexos escuros, e em matiz de malmequeres, de tenues umbelliferas, de papoulas.

Sentia-se correr nas calleiras a agua n'um grú-grú continuo, adormecedor.

Os muros baixos da cerca eram acompanhados de ruas estreitas e tortuosas; assim uma seguia o que defrontava com a cidade; outra o que dava sobre outeiros que limitavam o valle, outra o que para oriente olhava as serras que ao longe se desenhavam esfumadamente no horizonte, e a corda de collinas pittorescas revestidas de verdura que se seguia á que o collegio coroava com a sua fachada branca, fria.

Além d'estas ruas uma outra cortava a cerca parallelamente ao edificio.

Nas sebes que aqui e além se levantavam, penduravam-se caixas de fumarías, leves.

Uma sombra lenta vinha invadindo a encosta, e começava a dar a toda a verdura um tom uniforme.

A rua que corria ao fundo tinha do lado opposto ao muro, que se esboroava, uma sebe luxuosamente revestida e de cujos verdes, temperados pela luz branda da tarde, irrompiam o vermelho macio das rosas, e os gigantes Calices de Venus, que se abriam como clarins festivos entre a tristeza das saudades e dos lyrios roxos, atirando aromas finos, d'uma agudez ativa no meio da confusão suave dos aromas, dando uma nota

Chorei em sonhos; vi que me deixavas.  
Um choro de amargor,  
Muito tempo depois, as faces cavas  
Sulcava-n'as de dôr.

Chorei em sonhos; vi que me querias  
Inda do coração,  
E a torrente das lagrimas sombrias  
Não cessa desde então.

Joaquim de Araujo.

Instigado por qualquer ordem de motivos —benevola curiosidade, ou intenções de caracunda critica—abriste, caro leitor, o primeiro numero do nosso hebdomadario; e sabendo-o republicano deste (quem sabe) liberdade plena á tua phantasia, imaginando ver diante de ti a cratera fumegante d'um vulcão enraivecido. Figurou-se ao teu espirito que não poderiamos viver socegados, um só instante, sem a queda do ultimo throno que esmagasse nas ruinas o corpo do derradeiro monarcha.

Tal acontecimento, na verdade, seria espectacular e dramatico; um bello ensejo, mesmo, para entumecer grandes phrases, fortemente coloridas, em que a soberania popular, a equaldade universal e outras lindas chymeras se apresentariam com a sua toilette de gala.

Lindissimo! concordamos em que devia ser espantoso...!

Nós, porém, vamos proceder aberta e lealmente; e ficas desde já prevenido amigo leitor, de que o teu espirito demagogico vae soffrer uma grande decepção.

Onde julgaste encontrar o entusiasmo irreflectido d'um revolucionario, verás a discussão imparcial e severa.

Empallideces de surpresa, não é assim? desculpa, mas preferimos a um rastilho de polvora uma cadeia de raciocinios. Quando fortes, desaparece igualmente o inimigo e podemos contar sob a nossa bandeira um partidario mais.

E não te admire darmos preferencia a este genero de lucta: em face do inimigo é mais agradável crivar-lhe o espirito de convicções, do que o corpo de balas. Tu, proprio, não hesitarias facultando-te a escolha...

Accordando, pois, em que somos incapazes de descer á pequena miseria de oppor á tua opinião, devidamente respeitosa, outra coisa que não seja a nossa opinião, vejamos

viva no meio do entorpecimento dos vegetaes.

Dos ramos sabiam cantos vibrados, de vivas modulações, e o rumor das azas dava a tudo um palpitante doce e macio. Os insectos em vãos loucos, passavam por entre as folhagens amortecidas, iriados, sonoros: internavam-se nas corolas das flores: refrescavam-se nos fluidos das petalas, mordendo-lhes as veias entumecidas, n'um zumbir soffreg, continuo. As lagartixas espreguçavam-se nas hervas, com o olhar vivo, infatigavel.

Despertavam-se rumores vagos nos recantos, segredos mysteriosos; os vegetaes tinham trabalhos palpantes; apossavam-se d'elles, percorriam-nos tremuras lubricas. Parecia que se preparavam para um rude combate da noite, cheios de anceios de desfallecimento. Davam-se abraços prementes, na frescura das sombras.

A's vezes passava sobre a relva, taciturno e pesado, um sapo deslocando preguiçosamente os membros escorregadios, e arredondando o dorso manchado; parava, lançava em roda olhares arregalados; numa larga consolação; aspirava o ar soffregamente, dilatando-se, deixava sahir asperamente um monossyllabo, e continuava imperturbavel. Depois apenas se sentia um pequeno rumor nas espessuras.

Os outeiros d'além do rio quebravam, com as suas saliencias bruscas, a luz do sol poente, que se estendia pelos verdes carregados, ou por algum terreno barrento, e projectavam sombras largas. Nas faldas uns amarellos seccos irrompiam do meio das terras cavadas, d'uma cor de sépia. As arvores tomavam estranhos aspectos doirados que lhes dava o sol que descia gradualmente.

um dos ultimos acontecimentos que Coimbra presenciou.

Correu ha dias, a noticia de que passava por Coimbra a familia real. Senão conheces Coimbra leitor amigo, devo dizer-te que na população academica, espalhar-se uma noticia de tal ordem e nascer a idéa do feriado—o mesmo é..

Resolvido em assembléa geral no Club Academico que se pedisse feriado, foi eleita uma commissão. É o processo mais simples e mais antigo. Tinha ella por fim cumprir a S. M. e aproveitando a occasião... formular o desejo nunca saciado de interromper, por alguns dias o trabalho lectivo.

Assim aconteceu. Apesar de tudo, fica sabendo, briosa academia, que a nossa ingratidão é negra, é medonha, é tudo quanto encontrases no repertorio dos adjectivos furibundos—não te agradecemos e, o que é mais, não te felicitamos, sequer pelo brilho da idéa que acabas de manifestar.

Analysemos friamente. Será crível que a simples entrada na gare transformasse em convicção uma descuidada indifferença?—seria absurdo o imaginal-o, sequer. Pois bem, muitos academicos a quem ouvimos dizer que iam ver chegar o expresso como simples espectadores, levantaram e acompanharam vivas, d'uma significação indubitavel e que respeitamos, permitindo-nos o direito de notar a incoherencia.

Quanto a pedir feriados, já uma penna bem mais auctorisada do que a nossa, mostrou quanto era tristemente symptomatico substituir um pedido banal e frivolo a mil requisições, seriamente fundamentadas que se deviam fazer.

Eu bem sei, illustre academia, que te parece extranho ser d'uma franqueza tão rude quem pela primeira vez se apresenta em tua casa. Mas imagina que, uma vez obtida a honrosa permissão de te visitarmos te damos as amabilidades mais finas, as phrases mais traidoras e lisongeiras, que te envolviamos n'uma atmosfera impregnada de adulação e perfidia.

Mais tarde sabias que era desleal o nosso procedimento, vindo igualmente a saber a diversidade de nossas opiniões. Tornava-se impossivel uma reconciliação, ao passo que assim, trocando agora, tranquillamente, os argumentos que estribam a opinião de cada um, evitamos trocar, mais tarde, nossos cartéis de desafio.

Babinet.

Os reflexos pareciam voar d'um para outro ponto.

A luz ora dava nas campinas verdes, passando atravez dos ramos afastados, e fazendo assim largas barras pelas terras, ora cahia sobre um amontoado d'arvores; via-se morrer pouco a pouco uma sombra, e n'outro ponto nascer outra, com uma substituição vagarosa, como a pesar.

Nas alturas os pinheiros finos recortavam-se nitidamente no azul banhado de claridade branda.

Nos montes longiquos havia tons d'um azul escuro.

A estrada, como uma facha branca, interrompia a grande palheta de côres vivas, e alegres de que a luz tirava effeitos maravilhosos, e as arvores que a bordavam empoeiradas, tinham um aspecto envergonhado, uma attitude humilde deante de todo o valle, que entoava a grande symphonia da cor.

O rio com fulgurações prateadas tinha nos recantos, nas sombras dadas pelos salgueiros uns tons verdes, carregados. Encastellavam-se em volta do sol nuvens avermelhadas, franjadas d'ouro, que se rasgavam, se desfazião, se reuniam vagarosamente illuminadas pela luz branda.

Os montões de areia dispersos por entre as aguas formavam um pequeno archipelago triste e despido.

Nas margens, os choupos tinham uma apparencia tristonha, scismadôra que lhe deixara o inverno.

Só ao longe junto da volta do rio apparecia por sobre os ramos dos mais retardatarios, uma longa fita de verdura, que já indicava que alguns tinham recebido o primeiro beijo da primavera.

Manuel da Silva Gaió.

## FOLHETIM

### PAISAGEM

(Pagina d'um romance em preparação)

Tinha estado um dia quente de primavera.

O sol, declinando, espelhava-se vivamente nas vidraças estreitas do collegio, que se estendia pesado e anguloso no dorso d'um outeiro, a nordeste da cidade.

Em frente estendia-se um pequeno cerco, limitado por um muro que uma porta cortava, dando communicação para uma cerca mais vasta.

Esta descia rapidamente, rodeada de muros, até um terreno irregular, em parte coberto d'uma pequena mata de azinheiros, e que ia até junto d'uma insua, de que o separava um muro alto. A insua era atravessada pela estrada, e um renfe de choupos que a distancia d'esta se enfileiravam na beira do terreno baixo e semeado, parecia defendel-o do rio largo e scintillante, que corria docemente. Na margem esquerda estendiam-se algumas terras de semeadura, e com herdades alegres, sorridentes. As oliveiras trepavam aos outeiros que se encadeavam no fundo, a sul, n'uma linha sinuosa, que franjava o ceu.

Na cerca, e em toda a encosta que ella atravessava, as arvores fructiferas, em plena seiva, distanciadas, expunham flores vivas e frescas.

As pereiras com os troncos roliços pardacentos, cuspidos de manchas pareciam, na sua florescencia alegre, cobertas de farripa de algodão, onde os ninhos escuros se envolviam, perfumados, n'uma palpitação ansiosa.



(M.)

A rosa falla d'amor  
Ao lago que ali dormita,  
Este de leve se agita  
Mas finge não ver a flor.

Meu coração dolorido,  
E a tua alma regelada  
São como a flor debruçada  
Sobre o lago adormecido.

Eduardo de Araujo.

## Invernadas

A cupula celeste,  
A vastidão cerulea,  
—Larga camisa herculea  
Que a natureza veste—

Temendo ao grande louco  
—O mundo—a epilepsia,  
Carrega pouco e pouco  
A negridão sombria.

Aperta mais as malhas,  
Desprende os aguaceiros,  
Arranca em mil chuviros  
O fogo das metralhas.

E o doido erguendo os pulsos  
—Nos arvoredos nus—  
Tem fremitos convulsos...  
Tem sede... e quer mais luz.

Desnudam-se as montanhas,  
Escalvam-se os fragedos,  
Nos magros arvoredos  
Pairam canções estranhas...

E o vento, que assobia  
Em notas mil sinistras,  
Comigo noite e dia  
Lá vai jogando as cristas.

Ulula pelos montes.  
Rebenta nas quebradas  
Canções angustiadas,  
Por ver que os horisontes,

Temendo o pobre louco,  
E a grande epilepsia,  
Condensam pouco e pouco  
A negridão sombria.

Apertam mais as malhas,  
Desprende aguaceiros,  
Jorrando em mil chuviros  
O fogo das metralhas.

Coimbra.

Luiz Osorio.

## CAMBIANTES

É n'um eden chammeante de côr. As vegetações exuberantes têm tons vivos, carregados, irrompendo umas d'entre as outras n'uma grade luta de colorido. Afirmam-se rudemente, agressivamente as tintas fortes. Não ha a branda condescendência dos meios tons, a mistura suave dos brilhos temperados, as doces concessões de esbatidos leves, a pallidez de côres que desmaiam, n'um banho de luz que amortega, que equilibra, que funda as profundas hostilidades dos toques ricos.

Ha uma opulencia congestionada, apoplectica nas petalas grossas das rosas. Os lyrios têm nos seios castos a brancura das neves. São como urnas pequeninas e geladas.

Os verdes dos arvoredos destacam n'uma mancha poderosa sobre a monotonia d'um azul, d'um ceu igual, sem fusão de tintas, sem passagens graduas, imperceptíveis, vagarosas.

É tudo brusco. O amarello alegre luta firmemente, atrevidamente contra um rôxo modesto, vigoroso, que o despreza na sua garridice importuna.

O vermelho aventureiro olha triumphante para o verde paciente, que se espregueia descuidado.

O branco resiste com um pudor inabalavel ás tentações d'um azul profundo, e macio. Isto dava-se nos bosques, no ceu, em toda a parte. Foi o periodo da grande

anarchia das côres. Uma independencia altiva, insolente as separava, as tornava incompatíveis. Parecia que um sopro d'odio as fizera assim inimigas; parecia que entre ellas existia uma adversidade intima de constituição. Tinham então magnificamente combinado este combate continuo! Havia comunicações mysteriosas d'um campo de luta para outro, com uma certeza, uma precisão admiráveis, dominando em todas o horror a qualquer indulto, a qualquer fraqueza. O combate dava-se, pois sobre a aza aveludada das aves, no fundo dos bosques umbrosos, entre as nuvens do ceu, que o sarapintavam de berradoras pincelladas, que se entreolhavam com um rancor verdadeiramente diabolico.

Foi o periodo, o cyclo da luta á outrance. Mas a tal guerra havia de acabar.

Temos razões para crer isto. Uns trombetas viciosos, mercenários, que se chamam insectos, eram muito facéis de subornar pelas riquezas dos diversos guerreiros intranquillantes. Voavam ao sol, como corpusculos d'ouro, com uns zumbidos marciaes, que inflamavam poderosamente os combatentes, que sem isso poderiam ter desfallecido na renhida luta. Ora como estes insectos se deixavam seduzir pelas opulencias d'uns e d'outros, como já dissemos, começaram a encontrar-se, por exemplo, no campo do branco, no fundo do calice d'um lyrio, os trombetas do arraial vermelho e os do verde. Tramavam então entre si, em quanto os chefes dormiam, uma traição infame.

Foi o seguinte. Os insectos do vermelho (foi d'estes que partiu a ideia) escutavam os planos dos seus, internavam-se nos intimos segredos dos seios vivos das rosas, picavam ousadamente as pennas das aves espaventosas com uma soffregidão de corsarios, investigavam até á dobra mais funda e macia, sugavam, sugavam... depois partiam, e iam confiar tudo n'um beijo doido, quente, trocado á luz do sol, aos insectos, que partindo, do campo do branco, do fundo dos lyrios quasi sempre, os vinham esperar.

Isto deu em resultado que os dois adversarios entraram sem grande difficuldade nos planos um do outro. Porém como eram mais em campo não poderam decidir-se a uma luta truculenta, decisiva, p'ois que, já meio desconfiados, tinham receios que nos outros campos estivessem também inteirados dos seus planos. Deu-se então um interessante acontecimento.

Começaram a manifestar-se incobertamente, com certa diplomacia mutuos desejos de alliança. O vermelho, todo á uma, de todos os pontos onde dominava desde a rosa macia até ás pennas dos colibris e ás nuvens do ceu, começou a mostrar uma certa benoventencia pelo branco. Os insectos tinham-lhe dito na aza dos passaros e nas petalas das flores que o branco era corajoso, mas sereno, que tinha em todos os transes um porte altivo, aristocratico, que se batia com uma firmeza serena, mas heroica.

O vermelho, entusiasta, communicativo, generoso até á imprudencia, sympathizou, elle que era todo fogo, com o frio branco. Começou a reprimir as bravatas não pelo minimo receio—elle era bravo entre os brabos—mas pela necessidade que reusentia o seu temperamento opulento de dar treguas a um odio que se julgava ser eterno.

Todos devem confessar que as negociações eram facéis n'uns certos pontos. Mas n'outros? Eu tambem me espantei de que os planos das côres cá debaixo fossem conhecidos das nuvens, que correspondiam bizarramente os conflictos do eden com uma luta de monstros alados a quem o ceu incendiava em pompas de luz.

Desfez-se porém toda a minha duvida quando vim a saber, (escuso de dizer por quem) que as nevas matutinas e os orvalhos da noite se encarregavam do papel que os insectos exerciam cá em baixo. É escusado dizer que os taes agentes das nuvens fizeram tambem partida como os insectos, mas com uma hypocrisia digna de toda a censura. Comettiam todas as traições silenciosamente, insinuando-se, infiltrando-se imperceptivelmente, encapotados, com disfarces.

Estava, pois, como dissemos, lançada a semente d'um grande acontecimento, que vamos ver desdobrar.

Foi n'uma doce manhã de primavera. Tudo cantava, tudo se expandia n'um rude contentamento luminoso, febril; havia gritos

estridentes d'aves magestosas; picadas entoadas por colibris; murmúrios mysteriosos nas folhagens; ondas de luz pelos ceus, abraços convulsos de vegetaes, rugidos extasiados de animaes bravios, que bebiam nas aguas cristallinas, soffregos, babando-se em fios de prata, arregalando para o sol os olhos profundos. Os pòmos tinham redondezas macias, tentações irresistíveis. Tudo dizia vida, mas vida crua, brusca, hostil.

Pouco a pouco, todavia, começou a soprar por sobre as florestas e a correr os espaços um vento fresco, sereno, que cantava docemente nas ramadas, que segredava coissas encantadoras ás flores.

Ao contacto singular, ao beijo doce da viaração os mortaes inimigos, as côres, começaram a olhar-se com uma certa benevolencia; depois fitaram-se muito; começavam a sentir dentro em si alguma coisa que antes lá não tinham; percorriam-as uma força subtil, um impulso ignoto, que as mandava ser boas, ser concordes. Era irresistível. Como era natural, a primeira que cedeu foi o valente vermelho. Com este exemplo as outras fizeram o mesmo.

Ouviu-se então uma voz colossal que cantava n'uma doce harmonia, e que juntava as notas que andavam dispersas, inimigas; e as côres reconciliaram-se n'um longo beijo, que as misturou, que as compoz, e que as fecundou. Houve n'esta occasião grandes noivados. O roxo, por exemplo, teve uma paixão doida pelo branco, rivalisou com o temível vermelho, e venceu: foi no calice d'um lyrio que teve logar o noivado. Uma abelha doirada que lá fora sem ser convidada roubou a essencia d'um beijo, e foi, malicioso industrial, fabricar o mel.

Ora foi d'estes enlaces felizes das côres, cujo drama intimo vos quiz descrever, que nasceram os—Cambiantes.

De Géry.

## LISBOA VICIOSA

Coincidiram, no mez que finda, as aberturas dos cursos superiores com a abertura do anno lyrico, podendo classificarse qualquer das inaugurações como estopadas desopilantes. Tenho em especial recato a opinião tenaz, de que é preferível inda assim, uma filia da Turolla na *Africana*, a uma filia do lente Pina em *Physica*; por quanto se a uma senhora se tolera estrague uma opera, não pôde aturar-se que um militar de pera, torne impermeavel e cornea uma sciencia qualquor.

Não sei o que succede por Coimbra, a respeito dos vulgarisadores e dos cathedrauticos. Em Lisboa, ha cinco ou seis homens de talento e saber, que, espalhados portres ou quatro Escolas ou Institutos, facilitam o estudo dos alumnos, pela elegancia com que fallam e pela lucidez com que, da escoria rebelde das theorias complicadas e das experiencias multiplices, extrahem por algum subtil criterio o filão de ouro fino da verdade inabalavel e scientifica. Gravitando em torno d'aquelles cinco ou seis asteróides, desgrenhados, achatados, inexpressivos e impotentes, os maestros de quinta ordem repetem pelas mesmas palavras sorvadas, impessoaes e idiotas, todos os annos o que nos bancos das aulas, seis ou dez annos antes decoraram.

Os seus modos de vér são rançados de banalidade cachética, por via de regra o seu orgulho cresce na razão directa da sua insignificancia.

Na sciencia como na opera, ha passagens cujo brilho depende todo da interpretação. Na *Africana* este anno, a *berceuse* do segundo acto, verdadeira *corbeille* do que ha de mais raro nos jardins do som, passou esquecida e vulgar nos labios da dama que usada se incarnára em *Selika*. Bom Deus!—no inverno passado, esse trecho extranho, electrisado de amorosas doçuras adquiria relevos mordentes e dava extraordinarias commoções, cantado por Herminia Borghi, o genio da musica que a todas as creações prendia as suas azas, irientes de sol, e todas palpitantes de amor! Ha uma grande obra a iniciar nas escolas superiores—expulsar os idiotas das cadeiras do ensino, rasgar os regulamentos imbecis que opprimem a mocidade e envilecem a sciencia.

cia, fundando, de uma vez para sempre, os cursos livres e destruindo a chibatadas de escarneo, o despótismo senhorial em que muitos lentes se empalham, e que tantos desastres muitas vezes acarretam sobre os estudantes e sobre a sciencia.

A Universidade, que deu o primeiro brado, de revolta não poderá erguer a primeira barricada?

Devo dizer-lhes que a cidade entra a povoar-se dos seus medalhões classicos, das suas celebriades de acaso e das suas familias elegantes. Manadas e manadas de conselheiros e pares, vão entrando as portas, atraz dos respectivos penates e em regresso das villegiaturas dormidas em praias de banhos, na epocha calmosa que vem de expirar. Alguns d'esses venerandos ornithorincos mudaram o talhe da barba, outros fizeram aquisição de roupas brancas, poucos porém mudaram de opinião—devo affirmar-o para honra d'estes emporios, já agora curvados ao poderio do Haldácio Assis, especialista e algarvio, e regidos pelo cabecilha sr. Fontes, o *Gros-Guillaume* do caporalismo lusitano.

Pelo romance do meu amigo Eça de Queiroz, os senhores ficaram sabendo que soberba columna dorica, é no Collyseu constitucional (tambem baptisaram de *Collyseu*, o velho *Circo-Price*; afinidade!.....) o conselheiro. Não podem fazer idéa, com appellidos patascos e velhaços a chacota anonima da massa tem acrescentado o appendice caudal de muitos d'esses mamiferos desdentados. Conheço por exemplo um, cognominado *Trambolho*, que é um velhito atarracado e pergaminhoso, todo em cheviote claro, com pastilhas desavergonhadas nas algibeiras, e que eu desconfio guarda um despertador no ventre. Ponham os amigos um bico de gaz na mão d'este Montpavon, e digam-me se não fica ao depois um lindo movel para escada ou balcão de pastellaria.

O diabo é que estas mercenarias destinem muito! De outro ainda me lembro, o Ch... grande banqueiro, n'esta capital de assombros onde, na expressão feliz de um escriptor infeliz, os bancos nascem já quebrados. E ainda *Pata-Burro*, que abalou de Campilhas, sobrescriptado á Havaneza, homem galante com pedras na bexiga, que outro dia me entrou por uma livraria, exclamando:

—Quanto *mi* custam dois palmos *di* livros? Desculpa-se a burrice, a velhacaria e o dinheiro de muitos—pelas filhas. Conheço verdadeiras tulipas por um capricho do vento, nascidas dos concavos (dos concavos, meu Deus!...) d'essas tronçanhas pobres, que os musgos do egoismo avassalam, e os vermes da dissolução vão corroendo. Se na Coimbra de hoje grassa o conselheiro, tanto peor para Coimbra! Pôde bem ser, que no meio d'essas aventesmas venerandas, haja um, melhor que os outros. Sequem-no, meus filhos... para semente.

—Como escrevo para rapazes, devo noticiar-lhes com certa pena, que o mundo galante vem de perder duas estrellas de primeira grandeza.

Ah, as pobres gallinhas da India!... Lembrem-se de uma loira alta e magnifica, trazida de Italia por certo ministro, hein? Pois, meus amigos, perdemol-a para sempre—cazou-se! Não se sabe que dolorosa enfermidade levou a misera a tão desastroso lance. Amor, penso bem que não seria. Dinheiro, tambem me não cheira. O marido ganha seiscentos mil reis, posto tenha esperanças no futuro—é constituinte. Quanto á outra, é mais alegre o caso.

Começou vida, aqui ha seis annos, como agora acabou a italiana, desposando um mariolão de hespanhol, que na primeira noite, finda a ceia de nupcias, lhe disse assim:

—Dá-me oito tostões por dia, e dou-te a liberdade de usares o meu nome, em todos os trajos e... posições. Ella, que tinha a viveza musical de um passarinho, accitou logo.

E lóca pela vida fóra, atirando a touca por todos os moinhos, e vendo raiar a aurora de varios pontos da cidade, com derrota pelo Restaurant do Silva, pelos gabinetes do Matta, pela casa do Largo de S



Carlos e até, quando queria Deus, pelo Daundo. Hontem coitadinha, vestiu-se, perfumou-se, cobriu-se de pós, tocou as orelhas de carmim, e com o seu melhor sorriso, fo atirar-se ao rio.

A deliciosa creatura!...

Outubro de 81.

Perrichon.

## REVISTA ESTRANGEIRA

Se bem examinarmos o procedimento dos povos e dos monarchas n'estes ultimos tempos não podemos deixar de dizer com o illustre prelado viziense *que anda uma coisa no ar*.

Ha pouco tempo visitava o Imperador Guilherme o novo autocrata das Russias e alli n'um fraternal amplexo prometiam continuar a esmagar os seus respectivos povos. Mas as coisas não melhoraram, e se d'um lado os nihilistas redobrando de actividade mostram todos os dias ao novo Czar que é preciso entrar abertamente no caminho liberal, para não ter uma sorte igual á do Pae; do outro vemos o partido socialista augmentando e a reputação do omnipotente chanceller compromettida, obrigando-o a falta de partidarios no reichstag a ameaçar a Allemanha com o *papão*—a sua retirada dos negocios politicos. E certo que ao pé do Capitolio está a rocha Tarpeia. Não vemos longe a punição das demasias de Bismarck.

A França que está mostrando ao mundo como debaixo da forma republicana um paiz pôde florescer e desinvolver-se; mostra-nos ao mesmo tempo, que *quasi livre das roupetas* continua progredindo cada vez mais; pois cada dia diminuem os obstaculos ao seu desenvolvimento moral.

Em consequencia de um telegramma de Sfax do dia 24 vemos que a insurreição da Tunesia está proxima do seu fim.

A nossa vizinha Hespanha procura sahir do marasmo em que por muito jazeu, empregando para isso todos os meios, entrando no caminho das reformas liberaes.

Discute-se actualmente na reunião da commissão do senado o casamento civil; é impugnado, e isso era natural, por tres Bispos, o de Salamaca, Santiago e Barcelona; ainda bem que o actual ministerio não está disposto a transigir, como se vê do telegramma seguinte:

Madrid, 25

«Na reunião da commissão do senado, os bispos de Salamanca, Santiago e Barcelona, que são senadores, pronunciaram discursos energicos contra o projecto de lei do casamento civil.

«O ministro da justiça declarou que o governo está em negociações com o Vaticano para harmonisar essa questão.

«O governo espera uma solução favoravel das suas negociações a tal respeito; mas, se não succeder assim, o governo, inspirando-se nos exemplos da historia de Hespanha, manterá as bases do seu projecto de lei, e sustentará a todo o transe as prerogativas do Estado. (Applausos).»

Como fallámos na dança dos monarchas, não devemos esquecer-nos do rei Humberto que, talvez para fazer esquecer a Italia *irridenta* á Austria, foi tambem visitar seu illustre Primo; visita, que pelo que vemos nas folhas estrangeiras, não produziu o resultado desejado. Segundo a imprensa estrangeira cada vez a Austria se aproxima mais da Allemanha.

D. Luiz... foi a Caceres!

Os commentarios fal-os-hemos n'outra secção.

John Bull continua esmagando a Irlanda que é hoje o que nós fomos antes de 1640. Talvez que a Inglaterra bem cedo se arrependa dos males que tem causado n'aquella pobre terra.

Não é bom jogar com fogo.

## NOTICIARIO

Não é perfeitamente favoravel o estado sanitario de Coimbra.

N'esta ultima semana tem fallecido de febres typhoides bastantes pessoas, não fallando na variola, que já obrigou o digno administrador dos hospitaes da Universidade a improvisar em S. Antonio dos Oliveas um

outro hospital para os atacados d'esta ultima epidemia.

Em Lisboa ha o conselho de saude publica do reino; aqui uma faculdade de medicina com as suas cadeiras de hygiene publica e policia hygienica, varios delegados de saude a quem provavelmente os seus muitos affazeres particulares, inibem de ver se são rigorosamente cumpridas as prescrições scientificas tendentes a diminuir a mortalidade que infelizmente vae tomando proporções bem para temer.

Referimo-nos aos delegados de saude que legalmente *devem* existir; mas suas excellencias na distancia respeitosa a que se apresentam das suas obrigações, levam-nos a crer que renunciaram os seus cargos.

Parece-nos que sendo falsa esta hypothese, não veriamos os generos alimenticios simplesmente venenosos; não fallando n'essa tintura de qualquer coisa que de commum com o vinho só tem a agua em que é dissolvida; os pantanos especialmente na margem direita do rio, que dão causa a bastantes febres, etc.

Estivemos para fallar das ruas da baixa mas um resto d'olfacto, que ainda possuímos, nos lembra que não devemos escandalizar o publico com a lembrança d'aquelles canos d'esgoto.

Não estamos plenamente convencidos de que o sr. delegado de saude faça votos pela historica sujidade conimbricense e nem supponmos que prohibirá o encanamento das aguas do Mondego só pelo prazer de tirar ao bom povo de Coimbra a esperança de um dia lavar a cara.

Terminamos pedindo-lhe que note que a sua obrigação consiste em mais alguma cousa do que juntar aos seus titulos o de delegado de saude, mas tambem em evitar que a cidade de Coimbra fique reduzida simplesmente a sua Ex.<sup>a</sup>.

Procedeu-se hoje a eleições no Club Academico.

Segundo as imperfeitas informações que pudemos obter, ficaram eleitos os seguintes academicos que faziam parte da lista chamada da opposição:

Dr. Antonio Centeno.

« Roque de Seixas.

Henriques da Silva.

Antonio Feijó.

Bandarra de Seixas.

Alfredo Vieira.

Soares de Moura.

Gabriel Samora.

Sousa Andrade.

José d'Ornellas.

Narciso d'Oliveira Silva,

Pedro dos Santos.

Do governo ficaram os srs:

Arthur Teixeira.

João Pinto dos Santos.

José Maria d'Aguiar,

Anthero Garcia.

Manuel Joaquim Martins.

Empataram os srs:

João Arroyo,

Antonio Tavares Festas.

Da commissão do julgamento ficaram os srs:

Tiço Vespasiano Castello Branco.

Egydio Herculano Malheiro.

João Baptista Rebello de Sousa.

Ignoramos os demais nomes, que segundo nos consta são do governo.

O art. 269.º, n.º 7 do codigo administrativo que actualmente vigora diz:

*Não podem ser eleitos os juizes ou membros dos tribunales judiciaes, etc.; e todavia saltando-se por cima da lei que é expressa, resolveu-se que o sr. visconde de Rio Sado, que alem de não estar nos cadernos do recenseamento como elegivel, está inapto para o ser pelo facto de estar incluído nas disposições do art. 269.º, n.º 7, fosse ainda assim considerado como vereador da camara municipal de Lisboa! O sr. visconde do Rio Sado é juiz substituto de uma das varas do tribunal de 1.ª instancia, de Lisboa. Vá sem mais commentarios.*

O *Progressista* houve por bem calumniar a *Evolução* insinuando que ella fazia causa commum com os regeneradores.

Não nos incomodam nem melindram

apreciações de tal ordem, mormente quando ellas partem d'onde partiram.

São amabilidades proprias que distinguem e caracterizam o collega e ficam-lhe realmente bem.

Fique-se, todavia, sabendo que o *Progressista* enganou vilmente quem o lê.

A *Evolução* repugnam e enjoam quaesquer alianças com os bandos monarchicos sejam, de que variedade forem, visto como a elles todos prende e une pelo cordão umbelical, na sua essencia, a homogeneidade de ideias e principios, que se resumem n'uma fórmula unica e fundamental—explorar o povo que paga.

Houve no dia 23 secção da Delegação do Sociedade de geographia do Porto n'esta cidade, para discutir uma proposta apresentada por um dos seus illustres membros o sr. dr. Miguel Archanjo a delegação *deve tornar-se independente, e constituir-se uma Sociedade geographica conimbricense.*

Sobre este assumpto tomaram a palavra alguns socios e entre elles o sr. Lacerda que fundando-se na letra e espirito dos estatutos da sede rejeitou com considerações muito sensatas a proposta do sr. dr. Miguel Archanjo, ponderando mais que inoportuna era semelhante proposta quando era certo que a mesa da delegação ainda não estava definitivamente constituída.

Sobre o mesmo assumpto fallou o sr. dr. Athaide considerando ainda que em vista da lei organica da sociedade não podia a delegação tornar-se independente.

Depois de ter continuado a discussão entre os srs. drs. Athaide e Miguel Archanjo sobre a oportunidade ou conveniencia da independencia, e depois de todos os socios terem divagado sobre o assumpto; posta á votação a proposta do sr. dr. Miguel Archanjo foi rejeitada por maioria. Resolveu-se em seguida por maioria que a delegação passasse do 2.º ao 1.º typo e que no dia 26 houvesse eleição de direcção e commissões.

Foram ultimamente eleitos para a vereação da cidade de Santarem os cavalheiros conde de Fornos, João Maria d'Oliveira e Sampaio Sirne. Haviam ficado do biennio transacto os cavalheiros: Tavares Serrano, Adrião Malleito e Paula Castro.

Fiamos muito da boa vontade e competencia dos cavalheiros indicados e não reccamos dizer que promettem a Santarem uma administração honesta e acertada. Oxalá que Santarem bendiga os seus esforços e trabalhos.

Lembramos-lhes simplesmente que levem ás localidades vizinhas os melhoramentos que ellas reclamarem. Descentralisem.

Partiu no dia 25 d'esta cidade, onde esteve gravemente enfermo, para o seminario patriarchal de Santarem o sr. Manuel Xavier Pinto-Homem.

Foi nomeado recebedor da comarca da Louzã o sr. dr. Joaquim Luiz Machado, natural d'Alcanena.

## CARTAS DE LISBOA

Devo á extrema amabilidade de um dos redactores d'este semanario, o honrosissimo encargo de que procurarei desempenhar-me consoante as minhas forças.

Antes de tudo, caros leitores, preciso prevenir-vos de que o meu *programma* não se parece, com o do sr. Fontes, que é o mesmo hoje que ha 30 annos, nem tão pouco se assimelha, nem por sombras ao do partido progressista, que está agora, a concertar no albard... oh! que ia dizendo!... no alfaiate, para depois se exhibir ás multidões, mais seductor, e tambem naturalmente mais hypocrita.

Por isso o melhor é não o apresentar para não lhe acontecer o mesmo que a qualquer d'aquelles. Por agora só prometto enviar-vos todas as semanas uns periodos de prosa semsabor, destinada, senão a dar-vos conta do que se passa em Lisboa ao menos propria para vos servir de narcótico á noite quando quizerdes dormir.

A nova mais palpitante, e que eu acabo

agora mesmo de ler nos telegrammas do *Diario de Noticias* é que as *instituições vigentes* chegaram ao Porto de perfeita saude, tendo previamente saboreado em todas as estações boas doses de sympathico acolhimento, recheado dos vivas estrondosos dos presidentes da camara, dos officiaes dos corpos, das auctoridades civis e administrativas e dos chefes da estação. Isto é o que se me offerece mais *à sensation*, porque com a ausencia dos *regios viajantes* e sua comitiva desapareceu de Lisboa, a actividade politica, os boatos, as crises, e até o sr. Arrobas despachou hontem um enorme caixote de querellas que tinha reservado para o *Seculo*.

A escacez de noticias é completa. Vou terminar por onde deveria começar. Felicitar-vos pela aparição da *Evolução* é o o primeiro dever de quem avalia a difficuldade de empresas semelhantes, tanto mais porque não recebem subsidio dos governos; mas representam um esforço superior de espiritos esclarecidos. Pode-se afirmar affoutamente que a mocidade das escolas se vae compenetrando de que é preciso mudar de vida.

Aqui, ainda ha pouco morreu um jornal republicano, redigido por alguns estudantes; em Coimbra surge agora outro. Prova isto que a opinião da academia é que o rei dispensava-se bem, apezar mesmo dos feriados que concede de vez em quando...

Está a partir o correio; até breve.

Sylla.

## PUBLICAÇÕES

J. P. OLIVEIRA MARTINS

LYRA INTIMA

POR

Joaquim de Araujo

Devemos este opusculo recentemente publicado no Porto á amabilidade do nosso amigo, Joaquim de Araujo.

É a reprodução d'um folhetim do *Primeiro de Janeiro*, transcripto no *Diario de Portugal* e no *Diario da Manhã*, em que o sr. Oliveira Martins aprecia o livro do inspirado poeta.

Todos conhecem a *Lyra intima*, expansão brilhantissima d'aquella alma genuinamente peninsular, cheia de sonhos dourados e de ingenuidades adoraveis, d'onde a poesia derivava suavemente n'um idyllo perpetuo e encantador.

O auctor da *Historia de Portugal* tem em grande conta o livro que aprecia. Joaquim de Araujo pôde vangloriar-se de que um dos nossos mais illustres homens de letras o julga dotado d'um attributo essencial do verdadeiro genio poetico: a originalidade.

Quando do auctor d'um livro de versos se diz, com a grande auctoridade com que o pôde dizer o sr. Oliveira Martins, que a sua obra, dá uma nota nova na poesia e que tem um logar seu na historia da arte contemporanea, o auctor d'esse livro é realmente um poeta. — essa cousa tão rara, tão bella tão grandiosa.

O opusculo de que nos occupamos está nitidamente impresso e não entra em commercio.

Agradecemos ao sr. Joaquim de Araujo os exemplares com que nos brindou.

## EXPEDIENTE

A «Evolução» publica-se aos domingos e a sua assignatura é de 300 réis por cada serie de 15 numeros.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria de João José Baptista, kiosque do Rocio, lado norte.

O sr. Francisco Pereira encarrega-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas na villa do Cartaxo, Praça de S. João Baptista.

Toda a correspondencia deve ser dirigida provisoriamente para a «Evolução», Terreiro da Pel-la, 6, Coimbra.





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pg. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient. 1.º pg. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 2

CONDICÕES DA ASSIGNATURA  
Cada serie de 12 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1881

PUBLICAÇÕES

Annuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

### FUNÇÃO TRANSITORIA DO CONSTITUCIONALISMO

O melhor meio de avaliar a justiça d'uma instituição qualquer consiste em determinar a natureza da sua função, e ver se o organismo social precisa d'ella no momento em que o consideramos.

Ora a função do constitucionalismo é, segundo a opinião dos mais auctorizados publicistas, preparar o povo que o absolutismo educou para a democracia que tem de lhe succeder. Vê-se, pois, que o constitucionalismo é de sua natureza transitorio e está condemnado a desaparecer como todo o orgão que não tem função.

Von Hartmann pensa que este regimen não passa d'uma evidente e grosseira mentira, mas reconhece o valor da sua missão historica.

Na *Physica Social* diz Quetelet que os governos mixtos, querendo conciliar as idéas d'uns com as idéas contrarias dos outros para agradarem a todos, não agradam por fim a ninguém. Esta opinião é insuspeita porque parte d'um escriptor belga, e, como se sabe, a Belgica é um dos exemplos decisivos com que os jornalistas monarchicos nos pretendem fazer calar. Nem se diga que as paixões politicas podiam levar Quetelet a exprimir-se d'esta fórma. Quem, pela applicação rigorosa e fria do calculo mathematico trouxe á sciencia social uma tão larga e valiosa contribuição, não se

deixa de certo dominar pelas paixões politicas de momento.

Apesar d'estes defeitos que se notam no regimen constitucional, não podemos deixar de reconhecer que elle foi muito util, indispensavel mesmo. Censurar os povos por terem supportado a monarchia é fazer uma censura absurda. Todas as instituições que existiram tiveram a sua razão de existir, foram determinadas por causas que haviam fatalmente de operar. As accusações á historia são, portanto, mal cabidas porque a historia tem um caracter accentuado de irresponsabilidade e de inconsciencia.

Na sociedade existe uma determinada quantidade de força que não póde augmentar nem diminuir, e é dentro dos limites d'essa força que se produzem os acontecimentos. Ao esforço empregado na dissolução do antigo regimen não puderam as sociedades junctar desde logo o esforço necessario para constituirem a nova ordem politica. Foi preciso um periodo de descanso, de elaboração. A esse periodo corresponde o constitucionalismo. Tal é a sua justificação historica.

Está, pois, demonstrado que o constitucionalismo é uma forma transitoria, imposta ás nações, por circumstancias que tendem a desaparecer. A questão que hoje nos occupa é saber se essas circumstancias ainda podem ter logar.

Os que exploram a monarchia em proveito proprio querem fazer suppôr que

ella tem um caracter permanente. Demonstra-se-lhes a falsidade do que affirmam, e, batidos em toda a linha pela força d'argumentos irrefutaveis, intrincheiram-se afinal n'um ultimo reduto.

—O povo, dizem-nos, não está ainda preparado para a republica: a vossa propaganda é, portanto, absurda, perigosa, antipatriotica.

Mas como quereis então que elle se prepare? Lendo os vossos jornaes? Ouvindo o vosso parlamento? Seguindo a tradição miseravel da vossa politica de intrigas? Não é de certo na escola onde a dignidade se deprime e onde o caracter se abate que um povo ha de aprender o respeito de si mesmo e tornar-se digno de se governar por si proprio.

Isto prova que a vossa missão acabou.

O unico serviço que ainda prestaes ao paiz é permittir a discussão das fórmulas politicas que pretendeis defender; mas o proprio direito que d'ahi deriva está-nos sendo contestado a cada momento na imprensa e nos tribunaes.

A impotencia dos vossos esforços demonstra a vossa inutilidade; deveis, pois, desaparecer, como todos os inuteis, e deixar-nos o logar que vos não pertence.

Pensaes acaso que se a França republicana tivesse ainda a educação do imperio poderia apresentar ao mundo um exemplo tão elevado de dignidade e de prosperidade material?

Podeis responder-me que estes effectos não são produzidos por uma simples mudança de fórma de governo. Dizeis a verdade, e longe de nós o suppormos que a fórma politica tenha uma influencia tão importante. É certo, porém, que nas sociedades se dá um facto analogo ao que se dá nos organismos, o qual devemos ter em conta. Se o exercicio mais energico reage sobre o orgão exercitado desenvolvendo-o e fortificando-o, o exercicio de instituições mais dignas reage sobre o caracter dos cidadãos tornando-o mais nobre, mais energico.

A prosperidade da França provém em parte, directamente, da suppressão das despesas inuteis feitas para conservar o prestigio do imperio, e em parte e, principalmente, da influencia da moralidade sobre o augmento da riqueza, influencia que Stuart Mill pôz em toda a evidencia.

Portanto, se a educação politica do povo portuguez está incompleta, o que é contestavel, só a republica a pode completar.

Pouco ou nada importa que os monarchicos nos admittam estas razões. O que teem forçosamente de admittir, é que a educação do povo já lhes não pertence e que a sua missão está terminada. Não invoquem, pois, o sagrado nome da patria, tenham a rude franqueza dos sinceros: invoquem o seu interesse pessoal.

E continuem embora a forjar intrigas ignobeis que nós continuaremos a nossa doutrinação scientifica, digna, patriotica.

### FOLHETIM

#### ELSA

(LENDÁ DE LOHENGRIN)

—Nas horas em que reina a singular magia Do silencio que cabe do vasto firmamento, Quando o Sonho carrega a tela—Phantasia— De mil colorações, e o nosso pensamento Vae adejando ao largo em busca de Chimeras —O poeta percorre estranhas regiões, Afasta o denso véo das devolidas éras E evoca, da legenda, as pallidas visões D'um tempo que passou.

#### SONHO

—E' n'uma selva umbrosa:

O firmamento azul profundo e constellado Bessombra todo luz—a lua silenciosa Vae rolando no ceu—qual disco prateado. Os astros atravez das folhas dos carvalhos Semelham gotas d'ouro, o choro que em segredo —Como quando desprende os frigidios orvalhos —A abobada verteu no seio do arvoredo! No silencio da noite o ramalhar do abeto Anima brandamente o fundo bosque denso Onde não se levanta—ou cantico secreto Ou rugido que anime esse recinto immenso.

O poeta percorre a grande selva fria, E vae andando andando até parar á beira.

Para além da floresta apenas descobria Um valle ermo e profundo—o mar d'uma geleira, Um desolado plaino inanimado e queto, Monotono d'alvura, e onde refulgia Azulado o luar. A's vezes, como a medo, N'aquella vastidão phantastica e sombria O grito do pinguim vibrava o desalento Como se fora a queixa angustiosa e breve D'um mysterioso ser—Talvez da flôr da neve Que nasce e que fenece apenas n'um momento!

Do alto d'onde o poeta as neves contemplava, Rude vegetação de fórmulas singulares Pendia sobre o abysmo, e a méta desmarcava Entre a vida da selva e as regiões polares.

E o pinguim dominava a solidão calada Piando sempre ao longe em funebre agonia, Como contanto á lua a magua soffocada De viver na mansão inalteravel, fria.

Mas no longiuo espaço os vultos fugitivos D'estranha apparição, á doce luz do luar Começam a surgir, caminham pensativos N'um comprido cortejo—e avançam de vagar.

São velhas creações dos tempos tormentosos Que elle vê perpassar na gélida planura Em fórma de visão, aos raios luminosos Como n'um banho doce e brando de candura.

O poeta julga ver as fórmulas primitivas De que se povoara uma epopéa vasta, E na bruma escutar as vozes afflictivas De sombrios heroes d'uma grandeza casta.

E' toda a legião das lendas d'Allemanha Que em frente lhe desliza em funebre cadeia. E elle conheceu aquella turba estranha, Sobre que a noite doce e fulgida pranteia.

E o pinguim dominava a solidão calada Contando ao ceu profundo a magua soffocada,

Aquelle vulto nobre, athletico e potente Que passa além no fundo envolto em nevoeiros E' o bravo Sigur de coração valente, O mais puro e leal dos velhos cavalleiros.

A espada que vencera os rudes inimigos Mostra firme a seu lado a lingua rija e nua, Sobre que vem espelhar-se em brilhos fugitivos Um raio amortecido e pallido da lua.

Ergue-se mais ao longe a fronte de Chriemild. Brilha no seu olhar o raio da vingança, Com que sacrificara a bellica Brunhild No festim d'esponsaes—em noite de alliança

P'ra desforçar Sigfredo—esse guerreiro ardente O seu amante ideal—um rei que possuia Sobre o Rheno um castello, em que o luar dormente Em noites estivaes, sereno refulgia.

E Gunthero, Gernot, e Gisheler, Sigmundo Todos na legião de sombras confundidos Seguem-se nm apoz outro e n'um silencio fundo, Enquanto o pinguim solta os gritos doloridos....

Coimbra, 1881. (CONTINUA).

Manuel da Silva Gago.



Passeiam os monarchas, *folga* o povo, e os *vivas unisonos ao nosso rei* repercutem-se por toda a parte! Hontem a *magestade* passava por Coimbra e a academia dava vivas, mais ainda, *hurrahs* freneticos; recebia em troca tres feriados.

Chegou a *magestade* ao Porto, e a cidade invicta está delirante, diz o *Diario de Noticias*, por ter alli o *chefe* do estado, os augustos penhores etc.

O sr. D. Luiz foi ao Porto receber o premio dos seus *trabalhos humanitarios*, ou, como diz a *Folha Nova*, *arranjar* mais uma medalha para a sua colleção numismatica. O sr. E. Moser ainda não disse o contrario.

É certo que tudo isto nos faz lembrar o *Antonio Maria*, quando n'uma das suas caricaturas nos mostra as *instituições* pescando a popularidade nas aguas turvas de Vallada. E é assim.

Ha pouco vimos o sr. D. Luiz em Cáceres conferenciando com seu amado Primo, a fim de alcançar uma nora e uma aliança que dominasse a *hydra*.

O povo, que sabe como S. M. o considera e estima, sobresaltou-se, porque acima de tudo põe a sua independência, e ainda se não esqueceu da *illustre* D. Carlota Joaquina, que nopaiz deixou as consequencias que ainda estamos tolerando...

A *magestade* extranhou que o povo portuguez, demasiadamente tolerante, censurasse as expressões empregadas no seu discurso a Sagasta? Já o devia esperar.

Respeitamos a Hespanha; sómos por origem hespanhoes; mas hoje somos portuguezes, e não queremos que alguém, chame-se rei, ou presidente da republica, vá dispôr da nossa autonomia, para sustentar a familia, e continuar tradições, que são já simplesmente historicas; *augmentar* a preponderancia do nosso paiz que já a tem, que a ha de ter.

O sr. D. Luiz foi a Cáceres, fallou; o sr. Hintze Ribeiro riu (?), e chegados a Portugal, o povo gritou!

Lisboa, a capital do reino manifestou bem a maneira como tinha apreciado o procedimento da *magestade* nas ultimas eleições municipais a *magestade*, *pimpalhos* etc. foram para o Norte, para a cidade invicta, que deitou foguetes, fez explosões de dynamite, tocou a rebate, ouviu *Te-Deum*, e as instituições estão salvas, o paiz de velas enfumadas váo no caminho do progresso, e exulta de contentamento; porque o rei *desceu* (?) ao povo, abraçou o Maio, o Simão, etc. etc.

Se podessemos tomar tudo isto a serio, diriamos ao sr. D. Luiz—*vira*: mas, bem comprehendendo que sua *magestade* vem da capital ao norte á procura da popularidade, *pescar nas aguas turvas*, e pretende, fazer esquecer o seu procedimento em Cáceres e o Sr. Arrobas em Lisboa; não podemos deixar de pedir ao *Antonio Maria* que repita a caricatura das inundações do Tejo.

Nós estamos convencidos de que o *nosso angusto soberano*, que agora abraçou o bom Maio, era capaz de abraçar o Janeiro frio como é, só por causa da popularidade. Mal do rei quando *só desce* até o povo para o illudir!

#### A nossa fiel aliada

Não é verdade que esta phrase, com que entre nós se costuma indicar a Inglaterra está muito longe de exprimir a verdade, e hoje, só pôde ser empregada como uma ironia pungente atirada por um povo ás faces d'outro que o explora?

Effectivamente, não é preciso ter uma grande penetração d'análise nem um conhecimento muito profundo da historia, para se reconhecer a verdade do que deixamos dito.

Consulte-se a historia desgraçada dos nossos tratados com a Inglaterra, desde o de 1661, em que, sob promessa de protecção futura, a dynastia de Bragança cedeu os importantes emporios de Tanger e Bombaim, até ao funestamente popular de Lourenço Marques, e ver-se-ha que tem razão os estrangeiros, quando nos consideram uma simples colonia de commercio da que nós continuamos a chamar a *nossoa fiel aliada*. Contra a vontade das populações, que persistiam em querer ser portuguezas, e apesar

da importancia commercial de Bombaim, a cedencia fez-se, porque acima dos votos das populações e acima dos interesses nacionaes estavam os interesses dynasticos e a liberalidade real.

A dynastia de Bragança, sentindo-se pouco segura deante do leão de Castella, n'um throno em que uma revolução popular a acabara de collocar, entendeu que precisava de adquirir um apoio forte e certo.

Ella, que já havia protegido os sobrinhos de Carlos I contra as esquadras da Inglaterra republicana, entrou em relações mais intimas com Carlos II pelo meio que ainda hoje não perdeu de moda dos enlaces matrimoniaes.

A nuvem negra, que hoje está perturbando os horisontes limpídos e esperançosos da dynastia, não vem das bandas da Hespanha; muito pelo contrario. Parece averiguado que Braganças e Bourbons acabam de fixar em Cáceres os preliminares d'uma intima aliança; dizem que não faltaram tambem os costumados enlaces de familia.

Que necessidade urgente levou os dous reis da Península a essa liga?

O inimigo deve ser commum; nem o rei de Portugal foi a Madrid sollicitar os favores de seu Primo de Hespanha, nem este veio a Lisboa; o interesse era commum, dividiram o caminho.

Que inimigo ameaça então a Península? Será a França, que depois da queda do imperio tem um pensamento só—a combinação por meio da republica, do progresso e da ordem, e que tem um inimigo unico, a Prussia?

Será a Suissa, que interrompe a educação do seu povo, paralysa o seu commercio e industria, e chama ás armas os seus cantões, para vir por esses mundos á conquista da Península?

Serão os Estados-Unidos, a Allemanha, a Russia ou a Inglaterra, á qual convem conservar em quanto a nós o *statu quo*, que se traduz em muitos lueros sem a minima despesa?

O inimigo é outro; é que as idéas de republica vão adquirindo entre os dous povos sympathias nada tranquilizadoras.

Mas voltemos ás alianças anglo-brigantinas. Em 1654 um novo tratado estreita os laços da aliança com a Inglaterra, cujos productos ficam pagando nas nossas alfandegas simplesmente vinte e tres por cento.

Este tratado revogado em 1664 é em 1703 substituído pelo tratado de Methuen.

Não apresentaremos ao leitor a serie fastidiosa dos algarismos que indicam os valores da nossa importação e exportação, pelos quaes se vê diminuir esta, ao passo que aquella vai crescendo: concluiremos somente com todos os escriptores que se occupam d'este assumpto que o seu resultado definitivo foi a completa ruina do nosso commercio e industria.

A influencia d'estes contractos, perfeitamente leoninos pesa actualmente sobre as nossas industrias e sobre todas as nossas fontes de riqueza com todo o numero de cortejo das suas deploráveis consequencias.

Em parte alguma os productos inglezes pagam quotas tão insignificantes como nas nossas alfandegas.

Nós estamos na mesma plana das colonias inglezas: somos um mercado quasi exclusivo dos productos britannicos: só da Inglaterra importamos tanto como de todos os outros mercados.

Os leopardos inglezes fazem uma concorrência triumphante ás quinas nacionaes na moeda mais numerosa e de mais valor com que realizamos as nossas trocas.

A libra sterlina ha de por fim fazer desaparecer a moeda d'ouro portugueza, como observa F. Garrido.

Nos nossos primeiros centros commerciaes o inglez ostenta-se com a altivez dos povos conquistadores. Elle é o director das nossas fabricas, tem nas suas mãos a nossa marinha mercante; construindo, nos seus estaleiros, couraçados dos mais solidos, a nós vende-nos por preços fabulosos navios como o *Pimpão*.

É o nosso primeiro credor; pesa com a sua influencia official sobre todos os ministerios, e n'este momento anda elle promovendo festas á monarchia, pondo obstaculos á evolução portugueza. É o parasita que vai sugando este velho organismo decomposto.

O procedimento da Inglaterra para com

Portugal é identico, só menos vexatorio para com todos os povos.

Por isso, nós afastamos-nos radicalmente da opinião dos que com Pi y Margall pretendem que a hegemonia da Europa possa vir a ser exercida pela Inglaterra.

Sem sombras sequer de quaesquer sentimentos altruistas e levantados, e preocupada com os seus interesses mercantis ha de ser sempre o symbolo dos povos para quem as grandes vistas ligadas á solidariedade humana representam uma palavra vã.

#### ESTATUETAS

I

Luiz Guimarães Junior

Em pequenino ouvia docemente  
O canto dos escravos desolado,  
E ia ver declinar o sol ardente,  
Como hoje vê brilhar um rosto amado.

Nos olhos fluctuava-lhe dolente  
Todo o meigo luar d'um inspirado,  
E o ceu fitava mysteriosamente,  
E a luz dos astros n'um tremôr sagrado,

Da Vida a taciturna ventania  
Jámais apaga as rosas da alegria,  
Da infancia,—que ainda ao longe nos sorri...

Vêde! a esta ideia, anima-se, remoeça,  
E, no silencio tepido da roça,  
Ouve chorar a triste jury...

Outubro—81.

Joaquim de Araujo.

#### Um auto de fé

(A Manuel Gajo)

.....  
E, na meia sombra d'aquelle quarto d'estudo, a chamma de um auto de fé traçava phasticamente curvas luminosas.

Elle confiára-me muitas vezes o seu confidente mais intimo—o livro que manuscruvia. No verso d'uma pagina primorosa de alexandrinos, encontrava-se resumida uma theoria, ou os traços geraes de um estudo sobre arte; em seguida a umas quadras, francamente risonhas, d'uma alegria despreocupada e sã, liam-se paginas de tormentosa duvida: entre uma larga citação de Littré e um pensamento de Taine transcrevera nma Ode de Victor Hugo.

Emfim aquelle livro traduzia, no correr de suas paginas, mil impressões variadas.

Ignoro as causas que o transformaram em Torquemada de loucuras, de sonhos, que mais ou menos têm fervilhado na risonha imaginação de quem vive ao sol de vinte primaveras. Um dia, entrou no quarto com agitação febril, tinha na vista reflexos de allucinado, e o seu bello rosto, um tanto peninsular, exprimia successivamente as phases de uma luta enorme.

Militando em campos inimigos elle imaginava—d'um lado, todos as doiradas illusões, tão bellas e tão queridas, os seus primeiros versos de morbido lyrismo; elevando o ponto de vista, descorriam horisontes mais largos e, abalaçando-se a trabalhos do maior alcance, vinculou a este producto do seu cerebro intelligente sympathicas recordações. Do outro lado, o futuro atrahia-o com os encantos do mysterio.

Resultou d'este paralelo a crença em que tudo, que tinha feito, era incompatível com a utilidade, que tinham o direito de exigir-lhe.

E, convulsivamente nervoso, abria e fechava as gavetas, lia e relia os papeis que tirára da carteira, Tinha no rosto uma expressão de dôr que commovia. De repente, com a precipitação de um criminoso, accendeu um phosphoro e, tremulo, reduziu a cinzas aquelle amigo tão discreto—o velho livro de papel almasso. E o ar viciado pelo fumo tornou inhabitavel o aposento. Sahuu.

.....  
Meia hora depois, estava no meu quarto.

—«Que demonio, dizia elle, reflecti que podia ser mais util de qualquer outra forma e alimentei uma fogueira com aquella papelada. Para que podia ella prestar?»

Mas a indiferença, que pretendia simular,

e. desmentida pela agitação da voz. Esta traduzia o sentimento; as palavras—o raciocinio, talvez.

De balde me interrogo sobre os motivos que o levaram a extinguir nas espiraes da labareda o effeito de inspirações tão diversas.

Por ventura...  
Mas é impossivel, que está muda para sempre a guitarra de D. João.

Mudando de assumpto. Não devo calar o meu reconhecimento aos srs. compositores que d'uma forma tão graciosa tiveram a benevolencia de collaborar no meu ultimo artigo.

E a circumstancia de serem os meus collegas objecto de eguaes atenções (ou talvez maiores; com inveja o digo) não diminue o grato sentimento, de que me sinto possuido. Alguns exemplos da maneira como elles intervieram na redacção dos artigos.

No artigo principal, era citado o auctor da «Historia da civilização na Inglaterra». Mas o pessoal da typographia, suspeitando ser menos verdadeiro o nome que vinha no original, folheou dictionarios, consultou os catalogos e, depois de longa faina, apresenta, cheio de satisfação e com ares triumphantes, o que tinha sabido ser verdadeiro.

E o publico, que laborava no mesmo erro que o auctor do artigo, viu, com uma surpresa indescriptivel, «Henry T. Buckle.»

Ainda mais. Achando irregular a redacção do 2.º artigo—porque não procederia o collega a uma consulta previa?—o pessoal, sempre obsequioso, houve por bem esmaltar aquella prosa, até então incapaz de apparecer em publico, com —«utilidade»— e, assim aperfeiçoado, vemos o artigo brilhar com a maior correção.

Os officiosos collaboradores, cuja dedicação nos commove até ás lagrimas, tiveram mesmo a amabilidade de descer ao *rez-de-chaussée* e, encontrando alli uns pecegueiros, que, francamente, não apresentavam a linha da mais fina distincção e que o nosso collega (como elle se enganava!) achára des-elegantes, compadeceram-se d'aquellas arvores infelizes e, graças aos seus cuidados, o leitor viu, estupefacto «Os pecegueiros tinham attitudes, elegantes, incommodas.» Um assombro de verdade.

Por estas finezas os nossos agradecimentos.

Babinet.

(II)

Andei a gravar teu nome  
No tronco dos arvoredos:  
Que os meus intimos segredos  
O tempo assim não consome.

Lamentei que os passarinhos  
Não soubessem soletrar  
E em delicioso trinar  
O lessem mesmo dos ninhos.

O nome encontro maior  
Quando lá volto, em o vendo:  
—É que o tronco vai crescendo  
Como cresce o meu amor.

Eduardo de Araujo.

#### PERFIS LITTERARIOS

I  
GOMES LEAL

Gomes Leal, antes de ser, por graça de Arrobas, o grande, o terrivel demolidor das instituições, o intractavel e vermelho demagogico, (não te posso resistir, ó belleza das phrases retumbantes!) era simplesmente a poeta que em Portugal soube ainda desferir com mais vigor a nota grandemente epico do sentimento democratico.

Ha hoje talvez sete annos que o vi pela primeira vez. Nessa noite recitou-se em D. Maria O *Tributo de Sangue*.

Aquellas estrophes vigorosas e firmes, repassadas de largas aspirações humanitarias communicaram aos espectadores a commoção electrica do enthusiasmo. De todos os pontos da sala saia a mesma invocação:



—Gomes Leal. Gomes Leal! O poeta não apparecia. A plateia, em pé, subjugada por uma impressão violenta, continuava a bradar no meio do estrondar ininterrupto das palmas.

De repente, do fundo d'um camarote destacou uma figura extremamente pallida.

Era Gomes Leal que, cheio de timidez e embaraço, vinha finalmente agradecer ao publico a primeira solemne consagração do seu alto valor poetico.

Algum tempo depois, em 1875, creio, sahio a colleção de poesias intitulada *Claridades do Sul*. Este livro teve um exito inferior a qualquer das obras do academico Alberto Pimentel. O facto explica-se por Gomes Leal se declarar dissidente de todas as escolas que dividiam e dividem a litteratura.

Apezar d'isto, os que não liam Alberto Pimentel, que o Porto acabava de suppurar, apreciaram o livro de Gomes Leal como se aprecia um manjar raro, que nunca mais esperamos provar.

E assim foi com effeito. O livro não fez escola; o elogio mutuo, que n'esse tempo ainda conservava restos do antigo poderio, votou-o ás feras, e o poeta apenas ficou conhecido e estimado pelos que não tinham estragado o gosto com as banalidades litterarias hafejadas pelos encomios da seita.

Gomes Leal continuou a publicar algumas poesias, e trechos admiraveis destacados do *Anti-Christo*, um poema onde o genio do poeta reluz a cada momento com faiscas brilhantissimas.

Das poesias citaremos a *A morte do athleta*, que é, a nosso ver, a mais perfeita composição poetica do auctor.

No *Anti-Christo*, o excerpto intitulado *A Fome*, que saiu em folhetim no *Diario de Noticias*, a *Introdução* e uma parte da *Carta ao Papa*, que tive o gosto de ouvir dos labios do poeta são revelações verdadeiramente geniaes.

Por occasião do centenario saiu *A fome de Camões*, onde, a par de versos pouco cuidadas e sem relevo, se encontram passagens de inestimavel valor.

Veio depois a *Traição*, vigoroso pamphletto que zurze sem piedade a torpe corrupção dominante. A introdução do poemeto é realmente bella, e, se as azas da inspiração, abatendo de cançadas, deixam por vezes decair o poeta, é para o fazer subir depois em levantado voo até o canto esplendido do *Mineiro*, até á admiravel apologia do *Odio*.

A *Traição* carregou o horizonte de nuvens, que rapidamente se desfizeram n'um violento chuvisco de pamphletos e de criticas, que deixavam transparecer umas vezes a inveja mal contida, outras o patriotismo posto, quasi sempre a banalidade sonora e óca.

A tempestade serenou por fim; a *Traição* lia-se já sem relutancias e sem resentimentos, quando, n'uma bella tarde de julho, Gomes Leal foi preso, ao sair de casa fumando distraidamente o seu charuto.

Um mez depois o poeta foi solto, graças á Relação de Lisboa, que tem provado estar superior a miseraveis intrigas politicas, fazendo justiça, imparcial e nobremente.

O numero de pessoas que o visitaram no Limoeiro foi incalculavel, e a manifestação de alegria e entusiasmo que lhe fizeram quando d'ali saiu é completamente nova em Portugal.

Antes de ser preso Gomes Leal escreveu o *Herege* que saiu durante a prisão. Este poemeto é litterariamente superior á *Traição*, e o publico, esgotando n'um curto periodo as suas tres primeiras edições, provou que fazia d'elle um subido conceito.

Ha pouco tempo o adoravel conselheiro Arrobas, sentiu-se magoado por um soneto, e Gomes Leal voltou para o Limeiro.

A perseguição á imprensa, inaugurada pelo governo regenerador, dirige-se a elle como ao seu alvo mais dilecto; mas se os poderes publicos continuam a fazer-lhe *reclames* tão pomposos, eu começo a ter o terrivel presagio de que o vão inutilisar!

Elle não está costumado a estas cousas, respeitaveis poderes publicos! E' um nobre character e um grande talento desenvolvido fora das protecções officiaes, seguindo em linha recta pela estrada da vida, sem o auxilio de ninguem, na mais ampla liberdade.

Vejam lá se o estragam com o mimo!

A.

Do sr. Carrilho Videira recebemos a carta que publicamos:

Illustres redactores da *Evolução*:  
Avisaram-me de que a *Folha do Povo*, n.º 449 de domingo ultimo, formou algumas insinuações diffamantes contra um membro do partido republicano, afirmando «que não terá duvida em formular clara e precisamente a accusação quando o entender necessario.» Ha no publico quem julgue que estas insinuações são dirigidas á minha obscura individualidade e como estou já farto de calumnias e falsas interpretações sobre o meu procedimento politico, sempre coerente e inflexivel nos actos particulares e publicos, e visto nenhum membro do *Centro Republicano Democratico* da Rua do Norte publicamente ter apresentado até hoje provas justificativas do procedimento inquisitorial que tiveram para comigo depois de publicamente, em 1876, os intimar a exhibil-as sob pena de passarem por calumniadores, classificação que acceitaram submissos, convindo hoje tambem o sr. Silva Lisboa, director do referido jornal, a declarar no mesmo se as alludidas insinuações se referem ou não a mim e em caso affirmativo intimo-o a satisfazer ao seu compromisso espontaneamente contrahido perante o publico, nas linhas que transcrevemos acima, isto é, publique todos os documentos veridicos comprovativos da minha deslealdade para com o partido republicano, visto interessar o esclarecimento d'este caso ao partido e a mim, sobretudo.

Agradece desde já penhoradissimo a publicação d'esta o vosso

Correligionario amigo e obrigado  
Carrilho Videira.

Lisboa, 29 de novembro de 1881.

## REVISTA ESTRANGEIRA

Não correm prosperos os ventos á monarchia; é esta una affirmação que todos os dias vemos corroborada pelos acontecimentos politicos.

Nem as conferencias dos reis, nem as suas aproximações dos elementos reaccionarios obstarão a que todos os seus planos tenham um desenlace, com que os povos hajam de folgar, e os reis não estimarão.

Ainda hontem Bismarck era derrotado nas eleições para o Reichstag e ameaçava a Alemanha com a sua retirada á vida particular e já hoje o vemos procurando dar a mão ao Vaticano, para assim poder com o elemento catholico esmagar os socialistas, que são o seu espectro negro.

É isto o que se conclue do telegramma que transcrevemos:

BERLIM, 30.  
«Reichstag.»—O sr. de Bismarck respondendo ao dr. Wirchow, disse que tencionava pedir um credito para renovar as relações diplomaticas da Alemanha com o Vaticano, e que seria inoportuno fazer outra comunicação, pois as negociações entre a Alemanha e o Vaticano ainda estão pendentes.»

Com quanto lastimemos qualquer attentado contra os chefes do estado, ou seja o imperador Alexandre ou Garfield, não podemos tambem deixar de censurar o procedimento de qualquer imperante, que vendo todos os dias claramente manifestada a opinião do povo, bem longe de satisfazer ás suas aspirações, procura mais e mais reprimir os impulsos da liberdade, que esse povo pretende adquirir. É o que succede na Russia; repetem-se os attentados contra o imperador da Russia, e todavia elle, não querendo reconhecer a illegitimidade das aspirações do seu povo, prefere o *morrer ao crer*. O telegramma, que damos em seguida, é uma prova d'esta affirmação.

«Confirma-se a noticia da descoberta do novo attentado contra o czar. Os conjurados propunham-se construir uma especie de machina volante carregada com dynamite. Esta machina devia ser alirada ao pé do palacio de Gatchina e cahir no meio do pateo do palacio. Os nihilistas contavam aproveitar a confusão causada pela explosão, para se apoderarem do czar e da familia imperial.»

Entre as pessoas presas acham-se o chefe de policia de um districto importante, duas filhas de um funcionario do Estado e dois negociantes israelitas.»

Embora, na ultima revista que fizemos, dissessemos que a insurreição em Tunis estava proxima do seu fim, e o telegrapho nos diga que a Inglaterra vai d'alli retirar os seus navios de guerra, é certo que em França ha ainda bastantes apprehensões a tal respeito.

## NOTICIARIO

A Sociedade Dramatica Philantropica Conimbricense, sociedade de que é ensaiador o nosso illustre coreligionario Adelino Veiga, vae encetar uma serie de espectaculos particulares no theatro Conimbricense, sendo o primeiro no dia 10 do corrente, levando á scena o drama de grande espectaculo em 5 actos e 6 quadros *O Sargento-Mór de Villar*; Está confiado a Adelino Veiga o papel de *De profundis*; temos assistido a alguns ensaios, que nos tem feito prever um desempenho rasoavel.

A assignatura para os espectaculos, dados por esta sociedade, pôde fazer-se em casa dos ill.ºs srs. José Correia d'Almeida, rua do Visconde da Luz—José Marques Pinto, Praça do Commercio.—José Guilherme dos Santos, Largo da Sé Velha—Salazar, Largo de S. João—Sampaio, Largo da Feira.

Voltou de Paris, no dia 30 do mez passado, o ex.º sr. dr. Viegas, que tinha ido em commissão ao congresso de electricidade. Na *gare* foi cumprimentado por sua ex.ª familia e mais algumas pessoas das suas relações.

Pedimos desculpa aos nossos collaboradores e assignantes dos lastimaveis desastres typographicos de que foi victima o primeiro numero da *Evolução*. O desejo que tinhamos de que o jornal apparecesse com brevidade fez com que o trabalho typographico não corresse com a regularidade devida.

Segundo ouvimos dizer, pensa-se em annullar as eleições do Club Academico.

Queixam-se geralmente os estudantes de preparatorios da falta condemnavel da uniformidade de compendios. Em cada lyceu se adopta de preferencia o compendio do sr. X, porque o sr. X, estando intimamente relacionado com os professores d'esse lyceu, toma a liberdade de lhes exigir tão subida fineza; mas quem soffre as consequencias d'essa fineza é o estudante que muitas vezes se vê obrigado a decorar automaticamente certas e determinadas definições que ou nada significam ou significam disparates.

Se, porém, o estudante protesta contra esse systema pouco acceitavel e não tem a bastante coragem e illimitada paciencia para reproduzir fielmente o — *ipsa verba* — do compendio adoptado, arrisca-se a uma apreciação desfavoravel, que pôde importar-lhe a inutilidade do seu trabalho d'um anno, a perda do tempo precioso que consumo e ainda o desperdicio de não pequena quantia que dispendeu.

Não é raro tambem observar que o examinando, interrogado acerca d'uma doutrina qualquer, seja injustamente apreciado, porque segue uma doutrina de compendio diverso, com a qual o examinador se não digna sympatizar, embora ella seja rigorosamente exacta, verdadeira e até mais scientifica.

É realmente duro que estas contingencias se produzam no meio social em que vivemos, porque demonstram á saciedade o estado d'atrazo em que se encontram a instrucção secundaria e a sciencia do professorado.

É preciso accentuar que reconhecemos excepções honrosas; mas accentuemos por igual que se nomearam professores provisorios a sabor das influencias politicas de campanario e se mandaram *passar* os professores que se não curvam reverentes perante fatuidades ridiculas.

Ora com factores d'esta ordem a instrucção é hoje e será amanhã o que hontem era — simplesmente impossivel.

A reforma verdadeiramente util e genuinamente pratica ha de ser aquella em que se consignarem os dois artigos seguintes:

1.º Ficam desde já banidas dos lyceus todas as incapacidades que alli vegetam e todas as velharias inuteis que ali se espreguiçam.

2.º Incumbir-se-ha do ensino quem manifestar em concurso publico as mais evidentes demonstrações de competencia scientifica e de honestidade inconcussa.

O sr. Pedro A. Monteiro, distincto professor do lyceu de Lisboa, está publicando em fasciculos um compendio de philosophia perfeitamente adequado ás doutrinas exigidas pelo respectivo programma official d'instrucção secundaria.

Se é licito avaliar da obra pela competencia do auctor, não duvidamos afirmar que o sr. Monteiro fará um trabalho util e consciencioso.

Recebemos e agradecemos os seguintes jornaes:

—*O Instituto*, (revista scientifica e litteraria) que se publica em Coimbra. O numero que nos foi enviado é o 4.º da segunda serie, e contém as seguintes materias:

Estudos financeiros por Miguel Baptista, da Silva.—Hospital de Coimbra, por Costa Simões.—Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez, por Adolpho Frederico Moller.—Felicidade (poesia), por Henrique O'Neill.—Sobre a natureza das cousas (poesia) por A. de M. de Falcão.—Lenda de Ignez de Castro, por A. A. da Fonseca Pinto.—Boletim bibliographico, por A. T.

—*Justiça Portuguesa*, do Porto.  
—*O Alto Alemtejo*, de Elvas.  
—*Correspondencia de Coimbra*.  
—*Campino*, de Villa Franca.  
—*Trasmontano*, de Villa Real.  
—*Conimbricense*.  
—*Progressista*, de Coimbra.  
—*Bejense*.

Matricularam-se no Lyceu de Santarem, no corrente anno lectivo, 46 alumnos.

Na disciplina de latim, segunda parte, não está matriculado um só alumno; tambem na cadeira de Legislação Civil é completamente nulla a frequencia.

No concelho de Torres-Novas matricularam-se nas escolas officiaes d'instrucção primaria, durante o anno de 1880 a 1881, 841 varões e 222 meninas. Tiveram frequencia regular 412 alumnos e 108 alumnas. Ficaram prompts no fim do anno 33 varões e 5 meninas. D'aquelles foram approvados 17 em exame de admissão aos Lyceus, obtendo apenas uma só menina a approvação.

Consta-nos que vai ser annullada a eleição camararia de um dos concelhos do districto de Santarem, ultimamente realisada, na qual venceu a lista da opposição. Não admira.

Os regeneradores não se prendem com *pequenas coisas*, porque as maiorias só valem, quando—os esbanjadores—se preparam em ordem a produzir o bom exito das suas machiavelicas aspirações.

Á annullação devia responder-se com uma votação cerrada; elegendo homens honestos, independentes e de principios accentuadamente democraticos.

O povo hade ser sempre ludibriado pelas sanguessugas insaciaveis que desgraçadamente presidem aos destinos do paiz.

Foram nomeados aspirantes a facultativos do Ultramar os srs:

Antonio Augusto da Rocha, estudante do 3.º anno da Escola Medica do Porto, com quadro de saude de Macau e Timor; Antonio José Gonçalves, estudante do 2.º anno da mesma Escola, com destino á provincia de Cabo-Verde; Leopoldino Gonçalves, estudante do 2.º anno da Escola Medica de Lisboa, com destino á provincia de Angola; José Manoel Braz de Sá, estudante do 2.º anno da Escola do Porto, destinado para Moçambique, bem como o sr. J. A. de Lacerda, estudante do 2.º anno da Escola de Lisboa; Francisco Xavier da Silva Telles e Sebastião Peres Rodrigues, o primeiro do 2.º anno da Escola de Lisboa, e o segundo do 1.º anno da faculdade de medicina na Universidade de Coimbra, com destino á provincia de Guiné.



O *Progressista* doe-se tanto com a replica da *Evolução* que promete iracundo não a perder de vista e desata a ameaçar-a. Que crueldade!

Diz que não podia calumniar-nos porque ainda não existíamos.

Ora o *Progressista* referiu-se a um jornal intitulado—*A Evolução*—que ia publicar-se em Coimbra. Nós já tínhamos ha muito distribuido um prospecto, e não se annunciou depois d'isso que nos conste a publicação em Coimbra de nenhum outro jornal com o mesmo titulo.

Foi portanto a nós que o *Progressista* calunhiou.

Se o *Progressista* pretende desviar o ponto capital da questão, illude-se e não realisa o fim malicioso a que aspira. Deixe-se de subterfugios, deixe-se da *lua*, deixe-se dos *ii* e venha directamente ao que importa.

O collega disse que o redactor principal da *Evolução* era um academico *sobrinho do sr. Fontes*.

A *Evolução* responde que entre os redactores d'esta folha se não conta aquelle cavalheiro e affirma que é redondamente falso o que disse em 20 de novembro ultimo o *Progressista*. Fique sabendo quem nos lê que a asserção do *Progressista*, além d'estupida, tem ainda o defeito de ser uma refinadissima mentira.

Emquanto o *Progressista* não demonstrar a veracidade do que escreveu, a *Evolução* mantem tudo quanto affirmou, não retira sequer uma palavra do que escreveu.

—Diz ultimamente o collega que a verdade é o seu programma invariavel.

Sel-o-lha, mas ha de concordar que não o continuou a ser, quando se referiu á *Evolução*. A invariabilidade do programma do *Progressista* tem uma explicação mais divertida.

Não podendo, entretanto, atirar com a causa efficiente da excepção, é possível que alguma omnipotencia occulta sumisse ou rasgasse o programma.

—O collega suppõe a *Evolução* na *lua*; está o collega no uso plenissimo do seu direito; ninguém lh'o contesta.

A *Evolução* toma a liberdade de se arrojar o direito tambem plenissimo de não manifestar onde suppõe o *Progressista*. Prefere calar-se por uma serie de considerações que não indica.

Olhe, caro collega, não temos feito para fugir diante de duas fumaçadas da valentia que o caracteriza.

Invocar o papão é expediente que não colhe, nem d'elle tira o minimo proveito.

Provocamol-o e desafiamol-o a declarar terminantemente *tudo isso que tem de remissa*. Falle, explique-se, dê expansão ao seu sentimento.

Concluindo, dir-lhe-hemos: Convença-se de que nem as bravatas do *Progressista* nem as de qualquer papel ao serviço da monarchia nos intimidam.

Observámos na sexta-feira de tarde na rua do Visconde da Luz, um facto bastante repugnante e indecoroso; um desgraçado doudo inoffensivo era arrastado bruta'mente por dois policiaes.

Chamamos a attenção das autoridades competentes para que taes abusos se não tornem a praticar; ou a policia serve para manter a ordem e a moralidade publica, e n'esse caso é util, de contrario é uma instituição inutil e prejudicial.

Teve lugar no dia 2 a assembléa geral do Club Academico convocada para o dia 1 por n'este dia não ter sido possível realizal-a. Concurrença rasoavel.

Tractava-se de apresentar o parecer da comissão nomeada para estudar a conveniencia ou desconveniencia da federação entre os estudantes portuguezes e hespanhoes.

A comissão é composta dos cavalheiros que assignam o relatorio abaixo publicado:

«Senhores: A comissão abaixo assigna la vem hoje desempenhar-se perante vós do honroso encargo que lhe haviéis incumbido de dar no prazo d'um mez o seu parecer sobre o delicado e grave assumpto da Federação Academica Peninsular, proposta em Madrid, por occasião do bi-centenario de Calderon, pelos academicos d'esta Universidade

que ahi foram representar-nos, e apresentada pelo sr. João Marcelino Arroyo á deliberação da assembleia geral dos estudantes de Coimbra.

«Não devemos occultar-vos, Senhores, que ao espirito da vossa comissão foi altamente sympathico o pensamento dominante da proposta dos nossos collegas e que todos os factos tendentes a estabelecer a maxima confraternidade e a mais intima ligação entre todos aquelles que estudam e que pensam, não podem deixar de ser acolhidos com viva adhesão por todos os que comprehendem os excellentes fructos, que essa confraternidade e essa ligação podem produzir, quando devidamente comprehendidas e sinceramente executadas. Não ignorais decerto, Senhores, quanto poderíamos n'este momento espraiair-nos em largas considerações sobre este ponto senão preferissemos dar uma forma concisa a este parecer e tractar sobre tudo de frisar bem as razões, em que fundamentamos a nossa opinião. Fique no entanto bem assente, que nos é sympathica a ideia principal, de que a proposta dos nossos representantes em Madrid foi manifestação, e que admittimos esta, se considerações de superior valia, não actuassem no nosso animo em sentido inverso.

«De resto, Senhores, não era só a ideia fundamental da proposta, que nos agradava, e que sobre tudo nos prendia n'ella, era o lado pelo qual tentava significar um preito de confraternidade e um testemunho de gratidão para com os cavalheiros estudantes hespanhoes que receberam os nossos comissionados em Madrid com tanta bizarrria e tanta cordialidade. Seria uma ideia absurda, que a nenhum de nós poderia lembrar, buscar corresponder a tão eloquentes provas de estima e de consideração com um acto qualquer que podesse da maneira mais remota ferir os melindres ou atacar as susceptibilidades dos academicos do paiz visinho. No entanto, apesar de todas estas ponderações, cujo valor e cuja importancia, a comissão não podia desconhecer; apesar de em todos os paizes a cooperação das diversas classes, ser hoje uma tendencia manifesta e uma verdade que a sciencia demonstra e a politica recommenda; apesar da evidente utilidade, que haveria no estreitamento da relações scientificas e litterarias entre os dois paizes da peninsula, diferentes em raça, costumes e tendencias, mas tão proximos e tão visinhos pela situação geographica; a vossa comissão

Considerando, que a utilidade immediata d'esta federação seria quasi nulla, no que respeita ao estreitamento das relações scientificas e litterarias entre os dois paizes, porquanto estas melhor se desenvolviam por meio de congressos internacionaes e por meio de traducções das obras mais importantes dos dois povos e por outros meios para a realização dos quaes é perfeitamente inutil a federação proposta;

«Considerando que a federação, no que concerna á resistencia commum a quaesquer prepotencias auctoritarias, seria incontestavelmente não só inutil mas até prejudicial, porque não podendo nunca ser um elemento para aplanar quaesquer conflictos, poderia muitas vezes ser, mais um fomento de discordia pelo facto de virem extranhos ingerir-se em assumptos nacionaes;

Considerando, que o amor e a concordia entre os estudantes dos dois paizes a que se refere a proposta dos nossos collegas, existem no espirito de todos nós, sem que para isso seja mister o facto ostentoso de uma federação, talvez imprudente;

«Considerando, que federações d'esta ordem, se não acham estabelecidas entre academicos de nações algumas, ainda que ellas, como por exemplo a Belgica e a França sejam tão visinhas e tenham entre si tão estreitas relações;

«Considerando, que para o nosso caso as difficuldades, que têm obestado em toda a parte á realização d'esta federação seriam agravadas pelas tradições historicas das duas nacionalidades, tradições que se podem apreciar livremente, mas que se não podem negar por forma alguma;

«Considerando que tal federação seria inoportuna no actual momento historico, em que as tendencias das duas nações da peninsula são tão oppostas e caracterisadas;

«Considerando que não é ainda um facto realizado a federação academico portugueza

e que, portanto, seria inoportuna uma federação academica peninsular;

«Considerando que por estas razões que são indagaveis, em nosso entender, a realisação da federação, não sendo util nem vantajosa, poderia ser altamente inconveniente e attrahir sobre a Academia de Coimbra, como iniciadora d'este facto um odioso e um stigma, que ella decerto repelle com vigor;

«Considerando, finalmente, que é já facto publico, que os estudantes das escolas de Lisboa e Porto reunidos em assembléa nas duas cidades para deliberarem sobre este assumpto, regeitaram a federação e que portanto ella a realizar-se hoje apenas poderia ser federação hispano-conimbricense e não Academico-peninsular;

«A vossa comissão é de voto, que se regeite a proposta apresentada em Madrid, pelos nossos representantes nas festas de Calderon de la Barca, fazendo entretanto justiça aos nobres intuitos, com que elles a formularam e patenteando mais uma vez, que este facto da regeição não significa de nenhum modo a mais pequena desconsideração pelos estudantes hespanhoes, aos quaes nos liga, a mais calorosa sympathia e a mais sincera gratidão.

Leopoldo Mourão; relator.

José Maria de Sousa Andrade, presidente.

José d'Ornellas Cysneiros.

Antonio Pinto de Mesquita.

Carlos Lobo d'Avila.

Sergio de Castro.»

Em seguida á leitura do relatorio pediu a palavra o sr. Arroyo para declarar (e seria esta a ultima vez que em assembléa geral se occuparia da federação academico-peninsular) que as mesmas razões que em Madrid o levaram a propor a federação aos estudantes hespanhoes, persistiam ainda no seu animo, firmes e inabalaveis, assim como no de toda a comissão enviada aos festejos de Calderon.

Ao mesmo tempo agradeceu á assembléa geral e á comissão encarregada de dar o parecer, por nunca terem duvidado da sinceridade da sua proposta e da elevação das suas intenções.

Poz-se em seguida o parecer á discussão, e como ninguém pedisse a palavra foi immediatamente posto á votação e approvedo.

Leu-se em seguida um officio da Academia de Lisboa, pedindo explicações sobre uma correspondencia de Coimbra para o *Seculo*, em que se attribuiam ao sr. Samora Moniz umas palavras offensivas para aquella Academia, pronunciadas quando em assembléa geral se discutiu a federação.

O sr. Samora declarou, vivamente indignado contra o auctor de tal correspondencia, que nunca em parte alguma proferira palavras offensivas para a Academia de Lisboa, e muito menos em assemblea geral de estudantes de Coimbra, onde necessariamente se retiraria a palavra a quem quer que as proferisse. A assembléa manifestou calorosos signaes de adhesão.

Extranhou tambem que a Academia de Lisboa suspeitasse sequer o contrario.

Concluiu por pedir á meza da assembléa geral que officiasse n'este sentido.

Assim foi deliberado.

Pela nossa parte lastimamos tambem profundamente que a Academia de Lisboa, que tão galhardamente tem sempre sabido responder á consideração, em que é tida pelos estudantes de Coimbra concebesse á ultima hora suspeitas tão abstrusas e sem fundamento, baseando-se tão sómente n'uma correspondencia anonyma.

## CORRESPONDENCIA

Tavira, 20 de novembro de 1881.

Srs. Redactores.—Temos diante de nós e em cima da nossa humilde carteira o prospecto que nos annuncia a publicação da *Evolução* jornal republicano redigido por alguns membros da classe academica. Dizer-lhes, illustres cidadãos, que me regosijo por ver n'esse centro de luz intellectual um órgão do principio republicano é desnecessario, pois sabem quanto eu venero esse principio equitativo e justo, o unico em virtude do qual os nossos direitos não são usurpados, nem a vontade nacional sophismada.

O incessante caminhar da sociedade, fez dizer aos sabios mais eminentes, que o futuro é republicano, e nós convictos até o sacrificio de que esta verdade é indispensavel e de que a retrogradação não pôde dar-se, cumprimos o nosso dever apresentando-nos na imprensa, essa formidavel alavanca do progresso dos povos, a discutir o principio no campo da legalidade e a instruir a grande parte dos nossos irmãos, que victimas ainda das arbitrariedades d'um passado nefasto e intolerante, jazem na maior ignorancia.

A discussão deve ser o nosso campo de batalha, as nossas armas, a penna e a palavra e a transformação do systema de governo que nos rege, a nossa aspiração.

A *Evolução* traz no titulo o seu programma, e de facto é o meio em que se desenvolve o programma evolucionista o que está em harmonia com os direitos humanitarios e cujos resultados, sendo bastante morosos, são com tudo mais positivos.

Congratulando-me, pois, com a vossa noble iniciativa e exortando-vos a que prosigais na senda, que encetastes, termino appossando-me d'um periodo do vosso prospecto cuja significação perflho, pois que «esclarecer os que teem uma ideia imperfeita do systema republicano e procurar vencer os partidarios d'um systema adverso, mostrando-lhes a indole, as vantagens e os meios de acção do primeiro e preparando-os assim para o receberem e pacificamente, é mais do que fazer proselytismo, partidario, é cumprir um dever de patriotismo.»

Agradecendo-vos a distincção com que me honrasteis e offerecendo-vos mais uma vez o meu limitado prestimo, subscrevo-me, vosso sincero admirador e correligionario.

R. F.

## Aleanena

Um disforme cyclope preside aos destinos d'esta terra. É o Euristhes que, superior aos Hercules da camara e da parochia, *porque algumas horas antes nasceu*, impõe-lhe as penosas empresas conhecidas pelo nome dos doze trabalhos de Hercules. Este cyclope gigante d'um decimo de pollegada, que já é a duodecima parte d'um pé ou pata geometrica, destina-se a introduzir na economia administrativa local a euzoodinamia de Gilbert, e a ser como Lepée o creador d'um novo systema para o ensino dos *surdos-mudos* e instrucção para os cegos, assente sobre um engenhoso teclado de cabeças de dormideiras. Depois de tão patrióticos e preclaros trabalhos irá descansar algum tempo na Carropichana, aldeia pertencente ao districto da *Guarda*, onde, ainda assim, fará os admiraveis trabalhos pelo methodo de Lord Palmerston sobre a quadrupula aliança, entrando como parte diplomatica contratante o *patim* destinado aos passeios recreativos sobre os gelos da consciencia publica e a galocha perservativa das humidades doentias e da resudação dos esgotos.

—Entre mãos, o illustre politico e litterato tem muito adiantados importantes estudos sobre e *bull-terrier* combatendo as observações de Brehm, terminando pelo precioso apolo d'um *bull-terrier* de raça sacerdotal e uma gralha—*correio das maravilhas*.

A isto chama-se aqui na linguagem dos *insurgentes* o *progresso Zarolho*; porém no conceito dos homens de *pezo* e sem mescla de cores politicas ou scientificas, —a que pertence o auctor da presente local—isto é, a verdadeira roda do progresso tendo por centro de irradição o unico e illuminadissimo olho d'um verdadeiro homem..... d'estado.

—Isto é tudo assim; o *consulado de honrem* explica-se pelas faces distinctas do Espectro revolucionado que simbolisa as liberdades e gloria da patria, e a *revolta* da Revolução que sendo momentaneamente a soberania d'um partido, é ao mesmo tempo o para es apontamentos da historia futura d'esse paiz o correr á bolina d'uma nação nos despenhadeiros mais perigosos da governação publica, marcando uma epoca de irremediavel decadencia politica.—Aqui é o mesmo: vimos das inconsequencias do passado e caminhamos como o baixel, nos rapidos de uma cataracta, para a desillusão e ruina futura.

(Continúa).



# A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

## SEMANARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida do minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realidade moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pg. 29.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient. 1.º pg. 430.

N.º 3

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 12 DE DEZEMBRO DE 1881

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

### EXPEDIENTE

Pedimos desculpa aos nossos assignantes da irregularidade com que foram distribuidos o 1.º e 2.º numeros da Evolução. Procuraremos evitar taes irregularidades na distribuição dos numeros subsequentes.

Prevêem-se os srs. assignantes residentes em Coimbra, que não satisfizeram ainda a importância das suas assignaturas, que podem fazel-o em todas as vespersas de feriado da uma ás tres da tarde na administração d'este Journal—Couraça dos Apostolos, 29, 3.º

Registamos com satisfação, não tanto pela influencia que possa exercer sobre a prosperidade d'este semanario, como pela orientação mental que revela, o benevolente, sympathico e inesperado acolhimento com que a generosa academia de Coimbra acaba de honrar a Evolução.

Não é com certeza ao prestigio e renome litterario dos seus redactores, á novidade da doutrina ou ao brilhantismo da phrase que poderemos attribuir este facto profundamente característico.

É que os principios que a Evolução tem apresentado significam a crença, as idéas d'uma parte importante da academia.

Os estudantes de Coimbra tem sido alvo n'estes ultimos tempos de accusações severas d'uma parte da imprensa, que honra lhe seja, mostra d'esta forma não desconhecer a alta funcção que ás academias pertence na regeneração e renovação do nosso paiz.

### ELSA

(LENDAS DE LOHENGRIN)

(Conclusão)

Depois d'aquellas formas vagabundas,  
Que voejam nas humidas paragens  
Entre as vozes da noite gemebundas  
E as nevoas—phantasticas roupagens,—

O poeta vê surgir calma e serena  
Uma figura triste, e desolada  
Como a estatua prophetica da Pena  
Sobre um tumulto fundo debruçada!

Parece espuma d'oiro o seu cabello  
Que a neve coroa em choro brando;  
Fulge no seu olhar profundo anhele,  
Ao lembrar-se do amor que anda expiando!

O seu perfil suavissimo destaca  
D'entre o mar de cabellos refulgente,  
Qual doce claridade estranha e fraca  
Batendo sobre um lago surpreendente!

E o seu corpo de forma antiga e rara,  
De breve curva elastica, harmoniosa,  
Lembra tudo o que envolve a noite clara:  
Raio de luz, canção melodiosa...

O bardo ao vê-la assim amargurada,  
Como quem no silencio busca o olvido  
D'uma vida cruel e torturada,—  
Sentiu-se fundamentalmente commovido.

Numa voz que o temor faz mal segura  
A pobre vagabunda elle interpella:  
«Quem és, apparição altiva e pura,  
Que surges do meu sonho na procella?»

A esta nobre e generosa academia tem-se attribuido uma falta de comprehensão social e da sua funcção, e a sua dignidade e elevação de sentimentos tem mesmo algumas vezes sido objecto de duvidas.

Como membros d'esta collectividade, semelhantes accusações vinham mais ou menos recahir sobre nós.

A Evolução pôde significar um protesto dos nossos brios melindrados, protesto que não envolve de forma alguma malquerença ou rancôres, que não cabem em nossas almas, para com os auctores de taes accusações, que enquanto a nós certamente as consideraram inapplicaveis.

Pelo que respeita á generalidade da academia, parece-nos que uma assistencia bastante demorada no seu seio e um conhecimento mais ou menos largo, praticamente adquirido, das causas determinantes dos seus actos e manifestações collectivas nos auctorizam a declarar ao paiz que dentro d'ella existe actualmente um forte nucleo de reacção democratica.

O facto, ultimamente tão censurado, de a academia pedir feriados a s. magestade está longe de representar uma manifestação unanime d'esta corporação.

As actuaes gerações academicas lembramos que o seu dever será manter e conservar as gloriosas tradições d'aquella energica e valente academia que com tanto empenho cooperou na transformação do nosso regimen politico.

Se a historia das academias estrangeiras regista numerosos factos altamente lisongeiros e gloriosos para ellas; se hontem as escolas da Allemanha, organisando-se em poderosas associações (Burschenschaft) desenvolvem o mais acrisolado patriotismo, e se empenham nos mais arrojados planos em

defesa da liberdade e da unidade allemã, legando á historia os nomes immortalmente celebres de Mauricio Sand e Laening; se os estudantes de Vienna produzem por uma respeitavel e vigorosa manifestação a queda do ministerio reaccinario de Metternich; se n'este momento as academias russas andam envolvidas no plano grandioso, mas pessimamente executado, de libertar o seu paiz do despotismo atroz dos czars—a academia de Coimbra não tem nas suas memorias paginas de menos esplendor, e como ellas tem combatido sempre pela liberdade dos seus concidadãos.

Este facto constante e universal d'uma accentuada tendencia e sympathia por tudo quanto é desinteressado e moderno na philosophia e na arte, na politica e nos costumes, tem a sua explicação psychologica n'uma intuição e afinidade dos espiritos novos sadios e illustrados para tudo quanto revela as qualidades indicadas.

A adhesão do espirito realisa-se fatalmente por processos incognitos e inconscientes.

Nos velhos dá-se, em geral, o phenomeno inverso; batido pelo egoismo, e envolto n'uma atmospheria mais ou menos densa de scepticismo, o seu espirito é quasi sempre refractario a qualquer innovação, porque pôde ferir-lhe interesses ou direitos adquiridos, e a todo o progresso, cuja lei pôde reconhecer, mas cujas ultimas consequencias é incapaz de tirar.

Portantos nós, que representamos os espiritos novos e sadios, que estamos no periodo brilhante dos grandes entusiasmos e das generosas dedicações, procuremos realisar conscientemente a alta funcção que nos incumbe.

Não vamos preterir os nossos deveres escolares, principal causa que aqui nos retém,

«Vi perpassar na vastidão das neves  
Todas as creações das grandes úras;  
Mas a nenhuma d'essas sombras leves  
Ouvi, muda visão, dizer quem eras.»

«Lembras tudo o que encerra de impeceavel  
A larga região dos velhos poemas,  
Desde o Cysne d'alvura inalteravel  
As almas ideaes, grandes, supremas!

«Julgara-te um murmuro de ballada  
Que se tivesse em ti crystallizado  
P'ra contar-me uma historia inenarrada  
Esquecida na torre do Passado.»

«Julguei que, como um breve e doce canto,  
Tu surgias da noite das edades,  
E tomavas da forma o doce encanto  
Para me segredar fundas verdades!»

«És como estatua muda, silenciosa?  
D'um sentimento és magica expressão?  
És como esphinge calma e graciosa,  
Que vele juncto ao portico—Ilusão?»

«Eu sou—disse-lhe a sombra em voz maviosa,  
Mas triste como um canto mortuario—  
—Proscripta d'uma lenda prodigiosa—  
E ando só, cumprindo o meu fadario.»

«Vou contar-te essa estranha e larga historia  
A ti que assim como eu buscas a noite,—  
Foi feliz e viveu na immensa gloria  
Esta que já nem tem onde se acoitel!»

«—No tempo em que vivi, chamaram-me Elsa.  
Era filha dos duques de Brabant,  
E todos me acclamaram bella e excelsa.  
Então vivia alegre e triumphante.»

«Quando meu pae morreu vi-me forçada  
A desposar um bellico vassallo;  
Chamava-se elle Fritz Telramundo;  
Mas eu, ó ceus, eu não podia amal-o!»

«Houve um rude combate a que assistiu  
O imp'rador Henrique. Mas somente  
Aprestado na liça então se viu  
Telramundo feroz e reluzente!!»

«Pendia d'essa lueta a minha sorte,  
E Fritz me fitava—o meu vassallo,  
Que se julgava já ser meu consorte—  
Mas eu, ó ceus, eu não podia amal-o!»

«Quando já ninguém espera um campeão  
Que vá com Telramundo quebrar lança,  
Vejo surgir ao longe n'um clarão,  
Como se conduzisse a minha esp'rança,

«Sobre as aguas do mar um bote d'oiro  
Trazido por um cysne immaculado.  
Este bote era o meu doce thesoiro,  
Fanal do meu destino torturado!»

«Sabe de dentro do bote um cavalleiro  
—Cavalleiro do cysne ouço chamal-o—  
E ao ver esse gentil aventureiro  
Eu confessei, ó ceus, poder amal-o!»

«Entrou depois na liça, e vencedor  
Deixára destroçado o meu vassallo,  
E, ao ver o seu olhar fulgir d'amor,  
Eu confessei, ó ceus, poder amal-o!»

«Adivinhou de certo o que eu sentia  
O bravo Lohengrin do cysne branco,  
Pois que a mão vencedora me estendia,  
Acompanhada d'um sorriso franco.»

não vamos transformar-nos em galopins ou instrumentos d'este ou d'aquelle partido, mas se os direitos e garantias que emanam da constituição nos forem negados, ou se nos convenceremos que o nosso regimen politico actual é incompativel com a sciencia e com a dignidade e prosperidade do paiz, não hesitemos um momento em cooperar de qualquer forma, a exemplo das gerações que nos precederam, e das mais respeitaveis academias da Europa, no movimento salutar que se dirija a operar a sua transformação.

Á sympathica e generosa coadjuvação que nos têm dispensado as restantes academias do paiz, corresponderemos com a mais profunda gratidão.

### As nossas colonias

Temos por mais de uma vez ouvido afirmar que a extensão das nossas colonias é um obstaculo ao seu desenvolvimento material e moral; e isto, infelizmente, já foi dito no parlamento por um deputado que representava uma d'ellas e que propunha a venda d'algumas.

Se isto se dissesse a rir, era digno de dó quem assim procedesse; mas affirmado no parlamento por um homem que se não é serio, tem obrigação de sel-o, não sabemos como classificar-o. Argumentam alguns com a Russia, com a Dinamarca que têm vendido as suas colonias; mas não vêem como essas colonias são pouco importantes, e que apenas servem de onus para a metropole.

Poderemos dizer o mesmo das nossas? podemos comparar a Zambesia com Alasca? Ou não conhecemos as nossas colonias, as suas riquezas, o que produzem e o que

«Enlevada na luz do seu olhar  
Sem nunca contentar-me de fital-o,  
Senti dentro em meu peito segredar  
Que era bem certo, ó ceus, poder amal-o!»

«Na noite de noivado elle me disse  
Que jámais quem elle era perguntasse,  
Que nunca a sua historia lhe pedisse,  
Que nunca o seu segredo investigasse!»

«Mas eu, ó triste sorte ingrata e dura,  
Olvidando a promessa que fizera,  
Um dia, ao oscular-lhe a boca pura,  
Perguntei-lhe, infeliz, quem é qu'elle era!»

«Desde então para sempre me deixou.  
Partira no seu lindo bote d'oiro,  
Levado pelo cysne... que levou  
Com elle a minha vida, o meu thesoiro.»

«E agora só, vagueio na geleira,  
Soffrendo a minha amarga viuvez  
Ando n'esta eternal doida canceira  
A ver se encontro o cysne ainda outra vez.»

«Sinto em volta de mim vagos lamentos  
Sobre a sorte da louca que morreu,  
E que anda desfiando os seus tormentos  
Na existencia de sombra.  
Ta! fui eu.»

E o poeta viu fundir-se mansamente  
Na esteira que o luar lança no gelo  
Aquella forma altiva surpreendente.

E o pingim solta ao longe o meigo appelo.  
Para a lua fulgente e silenciosa.»

Coimbra, 1881. Manuel da Silva Goyo.



podem produzir, e n'esse caso podemos admitir semelhante asserção porque a consideramos sem valor: ou conhecendo-o, quem as apresenta é um reu de crime de lesa-nacionalidade.

Vemos todas as nações procurar estabelecer colonias ao pé das nossas, invadidas e procurarem extorquirlas.

Vemos a Belgica no Zaire, a Alemanha pretendendo occupar o muato Ianvo, e a Inglaterra contestando-nos os nossos direitos ás nossas possessões comprehendidas entre o rio Loge e o rio Loango Luso na costa occidental d'África; roubando-nos por toda a parte, e quando o não pode fazer com a sua costumada lealdade britânica, tratando de o fazer por meio de vantajosos tratados que simplificam o seu velho methodo; porque então são os bons governos que tem presidido aos negocios do nosso paiz que lh'as dão de mão beijada, e depois ainda proclamam a alienação d'algumas d'ellas.

Os nossos politicos monarchicos para dissimularem a sua pessima administração, a sua falta de bom senso na administração colonial, a sua absoluta carencia de conhecimentos acerca das nossas colonias, dizem-nos por meio dos seus órgãos e amigos: — temos muitas colonias não as pedemos bem administrar, e por isso é melhor darmos algumas — para assim justificarem o seu pessimo procedimento com relação a ellas, e ver se d'alguma maneira estas idéas calam no animo do povo. Não ha de ser assim.

O povo está vigilante, vê quem o vende, e não o consentirá, já o tem demonstrado; e ou façam tratados como o da India, ou os pretendam fazer como o de Lourenço Marques, elle não o consentirá, como já o demonstrou.

Voltaremos a este assumpto mais de espaço.

O soneto que transcrevemos é de Sully Prud'homme e pode ler-se n'uma obra em que se estuda a personalidade artistica de Van Dyck. Folheámos o livro e tivemos ensojo de admirar heliographias e aguas-fortes magnificas, além da nitidez com que o livro está impresso.

### A Antoine Van Dyck

#### SONNET

Robens est bien ton maître, ô Van Dyck, c'est bien toi  
Dont l'influence altière en ton œuvre s'accuse:  
Ta palette lui doit le prime dont elle use  
Et la fécondité qu'on l'envie aujourd'hui.

Mais tu n'empruntes pas à la leçon d'autrui  
La suprême élégance en tes portraits infuse;  
Ce don que la nature a de plus grands refuse  
De la gloire est le propre et le solide appui.

L'enfance admire en toi son naïf interprète:  
Ton pinceau n'apprit pas la noblesse qu'il prête  
À ses modèles, tous ou princiers ou divins;

Non, cette grâce tendre à ce goût fier unie,  
Pour l'inspirer, l'exemple et le conseil sont vains.  
C'est ta mère, après Dieu, qui t'a fait ton génie!

Sully Prud'homme.

A expressa declaração já feita sobre os principios que advogamos, continuará sendo o lemma da lucta em que entramos, lucta gloriosa fortificada pela crença viva nos progressos da humanidade, robustecida pela esperança, e regida por uma aspiração permanente no caminho que leva á realisação d'aquelle ideal politico, onde a consciencia publica tenha a convicção de uma existencia real, e os direitos, de cada um não sejam apenas uma chimera recamada pelos europeus d'esta ou d'aquelle constituição banal, sem critica, e envolta nas brumas do sophisma em que assenta e de que vive.

Risar dos codigos fundamentaes, o principio da hereditariedade dynastica com todo o seu cortejo de privilegios absurdos e desperdicios; eliminar um sem numero de ostentações tradicionaes sustentadas á custa do suor dos povos que trabalham, dar livre curso á manifestação da soberania nacional sophismada e corrompida, leva á realisação pratica o exercicio dos direitos de cada um considerados na sua maxima amplitude. Extinguir todos os obstaculos ao desenvolvimento progressivo da collectividade, criar o homem novo na verdadeira altura da sua dignidade individual, e extin-

guir o parasitismo, que, como cancro destruidor, corroe o que ha de mais nobre na consciencia popular, e de mais proficuo nas forças productoras da nação é hoje a grande missão dos espiritos que pensam, e dos homens que sentem no coração a crença na effectividade dos principios da razão e da justiça.

Embora os que se banqueteam fartos ás mezas dos Balthasares modernos nos vejam como utopistas politicos, e os privilegiados e apaniguados creiam ver no povo o paria miseravel de todas as edades; nós outros que analisamos os actos da sua vida prenhes de actividade que conhecemos as fortes e sublimes comoções do seu coração sempre prompto a receber o que é grande e justo, devemos de lança em riste abrir caminho seguro que conduzirá á Terra da Promissão, ao ideal previsto, e de ha muito sonhado para a consecução do qual se envidam todas as forças dos que são dignos e laboriosos.

Deixemos os grandes nos seus sonhos de torpor, paz para elles nos recintos das orgias e lubricidades principescas, porque a hora amarga em que soem os hymnos populares, cahirá com toda a manifestação solemne da lucta do direito pelo direito.

Luiz XVI que teve para as massas a irrisão e o sarcasmo, só creu firmemente no advento da republica, quando á voz do povo despresado e perseguido se viu preso como um forçado e perdido, e destituido para sempre diante das glorias regias.

Carlos X, que só demittiu o ministerio de Polignac, quando a França, esse paiz das grandes aspirações, pediu a queda dos Bourbons, só conheceu a sua situação miseravel no momento em que sem poder salvar-se, foje vergonhosamente como o bandido diante da acção tremenda da justiça.

Luiz Filipe só sente desmoronar-se-lhe o solio real diante do estridor das barricadas, e é então, e só então que se socorre á demissão do conservador Guizot.

E se assim foi, não surprehende que os dynastas com a sua cõrte farta de prazeres e abundancias, e por entre os fumos das lisonjas officiaes de seus adeptos, só creiam na destruição dos apanigios conferidos em nome da ignorancia e da tradição n'aquelle momento fatal em que as massas populares se erguem altivas e conscientes, com fé na sua regeneração, para firmar com letras de fogo nos paços realengos a terrivel legenda, que outr'ora horrorisou o rei perdido.

Oh! mas vós reinantes illudidos, sois ás vezes a victima inconsciente das iras revolucionarias! Ensinou-vos a rotina tradicional uma completa separação do elemento, que vos dá a vida dos poderes magestáticos, e quer mandeis em nome de Deus quer pela alardeada vontade do povo, caminhaes quasi sempre ao sabor dos caprichos d'este ou d'aquelle aulico corrompido que traz a vossa condemnação na vanguarda das luctas fraticidas.

### DEUS

Em vão pergunto á terra, á obra do Senhor,  
quem te creou a ti? Que mão omnipotente  
accendeu em teu seio essa formalha ardente  
e faz convulsionar teu ventre abrazador?

E ao mar, ao vasto mar, quem foi que as tuas aguas  
cuorrou na prisão eterna das montanhas  
e te faz revolver as humidas entranhas  
e rugir de continuo as infinitas maguas?

Quem creou o universo, as leis imprescindiveis  
que regem a materia; as leis imprescindiveis  
que dominam a terra, o mar, a vida, os ceus?

Quem creou esta luz — a vida do universo;  
a belleza, a virtude, a alma do perverso;  
Quem creou o infinito?... o Eterno! E onde está Deus?

Onde te escondes tu? Em vão te procuramos  
nos abysmos do mar, no ceu, na immensidade!  
Nem sabemos quem és, qual é a tua idade,  
indecifrável Ser, em vão por ti clamamos!

Uns dizem que tu és um espirito impalpavel,  
que a luz suprema sae do teu regaço eterno.  
Outros que és esse Deus que edificou o inferno,  
vingativo, cruel, despótico, implacavel!

Uns dizem que és materia — a força, o movimento!  
Outros a humanidade — o genio, o pensamento....  
Outros que és nada emfim! Um pelago profundo

onde a vista se perde e o pensamento dorme!  
E tu seras o Deus, esse problema enorme  
emquanto houver a ideia, emquanto houver o mundo!

E o mundo acabará? Um dia este universo  
a grande concepção do genio incognoscivel  
o gigante labor de Deus, do inconcebivel,  
ao nada primitivo ha-de voltar disperso?

E n'esse desfazer enorme das esferas  
no convulso estertor dos astros moribundos,  
na extrema confusão das coisas e dos mundos,  
que farás tu ó Deus, se és tu que ainda imperas?

Farás surgir emfim á tua voz suprema  
um mundo mais perfeito, a concepção extrema  
do bem universal, da ordem, da belleza?

Ou rolarás tambem no vórtice medonho,  
como a imagem banal, ephemera de um sonho,  
no abysmo onde rolar desfeita a natureza?!

Coimbra

Henrique Pereira

### Chronica

Eu adoro uma chronica bem feita — uma chronica espumante de bons dictos, que desafiam no leitor um sorriso alegre, ligeiramente malicioso e bom.

Mas então? adora-se o que está superior e eu seria comparavel á bem conhecida rã de que a historia reza. se tentasse elevar-me ás alturas, em que, na região da publicidade, pairam Iriel e alguns outros chronistas de primeira ordem.

Ora, tendo a dita, ou melhor, a desventura de ver a distancia, que me separa de tão notaveis celebridades, sinto passeiarem-me pela espinha os calafrios do terror, quando um compromisso, descuidadamente contrahido, me estende (que verbo tão triste!) sobre a meza de trabalho uma tira de papel, immensa, cuja alvura eu vou macular para supplicio do desgraçado leitor.

Sim. Como Turenne ou Condé ás columnas de seus exercitos, tu, bom amigo, vaes, muito socegradamente, passando tambem revista ás columnas, não direi de tuas tropas, porque me parecees pacifico, mas da Evolução. De repente sae um soldado da fileira, agarra-te e, sem dar tempo á minima defesa, vibra-te, com pulso rijo, uma chronica, em pleno peito.

Comparado com este golpe, chega a ser voluptuoso receber a setta, despedida pela mão certa d'um selvagem, ou o punhal com que nos surprehende um bravi, ao saltarmos para a gondola que brandamente palpita nas aguas do canal.

Perante uma ousadia de tal ordem, a propria lei emudece; e, sabendo-o, confiamos, até o abuso na impunidade que nos espera.

N'um dos ultimos numeros da Folha Nova, lemos, com a costumada preferencia, o que dizia Iriel. Achámos esplendido, o que sempre acontece, e, independentemente do brilho, que a penna magica do distincto escriptor sabe dar a qualquer assumpto, encontramos uma verdadeira surpresa que muito agradavelmente nos impressionou.

Pedindo venia ao elegante chronista, noticiamos tambem que se está diligenciando conseguir ser original d'um maestro portuguez a opera nova que a empresa deve este anno pôr em S. Carlos.

Felicitemo'-nos com verdadeiro entusiasmo por esta idéa que oxalá possa effectivar-se e desejamos que a Beatriz não siga o fatal despenhadeiro apontado pela infeliz Bonheur, aliás uma Stella... de formosura.

Da nossa obscuridade, saudamos uma idéa que se nos apresenta duplamente sympathica — pelo merito indiscutivel do sr. Guimarães e porque, rendendo-lhe o tributo de nossos applausos mostramos não haver o exclusivismo que começam a attribuir-nos, de que só applaudimos o estrangeiro.

Sempre impellidos a consagrar pela maneira mais entusiastica qualquer gloria da sciencia ou da arte, não recusaremos de certo uma calorosa manifestação d'estima e sympathia a quem nol-a inspira, como artista e como portuguez.

Babinet.

### CAMARA OPTICA

(VISTAS DA POLITICA)

Nunca este microcosmo, em que se exhibe diariamente, n'uma teimosia irritante, o mise-en-scène da nossa politica, offereceu aos olhos do espectador dissidente tanta similhaça com o scenario e jogo de situações,

que se reproduzem no palco, á luz da ribalta.

No theatro quando se tracta de representar uma peça qualquer, o primeiro cuidado de qualquer ensaiador mediocre é distribuir os papeis de modo que fiquem a caracter com as tendencias artisticas de cada actor ou actriz. É assim que muitas vezes se confia a uma velha o papel que deveria ser feito por uma ingenua, apaixonada ou garrida, só pelo simples facto de lhe sobrar em talento o que lhe falta em plastica. A verdade é então sacrificada ás urgencias de momento, ou ás exigencias do successo. Para estes deslocamentos é que serve a arte da caracterisação; o pó d'arroz, o crepe, o carmin, e todos os cosmeticos que a perfumaria tem inventado, encarregam-se de garantir as cutis enrugadas e seccas contra as apreciações severas d'um publico exigente. E o caso é que estas ficelles surtem o effeito desejado, porque não é raro ouvirmos provincianos lórpas, discutindo acaloradamente a belleza das formas, o torneado dos hombros, o dourado dos cabelos, e a frescura da pelle da sr.<sup>a</sup> Emilia das Neves, sem se lembrarem que todas essas maravilhas da plastica, que elles exaltam em adjetivos bombasticos, o sr. Baron do Chiado se encarregaria de realizar nas suas pessoas d'elles...

Ora agora, dize-me, meu caro indigena, filho da nação portugueza, nascido na invicta cidade do Porto, nos ultimos acontecimentos de que foi theatro a sempre leal cidade, não encontraste tu alguma cousa de semelhante a estes meios, não percebeste uma certa paridade nas situações e episodios, a que assistiu ou em que tomou parte a tua sempre explorada bonhomia? Ora falla com franqueza... aquellos foguetes a estrondearem por cima das tuas cabeças, aquellas soirées, onde o champagne espumava á luz hilariante do gaz, e punha nas phisionomias e nos olhares uns tons de languidez idiota e alvar, os banquetes em que os hurrahs ondulam na atmospha, de envolta com os vapores alcoolicos do genuino Porto, os vivas atroadores, e a harmonia infernal de centenares de trombones, vomitando das boccas escancaradas umas notas sedicias, que ha 20 annos torturam os ouvidos do indigena em dias de galas, tudo isso emfim que surprehendeu a tua ingenuidade despreoccupada, e te deslumbrou a vista cançada do labor diario, essa miragem encantadora não te pareceu mais um effeito d'optica do que outra cousa? N'este paiz da Burnaysie onde tudo é falso, desde a cõr dos cabelos do sr. Fontes até ao programma dos partidos militantes, é sempre prudente desconfiar e philosophar um pouco depois de terminada a festa. Foi esta duvida pertinaz que os successivos desenganos nos arreigaram no espirito que nos deixou enxergar por entre o fumo dos foguetes alguma cousa que andava no ar, pouco mais ou menos á altura da gravidade das circumstancias. Se não vejamos.

Era preciso levar á scena a peça phantastica de grande espectáculo A medalha de ouro, para compensar o fiasco da conferencia de Caceres, e arrancar d'algum modo o publico á indifferença que o affastava d'aquelles divertimentos. Distribuiram-se os papeis, ensaiaram-se os actores, dispoz-se o scenario, e até se affixaram cartazes. No dia marcado, o espectáculo correu ás mil maravilhas; para cumulo da felicidade, as palmas rompiam unisonas, os bravos repetiam-se com uma insistencia irreverente pelo silencio das occasiões solemnes; emfim a peça, o auctor e os artistas foram alvo de ovações delirantes... no Porto. No dia seguinte noticiaram os jornaes que um dos principaes artistas viera á pressa dispôr a Lisboa o scenario para a repetição do mesmo espectáculo....

Aqui é que o exito não correspondeu á fama nem satisfz a expectativa.

O fiasco foi completo devido a um expediente errado da empreza. Suppondo attrair as attentões do publico, distribuiu tantos bilhetes á cloque que, logares pagos, apenas estavam occupados uns cincoenta. Alem d'isso a critica, essa bisbilhoteira indiscreta apoderou-se da peça e poz a descoberto todos os defeitos e irregularidades que continha, e, no innocente empenho de attenuar o effeito do fiasco attribuiu-o á falta de universalidade de que se ressentia o original.



Os caracteres, os sentimentos, e até os efeitos scenicos não resistiram á perspicacia do lisboeta intrigado. E, assim, o que foi applaudido calorosamente no Porto foi em Lisboa recebido com indifferença. Falta de engenho na adaptação ao meio!...

Caro leitor, depois d'este aranzel estopante, que a tua paciência e curiosidade tem seguido talvez com o interesse unico de lhe achar o fim, eu estou d'aqui a ver esgotar-se o cabaz da tua benevolencia; antes que elle se esvasie completamente, vou apresentar-te a moralidade d'este conto.

É um facto assente em sociologia, e confirmado pela historia de todos os tempos que ás vezes uma sociedade chega a um ponto tal de desmoralisação que todos reconhecem que urge mudar de rumo; porém, uns por interesse e outros por medo, todos se deixam levar na onda que conduz ao abysmo.

E chamam os pensadores a este estado pathologico do organismo social, o *reinado da hypocrisia*. Os ultimos symptomas são frisanes, que para ali ficam apontados, talvez te conduzam a formular assim o diagnostico da doença que corroe esta nação; sem querer avançar á opinião de que assim pensas, caro leitor, eu ousou lembrar que as apparencias estão a teu favor....

Binoculo.

## Satan

Não lhe empanam o alvor dos illeaes avornos as doenças da moda, os tedios somnolentos, nem costuma calar os intimos lamentos no morno refferer dos caldos faternos.

Mas dizem que é tristonho, assim como os infernos — os seus peços roaes de rubros aposentos — quando pensa na vida e vê, por seus tormentos, que pertence tambem á classe dos eternos!

Predispõe como Deus do raio e do corisco, e recebe por anno um grandioso fisco; as almas dos mortaes que morrem sem vintem.

E' grande, é poderoso, e immenso como o espaço, é o symbolo do Mal, o typo do devasso... A rude criação malevolta do Bem!

Coimbra.

A. RODRIGUES BRAGA.

## (32)

## I

Sonhei que a morte vierá  
E a minha vida soprou  
Como uma flor que murchou  
No seio da Primavera.

Folhas dispersas havia  
Sobre a campá já cerrada.  
A lousa estava banhada  
De pranto que até corria.

## II

Eras tu que desfolhavas  
Flores sobre a sepultura?  
Era choro d'amargura  
Que na lousa derramavas?

Mais triste do que um lamento,  
Ai, uma voz me dizia  
Que pranto, a noite o vertia,  
E as folhas, trouxe-as o vento.

Eduardo d'Araujo.

## Lisboa

(Do nosso correspondente)

Vae por esta cidade uma semsaboria atroz. Não se ouviu uma noticia fresca, nem ao meno um escandalo graúdo vem dar tom alegre e zombeteiro a este viver de enfados. É triste, muito triste, a situação de correspondente n'estes momentos de aridez completa. A politica nada offerece de interessante. É a mesma comedia e são os mesmos actores. Campeia a intriga villã como meio efficaz de apagar medindres, que interesses pessoas levantaram á altura de graves *questões d'Estado*. Conspira-se nas sombras contra um ministerio maldito que no curto periodo d'uma existencia miseravel tem affrontado, com egoismo revoltante, todas as regalias d'um povo livre. O trabalho politico é de miná e sapa. Fontes Augusto, o valido prepotente, acha se collocado em serios embaraços.

Veremos se elle conjura os perigos.

Cahirá o governo com as camaras abertas, ou depois d'ellas fechadas?

Tal é a pergunta que se ouve de bocca em bocca, com uma insistencia desesperada. A este respeito nada diremos, porque n'um paiz, governado pela vontade exclusiva d'um valido, não é licito invocar a logica para as previsões do futuro. O partido regenerador conta abertamente com o apoio incondicional do Paço e, n'estas condições, será governo o tempo que lhe aprouver. Os factos abonam o que deixamos dicto e nós não estamos dispostos a desconhecer as lições da experiencia. Caminhamos a passos largos para a ruina inevitavel e cahiremos no abysmo se os poucos homens honestos, que ainda resistem á tyrania da corrupção mostrarem ao povo os perigos de que somos ameaçados e o futuro de lagrimas que nos espera.

A propaganda republicana feita n'estes ultimos tempos tem derramado grande luz no nosso horizonte politico. Hoje todos sabemos a parte activa, mas inconstitucional que o Paço, toma na solução dos negocios publicos.

Este ponto está perfeitamente esclarecido no espirito do paiz. A carta é uma pura ficção de que o monarcha se aproveita para satisfazer interesses proprios e conservar erguido sobre as ossadas dos popuiars o throno do D. João III.

Braganças! Braganças! Curvae a cabeça perante as sentenças da historia que é inexoravel nos seus julgamentos. A idéa monarchica corre serios perigos creados pelos seus proprios adoradores. O constitucionalismo portuguez está na sua phase de transição que será tanto mais rapida quanto maiores forem os desatinos dos que se dizem sustentáculos do throno. Por este unico motivo desejamos a conservação do ministerio actual no poder para que a formula politica respeitante ao actual momento historico tenha, no mais curto trecho, a sua realisação pratica.

Devo contar-lhes que fui, na terça feira, ouvir uma conferencia da cidadã Angelina Vidal. Com franqueza, confesso que não gostei. Não costumeo sacrificar as inspirações de minha consciencia á sympathia que me meracem todos os nossos correligionarios politicos.

Acima de tudo a verdade. Angelina Vidal e, effectivamente, uma mulher intelligente. Mas a intelligencia só por si não basta. É necessario cultural-a, dar-lhe uma orientação scientifica e positiva. É isto o que Angelina Vidal não possui. Concedo que ella saiba meia duzia de factos da nossa historia patria e outra meia duzia da historia dos outros paizes; mas não passa d'isto.

E já não é pouco. Na conferencia a que acabam de nos referir, Angelina Vidal fez uma figura tristissima.

Começou por estropiar as doutrinas de Comte, e acabou por prégar os principios dissolventes d'um communismo exaltado. Não houve um objectivo definido, uma idéa principal a que se subordinasse toda a exposição.

Mostrou que das theorias modernas conhece o bastante para descarregar sobre um pequeno auditorio popular uma tempestade de disparates, que fariam rir o mais misanthropo jesuita.

Desculpe-nos a amavel *conferente* o desembaraço, franco e leal com que atiramos a nossa humilde mas sincera opinião aos ventos da publicidade.

Bento Moreno, o illustrado auctor dos *Noivos*, está escrevendo duas engraçadas comedias que hão de fazer furor nas platéias de Lisboa.

Vae publicar-se uma nova *Encyclopedia Republicana*, colloborada por distinctos homens de letras.

Está-se fazendo em Pariz uma edição de luxo da traducção portugueza das *Fabulas de Lafontaine*. As illustrações são de Gustavo Doré.

A traducção é acompanhada de varios estudos criticos feitos por Theophilo, Ramalho, Eça de Queiroz e Pinheiro Chagas.

Consta-nos que o governo tenciona transferir para outro corpo o coronel de *infanteria* 2.

E' esperado com muita anciadade o manifesto que o illustre chefe do grupo constituinte tenciona dirigir ao paiz antes da abertura das córtes.

O sr. Manuel Barradas Mergulhão está escrevendo um romance historico em que procura mostrar as origens remotas do movimento democratico do nosso paiz.

N'esse livro estuda de preferencia o periodo um pouco nebuloso de 1816 a 1818.

—Está annunciada uma nova producção litteraria do talentoso escriptor Fialho d'Almeida.

É um trabalho sobre factos da actualidade.

Damião.

## A VOZ DO SEculo

Com furia atroz, batida pelo vento  
Quasi sossobra a nau da divindade  
E surge em vez do Eterno:—a Humanidade,  
Em vez da Igreja:—o Novo Pensamento!

A vulcanica voz da liberdade  
Estremece do mundo o fundamento  
E começa a cair o monumento,  
Erguido pela mão da velha idade.

A revolução avança palpitante,  
Cheia de luz em marcha triunphante  
Vae ameaçando as grandes leis dos céos;

Quem poderá suster seus firmes passos,  
Se até se extinguiu pelos espaços,  
A trovejante voz do velho Deus!

Porto.

Xavier de Carvalho.

## SABBATINA PANTHEISTA

(EXCERPTO)

(O MAR)

Não sei quem sustentava e me dizia ha pouco  
—A vastidão do mar não acredita em Deus!  
Que significam pois aquelles escarcéus,  
E os rancores febris d'um atroz de louco?!

Mentiu quem tal dizia e sustentava ha pouco.  
Desde que Alguem do azul lhe disse—«É feito o dia!»  
Erguendo um canto a Deus na extranha epilepsia  
O mar cantou, cantou, e de cantar—stá rouco!

Coimbra.

LUIZ OZORIO.

## NOTICIARIO

O partido progressista vai em caminho da sua desorganisação que se apressa cada vez mais. Era um partido forte, vigoroso, quando subiu ao poder. O paiz recebera-o satisfeito e esperançoso na realisação do seu programma, mórmente na parte que tocava ás reformas politicas. Guindado ás eminencias do poder e respirando a atmosfera palaciana que é essencialmente deleteria, deixou-se seduzir por palavras vãs e promessas mentidas.

Um dos chefes do ramo historico, cujo valor e talento não contestamos, foi por sem duvida o factor principal da impopularidade do partido, porque, acariciado por um alto personagem, convenceu-se do que era mais estimado e amado de que o omnipotente valido. A vaidade constitue um elemento de desordem no seio do partido progressista.

O homem, que melhor conhecia as intrigas palacianas e que mais precisamente lhes media o alcance politico, era um dos vultos importantes do ramo reformista:—este homem indicou certamente a sua opinião, mas a vaidade ridicula combateu-a com o maximo vigor, de modo que não conseguiu vingar.

D'aqui procedem, a nosso ver, as causas determinativas do começo de decadencia de um partido que tão bem bafejado assumira as redeas da governação publica.

Nós acreditamos que o sr. Mariano de Carvalho a quem denominavam—poder occulto, nunca realisou impor a sua opinião ao partido, porque se lhe oppunham vivamente os elementos retrogrados d'esse partido, alimentamos todavia a convicção intima de que era elle o unico vulto politico, capaz de conservar a supremacia dos progressistas pelo seu incontestavel talento, e pelas suas arrojadas idéas; e sobretudo pela sua provada repugnancia a obedecer a exigencias inconsideradas.

Quando o partido progressista, presidia á administração publica, e a camara alta e

empenhava em derrubar o governo, affiançava o sr. Braancamp que se não demittiria em face de uma votação desagradavel n'aquella camara. Assim o tinha elle assegurado aos seus amigos politicos.

Dá-se a primeira manifestação hostile e s. ex.<sup>a</sup> recua não possuindo a precisa coragem, para cumprir a sua palavra.

É então que o sr. Mariano de Carvalho, tendo por si a adhesão da maioria dos seus correligionarios, se levanta, e ataca com vehemencia esse acto de fraqueza do chefe visível do partido progressista.

Por estas considerações parece-nos que o sr. Mariano de Carvalho não é capaz de curar os orgãos affectados do partido progressista o está portanto alli perfeitamente deslocado.

Que a sua intelligencia finissima e o seu valioso auxilio de jornalista intrepido advoguem a causa republicana; e prestará assim um relevantissimo serviço ao paiz.

Para nós é questão resolvida que os progressistas virão substituir os regeneradores, quando estes pelos seus frequentes desatinos tiverem exaurido o thesouro e comprometido as receitas publicas.

Os progressistas hão de ser novamente illudidos na questão da aliança hespanhola, como o foram com o tratado de Lourenço Marques. Se a opinião sensata do paiz protestar pela imprensa e pelos comicios contra essa especulação monarchica, o alto personagem, de commum accordo, com o caro valido, encarregará os progressistas de formar ministerio no intuito de lhe fornecer elementos para a sua ultima condemnação.

Quando porém seguros, terão o desenganho formal, esmagador. Embora o sr. Mariano de Carvalho reaja, os vaidosos impõem-se, e argumentam com a dissolução do partido, exigindo d'um correligionario leal a submissão aos interesses de vitalidade do partido, os quaes na sua essencia não passam de caprichos banaes.

As reformas politicas que o *Diario Popular*, apregoava não serão realisadas, comquanto nós friamente acreditemos que o sr. Mariano de Carvalho esteja intimamente convencido da necessidade imperiosa e inadiavel da sua execucao.

Hão de oppor-se-lhe aquelles que trocam as convicções profundas pelas fardas de ministro e pelas adulações fingidas dos supremos governantes.

Podemos errar n'esta apreciação mas é o que a tal respeito sentimos.

O nosso amigo Frederico Guimarães compoz uma opera intitulada *Beatriz* que a empresa de S. Carlos tenciona pôr em scena n'esta epocha.

Já ouvimos um trecho d'esta opera, se bem nos recordamos, no concerto que a Associação Musical 24 de Junho deu no Circo de Price por occasião do centenário de Camões.

O sr. Guimarães é um notavel compositor e um apreciador critico de arte.

Felicitemo-lo pela sua obra, que estamos certos corresponderá ao alto apreço em que o seu auctor é tido pelos amadores de boa musica.

Recebemos o prospecto da *Encyclopedia republicana—Revista de sciencias e litteratura ao alcance de todas as intelligencias*. Pelo conhecimento que temos da maioria dos colloboradores, muito confiamos na elevação com que será redigida a nova publicação.

Condições da assignatura—Cada folha de oito paginas, oitavo grande, bom papel e impressão nitida, 20 reis. Publicam-se duas folhas cada semana. Em Lisboa o pagamento é feito no acto da entrega; para as provincias tambem se accitam assignaturas por fasciculos de 8 folhas pelo preço de 160 réis. Não se satisfazem pedidos que não sejam acompanhados da sua importancia.

Recebem-se assignaturas no escriptorio da empresa litteraria de Maximiano e Azevedo, rua dos Fanqueiros, 266, 1.<sup>o</sup>—nova livraria internacional, rua do Arsenal, 96—Livraria Ferreira, rua do Ouro, 132 e 134—Livraria Verol Junior, rua Augusta, 135 e e no kiosque do Rocío.

Toda a correspondencia dirigida a Xavier de Paiva, largo do Mastro, 29 e 30, onde tambem se recebem assignaturas.



A redacção d'este jornal foi sexta feira à *gare* de Coimbra cumprimentar o sr. Gomes Leal.

O poeta disse-nos que durante a viagem fora agredido por dois desconhecidos.

Falleceu hontem o sr. padre Antonio de Almeida, distincto quartanista de Direito.

Mais um favor da Inglaterra.

Este paiz está em negociações com a curia romana afim de obter o enfraquecimento do nosso padroado na India e na Africa.

Achamos bem entendido, e chamamos para este facto a attenção dos partidos monarchicos que não cessam de tecer louvores à nossa fiel alliada.

Fizeram no sabbado as lições de concurso para uma das cadeiras vagas na faculdade de Direito os srs. drs. Antonio Candido e Guimarães Pedrosa.

Assistimos à lição do sr. Antonio Candido que orou brilhantemente sobre o *verdadeiro fim do Estado*.

Diz o *Diario de Noticias*, de 11 de dezembro:

«Ao que hontem publicámos n'um confuso telegramma, noticiando o attentado de que foi victima o conhecido poeta, sr. Gomes Leal, temos hoje a acrescentar o seguinte:

Vinha este cavalheiro do Porto para Lisboa no comboio do correio, quando entre as estações de Estarreja e Aveiro dois passageiros desconhecidos que vinham, ao que parece, na mesma carruagem de 1.ª classe em que o sr. Gomes Leal tomara logar, lhe dispararam um tiro que fôlhou, agarrando-o em seguida pelo pescoço e dando-lhe algumas pancadas na testa, de que lhe resultou alguns ferimentos.

Os aggressores evadiram-se, saltando da carruagem quando o comboio ainda vinha em marcha, n'uma passagem de nível, pelo que não poderam ser presos. O sr. Gomes Leal, ao chegar à estação de Aveiro apresentou-se ao respectivo chefe dando-lhe parte do facto; e este zeloso empregado depois de ter sollicitado a presença do medico da secção da companhia, que com o maior disvello fez ao sr. Gomes Leal o primeiro curativo, officiou ao administrador d'aquelle concelho dando-lhe parte da occorrença. O sr. Gomes Leal seguiu para Lisboa no mesmo comboio, acompanhado do sr. João Piniheiro Chagas, primo do illustre escriptor do mesmo appellido.»

—A *Liberdade*, do mesmo dia diz:

«Tentaram assassinar hontem Gomes Leal, proximo de Aveiro. A arma errou fogo, mas feriram-n'o com o cano na cabeça... N'um outro paiz—n'um paiz onde não abundassem os cobardes, as canalhices commettidas contra um poeta revolucionario e só porque o é... já teriam custado caro a muita gente. Aqui os assassinos do povo andam à larga e sem responsabilidade! E ha dias preveniram-nos de que os fadistas do Chiado, tambem o ameaçam, e que fadistas foram os que o atacaram no theatro. E não é só elle o ameaçado...»

A monarchia tem bons defensores, não ha duvida.

Mas os assassinos talvez não sejam tão felizes com os outros republicanos como com Gomes Leal! Que experimentem, mas de cara.»

Pousou sobre a tristeza absoluta do sr. Hintze Ribeiro a Aguia Branca da Russia. Parabens ao illustre misanthropo pela distincção que lhe veio da Russia.

À *Evolução* responde o *Progressista*:

«As argucias, expostas pela *Evolução* em seu numero de 4 do corrente, temos simplesmente a dizer o seguinte:

1.º Que em parte alguma d'esta folha classificámos a *Evolução*, por modo peremptorio de folha regeneradora.

2.º Se falámos n'um certo cavalheiro, que era apontado como futuro redactor da *Evolução*, é porque assim nos constou.

Não affirmámos; tornando-nos echo de tal noticia, salvámos a nossa responsabilidade com um—*diz-se*.

A *Evolução* que é composta de intelligencias profundas e de consummado saber, sabe bem que nós nos referimos a ella em 20 do passado por força de circumstancias. Mas se ella então não existia, temos a consciencia segura de não havermos insultado nem calumniado pessoa alguma..

As restantes *amabilidades*, que a *Evolução* teve o mau gosto de nos dirigir, devolvemos-lhas intactas. Não lhes tocamos para a não melindrar.»

Acceptamos a satisfação do *Progressista* e damos por liquidada a questão.

Simplemente lhe lembramos que as nossas *amabilidades* podiam ser duras, mas eram verdadeiramente exactas.

Sempre que sejamos injusta e falsamente apreciados por quem nos mereça consideração, não deixaremos correr á revelia a nossa dignidade propria e a nossa dignidade jornalística.

Deixaremos de responder tão sómente áquelles que não tem a responsabilidade dos seus actos, e bem assim áquelles que exclusivamente nos offendem quando nos elogiam.

Publicámos no ultimo numero o movimento das escolas officaes, relativo ao concelho de Torres-Novas e daremos egualmente conta do que a este respeito se passa nos restantes concelhos do districto de Santarem no anno de 1880 a 1881.

Hoje damos o movimento escolar do Cartaxo onde se matricularam 285 varões e 105 meninas. Ficaram promptos no fim do anno 88 alumnos e 1 menina, sendo 2 d'aquelles approvedos em exame de admissão aos lyceus.

N'este concelho funcionou por espaço de 5 annos, de 1875 a 1880, uma escola municipal d'instrução secundaria, da qual alguns filhos do Cartaxo tiraram bastante proveito.

O povo honrado do Cartaxo foi porém atacado d'uma *doença social*; estava evidentemente n'um estado morbido, formando a maioria da camara de elementos contrarios á educação popular, visto que essa maioria tratou denodadamente da suppressão da referida escola, o que finalmente conseguiu.

O que mais admira é que lhe não faltaram as proteções de quem devia por coherencia auxiliar o desenvolvimento intellectual dos povos.

Se o municipio applaudiu a medida, senti-mol-o pelos que queriam instruir-se e d'isso ficaram privados.

Recebemos os seguintes jornaes:

*Jornal da Manhã.*

*Aurora do Cávado.*

*Correspondencia de Portugal.*

*Jornal de Agricultura e sciencias correlativas*, publicação quinzenal illustrada destinada aos lavradores portuguezes.

*A Esperança.*

*Jornal de Vizeu.*

*Districto de Beja.*

*Progresso do Algarre.*

*Jornal de Horticultura Pratica*, publicação mensal, redactor Duarte de Oliveira Junior, proprietario José Marques Loureiro.

Redacção—rua do Carmo, 6, Porto. Administração—rua dos Fogueiros, 5, Porto. Preço da assignatura:—Por anno 2\$250 Numero avulso 300, contendo estampa colorida 400, Cada um dos volumes publicados 2\$250 réis.

*Districto de Faro.*

*Contemporaneo.*

Recebemos e agradecemos o almanach do *Seculo*.

E' demasiado reconhecida, para precisarmos encarecê-la, a utilidade das publicações d'esta ordem, que alliam n'um conjuncto atrahente a indicações, muito necessarias no tracto da vida, um certo numero de verdades sociologicas, postas por meio da poesia e da prosa amena ao alcance do maior numero.

Oponhamos com disvello á trica ignobil dos partidos monarchicos uma propaganda illustrada e cordata, e teremos feito ao paiz um bom serviço, ao mesmo tempo que iremos aplanando o caminho para a realisacão do nosso ideal politico.

E' isso o que reconheceram os principaes membros do jornalismo republicano, que n'elle collaboraram com distincção.

O almanach traz artigos dos srs. Theophilo Braga, Gomes Leal, Magalhães Lima, Costa Goodolphim, Augusto Rocha, Jacintho Nunes, Martins Contreiras, Reis Damaso, etc. etc.

O editor resolveu reunir-lhe no proximo anno uma secção d'annuncios, que lhe deverão ser enviados até 31 de julho.

Vende-se em Lisboa na Tabacaria de João José Baptista, Kiosque do Rocio (lado norte).

Alguns amigos e condiscipulos do mallogrado academico Antonio de Oliveira, ultimamente fallecido em Coimbra, victima d'uma febre typhoide, pensam em erigir-lhe um mausoleu. São poucos todos os elogios que se façam aos iniciadores esta idéa, reveladora das mais nobres qualidades e dos sentimentos mais puros e elevados.

Estranharam alguns amigos nossos que publicassemos no segundo numero da *Evolução* uma carta do sr. Carrilho Videira.

Temos a responder a estes distinctos correligionarios que a publicação d'uma carta assignada nunca importou responsabilidade moral ou juridica para a redacção do jornal em que apparece. Se dos factos a que se refere o sr. Carrilho Videira resultar gloria ou condemnação para alguém, não é de certo para nós, pela circumstancia de termos publicado a referida carta.

Precisavamos de dizer estas palavras, para que o nosso procedimento não tivesse uma interpretação errada.

#### Apreciação da imprensa

*Campino*—Recebemos o novo jornal de Coimbra *A Evolução*, que se diz clara e francamente republicano.

Não desejamos longa vida á nova empresa, porque seria duvidar do espirito demotico da geração que a auxilia e da lealdade e intelligencia d'aquelles que se impõem a tarefa de a dirigir.

*Porta-Ferreira*:—A *Evolução* é o nome de um semanario academico, defensor da causa republicana. Viu a luz da publicidade no dia 27. Vem bem redigida, traduzindo em todos os artigos a sinceridade e firmeza das crencas politicas dos seus redactores.

Anteriormente á sua publicação um jornal de Coimbra accusou-a de *regeneradora*; podemos affirmar que o nosso collega foi mal informado n'essa noticia; a nenhum partido monarchico pertence a *Evolução*.

Agradecemos a troca do novo jornal e festejamos a sua chegada.

*Conimbricense*—Recebemos o primeiro numero da *Evolução*, semanario republicano, publicado n'esta cidade.

Damos as boas vindas ao novo collega e lhe desejamos todas as prosperidades.

É o segundo periodico que em Coimbra se publica com o titulo de *Evolução*. O primeiro foi a de 1876 a 1877.

*Seculo*—Em Coimbra principiou a publicar-se um semanario republicano com este titulo, que se nos affigura filiado na escola da politica positivista. O primeiro numero merece ser lido pelo alto criterio scientifico que a elle presidiu.

A *Evolução* está destinada a ter um futuro auspicioso.

#### REVISTA ESTRANGEIRA

Ao passo que o presidente dos Estados-Unidos se felicita com os seus concidadãos, pelas boas relações que mantem com todos os povos civilizados, e, ainda mais acaba, de dizer ao paiz que a divida publica estará extincta no fim de 10 annos, nós vemos com tristeza que o estado financeiro de todos os paizes, em que domina a monarchia, dia a dia se vae agravando.

E é assim. Vemos a França republicana, ovante na senda do progresso, depois de esmagada pelo segundo imperio, e de ter pago toda a *indemnisação* de guerra, reclamada pela Prussia; vemos a Suissa quasi sem divida, e os Estados-Unidos acabam de nos dizer pela bocca do seu presidente que em 10 annos nada hão de dever. Se con-

frontarmos o estado prosp ero das finanças dos povos, que tem a felicidade de serem governados pela formula republicana, podemos sem receio affirmar que, pelo que respeita ao desinvolvimento material, estes povos não retrogradam, caminham, e, se encarmos ainda pelo lado moral, diremos sem reboço que estes estados assim governados são os primeiros e podem servir de exemplo a todos.

Cada dia mais se confirma a opinião que apresentámos na nossa ultima revista. Bismarck, que vê a popularidade fugir-lhe e o imperio abandonado por quasi todos os partidos militantes, acaba de dizer do Reichtag que, se os partidos se não conciliarem, elle verá em pouco a revolução no paiz e o governo republicano implantar-se na Allema- uha.

Isto, dito pelo chanceller do imperio alle- mão, não precisa de mais commentarios.

A insurreição Tunisina, conforme com o que nos diz o telegrapho, está concentrada e os insurgentes quasi inhabilitados de a continuar; pois que as divisões do general Sausier que está em Gafsa communicam com a divisão do general Sogerot que está em Gabés, impedindo-os portanto de voltar ás terras cultivadas, até á sua submissão.

«ROMA 7. A allocução proferida pelo Pa- pa no domingo foi muito moderada.»

Quasi todos os dias, o telegrapho e os jornaes ultramontanos collaboram nesta affirmacão. É certo porém que nem por isso o elemento clerical deixa de contrariar a apparente moderação de S. S., por meio de actos mais e mais reaccionarios e bem oppostos á caridade evangelica.

#### CORRESPONDENCIA

##### ALCANENA

(Continuação)

—Aqui tem o que saltou dos bicos da penna para a *Evolução*, se a indole de tão bom nome o não repulsa.

Saiu como está, sem menos ou mais adornos de que os que tem. Se pretendessem dar-lhe forma e inspirar-lhe o espirito de que elle necessariamente carece, não chegaria ahí.—Novo Saturno não posso mirar as feições d'estes meus filhos, sem que os devore.

Não ha aqui a moralidade da fabula—causa-me sempre horror o aspecto d'estes filhos acephalos. Faça a redacção da *Evolução* d'este o que entender necessario e quizer, como se tivesse carta de curso.

Elle mira a um unico fim: desadornecer esta terra que no fundo do coração amo, e borrar com a saliva frigidissima do ridiculo as faces de um truo qualquer.

N'esta terra vai tudo regularmente; nesta regularidade imperturbavel do comer bem, dormir bem e fallar do peor modo possivel. Aqui o espirito aconchegando-se ao corpo, como invejoso da realisa do segundo, vive entre a sopa d'ovos e o carneiro guisado com batatas, usando barrete republicano na forma exterior, porém com forros bem accentuados de realza.

N'esta terra o unico homem que eu conheço de verdadeiro valor, e a quem todos, pelo menos duas vezes por dia, tiram respeitosamente o chapéu é o Manuel da Santa—uma ao romper d'alva e outra ao toque das ave-marias.

Z.

#### EXPEDIENTE

A «*Evolução*» publica-se aos domingos e a sua assignatura é de 300 réis por cada serie de 15 numeros.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria de João José Baptista, Kiosque do Rocio, lado norte.

○ sr. Francisco Pereira encarrega-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas na villa do Cartaxo, Praça de S. João Baptista.



A nossa theoria historica representa necessaria mente a realteza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pg. 298.

# A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

## SEMENARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient. 1.º pg. 430.

N.º 4

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 19 DE DEZEMBRO DE 1881

PUBLICAÇÕES  
Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

### A HEREDITARIEDADE

É sobre a hereditariedade que se fundam as monarchias.

Vamos examinar a solidez da base para avaliarmos a firmeza do edificio. Mas antes precisamos destruir uma objecção que nos póde ser feita. A existencia de reis electivos não invalida a nossa asserção, porque a experiencia tem mostrado que as monarchias electivas não podem persistir por muito tempo. H. Passigny, apresentando muitos factos historicos que o comprovam, estabelece indestructivelmente esta opinião, e só considera verdadeiras monarchias as que são hereditarias.

Feito isto, analysemos a questão.

A hereditariedade é uma lei biologica, segundo a qual os seres vivos tendem a repetir-se nos seus descendentes. Esta lei abrange na sua larga generalidade as qualidades physicas e as aptidões psychologicas do individuo.

Formulemos agora o argumento monarchico na sua maxima simplicidade. É o seguinte. Se no primeiro rei d'uma dynastia concorrem os predicados que o tornam competente para exercer o mando supremo, — a energia, o talento, a probidade, o tino politico, — nos seus descendentes devemos encontrar os meritos que recommendavam o progenitor.

Esta conclusão será deduzida logicamente dos principios que a sciencia expõe? É o que vamos ver. Em primeiro logar o phenomeno notavel do atavismo, — em virtude do qual as qualidades do progenitor, conservadas no estado latente pela segunda geração, e ainda ás vezes pela terceira, se vão reproduzir na seguinte, — mostra que as leis da transmissão hereditaria não podem applicar-se como pretendem os nossos adversarios. Suppunhamos que se escolheu um rei por se reconhecer n'elle o merito necessario para conjurar um perigo eminente. Esse perigo não chega a manifestar-se na vida do rei escolhido, e vem a tornar-se effectivo exactamente na vida d'um dos seus descendentes que conserva as virtudes do progenitor no estado latente. O perigo existe requerendo um remedio prompto, mas o paiz tem de esperar que sobrevenha uma outra geração real. Estranho absurdo este a que nos leva a applicação inconsiderada d'uma theoria!

Ha outro facto capital que parece ter sido esquecido pelos partidarios da hereditariedade. Se elles admittem a transmissão das virtudes hão de tambem admittir a transmissão dos vicios, e, quanto a nós, esta simples consideração bastaria para contrabalançar os efeitos benéficos que nos apresenta a escola mo-

narchica. Mas se a nossa opinião é insufficiente nós pediremos auxilio a dois dos mais distinctos sabios d'este seculo. Diz Hæckel: «Os vicios transmitem-se, fortificando-se, pela herança. Se tiverdes o cuidado de comparar na historia universal os individuos que pertenceram ás diversas dynastias, achareis em toda a parte mil provas attestando o poder da hereditariedade, mas muito menos a hereditariedade das virtudes que a dos vicios.»

Um alienista, cuja competencia scientifica é reconhecida por todos, Esquirol, demonstrou, na sua obra monumental sobre as doenças mentaes e sua relação com a hygiene publica e a medicina legal, que os reis estão 60 vezes mais sujeitos a estas doenças que a massa da população.

Á sagacidade dos nossos antagonistas deixamos a deducção das consequencias que d'esta doutrina se devem tirar.

E citaremos ainda um outro escriptor, T. Ribot, o qual, quando, no fim do seu longo trabalho sobre a hereditariedade, deduz as consequencias sociaes d'esta lei, afirma que o poder hereditario e o poder da liberdade estão sempre n'uma razão inversa, diminuindo o primeiro á medida que o segundo augmenta.

De resto a lei da hereditariedade nunca se realisa com todo o rigor; ha immensos casos que ella não póde subordinar. Mencionemos alguns. Elles nos provarão que o talento e a virtude, estes bellos predicados da alma humana, apparecem indistinctamente no filho do grande e do pequeno, e que o unico e seguro criterio para avaliar um homem é conhecer o seu merito pessoal e proprio.

D. João VI fugindo para o Brazil e entregando Portugal ao estrangeiro pôz em perigo a independencia da patria. — Benjamin Franklin, simples typographo, foi um dos mais estrenuos campeões da independencia dos Estados-Unidos, que conseguiu libertar da Inglaterra.

Emquanto Luiz Bonaparte, sobrinho de Napoleão I, inflige á França a vergonha de Sedan, — Gambetta, descendente d'uma familia obscura, restitue-lhe a dignidade, lavando-a do lodo ignominioso do imperio.

Quando a monarchia franceza, herdeira de gloriosas tradições seculares, accumulava as iniquidades que a fizeram cair coberta do odio dos povos, — um pobre engeitado, D'Alembert, e o filho d'um couteleiro, Diderot, lançam as bases d'um mundo novo, brilhante, todo cheio de justiça e de ideaes magnanimos.

O rei Luiz I, filho do omnipotente Carlos Magno, nem seus proprios filhos poude sujeitar-se á lei, — Kepler, filho d'um humilde taberneiro, estabelece leis a que obedecem os mundos.

E, no entanto, a hereditariedade monarchica, por mais absurda que nos pareça hoje, teve a sua razão de ser n'um momento da historia. N'outras epochas os filhos seguiam naturalmente a profissão dos paes. Em tempos de paz no governo, em occasião de guerra na conquista ou na defeza, os reis eram auxiliados pelos filhos, que d'esta fórma faziam a sua aprendizagem, conheciam as necessidades do povo sobre que haviam de exercer o mando, e ficavam sabendo como se repellia uma invasão e como se sustentava a independencia nacional. Actualmente os filhos dos soberanos recebem uma educação que os sequestra completamente do paiz que têm de governar. Pode dizer-se que o herdeiro da coroa é quem menos conhece as necessidades, os interesses, as aspirações da sociedade sobre que ha de exercer uma acção tão consideravel.

Os proprios partidos monarchicos estão convencidos de que a hereditariedade é hoje um principio que se deve pôr de parte. Os seus actos, incoherentes com as suas palavras, ahí estão para o demonstrar.

Nenhum d'elles admittre hoje que um crime seja punido, como era pelas legislações germanicas, na descendencia do criminoso. E, por mais absurdo que isto pareça, funda-se na mesma razão que ha para transmittir um throno vago para o filho d'aquelle que o occupou. A hereditariedade da monomania homicida e da tendencia para o roubo são factos perfeitamente averiguados pela sciencia. E ha mais razão ainda para seguir os costumes germanicos, porque os vicios, como vimos, transmitem-se mais facilmente, e até augmentam com a transmissão. Primeira incoherencia.

Todos os partidos monarchicos considerariam insensato a quem pedisse para succeder a seu pae na representação d'um circulo eleitoral, na presidencia d'um municipio ou n'outro qualquer cargo d'esta ordem. E todavia o cargo de reinar é de certo mais importante que qualquer d'estes. Segunda incoherencia.

Quando, por qualquer motivo, lhes falta o chefe é por acaso ao filho d'elle que se dirigem para o investirem na direcção suprema do partido? Não é. Reunem a sua associação, o seu centro, e escolhem d'entre si o que mais provas tem dado da sua competencia politica. Terceira incoherencia.

Como se explica, pois, que os mesmos individuos, tão escrupulosos n'outras occasiões ponham de parte os escrupulos quando se trata da magistratura suprema da mais elevada das associações politicas? Sim, porque um paiz não é mais

do que uma associação politica. A propria Carta, evangelho d'estes senhores, assim o define.

Não lembra immediatamente a resposta que se deva dar; parece-nos satisfatoria a seguinte que está, de certo, na mente de todos os partidos monarchicos:

— Emquanto nos queremos governar a nós mesmos para satisfazer os nossos interesses e ambições, empregamos os meios mais sensatos e racionais; quando, porém, se trata da nação entendemos que é mais conveniente que ella se governe mal para nós nos governarmos bem.

Não ha, comtudo, da sua parte a sufficiente franqueza para o declararem abertamente. A resposta que dão é outra.

A eleição para um cargo tão elevado, dizem, dá logar a gravissimos conflictos, desencadeia o jogo terrivel das ambições desordenadas, faz oscillar a sociedade nos seus mais solidos fundamentos.

Esta resposta é muito velha já; foi o escudo dos tyrannos e, apesar de ser contradictada pela razão e pelos factos, é ainda hoje a ultima ratio dos tyrannos. No entanto nada ha mais absurdo. Quando se pergunta a um povo quem deseja que o governe todas as iras se levantam, todos os braços se armam; quando se lhe impõe um chefe attendendo apenas ao acaso do nascimento, esse povo conserva a maxima tranquillidade! Nós pensavamos, pelo contrario, que o unico meio de prevenir revoluções é dar a maxima amplitude á manifestação da vontade nacional; nós julgavamos que aquelle que póde exprimir o que sente e o que pensa pela fórma legal do voto terá pouco desejo de recorrer á fórma extralegal da insurreição. Nós cuidavamos que a Suissa e os Estados-Unidos faziam a eleição dos chefes de Estado no mais completo socego. Suppunhamos tambem que em 1879, quando na Russia Solovieff disparava um tiro contra o Czar, quando na Allemanha Nobiling e Hoedel attentavam contra a vida do imperador Guilherme, quando na Hespanha Moncosi levantava o braço criminoso contra Alfonso XII, quando na Italia Passavanti pretendia apunhalar o rei Humberto, — suppunhamos nós que 1879, a França obrigava a demittir-se o duque de Magenta em seguida á emboscada de 16 de maio e fazia no mais completo socego a eleição de Julio Grévy.

Mas estamos de certo enganados. A França tremeu nos seus fundamentos, a França foi o ludibrio das ambições mais desenfreadas. Os Estados-Unidos e a Suissa tremem periodicamente nos seus fundamentos de 4 em 4, ou de 6 em 6 annos. Nós é que não sentimos as terriveis oscillações.



Pobres argumentadores estes, que só têm em seu favor argumentos de tal ordem! Pobres argumentadores e pobre causa, tão pobres que causam dó!

Parece-nos ter demonstrado que a hereditariedade política é um principio que tem as mais deploráveis consequências sociais.

É condemnado pela sciencia e renegado na pratica pelos mesmos que em theoria o defendem. Não ha razão que o justifique, não ha sciencia que o sustente. E, como na hereditariedade se funda a monarchia, esta cáe n'uma derrocada fatal com a ruina d'aquella. Se, porém, o systema monarchico deve continuar, nós pediamos aos seus partidarios, em nome da coherencia e da logica, que estabeleçam d'uma vez para sempre todos os absurdos que derivam fatalmente do principio pelo qual tão denodadamente combatem.

#### Basilio Alberto de Sousa Pinto

Morreu no dia 16 pelas 8 horas da manhã, depois de demorada enfermidade o velho ex-reitor da Universidade o sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, visconde de S. Jeronymo, etc.

É do nosso dever, como liberaes, e republicanos, prestar a devida homenagem ao unico homem que ainda restava d'quella patria e honrada geração que dirigiu o movimento revolucionario de 20. O partido republicano dedicava uma alta consideração a essa reliquia d'um passado tumultuoso, d'uma data, que embora não tenha por si a consagração brilhante d'uma victoria, representa uma aspiração patriótica para um futuro mais digno, e uma primeira manifestação do principio fecundo e vigoroso da liberdade, que a revolução franceza lançara ao seio dos povos, d'envolta com a metralha dos seus canhões.

O partido republicano, que promove a ideia generosa de levantar um monumento aos revolucionarios de 20, não pôde deixar de sentir a perda d'um dos mais illustres. Ainda ha pouco, quando os centros republicanos de Lisboa festejaram a data memoravel de 24 de agosto de 1820, o visconde de S. Jeronymo foi honrado com uma mensagem de felicitação.

Os acontecimentos de 1820 estão ainda muito perto de nós, para que a historia tenha pronunciado sobre elles o seu *verdictum* consciencioso e severo.

A tendencia á glorificação das grandes individualidades e das epochas ruidosas, de resultados decisivos e immediatos, tem influido um pouco nos juizos que sobre elles se tem formado.

Carece de exito,—carece de gloria diz-se. Lançou-se até um pouco de ridiculo sobre esses bons e solemnes demagogos, que não tinham com certeza o porte *irreprochable* dos *dandys* dos nossos dias.

Elles vestiam-se do grosseiro briche nacional, conheciam o direito romano, e eram sufficientemente ingenuos para expandir os seus sentimentos democraticos n'uma multidão de hymnos, sonetos, canções e dramas, adubados com um pouco de *Te-Deum*; por isso a geração subsequente soube agradecer-lhes e honral-os, pondo em luz o pretendido ridiculo das suas manifestações.

Não; nunca é ridicula uma manifestação qualquer, quando parte d'uma consciencia honrada e convicta.

Do contrario, teriamos de condemnar como ridiculas muitas das mais esplendidas manifestações do espirito humano.

Se a revolução não produzira os efeitos desejados: se a sociedade portugueza profundamente abatida pelas invasões de Bonaparte, sem commercio e industria aniquilados pela aliança britanica, de população cada vez menos densa e constituída quasi exclusivamente de frades, desenlarchadores, conegos e capellães; se a sociedade portugueza se não achava ainda em condições de ser entregue a si para si organizar e constituir; se mais precisava de uma vontade forte, absoluta que fosse, mas conhecedora da moléstia e necessidades do organismo nacional;

se a revolução de 20 foi impotente para fazer vingar os principios que fazem a gloria da de 32; se lhes faltou, como muito bem diz o sr. Oliveira Martins, uma espada para os impôr e uma victoria para os consagrar—nem por isso são menos benemeritos os seus auctores, que a patria agradecida e todos os corações verdadeiramente liberaes devem honrar e venerar.

Desgraçadamente a nação respondeu com a mais completa indiferença e um pouco mesmo de hostilidade surda ás mais importantes reformas: suppressão da antiga legislação municipal, judicial e fiscal; abolição das jurisdições senhoriaes e ecclesiasticas; creação do jury; restituição ao dominio publico das propriedades ecclesiasticas e dos bens da corôa; extincção de varios mosteiros; prohibição do voto, etc.—mas serão por isso menos meritorios os esforços dos seus propugnadores?

Nós dedicamos uma verdadeira gratidão e um profundo respeito a essa veneravel assembleia, um pouco abstracta e sentimentalista, é verdade, mas essencialmente nobre e honrada.

A biographia do visconde de S. Jeronymo, não temos tempo nem dados para escrevel-a. Para merecer o nosso respeito, basta-lhe a sua cooperação no movimento de 20, e o ter tomado parte nas côrtes constituintes de 21; é esse para nós o seu principal titulo de gloria.

Os outros factos da vida publica de Basilio Alberto não obscurecem os seus titulos á gratidão nacional.

Dos poucos dados que, muito precipitadamente, podemos reunir, sabemos que Basilio Alberto de Sousa Pinto nasceu em Tendaes, concelho de Lamego, a 16 de março de 1793.

Cursou os estudos universitarios, e recebeu em 1817 o grau de doutor pela faculdade de Direito.

Pelo decreto de 14 de julho de 1834, era nomeado lente.

O periodo que vae de 1859 a julho de 63, durante o qual exerceu o cargo de reitor da Universidade, correu tormentoso para o visconde de S. Jeronymo.

É bem conhecida, quasi legendaria, a rigida severidade com que sempre se houve no desempenho das suas funções, perante a mocidade irrequieta, e pouco disposta a respeitar disciplinas que não justifica.

Por esta epocha, lavravam com extraordinario vigor no seio da academia as ideias de independencia; e a necessidade de reforma nos Estatutos da Universidade, o sonho dourado das ultimas gerações academicas, preocupava vivamente os espiritos.

O visconde de S. Jeronymo, pela rigidez da sua vontade, constituia um obstaculo poderoso, que era necessario remover. Foi n'esse intuito que se organizou em abril de 1851 a celebre sociedade secreta do *Raio*.

Como base dos trabalhos, determinaram os seus fundadores empregar todos os meios para obrigar o reitor a pedir a sua demissão.

A direcção da sociedade pertencia a um conselho de 5 membros, e dividia-se em varias secções, com um respectivo chefe.

Os membros da direcção eram somente conhecidos pelos chefes das secções.

No acto da iniciação, que tinha lugar em sitios ermos e afastados da cidade, por alta noite e com determinado ceremonial, os socios juravam, sob palavra de cavalheiro, guardar segredo, obedecer ás ordens do conselho, transmittidas pelos chefes de secção, e empregar todos os esforços phisicos, moraes e pecuniarios para a realisação do fim da sociedade.

Algumas sessões tiveram lugar (estranha coincidência) na propria casa, onde por fim veio morrer o objecto tão odiado dos seus planos. Em 1862 contava a sociedade do *Raio* mais de 200 socios.

Depois de varias manifestações de desagrado, promoveu-lhe uma terminante e solemne, que deu em resultado o pedir a exoneração do seu cargo. No dia 8 de dezembro, por occasião da distribuição dos premios universitarios, quando o visconde de S. Jeronymo se preparava para ler o seu discurso, os estudantes, que enchiam a sala, sahiram precipitadamente para o pateo, dando vivas á liberdade e á independencia da academia.

Assim terminou a carreira universitaria do visconde de S. Jeronymo, depois de ter occupado todos os graus da sua hierarchia.

De mais importancia do que estas luctas inglorias com a mocidade, é incontestavelmente a sua carreira politica.

Aos 28 annos era secretario das côrtes constituintes de 1821.

Continuou a ser deputado em 1826 e 1833. Temos á vista uns *Apontamentos sobre os oradores parlamentares em 1833 por um deputado*, que collocam o visconde de S. Jeronymo na classe dos oradores-pedagogos.

Preconisado para presidente da camara n'esta sessão legislativa, deixou por combinações politicas de exercer tão honroso cargo.

Relativamente a attitude que tomou em frente dos actos do governo e aos seus dotes oratorios, diz o folheto citado. «—O sr. Basilio Alberto é favoravel ou adverso ao ministerio? era a pergunta que todos reciprocamente se faziam, e ninguém acertava com a resposta.—Chega o momento solemne da discussão dos actos da dictadura. Pedem o sr. Basilio Alberto a palavra; cresce a anciedade na assembleia. É *pró* ou *contra*? pergunta o presidente. *Contra*, responde tranquillamente o sr. Basilio Alberto....

Chega-lhe a palavra, levanta-se o sr. Basilio Alberto, falla tres quartos de hora sem tomar folego, como quem desejava ver-se livre de depressa d'uma pesada carga.

Toma por assumpto explicar as diferentes formas de governo, e desenvolver a seu modo as leis geraes appropriadas á natureza de cada uma.

—É o discurso mais castiço na dicção, mais primoroso na phrase, mais elegante no estylo, mais sonoro na cadencia, que se tem pronunciado n'esta sessão....

Não foi verdadeiramente um discurso para uma assembleia parlamentar; era uma elegante preleção academica, ou antes uma bem trabalhada dissertação inaugural.»

—D'aqui se vê que se Basilio Alberto não tinha os dotes d'um verdadeiro orador parlamentar, possuia contudo o segredo de, na paz do gabinete, architectar o discurso, mais primoroso mais elegante e mais sonoro (folh. cit.) que se pronunciou n'uma sessão legislativa.

Tal foi o papel politico do visconde de S. Jeronymo.

Que esta ligeira noticia da sua vida e do seu tempo, incompleta e imperfeita como vae, signifique um respeitoso preito de homenagem á sua memoria de benemerito.

Realizou-se hontem pelas 2 1/2 horas da tarde o enterro do sr. visconde de S. Jeronymo. Foi muito concorrido.

Dirigia o prestito o sr. dr. Luiz da Costa. As fitas do caixão pegavam os srs. visconde de Almeida, dr. Seifça, dr. Castro Freire, dr. Mattoso, dr. Miguel Osorio, e dr. Abilio Monteiro.

O feretro foi depositado no cemiterio de Santo Antonio dos Oliveas no jazigo do sr. dr. Nuno de Azevedo Pereira.

O sr. João Arroyo pronunciou á beira do tumulo um breve, mas brilhante discurso, e em nome da academia de Coimbra depoz uma corôa junto dos restos mortaes do eminente liberal.

Um dos redactores d'esta folha depositou tambem uma corôa com esta inscripção:

AO LIBERAL DE 1820

A «EVOLUÇÃO»

MADRIGAL

C. DE P.

—o—

Quando nasceste, Deus, querendo attenuar dos teus olhos o ardôr e o brilho singular,—para que te ficasse uma expressão serena sem a luz que incendia as illusões humanas—pôs-lhes um *abat-jour* feito pelas pestanas e deu-te a sobranceira escura e a côr morena...—tal como no principio, exausto de crear, pôs as manchas no Sol para o poder fitar...

ANTONIO FERD.

Por ter saído com grandes incorrecções tornamos hoje a publicar a seguinte poesia:

#### SABBATINA PANTHEISTA

(EXCERPTO)

(O MAR)

.....  
Não sei quem sustentava e me dizia ha pouco:  
—«A vastidão do mar não acredita em Deus!»  
Que significam pois aquelles escarcêus,  
E os arrancos febris d'um atroar de louco?!

Mentiu quem tal dizia e sustentava ha pouco.  
Desde que Alguem do azul lhe disse—«É feito o dia!»  
Erguendo um canto a Deus na extranha epilepsia  
O mar cantou, cantou, e de cantar—'stá rouco!

Coimbra

LUIS OZORIO.

#### POLITICA INTERNA

É triste o reflectir um pouco sobre os factos culminantes da actual politica portugueza.

Deixa uma profunda impressão de desalento e de descrença na vitalidade e na dignidade mesmo da moderna sociedade portugueza a consideração do que por ahi se faz desde o gabinete dos ministros aos mais afastados e restrictos centros em que a politica exerce a sua acção.

Não nos quadra o papel de Jeremias politicos.

Tambem nos repugna o pessimismo systematico d'alguns espiritos. Nesta quadra da mocidade em que geralmente se encara tudo á luz d'um optimismo irreflectido e espontaneo, em que a natureza e a sociedade costumam apparecer envolvidas n'uma aureola consoladora de belleza e de bondade, em que a pureza das nossas intenções vem sempre sollicita advogar os erros alheios—nós, dizemol-o com pesar, estamos longe de partilhar as doçuras d'esse optimismo e é com profundo nojo que descemos á analyse da nossa politica e dos nossos homens publicos.

Por vezes chegamos a convencer-nos que a sociedade portugueza atravessa um d'esses periodos anormaes e desoladores que se encontram na historia de todos os povos, e que representam a preparação lenta d'algum acontecimento fulminante e grandioso que quebra a continuidade historica e abre os horisontes d'um novo viver.

É possivel que nos enganemos, e oxalá que a sociedade portugueza não precise de remedios tão energicos para sahir d'este estado tão funestamente morbido.

Mas deixemos estas considerações, sobre que não seria máo insistir, mas que por geraes e abstractas, poderão por alguns ser taxadas de gratuitas, e desçamos á sua comprovação pelos factos da politica actual.

O egoismo e a indiferença são os dois grandes males que mais profundamente minam a nossa sociedade; o egoismo antepondo as conveniencias pessoais e partidarias aos mais importantes interesses nacionaes, a indiferença sancionando tacitamente os processos ignobis de qualquer aventureiro politico.

Não nos referimos ao povo, essa grande maioria desgraçadamente ignorante e nulla, que não tem uma verdadeira responsabilidade dos seus actos, e que seguio sempre o impulso d'uma direcção superior, de que em ultima analyse nunca ha de prescindir.

Proclame-se muito embora com adjectivos pomposos a soberania popular, estenda-se ás multitudes o suffragio universal, revista-se, em palavras, o povo, a grande massa ignorante, das mais apreciaveis qualidades—a direcção dos negocios publicos ha de ser sempre uma funcção das classes superiores e instruidas do paiz.

É entependo as suas conveniencias partidarias aos interesses do paiz, que o ministerio regenerador, para manter a sua popularidade á custa da mais revoltante padrinhaagem, dispende prodigamente os dinheiros publicos, augmentando d'uma maneira assustadora a nossa divida publica.

Nas contas ultimamente publicadas, relativas aos mezes de julho, agosto e setembro prova-se um augmento de despeza de 338.832\$494 sobre a correlativa á gerencia do anno passado.

É principalmente pela impossibilidade de satisfazer a todos os pretendentes, que a actual situação está luctando com uma crise,



cujo desfecho será a queda inevitável, segundo afirma a imprensa opposicionista.

São também apregoadas pela imprensa graúda, tanto opposicionista como governamental (*Jornal do Commercio, Diário Popular, Primeiro de Janeiro* etc) as graves desintelligencias que lavram no seio do partido.

Qual é a causa d'essas desintelligencias? Os mesmos jornaes o dizem: «alguns membros de posição consideravel no partido julgam poder reivindicar o direito de se desinteressarem da politica e dos destinos do novo governo na hora em que lhe é mais necessaria a coadjuvação de todas as forças, sem attender a conveniencias particulares e pessoas».

Um outro facto recente: um a companhia americana acaba de apresentar ao governo uma proposta para a construcção do caminho de ferro de Lourenço Marques, sem subsidio dos cofres publicos. Por causa do tratado de Lourenço Marques talvez não se possa effectuar transacção alguma. Ainda n'este caso, são as conveniencias dynasticas, antepostas aos interesses nacionaes, que vão talvez privar-nos de realizar um contracto manifestamente vantajoso.

Tambem se diz que a Inglaterra insiste pela approvação do tratado de Lourenço Marques.

A este respeito diz o *Diário Popular*:

D'essa insiatencia e das difficuldades, que ella traz, se diz provir o projecto do governo constituir a camara dos deputados até a chegada d'el-rei D. Affonso e adiar depois as cõrtes sob pretexto de festejos.

D'este modo evitaria os dissabores que o tratado de Lourenço Marques pôde causar no meio dos festejos a el-rei D. Affonso, e daria tempo ao sr. Fontes para alinhavar as propostas de lei ácerca do imposto de consumo sobre o sal, e dos addicionaes aos impostos directos.

Mal previa el-rei D. Affonso de Hespanha, que serviria de capa para tapar as difficuldades do sr. Fontes.

### As nossas colonias

Mal pensavamos quando, ha dias, no nosso jornal inscreviamos esta secção, que já hoje — nos veriamos obrigados a mencionar um facto, que aguardavamos para mais tarde!

A curia romana que todos os dias se funde em amor pelo nosso paiz, que só parece olhar pelo bem estar da nação fidelissima, acaba de entrar em negociações com a Grã-Bretanha para a nomeação de vigarios apostolicos para o Padroado da India e para as nossas colonias d'África; diz-nos isto o telegrapho, e nós não o admiramos.

Todos sabem que o reino do Congo foi Bispado suffraganeo do Bispado d'Angola, que o é ainda hoje, e ninguém ignora que, se alli não existe um vigario apostolico, tem isso sido devido a circumstancias por todos bem conhecidas: a falta de zelo d'alguns dos Bispos de Loanda, e a pouca permanencia d'estes prelados n'aquellas paragens. Vão ali para obter a dignidade, e passado bem pouco tempo voltar á metropole, Bispos resignatarios.

É isto o que quasi todos tem feito; referimo-nos por ora só á diosece d'Angola.

Já ha tempos n'outro jornal tocamos n'este mesmo assumpto, estranhando, que o nosso goveno não protestasse contra o facto de alguns missionarios francezes, residentes na nossa possessão do Molembo, tendo por chefe o padre Antonio Carrier firmarem qualquer assento com o seu sello em que se encontrava esta inscripção — *apostolado do Congo* — sendo o Congo possessão nossa alli reconhecida e acatada a nossa autoridade.

Ouvimos algumas vezes o padre Carrier, e com sentimento o dizemos, nunca o puderam convencer de que Landana era possessão portugueza. Mais de uma vez contestou os nossos direitos áquellas regiões, e o mesmo mostrava aos indigenas!

Este padre será um futuro vigario apostolico, contestará os nossos direitos, e subtrahir-se-ha á jurisdicção do Bispo d'Angola. Podemos dizel-o sem receio de sermos contestados; porque ha ainda bem poucos dias á ia para Mossamedes, agregado á missão

do padre Ribeiro o padre Duparquet, irmão do primitivo chefe da missão no Landana.

A Inglaterra tudo consentirá á curia romana, para que esta influa na pacificação da Irlanda.

Continuamente nos dizem que nada ha melhor do que as missões religiosas para se poder alcançar a civilização das nossas colonias; pôde ser; mas não, apresentando-se com o caracter das missões d'essa ordem que alli existem.

Pensa alguém que o missionario ou catholico, como o francez ou baptista ou anabaptista como o inglez vão alli catechisar, pré-gando ás turbas. educar religiosamente, instruir scientificamente?

Estão enganados.

O padre catholico compra o preto, para o acorrentar e obrigar-o a fazer todos os misteres, os mais servis. Não receiamos contestação.

O missionario inglez não faz isso; mas em compensação préga ao preto, que o não comprehende, a biblia, que não conhece.

Vimos algures que os dignos missionarios do Ladana sustentam alli uma prospera fazenda.

É verdade; mas devemos dizer que os colonos são escravos, e comprados pelos excellentes missionarios que os não tractam tão bem como alguns negociantes, que alli ainda os tem, tractando-os estes melhor do que são tractados os nossos irmãos açorianos nas illhas Sandwich.

Alguem nos disse que indo um dia ver a fazenda do padre Antonio Carrier encontrára no caminho uma multidão de negritos, perseguindo outro mais pequeno que elles e gritando — *voltá un volent*; effectivamente era verdade, o pequeno tinha roubado (*horribile dictu*) uma malagueta; por isso foi á ordem dos reverendos padres amarrado ao páu da bandeira que está collocado juncto da casa, até que os parentes pagassem o respectivo resgate.

Serão estes os futuros missionarios na Africa?

Na India é desnecessario inquirir quaes elles serão:

Vão para lá o padre Valente & C.<sup>ª</sup>. Continuaremos.

### Chronica

Ainda não leste as «Aventuras do Barão de Muneauzen»?

É um tecido imaginoso de historias engraçadas que o *fidelissimo* Barão nos conta, revestido d'uma seriedade heroi-comica. Uma que me acode á mente é a seguinte:

Fôra convidado para uma caçada; ou — não me recordo bem — era elle quem a offercia. Pouco importa.

Chegando a este ponto, e, sabendo quanto Talleyrand dizia ser difficil saber escutar, dou-te dois minutos para bocejos e querendo, para maldizeres a importancia de minhas visitas.

Agora que, resignadamente, continuas a leitura, vou entrar no caminho que segue, mais curto, ao ponto que desejo attingir.

Era uma caçada em forma, com as indispensaveis matilhas, batedores etc., não esquecendo enormes trompas de caça para animar na carreira a perseguição dos veados. Quem sabe se algum era ascendente do famoso veado que mereceu as honras de figurar no *Antonio Maria*? Sim. Quem sabe?

Mas continuemos.

Era um dia frigidissimo de inverno o escolhido para a diversão venatoria. Aparece uma victima. Lançam-se-lhe na pista cães e cavalleiros; mas a respeito de ouvir a nota alegre e marcial das trompas, caro leitor, é que ninguém podia gabar-se; pois houve toda a diligencia possível — debalde. Foram inuteis os esforços para convencer as trompas do transtorno que causava a sua teimosia silenciosa. Rogos, instancias, supplicas, nada fazia abalar aquella resolução; o silencio continuava.

Terminou a caçada. Ao jantar, no meio da larga expansão dos convivas, já *alegres* e esquecidos do incidente, é a sala inundada por uma onda de notas atroadoras, que confusamente se atropellam. Os caçadores, de surpresa, não sabem como explicar. E, comtudo, nada ha mais natural. É o Barão quem nol-o diz.

Pelo frio, as notas gelaram dentro das trompas e não podiam sahir; mas, á temperatura agradável que havia na sala pela agglomeração de pessoas e pelo calor das luzes, as notas, como gelo, fundiram-se e os convivas foram surprehendidos por aquelle diluvio de sons.

Como vêem, é muito aceitavel esta maneira de explicar.

E, demais, quem poria em duvida a palavra do Barão?

Se, n'este ponto, o teu reconhecido bom gosto ainda me concede a benevolencia de ter quem leia esta chronica infeliz, devo declarar que não foi simplesmente para encher uma columna que eu citei o popular auctor allemão.

Desejava dizer-te que n'esta correria pela imprensa, na perseguição em que vamos de tudo quanto é baixo e indigno, eu tambem queria soltar alegres notas de entusiasmo vibrante. Mas debalde me esforço, a trompa não deixa enternecer-se e ficam geladas, n'um silencio tumular.

Possa fundil-as o calor do teu bom acolhimento, honrado amigo que, por caridade, ainda me acompanhas.

Conversemos. A primeira coisa que fazes é — o que me dás, se eu adivinhar? — pedir noticias do caso Gomes Leal.

Ora, meu amigo, a esse respeito espere-mos um pouco, que o tempo desrendará este mysterio, como é de estylo dizer-se nos dramas succulentos.

Noticia de vulto — ardeu o theatro principal de Vienna; e, entre nós, conserva-se magnifica tanta coisa, boa para reduzir a cinzas! Ah providencia, providencia, como eu duvido de ti! (Ao escrever isto, metti os dedos pelos cabellos, para completo effeito scenico).

Continuando a fallar de theatros; temos o «Theatro Conimbricense».

— «O sr. chronista, pois onde tem a cabeça! vai fallar no barracão, a proposito de um dos primeiros theatros da Europa?» Perdão, eu nunca ousaria tal, se não fosse conhecida a historia do pintor, a quem o caíador chamou collega...

Variando de assumpto. Continuam as provas publicas dos concorrentes aos logares vagos no corpo docente da Universidade. Tem se revelado merecedores da honra que sollicitam.

Outra novidade, mas esta é fresquinha... Mudei de tenção, espera para o numero seguinte.

Babinet.

### POSITIVISMO

A sciencia cayou o abismo do passado. Desentranhou da historia as crencas primitivas e arrastando Jehovah á luz, já verminado, cravou-lhe o historio nas carnes inda vivas!

O terrivel senhor colerico e violento, que em chamas se mostrou nas fragas do Sinay, deixou-se espelagar saltando o ultimo alento, nem erguendo sequer uma blasphemia, um ai!

Era velho de mais, aborrecen-lhe a idade. Minava-o o rheumatismo, a gota, o desalento e deixou-se morrer em nome da verdade.

E as cinzas que deixou levadas pelo vento perderam-se no ar; e o livre pensamento, creou um novo Deus — O amor da humanidade!

Coimbra

HENRIQUE DUARTE.

### Verdades amargas

Todos os dias se está clamando contra a parca fatia, que na mesa do orçamento os Lycurgos da governação distribuiram aos alferes graduados. Com effeito nada mais ridiculo do que o soldo d'estes servidores da nação. Com as exigencias da posição que representam, e sobretudo com a progressiva carestia da vida, é-lhes materialmente impossivel prover a tudo, só com os magros seis tostões diarios.

Em Lisboa é este o preço de qualquer hotel *chinfim*, e na provincia tambem ninguém, por este dinheiro, pode nadar em mar de rosas. Esta situação d'uma classe

honesto e digna a todos os respeito, já teria merecido a attenção dos nossos governos, se algum d'elles tivesse no poder uns vislumbres de equidade e justiça.

Porém como os nossos ministros da guerra costumam ser das *armos especiaes*, não admira que todos elles concentrem a sua attenção de preferencia n'aquelle lado d'onde lhe pôde tambem advir algum proveito.

Esta questão, parece-nos, dever ser resolvida de prompto, não só pela vergonha que representa para a nossa dignidade, mas muito mais porque as reformas do sr. Abreu e Sousa, garantindo aos sargentos as gratificações da readmissão, collocaram aquellos officiaes na condição de ganhar tanto e alguns menos do que muitos sargentos. Ora isto é, além de tudo o apontado, anti disciplinar e dissolvente n'uma classe em que a hierarchia estabelece a equitativa distribuição das garantias em harmonia com a dos postos. E demais, não vemos motivo forte para a enorme desigualdade do soldo, que existe entre o alferes graduado e o alferes effectivo; quando é certo que ambos têm as mesmas necessidades e ambos fazem o mesmo serviço. E não se diga que o posto d'alferes graduado é transitorio, porque a morosidade da promoção nas armas geraes, especialmente na cavallaria, attesta bem a sua *permanencia*.

Pelo modo como as coisas correm calcula-se que os alumnos que este anno saem da Escola hão de esperar 10 a 12 annos n'aquelle... *engano da alma ledo e cego*. Sem querermos entrar, por agora, na questão da enorme desigualdade de soldo d'arma para arma, apontaremos, como uma das causas proximas d'este triste estado de coisas a leviandade com que os ultimos ministros da guerra têm deixado pejar os quadros excedendo todos os annos o numero preciso de admittidos nos cursos da Escola do Exercito.

Seja dito com justiça que o sr. Abreu e Sousa, o anno passado teve coragem para se affastar da rotina illegal dos seus antecessores e regulou a entrada por um concurso documental, fixando em 40 os admittidos.

Porém este anno voltamos aos tempos dourados do sr. Fontes, e por isso lá vemos todos os dias entrarem novos alumnos, fôr do praso legal da matricula, alguns, dizem, com falta de preparatorios, e porfazea do já a parca somma de 120!!!... isto só para cavallaria e infantaria.

No estado actual do exercito e das necessidades da defesa nacional só achamos uma desculpa para este *affan de licenças* do sr. Fontes, é collocar o exercito á altura da *gracidade das circumstancias* — *Dopo vedremo*.

Militaire.

### GOMES LEAL e a imprensa monarchica

Quando fomos cumprimentar á *gare* o sr. Gomes Leal, não pudemos colher os esclarecimentos necessarios para narrarmos com toda a verdade o attentado de que o distincto poeta foi victima. Durante os poucos minutos em que conversámos com Gomes Leal era elle interrogado simultaneamente por muitas pessoas, e d'aqui a difficuldade de alcançarmos informações precisas. Preferimos dar uma simples noticia a enganarmos os nossos leitores com pormenores inexactos.

Quasi todos os jornaes affirmam que o attentado teve lugar, duvidando comtudo alguns que se disparasse qualquer arma.

As folhas imparciaes, como o *Diário de Noticias* e o *Conimbricense* crêem que effectivamente se disparou um tiro contra o poeta.

E' de todo o ponto incontestavel que houve aggressão. As noticias transmittidas de Aveiro devem ter destruido as duvidas dos scepticos.

E' realmente lamentavel o procedimento da imprensa monarchica para com o poeta.

Gomes Leal é, ninguém o duvida, um homem de bem e um grande talento. Em Portugal não é preciso mais para ser ridiculo. Foi o que os srs. jornalistas comprehenderam muito bem. Além d'isso Gomes Leal nunca mendigou empregos, nunca se envileceu na politica reles d'estes senhores. Tanto basta para que o odeiem. E como é um homem honrado, concluiram logo, sem terem tirado informações, que elle — men-



tia; e, como lhe reconhecem o talento, chamaram-lhe idiota.

Um jornal disse que elle não trazia do Porto as costellas quebradas e os ossos n'um feixe, por não lhe darem importancia n'aquella cidade. Alguns jornaes dizem que o devem metter em Rilhafolles. Um outro ainda dirigiu-lhe uma amabilidade affectuosissima—chamou-lhe bebedor.

Santa confraternidade litteraria! Doces finezas de gente bem educada!

A imprensa progressista, regeneradora e constituinte affina pouco mais ou menos no mesmo tom; não ha dissidencias a este respeito na grande familia monarchica.

Quando Gomes Leal esteve preso os ventos sopravam d'outro lado; os progressistas lançavam sobre o rei e sobre o sr. Arrobas, seu andarilho, a mesma condemnação. Hoje... disputam a gloria das bajulações no Porto, hoje... o sr. D. Luiz já abraçou o sr. Braamcamp...

Neste concerto o *Diario da Manhã* dá uma nota verdadeiramente original.

N) final do seu artigo faz-se critico de artee apresenta uma regra esthetica, que é boa, excellente mesmo, mas que nos parece um pouco deslocada. E' a seguinte:—o poeta deve cultivar o genero do poesia mais consentaneo com a segurança do seu corpo.

Perante esta elevada concepção do ideal artistico descobrimo-nos respeitosamente.

Eis sobre este grave assumpto a auctorizada opinião da imprensa monarchica. Ahi está tudo que ella pensa, e pensa isto por uma razão unica e indiscutivel, que nos faz emmudecer:—porque não pôde pensar mais nem melhor.

### Noticias d'Odemira

É d'uma difficuldade grande para as minhas forças o trabalho de que me incumbem; era meu desejo escusar-me, mas visto que me falla em «amor da terra que me serviu de berço» não quero que pense estar apagado em mim esse amor. Lançarei mão dos poucos recursos de que disponho e começarei a tarefa.

Preveni-o-hei já de que na exposição dos actos serei o mais simples, e ao occupar-me d'alguem é só do seu procedimento na vida publica.

É tão escassa de noticias palpitantes esta terra que não sei o que dizer-lhe; tudo velho... Ah!... a *Evolução* foi aqui muito bem acolhida, dispensa-me que lhe diga o motivo, este não lhe deve ser desconhecido. Verdade é que terão curiosidade de saber os que lerem esta correspondencia; tenham porém paciencia, contentem-se com a curiosidade.

Não imagina o meu contentamento ao ver este hebdomadario tão bem redigido, e defendendo uma causa tão sympathica, o que é proprio de corações generosos e de aspirações impollutas como a dos vinte annos!

Conto já bem mais do que estes, e ainda sinto vivo enthusiasmo por tudo quanto é grandioso e nobre, e desprendido de ambições terrenas!

D'aqui d'este cantinho desconhecido permitto que eu os acclame e lhes diga: tende coragem, trabalhai, obreiros do futuro, nós cumprimos a nossa missão, legando-vos o que vossos paes e vós gozaes, agora é tempo que cumpraes tambem a vossa. Derrubae e edificaes com o auxilio da sciencia o que nós outr'ora fizemos com as armas; o tempo é outro, portanto os meios a empregar tambem serão outros.

Nós vos esperamos.

Emfim vamos ao promettido que é dar-lhe noticias, e hoje serão das antigas.

Todos sabem que em agosto ultimo tiveram logar as eleições politicas. Pois muito bem: dias antes d'estas, chegaram a Odemira duas cousas diferentes, vindo de partes diversas, mas ambas para o mesmo fim.

Foram ellas, de Lisboa uma portaria concedendo um conto e quinhentos mil réis para obras publicas, e de Beja um conductor das ditas e outro sujeito que julgo fosse apontador. Tudo isto para que? Julgava eu que d'esta vez se daria começo a alguns dos melhoramentos de que esta terra tanto carece; enganai-me porém, como vae ver.

Este acontecimento causou sensação, formando-se logo diversas conjecturas; diziam

uns que era chegado o momento de se construir o caes, outros queriam que fosse a ponte, etc... Por fim soube que o deputado, vendo a eleição um pouco duvidosa, porque os influentes exigiam que elle traduzisse em factos o que promettera em palavras, não teve outro remedio, senão fazer com que o ministro respectivo concedesse aquella verba, e os empregados viessem comel-a.

Assim foi. Os recémchegados rodearam-se de todos os malandros que por aqui havia (trabalhadores que só se entendem com quem os não conhece) e encetaram os trabalhos, pregando algumas estacas na margem direita do rio, e fazendo medições em que gastaram um tempo precioso.

O conductor tomava apenas nota d'estas medições e fazia, segundo elle dizia, os seus estudos.

Notava-se, porém, que estes estudos eram feitos sómente das quatro ou cinco ás sete e meia horas da tarde e não eram todos os dias. Mostravam assim a pressa que havia em dar andamento aos trabalhos, e que cumpriam as ordens que receberam.

O conductor, homem novo e pretencioso, trazia alguns factos que mostrou, e poucos conhecimentos do officio. Entendeu elle que Odemira era uma terra de tolos, e fez correr, para ganhar importancia, que sabia fallar muitas linguas e possuia seu peculio d'instrução, que queria occupar o tempo em cousas uteis e por isso ia fazer umas conferencias sobre *astronomia*.

Nem fez tal conferencia, consumiu quasi todo o dinheiro e só pragueou... estacas!

Custa-me a crer como alguém se lembrou de mandar para outro officio tal *heroe*!

O que o substituiu nada pôde fazer, porque o dinheiro está acabado.

Eis como se gastou um conto e quinhentos mil réis!

Odemira ficou sem caes, e os seus habitantes não souberam protestar contra o conductor que os espoliou, divertindo-se e governando-se.

É certo que esta obra não se effectuava com a verba concedida, mas fazia-se com certeza muito mais do que pregar estacas e faser medições!

Continuem os odemirenses no mesmo estado de indifferentismo em que tem jazido até agora, que os seus males não ficarão por aqui, e não serei eu quem os acompanhe.

Dou-lhe mais outra noticia para terminar. O homem que é padre colado d'umas das freguezias cá da terra, e procurador de causas perdidas, já foi reintegrado nos dois lugares.

Será este o assumpto da outra correspondencia.

Odemira dezembro de 1881.

Z.

## NOTICIARIO

Viaja-se mentalmente pela Africa, admira-se a luxuriante vegetação das suas florestas, o escaldado das suas montanhas, a impetuosidade das suas torrentes, as cascatas d'estas, e talvez pouca gente se lembre dos sacrificios dos que ali vão, para trazer aos que não querem ou não podem trabalhar, o producto das suas observações; vae ali Cameron é elogiado, para em breve ser censurado; segue-se Stanley, e lá está a critica alvar e me-nos pensada a acalcanhal-o, não tarda Serpa Pinto, e se d'um lado vemos a bajulação sem critica, d'outro vemos o desejo de esmagar um homem que se arriscou ao que os seus detractores não eram capazes de chegar, critical-o sem senso, sem sciencia e mais ainda sem conhecimento algum do que criticam.

Sucedem-se-lhes Capello e Ivens, ninguém lhes pôde contestar a sua boa vontade, os seus conhecimentos, os seus trabalhos, e todavia pequenos são os incentivos a que estes trabalhadores continuem o que começaram; e pena é porque ninguém mais competente, que elles.

Ha pouco foi nomeado chefe da estação civilisadora no Zaire e commandante do vapor Vilhena o sr. Nuno Queriol e já hoje vemos com sentimento que s. ex.<sup>a</sup> pediu a sua demissão.

Não podemos avaliar os motivos, porque

os ignoramos, que o levaram a isso; mas estamos certos que nenhum com mais conhecimento dos costumes dos indigenas e das paragens, onde será situada estação civilisadora ao Congo podia ser escolhido.

Lastimamos do coração que s. ex.<sup>a</sup> tomasse semelhante resolução; porque conhecemos a sua energia, a sua boa vontade e a sua actividade.

Insistimos ainda; se foi o ministro ou algum dos seus subalternos que concorreram para que o sr. Nuno Queriol tomasse semelhante resolução, bem cedo se arrependerão; porque sabemos de quanto é capaz este illustre cavalheiro, e já sobejamente o demonstrou quando guarda marinha na estação d'Angola.

*Errata*:—O penultimo verso da poesia do sr. Eduardo d'Araujo, publicada no n.º 3 da *Evolução* deve ler-se como segue: «Que o pranto, a noite o vertia.»

Assistimos á recita que a companhia portuense do sr. Coelho Ferreira deu no theatro-circo.

Representou-se o *Fausto*, magica de grande espectáculo, alguma musica e muito drama.

A peça, apesar de ser nova, ainda tem os finaes dos antigos dramalhões que inspiraram nas *Farpas* os artigos sobre theatro e que Ramalho apontava, como: *Oh Ceus! É elle! Matei meu filho!* etc; não esquecendo o anjo salvador... do enredo quando este no fim se complica além de *os mysterios que com o tempo se não devesdendar*.

O desempenho foi regular, sobresahindo alguns actores e entre elles talvez Paulo Cabral, que nos parece ter bastante habilitade para a comedia, apesar de não ser de grande difficuldade o papel que lhe competiu.

Mephistopheles não foi mal interpretado pelo actor Guerreiro, apesar da voz tão fraquinha com que cantou as suas coplas do *Dio del oro* da opera.

*Fausto* apresentou-se bem, especialmente no prologo. *Wagner e Margarida* desempenharam discretamente os seus papeis assim como *Sulphurina*. Os côros foram regulares e o desempenho por parte da orchestra soffrivel.

A *mise-en-scene* foi talvez mais que regular para uma companhia nas condições d'esta. As mutações bastante rapidas, houve alguns quadros de bello effeito pela magnifica distribuição dos fogos de bengala, como nos *jardins encantados* e na *apothose*.

A casa estava muito boa. O povinho gostou e appl... não admira: a virtude foi premiada e o anjo que finalmente appareceu calçou aos pés o infeliz Mephistopheles subido a tenor. Pobre Goethe!... Pobre Gounod!...

Quanto ao *Zé Povinho* que subiu no dia 16 á scena, limitamo-nos a consideral-a uma... *verdadeira peça*.

No *Perdão d'Acto*, ha scenas engraçadas, mas conhece-se-lhe muito a antiguidade.

Do desempenho diremos que, sobresahindo Paulo Cabral, todos os artistas mereceram mais ou menos o acolhimento benevolo que o publico lhês dispensou.

Os regeneradores, contam as gazetas, andam solememente intrigados com as meiguices realengas ao sr. Braamcamp, porque julgam ver n'ellas a proxima rehabilitação dos progressistas e portanto a queda proxima de si proprios.

Nós encaramos sob um prisma diverso as meiguices reaes e cremos sem esforço que ha regeneradores despeitados; mas ha outros da mesma grey a quem ellas fornecem causas de prazer e riso; acreditamos até que ha alguns que as bemdisseram, se as não encommendaram.

Os que estão saturados cifram o seu ideal em ante-gostar as delicias resultantes de apañhar novamente na *gaiola* os pintasilgos progressistas.

Aquelles, cuja anciedade de saturação é indivisivel, é que não acceptam resignados a mutação ridicula dos actores politicos. D'esta pleiade insigne das *esperanças patrias* é que dimanam as lamentações e os amargoses queixumes; não lhe agradam as meiguices,

porque apreciam em mais o estomago do que o exito favoravel de todas as *gaiolas* certas, provaveis e possiveis.

—Que turbilhão de sandices não ha de girar furiosamente no cerebro incandescente dos intrigados!!

Ha quem desconfie que de tão acelerado movimento pode originar-se uma porção de calor tão subida e intensa, que produza a dilatação d'aquelles craneos por forma tal que não seja d'espantar um completo desarranjo mental.

Só nos resta ver que as meiguices dêem tão desastrosa consequencia.

D'um funcionalismo anomalo não admira que saiam monstruosidades.

Recebemos uma carta d'um nosso correspondente de Lisboa, a qual por falta de espaço reservamos para o primeiro numero, e pela mesma razão retiramos a Revista *Extrangeira*.

Em Londres houve um d'estes dias um *meeting* relativo á exposição internacional de electricidade que os directores do Palacio de Crystal querem organizar em Sydenham n'este mez.

M. Mac-George director do Palacio de Crystal lembrou o successo extraordinario da exposição franceza e prometteu, que se as corporações de Londres, e o ministerio dos correios e telegraphos o auxiliarem a exposição ingleza não será inferior.

Siemens, inventor do tramway electrico, o celebre Edison inventor da lampada electrica, Brusk, Swan etc, prometteram já tomar parte na exposição.

Matricularam-se no concelho da Chamusca, districto de Santarem, nas escolas officiaes d'instrução primaria durante o anno lectivo de 1880 a 1881—150 alumnos e 47 alumnas. Foi approvedo simplesmente um alumno no exame d'admissão nos lycens.

—O povo chamusquense tem justamente reclamado dos governos a creação d'uma nova comarca; até á data d'hoje tem-lhe sido constantemente promettida e constantemente negada.

Desenganem-se os povos. A monarchia cuida apenas d'injustiças; para ella não existem ideias de moralidade e justiça. Responda a Chamusca á monarchia, votando nos candidatos republicanos.

Os dois numeros do *Contemporaneo*, cuja recepção já accusamos, publicam as photographias de Theophilo Braga e do actor Portugal, acompanhadas de traços biographicos.

Recebemos mais:  
*Jornal das Colonias*.  
*Folha Nova*.  
*Protesto*.  
*Gil Vicente*.

Esta elegante publicação é destinada a assumptos theatraes e litterarios. Cada numero é formado de 8 paginas d'impressão magnifica que offerecem leitura agradável e selecta. Custa 240 reis por trimestre, e 20 réis, avulso.

Agradecemos aos seus redactores a fineza de trocarmos com o nosso semanario.

## EXPEDIENTE

A *Evolução* publica-se aos domingos e a sua assignatura é de 300 réis por cada serie de 15 numeros.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria de João José Baptista, Elosque do Roelo, lado norte.

O sr. Francisco Pereira encarrega-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas na villa do Cartaxo, Praça de S. João Baptista.





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient*. 1.º pg. 430.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6.º pg. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

N.º 5	CONDICÕES DA ASSIGNATURA Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.	COIMBRA, 25 DE DEZEMBRO DE 1881	PUBLICAÇÕES Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.	ANNO 1.º
-------	--	---------------------------------	--	----------

### EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a importancia das assignaturas da «Evolução» em Tavira o sr. Sebastião Galvão e em Lagoa o sr. Domingos Faria.

Os srs. assignantes das localidades onde não temos correspondente, obzequem-nos enviando em estampilhas a importancia de suas assignaturas á Administracão da «Evolução» na Couraça dos Apostolos 29, 3.º.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria do sr. João José Baptista, Kiosque do Rocio, e na loja do sr. Manuel Monteiro á Praça das Flores.

### IDEIA MODERNA DE DEMOCRACIA

Podemos definir democracia—a formula politica que mais protege e provoca a manifestação das qualidades superiores.

Varios escriptores, e entre elles Ernesto Hæckel, fundamentando-se nas verdades e conclusões das sciencias biologicas e anthropologicas, affirmaram e tentaram provar que, applicando ás sciencias sociaes o mesmo criterio, e as mesmas observações que ás sciencias naturaes, se chegava á conclusão de que a organisação das sociedades ou estados devia ser uma organisação aristocratica.

Hæckel no cap. VI das suas — *Provas do transformismo* — diz-nos que a grande lei da *differenciação*, quer a tomemos na sua maior latitude, na theoria geral da *evolução*, quer a tomemos reduzida á sua parte biologica, no que diz respeito á theoria de *descendencia*, nos ensina que a variedade dos phenomenos sahe d'uma unidade original, que a diversidade das funcções sahe d'uma identidade primitiva, que a complexidade da organisação sahe d'uma simplicidade primordial. Isto resulta do sem numero de condições dissimilhanes a que qualquer ser fica sujeito desde que entra na vida.

Podemos além d'estas condições externas que cercam, e actuam sobre um ser em todo o decurso, em todo o desdobramento da sua existencia, constatar a poderosa influencia de condições ou aptidões hereditarias sempre mais ou menos dissimilhanes de individuo para individuo, e as aptidões proprias, por assim dizer innatas.

Diz o escriptor citado que a somma de todas estas forças ha de produzir uma desigualdade perfeitamente definida em todos os actos da vida dos diversos ndividuos.

Conclue com o principio geralmente admittido e provado da divisão do trabalho—que nas sociedades (e quanto mais adiantadas mais provam a asserção) a existencia duravel, permanente de todo o Estado exige que os diversos membros partilhem entre si os diversos deveres da vida social. Ora na realisacão d'estes deveres ou cargos sociaes ha para uns um maior dispendio de força, para outros um maior dispendio de meios, para outros um maior dispendio de talento. Affirma Hæckel que a *recompensa* social d'estes diversos trabalhos deve ser tão variada quanto os proprios trabalhos o são d'um membro para outro.

Passando da theoria de *descendencia*, dentro da qual elle faz as considerações acima expostas, para a theoria de *selecção*, o auctor continua dizendo que é a organisação aristocratica da sociedade que nos leva o estudo e applicação d'esta lei, pela qual se reconhece que um diminuto numero de seres triumpham da grande *lucta pela vida*; que esse numero diminuto é o que, pelas qualidades superiores que o tornaram vencedor, tende a dominar; que esse limitado grupo enfim constitue uma aristocracia complexa, isto é uma elite onde reside—a maior força—a maior habilidade—o maior talento—os melhores planos etc.

Hæckel diz mais adeante, comtudo, que ha sempre um grande perigo em transportar da abstracção pura da sciencia theorica para o campo da pratica umas certas conclusões; e que nas condições tão complexas da moderna civilisação se tem a attender a um tão grande numero de elementos, que é preciso grande circumspecção e um bom e solido criterio historico para se applicar á pratica da vida social uma *lei natural*.

As objecções que indirectamente, e do seu reducto de investigador theorico Hæckel apresenta á democracia social necessitam para a sua completa comprehensão, de que se comparem os organismos—individual e social.

Escolhemos para termo de comparação um organismo individual e não uma sociedade animal, e portanto rudimentar, pelas seguintes razões: 1.º é de mais facil e limitada observação: 2.º é n'elle muito mais facil e rapida a transmissão d'uma acção d'um ponto para outro, ou a correspondencia das partes que o constituem: 3.º dentro d'uma especie animal não ha as differenças que ha dentro da especie humana, e portanto qualquer individuo nos pôde servir para o estudo da evolução embryonaria, assim como a sua especie nos serviria para o estudo d'uma evolução mais geral mas identica: 4.º porque a lei da concorrencia pôde estudar-se tanto entre as partes

d'um organismo individual como entre os membros d'uma especie.

Enumeramos em primeiro lugar os pontos de semelhança, que são muitos, para depois entrarmos no exame das differenças que existem entre um organismo vivo e uma sociedade.

Neste trabalho temos a valiosissima opinião e observação de Spencer por guia.

O primeiro caracter commum aos dois organismos, que encontramos é o augmento de massa, o crescimento: soffrem os organismos uma certa integração ou durante toda vida, ou durante um certo periodo.

As sociedades crescem até que se dividem ou são absorvidas por outras sociedades mais fortes.

O segundo caracter commum ás duas ordens de organismos é o augmento de volume ser acompanhado da complicação da estrutura. Assim como no rudimento d'um corpo qualquer as partes se não differenciam, se não evidenciam, assim n'uma sociedade em começo os diversos grupos d'unidades não se destacam uns dos outros. Mas á medida que as unidades augmentam de numero começa-se a notar a differenciação das partes, differenciação que se continua até o corpo chegar ao estado em que realisa completamente o typo.

Em terceiro lugar temos as differenças de funcção a corresponder ás differenças de estrutura.

Um membro d'um organismo tem cada uma das suas partes encarregada d'uma determinada funcção. Uma sociedade tem varias classes; uma d'ellas domina as outras, e dentro de si admite, como não podia deixar de admittir, uma divisão de poder, assim como as outras classes admittem dentro em si uma subdivisão nos trabalhos que executam.

Neste ponto poderíamos responder á doutrina de Hæckel que considera o predominio de individuo sobre individuo, em vez de considerar o predominio de classe sobre classe. Desde o momento em que tomámos para comparação um organismo individual qualquer, assim como não podemos tomar em separado uma unidade que entre na constituição d'uma parte, tambem não podemos considerar na sociedade um individuo separado d'outros individuos que com elle actuam n'um certo sentido. Não devemos tomar em conta uma cellula em vez do corpo que ella com outras forma. Um ser eleito ordinariamente só faz sentir a sua acção com a d'outros que por um concurso de qualidades se lhe aproximam.

Posto isto continuemos seguindo a linha de comparação.

O quarto ponto de contacto que encontramos entre um organismo e uma

sociedade consiste—na interdependencia de differenciações.

Assim a transformação d'uma parte traz consigo a transformação d'outra.

N'um ser inferior todo o corpo á uma executa todos os trabalhos; quando n'um typo mais perfeito apparecem orgãos para executar um grupo de funcções como quando por exemplo se desenvolvem os orgãos de locomoção é necessario que a parte de trabalho que estes orgãos desempenhavam seja executada por outros; é preciso que as funcções de nutrição que elles em parte executavam fiquem a cargo d'outro que os alimente etc.

O mesmo se dá n'uma sociedade. Ao principio todos são ou caçadores ou guerreiros; depois formam-se corpos para executar trabalhos differentes e é preciso que outros se encarreguem depois do trabalho que antes era por todos realisado.

Em virtude da lei da divisão physiologica do trabalho a paragem ou interrupção do trabalho d'um orgão traz consigo a interrupção ou a destruição do trabalho geral.

A interrupção das funcções pulmonares, por exemplo, prejudica o trabalho do organismo inteiro.

Em virtude da lei de divisão sociologica do trabalho a interrupção do trabalho d'uma classe vae repercutir-se em todas as outras. Os fabricantes de vestuarios desde o momento em que os fabricantes de tecidos suspendam o seu trabalho não podem produzir.

Temos ainda mais duas analogias entre os organismos vivos e as sociedades.

Qualquer d'estes corpos é constituído por unidades que têm vida propria.

E as acções combinadas d'estas partes mutuamente dependentes constituem a vida do conjuncto.

Assim como na superficie mucosa d'um orgão qualquer ha cellulas que accusam uma vida propria, assim n'um organismo social ha unidades humanas mais ou menos independentes e livres e com uma vida propria.

Temos finalmente em sexto lugar o caracter commum da relação, que na existencia social e na existencia organica une a vida das unidades á do agregado: destruição do agregado sem a destruição completa das partes, e *vice-versa*.

Exemplifiquemos.

N'um animal de sangue frio a cessação de vida deixa ainda algumas partes e orgãos em movimento durante certo tempo. Numa sociedade uma conquista, uma transformação brusca pôde fazer parar a actividade commercial e os actos coordenados do governo, que constituem uma vida geral, sem que por isto as acções de todas as unidades cessem.



As que estão situadas longe do theatro de lucta podem sobreviver por algum tempo.

Agora o caso contrario.

N'um corpo as diversas cellulas quando são gastas no trabalho são substituidas por outras sem prejuizo.

N'uma sociedade ou corporação a falta d'um individuo que é substituido por outro tambem não detem o trabalho.

Veiamos agora as dissemelhanças.

A primeira objecção que se apresenta é que as partes d'um organismo vivo formam um todo concreto, e as d'um organismo social formam um todo discreto.

Esta objecção não é tão forte como á primeira vista póde parecer, porque analysando bem, vemos que o corpo vivo se compõe de partes mais vivas e d'outras que recebendo das primeiras a existencia e sustentação, accusam contudo muito menos vitalidade.

As cellulas que se formam na camada protoplasmica da pelle tornam-se depois inertes.

N'uma sociedade tambem podemos considerar além das unidades que têm mais vida, além das unidades humanas, outras menos elevadas que têm com as primeiras mais ou menos relação, e que são indispensaveis na sociedade. Referimos-nos aos animaes e aos vegetaes. Evidentemente a flóra e a fauna exercem grande influencia em qualquer grupo social.

Ha pois n'um e n'outro organismo continuidade não só entre as partes superiores, mas entre estes e outras muito inferiores.

Se a diferença que acabamos de apresentar não é tão decisiva como á primeira vista parece, ha outra que tambem a até certo ponto destruida.

Póde objectar-se que se um corpo social não é, e evidentemente não é, tão concreto como um corpo vivo, as acções d'uns membros do corpo social são intransmissiveis para outros.

Mas se nos corpos organicos a transmissão de parte a parte se opéra por meio das moleculas, nas sociedades a transmissão opera-se pelos meios multiplos da linguagem.

Apresentámos duas diferenças mais ou menos attenuadas. Agora vamos apresentar a que é mais conclusiva.

Diz Spencer «ainda que o estado discreto d'um organismo social não impeça a subdivisão das funções e a dependencia mutua das partes, esse estado obsta a uma diferenciação tão grande que faça com que uma parte se torne um órgão de sentimento e pensamento, enquanto que outra fique insensivel.» N'um organismo particular ha e póde haver uma distribuição desigual de certas qualidades. O systema nervoso domina, e tem o exclusivo monopolio das qualidades superiores. Na sociedade não se póde admitir que umas partes trabalhem exclusivamente em favor d'outras.

Não se póde dizer que uma classe tem a sensibilidade, tem a intelligencia, enquanto que outras executam um trabalho perfeitamente mechanico. Diz mais Spencer «... se os órgãos reguladores do organismo social tendem, como os do organismo individual, a tornar-se a sede da sensibilidade, a falta de cohesão phisica que dá a fixidez á função oppõe obstaculo a esta tendencia; ha ainda outra causa d'obstaculo: e é que a sensibilidade é para as unidades votadas ao traba-

lho mechanico uma necessidade permanente para o cumprimento das suas funções.»

Esta diferença, como vemos, é a mais capital.

N'um d'estes organismos a consciencia está n'uma pequena parte do agregado, n'outro está espalhada por todos os membros, que têm direito á felicidade ou participação de bem estar. A sociedade existe em proveito dos seus membros e não estes em proveito da sociedade.

Podemos condensar em duas regras estas profundas observações de Herbert Spencer.

1.º N'um organismo individual a interdependencia das partes e das funções d'essas partes ou órgãos, tem como effeito o predominio exclusivo do systema nervoso.

2.º N'um organismo social a interdependencia das partes e das funções d'essas partes constituidas em órgãos tem como effeito o proveito ou participação cada vez maior de todas essas partes ou unidades humanas no bem estar e felicidade.

Em frente d'estas leis parece-nos que a theoria de Haeckel é injusta:

1.º porque, como já dissemos parte d'uma consideração individual, ou só da influencia egoista sem attender a acção aperfeiçoadora e attenuadora que a sociedade exerce sobre o que ha de animal no individuo.

2.º porque defendendo a aristocracia ha de defender a classe privilegiada; e esta é inadmissivel pois que qualquer unidade desde o momento em que se aperfeiçoa póde, pelo deslocamento, que é peculiar a uma unidade social qualquer, passar d'um órgão ou classe para outra.

3.º porque parece admitir diferentes gradações de recompensa social, quando se deve considerar tão recompensavel o trabalho que executa o aparelho productor, como o que executa o aparelho distribuidor, como o do aparelho regulador.

Parece-nos que a definição que demos de democracia se harmonisa com as observações de Spencer que acompanhámos, por isso que as qualidades superiores em qualquer das classes de trabalhos apontadas vão melhorar o bem estar geral—fim da democracia—, impedindo e vencendo o predominio de classes estereis, que só tenham virtude historica.

### A realza

Ella deixou de ser um bem para ser um mal. Perdeu o seu caracter de utilidade para se converter em elemento de resistencia ao progressivo desenvolvimento dos povos.

Quando na idade media a sociedade se achava envolta na anarchia mais desordenada, quando a nação se via retalhada, campeando os despotismos feudaes, então a realza, symbolizando a ordem, reunia os elementos dispersos e esforçava-se na grande obra do nivelamento das condições. O dynasta auxiliado pelas communas, cerceava o poder de um sem numero de tyranos existentes em nome do feudalismo, e assim assumia o desempenho de um papel importante. O absolutismo dos seculos XVI e XVII era inquestionavelmente preferivel ao despotismo feudal dos seculos precedentes.

Mas a forma monarchica absoluta determinada por varias circunstancias especiaes devia desaparecer, quando o desenvolvimento da civilização trouxesse o conhecimento intimo de quanto esse governo era incom-

pativel com a justiça, com a razão e com a dignidade humana.

As proprias dynastias comprehendem que o seu direito não era fundamentado, e mais accentuada se torna esta comprehensão, quando a voz da sciencia lhes patenteia todos os erros philosophicos economicos e sociais em que se baseam.

Como poderia o facto do nascimento legitimo o poder de um homem sobre os outros, sobre a sua propriedade e até sobre a sua vida?

Foi então que os monarchas acostados ao poder da igreja conceberam a idéa salvadora de se tornarem delegados da Divindade; e em nome d'ella transformam-se em representantes do ceu aquelles que foram verdadeiros flagellos dos povos.

Carlos IX que arcabusava os inermes calvinistas das janellas do Louvre, Luiz XIV que revogava o edicto de Nantes, o devasso Luiz XV, todos representam sobre a terra o poder conferido por Deus mais ou menos assegurado pela preponderancia romana, agora fiel aliada das monarchias por virtude das circunstancias que presidiam ao facto da Europa do Norte se lhe subtrahir ao seu imperio.

Rousseau condemnando a forma monarchica, sustentava que só a nação tinha o direito de se governar: ser rei era um crime social e politico, o monarcha era um usurpador dos direitos que por natureza pertenciam a todos os homens. Como a França, as demais nações europeas leram as suas obras, as de Montesquieu e Voltaire, que vem como que em apostolado sublime excitar progressivamente os resentimentos das classes escravizadas.

Os povos deixam de ver a realza como entidade destinada a mandar por delegação divina; destroem-lhe o berço cercado de constellações de estrellas, negam-lhe os direitos de familia, e nem sequer lhe reservam a doçura da morte só comparavel á dos anjos para a verem soltar o ultimo suspiro por entre as agonias de cadafalso.

Era o paria, o aborto desprezível no correr dos tempos que se levantava á altura da sua dignidade individual, que reconhecia a sua propria força para obrar prodigios que as gerações futuras deviam admirar.

E no meio de uma luta grandiosa entre a republica e a monarchia, entre o direito e o privilegio crescia um sem numero de victimas sacrificadas em nome da injustiça, da torpeza e devassidão monarchica.

Factos que se comparem aos referidos temol-os tambem entre nós, e não faltará occasião para os trazermos o lume.

O que é indubitavel, o que se vê é que, ao lado da realza, estão os grandes crimes.

Não obstante ainda ha homens, que, ouvindo apenas a voz do mais torpe egoismo, tentam, posto que de um modo verdadeiramente miseravel, mostrar a facil conciliação que existe entre a realza e a idéa democratica!

Mas não; analysemos os factos que nos refere a historia com toda a sua austeridade incorruptivel para acharmos que os reis odeiam por instincto as reformas politicas, mormente quando se apresentam n'um sentido amplamente liberal, por que é sob esta forma que vão directamente aniquillar os seus poderes, destruir o privilegio que os seculos de ignorancia lhes conferiram com mão larga.

Haja vista ás constituições elaboradas pelos povos: ellas tem para os dynastas todo o horror dos espectros: só as aceitam em presença das circunstancias, mas aguardam a occasião opportuna em que as possam substituir por outras que outorgam, e que são o sophisma, ou absurdo em que baseiam todo o seu poder condemnado pela sciencia e pela propria dignidade popular.

Exemplos a registrar temol-os entre nós. As nossas constituições mais democraticas jazem sepultadas no pó do esquecimento, desterradas, para se ostentar ali vergonhosamente a carta d'alforria dada por considerações de interesses pessoases.

Convençamo-nos de uma vez para sempre de que o povo não carece de concessões dos reis para se governar, e de que a monarchia nos tem illudido e ludibriado n'aquillo que no homem deve ser mais digno de respeito — a realza dos seus direitos na sua maior amplitude.

A realza absoluta terminou no seculo XVIII, a constitucional que atravessa uma phase de paroxismos deve morrer no seculo XIX.

Estão bem presentes os factos de Carlos X, de Luiz Filipe e Isabel para que ligados com todos aquelles de que tem sido theatro a nossa terra, nos convençamos de que nunca póde haver união entre a monarchia e a democracia.

E nem se quer se diga que devemos ser monarchicos porque a Europa inteira o é por tradição.

Isto que é aphorismo de grande peso para muitos, não o é de certo para os que conhecem a elevação moral e intellectual dos povos de hoje.

As constituições methaphysicas e theologicas são verdadeiramente incompativeis com a moderna civilização europea.

Os proprios reis tem perfeitamente accentuada a comprehensão d'essa incompatibilidade.

É ver como os monarchas do Norte procuram por todos os meios estabelecer uma firme alliança com os reinos do Sul.

O autocrata das Russias abraça fraternalmente seu primo Guilherme. O imperador d'Austria como que esquecido de Sadowa estreita suas relações com os proprios rivales.

Todos olham tremulos para a França como no principio d'este seculo, os monarchas tremiam de horror e odio ao presenciarem o tragico fim de Luiz XVI.

Mas que importam tantos meios empregados, tantas intrigas de reis que ainda hontem inimigos irreconciliaveis, procuram hoje achar na união o salvamento do perigo commum?

A Sancta Alliança, apesar de sustentada pelos cossacos de Alexandre VI dissolve-se, extingue-se como o ultimo vapor de uma crenga chimerica, e o czar perde com a ultima vasca de uma morte horrerosa a esperança de poder realizar a sua aspiração permanente — o restabelecimento do poder absoluto.

Nada importam os odios reaes, nem a aversão dos que vivem á sombra do throno em repasto abundante para que a idéa democratica não va dia a dia tomando proporções colossaes, para que a republica como consequencia natural do principio, que progride assombrosamente não seja entre nós como entre outros povos a forma de governo estabelecida em breve.

Tambem no principio d'este seculo a revolução teve um triumpho esplendido, e contudo foi immensa a guerra que lhe moveram todos os representantes das instituições caducas.

O segredo da sua força invencivel estava no desequilibrio notado entre o nivel moral e intellectual da sociedade e a velha forma de governo completamente incompativel com a civilização de então.

Nunca honve união tão intima entre os monarchas, nunca foi maior o sacrificio de tantos soldados, nunca se consumiram tantos milhoes, e apesar de tudo, o immenso facho da revolução illuminou a Europa inteira.

O mesmo succederá hoje: o nivel da sociedade exige uma outra forma de governo, e a despeito de todos os rancores hereditarios, de todo o apego ás velharias irracionais, os povos acharão em si a mesma força dos heroes do passado para destruirem obstaculos e aniquilarem opposições sempre encontradas no caminho que leva á realzação dos seus direitos mais sagrados.

A reforma do seculo XVI liberta a consciencia embrutecida e abre novos e amplos horizontes á razão e á sciencia.

No seculo XVII a philosophia Carteziana e Baconiana, desprezendo o pensamento das sbilidades escolasticas, trazem ao espirito humano uma nova vida. No seculo XVIII, os encyclopedistas, lutando corajosos com o passado conduzem por varios meios á revolução de que sahio o governo constitucional.

Cada seculo tem a sua missão a cumprir: a do seculo XIX é estabelecer a forma republicana mais em harmonia com a razão, com o direito, com a dignidade dos povos, e perfeitamente compativel com o presente de grande civilização.



CHRISTUS NATUS EST NOBIS

Ha dois mil annos já que o filho de Maria, erguendo a fronte andaz em face á corrupção, gritou á plebe, ao para — esmaga a tyrannia! gritou ao vil escravo — esmaga a escravidão!

Ha dois mil annos, sim! E o povo dorme! Dorme, embalado a sonhar no grito de Jesus; e vê a tyrannia erguendo o vulto enorme e louco, vae rojar-se humilde aos pés da cruz!

Homem, louco immortal, levanta a fronte e escuta a dor da humanidade! Encara o nobre exemplo do para que morren... Ergue-te, vive, lucha e expulsa d'uma vez os vendilhões do templo!

Coimbra HENRIQUE PEREIRA.

As nossas Colonias

O ministerio regenerador fez o tractado de Lourenço Marques; o ministerio progressista que lhe succedeu aceitou-o, depois de se ter servido d'elle como meio para subir ao poder; declarando por via dos seus órgãos na imprensa que era máu, que era detestavel, que trazia consigo a alinação de uma das nossas melhores colonias; e, todavia chegado ao poder só tem em vista, para alcançar os bons officios do Paço, conseguir a sua approvação pela camara, que era obra creada á sua imagem e similhaça. Não o consegue, porque receia o povo que começa a comprehender os seus direitos e não quer consentir que o que lhe pertence, e representa as esforços de muitas gerações precedentes, seja malbaratado para satisfazer desejos, que não são, que não podem ser os seus.

É adiado o tratado, porque o povo disse: não dou o que me pertence, embora os que se dizem meus representantes o queiram fazer. E pensámos nós de boa fé, que não tinha existido carta alguma para a rainha Victoria; que o governo simplesmente accedia á vontade do povo e que o tractado não seria só adiado, mas mais tarde annullado.

Enganamo-nos. O tractado será apresentado na proxima reunião de camaras, e ouzamos dizelo, será approved; porque a omnipotencia do sr. Fontes se ha de impôr aos seus partidarios, ou antes commensaes; e succeda o que succeder o tractado será aceite pelos seus satellites; não o duvidamos.

É certo que o tractado hoje não tem razão de ser pois que o Transval que era uma colonia ingleza, objectivo aparente do tractado, é hoje um paiz autonomo, e portanto se alguma combinação se deve fazer, é com esse paiz e não com a nossa *fiel aliada*.

Assim o comprehendem todos os homens de boa vontade que veneram as tradições do passado e almejam pelo progresso das nossas colonias no futuro.

Não podemos deixar de admirar a coherencia dos nossos governantes! Hontem reivindicou-se Lourenço Marques ou Alagoa Bay, (que os nossos aliados tudo *britanizam*) para hoje lhes entregar esta importante colonia, esta magnifica bahia, o melhor porto da Africa oriental e não só ella, mas a Zambezia; que não significa outra coisa o tractado de Lourenço Marques.

Dizem alguns: A Inglaterra a troco d'este tractado confirmará os nossos direitos aos terrenos comprehendidos entre o rio Loge e a margem esquerda do Rio Zaire!

Como é boa e generosa a nossa *boa aliada*! Dá-nos o que é *nosso*, e mais ainda tira-nos Cabinda e Molembo. É de agradecer!

A carta constitucional diz no art. 2.º. O seu territorio forma o reino de Portugal, e Algarves, e comprende na Africa occidental Bissau e Cacheu; na costa da Mina, o forte do S. João Baptista d'Ajuda, Angola, Cabinda e Molembo etc. etc.

Mas a Inglaterra tira-nos a Zambezia, a região da Africa occidental comprehendida entre a margem direita do Zaire e o rio Loango Lusó; e nós porque ella *nos dá* o que nos pertence, e de ha muito é nosso; o terreno comprehendido entre o Loge e o Zaire devemos congratular-nos, e entusiasmados bradar viva a nossa generosa aliada! vivam os nossos bons governos! e viva não sabemos mais o que!

É demais, e tudo isto causa nojo! É preciso que o povo esteja vigilante,

continue a olhar pelos seus direitos, e quando algum se lembre de fazer voltar ás camaras o celebre tractado de Lourenço Marques, lhe diga: não o aceitamos e faça tornar bem patente a responsabilidade de tal tratado, vá ella recahir sobre quem for.

E já tempo de pôrmos um termo aos abusos que os nossos governos cometeram, comettem, e cometerão, se os negocios do paiz continuarem a ser geridos pela forma porque o tem sido até hoje.

NUVEM

(L)

É como um lago quieto, de crystal, Onde se espelha a face avelludada D'uma flôr esquisita e delicada, Que se ostenta na riba marginal;

O meu seio, mulher, onde descança A flôr mais ideal da minha esperança.

Quando o vento, soluça tristemente, Como um impio, talvez, na sua dor Desfaz-se emurchecida a pobre flôr, E perturba-se o lago transparente...

Socega o temporal e bonansoso O lago é como o ceu, azul, formoso.

No meu seio, mulher, já não descança A flôr mais ideal da minha esperança.

Porto, dezembro de 1881.

CLAUDIO RUIVO.

CHRONICA

Para tudo se revoltar contra mim, até o tempo nos apparece lacrimoso e triste, chorando não sei que desditas. Ainda, quando ha dias alegres e claros, em que o sol nos inunda e vem, risonho e presenteiro, esteirar de luz o nosso caminho, então lá se formam grupos, que dizem alguma coisa, onde pôde ouvir-se uma novidade, que projectam um passeio, que *vivem*, n'uma palavra. Mas no tempo dos aguaceiros, como agora por exemplo em que a chuva monotona está lavando a vidraça da minha janella? as ruas parecem salas de baile, pela facilidade, com que se deslisa. Uma unica differença é que na sala, há o encanto da musica, a scintillação de bons dietos, o delirio d'uma walsa etc, e na rua? deslisa, amigo, deslisa, e contar-me-has o resultado...

Ora, não havendo assumpto palpitante de novidade, vamos respigar entre os menos antigos, alguns de maior sensação.

Supponho que não julgarás offendida a tua modestia, por eu pensar que te diz respeito uma noticia, interessante para todos que estudam e que trabalham. Quero fallar-te d'uma obra importantissima, que, ha pouco, deu entrada no mundo scientifico de Paris. Dizendo-te que estuda a *hygiene do gabinete de trabalho*, e é este o titulo, manifestei claramente quanto importa conhecê-la e quanto é util seguil-a. De certo, não ignoras a phrase bem conhecida: *O homem é o producto do meio em que vive*. Se na maneira geral de exprimir, ha exagero porque se põe de parte o elemento hereditario, é indubitavel que encerram aquellas palavras merecida homenagem á influencia que sobre nós exercem as condições em que vivemos.

Parece-me, portanto, leitor estimado, que (declaro abertamente que não faço *reclame*) procederias muito ajuizadamente, se ao estabeleceres o teu escriptorio de advogado, o teu gabinete de sabio, o teu *atelier* d'artista, recorresses á licção d'aquelle livro.

Elle indica-te, por exemplo, a distribuição de luz, que mais horas te permite de trabalho; aconselha-te a melhor maneira de conservares o ambiente na temperatura devida; apresenta-te o plano, segundo o qual pôdes ter melhor mobilado, mais agradável, e hygienicamente, o teu pequeno gabinete; elucida-te sobre as cores que devem alli predominar; finalmente habilita-te, seguindo-o a regulares da maneira mais digna e sensa-

ta tudo quanto, pela influencia mesologica, pôde actuar no teu trabalho mental. Como vês, é precioso. Pois bem, previno-te — estou nos meus dias de desinteresse e dedicação — de que só aceito como recompensa, a noticia de que confiaste no livro e que elle correspondeu á tua confiança, com uma boa dose de methodo, saúde, e disciplina adquirida na pratica dos seus conselhos.

Quizera fallar-te do venerando Visconde que ha pouco ainda representava uma das nossas glorias — a revolução de 1820.

Já é tarde, porém; nada direi. Eu creio bem que, similhante ao phenomeno luminoso, que o seu corpo causará talvez sobre o chão do cemiterio, ha de o seu espirito pela phosphorescencia d'aquelle grande talento e d'aquelle character inflexivel, illuminar tambem a pagina das edades. Quanto a nós, para merecermos a consagração da historia, basta que sejamos tanto do nosso tempo como elle soube prestar homenagem á epocha que o viu nascer.

Trabalha-se em Lisboa — e com um affan, que merece os maiores elogios — para commemorar o centenario do Marquez de Pombal.

Eu quero suppôr que a academia não cruzará os braços e ha de vincular o seu nome á historia honrosissima d'aquelle brilhante manifestação.

Quem pretender biographar este grande vulto do seculo 18.º terá de fazer um estudo muito complexo; mas uma das suas feições mais vivamente accentuadas é, de certo, a maneira energica como soube affastar a influencia jesuitica. E o preito que se deve ao Marquez de Pombal — porque é um dever protestar bem alto contra as idéas, que elle soube combater, tão vigoroso — mira principalmente á affirmação de que, sabendo exercer a tolerancia, sabemos tambem conservar illesos os nossos direitos de liberdade e independencia, na accepção scientifica d'estas palavras.

Não offenderei o vosso brio de academicos, julgando necessario pedir que desempenheis n'um acto de tão larga significação o papel que compete á mocidade. Ella deve saber impôr-se pela elevação dos intuitos e pela nobreza do procedimento.

Faço justiça á tempera do seu character, e espero.

Estamos em ferias de natal. Quer sejam gozadas no alegre bulicio dos salões, ao som da musica que nos convida a sollicitar d'uma dama (que tu bem conheces, conquistador feliz...) a honra d'uma quadrilha; quer seja n'uma vasta cosinha patriarchal, ouvindo crepitar o fogo na lareira e seguindo com a vista a derrota do lume no velho tronco, que é usança sacrificar, n'aquellas noites, é certo que não conheço ferias de maior encanto, d'uma tranquillidade mais serena e feliz. Para mim, pelo menos, o natal, passado em familia, é como que uma ablução que purifica pequeninas fraquezas, que muitas vezes pretendem avassallar o espirito. Amigo leitor, quando voltares, alegre e com saúde, vem com a maxima tensão de vontade, para que recomences, cheio de enthusiasmo, a tua tarefa gloriosa e digna. Eu tractarei do mesmo.

Por agora, faço-te as minhas despedidas. Adeus, e se feliz.

BABINET.

CAMARA OPTICA

No meio esteril, acanhado, rachitico, em que a nossa penna vae buscar os assumptos, para offerecer á avidéz d'um leitor exigente em materia da novidades, como devem ser os leitores d'um semanario é difficil, e até raro encontrar um, que dissipae ao mesmo tempo os escrupulos religiosos com que lutamos todas as semanas, quando se trata de encher esta secção que inaugurámos espontaneamente.

Esta difficuldade impõe-se ao nosso espirito como um remorso, domina-nos, intriga-nos e compromette a nossa boa vontade n'esta quadra, em que a politica offerece o aspecto monotonico e triste d'um barco velho, esburacado, vogando n'um mar morto, onde

não ha nem sorvedouros, nem abysmos, nem ondas encapelladas, nem tempestades, enfim nada do que inspirou a Guerra Junqueiro aquelles magnificos alexandrinos do D. João; mas sómente a exhalação miasmatica das aguas estagnadas.

Por aqui pôdes calcular, leitor, os suores frios que humedecem a minha testa, quando peço á imaginação caçada dos labores da semana escolar, uma idéa boa, nova, attraente ou sympathica, para communicar á tua benevola attenção. Eu bem sei que os olhos *rasgados, petulantes* e o perfil artistico, greco de Sophia Menter, ou a voz de Donadro, vibrante, afinada e perfeitamente familiarisada com as mais difficeis partituras, todos esses attractivos de Lisboa elegante ali estão a provocar a minha falta de assumpto, offerecendo-me um thema magnifico para enegrecer a alvura d'estes linguados que tenho deante de mim.

Por outro lado se eu quizesse observar com o meu *binoculo* a physionomia immovel, a impassibilidade nunca desmentida do *homem que não ri*, talvez conseguisse descortinar n'aquella nebulosa *alguma cousa que anda no ar*, pelo menos a Aguia Branca da Russia. Ou então bastava tambem abrir a *carta adorada*, observá-la com o microscopio da critica philosophica, e depois desenrolar perante a tua prespicacia os mil sophismas, as innumerables valvulas, que n'aquelle *apparelho constitucional* dão saída franca e livre a todos os erros, a todos os absurdos dos nossos politicos *gazosos*.

Mas eu hoje queria affastar a minha pobre penna d'esses lodagões, onde porventura terá muitas vezes de ir buscar assumpto, quero dar-te uma noticia fresca, palpitante, que te exalte as tuas crencas, e te alegre o espirito pelo pensamento que traduz. Por isso direi parodiando Thomaz Ribeiro na Indiana:

«Fujamos d'aquella casa, Onde já Deus não mora.»

Sim fujamos da politica, onde não é possível encontrar coisa alguma nas condições desejadas.

Ahi vae em primeira mão.

Na ultima sessão da assembleia geral da Associação Academica, d'esta cidade foi approvada uma proposta para haver no domingo 18 do corrente, uma reunião magna de todos os estudantes de Lisboa, na qual se tratasse de nomear uma commissão encarregada de realizar qualquer manifestação em Maio d'este anno lectivo por occasião do centenario do marquez de Pombal.

Esta idéa que já ha muito existia latente na Academia de Lisboa, e que ahi tambem de certo germina impõe-se á sympathia de todos quantos consideram o governo de Pombal como derradeiro lampejo da nossa grandeza passada. A academia portugueza, dando a este pensamento uma realisação condigna, prova bem o sentimento que anima a geração de hoje, geração de fortes, que tem deante de si o enorme dever e a tremenda responsabilidade do futuro d'este paiz. Investir com os rotineiros carumebosos que para ahi se ostentam de mãos dadas com os jesuitas, mostrando ao mesmo tempo que se possui uma elevada noção da dignidade civica é um brilhante exemplo que só podia brotar das almas sinceras e entusiasmaticas dos moços trabalhadores da sciencia.....

Hurrah!!! pela academia!!!!

BINOCULO.

LISBOA

13 de dezembro de 1881

A publicação d'um jornal republicano n'essa cidade é um facto que me regosija immenso e que deve igualmente regosijar todos os republicanos; tornava-se necessario que algum protestasse contra umas certas leviandades que parte da academia de Coimbra tem praticado ultimamente e que ainda actualmente practica, quando se refere em termos menos justos ao nosso collega *O Seculo*, como acabam os de vôr na *Porta-Ferreira*.

A actual geração academica de Coimbra necessitava ter um órgão seu na imprensa



onde affirmasse as suas convicções democraticas, onde manifestasse perante o paiz, que espera d'ella muito, que ha ali tambem quem se interesse pelo movimento politico.

Comprehenderam-no assim alguns academicos, e apresentam-nos um semanario desassombadamente republicano e esplendidamente redigido — *A Evolução*.

Permitti que vos saúde, como a moços cheios de vida e de aspirações generosas, que se interessam pelo futuro da sua patria, e que procurando cumprir o que prometti, envie por hoje uma meia duzia de noticias que julgo interessantes.

N'estas ferias politicas que geralmente precedem a abertura do parlamento, qual quer assumpto que apparece é logo tomado pela imprensa, e ella tracta de o explorar quanto pôde para sustentar os leitores. N'esta semana temos o caso Gomes Leal e o caso de Grandola. Quanto ao primeiro temos simplesmente que observar duas cousas, visto que todos os episodios a elle relativos são já demasiadamente sabidos. Lamentamos, ao mesmo tempo que nos repugna, que a imprensa tenha feito *blague* com o attentado de que se diz victima o poeta do *Renegado* e da *Traição*; a missão da imprensa n'um caso d'estes, era insistir com a policia para que descobrisse os auctores do attentado contra um cidadão d'este paiz, quer elle tenha atacado as instituições quer não. A imprensa monarchica seguindo este caminho faz suppor que applaude o acto, que a julgar pelas circumstancias referidas pelo *Diario de Noticias*, foi cobarde e traçoeiro. Por outro lado—tambem nos parece que Gomes Leal e o seu companheiro teriam posto termo a toda a questão narrando cathogorica e comprovadamente o que lhes havia succedido, não deixando margem a quaesquer duvidas. Que Gomes Leal foi ferido, não nos resta duvida alguma, porque o vimos; se o attentado foi premeditado ou se foi de momento, ignoramol-o.

Outro caso, o de Grandola, é grave, e podem os desatinos do sr. Arrobos levar aquella população, que até aqui vivia feliz e independente e comprehendendo bem os seus deveres, a praticar quaesquer actos violentos, que serão justificados porque essa população practica-os em sua legitima defesa.

As arbitrariedades de que os municipios grandolenses têm sido victimas e que têm sido narradas no *Seculo* pelo nosso honrado correligionario e digno presidente da camara municipal d'aquelle concelho, devem ser repellidas com energia, e mostrar ao governo e ao sr. Arrobos que o povo de Grandola tem aquella camara municipal porque quer.

Domingo verificar-se-ha uma reunião academica, no edificio da Escola Polytechnica, com o fim de resolverem sobre o modo de ser commemorado o centenario do Marquez de Pombal.

Consta-nos que alguns membros do partido republicano tractam novamente da organização d'um directorio, para o que tem sido já feitas algumas reuniões.

Ouvimos dizer que será primeiramente convocado um congresso de representantes de todos os centros e jornaes republicanos do paiz e que d'esse congresso sahira então a eleição do directorio. Achamos este alvitre bom e devemos todos desejar que elle tenha a sua realisação practica.

Acabam de nos informar que *O Povo d'Aveiro*, semanario republicano que yae brevemente publicar-se em Aveiro, conta grandes elementos de vida; a empreza adquirio uma typographia propria e o corpo de redacção está sendo escrupulosamente escolhido.

Antonio Furtado.

### Opinião da Imprensa

*Vanguarda*: — *A Evolução*. Com este titulo começou a publicar-se em Coimbra um semanario republicano, cujo primeiro numero sahiu em 27 de novembro findo. As ideias sustentadas n'este periodico acham-se consignadas nos lemmas que rodeam o titulo e que são os seguintes:

«A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.» *Augusto Comte*. «Com os progressos da cultura geral o governo republicano

deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.» *Hartmann*. «Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.» *Herbert Spencer*.

Esta folha é colloborada por muitos escriptores de verdadeiro merito, entre outros por Julio de Mattos, Xavier de Carvalho, Bruno, Xavier Pinheiro, Horario Ferrari, Luiz de Magalhães, Joaquim de Araujo, Gomes Leal, Salazar Moscoso, Abilio Maia, Antonio Feijó, etc.

Desejamos ao novo collega prospera vida.

*Progresso do Algarve*: — Recebemos e agradecemos o 1.º numero d'um jornal que começou a sua publicação em Coimbra e que tem por titulo — *A Evolução*.

É francamente republicano, traz artigos muito bem escriptos e apresenta uma redacção escolhida.

Felicitemos o novo collega e que goze prospera vida.

*Jornal de Vizeu*: — *A Evolução*. Recebemos os dois primeiros numeros d'esta folha republicana, redigida e publicada em Coimbra por um grupo de homens competentes.

Desejamos-lhes prosperidades para ter longa existencia.

— Nas suas correspondencias de Coimbra dizem:

*A Folha do Povo*. Esquecia-me dizer algumas palavras a respeito d'um jornal academico que acaba de ver aqui a luz da publicidade — *A Evolução*.

É um periodico extremamente serio e esplendidamente redigido. Com estes predicações deve ter, cremos nós, uma longa e brilhante vida.

Felicitemos, pois, os seus illustres redactores pela generosa idéa que presidiu ao seu empreendimento e pela maneira dignissima como fizeram uma estreita nas lides da imprensa.

— *O Diario da Manhã*. «*A Evolução* procura demonstrar nas suas columnas que a monarchia constitucional é uma forma transitoria para a democracia. Sem concordarmos n'este ponto, affirmamos que insere artigos bem pensados sobre politica, e litteratura.

Parece-me entretanto que ambos os semanarios (o nosso e a *Porta-Ferreira*) não terão muito tempo de vida.

Auguro-lhes a existencia d'uma rosa: *l'espace d'un matin*.

Encontramos-nos na mesma opinião Malherbe e eu.

Longe vá o seu agouro, estimavel correspondente.

### REVISTA ESTRANGEIRA

O sr. de Bismarck que pretendeu aproximar-se do partido ultramontano, foi por este repellido e a sua posição em frente do Reichstey não melhorou. Por outro lado as relações da Prussia com a Russia parece-nos esfriarem e é o que concluimos do telegramma que transcrevemos:

Londres, 22, m.

O *Morning-Post* publica um despacho de Berlim affirmando que voltam a estar muito tensas as relações da Allemanha com a Russia.

O sr. de Saburoff foi chamado a S. Petersburg para explicar qual é o fim da missão turca.

A Hespanha que uos de boa fé supposemos entrada no caminho das reformas liberaes hesita em parte da reacção clerical, e longe de progredir, recusa porque sabe que o ultramontanhismo, tem um forte apoio no paço.

Em França terminou o processo Roustam e Rochefort, sendo este absolvido.

## NOTICIARIO

O partido *Constituinte* acaba de prometter ao paiz um *manifesto*, onde exhibirá o programma da sua administração politica, se for chamado aos conselhos da corôa,

O sr. Dias Ferreira, chefe do partido de que vimos falando, quando foi ao Porto homologar a sua alliança com o grupo politico, capitaneado pelo sr. de Samodães, indicou ahi, se bem nos recordamos, as bases fundamentais do seu programma administrativo, acerca do qual nós ouvimos queixar alguns correligionarios, distintos pelo seu talento e valia eleitoral, do grave erro politico que no Porto commettera o sr. Dias Ferreira. O pacto jesuitico-politico, fez estremecer as adhesões d'alguns valiosos soldados do partido *constituente*, os quaes diligenciaram ver n'esta alliança outro fim, cujo alcance não pretendemos investigar.

Mas estes fogos-fatuos do partido *constituente* não illudem ninguem; representam apenas um simulacro de valor, porque os partidos, regenerador e progressista entendem-se e aproximam-se, não obstante as suas inimidades, ora surdas, ora declaradas, quando se trata de vencer e suplantiar qualquer elemento que porventura possa hostilizar-os, porque estes partidos não duvidam alliar-se sempre que seja preciso combater e debelar o inimigo commum.

Para quem escreve estas palavras é convicção intima que o partido *constituente* morrerá de cansado, exaurido, porque realmente incommoda e exaspera julgar-se a gente proximo, muito proximo a *entrar* e ser constantemente repellido por aquelles, que nos empurram para empecer a passagem d'outrem.

Tal suplicio é cruel, e impaciente; perde-se a coragem; desfalece-se, e vem ainda o ultimo arranco que, no cazo sujeito, é o apregoado *manifesto*.

O poder é e será sempre para os *constituente* uma miragem; nada mais e nada menos.

Podem dizer-nos que o partido *constituente* tem feito um *recrutamento* importante, mórmente no *estado maior*; que importa isso, se essas novas forças, reunidas ás já existentes ainda não possuem uma tensão capaz de vencer nem sequer equilibrar a resistencia que lhes oppoem o paço, os regeneradores e progressistas? A energia d'esta resistencia snbstituirá inalteravel; a sua duração depende da conservação malefica d'estes tres elementos que guerreem a todo o transe o partido *constituente*, porque estão profundamente convencidos de que o sr. Dias Ferreira, uma vez em posse do malhete, só o abandonaria a tiros de dynamite.

Não lhes convém as redeas do governo nas mãos do chefe do partido *constituente*, e por isso julgamos incommensuravel a distancia que separa este partido dos tão invejados attractivos da *publica administração*.

Entendemos pois que ao partido *constituente* resta apenas um alvitre aceitavel: — combater com a maxima lealdade e energia os partidos monarchicos, alistar-se com dedicação provada na causa do povo, repellir as conveniencias reaccionarias e enfileirar-se no partido republicano, que tem por si a maioria do paiz.

Se o partido *constituente* não adoptar esta norma de proceder, ficará indefinidamente meio de passagem, simples degráu, sem lograr jámais o seu desideratum, *monarchicamente* considerado.

Falleceu no Porto o pae do nosso estimado amigo Leopoldo Mourão.

O finado era um dos mais distinctos advogados portuenses.

A seu filho enviamos os nossos sinceros pesames.

Recebemos e agradecemos a GANASTILHA INFANTIL, *gaceta illustrada para recreo, instruceion y utilidad práctica de los minos y de las madres*.

Este magnifico jornal excellentemente impresso, tendo uma gravura colorida á parte publica-se em Paris no dia 15 de cada mez.

Preço na Europa, por anno 5 pesetas; com figuras e debuxos 7 pesetas.

Assistimos na quarta feira á recita *particular* dada pela Sociedade Dramatica *Philantropico-Coimbricense*.

Esta Sociedade composta de artistas, alguns dos quaes de muito merecimento, dá de trez em trez recitas uma representação cujo producto reveste em beneficio da Sociedade *Philantropico-Academico*.

Foi a scena o *Sargento-Mór de Villar*, cujo desempenho nada deixou a desejar da parte de alguns dos interpretes. Especialisaremos os srs. Adelino Veiga, Santos, Lucas, Antonio Sanhudo, e a sr.ª Julia Arminda.

Sentimos que o pouco espaço de que dispomos não nos permitta occupar-nos desenvolvidamente d'este assumpto.

Agradecemos o bilhete com que fomos brindados e felicitamos os distinctos amadores que ás nobres e generosas qualidades do seu coração reúnem eminentes meritos artisticos.

Aos leitores d'este jornal e aos nossos estimados colloboradores Antonio Furtado e *Binoculo* pedimos desculpa da demora que houve na publicação dos seus artigos. Esta delonga fez com que perdessem o caracter natioso, não, porém, o merito intrinseco que possuem.

Ao nosso estimavel collega *O Seculo* agradecemos as transcripções que fez do nosso jornal e as palavras lisongeiras que nos dirigiu.

A imbecilidade dos nossos governantes é muitas vezes a causa de que grandes committimentos não tenham bom resultado.

Por iniciativa da sociedade de geographia de Lisboa resolveu o governo fundar na Africa estações civilisadoras, á similhança da Belgica, que infelizmente nós deu o exemplo; procurou homens com conhecimento das localidades e do caracter das populações indigenas; e até agora, que nós sabemos, só tinha nomeado chefe da estação civilisadora do Zaire o sr. Nuno Queriol, digno official da armada; que, contente, acceitou; porque ia trabalhar em prol do seu paiz, deixando o conforto e doce remanso da familia, e esquecendo os incommodos, as doencas, os trabalhos de quem vive n'aquellas regiões, por s. ex.ª já experimentados. Pois bem; o governo por meio, pensa nos nós, de não poucas desconsiderações obriga este distincto official a pedir a sua demissão de tal cargo; ordena que um outro official seu filho — assista e superintenda na construção d'um vapor que não ha de commandar, e que será destinado a regiões, que *talez* este official desconheça — 2.º que este official seja nomeado commandante do vapor *Vilhena* para poder vir a Lisboa passar a epocha de S. Carlos!

É de mais!

Não admiramos que as nossas colonias decáiam, que as nossas estações civilisadoras fiquem em embryão, que o paiz se mostre indifferente ao apello da sociedade de geographia de Lisboa, quando vemos os altos poderes do Estado serem os primeiros a descurar os interesses das colonias e pertenderem mostrar-nos que ellas só são boas para a venda.

Desejavamos saber se o official que vem a Lisboa commandar o vapor *Vilhena* o levará tambem para a Africa e alli se conservará o tempo marcado para sua estadia.

Duvidamos; porque no verão pôde viver-se em Londres.

São coisas nossas!

Houve, segundo nos consta, grave desordem nas proximidades da rua da Sophia. Dizem-nos que um policia, cujo numero ignoramos, procedeu menos briosamente.

A abertura da exposição d'arte ornamental deve verificar-se no dia 12 de janeiro assistindo a este acto os reis de Portugal e Hespanha. O nosso ministro em Hespanha já entregou a respectiva carta de convite a D. Afonso XII.

Partiu d'esta para a cidade de Braga a passar as ferias do Natal o nosso amigo João Baptista Martins Jorge.





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient*. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. Comte, *Cours de Philosophie positive*, t. 6, pag. 298.

N.º 6

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 1 DE JANEIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

### EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a importância das assignaturas da *Evolução* em Tavira o sr. Sebastião Galvão e em Lagoa o sr. Domingos Faria.

Os srs. assignantes das localidades onde não temos correspondente, obsequiem-nos enviando em estampilhas a importância de suas assignaturas á Administração da *Evolução*, na Couraça dos Apostolos 29, 3.º.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria do sr. João José Baptista, Kiosque do Rocio.

### O PARTIDO REPUBLICANO

Como os nossos leitores já sabem trata-se de organizar o partido republicano portuguez, subordinando a sua acção a um directorio commum a todos os centros republicanos.

Este facto suggere-nos algumas considerações, que vamos expôr.

As idéas que defendemos acham-se profundamente radicadas em Portugal, e o partido que as acceita e propaga é hoje fortissimo, porque se compõe dos elementos mais sinceros e dignos com que a nação portugueza pôde contar.

Assim é e assim devia ser. As fórmulas de governo que não teem uma base scientifica vivem quasi sempre do prestigio dos seus adeptos ou da corrupção dos governados. Napoleão III imperou na França com o systema de corrupção que tornou celebre a sua epocha, e Victor Manuel reinou sem contestação na Italia com o prestigio do seu nome e a gloria da sua espada.

Em Portugal os actos do sr. D. Luiz são discutidos na imprensa d'uma forma pouco propria para lhe conquistar um nome glorioso. Pobre inviolabilidade real! Como os teus sectarios te respeitam no tempo em que não são governo!

A monarchia está morta em Portugal: ha ainda homens sinceros que a desculpam; que se enthusiasme ou se deixe deslumbrar por ella é que já não ha ninguém.

Mas compram-se adhesões e compra-se enthusiasmo. Para defender uma causa, por mais injusta que seja, é facil encontrar mercenarios. É o meio de que usam os nossos governos para sustentarem o rei, que os sustenta a elles. A corrupção é uma arma de cem gumes habilmente manejada em Portugal pelos governantes. Elles corrompem com ameaças, com promessas, com augmento de ordenados, com gratificações, com dinheiro. Mas a corrupção é um meio

que só pôde servir passageiramente nas epochas em que o senso moral está mais abatido. A sua acção é transitoria, como transitorio é tambem, felizmente, o estado da nação em que se exerce.

Contra esta corrupção protesta a maioria da classe commercial, que odeia as honrarias e que só procura no trabalho honesto a sua nobreza e o seu brazão.

Contra esta corrupção protesta grande numero de proprietarios em cujo espirito já não preponderam os governos monarchicos, fazendo-lhes erer *republica* synonymo de anarchia, de desordem, de confisco. Elles convenceram-se hoje de que quem lhes incutiua taes idéas não fez mais do que especular com a sua ignorancia; elles teem já uma comprehensão lucida e perfeita da republica e sabem que a monarchia foi a causadora dos maiores confiscos e das mais profundas desordens, fomentadas pelas ambições reaes.

Contra esta corrupção protestam os operarios, que, em condições precarias, podiam ser mais tentados a deixar-se corromper, mas que pensam hoje que vender o seu voto é vender o seu proprio futuro, o de suas familias, o da sua patria. E cumpre dizer que é d'elles que vem ao movimento republicano a cooperação mais franca, mais leal, mais sincera.

Contra esta corrupção protesta, finalmente, a grande maioria da mocidade enthusiaslica das escolas, que prefere viver no futuro honrada e nobremente a vestir uma farda agaloada ou a disfructar um emprego rendoso, envilecendo-se na torpe camaradagem dos politicos de bordel sem consciencia, sem dignidade e sem honra.

São todos estes elementos fortes, sinceros, trabalhadores; são todas estas forças utilissimas, mas dispersas, que o partido republicano vae tratar de coordenar.

As associações em que se reuniram, separadas umas das outras, indifferentes quasi, não podem, taes como existem, cooperar com todo o proveito no movimento republicano. Sommar estas energias, em parte perdidas por falta d'uma direcção harmonica; encaminhal-as no mesmo sentido, fazendo-as convergir no mesmo foco, parece-nos um dos maiores serviços que se podem prestar não só ao partido, mas ao paiz inteiro.

Não é ousada a nossa affirmacão. Já n'outro lugar sustentámos que propagar as idéas republicanas era cumprir um dever de patriotismo. Nas nações como a nossa, á qual o curso infallivel dos acontecimentos ha de impôr n'um futuro proximo o governo republicano, demonstrar as vantagens de tal instituição, evitando que o paiz receba o seu estabelecimento

como um mal, que não é, affigura-se-nos um dever de todo o portuguez.

Esta missão elevada e patriótica pertence ao partido republicano. Elle é responsável perante o paiz pelo modo por que dirigir a sua acção, que é d'uma importância superior.

Da boa ou má direcção que a si proprio dêr pôde depender não só o seu futuro, mas o destino da patria.

Terão todos os republicanos pesado bem a importancia d'estas considerações? Os que não o fizeram que o façam agora, quando o partido vae ser finalmente organizado.

É do mais alto interesse politico que pensemos detidamente nas bases em que nos vamos organizar e nós chefes que elegeremos para nos dirigir.

### As nossas Colonias

Pelo que acabamos de lêr n'uma correspondencia do sr. A. R. Saraiva cada vez nos convencemos mais de que é bem verdadeiro o que dizia o bom Tolentino:

..... Promptos contendem.  
Promptos decidem do que nada entendem.

O sr. Saraiva é homem que muito respeitamos, que veneramos até; porque é um portuguez de convicções, boas ou más, que temos de acatar, porque não podemos impôr as nossas a quem as não quer acceitar; nem é a nossa missão o chamar ao nosso *credo* os contumazes.

O sr. Saraiva terá razão em tudo, nos desgostos que soffreu pelo sr. D. Miguel, nos que lhe causaram os seus partidarios e bons amigos; mas no que de certo a não tem é na maneira como quer civilisar as nossas colonias que tanto parece estimar e que com certeza desconhece.

É talvez arrojada a nossa affirmacão, mas se só encararmos o que s. ex.ª affirma, pelo lado geographico podemos desde já asseverar que Landana está tanto na foz do Zaire, como Portugal está na Cochinchina.

Landana está proxima da foz do Cacongo lat. 5.º long. 12.º com pequena differença; está portanto situada esta povoação na região africana occidental, contestada pela *nossa boa alliada*.

É alli que se abrigou a missão franceza que se denomina do Espirito Santo; é d'alli que já partiu para a margem direita do Zaire uma sucursal que lá se acha em Bôma confortavelmente estabelecida; e note-se que não foi ainda para a margem esquerda do rio por temer que mais tarde ou mais cedo esta seja occupada por auctoridades portuguezas.

É preciso historiar a razão d'este procedimento.

Em Portugal, em que pese ao sr. Saraiva, não se admitem congregações religiosas. O sr. Carrier que esteve em Portugal, no seminario de Santarem, o seu superior o padre Duparquet e mais alguns que então eram lazaristas, e mais tarde passaram para a ordem do Espirito Santo, foram d'aqui expulso com as boas irmãs da caridade, que muito respeitamos, (apesar de admirarmos o ar seraphico com que os nossos bons padres

lhes chamavam *les bonnes sœurs*). D'aqui marcharam para Gibraltar e mais tarde depois de terem estado em Paris, onde receberam instrucções do *geral* da ordem, foi o padre Duparquet para o Gabão onde estabeleceram uma missão, e d'alli sabiram em seguida, o padre Carrier e outros para Loanda onde ficaram por algum tempo.

Até aqui temos procurado narrar os factos que nos contaram; e pensamos serem veridicos.

Depois de estabelecidos em Loanda e no Ambriz os missionarios, que lá são desejados pelo sr. Saraiva, chegava á capital da diocese um Bispo, que muito naturalmente, inquiria do numero e da qualidade dos subditos e cooperadores na grande obra da civilização das suas ovelhas; pois bem os missionarios francezes que alli estavam, que tinham para alli ido simplesmente para ensinar aquelles ignorantes e realizar o que o Divino Mestre lhes tinha imposto:— *Euntes docete omnes gentes*;—esses recusaram-se a reconhecer a auctoridade episcopal, para só reconhecerem a do *geral* da sua ordem.

Pôde alguém chamar a isto caridade evangelica, amor pelo rebanho e todos esses palavrões, que por ali vemos mal baratados e que assim empregados nada significam?

Lastimamos do coração que o sr. Saraiva nos venha dizer: exultemos pela ida de Mgr. de Borrel, bispo d'Archis com um seu companheiro, que subsidiados pela França vão estabelecer-se em missão na foz do rio Zaire, Landana (sic) (Congo).

Mal pensam os que vêem este amor dos missionarios francezes pelos indigenas das nossas colonias, que elle apenas significa a ruina d'ellas, ou que assim lhes succederá o mesmo que se deu no Paraguay.

Vimos alli os missionarios francezes, sabemos o que elles são e d'elles nada esperamos!

Sabemos que procuram introduzir-se nas colonias portuguezas, e ainda ha pouco para lá foi o irmão do padre Duparquet, mas estamos certos de que não vão trabalhar na vinha do Senhor.

Sobre este assumpto muito temos que dizer, e lamentamos que, homens de boa vontade advoguem uma causa que os factos todos os dias condemnam.

Continuaremos.

Na *Vanguarda* de 23 de dezembro escreve o sr. Reis Damaso estas palavras:

«Temos visto a *Evolution* semanario democratico redigido por alguns intelligentes academicos. Sejamos francos: não obstante as aspirações generosas d'estes rapazes o que não podemos deixar de louvar, a *Evolution* peca por falta d'uma orientação definida. Os artigos que insere, ordinariamente bem escriptos, tem pontos de vista falsos, o que não admira, se attendermos á pouca experiencia d'estes mancebos que se filiam no partido republicano, e á sua instrucção metaphysica. A universidade de Coimbra carece de grandes reformas. Os livros por que alli se estuda ainda hoje, são os mesmos porque se estudava ha muitos annos, ao passo que todos os dias novas faiscas nos vem allumiar o espirito fora da academia. É triste, é doloroso realmente, termos ainda entre nós a faculdade de theologia. Que podem os rapazes avançar em contacto com os padres, ouvindo as lições estupidas dos theologos?»



«Louvamos as ideias democraticas dos redactores da *Evolução* crendo-os sinceros e convictos, mas pedimos-lhes mais estudo e firmeza nas theorias que avançam. Esperamos vê-los mais praticos e positivos.»

Para justificar as censuras que nos dirige apresenta o preclaro escriptor a affirmação hoviíssima de que a universidade precisa de grandes reformas, assevera que os livros n'ella adoptados são velhos, e que novas fascias nos vem allumiar o espirito fóra da academia. Tudo novidades!

Mas damos a nossa palavra de honra ao sr. Reis Damaso que não fomos nós que fizemos os estatutos da universidade, e que não foi precisamente do fôco universitário que destacou a faísca republicana para nos allumiar o espirito. Em tempo algum nos achámos investidos das altas funcções legislativas necessarias para reformar esses estatutos, nem tam pouco das attribuições precisas para fazer adoptar outros compendios.

Que mais quer? Que clamemos pelas reformas?

Já o temos feito na imprensa; já o fizemos em varias assembleias da academia, representando aos poderes publicos que têm invariavelmente despedido as nossas representações. Quer que levantemos barricadas? É bonito, mas é antigo, e para homens de processos novos...

Que lhe diremos a respeito dos livros? Que temos lido mais alguma cousa do que os compendios das aulas, e que, por isso, o nosso cerebro, apesar de não ter uma orientação definida, como o sr. Reis Damaso diz, está um pouco mais bem orientado que o de s. ex.<sup>a</sup>

A orientação foi sempre a monomania do sr. Reis Damaso. Elle sempre tem sido bem orientado, o diabo do intransigente! Foi a sua bella orientação que o levou a escrever o *Anjo de Caridade*, excellent livro com um appendice impresso a vermelho, cheio de bajulações á ramha. Sentimos não termos á mão esta obrasinha para darmos um alegrão aos leitores.

Proseguindo, diz o escriptor que temos pontos de vista falsos, o que é devido a pouca experiencia e á nossa educação metaphisica. Estamos certos de que, se o tivessemos por guia, apesar de inexperientes, obrariamos prodigios. Mas, paciencia, não temos tamanha dita!

Segundo nos parece o escriptor chamamos metaphisicos porque frequentamos a universidade. E' capaz de chamar metaphisicos aos srs. Theophilo Braga e Emygdio Garcia, por terem cursado com distincção a faculdade de direito. E' capaz de chamar reaccionario a Raspail, porque foi educado n'um seminario, e a Ardigo, o mais eminente dos positivistas italianos, porque foi conego da cathedral de Mantua. Ora o diabo do homem!

Continuemos. «E' triste, é doloroso realmente, termos ainda entre nós a faculdade de theologia.» Effectivamente a theologia, tal como se ensina no nosso paiz, é uma vergonha nacional. Mas d'aqui a pedirmos a sua suppressão, como o articulista quer, vae uma grande differença. A religião é um phenomeno social que cae sob o dominio da sciencia, exactamente como a arte, como a litteratura, como a legislação, como as linguas. Sobre a sciencia das religiões ha hoje trabalhos do mais alto valor scientifico; supprimir o seu estudo seria um absurdo tal que só poderia ser applaudido por escriptores da força do sr. Reis Damaso.

Hoje não se pensa em supprimir a theologia; o que se deseja é expurgal-a do sobrenatural, applicar-lhe os novos processos de critica, reformal-a, enfim. Em 1876 decretou a Hollanda a secularisação das faculdades de theologia nas universidades de Leyde, Utrecht e Groningue, e desde 1877 que a theologia se ensina ahi, como deve ser ensinada, scientificamente, positivamente.

Os jornaes scientificos tem-se occupado d'este assumpto. O sr. Damaso ignora-o. A culpa é sua.

Falla ainda o nosso illustre censor: «Que podem os rapazes avançar em contacto com os padres, ouvindo as lições estupidas dos theologos?» É naturalmente por estarmos em contacto com os padres que o pasquim que elles publicam em Coimbra — ao qual não respondemos porque respeitamos a irresponsabilidade dos idiotas — nos saudou,

chamando-nos «assassinos da honra, da virtude, da propriedade e de tudo quanto ha de mais santo sobre a terra.»

Por estas considerações podem os leitores avaliar a auctoridade com que o inflexivel republicano, auctor do *Anjo de Caridade*, nos pede mais firmeza nas theorias que sustentamos, e o jornalista, que diz tão descompassados disparates e revela tão grande ignorancia em tão pequeno escripto, nos aconselha a que estudemos mais.

Algumas palavras ainda e terminamos. Em todas as manifestações em que a academia tem revelado falta de espirito democratico, arrastada por alguém que faz d'ella materia de especulação politica, o auctor d'estas linhas tem sido sempre um dissidente franco e declarado. A *Vanguarda* sabe isto muito bem; o proprio sr. Reis Damaso o escreveu, se nos não falha a memoria, quando noticiou o apparecimento da *Evolução*.

Os redactores d'esta folha conseguem sustentar um jornal republicano n'uma cidade em que o partido não tinha sequer um orgão das suas ideias.

Para alcançarmos este fim pozemos de parte o nosso interesse pessoal, as advertencias benevolas dos amigos e até as proprias considerações de familia. Trabalhando sem descanso e fazendo os maiores sacrificios pecuniarios, sob o peso do desdem dos indifferentes e das calumnias vilissimas dos adversarios, temos seguido o nosso caminho, com a consciencia limpa e com a frente levantada. E quando, respeitando o nosso procedimento digno, a quasi totalidade da imprensa nos dirige palavras de animo e de benevolente affecto, apparece a *Vanguarda*, que nos devia conhecer melhor, com as suas censuras asperas, duras, injustissimas!

Obrigado, senhores, obrigado! Ficamos de hoje em diante convencidos de que os maus correligionarios são mil vezes peiores do que os adversarios leaes.

Se a *Vanguarda* não seguisse tal caminho, não seria alcunhada de diffamadora pela *Folha do Povo*, o jornal mais antigo e um dos mais auctorizados do partido.

O mesmo jornal ainda se occupa de nós n'outro logar. Como o auctor do artigo a que se refere não se acha actualmente em Coimbra, remettemos-lhe a *Vanguarda*, e ficamos esperando a resposta que talvez saia ainda n'este numero.

## AO GENIO

(FRAGMENTO)

Quer seja a dura voz ironica e febril que a meus ouvidos soe intemerata e hostil n'uma viva explosão de calida risada; quer seja o ribombar d'uma epopeia alada que faça estremecer os longos do Universo os negros corações — o que haja mais adverso e o que haja mais amigo — as almas somnolentas e as almas ideais, eternas, virulentas; — seja de Rabelais, Cervantes, Molière, doce como Mozart, rija como Voltaire, — essa voz que pelega, ardente e resoluta se é justa e se é viril, se é pelo Bem que luta — é sempre a voz do genio austero e vingadora, que vae correndo o mundo im avida e sonora! Eu queria-vos cantar, genios per'grinos, bons e ter na minha lyra uns delicados sons, grandes almas viris, eternos deslumbrados que illuminas de ha muito os tempos perpassados! E' vossa lenda estranha um rastro de cantares! São vossa lyra angusta, a vossa lyra santa conserva a nota ideal, longinqua e sacrosanta, que vae de mundo a mundo e vae d'idade a idade, inundando o porvir, sulcando a immensidade!

MANUEL DA SILVA GAYO.

## CAMBIANTES

Depois do gasto immoderado de tintas que me permitti ao apresentar-te esta secção, amigo leitor, era justo que te desse um quadro simples e util em que, não descobrindo, ao menos estudasse alguma coisa.

Não estranhes a rude apparencia do artigo que precedeu este.

Nunca entraste no atelier d'um pintor?

De certo já, e com certeza tambem vistas a um canto uma palheta, a victima da experimentação das tintas, onde estas se amontoam, se confundem, dando ao pobre pedaço de madeira uma apparencia estranha e mendicante, um trajar comico de *bric-a-brac*.

Pois o meu artigo anterior, que não foi escripto, mas pincellado n'uns toques rudes, afirados sem procurar effeitos, semelha-se um pouco á tal palheta que tomei para exemplo.

Infelizmente para mim não poderei continuar a sustentar a comparação entre as minhas obras, e as que um pintor (ainda que modesto) poderia tirar da tal palheta.

Não te darei nitidamente um canto de paisagem risonha, com sombras tentadoras d'arvoredo verdejantes, com um pequenino casal feliz e alegre, d'uma apparencia confortavel, com uma fonte limpida e sonora, onde ao cahir da tarde os bois fatigados do trabalho vão mergulhar os focinhos lúsidios.

Não te darei uma marinha, com o seu horizonte brumoso, com um mar picado, com embarcações arribadas, onde pescadores bronzeados trabalham activamente, emquanto n'um canto do quadro duas formosas raparigas concertem redes, e garotos semi-nus, selvagens briguem denodadamente.

Em fim não te darei um estudo completo d'um costume caracteristico; não te mostrarei um ridiculo social em todas as suas attitudes.....

— Tu já leste o livro de Maxime Rude — *Les Dames* — (d'après nature)?

Não prima pela forma. Não tem um grande rigor esthetico, não tem uma nitidez perfeitamente satisfatoria.

Não chrystaliza n'uma phrase segura e synthetica nada do que de leve estuda.

É como um cliché onde pouco a pouco se vão sumindo, sumindo uns typos deliciosos, que o auctor, malicioso photographo, surpreendeu na travessia d'um salão ou d'um boulevard, ao rapido volitar d'uns pés pequenos, *mignons*, que cantam sobre o asphalto, dando arrippos.

Mas tu já de certo conheces o livro. Despertou-te evidentemente a attenção aquella grinalda de perfis, que circundam o titulo, como uma tentação, como uns diabitos pretos, assustadores.

Aquella de mantilha..... olhar de sevilhana..... e a outra que está com uma pequena mascara muito condescendente, que mal abriga o rostosinho provocante..... etc.

É verdade que se Maxime Rude não estuda bem um typo, poucos ha que como elle denotem n'um traço gracioso a passagem d'uma d'aquellas sylphides (civilizadas). Tudo n'aquelle livro é rapido como um olhar fulminante, como o agitar d'um leque, como o esfuziar de phrases curtas, d'uma mordacidade caustica!

Maxime Rude *pilha* perfeitamente uma attitude provocante, *effrontée* d'uma das suas heroínas; — mas isto n'um curto momento, com a prestesa mecnica d'um apparelho ricamente montado; logo apoz o typo que elle acaba de dar, segue-se outro e outro n'um turbilhão de risos, de motejos, de *espiegleries*, de *poses*: acabamos de ver no cliché do seu estylo a cabeça febril d'uma morena ardente, que de certo amaria um toureiro, e logo a vemos desaparecer, e substituir por uma loira, phantasiada, que talvez amasse alguns milhões; passados tres ou quatro typos já nos não lembramos do primeiro; o que nos provoca a voltar ao principio, e nos envolve na cadeia brilhante, n'aquelle grande bailado de formas captivantes.

E vai tudo *au grand galop*!!

Pódes crer, leitor: depois de leres Maxime Rude não ficas tão moralisado como.... como Santo Antonio, mas ficas menos sem-saborão do que o sr. Alberto Pimentel!...

DE GÉRY.

## Festas na Córte

Vimos n'uma folha de Lisboa o projecto dos festejos que se hão de realizar em hon-

ra de S. S. M. Catholicas, que n'este mez visitarão a nossa capital ao som alegre dos foguetes nacionaes, das musicas afinadas das nossas tropas e dos jornaes do governo.

Estreitando a solidariedade monarchica julga o actual regimen justificar os numerosos desfalques no thesouro e as exigencias que constantemente assaltam a bolsa do pobre burguez que teve a desventura de nascer n'este jardim da Europa á beira mar plantado.

Leiam e admirem:

«Inauguração da exposição de arte ornamental; banquete de 150 talheres no Paço da Ajuda, espectáculo de gala no theatro de S. Carlos, sendo entrada por convite; parada em que figurarão 500 marinheiros e 12:000 homens de exercito, com 100 canhões Krupps e 9 esquadões de cavallaria; collegio militar e escola de alumnos marinheiros; passeio a Cintra; visita a varios estabelecimentos; baile no Paço da Ajuda, indo os convidados de farda ou de casaca, calção e meia de seda preta, sapato e fivela; illuminação e fogos de artificio no Tejo; baile da classe commercial e outro dado pelas senhoras; grandes caçadas em Villa Viçosa, para as quaes se fará grande numero de convites, devendo assistir o corpo diplomatico estrangeiro.»

Começa o projecto que transcrevemos por nos annunciar a inauguração da exposição e em seguida um magnifico banquete no Paço para conchêgo dos estomagos reaes.

Se olharmos estes dois factos mais de cima e attendermos á sua significação social uma triste verdade nos fere: a incoherencia que entre nós transparece em todas as manifestações da vida nacional.

Para celebrar um facto, verdadeiro producto das ideias modernas, para solemnizar a abertura d'uma exposição, que não é mais do que uma enxadada profunda nas barreiras que separam os povos e os impedem de cooperar no grande trabalho humano, dão-se banquetes na Ajuda ás classes privilegiadas, commemorando a unidade dos povos pela separação das classes.

N'esta incoherencia, n'este meio termo fatal em que oscillamos com a maior parte dos povos europeos é que está a decadencia da nossa vida politica.

Somos o producto d'uma epocha que se desmorona ante os lucidos clarões do futuro; tenhamos ao menos coragem para olharmos para as nossas ruinas e não respondermos com uma ironia sarcastica e indigna ás imposições da nossa consciencia de homens e de cidadãos.

Entre as nossas convicções e os factos existe um profundo desequilibrio imposto pela constituição official da monarchia, e para destruir esse desequilibrio ou havemos de transgredir a lei produzindo a anarchia ou havemos de cortar o mal pela raiz estabelecendo novas instituições fundadas nos principios da sciencia.

Por isso ou obedecemos á corrente de ideias modernas que na Europa civilizada produz como symptoma caracteristico as exposições e os congressos, ou então deixemos-nos amarrados aos velhos principios que ha seculos pretendem entreter a vida da nação.

Tomemos um aspecto decisivo porque se a hyprocrisia cynica da nossa politica actual pode ainda abrir durante um certo tempo numerosos canaes para os estomagos, não póde de certo levantar esta nação que rapidamente vae mergulhando na lama até que um forte impulso da consciencia collectiva a traga ao nivel onde hoje se movem os povos mais civilizados e progressivos.

Ou exposição ou banquetes reaes; ou uma vida social digna e activa ou um adormecimento bestial sobre glorias passadas que hoje só devem ter o merecimento de serem incentivo para progressos futuros.

Posto o dilemma deixamos ao bom senso do povo o escolher, não appellamos para a opinião dos convidados, porque um jantar no Paço tem tantos attractivos que seria ingenuo esperar a sua imparcialidade.

Concluimos desejando que a companhia de S. Carlos não faça estremecer d'uma maneira desagradavel os ouvidos reaes, e pedindo a Santo Humberto que em Villa Viçosa dê boa pontaria ás catholicas e fidelissimas Magestades.



### Necessidade d'uma reforma politica

Por mais que alguns homens queiram de boa ou má fé encobrir o nosso mal estar social, elle é já tão peizado e grave, que poucos poderão deixar de senti-lo. O espirito menos observador e perspicaz, que olhar um pouco para os negocios publicos, reconhece immediatamente que estamos n'uma phase de abatimento enorme e n'um periodo de transição.

Egoismo, interesse e ambição, são sentimentos, que predominam em todas as classes, são vermes, que corroem todas as consciências.

O gladiador esterilizador e incessante dos partidos absorve toda a actividade dos governantes, e corrompe os governados: e no furor das lutas calcam-se todos os direitos, e atropella-se a justiça.

O exercito permanente, como elle se acha organizado, arranca muitos braços á agricultura, commercio e industria, para os inutilizar na ociosidade e no vicio; accrescenta uma verba enorme ás despesas do estado, e colloca nas mãos das auctoridades administrativas um instrumento de despotismo e de falsificação do suffragio.

O clero (á parte honrosas excepções) em geral ignorante, fanatico e ambicioso, berra contra a sciencia, anathematiza o progresso, e bestifica os povos, a ponto de os arrastar até á urna, como rebanhos de alimarias, servindo-se muitas vezes infamemente das attribuições que a igreja e o estado lhe têm posto nas mãos.

Os governos por seu lado não querem a separação da igreja e do estado; porque do modo como as cousas se acham, os padres são os mais fortes instrumentos de corrupção eleitoral.

A agricultura e a industria, não progredem, nem podem progredir; porque a monarchia lhes suga os fructos, sem lhes promover o adiantamento.

O agricultor e o industrial desanimam, ao lembrarem-se de que uma parte do seu trabalho não é para matar a fome a seus filhos, mas para sustentar o luxo, o fausto e a ociosidade da corte.

O commercio, que outr'ora foi uma das nossas glorias, tem sido nos tempos modernos uma das nossas vergonhas, pelo desleixo a que se tem votado, e pelos infames tratados, que se têm celebrado, especialmente com a Inglaterra.

A instrução publica, essa grande alavanca do progresso não tem merecido a attenção dos governos; e a ignorancia é geral e profunda.

E que as monarchias são inimigas da instrução, porque vêem que a sua existencia é incompativel com o progresso; e gostam de viver entre as trevas da ignorancia, para lhes não descobrirem a monstruosidade da sua existencia, como diz o sr. Theophilo Braga.

Verdade é que nos ultimos tempos se têm creado escolas d'instrução primaria: mas que importa, se ellas estão de tal modo organisadas e dirigidas que o resultado é quasi como se não existissem?

Verdade é tambem que se têm feito reformas d'instrução secundaria: mas a improficuidade de todas ellas mostra bem ou a incapacidade ou a intenção dos reformadores e dos governos. Especialmente esta ultima parece ser feita de proposito para dificultar a instrução.

Na instrução especial e superior notam-se as mesmas causas de atrophamento e o mesmo desleixo: além da falta de cursos praticos, ha a má direcção de muitos estudos e o pesado tributo da matricula.

Acima d'estas calamidades e como remate de todas ellas, está a enorme divida publica, augmentada cada anno com um deficit quasi sempre crescente, e ameaçando-nos constantemente com a terrivel banca-róta.

O throno portuguez pôde e caruncho já reconhece estas cousas e o seu estado precario, e por isso se encosta timidamente ao solio inglez; mas este, mais manhoso e resolute, empalma-lhe quasi sem elle dar por isso a riqueza e as colonias a troco de fingidas protecções.

Eis em rudes mas fieis traços o esboço das publicas desgraças, que pesam sobre nós, e afeiam a presente epocha de crise.

Se perguntarmos quem nos levou a este estado, em que se sente a desorganização de todas as forças vitales, ninguém poderá deixar de responder que foi a longa exploração monarchica.

Todos com effeito reconhecem a nossa decadencia, e todos ou quasi todos a attribuem á desmoralização dos governos. E vós mesmos, apologistas da monarchia, já que a ella attribuis toda a nossa grandeza do seculo manuelino, não podereis deixar, para serdes consequentes, de lhe attribuir tambem a nossa ruina do seculo actual.

É por isso que eu condemno a monarchia, que do seculo XIV nos tem arremessado de precipicio em precipicio, e que desde então nunca foi nem tornará a ser capaz de realizar as aspirações da nação. É por isso que eu desejo que se substitua a monarchia por um governo mais racional, mais justo, mais modesto, menos faccioso, menos dispendioso e menos corruptor: em summa por um governo, que seja capaz de nos livrar das desgraças, que nos ameaçam.

Com effeito, que poderemos nós esperar d'uma forma de governo, que nos deitou a perder? Se a monarchia não ponde sustentar-nos antes da queda, como poderá tirar-nos do fundo do precipicio? Não vêem os monarchicos que cada um dos seus governos dá uma uma enxadada a mais na sepultura d'este maldadado paiz? Quem não vê que ao cabo d'esta senda, se não mudarmos de rumo, acharemos um abysmo, que nos sorverá a todos?

E' preciso pois desenganarmo-nos: só uma reforma politica profunda nos poderá salvar.

E a reforma, que se succede natural e racionalmente ao nosso governo, a que é indicada pela evolução das ideias modernas, e confirmada pelos exemplos brilhantes da França, Suissa e Estados-Unidos, — é a republica.

C. D'O.

### Noticias d'Odemira

Ao correr pela vista o ultimo numero da *Evolução*, maravilhou-me não encontrar a minha humilde correspondencia.

Anciava por ver estampada n'um jornal que não está sujeito a suggestões de pessoa alguma, que é independente, e cujos redactores ainda se não enlodaram nos charcos da ignominia nem se confundiram com os maltrapilhos, que povoam este pobre torrão portuguez; anciava, sim, por ver o effeito que produziria em letra redonda, o sudario do tristemente celebre *heroe* d'estas paragens.

Só uma causa superior, como a necessidade de publicar correspondencias atrazadas, retiraria a minha, que tem por fim accentuar bem o indifferentismo morbido d'esta maldadada terra a quem os forasteiros querem arrastar a uma completa ruina, para depois sobre as suas cinzas lançarem o escarro da pestilencia, que anda misturada com o seu sangue.

Deu-me Deus a coragem bastante para não recuar perante o perigo, e quanto mais tendo em meu auxilio a paz da consciencia, que é a maior força que pôde ter, quem cumpre com os deveres de homem.

Nota com certeza a minha linguagem de hoje; acha-a talvez em demasia energica? Talvez o seja, e o motivo é não estar esvaecido em mim o enthusiasmo que illumina um patriota.

Vejo os males que dia a dia opprimem a minha patria, e sinto-os com a paixão, que atormenta o bom filho ao vêr approximar-se a esponja, que ha de apagar o nome de sua mãe do numero dos existentes!

Ponhamos porém ponto a este desabafar d'uma paixão violenta; outro assumpto me chama.

Começara a minha correspondencia de hoje por lhe dar a noticia, que a camara de Odemira deliberára pôr em pratica brevemente a lei de Instrução primaria de 2 de maio de 1878, que manda que as juntas de parochia façam o arrolamento de todas as creanças da sua freguezia, e que estejam em idade de frequentar a escola (art. 8.º).

Alguem porém se antecipou, noticiando e commentando este facto n'uma correspondencia para o *Diario de Portugal* de 27 do corrente.

Tirada portanto a novidade, entendo ser melhor passar adiante.

Terminava o *caro* correspondente d'este jornal por nos endereçar umas amabilidades, que nós não resistimos á tentação de transcrever na integra, não eliminando uma só palavra, um só ponto, uma só virgula.

E sabe o sr. correspondente porque? Não queremos privar os nossos leitores d'um tão bom bocadinho.

Diz assim:

«A republica que na sua obra de propaganda não perde meio algum para fazer vingar a sua grande ideia—a salvação de Roma e das batatas, que é o seu sonho dourado—deslocou de si o satellite mais novato e disse-lhe:—«Tendes ainda agora só quatro dentes, é verdade, mas muita malicia e não menos desejos de vos inculcar ás turbas! pois bem se conseguirdes fazer alguma coisa boa a favor da nossa causa tereis uma distincção honrosa não porque a republica não honra ninguém—como recompensa, o que os nossos serviços merecerem; e se para tanto for preciso antepôr a mentira á verdade... calumniar... deshonrar... nada se poupe porque os fins justificam os meios: O nosso fim é bom, os meios todos uzados por nós hão de tambem vir a ser bons...»

Sabe quem é este satellite? A *Evolução* que entrou aqui com pés de lã, mas que segundo ouvimos a um nosso amigo auctorizado, ha de sair com azas de pau. Eu lhe contarei o que houver.»

Percebem a charada?

Nós confessamos francamente não lhe poder metter dente.

O nosso conterraneo (?) tem veia para fazer rir, gosta do papel de truão, que lhe afirmamos não invejar.

Continue pois, que nós estimamos muito ter *adversarios*, que nos forneçam tantas provas de ignorancia de principios politicos como de grammatica, e além d'isso dandonos gratuitamente argumentos para achar o que escrever.

E' sómente trabalho para o typographo, que tem de compôr a transcripção das suas exhibições.

Tenha animo e esperanza em Deus, para nos provar as mentiras... calumnias... deshonras... (tudo nomes felos) que encontrar em nossas correspondencias.

Quanto ás azas de pau, olhe que se pôde voltar o feitiço contra o feiteiro.

Odemira, dezembro de 1884.

(Do nosso correspondente)

### LISBOA

(Do nosso correspondente)

Consta que nas altas esferas diplomaticas vai grande celeuma por causa do tratado de Lourenço Marques. Este tratado é o eterno pesadelo dos partidos monarchicos. Veremos como elles descalçam a bota.

—Vamos ter grande *parada*, uma parada luxuosa, muito lusida, em honra do monarcha espanhol. Tem havido difficuldade em accommodar os contingentes que tem chegado de varios pontos das provincias para completarem os regimentos da capital. As praças de marinha tambem, d'esta vez, hão de abrilhantar a festa.

Fontes, o Magnifico, exhibir-se-ha montado no seu cavallo rinchão.

Como deve ser adoravel!!

Com este e outros festejos, para diversão das magestades sahirão dos cofres publicos centenas de contos que o fisco arrancou impiedosamente ás magras bolsas dos contribuintes. Será espoliado, roubado o desgraçado povo para dar divertimentos ao rei hespanhol. Como tudo isto é baixo! Como tudo isto é vil!

—Tem subido á scena em D. Maria a bella comedia de Pailleron, *Sociedade onde a gente se aborrece*. O titulo é um pouco pifio e revella que o traductor pouco se esmerou na versão do francez. O desempenho é superior a todo o elogio. A comedia, no dizer dos melhores criticos theatraes, está superior á comprehensão e ao gosto das nossas plateias.

—No domingo passado correram á escola polytechnica cerca 500 estudantes com o fim

de deliberarem se deviam ou não celebrar o centenario de marquez de Pombal.

Resolveu-se affirmativamente.

A este respeito reserve-me para umas considerações ulteriores, devendo, todavia, desde já fazer notar que o centenario do marquez de Pombal não deve ser inferior ao centenario de Camões, o que julgo que não succederá. A academia de Lisboa por este acto acaba de mostrar que tem uma concepção nitida dos grandes ideaes modernos e, que presta culto reverente á memoria illustre do homem que com a sua vista de aguia e a sua vontade de ferro destruiu dois collossos seculares—jesuitismo e nobreza—que esmagavam a intelligencia e a liberdade populares. Honra lhe seja.

Damião

### Suissa

Como dissemos ha dias está aberto o parlamento suizo, e de certo a esta hora terá eleito o poder executivo, composto de sete membros, que se suppõe seja reeleito o actual, apesar de que o partido radical trabalha por substituir tres d'aquelles, sendo naturalmente escolhido d'entre elles para presidente e vice-presidente do actual, tambem conforme o costume, esperando-se porém lucta na escolha do vice-presidente.

A proposito cremos util dizer alguma coisa acerca d'este poder na Suissa e das instituições d'um paiz, que resolveu o problema da eleição do poder executivo, pelas camaras, e portanto delegado da unica representação da soberania popular; e isto em um paiz em que se revellam os mais diversos elementos, as mais variadas raças, linguas, interesses e necessidades. Exemplo pratico que já foi em parte seguido pela republica hespanhola, e que vale a pena ser meditado pela democracia portugueza, hespanhola e italiana.

As actuaes instituições politicas da Suissa datam de 1818, epocha em que foi revisto o pacto federal de 1815, depois de vencidos os cantões revoltados pelos jesuitas em 1847, revolta conhecida com o nome de *Sunderbund*.

Expulsos os jesuitas e vencida a influencia funesta dos clericos, o paiz sentiu a necessidade de apertar os laços que uniam os estados aos cantões e trata-se de reformar o pacto que já não podia corresponder ao seu novo modo de ser.

Os gabinetes da Europa, sempre dispostos a assustar-se com os movimentos democraticos, e ainda guiados pelos principios reaccionarios e atrophiantes da *Santa Alliança*, pretenderam sustentar a doutrina de que o pacto de 1875 havia recebido a sancção das potencias, e não podia ser modificado sem o seu beneplacito.

A dieta representante dos valentes filhos de Guilherme Tell respondeu-lhes:

«A nação suissa tem o direito de se constituir como melhor convenha aos seus interesses.»

E como a revolução d'essa epocha em França, varrendo o throno de Luiz Philippe, soprava por toda a Europa, abalando a Alemanha, a Austria, a Italia, a peninsula hispanica, e até a Russia perante o grito da independencia levantado pela Polonia, martyr, as potencias não tiveram tempo para se occupar da Suissa, e a dieta pôde terminar a sua obra.

O poder central e nacional da confederação suissa é composto pela seguinte forma:

Um *conselho nacional*, composto dos deputados da nação, na proporção de um representante por cada 20:000 habitantes;

Um *conselho dos estados*, que representa cada cantão, na proporção de dois delegados por cada cantão;

Um *poder executivo central*, composto de sete membros;

Um *tribunal federal*.

O *conselho nacional* é eleito de tres em tres annos, verificando-se as eleições geraes no ultimo domingo de outubro.

O *conselho dos estados* é renovado por eleição nos cantões e segundo as prescripções constitucionaes de cada um d'estes.

Na abertura tri-annual reúnem-se em *assemblea federal*, os dois conselhos e elegem o poder executivo, ou *conselho federal*, composto como acima dissemos de sete membros que entre si escolhe o presidente, e cujas funções são as de um ministerio.



Como se vê, pois, a Suíça não tem o que ordinariamente se entende por *presidente da república*, e que existe nas repúblicas americanas, e na franceza. Este título na Suíça é apenas honorífico, e não lhe dá outra auctoridade além da de presidir o *conselho federal*, ou poder executivo, ou ministerio, durante um anno.

Este *conselho federal*, eleito por tres annos, por seu turno, e por meio de reeleição, confirma ou demitte todos os funcionarios da confederação.

Como se vê, portanto, os dois conselhos ou duas *camaras*, que *poder algum pôde dissolver*, e que resolvem os conflictos nas relações oppostas de um ao outro, por novas votações, ou adiamentos das questões são quem escolhe o poder executivo. Sendo de mais as leis constitucionaes, depois de votadas pelos dois conselhos, submettidas a um plebiscito do povo de todos os cantões.

D'esta forma do poder executivo suíço resulta uma influencia moral, que previne as crises e as discussões precipitadas, por isso que n'aquella importante república são desconhecidos os votos de confiança, ou de desconfiança, como se entende nas constituições dos paizes, mal chamados, de governo representativo.

Em 1874 demittiram-se a um tempo os quatro membros d'este poder. Pois este facto, aliás rarissimo, não produziu mais do que uma sensação relativa, e esta unicamente na imprensa e circulos politicos. Na população, no mundo dos negocios, quasi que ninguém lhe prestou attenção, porque o facto tinha apenas importancia muito secundaria no viver nacional. A assembleia federal, recebendo as demissões, procedeu ás suas substituições, os partidos politicos apresentaram os seus candidatos, e tres dias depois estavam eleitos os quatro novos membros.

A constituição suíça considera a assembleia federal, ou para melhor dizer, a delegação da democracia como a unica auctoridade soberana, tendo a responsabilidade, e o mandato de elaborar e votar as leis, eger os que devem applicar-as e vigiar o seu cumprimento, e reservando-se o *direito de graça*, porque é esta assembleia que sentença em ultima instancia todos os recursos que lhe dirigem.

Ha trinta e tres annos que na Suíça funciona este systema, que tem resistido a grandes tempestades, agitadas pelas paixões politicas, ameaçando abalal-as, e que em outros paizes têm sido causa de grandes desastres.

«Somos sete, dizia um dia á camara o sr. Welti, então presidente do conselho federal, e não temos por toda a auctoridade mais do que este rolo de papel.»

E apontava para a constituição federal, estatuto laconico, mas preciso.

(Democracia Portuguesa.)

### Opinião da imprensa

Diz a *Folha do Povo*:

A *Evolução*.—Traz cada vez artigos mais esplendidos esta notavel folha republicana, que ha pouco começou a publicar-se em Coimbra.

Para a frente, amigos, mas não vos esqueças de que a evolução é a poesia da politica. No estado actual do paiz só a revolução pôde salvá-lo. Nada de poesia.

A *Folha Nova*:

Além da *Porta-Ferreira* sahia a lume em Coimbra mais um periodico semanal, dedicado á causa democratica—a *Evolução*. É seu redactor principal o sr. Azevedo, estudante de direito que já tem assumido a direcção d'outros jornaes.

Os dois primeiros numeros têm trazido em artigo do fundo algumas considerações sobre a inopportunidade do constitucionalismo, como estado transitorio para a democracia, e sobre outros pontos de propaganda politica, scientifica, cordata e prudente.

Na secção litteraria tem inserido algumas quadras originaes do sr. Eduardo d'Araujo, um rapaz que tem mais talento do que estudo e que já tinha anteriormente revelado o seu *penchant* nas columnas da *Revista litteraria e scientifica* de A. Feijó.

Tem trazido umas prosas de Gery, pseudonymo que me parece occultar o nome do

filho mais velho de Silva Gayo—o Manuel de que falla o auctor do *Mario*.

Revela uma predilecção á *outrance* pelos processos modernos, exaggerando-os em todos os *tics* caracteristicos. A *Evolução* inseriu tambem em folhetim uma tentativa poetica bordada sobre a lenda do *Lohengrin*, assignada por Manuel Gayo e onde o seu actor parece, como poeta, contrariar uma pouco as disposições litterarias do passado.

A lista dos collaboradores é distincta (não pensem que sou collaborador da *Evolução*).

Com estes predicados e uma base financeira estavel, como creio que a *Evolução* tem, o partido democratico portuguez pôde contar com mais uma alavanca segura para a destruição dos attritos creados pelos bandos aventureiros e exploradores, contra a corrente que tende a avassalar os espiritos.

## NOTICIARIO

Os festejos em honra do rei de Hespanha custam á nação perto de 1000 contos!

E pouco depois o governo pedirá, como já se annuncia, novos impostos. Tal é a economia monarchica.

Parece que a exposição de arte ornamental não poderá abrir a 12 de janeiro, como se suppunha, por estarem os trabalhos um pouco atrazados. Contudo fazem-se esforços para que a inauguração seja n'esse dia. Só podem assistir á inauguração as pessoas que forem convidadas: as duas camaras, a imprensa, os expositores, etc. Terminado o acto ha, durante o resto do dia, entrada por bilhetes, que se venderão a 2250 réis. Nos outros dias custam 200 réis, excepto ás quintas feiras, em que o preço é de 500 réis. Haverá tambem entrada gratuita em alguns dias designados.

O rei de Hespanha assiste á inauguração.

Domingo repetiu-se no *Theatro-Conimbricense* o *Sargento-Mór de Villar*. Só temos a confirmar a respeito d'esta recita a opinião que fizemos da primeira.

Tudo bem. Agradecemos o bilhete que nos foi enviado.

O distincto architecto sr. Monteiro foi encarregado de apresentar o plano para o edificio destinado ao Lyceu de Lisboa.

Ainda bem que o governo tomou a final esta resolução. A casa em que se achava estabelecido o Lyceu não tinha nenhuma das condições para tal fim.

A *Liberdade* diz:

As receitas dos impostos indirectos em França renderam no mez de novembro ultimo cerca de 20 milboes de francos a mais do que as previsões calculadas no orçamento. Tres mil contos de réis de moeda portugueza!

E assim vae a republica mostrando o que vale a par da monarchia.

O governo da republica dos Estados-Unidos julga que em dez annos estará paga toda a enorme divida publica contrahida por causa da guerra da separação.

Uma peste o governo republicano!

Por nos ser pedido declaramos que o sr. José de Mattos Reis não é o auctor das *Noticias d'Odemira*.

Recebemos o n.º 103 do *Contemporaneo*. Traz o retrato do actor Carvalho Lisboa, acompanhado de biographia escripta pelo sr. Caetano Pinto.

O *Contemporaneo* insere tambem a poesia *Deus*, do sr. Henrique Pereira, a qual publicamos no 3.º numero da *Evolução*.

Segundo lemos nos jornaes de Lisboa, a familia real foi pateada no *Circo-Price*. Que popularidade!

Recebemos e agradecemos o *Noventa e Trez*, jornal republicano que se publica em Lisboa.

Folgamos com a visita do estimavel correlligionario.

Recebemos tambem o *Commercio de Villa Real*.

Agradecemos a troca.

Diz o nosso excellente collega a *Folha do Povo*:

Entre os nossos politicos e os convictos negociadores do catholicismo ha uma grande similhaça.

Imagine-se: o mesmo caso que se deu ha dias, d'um sujeito se passar da granjolada para os baldomeras e d'estes para aquellos, e ainda para estes, e depois se passar definitivamente para a granjolada, este mesmo caso se acaba de dar em Roma com um dos mais convictos sacerdotes do catholicismo.

O abbade Bichery, residente em Roma abandonara a igreja catholica para obter o logar de vigario de M. Loyson, chefe da igreja anglicana da mesma cidade.

Bichery em pouco tempo desaveiu-se com Loyson, em resultado de repetidas questões com a esposa d'este, que tinha a mania de se intrometer nos assumptos da igreja.

Bichery, sem saber o que havia de fazer, resolveu voltar á igreja catholica romana, e foi apresentar-se ao bispo de Seez, sua diocese, fez a sua submissão e mostrou um grande arrependimento.

Pois depois de tudo isto, Bichery acaba de, pela segunda vez, apostatar, verificando-se a sua abjuração em um templo protestante americano de Roma!

Naturalissimo n'estes tempos.

O *Jornal da Manhã* publicou no dia 26 de dezembro uma folha extraordinaria com uma pagina de debuxos e com o retrato do sr. Fontes.

Diz o *Conimbricense* que foi demittido de administrador interino da imprensa da Universidade o sr. dr. Manuel da Costa Allemão.

Para este logar foi nomeado o sr. D. Antonio da Costa.

Recebemos e agradecemos a *Independencia*, jornal que começou a publicar-se em Pova de Varzim.

Diz que será imparcial em politica fazendo critica desapaixonada.

Ao novo collega desejamos todas as felicidades.

Diz a *Folha Nova* que alguns membros do corpo commercial tencionam fundar no Porto um centro republicano em que só se poderão filiar individuos que pertençam ao commercio.

Applaudimos a ideia.

Recommendamos ao publico o novo jornal, cujo prospecto abaixo transcrevemos. E' d'uma barateza excepcional e os nomes dos collaboradores são uma garantia infallivel do merito da nova publicação.

### GALERIA REPUBLICANA

Proprietario—João José Baptista.

Director—Magalhães Lima.

Collaboradores—Augusto Rocha—Alexandre da Conceição—Anselmo Xavier—Antonio Furtado—Costa Goodolphim—Gomes Leal—G. Benevides—José Jacintho Nunes—

Nuno Alves Correia—T. Bastos—Theophilo Braga—Silva Graça—Silva Lisboa—Xavier de Paiva e muitos outros.

Collaborador photographico—Manuel da Silva Campos.

Com o titulo de *Galeria Republicana*, vamos encetar a publicação d'uma folha quinzenal, que além de ser impressa em magnifico papel, conterá cada numero a biographia d'um republicano nacional ou estrangeiro, acompanhada de varios artigos de propaganda democratica, e poesias devidas á penna dos nossos mais distinctos escriptores. Cada biographia será acompanhada d'um retrato photographico do individuo biographado.

O primeiro retrato a publicar é do eminente poeta revolucionario Gomes Leal, com a biographia escripta por G. Benevides, um dos illustres redactores do *Seculo*, jornal em que já tem publicado uns folhetins conscienciosos ácerca dos ultimos poemas de Gomes Leal. Em seguida a este retrato daremos o de Henrique Nogueira, commemorando d'este modo o triste anniversario da morte do primeiro republicano portuguez, (23 de janeiro de 1858).

Será inutil procurar demonstrar aos nossos correlligionarios e mesmo ao publico em geral a utilidade d'esta publicação, porque ella é da maxima evidencia; o que podemos porém affirmar é que a *Galeria Republicana*, formará no fim de cada anno um bello volume de luxo, onde se encontrará além dos 24 retratos de diversos republicanos tanto do paiz como de fora d'ellé acompanhados de bem elaboradas biographias, uma grande collecção de artigos de propaganda democratica, archivando tambem noticias do desenvolvimento da ideia democratica, em Portugal durante o anno. O primeiro numero sahirá em 10 ou 12 de janeiro proximo.

A *Galeria Republicana* publica-se 2, vezes por mez.

### Condições da assignatura

Lisboa—Trimestre ou 6 numeros 240—Semestre ou 12 numeros 480.

Provincias e Ilhas—Semestre ou 12 numeros 500—Anno ou 24 numeros 1000.

Para o *Estrangeiro*—Accresce o porte do correio.

Brazil—Anno ou 24 numeros, moeda forte 2\$400.

Avulso 40 réis, e 15 dias depois da publicação 80 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o que não se satisfaz pedido algum.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador e proprietario da *Galeria Republicana*, João José Baptista, Kiosque do Rocio (lado norte) Lisboa.

Recebem-se assignaturas:—Em Lisboa, na redacção do *Seculo*; no Porto, na redacção da *Folha Nova*; e em Coimbra, na redacção da *Evolução*.

## ANNUNCIOS

### CIRURGIÃO DENTISTA CEREGHETTI DOMINIQUE

### COIMBRA

POSSUE todos os apparatus anestheticos e chloroformisadores para extrahir dentes e raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor dor.—Empasta e orifica os dentes cariados, garantindo todos os seus trabalhos. Eguala os dentes demasiadamente compridos, separa os unidos e firma os vacillantes. Limpa os dentes com toda a perfeição. Tem muitos especificos para a conservação e limpeza da bocca e cura o escorbuto radicalmente.

Tira callos sem dor alguma podendo o operado calçar o calçado mais apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca houvera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na Praça 8 de Maio—Coimbra.

N. B. Adverte, que não faz uso da chave ingleza para extrahir os dentes. As suas operações são feitas perpendicularmente.





# A EVOLUÇÃO

## SEMÁNARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

colleção de livros e documentos de medicina

N.º 7	CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.	COIMBRA, 8 DE JANEIRO DE 1882	PUBLICAÇÕES Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Courega dos Apostolos, n.º 29.	ANNO 1.º
-------	--	-------------------------------	--	----------

### EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a importância das assignaturas da «Evolução» em Tavira o sr. Sebastião Galvão e em Lagoa o sr. Domingos Faria.

Os srs. assignantes das localidades onde não temos correspondente, obsequiam-nos enviando em estampilhas a importância de suas assignaturas à Administração da «Evolução» na Courega dos Apostolos 29, 3.º.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria do sr. João José Baptista, Kiosque do Rocio.

### AS FESTAS

Dentro de dois dias chega a Portugal D. Afonso XII, rei de Hespanha. O sr. D. Luiz e o seu governo prepararam os mais deslumbrantes festejos para, em nome do paiz e á custa d'elle, receberem hospede tão illustre.

Portugal tem sido visitado por muitos homens eminentes na sciencia e nas letras: Quinet, Racinsky, Ernest Hæckel e tantos outros. Ainda ha pouco se reuniram em Lisboa dois congressos, de que faziam parte os homens mais distinctos: Virchow, Quatrefages, Henri Martin, Capellini, Mortillet, etc.

Pois bem! Estes sabios, estes litteratos que dirigem o pensamento moderno, que representam o espirito da sciencia e são a gloria da humanidade, passaram em Portugal no meio da mais profunda indiferença. E realmente elles não mereciam que um governo de cretinos se incommodasse muito. Para quê? Ignora-se acaso lá fóra que nós somos uma nação onde existe o mais desvelado amor pela sciencia? Não. Portanto não era preciso dar provas do que estava provadissimo.

Chega Afonso XII. A nação não pôde ficar indifferente na sua presença. Elle é credor — pela sua sciencia illimitada, pelos seus altos meritos litterarios, pela sua grande dedicação por este paiz — dos mais extraordinarios enthusiasmos, das mais delirantes alegrias.

Mas convém saber quem é Afonso XII, qual é o papel que representa, que titulos tem á nossa estima.

É o homem em proveito do qual os revolucionarios de caserna empolgaram o governo da Hespanha, fazendo-o o representante da dynastia de Isabel a Catholica, proscripta e repudiada pelo povo hespanhol.

Quando, em 1879, um pobre portuguez, que se provou estar doido, foi condemnado á morte, Afonso XII não lhe commutou a pena, como o pedia a deferencia para com Portugal, onde essa pe-

na não existe, e como lh'o devia aconsellar a sua alma de 20 annos.

Ha pouco ainda, disseram os jornaes que o rei de Hespanha tinha, na entrevista de Caceres, tratado com D. Luiz o plano da futura unificação politica da península iberica.

Taes são as razões por que nós o vamos acclamar, taes são as razões por que se vae exigir d'um povo n'uma situação economica deploravel o sacrificio de 1000 contos de reis.

É não pára aqui o absurdo: o governo manda dizer pelos seus follicularios que estas despezas se justificam, que são necessarias para attestar o prestigio e a vitalidade da nação.

A quem pretende o governo enganar? Ao povo? Esse desilludir-se-ha quando d'aqui a alguns dias se lhe pedirem novos impostos, se é que não está já terrivelmente desilludido.

As monarchias tem tido sempre a preoccupação de quererem apparentar força, sem se lembrarem de que as apparencias de nada valem quando os factos as contradizem com tanta eloquencia.

Dentro de dois dias, pois, os foguetes estalarão nos ares, as bandas soltarão as suas notas festivas, os gládios dos nossos caudillos reluzirão ao sol brilhante d'uma parada gloriosa, os nossos soldados, queimados pelo fumo das batalhas, mostrarão a Castella... o que?... que nós somos um povo desorganizado, que o nosso exercito é um objecto de ostentação e de luxo, e que perante uma invasão que a Hespanha tentasse, nós não poderíamos contar com a nossa força, mas sim com a fraqueza d'ella. Oxalá esta nos servisse d'alguma cousa!

Tudo isto é ridiculo, e far-nos-hia rir, se não vissemos no fundo uma parte tragica.

Os festejos, feitos por um rei em honra de outro, vão ser pagos pelo paiz, cuja existencia autónoma está, segundo parece, dependente d'um accordo feito em Caceres pelos dois monarchas da península.

E affigura-se-nos ver levantar-se do seu tumulo o cadaver do pobre doido fuzilado para espadanar sobre a abjecção d'estas festas o seu sangue irresponsavel, innocente.

### O Centenario de Pombal

O seculo actual affirma-se na historia como uma epoca essencialmente rehabilitadora.

As nações sentem-se oppressas sob a responsabilidade que lhes foi legada pela ingratitude das gerações precedentes: o sentimento da dignidade, profundamente radicado nos povos, impelle-os a solver a divida em que o obscurantismo das passadas eras os constituiu para com a memoria dos que hemmereceram do seu paiz.

A humanidade reconhece-se como uma só familia, solidaria nos jubilos e nos pezares de todos os seus membros; porque sabe que n'este caminhar evolutivo para um ideal perfeito, embora mal entrevisto, cada individuo é um arroteador da larga senda que o todo vae seguindo. Por isso, se um povo rejubila, ufanando-se da conquista d'um progresso, todos os povos se lhe associam a quinboar com elle a ventura commum.

Não é outro o sentido dos centenarios. As celebrações das virtudes, geralmente egoistas, dos santos do catholicismo succedem-se as apothéoses dos que ensinaram os homens não a fugir do seu semelhante, internando-se nas desertas thebaidas para merecer um sonhado empyreo, mas a avigorem-se pelo cumprimento da justiça contra o privilegio e a reivindicarem os seus foros de liberdade contra as oppressões de todo o genero.

Os ingratos esquecimentos, as perseguições iniquas contra os benemeritos da humanidade não são já possiveis. O povo tem fome e sede de justiça, e o povo é hoje o dominador. Se os reis poderam olvidar servicos, o povo guardou o reconhecimento e hoje que está prestes a ser livre fortalece-se, recordando os nobres incitamentos dos que lhe indicaram o caminho, e proclama a sua equidade, celebrando-lhes a memoria veneranda.

Ha pouco a França glorificava Voltaire, o valente destruidor do velho e carcomido reducto do catholicismo; bem sabia essa generosa nação os encomios que Voltaire tecera á realza devassa e a fatua solicitude com que elle se enfrontava em seus contestados pergaminhos: mas a França glorificava Voltaire o propugnador da liberdade de pensamento, Voltaire o philosopho, o encyclopedista, e não Voltaire o aulico, Voltaire o vaidoso.

Mais recentemente ainda Victor Hugo recebia o tributo de gratidão que lhe deve a familia humana, sem que ao velho octogenario lhe enrugasse a fronte a lembrança de haver defendido as cruzes dos sicarios da communa.

Hontem a Hespanha movia-se sob o influxo communicado pela França e Portugal e divinisaava Calderon, esquecendo-o incenso queimado pelo poeta em homenagem aos autos de fé.

Hoje é Portugal que novamente se agita para dar a consagração ao homem que mais avulta na moderna historia portugueza; ao gigante cujas mãos de ferro conseguiram dar vida, ainda que momentanea, ao cadaver da nação: ao ministro que, depois de ter engrandecido o povo — o pária de tantos seculos — destituiu a realza do seu antigo prestigio e, desamparado do clero e da nobreza abatidos, a entregou ao povo que, ainda mal, repactuou com ella.

A mocidade academica levanta o grito entusiasta, convocando o povo á apothéose do marquez de Pombal.

Não lhe cabe a gloria da iniciativa, mas pertence-lhe a honra de despertar a nação do marasmo onde a submerge a politica nefasta que nos governa. No momento em que o governo finge esquecer a miseria publica para divertir a realza, dispendendo com ella o que extorquiu do povo, a mocidade academica portugueza dirige um appello ás forças vivas do paiz, protestando contra as prodigalidades d'um governo essencialmente perdulario, por meio da commemoração secular de Sebastião José de Carvalho e Mello, o ministro que, depois de crear a instrucção

publica, e a industria em Portugal, de levantar o commercio, a navegação, a agricultura e de levar o seu espirito reformador a todos os ramos da administração, deixou milhões no cofre onde no seu adven o não havia um ceitil.

A voz de alarme foi proferida; cumpre secundal-a em todo o paiz, tanto mais quanto é certo arreceiarem-se os governantes d'esta manifestação que se lhes antolha, como o glorioso centenario de Camões, o accordar do povo para a vida politica, para a reivindicacção dos seus direitos usurpados e vilipendiados.

É quasi decorrido um seculo desde que se finou o ministro de D. José, e ainda refervem mal apagados os odios que suscitou a administração energica do grande marquez. Bemdil-o é exalta-o o povo, este juiz tão imparcial como a historia: votam-lhe rancor os netos da aristocracia que elle anniquilou; odeiam-lhe a memoria os falsos apóstolos de que elle foi azorrague. São os ultimos alentos do passado que se revolve no pó dos pergaminhos á sombra do altar derrocado.

Decorreu um seculo e a torrente da revolução franceza completou na Europa o que o braço potente de Pombal iniciara em Portugal. Mas o que a revolução edificou permanece de pé; o que Pombal instituiu baqueou, mal lhe falleceu a mão que amparava mole tão agigantada. É que a revolução fel-a o povo; a reforma de Pombal fel-a um homem. E todavia que de pontos semelhantes entre as reformas do marquez e as da revolução! Quando em França a revolução abolia os privilegios da nobreza, já Sebastião de Carvalho os annullara em Portugal. Ainda não fora apregoadá a egualdade em França, quando entre nós já o marquez de Pombal havia proclamado a abolição da es, cravatura, a egualdade dos indios na America e na India.

Todavia o espirito superior de Pombal que a todo o transe queria levar a cabo a empreza que emprehendera de erguer Portugal da atroz decadencia em que o achou, não pôde esquivar-se á influencia do meio em que viveu. São prova d'isto os falsos principios philosophicos do machiavelismo que o guiaram em muitos dos seus actos e o errado systema economico dos monopolios que entre nós fez vogar. Não ousaremos contudo decidir que os monopolios n'essa epoca, em que os negociantes fugiam de emprezas commerciaes arriscadas, fossem um mal para a sociedade portugueza que jazia no mais lastimoso estado de atrazamento. Em França a revolução acabou com os monopolios, como expressão de privilegios que a liberdade não pôde reconhecer.

Porém estes erros a que se não eximiam os espiritos mais conspicuos da epoca, são, como as repressões severas de que fez uso contra os refractarios ás suas utilissimas reformas, leves senões que não deslustram a memoria do portuguez que mais amor consagrou á sua patria, depois de Camões.

Em nome d'esse amor e para rehabilitar a memoria de nossos paes que pagaram a divida de gratidão para com o grande reformador da sociedade portugueza com o exilio decretado por uma rainha inepta, nós que temos por ideal a justiça e por movel o patriotismo, vamos celebrar em Sebastião José de Carvalho não o castigador rígido, mas o ministro revolucionario e o benemerito de Portugal.

Lisboa, dezembro de 1882.

Paula Nogueira.



### As nossas Colonias

Dizamos nós em um dos numeros precedentes que os missionarios francezes estabelecidos em Landana, proximo do rio Cacongo ou Chiloango, como alli lhe chamam, em nada têm contribuido para o desenvolvimento da civilização e muito menos para desarraigarem do espirito dos indigeus a idéa da escravatura; pois que s.<sup>as</sup> rev.<sup>as</sup> também escravizam e não raras vezes têm n'aquella missão negros acorrentados!

Diremos hoje, que o missionario francez nas nossas colonias embora subordinado ao governo portuguez, é altamente inconveniente.

O missionario francez só ensina aos seus escravos a lingua e costumes francezes, e sempre procura mostrar aos indigenas que Portugal é um paiz pequeno, sem força nem prestigio no convívio das nações europeas e portanto incapaz de os proteger ou castigar quando isso se torne preciso, ao mesmo tempo que lhes mostra a força, importancia e consideração da França entre as nações europeas. Isto é verdade.

Será por ventura util para Portugal enviar para as nossas colonias missionarios de tal procedencia que só alli vão desacreditar-nos?

É certo que o indigena pela necessidade que tem de fazer as suas permutações nas feitorias portuguezas ou estrangeiras, quasi todas dirigidas por portuguezes, se vê obrigado a aprender a lingua portugueza, e os costumes portuguezes, e por isso nós alli somos os primeiros entre o grande numero de estrangeiros que lá se encontram; e nenhum estabelecimento estrangeiro pôde dispensar os serviços dos portuguezes.

Mas continuarão as coisas assim se nós não olharmos com attenção pelo desenvolvimento das nossas colonias?

Duvidamos. Por um lado o padre francez, pelo outro as missões protestantes não de acabar por minar a nossa influencia nos paizes que são nossos, mas que infelizmente, por considerações que não sabemos como apreciar, ainda reconhecem a auctoridade portugueza e referimo-nos á região da Africa occidental comprehendida entre o rio Loge ao norte do Zaire e o Cacongo ou Chiloango proximo do qual está a missão franceza.

O rio Zaire comprehendido n'esta grande extensão de terreno é sem duvida nenhuma a via commercial mais importante da Africa occidental; o clima das suas margens é relativamente bom; todos os ramos de commercio africano, com poucas excepções, alli são explorados; nas suas margens acham-se florentissimos estabelecimentos inglezes, francezes e holandezes; centenaes de navios são todos os annos carregados com os productos que sahem pela sua foz; todavia o nosso governo só ha pouco justamente excitado pela sociedade de geographia de Lisboa, se lembrou que o Zaire existia, e a instancias d'ella se determinou a estabelecer n'aquellas paragens uma estação civilisadora, que não sabemos quando alli se fixará, por falta de chefe.

Se for, quando alli chegar, já lá encontra o grande trabalhador Stanley; já antes d'este lá estava no Noque uma missão anabaptista de Cardiff de que era chefe Strom, um missionario dinamaquez, e de que actualmente é chefe Mr. Craven, inglez. Já quando o padre Lazaro foi por ordem do Governador Vasco Guedes, mandado a S. Salvador do Congo alli encontrou, uma missão anabaptista ingleza, que retirou logo que viu o missionario portuguez; finalmente já está já em Bôma, na margem direita do Zaire; a celebre missão franceza; que elles fogem da margem esquerda, fundando-se em que só até lá nós podemos fazer valer os nossos direitos!

Continuaremos.

### A PLEBE

É extraordinario o quadro que nos apresentam as sociedades civilisadas, e a primeira impressão que nos fere ao contemplar-as é um desvairamento que nos perturba a razão e nos anesthesia as facultades.

Perguntamos a nós mesmos o porque de

tão estranha prespectiva, maravilha-nos o combater poderoso de correntes oppostas que se guerreiam a todo o transe, e espantam-nos sobre tudo a coexistencia de principios tão heterogeneos.

É o periodo da lucta no auge da violencia, no seu grau maximo de tensão e força; e a Europa inteira é um enorme cadinho onde refervem elementos extraordinarios, d'uma combinação problematica.

Qual será o producto de tão extranha operação da chimica social?

No entanto todas as luctas que se ferem na vastissima arena das idéas, podem reduzir-se a uma: a lucta do passado contra o futuro. Os elementos que representam estas duas potencias enormes, cada uma das quaes contém em si toda a opposição com a outra, são nem mais nem menos que o ultramontanismo e o progresso.

A synthese parecerá arrojada, mas se procedermos a uma analyse conscienciosa veremos que é verdadeira. E não cabe no nosso intuito fazer essa analyse, que seria trabalho superfluo; outro é o nosso plano.

Só diremos que fazemos, talvez ampliando de mais a phrase, comprehender no ultramontanismo todo o enorme complexo das idéas que tendem á conservação das instituições no seu estado de utilidade exclusiva de algumas classes.

Estes elementos de vitalidade desempenham, apesar de tudo, uma enorme função evolutiva—equilibram-se.

Não somos apologistas da revolução extemporanea, que exorbitou das leis da evolução, como rude cataclismo que pouco mais produz do que ruínas; e é essa a razão porque desde já dizemos—a coexistencia d'estas forças é necessaria, é indispensavel, e se alguma d'ellas ha de ser absorvida, essa absorpção ha de operar-se em proveito da que representa a função de momento; mas espontanea e naturalmente; porque uma revolução não podia certamente aniquillar forças vivas, mas sómente modificá-las.

Hoje que a lucta é um dever sagrado, cumpre a todo o espirito superior empenhar-se n'ella; mas não seja a lucta irreflectida e violenta onde se dispendem forças quasi sempre sem proveito.

É principalmente pela classe plebeia que deve luctar-se, porque ella está longe, muito longe, de poder prescindir d'essa tutela.

A revolução de 1789 deu-lhe um desenvolvimento extemporaneo e precoce que a tem perdido, porque tem feito uma applicação errada de principios geraes que comprehendem mal, porque os recebeu quasi sem preparação previa, e hoje attribue-lhes uma latidade e um caracter absoluto que elles não têm nem podem ter; e d'aqui resulta para esta classe uma degradação moral e um enfraquecimento de facultades que faz tremer, porque ella desenha nos labios um sorriso de septicismo voltairiano sem que as crenças que perde sejam substituidas por outras crenças.

É sobre tudo para este ponto que devem convergir os esforços dos apóstolos da nova fé.

Quasi todos os philosophos, quando tratam de definir e determinar a influencia do christianismo sobre os povos, elevam-se demasiado em concepções puras, desprezando o realismo frio dos factos; e muito poucos escriptores, a não ser debaixo da forma humoristica, ou então de verrina superficial e demasiado violenta para ser philosophica, encaram ainda propriamente a questão da influencia das crenças religiosas sobre as classes collocadas no ultimo grau da escala da illustração. Mas crenças religiosas taes quaes lh'as incute o clero que, ou é illustrado, e então raras vezes deixa de usar de má fé ensinando doutrinas que lhe não satisfazem o espirito, ou o não é, e o resultado é o mesmo; porque a plebe nada, ou muito pouco sabe das doutrinas propriamente ensinadas pelo Christo, e unicamente lhe enchem o cerebro crenças e superstições d'uma grosseria verdadeiramente pagã.

A moral propriamente christã impõe, é verdade, um certo numero de prescripções completamente inexequíveis por absolutamente theoricar, mas encerra no fundo os germens d'uma norma aproveitavel e quasi

completa, que soube arregar uma instituição que seria immortal, se alguma instituição houvesse bastante forte para resistir á espada athletica da evolução.

D'um espiritalissimo exaggerado até ao ponto de enlouquecer os que pretenderam dar-lhe um comprimento integro, continha n'esse exagero a força que a sustentou, conjunctamente com a necessidade historica e evolutiva da sua existencia.

Satisfeita essa necessidade desempenhou a sua missão, como a desempenham todas as instituições. Porém essa missão terminou e ella, cedendo ainda á força impreterivel das leis naturaes, tendo a desaparecer, e se alguma influencia exerce ainda, é prejudicial ao desenvolvimento dos espiritos que a professam.

Chegados a este ponto, a questão ramifica-se em duas; temos a encarar-lhe duas faces—1.<sup>a</sup> a plebe crente; 2.<sup>a</sup> a plebe descrente.

Como o homem proximo a afogar-se lança mão de todos os meios para subtrahir-se á acção mortal da asphixia, assim as instituições, na sua queda lenta para a valla da historia, envidam esforços cegos para conservar nos seios o resto de fluido vital que vae pouco e pouco rarefazendo-se e decompondo-se á acção fatal do tempo e das idéas.

Eis o que succede com o christianismo ou melhor com o catholicismo.

Presente a morte e, semelhante ao leão derrubado, tenta ferir, esmagar debaixo da garra, que possui a força nervosa da agonia, o braço que lhe vibrou o golpe.

O unico sustentaculo das idéas catholicas é a ignorancia, o obscurantismo, porque só por uma anomalia, em virtude de uma perfeita aberração, que importa enfraquecimento necessario de forças cerebraes, podem coexistir com a illustração.

Pois bem é para ahi que convergem os esforços ultimos dos que pretendem sustentá-las para sustentarem-se impedindo a todo o transe a passagem da luz.

E tem-no conseguido a tal ponto, que inspira dó a repulsão premeditada mas inconsciente dos crantes a tudo o que seja progresso; e eis a razão porque estes cerebros mizerandos não possuem senão um pequeno numero de principios scientificos, que deturpam, porque na sua applicação, os subordinam ao criterio fanatico e retrogrado das suas crenças, que desenvolvem d'elles um espirito invencivel de conservação.

Desconhecem a verdadeira função das instituições nascentes, que as horrorizam porque o clero e seus adeptos lh'a fazem ver como instrumentos de anarchia e de morte, impedindo a observação com o dique insuperavel do anathema e da sanção phantastica e grosseira do inferno, que o vulgo teme porque não conhece, nem a sua razão pôde desprezar, porque lhe falta a razão.

E as questões de toda a ordem são submettidas á apreciação cavillosa do pastor que, ou as não resolve porque as não conhece, e na sua vaidade de illustração ostenta uma solução impossivel; ou, se as conhece, impede que o vulgo as conheça se ellas vão ferir, de leve que seja, os interesses ecclesiasticos.

E todavia, amarga verdade, é mais feliz a plebe que crê do que a que não crê; porque para aquella a religião é uma barreira que raro deixa attingir o campo do vicio habitual; esse vicio chronico que tem o nome de corrupção!

A crença é um elemento necessario e imprescindivel de vida. Demonstram-no os factos.

Não é pois que a crença christã, ou, mais geralmente, a crença religiosa seja pela sua natureza conducente, ao menos hoje, ao aperfeiçoamento integral das forças sociaes; mas quando ella desaparece sem que tomem seu lugar as crenças racionais de qualquer ordem, deixa de existir um principio orientador, uma estrella que nos aponte o norte da finalidade humana.

Os espiritos a quem não allumia o immenso sol da sciencia, proscvem as crenças religiosas não porque as criticaram, porque, se se assim fosse, os elementos de critica

eram por si uma crença; mas porque lhes faltou o extremo apoio do exemplo; mas porque observaram a contradicção flagrante dos homens que pretendem sustentá-las unicamente com a palavra, cavando-lhes com o exemplo a sepultura.

É então que o paria, rodeado de trevas e vacuo, se precipita n'esse abysmo horrivel de crimes obscuros que o mais cynico d'uma classe superior observa com horror e repelle com asco,

Pretendi destruir, mas o meu trabalho seria incompleto se não tentasse também edificar.

É um erro que a cada passo se comette o dizer-se que o povo portuguez não está sufficientemente preparado para receber a luz dos principios politicos modernos. É um erro, repito.

Está-o sufficientemente, e tanto como qualquer enfermo para receber o remedio; porque esta é a verdade: o povo soffre d'uma enfermidade de que só poderá curar-o a forma republicana de governo.

O povo, a plebe, esse eterno escravo, geme debaixo do escarneo humilhante de uma liberdade ficticia e d'uma ignorancia que o cega. Pois bem! Erga-se o povo do seu leito de paralytico baptizando-o nas aguas da nova fé, e depois o povo portuguez será o que é o francez, o suizo e o norte-americano.

Seja esta a estrella tres vezes santa que deva guiar á pelega ideal do bem os espiritos da luz; seja este o lemma que os apóstolos do novo christianismo estampem na sua bandeira: *roubar o povo ás garras da ignorancia.*

A. A.

### Noticias d'Odemira

Procedem-se no dia primeiro de janeiro á eleição do corpo gerente da Sociedade Recreativa Odemirense, sendo os cavalheiros mais votados os ex.<sup>mos</sup> srs. José Maria Lopes Falcão, dr. Moura, João Serrão do Valle, José Romão Nunes e Angelo Botelho.

Como as correspondencias, que tenho de enviar a respeito do *nosso* prior, são em grande numero, porque tenciono apresentá-lo sob todos os seus aspectos, sou obrigado a fazer uma prevenção.

Perguntar-me-hão os estimaveis leitores d'estas noticias, a que proposito vem fallar d'um padre, cuja vida publica se não molda por boas formas, quando pretende provar apenas o indifferentismo dos seus patricios? É mais, para que fallar d'esse indifferentismo; quando deve sómente encaminhar o povo á comprehensão da causa que defende?

Eu lhes digo: tudo isto me ha de levar a esse fim desejado, mas para o conseguir terei primeiro de derrubar os obstaculos que entulham o caminho, e ninguém ignora que um dos maiores senão o maior, é o indifferentismo que abate um povo e o colloca nos paroxismos da morte. Esta doença manifesta-se de diversas maneiras, e uma d'ellas resume-se n'estras tres palavras: *que me importa...* Pratique-se o bem ou o mal dir-se-ha sempre, *que me importa...* Ainda uma outra manifestação, é a censura d'um acto na ausencia de quem o praticou, e na presença a conservação das mesmas relações ás vezes até com mais exterioridades. Exposto isto, facil é ver a coordenação d'estes factos.

O *nosso* protagonista é um ente odiado por quasi todos os habitantes d'aqui, todos censuram os seus actos, mas ninguém se *importa* com a sua sanção, todos, contudo, desejosos que alguém um dia o chame a capitulo.

Se se importassem, onde estaria o *nosso* prior?!

Chegou-lhe hoje o dia, mostro com isso não estar enfermo, e espero mostrar-lhe não desanimar da empreza que me propuz; ou ha de ser regrado ou ha de ser demittido.

Os meios a empregar affianço-lhe serem leaes e publicos. Não prometto azas de pau, prometto-lhe honra e lei. Não o mando cavar batatas a Roma, peço-lhe moralidade e seriedade.

Estas considerações guardava-as para remate, mas a oppurtunidade d'uma declara-



ção obrigou-me a fazel-as já. É necessario dizer ainda outra cousa, que tenha sempre em vista nas minhas correspondencias, que me occupo só da sua «vida publica» e faço-o não por importancia que lhe dê, simplesmente por ser a unica sob a alçada da discussão e de nosso interesse.

O promettido é devido.

Sem me demorar em preambulos escusados, vou cumprir a missão a que me propuz, apresentando-lhe o *nosso* padre como um exemplar esthetico-intellectual-moral.

Homem alto e grosso, rosto chato e cheio, olhos, nariz e bocca pequenos, sobrancelhas negras e carregadas, tal é o typo de antipathia personalisada!

A sua intelligencia tem-se revelado em suas producções, taes são: sermões, officios, (ao regedor e presidente da junta de parochia), discursos no fóro e fóra., requerimentos, etc.... uma fecundidade comparavel á de Jayme José, mais correcta e menos augmentada.

Como remate: as suas obras apresentam-se revestidas d'um cunho de moralidade, que já attinge a virtude pela practica continua, e que n'este mundo começam a ter seu premio.....

Apresentemos alguns factos como prova.

Em tempos, em que se preenchiam lugares sem concurso, e que não vão longe, vagava o lugar de prior d'uma das freguezias d'esta villa, e por essa occasião sahia do seminario de Beja um simples mortal, a que os amos tornariam *composto*..... e pretendu-o.

Por pedido d'um tio d'elle a um vulto importante d'aqui, o capitão Eduardo Eloy, obteve o posto ambicionado, e em poucos dias era o *sr. prior*.

Estava exuberante de vaidade! tão novo investido n'um cargo tão importante, não podia ser só por influencia d'outro, devia ser também pelos seus merecimentos. Mas quando os mostrou? Não se tinha ainda manifestado, é verdade, mas esperava no futuro, e quantas occasiões não se lhe offererem!

Recorreu ao futuro, e este tem-lhe provado bem que a natureza não o destinava para aquelle ministerio; falta-lhe vocação e falta-lhe intelligencia. Ter o nome de padre é fácil, sabel-o ser difficilissimo.

A vida era-lhe affavel, a freguezia rendosa, o trabalho pois desnecessario. Mas em que se passaria o tempo? A comer?

Isso fazia, e alguns annos depois mostrava, o que valia uma vida em que as necessidades do corpo eram tudo, as do espirito nada. Nada..... não!..... alguma couza é a vileza, resultado da sua subordinação e desprezo.

Não enchia os seus desejos, comer sómente; as suas aspirações tinham um ambito maior—manifestar o seu *talento*—era necessario satisfazel-as.

Decidiu-se um dia, e começou.

As vocações porém eram multiplas. Assim em 1872 se bem me recordo, respondia a uma policia correccional, por insultos publicos feitos á camara.

Suspenderam-n'o de suas funções durante alguns dias, segundo a lei.

Sentado no banco dos réus, foi n'essa occasião punido com o nome de quem não prova o que affirma.

Gratas recordações o acompanhavam n'esse dia ao sahir do tribunal, queria lá voltar, mas não, só, como réu; um outro ponto luminoso começava a dispartar no horizonte das suas ambições; se elle fosse um dia procurador?... Não querendo precipitar a exposição dos factos, direi comtudo já que viu realisado mais tarde o que n'esse dia ambicionou.

Em 1881 era accusado pelo administrador do concelho de graves faltas no cumprimento dos seus deveres.

Formaram-se-lhe dois ou tres processos, de que se livrou, fazendo valer as qualidades que o adornam e distinguem.

No dia em que soube d'este acontecimento teve medo, quasi que adoeceu: de noite, de dia, tinha deante si um espectro que tentava aniquilal-o.

Não havia remedio senão tomar uma deliberação: a elle porém não lhe apparecia outra, que não fosse entregar-se á protecção do seu Deus, de quem era um *tão fiel servi-*

*dor*. Mas só esta, também lhe parecia não bastar.

Alguem de bom coração lhe traçou um plano, que talvez desse seus resultados.

E porque o não seguiria?

Um dia, julgo que bonito, soube-se em Odemira, que o *nosso* prior partira para Beja. Visitou alli o *mui digno* vigario geral, seu intimo amigo, com quem fallou durante algumas horas sobre negocios ecclesiasticos, forenses e administrativos, o que devéras maravilhou o prelado, ao notar-lhe tão grande erudição!

Demorou-se um pouco mais no assumpto administrativo, apresentando os males provenientes d'um mau administrador, que como exemplo, tinha á mão o de Odemira.

Contou-lhe muita cousa e junctamente os males que o opprimiam.

O seu *mui digno* superior condoceu-se tanto, que lhe entregou uma receita, mas de que só em Lisboa se devia utilizar, depois de consultar um medico especialista, que havia alguns mezes abria um consultorio no Terreiro do Paço, e de quem era amigo.

Foi pois até Lisboa obrigado pelas circunstancias.

Facil lhe foi encontrar o medico, a quem fez entrega da receita; e depois de inquirido sobre os seus soffrimentos, que descreveu sob aspecto o mais tetrico como ao causador d'elles, o medico disse-lhe: a receita que lhe deram em Beja está conforme aqui mesmo tenho botica e dou aviamento.

Quando o doente se preparava para pagar, perguntou-lhe o medico *ex-abrupto*:—de quantos votos dispõe lá na terra?

Sabida a resposta, pediu que lh'os guardasse, e estava pago.

Não podendo ser logo aviada a receita, o medico aconselhou-o a voltar para Odemira e fez-lhe promessa de prompto curativo com applicação do remedio que brevemente enviaria.

O medico era o ministro do reino da situação progressista; a doença do padre, os processos que o administrador lhe promoveu; o remedio a applicar, a sua transferencia.

Mas, fatalidade! O administrador tivera suas rixas com um membro da camara, e este exigia igualmente a sua transferencia.

Sabida comtudo, sr. padre, que não foi a sua doença, quem decidiu o ministro.

O administrador ia ser dado em holocausto, talvez porque cumpria a sua obrigação; exceptuava-se dos seus predecessores, importando-se com os deveres do seu cargo.

E assim era.

A transferencia deu-se em breve.

Nesse dia o padre jantou melhor.

Pois não..... via-se livre do seu maior inimigo!

Realizada a parte mais importante do plano que lhe traçaram, pensava agora como acabar com o fructo do seu inimigo: os processos.

Não lhe achando outra solução, que não fosse a natural, de responder a uma audiencia, esperava no bom resultado d'ella, porque as testemunhas de accusação abrandariam com a ausencia do administrador.

Odemira, janeiro de 1882.

(Do nosso correspondente)

(Continúa).

### Noticias de Santarem

Fervilham as intrigas politicas e praticam disparates bravios os mandões do campanario.

Para alguns d'elles não existem homens independentes, que antes devem ser servos estupidos, obedecendo submissamente a imposições tolas, abdicando dos attributos essenciaes, que distinguem o homem.

—Quando se insurge um ou outro com independencia, porque não tem feito para palhaço, lança-se mão de todos os meios, embora ignobéis, para os amordaçar e desconsiderar. Se continuam a protestar, intriga-se tudo, comtanto que se consiga o fim.

—O grupo que está de cima, quer uma camara á sua imagem e semelhança.

Fez-se. Quiz mais tarde distribuir a presidencia e vice-presidencia a seu bel-prazer.

Fez-se. Os meios que se empregaram são

tão baixos, tão pequenos, vis e infames, como são pequenos e mesquinhos os homens que a isso se prestaram, caindo miseravelmente no lodaçal d'uma politica réles.

Uns que alardéam de independentes, são convidados para opiparos jantares afidalgados e ahí juram a sua submissão, trocando as suas convicções por um prato de sopa fervida e por um calice de cognac.

Enebriam-se com os perfumes d'uma *toilette* mentirosa e deixam-se seduzir por uma caçarola de lentilhas temperadas e adubadas por palavrões sem sentido.

São ainda esses que vem seguidamente *apalpar* aquelles que se não vendem, nem curvam a tolices injustificaveis, a combinações ridiculas, a dispauterios inclassificaveis.

—Outros obedecem cegamente ás ordens terminantes dos patrões; vão para onde os encaminham sem coragem de interrogarem o destino que lhes dão.

Toda a sua disciplina consiste na obediencia fatal á voz do governante, gravitam em redor do centro—*mandão*—como os astros gravitam em roda do sol. Note-se todavia que o *mandão* n'este caso não é capaz de illuminar. É antes opaco, escuro, tapado como uma porta.

—Aqui tem a *Evolução* uma nesga da politica monarchica em Santarem. Avalie qual é a mentalidade dos politiqueros que por aqui se ostentam.

Prometto dar-lhe circunstanciadas informações do que se passa n'esta cidade. A politica merecer-nos-ha attenção especial, darei conta da firmeza de ideias que se abrigam nos cerebros dos *mandões*.

Estes, sujeitos a uma analyse rigorosa, constituam um ridiculo espantoso.

Um d'elles porém podia ser um cidadão notabilissimo.

X.

## NOTICIARIO

Mals uma vez foi posta em scena a estafada e velha farça que todos temos visto representar no dia 2 de janeiro no theatro de S. Bento. Differentes actores, comparsas os mesmos. O desempenho correu regular; mas apesar d'isso ia fazendo *fiasco*, segundo o que nos diz o nosso collega o *Seculo*, e o sr. Fontes passou um mau quarto de hora quando o sr. D. Luiz lia a *papeleta* que este anno foi entregue pelo sr. Thomaz Ribeiro. Ao sr. D. Luiz terminou a voz de commoção, é que estava no seio da *representação nacional*. E' d'uma ingenuidade esta *representação nacional* encaixada na tal *papeleta*!... Dêem-lhe outro nome menos esse: por exemplo o seio dos nossos compadres e amigos.

O tal discurso da corôa, ou como melhor lhe queiram chamar, revela bem o cynismo dos governantes e a muita paciencia dos governados que ainda toleram taes comedias.

Diz-se alli que o sr. D. Luiz dentro em pouco terá o prazer de ser causa de que o povo seja esbulhado de perto de 1000 contos, para que elle possa bem receber o seu illustre parente D. Affonso XII. Não seria melhor que estas festas de familia fossem pagas á custa da respectiva familia?

Que nós importa a nós que o sr. D. Luiz tenha tantos primos e os queira a todos obsequiar? Faça-o, nada temos com isso, mas do seu bolso.

Diz-se mais: com geral socego em todo o reino e provincias ultramarinas se effectou a eleição de deputados. Isto é de mais! se o vissemos escripto n'um jornal estrangeiro, fallando de nós, vá, mas que se diga ao paiz em pleno parlamento é muito! Já esqueceram Gouvêa e Mangualde?

O sr. D. Luiz não pôde deixar de mencionar a recepção *sincera* que lhe fez o sr. Burnay no Porto, e agradece.

No tal discurso vae-se preparando o povo para ir puchando pela bolsa para que o *deficit* seja aniquilado! E gasta-se com a recepção do parente perto de 1000 contos!

A respeito do tratado de Lourenço Marques nada se diz, é de admirar! Por ventura o tractado não existio, não foi addiado, não houve *meetings* populares contra a sua

ratificação? Foi tudo isto simples illusão nossa?

Não foi, e o tratado está ainda na carteira do sr. Fontes, para ser votado, e será approved; porque elle assim o quer.

Nós n'esta omissão vemos o bem firme proposito de obstar a que alguma cousa se diga a respeito do tratado na resposta ao discurso da corôa, que de novo levante celeuma cá fóra, e faça recordar ao povo que o tractado ainda não foi annullado.

O sr. Fontes quiz fazer esquecer o tractado de Lourenço Marques, para o apresentar á camara de surpresa, fazel-o approvar e assim ludibriar o povo; é pois preciso estarmos alerta, não nos deixarmos surpreender: fallemos todos os dias em semelhante vilania e estygmatisemol-a sem descanço.

Recebemos e agradecemos o 1.º numero do *Diario do Exercito*, que começou a publicar-se no Porto no 1.º de janeiro.

E nitidamente impresso em elzivir.

Não tem politica. Consagrará o maximo espaço possível á resolução dos grandes problemas de interesse social; á instrucção popular, a agricultura, o commercio, etc.

Occupar-se-ha principalmente da questão militar, que considera uma das mais importantes.

Desejamos longa vida ao collega portuense.

«*Estação civilisadora do Zaire*—Não está ainda escolhido o official para chefe d'esta estação. Não sendo este serviço dos considerados ordinarios, e a que qualquer pôde satisfazer, claro é, que o governo tem de resolver, de accordo com a sociedade de geographia, sobre a escolha do individuo; e essa escolha devia estar já feita, a fim de dar tempo, a que o novo chefe estude os seus deveres, e se compenetre da sua missão. (*Diario de Noticias*).»

Já esperavamos isto mesmo e n'este jornal o previmos.

São estas as consequencias de porem á frente de ramos importantes da publica administração homens levianos e sem conhecimentos proprios dos negocios que dirigem.

O sr. Mello Gouvêa desconsiderou o distincto official Nuno Queriol, homem instruido, conhecedor das nossas colonias, dos costumes dos indigenas, e muito conhecedor do Zaire, que visitou mais d'uma vez, quando esteve como guarda marinha na estação naval d'Angola; e este brioso cavalheiro que deixava uma familia extremozza e o conforto da patria, porque tudo sacrificaria a bem do seu paiz, pediu a sua demissão de chefe da estação civilisadora no rio Zaire.

Que fazer agora, sr. ministro da marinha?

O que achamos mais curial, mais digno, é s. ex.ª convencer o official a quem deu o commando do vapor *Vithena*, desconsiderando o official a quem elle pertencia, a que vá para o Zaire, sanando assim todas as difficuldades que ha, para encontrar um official que, queira acceitar tão penoso encargo.

Duvidamos porém que o official, que conduzirá o *Vithena* a Lisboa, acceite tal missão; porque ir para o Zaire não é pavonear-se pelas ruas de Londrês ou de Lisboa.

A estação civilisadora talvez se não estabeleçaria prazo de tempo que todos esperavam por falta de chefe!

São estes os fructos do compadrio!

A *Folha do Povo* começou no dia 1.º de janeiro a publicar-se todos os dias.

Este jornal é o mais antigo que conta hoje o partido republicano. Atravessando uma vida, que nem sempre foi risonha, tem sabido conservar a mais nobre dignidade jornalística, a ponto de poder ser considerado como um modelo.

Nas suas columnas tem inserido artigos do mais alto valor. E o povo, d'onde ella saiu e para quem sempre foi a benevolente e sensata conselheira e mestra, tem-lhe sabido pagar a sua grande divida de gratidão.

A *Folha do Povo* é hoje o segundo jornal portuguez em tiragem.



Estamos certos que o novo diário ha de sempre corresponder ao juizo que o publico tem formado da *Folha do Povo*.

Por chegar tarde, não publicamos hoje a resposta a um artigo publicado na *Vanguarda* pelo sr. E. d'Almeida que nos diz respeito.

Na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> columna da 4.<sup>a</sup> pag. do nosso ultimo numero havia duas transcripções, uma da *Liberdade*, outra da *Folha do Povo*. Por engano attribuiu-se a um d'estes jornaes o que o outro diz e *vice-versa*. A ambos os collegas pedimos desculpa d'este erro.

Falleceu n'esta cidade o sr. Albano da Costa Montenegro. Foi sempre um empregado honesto e activo. A sua desmesurada modestia privou os apreciadores de trabalhos artisticos reconhecendo quanto elle valia. Deixou alguns trabalhos de embutidos de madeira, especialidade a que se dedicou, que são um verdadeiro primor. Esta noticia não é mais que um protesto de saudade de pessoa a quem elle votou uma viva afeição.

Os estabelecimentos de ensino são representados na commissão academica que promove em Lisboa o centenario de Pombal pela seguinte forma:

«Curso superior de letras, pelos srs. João Augusto Barata e Bartholomeu Salazar Moscoso.

Escola polytechnica, polos srs. Lourenço Cayolla e Antonio Leite.

Escola medica, pelos srs. Carlos Joaquim Tavares e Augusto Faustino dos Santos Crespo.

Escola do exercito, pelos srs. Augusto Tavares e Augusto da Cunha Ferraz.

Instituto agricola, pelos srs. João Viegas Paula Nogueira e João Eduardo Portugal Pereira da Silva.

Instituto industrial e commercial, pelos srs. da Ascenção Machado e Julio Maria Baptista.

Lyceu, pelos srs. Augusto Rodolpho e Feisberto Alves Pedrosa.

Collegio academico de Lisboa, pelo sr. Victorino de Andrade Neves.

Collegio de humanidades, pelo sr. Francisco Luiz Teixeira.

Collegio Parisiense, pelo sr. Arthur Pinto da Rocha.

Escola Moderna, pelo sr. Antonio Jacintho de Mollo Junior.

Houve hontem reunião da commissão, pelas 7 horas da noite, na Associação Academica.

## A CARIDADE

### Recitada no sarau em beneficio dos pescadores do Faradouro

Por sobre aquella ruína, eu vejo commovido, como um consolo immenso ao peito confrangido

do pae que não tem pão, da mãe, mãe, que a chorar, aperta ao seio o filho a quem já falta o lar,

uma figura extranha em tanta suavidade, uma mulher ideal, sublime—A CARIDADE.

N'aquelle seu sorriso, o mesmo que Jesus tivera para nós ao expirar na cruz,

ha não sei qué do ceu, do vasto azul sereno, que eu fico pensativo e sinto-me pequeno.

Tão grande é no poder, que as suas azas mansas, cobrindo meigamente as pallidas creanças,

vão esconder-se além, no paramo infinito, como a abraçar o mundo e não perder um grito.

Ella entra em toda a parte. Abre o palacio e diz: —Além, n'aquelle encosta, um paria, um infeliz,

em breve vae morrer; tem fome e não tem pae. Esmola ao desgraçado, é vosso irmão, oh dae.

Depois vae á choupana; enchuga ao pobre o pranto, envolve-o, como mãe, nas pregas do seu manto,

e sempre n'um sorriso, atira-lh'a ao regaço. E lá parte a correr sem nunca ter canção.

Bateu á vossa porta e disse:—Ao pé do mar, ha filhos sem ter pão, ha paes que não tem lar.

Ha lá um vosso irmão, um rude luctador, um homem que trabalha, um pobre pescador,

que tinha um só ideal—a santa aspiração— dizer á noite ao filho:—Ahi tens tu um pão.

Veio a desgraça um dia, e o pobre que sonhava, n'aquelle immenso mar que tanto e tanto amava,

perdeu em pouco tempo o leito e o seu abrigo. Correi, ide acudir, mostrae-lhe o peito amigo.

Viestes vós aqui, viestes apressados lançar a vossa esmola áquelles desgraçados.

Lá cima ha um Olhar, Olhar que tudo vé, que segue o que acredita e segue o que descre,

e lança sobre vós as benções lá dos ceus. Sabeis que dar ao pobre é emprestar a Deus.

ÓVAR.

FERNANDO COUSIM.

## LISBOA

6 de Janeiro de 1882

Cada dia que passa é assignalado por um novo disparate que os defensores da monarchia praticam. O que succedeu hontem é mais de que um disparate, é um attentado contra todas as liberdades individuaes, é o mesmo que declarar esta capital em estado de sitio e decretar suspensão de garantias. O theatro do Principe Real estava cheio de cidadãos pacíficos que assistiam á primeira representação da revista do anno de Baptista Machado e á qual este nosso collega do *Seculo* poz o titulo de *Faz-me arianjo, revista á altura da gravidade das circumstancias*; tinham pago e iam ali passar entretidos durante uma noite e não com o intento de attentar contra as instituições! O attentado contra as instituições, por meio da revolução, se este povo entender que o deve fazer por esse meio, não escolhe o acanhado theatro do Principe Real para esse grande dia da revindicação dos seus direitos, tem as suas praças publicas, tem as suas ruas, tem o seu parlamento, escusa de procurar a casa d'um particular para o fazer. Que saiba isto o sr. Arrobas e todos os seus ames!

O espectáculo corria na melhor ordem e o publico applaudia-o espontanea e entusiasticamente; depois de entrarem em scena muitos dos nossos mais altos vultos politicos, entra tambem o sr. Arrobas na figura d'um tigre; aqui é que os vinte policias que estavam nas dobradiças da plateia mandados para ali por imposição do sr. Arrobas para fazerem desordem, começaram a patear e o publico indignou-se e protestou energeticamente contra a auctoridade que vinha provocar a desordem.

O sr. commissario de policia que até ali estava gostando da revista, como viu que o sr. Baptista Machado não lhe poupava tambem o seu amo Arrobas, faz córo com os vinte policias, e intima os empregarios para mandarem descer o panno.

Os empregarios, os srs. Ruas, recusaram-se, mas no final do 2.<sup>o</sup> acto, o sr. commissario, mandou suspender o espectáculo e evacuar o theatro! Isto não se acredita, é uma monstruosa arbitrariedade que se não commenta; é necessario mesmo que este povo seja d'uma indole essencialmente pacifica, que tenha mais senso do que os que se dizem seus governantes, para não dar cabo de toda esta caranguejola. Os srs. Ruas acham-se presos por desobediencia á auctoridade! Os srs. Ruas dispendem uma somma enorme para pôrem em scena a *Revista*, convidam a auctoridade para assistir ao ensaio geral, annunciam-na com o visto do governo civil, compromettem-se para com o publico a dar-lh'a em espectáculo para o qual este publico, fiado n'isso, paga as suas entradas, e haviam assim burral-o unica e simplesmente, porque o sr. Arrobas entendeu mandar para o theatro vinte policias fazer desordem. E' inaudito e francamente é necessario pôr cobro a estes attentados contra as nossas liberdades.

Depois dos desatinos em Grandola, depois do corte, pela calada da noite, das vinte frondosas arvores do Rocio para armar nma

tribuna que custa 18 contos de réis para servir duas ou tres horas, o facto practicado hontem pela auctoridade, vem confirmar a opinião d'um nosso amigo a quem estes espectaculos de escandalosas tropelias provocaram a phrase de *estão todos doidos*. E estão, que o povo cumpra o seu dever, que retome os seus direitos e os mande, já que são doidos, para onde devem ir, para..... Rilhafolles.

Houve ante-hontem uma reunião de alguns republicanos para resolverem o convocar um comicio para o proximo domingo. Applaudimos a ideia e julgamos a occasião bastante opportuna; o comicio deve ser uma manifestação imponente, um protesto significativo contra esta ordem de cousas. Os oradores que a elle concorrerem talvez não tenham tido uma occasião tão favoravel como esta para apresentar ao povo o quanto tudo isto está *pódre*. Apresentar o estado desgraçado e decadente da nossa industria e da nossa agricultura, a ignorancia geral que lavra por todo o paiz, a completa desordem e immoralidade em todos os ramos da administração publica, as tropelias e arbitrariedades provocadoras que a auctoridade todos os dias pratica, e ultimamente nos factos de Grandola, no corte das arvores no Rocio, e no theatro do Principe Real, e depois frizar bem que os que se dizem nossos governantes, em vez de estudarem todos estes males para lhes applicar o remedio, só tractam de locupletar-se e aos seus amigos e de gastarem na recepção que o seu amo e senhor D. Luiz vae fazer a Affonso XII, o que assignou o decreto de pena de morte ao infeliz louco de Pinos—Puente, cerca de 1000 contos! (1000 contos representam a 5<sup>o</sup>/<sub>10</sub> um encargo de 50 contos de juros annuaes que vamos pagar a mais, emquanto não pudermos pagar o capital, que nunca poderá ser!) tudo isto deve indignar o paiz e é preciso que elle tome a serio a sua situação, se quer ainda um dia ser um paiz civilisado, livre emfim.

Tinha mais algumas noticias a dar-lhes mas esta já vae longa e não quero roubar mais espaço aos restantes collaboradores do seu esplendido semanario que estão com os seus artigos prestando valiosos serviços á causa democratica; a minha prosa nem de leve tem esse fim, traduz desordenada e febrilmente uma justa indignação e ao mesmo tempo os mais fervorosos desejos de que o futuro da minha patria, seja ao menos, um pouco melhor do que o presente. Para isto é preciso trabalharmos todos; os diversos contingentes de cada um reunidos são de grande valia.

A lucta, sempre, pela conservação da nossa dignidade, pela rehabilitação d'esta pobre nacionalidade pela republica!

Antonio Furtado.

## REVISTA ESTRANGEIRA

Todos os dias temos provas de que nos enganamos, quando dissémos que a Hespanha ia entrar n'um caminho de progresso e liberdade, não receiando as imposições clericas, antes fazendo comprehender ao ultramontanismo que o seu predominio em Hespanha tinha acabado.

Ha pouco o Bispo de Santander excomungava quatro jornalistas e Sagasta, apesar dos clamores da opinião publica não procede. Agora não é o Bispo que excomunga, mas a auctoridade que prende um individuo promotor dos banquetes mançonicos em Madrid, e não contente com isto impõe multas aos proprietarios dos predios em que se realizaram aquelles banquetes.

Isto basta para nos evidenciar que a reacção é protegida pelo «hijo de su madre» e será bom que elle pense na maneira como terminou o reinado da sua illustre progenitora. Os tempos não vão melhores para as testas coroadas.

Quando em França o ministro da fazenda declara que no proximo orçamento suprimirá o imposto de sello nos recibos, aqui é affirmado pelo sr. D. Luiz que o sen ministerio pensa na criação de novos impostos.

Mais um processo contra a imprensa foi annullado; é que em França todos respeitam esta instituição. Vem a proposito as seguintes palavras do *Indépendant*:

«Sómente amigos desastrados ou inimigos habeis podem induzir um governo a processar a imprensa por crimes politicos.»

Em Italia continua a imprensa registando qualquer intervenção d'alguma potencia européa nas suas relações com o Papa e o telegramma que abaixo transcrevemos procura mostrar que a Allemanha nunca teve idéa de tal intervenção.

Berlim, 2—Segundo referem noticias vindas de Roma, as negociações travadas entre a Allemanha e o Vaticano por mediação do sr. Busch, tiveram unicamente por objecto regular definitivamente a questão das promoções e nomeações do clero, e a administração ecclesiastica no reino da Prussia. Não se tratou da saída do Papa de Roma. O sr. Busch declarou que a Allemanha não pôde ceder da letra das leis, mas promette attenuar o espirito d'ellas.

Os negocios da Irlanda não melhoram e parece que a Inglaterra vae mudar de tactica, abandonando o systema da repressão e adoptando o da conciliação. Duvidamos que seja bem succedida, porque a Irlanda depois de tantos esforços e sacrificios não transigirá sem vér realizados os principios da *liga agraria*.

Segundo o telegramma que abaixo transcrevemos, o tratado de commercio da Inglaterra com a França pôde dar origem a complicações que não podemos prever.

Londres, 5—Diz o *Times* que o mallogro do tratado de commercio entre a França e a Inglaterra affectaria gravemente a cordialidade das relações dos dois paizes. Declara que a Inglaterra não acceita um tratado menos favoravel que o anterior. O *Times* repelle a idéa de intervenção armada anglo-franceza no Egypto, porque tal intervenção não faria senão augmentar as difficuldades.

## ANNUNCIOS

**CIRURGIÃO DENTISTA**  
**CEREGHETTI DOMINIQUE**  
**COIMBRA**

POSSUE todos os apparatus anestheticos e chloroformisadores para extrahir dentes e raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor dor.—Empasta e orifica os dentes cariados, garantindo todos os seus trabalhos. Eguale os dentes demasiadamente compridos, separa os unidos e firma os vacillantes. Limpa os dentes com toda a perfeição. Tem muitos especificos para a conservação e limpeza da bocca e cura o escorbuto radicalmente.

Tira callos sem dor alguma podendo o operado calçar o calçado mais apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca houvera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na Praça 8 de Maio—Coimbra.

**N. B.** Advérte, que não faz uso da chave ingleza para extrahir os dentes. As suas operações são feitas perpendicularmente.

COIMBRA—Typ. de Santos e Silva.





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pag. 298.

N.º 8	CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.	COIMBRA, 15 DE JANEIRO DE 1882	PUBLICAÇÕES Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.	ANNO 1.º
-------	--	--------------------------------	--	----------

### AVISO

Convidam-se todos os srs. acclonistas da «Evolução» a comparecerem sem falta alguma pelas 5 1/2 horas da tarde no dia 21 do corrente mez.

### O PARLAMENTO

Abriam-se ha pouco as côrtes com as respectivas formalidades. Sua Magestade mais uma vez pronunciou o discurso da corôa, embalando os ouvidos dos subditos fieis com a musica da sua voz. Adormentá do por esta doce melopéa, ha muitos annos que o paiz assiste como sonambulo á estranha representação d'uma comedia politica que tanto se tem prolongado. De vez em quando, como succedeu este anno, um espectador mais exigente, interpella *exabupto* o protogonista. O desconhecido ouvinte que das galerias da camara perguntou ao sr. D. Luiz o que era feito do tratado de Lourenço Marques, pronunciou uma phrase que, apesar de ser expressão d'um pensamento individual, deve fazer reflectir a nação inteira.

Se, como se diz, o tratado de Lourenço Marques, tem, em virtude de compromissos com a Inglaterra, de ser posto no anno corrente em execução, convem que o povo não se descuide e saiba conservar a energia e nobre indignação com que o verberou nos comicios imponentes para esse fim realisados.

Nós, os portuguezes, somos descuidados em demasia; parece que um anesthesico poderoso nos subjuga as faculdades e nos paralisa a acção. É por isso que os governos, reconhecendo a impopularidade d'uma medida, que para proveito

proprio lhes é indispensavel tomar, raras vezes renunciam a ella. Addiam a sua execução, e tanto basta para, encontrando-nos desprevenidos, a fazerem finalmente executar.

Crêmos que é este o plano que a regeneração prepara. Avisar o povo é o dever de todos os republicanos. Elles souberam mostrar ao paiz os inconvenientes do tratado, elles fizeram vibrar energicamente a alma da nação; mas o seu trabalho seria esteril se não levassem ao fim a tarefa tão digna e nobremente iniciada.

O parlamento já se tornou uma vez cumplice d'esta traição; a nova camara em nada está acima da que o fez, nem em moralidade, nem em intelligencia, nem em saber.

Sabe-se como todos os governos fabricam as maiorias parlamentares, e que o actual é especialista n'este fabrico.

O parlamento portuguez é, ha muito, a aggremação de ineptos argentarios e de habilidosos especuladores. Se no meio de tal gente apparece de quando em quando um homem intelligente, instruido e amante da patria tem de se retirar, como fez Francisco Mendes, caracter nobilissimo e lucida intelligencia, que saiu da camara, cheio de nojo e desdem por aquella abjecção indigna.

Se alguma vez se apresenta um deputado que represente a genuina vontade popular e se imponha ao paiz pela sua inquebrantavel honradez, encontra-se desamparado e sem auxilio, como succedeu a Rodrigues de Freitas.

A prova mais evidente de que a chamada representação nacional, não o é na verdade, temol-a na actual camara dos deputados. Por mais baixo que esteja o nivel intellectual da nação, não chega de certo á baixeza que a deputação nacional parece indicar. Representará o sr. Rosa

Araujo o circulo mais illustrado do paiz? Não, porque n'esse caso, as galerias da camara não o recebiam á gargalhada, como fizeram. Quem se apresenta revestido de tal auctoridade nunca é objecto de manifestações d'esta ordem.

Citámos um nome, que aliás respeitamos pela sua honestidade. Podiamos citar muitos outros; é escusado, porém: o leitor conhece-os de sobra.

É preciso acabar d'uma vez com este estado de cousas, que não é devido só a maquinações dos governos, que tem, forçoso é confessal-o, uma causa organica, de que se aproveitam os partidos.

Os homens que tem mais condições para serem independentes, fogem da politica, menos por antipathia do que por egoismo, deixando d'esta forma que os ambiciosos sem consciencia e sem dignidade especulem com os negocios publicos, que só deviam ser geridos por cidadãos desinteressados e honestos.

O proprietario diz ordinariamente que a sua politica é a administração da sua casa, a gerencia dos seus bens; o commerciante e o industrial exprimem-se da mesma forma. Apesar d'isso julgam dignos de censura os governos, sem se lembrarem que estes não poderiam fazer o que fazem se não fóra a indiferença d'elles. E acontece assim que os homens mais interessados na boa administração d'um paiz são exactamente aquelles que menos se importam com isso. Chama-se ordinariamente a isto desprendimento politico, nobre isempção, etc. Mas o que é certo é que, se não fosse esta nobre isempção, explorada com habilidade pelos governos, nunca poderiamos ter uma camara de deputados como a actual.

De tão vergonhosos effeitos a acção do governo é condição apenas; a causa vamos encontral-a na indiferença, que é

um dos mais deploraveis symptomas de falta de patriotismo.

Combatamol-a, pois, por todos os modos e ensinemos a quem tão lastimavelmente o ignora que tomar parte directa ou indirecta na governação do paiz não é exercer um direito, é cumprir um dever.

### A academia perante o Centenario de Pombal

Apesar de todas as classes terem feito até este momento um silencio gelido e sepulchral á roda do tumulo do marquez de Pombal, quando está quasi completando cem annos que esse tumulo se cerrou, a academia de Lisboa, n'uma reunião extraordinariamente concorrida, acaba de afirmar perante o paiz que a memoria do grande ministro ainda não se afundio nas ondas tristissimas do esquecimento, que essa grande individualidade politica do seculo XVIII ainda brilha atravez do tempo com todo o esplendor dos grandes heroes, para os que não tem como luzeiro almejado o interesse, nem como unico porto de salvação o emprego publico.

A academia de Lisboa foi digna e opportuna na sua manifestação, porque quando por toda a parte se discutem os gravissimos problemas internacionaes, quando em todos os gabinetes diplomaticos paira como que uma ameaça universal, sobretudo para os pequenos, é necessario que os povos independentes, que não tem esquadras nem exercito para responder a qualquer ameaça á sua integridade, tenham ao menos os seus annos cheios d'estas paginas vivissimas de luz, que são a mais brilhante afirmação de que um povo que assim se desenvolve, que assim respeita as suas glorias, deve, ha de ter vida autonoma.

E quando essa gloria que se eleva do jazigo mortuario por uma grande comemoração civica até se gravar n'uma das folhas douradas da historia nacional é o marquez de Pombal, é o audaz politico que fez tantas vezes recuar a diplomacia europêa clerical, então augmenta o dever de executar a mais brilhante e sublime apothéose.

Porém, como na politica monarchica se viciam todas as grandes aspirações, como

vel. Lucta por ser segunda vez como foi é-lhe impossivel.

Isto que se dá com a gentileza—feminina dá-se com tudo o mais na vida.

Mas no pequenino salão conversa-se alegremente.

As anedoctas graciosas e vivas apparecem risonhamente, como uns *pierrôts*, mostram-se, beliscam-nos para nos fazerem sorrir; deitam-nos a lingua de fóra: fazem duas *pi-roetas*, e passam, deixando-nos a rir a rir, perdidos.

No meio d'estes *gavroches* da narração vem de quando em quando uma *nova* mais serena, mais grave, quasi respeitavel. É ou o enredo d'um drama ou d'um romance; ou a descripção d'uma excorção ousada, ou as peripecias de que foi revestido o apparecimento d'um livro etc. E esta classe de *novas* passa com o seu fato correcto, com um ramo de pequenas violetas na *bontoufiere* e *gantée jaune*.

### FOLHETIM

#### UMA HARPA

É n'um pequenino salão confortavel, com *siuteils* commodos, molduras que sobressahem do papel assetinado com ramagens douradas, á que as lozes dão reflexos duros de metal.

Os reposteiros e cortinas estão hermeticamente fechados, zombando da noite de inverno. A luz incide nas serpentinas e jarrões que encimam uma elegante mesa de marmore. A um lado um piano d'Herard, elegante, aristocratico espera recolhido que umas mãos franzinas lhe vão dizer segredos brandos a que elle responda com os beijos sonoros das suas notas.

São dez da noite, jantou-se ha pouco. O ambiente tepido, a influencia magnetica dos sorrisos femininos, dos ditos temperados de *humour*, das casquinadas, que

percorrem o ar como uma cascata de vividas notas dando toda a escala com que uma garganta juvenil define uma alegria, um prazer; o an egosto de harmonias estranhas com que esperamos que um artista poderoso nos embale o pensamento; as picadas com que se nos faz lembrado o ultimo gelo de bom Moka, dando-nos aos nervos uma vibração vivissima; tudo isto nos dispõe, nos obriga, pelo menos esta vez na vida, a termos um rasgo mais ou menos eloquente, uma apreciação mais ou menos profunda, um pensamento mais ou menos elevado, um dito mais ou menos sintillante.

Se tu, caro leitor, revestido de todas as circunstancias que enumerei, ou de identicas, nunca te sentiste capaz de fazer alguma coisa agradavel, de dizer qualquer coisa justa, de te impores em fim, de qualquer modo estimavel, então és verdadeiramente infeliz e só na Cafraria ou em S. Bento poderás hoje em dia ser julgado um ser superior.

Mas não julgo tão entristecedora a tua attitude perante as solicitações incoerciveis,

indefineis, quasi enexplicaveis que n'alguns momentos da vida nos cercam.

Todos mais ou menos, no decurso de momentos de que é composta a sua existencia se recordam d'um d'entre elles todos em que foram d'algum modo culminantes, em que se julgaram superiores.

Eu por mim tenho reconhecido que muitas mulheres, por exemplo, tiveram um momento em que attingiram na historia curta da sua gentileza uma attitude a que nunca mais se podêram transportar.

O não sei que imperceptivel, o segredo que contem ou a camelia branca que lhe destacou dos cabelos finos, posta d'um certo modo, ou o *corsage*, ou o desenho que sobre a testa eburnea o pente de tartaruga phantasiou, este segredo não se repete, não se deixa segunda vez surprehender..... Como Fulana está hoje gentil!—mas hontem estava mais; tinha um não sei que..... mas ante-hontem estava muitissimo mais.

E por mais que ella queira esquecer esse momento feliz do seu reinado é-lhe impossivel.



n'este lamaçal enorme em que Portugal se vae afundindo ninguem pôde caminhar que não seja salpicado, tem acontecido que a imprensa regeneradora e constituinte tem querido asphyxiar os noblissimos desejos da academia com a cobarde conspiração do silencio.

Effectivamente, quando toda a imprensa devia elevar-se a uma saudação unisona para aquelles que tão alto desejam ver o nome da sua patria; quando aquelles que dizem dirigir o espirito publico deviam animar todos os que querem por estas grandes festas nacionaes affirmar a razão de ser da nacionalidade portugueza, os prélos ficam mudos, as machinas typographicas não se movem na maior parte da imprensa, para levar uma palavra de enthusiasmo áquelles que trabalham na realisação do centenário.

Este facto, que parece anormal e inexplicavel, tem porém uma decifração bem facil; a imprensa que tem deixado accusar os seus partidarios com os crimes da Penitenciaria, sem uma negativa, sem um protesto, a imprensa que tem visto arrastar pelas mais ignominiosas sendas do crime os seus redactores, muda como um condemnado amarrado ao poste do castigo, porque esses crimes se realizaram, porque esses roubos se fizeram, a imprensa, finalmente, que tão baixo se tem rojado, não teve, não pôde encontrar na sua imaginação uma palavra sequer para ajudar a glorificação do ministro, que tão immaculado conservou o nome da sua patria.

Além d'esta razão, que explica perfeitamente o facto, temos ainda mais que esses jornalistas, não estando ainda fartos, porque são insaciaveis, querem por todos os meios conservar este estado immoral e anarchico d'administração que tão bem se dá com a monarchia, não lhes convem advogar os centenários, porque sabem que estas solemnisações, agitando a opinião publica, em nome da gratidão que se deve aos novos deuses, aos genios, não podem deixar de produzir uma corrente de idéas no sentido mais liberal, isto é, no sentido democratico.

É por isto que ainda ha dois annos a imprensa progressista desejava correr a pau os promotores do centenário camoniano; é por isto que a imprensa regeneradora e constituinte se calam este anno perante os projectos do centenário de Pombal.

Mas que importa á academia que parte da imprensa se colloque como obstaculo ao seu caminho?

Os estudantes, que ainda no dia 18 deram uma prova tão brilhante do seu enthusiasmo, não se importarão decerto com estas difficuldades mesquinhas e antipatrioticas; pelo costume, ellas servirão unicamente para a rebustecer na sua fé, para os animar no seu apostolado, para os cobrir de novas forças com que elles conseguirão fazer uma glorificação brilhantissima ao integro perseguidor da reacção.

Felizmente a imprensa republicana, cumprido o seu dever; animando a academia nos festejos Pombalinos.

Louvando esta imprensa, só desejamos que os estudantes realizem as suas aspirações collocando na bandeira das glorias nacionaes como uma das maiores estrelas o nome do annunciador do movimen-

to revolucionario em Portugal, o nome do Marquez de Pombal.

L. C.

A Vanguarda publica no seu n.º 86 um artigo assignado por E. d'Almeida, em que este sr. a proposito d'um artigo de fundo que publicamos em o numero 3 d'esta folha, nos mimoseia com uns dislates perfeitamente á altura de quem os escreve.

Não insistiremos na oportunidade e vantagens que o partido auferê d'estas contendas tristemente reveladoras e estereis, que um pouco de sensatez e de amor á causa deveriam fazer evitar.

Não repellimos, approvamos mesmo qualquer polemica de principios, séria e razoavel; mas censuras como a que o sr. E. d'Almeida levanta, envergonham o seu auctor e enojam a quem lhes responde.

Olhe sr. Almeida a sua critica nem de leve nós magoou. Felizmente vinha assignada, e tanto bastava para nós e o publico a termos na devida conta.

Ella veio mostrar-nos até onde pôde chegar o estulto arrojo d'uns certos pareas das letras e confirmar-nos a verdade profunda d'um dictado portuguez que n'este caso tem uma applicação immediata e evidente.

Transcrevamos as suas palavras e o leitor que o não conhecer poderá avaliar de que calibre é o critico com quem nós estamos mettidos.

Diz: «A Evolução. .... inseria no seu n.º 3, de 12 de dezembro, um artigo de fundo altamente extravagante, em que além de outras censuras, se pretendia justificar o pedido feito pelos academicos á magestade para terem feriados.»

Ora o periodo em que mais de perto nos referiamos aos feriados era: o facto ultimamente tão censurado, de a academia pedir feriados a sua magestade está longe de representar uma manifestação unanime d'esta corporação.

E anteriormente diziamos que a academia de Coimbra tinha sido atacada com severidade por uma parte da imprensa, que lhe attribuia uma falta de comprehensão social e da sua função, pondo até em duvida a sua dignidade e elevação de sentimentos. Que como membros d'esta collectividade, taes accusações vinham tambem recahir sobre nós. Mas a Evolução ahí estava para significar um protesto digno e honrado dos nossos brios melindrados.

(Vive retro)

Em seguida apontavamos á geração academica actual, como exemplos a seguir e escola de patriotismo e elevação moral, as academias da Europa que mais se tem assignalado nas luctas da liberdade.

Só a funda e bem provada perspicacia do sr. E. d'Almeida poderia encontrar aqui uma justificação ao pedido dos feriados.

O Seculo, que tratou esta questão á devida altura, não veio encontrar em o nosso artigo opiniões em contrario á que com tanto denodo sustentou; muito pelo contrario, continuamos a dever-lhe a fineza de repetidas menções honrosas.

Além d'isto n'um artigo assignado por um

lenciosos; que as historias debandaram, e se esfumaram no longinquo horizonte da nossa memoria.

Decorrido pouco tempo as taes mãos de neve agitavam por sobre a longa grade de cordas um oceano de sons. Pareciam joieral-os de modo que as notas chegavam até nós puras, limpidas.

Ora um pizzicato percorria a bella harpa, como uma rajada que agita as aguas crystallinas d'um lago. Iustigando-o, ora os sons adormeciam como o marulhar da vaga que morre sobre a areia n'um segredo d'amor.

Nada ha para mim como a harpa. O violino embala-nos, dá-nos ao ouvido a sensação do moio, do brande, do que ha de mais recondito no thesouro da melodia.

O orgão faz-nos pequenos, humilha-nos como as cathedraes gigantescas, sua habitação. O effeito é cheio, e á força de ser grande quasi que perante a magestade das suas melodias apprehendemos a sensação do nada. O canto do orgão vae alargando alargando, e o nosso ouvido soffregio, sente-se

dos redactores d'esta folha foi devidamente apreciado o péddido. E a academia não veio reconhecida agradecer-nos as palavras de louvor que lhe dirigiamos. Nós sabemos o que uma tal franqueza nos custou.

E o sr. E. d'Almeida, que á mais completa ignorancia d'estes factos allia uma extravagante comprehensão das nossas palavras, vem para a Vanguarda e firma com o seu nome, (talvez com orgulho,!) o deploravel artigo de que nos occupamos!...

Depois de transcrever o penultimo periodo do nosso artigo diz: «De fórma que os senhores academicos redactores da Evolução ainda não têm opinião formada a respeito de monarchia constitucional e de republica.»

Isto nem merece commentarios. O leitor que nos tem lido bem conhece o abysmo de insanía que vae n'uma tal affirmação.

A respeito dos tres sabios, cujos textos transcrevemos no frontispicio do jornal, diz este auctorizado critico: «Que idéia formará aquelles rapazes dos trabalhos feitos por estes sabios em prol do desenvolvimento da civilisação?»

Que tal? Estamos a desconhecel-o, sr. E. d'Almeida.

Que idéia formaremos?... Mais razão temos nós para desejarmos saber qual é a sua.

Resolva-se um dia a esclarecer-nos, que ha de ter que ver. Como comprehenderá uma pagina de Harttmann ou Spencer quem transornou completamente o sentido d'um artigo tão simples?

Metta mãos á obra, sr. Almeida que estamos com curiosidade.

Diz ainda: «Já o outro dia, n'este mesmo lugar, dissemos que um dos peiores males que affligem a sociedade portugueza é, além do clero e da classe militar a praga dos bachareis com que a academia de Coimbra inunda o paiz. E realmente isto é uma grande verdade se conseguisse emancipar as classes productoras da nação do predomínio d'estas tres classes de parasitas sociaes, é incontestavel que estava completamente resolvida uma parte do problema politico que se nos apresenta, a maior importancia (?) com certeza.

Parece que qualquer individuo ainda o de melhor criterio e mais seriedade, em estando por algum tempo em contacto com aquella sociedade doutoral, se transforma completamente e á vontade dos mestres. Ali perdem-se as convicções mais profundas e aprende-se a amar mais a commodidade e a hipocrisia do que o trabalho e a verdade.»

Ahi ficam estas palavras para que os rapazes intelligentes, trabalhadores e independentes, que os ha e muitos na academia fiquem sabendo o alto conceito em que este sr. os tem, e como elle sabe fazer justiça.

Em seguida occupa-se no mesmo tom da organização da Universidade.

Tudo indica que n'um futuro mais ou menos proximo a Universidade venha a ser reformada, mas se campeios da força do sr. Almeida começam a pugnar por esta causa, tão justa e sympathica, mal e muito mal lhe irá. Que o sr. Almeida nos faça o favor de a não advogar. Nós desejamos tanto vel-a dentro em pouco triumphante!...

doido no seio d'aquelle canto, tenta colhel-o e perde-se.

Mas a harpa! a harpa!

Possue como nenhum outro instrumento — o murmuro — o dulcissimo murmuro. O murmuro de prazer... e nada ha mais alegre, mais vivido, mais arripiado de sons agudos, estridulos... o murmuro de dor e nada ha mais triste do que a vibração das suas cordas que soltam um gemido que ás vezes chega a ser aspero como as fibras d'um peito afflieto que estala. Eu nunca recebi uma impressão tão estranha como a que me dá a harpa.

Parece que se sente cada nota por duas vezes.

O nosso ouvido decompõe o ferir da corda e o lamento com que ella responde ao dedo cruel.

Dá um grito que termina n'um queixume; solta um brado que expira n'um gemido.

Emquanto aquella harpa soltava as estranhas melodias, o meu pensamento assistia aos mais phantasticos quadros que nos é

O sr. E. d'Almeida termina o seu longo artigo, dando-nos magistralmente um conselho, com tons de admoestação: — que não continuemos commettendo imprudencias...

Mil vezes obrigado sr. critico, e para lhe mostrarmos que o conselho nos aproveita, quando de futuro encontrarmos criticos da sua laia, havemos deixal-os grasnar...

E adeus, sabio e prudente Almeida.

#### As nossas Colonias

O caminho de ferro de Loanda para Ambaca ficará em projecto por falta de meios; a nossa colonia d'Angola bem como a de Moçambique estão alcançadas, a ilha de Santo Antão foi ha pouco assolada por uma grande inundação; Lourenço Marques ainda não tem um caminho de ferro que ligue este tão importante porto com o Transwal; e nada se faz.

Nada se fará, porque o sr. D. Luiz quer receber convenientemente o seu illustre parente!

Não ha dinheiro para terminar o que se começou, para acudir aos desgraçados que ficaram sem casa e pão; mas ha o bastante para realisar paradas que nada significam, e que não de dar occasião a que os hespanhoes se riam de nós, ao verem a organização do nosso bem disciplinado exercito.

São coisas nossas e que bem mostram a balleza das nossas instituições.

Parece que no espirito dos nossos governantes só predomina o velho principio adoptado pelos imperadores romanos — *paenm et circenses* — Querem fazer esquecer ao povo que nada se importam com a administração quer do continente, quer das colonias; que o divirta, que folgue, que admire o — filho de su madre — e deixe o paiz pagar e só pagar, a armada sem navios, as colonias sem administração, e portanto... festas!

Nós vemos as obras publicas em Angola suspensas; vemos o mesmo em Moçambique; o mesmo succede em todas as nossas colonias!

Ninguem ignora a importancia de Cabinda e Molembo; ainda ha pouco o paiz ahí sustentava dois filhos do barão de Cabinda procurando alli conservar as sympathias dos indigenas d'aquelle parte d'Africa; todos sabem que o preto de Cabinda é o iudigena mais indispensavel em todas as relações commerciaes do branco com o preto; e que se faz para conseguir que este paiz reconheça a auctoridade portugueza?

Está alli o Barão de Cabinda que nenhuma duvida teria em reconhecer; todos os dias na sua casa iça a bandeira portugueza; e por ventura, apesar da carta, é aquelle territorio considerado portuguez ou pelos indigenas ou pelos estrangeiros?

Gasta-se 1000 contos em paradas etc. e não ha dinheiro para que se olhe seriamente por assumptos de grande importancia e que poderão levantar-nos ao que já fomos!

Gasta-se 1000 contos de reis em paradas e o caminho de ferro d'Ambaca está em projecto; o caminho de ferro de Lourenço Marques para o Transwal não se começa e — o Anjo da caridade, que tem 20 contos para *toilettes*, não tem um ceitil para os desgraçados da ilha de Santo Antão!

dado aperceber no fundo do nosso espirito

Eu via agitar-se n'um mundo de sombras leves as visões das mais graciosas legendas... as do Rheno suaves como os raios da lua que as doirava, brandas como a nevoa matutina, puras como o canto antigo d'um *minnesinger* apaixonado.

Via sahir das alyas tunicas umas cabeças formosissimas, louras, desgrehadas; parecia-me que as madeixas dos seus cabellos cahiam pelas curvas sinuosas d'aquelles corpos imponderaveis pouco a pouco, como se guindo o rythmo que me feria o ouvido.

Quando mais longe voejava o meu espirito por entre aquellas meigas aprarições fluctuantes n'um banho de luar, senti como que o grito estridente d'um sacrificado.

Accordei do meu sonho. A bella harpa, para nada de encantador lhe faltar, até era caprichosa.

Tinha partido nma corda.

MANUEL DA SILVA GAYO.



Sabemos que occupar o paiz desde o Rio Loge até cabo Lopes era apenas uma questão diplomatica e que se de alguém houvesse opposição não viria ella dos indigenas; pois que elles bem nos conhecem, e dizemos mais, só a nós conhecem; mas para isto não ha dinheiro; porque acima de tudo está a realisação das promessas feitas em Caceres.

Gasta-se 1000 contos de réis em festas de familia, e o porto de Loanda está atulhado, não tem uma ponte de desembarque; com o do Ambriz succede o mesmo; Cabinda e Moembo o Zaire etc., que a carta diz serem nossas, são nos contestados pelos Ingleses, e para resolver estas questões, para realisar estes melhoramentos não ha dinheiro!

Fartae-vos lobos famintos!

Continuaremos.

Ha thesouros escondidos  
No fundo do teu olhar;  
Quem me déra ser mineiro  
Para lá os ir buscar.

Teus olhos, urnas d'amor  
Já não vertem tanto pranto;  
Es agora mais ditosa,  
Mas perdeste um certo encanto!

Tuas curvas sobranceiras  
Lembram porticos d'egreja,  
Onde o meu olhar se casa  
Com o teu olhar que o deseja.

Um dia esp'rei pela aurora  
Que tardava em appar'cer  
Fui encontral-a depois  
Nos teus olhos a nascer.

MANUEL GAYO.

Na impossibilidade absoluta de responder convenientemente aos ataques que todos os dias se dirigem ao throno oscilante diante da grande força dos principios da sciencia, e de uso virem os adeptos da monarchia com uma affirmativa banal e officialmente accete, sahida d'entre os prazeres gozados á mesa lauta do orçamento, ou da ignorancia crassa sobre o que seja justo, moralizador e por tanto accetavel nos dominios da theoria, como no campo da practica.

Não podem, ou fingem não poder conceber que a forma republicana tenha proximo o dia do seu estabelecimento, e isto pela razão, a seu ver indiscutível, de que o povo por uma notavel carencia d'instrução, não está preparado para receber uma forma de governo embora verdadeiramente acomodada aos principios scientificos.

Accetando nós por um momento tal affirmativa chegamos a concluir d'um modo que nada aproveita aos defensores da dynastia.

Com effeito, afirmar que o estabelecimento da forma republicana depende d'instrução que seja a sua base fundamental, é formular o panegyrico scientifico e politico d'essa instituição; é chamar-lhe util, moralizadora, economica e justa; é consideral-a como um producto do homem que pensa e sabe, do homem que sente e quer para submeter aos principios da moral e do direito a forma politica mais em harmonia com a sua natureza e liberdade.

Por outro lado, se, como dizem, o povo vive n'uma notavel carencia d'instrução, e se n'esse estado as suas aspirações politicas não podem ultrapassar os limites da forma monarchica, cuja sancção na esplendida carta é o freio indispensavel ás condições da sua baixesa de nível intellectual e moral, é certo que podemos concluir sem esforços que toda a fonte de vida da monarchia que se defende está na propria ignorancia, embrutecimento ou atrazo dos povos sujeitos a ella.

N'isto em que vamos de accordo com os nossos adversarios vae a condemnação das suas doutrinas, desgraçadas na verdade, porque por ellas condemnna o que tentam defender, como defendem o que julgam condemnar.

Argumentos da mesma natureza trazem sob identica forma e a cada instante para apresentarem a expressão da demeracia como a avançada destruidora da familia, da propriedade e da religião.

E que sem crenças nem aspirações firmes o vosso lemma de insidia e guerra miseravel á luz que se expande em nossos cerebros, ao sentimento que se dilata em nossos corações, e ao mesmo tempo, por uma incoherencia lamentavel, deixaes passar em julgado a decisão condemnatoria dos principios que defendeis sem a dignidade de homens livres, consciences.

Julgais ver a vossa causa salvaguardada pela ignorancia e baixesa moral dos povos, como vivendo d'estes dois factos, e tendes para toda a alteração no estado actual da nossa organização politica, como para os iniciadores d'ella — para os inimigos do lar, da crença religiosa da familia, todo o rigor da pena só reservada a grandes reus!

Nescios! Mas não, criminoso é o que busca na ignorancia, na cegueira, na escravidão do povo que não sabe a condição essencial para a sustentação da vida de parasitas que levaes; crime é querer sustentar o mais revoltante dos absurdos, a mais flagrante das injustiças á custa do suor do povo que [não] tem pensado porque nunca lhe abristes o templo augusto da instrução; crime é maldizer uma instituição util e justa em nome apenas do interesse e egoismo de alguns, é conservar o escravo manietado ao poste das trevas para gozardes nos falsos esplendores do luxo, nos requintes das orgias em que gastaes a alma, em que perdeis o sentimento para as nobres commoções.

De razão obsecada nem sequer conheceis o ridiculo do erro!

Quereis a hereditariedade com o seu fundamento na transmissibilidade de virtudes e talentos?

Pretendeis um grandó erro philosophico! Abri as paginas da historia; no deslisar de cada dynastia achareis na maior parte dementes ou ineptos.

Dizer realza é dizer riqueza, faustos, desperdícios; exemplos a registrar eil-os ahí patentes. D esta forma quereis a aglomeração, como o esbanjamento de capitães arrancados ao trabalho dos povos, consumidos sem utilidade e pagos amanhã com juros pesadissimos. D'qui resulta a miseria, vós sancionae-a. Sois reus de lesa humanidade.

Apregoar e defender o privilegio é offender o direito na sua accepção mais grandiosa: é o que fareis.

Pois bem proseguí como nós, sem embargo da insidia ou mentira na defeza que tentaes sem proveito, como nós que bem sabemos não serem de hoje as armas de que usaes. Os livros de Bacon e Descartes foram queimados, Galileu foi encarcerado, como Colombo entregue ao despreso, e os sophistas da Grecia propinaram a cicuta a Socrates. É que todos representavam o progresso como na nossa humidade se representa nas ideias que sustentamos. Depois, temos ainda uma convicção verdadeiramente salutar no caminho que percorremos, e é que n'esta lucta constante para demolir uma instituição cadaua são tão precisos os nossos esforços, como os d'aquelles que tentam ampararal-a na sua ruina.

### A monarchia agonisa

Incontestavelmente a velha monarchia portugueza entrou no ultimo quartel da sua odiosa existencia. Está impertinente, leviana, tropega, impossivel!

Ella sabe perfectamente que vive, não por graça de Deus, mas pelo apoio, mais ou menos criminoso, do povo; sabe que a sua existencia terminará no dia em que esse povo, como unico soberano, lhe lavre a fatal sentença; sabe que a resistencia á vontade popular, longe de lhe garantir a vida, lhe traz a morte, tanto mais affrontosa e lenta quanto mais tenaz e iniqua foi essa resistencia imprudente; sabe que a maneira unica de adquirir as sympathias, de que tanto necessita para se sustentar por mais algum tempo, é satisfazer as necessidades da nação, fazendo desaparecer a enorme e desanimadora divida, desinvolvendo as riquezas naturaes, tornando o paiz respeitado e digno, engrandecendo-o por todos os meios, pela sciencia, pelas artes, pelo commercio, pela moralidade, pela justiça, pela liberdade. Sabe tudo isto, mas a nada attende a imprudente e lá vae despenhar-se, cega e apupa-

da no abysmo que ella propria cavou. É sina, cumpra-se!

Já de ha muito que uma parte do povo portuguez, a mais trabalhadora, comprehendeu que a realza não pôde satisfazer as necessidades sempre crescentes da nação, porque isso anniquilaria o poder real — e este ou ha de gozar uma existencia egoista, e por consequencia pondo de parte todos os interesses do povo, ou não existirá. Não é portanto n'uma monarchia que um povo civilizado pôde encontrar a liberdade de que necessita porque essa liberdade é incompativel com a existencia d'aquella. O acto mais importante da liberdade d'um povo é sem duvida a escolha sensata do administrador dos seus bens; — essa liberdade nas monarchias está destruida pela hereditariedade.

Não ha monarchicos por convicção. Todos os seus apologistas dependem da realza. Nenhum homem independente e honrado, que conheça as leis que regem este systema de governação e que olhe com franqueza para o nosso monstruoso progresso, deixará de se indignar pela conservação ruinosa d'um tal regimen! E não será justissima e nobre a sua indignação? Não teremos nós milhares de factos para provarmos a incompetencia do systema monarchico? A quem devemos a perda de muitas colonias que nos pertenceram? Aquem devemos a nossa duvidosa autonomia, a monstruosa divida, a pouca consideração com que os estanhos nos mimoseiam, a immoralidade nas eleições e em todos os actos governamentais, o vergonhoso numero de 3.700.000 analfabetos m 4.500.000 habitantes, a justa descrença arreigada no espirito do povo dos beneficios da monarchia, a despeza inutil e extravagante de milhares de contos em negocios prejudiciaes e festas aos inimigos acerrimos da nossa independencia? Aquem devemos tantos beneficios? — o povo, o martyr que responde.

Cerca de 1000 contos se gastaram com as festa do rei Affonso XII (!). Pois esses 1000 contos, sabios governantes, não seriam utilmente empregados na construcção de um caminho de ferro que fosse desinvolver o commercio em qualquel provincia, a do Algarve por exemplo, que ha dezenas de annos espera ansiosa o seu estabelecimento? Pois esses 1000 contos não seriam mais vantajosamente empregados na criação de muitas escolas para diminuir um pouco o numero de 3.700.000 analfabetos, que a orgulhosa familia portugueza encerra no seu seio como emblema precioso do seu adiantamento?

Pois não seria mais humanamente empregado esse dinheiro, soccorrendo milhares de familias que actualmente luctam com a miseria e a fome? — Tinheis ahí bem perto, na Trafaria, onde podesseis caridosamente cumprir essa obra grandiosa, que é o vosso dever. E quereis que o povo honrado e digno vos applauda? Porque vos revoltaes contra o partido republicano que guerreia lealmente? Queixae-vos da vossa insensatez provada, da pouca habilidade que vos acompanha nos vossos actos, da falta de sagacidade e illustração que mostraes nos negocios da governação. Não é perseguindo esse partido, que hoje conta nas suas fileiras as principaes intelligencias de Portugal, que podeis salvar-vos e salvar-nos. Deixae-o e respeitae-o, porque elle vos apresenta modelos de honradez e autoridade scientifica que exigem o vosso respeito.

Infelizmente não sois os unicos culpados das nossas miserias, é tambem uma fracção do povo fraca e sem brio que vende infamemente a sua consciencia e que indignamente vos elege por um copo de vinho!

E ides depois hypocritamente apregoar no parlamento que sois a representação nacional, quando representaes unicamente os vossos interesses ou a ambição vaidosa de occupardes um lugar onde pela vossa mesquinhez intellectual vos tornaes ridiculos e prejudiciaes á verdadeira representação nacional.

Mas essa fracção desprezível do povo que profana tão vilmente o sagrado direito do voto em breve receberá a desillusão.

Da analyse imparcial que dirijamos para qualquer ponto do organismo monarchico só colhemos indignação e nojo. O exercito que se organizou para a defesa da patria, e nunca para defender a pessoa do rei que pôde deixar de merecer esse sacrificio, o exercito, que deve sempre representar a vontade

nacional, esse exercito que sae do povo e é por elle sustentado, conserva-se actualmente para oppôr-se e guerrear a vontade d'esse mesmo povo. Tristissima condição a sua — ver-se obrigado a sustentar os seus proprios inimigos!

Depois d'isto são os republicanos que arruinam o povo, que o desmoralizam, que chamam a banca-rola a este malfadado paiz, que compromettem a independencia nacional, que deslustram o nome portuguez adornado por tradições tão brilhantes? São elles que illudem o povo com promessas pomposas para lhe extorquirem, em momentana satisfação os seus magros vintens?

No dia da justiça elle saberá descobrir os criminosos e punil-os como merecem.

Mas todas estas corrupções, vicios, esbanjamentos e immoralidades são os symptomas infalíveis de que a monarchia portugueza se approxima rapidamente do seu occaso. Então nada a fará deter no seu cambalacho fatal, nem as suas hostes aguerridas, nem o poderoso auxilio das intelligencias mais que provadas dos seus homens d'Estado. E nós, presagiando n'esses systomas a sua morte certa, exclamamos crentes e com solemni-dade: — a monarchia agonisa!

Lisboa, janeiro de 1882.

Coelho Junior.

### Noticias de Santarem

É opinião corrente n'esta cidade, nas suas proximidades e até na capital que os mais valiosos potentados eleitoraes de Santarem são os srs. dr. Pedroso, conselheiro Mello e visconde d'Andaluz. Accentua-se mais que d'estes tres cavalheiros deve considerar-se em terceiro e ultimo lugar o sr. visconde d'Andaluz, sendo verdadeiramente difficil determinar a prioridade dos dois outros acima indicados. Os que discutem o valor politico dos srs. Pedroso e Mello julgam-nos em egualdade de poderio eleitoral; *equilibram-se* — tal é o termo geralmente empregado.

Consta que o sr. Pedroso não approva hoje a marcha politica, seguida e traçada pelo sr. visconde d'Andaluz, actual governador civil do districto e reprova mais ou menos abertamente a politica regeneradora, de que tem sido nos ultimos tempos um defensor acerrimo, um paladino fortissimo. Hoje é um dissidente.

Consta ainda que s. ex.<sup>a</sup> se filiou no partido constituinte, do qual é aqui o representante legitimo. Não sei bem até onde é exacta e fiel esta noticia, porque se segreda tambem que s. ex.<sup>a</sup> sollicitára de influentes progressistas, sob condições, ser procurador á Junta Geral pelo concelho da Barquinha.

O que é seguro, assentado e definitivo é que o sr. Pedroso saiu eleito procurador á Junta Geral pelo concelho da Barquinha, onde predominam influencias progressistas; mas é ainda para mim problematico, se a sua eleição por aquelle concelho foi por s. ex.<sup>a</sup> sollicitada e accete em troca de futuros serviços que em crises espinhosas valem uma quantia calada.

Estou bem certo que tudo isto será brevemente deslindado, porque embora os altos segredos da politica sejam a principio do dominio dos escolhidos, não de transpirar mais tarde e ser patrimonio de todos.

O sr. conselheiro Mello é hoje regenerador, comquanto fosse progressista, quando o sr. Braamcamp, ainda não vae decorrido um longo espaço de tempo, presidia aos destinos do paiz.

O sr. Mello trabalhou a favor da eleição a deputado do ex-ministro da fazenda, Barros Gomes. Era então amigo intimo do chefe do partido progressista n'esta cidade, dr. Napoleões, com quem privava e fazia politica commum e de quem hoje diz umas cousas muito feias e agallegadas. Servem estas para os folhetins engraçados que costumam fazer-se na loja do Luiz e mestre João, onde a gente se ri a bandeiras desprezadas, quando faz o folhetim quem tem pillheria, e a satyra pungente do ridiculo.

O sr. conselheiro Mello vive hoje na mais doce e irreprensivel intimidade com o sr. visconde d'Andaluz, de quem hontem afir-



mava umas cousas repugnantes, de quem era inimigo encarniçado, violento e brutalmente temível.

Ralharam deveras em Alcanhões e concertaram-se durante um jantar, que tanto entreteve a curiosidade publica.

O sr. Mello desertou do partido progressista quando lhe presentiu a queda.

Fez um cambio que lhe mereceu ovações repetidas.

S. ex. é actualmente procurador á Junta Geral pelo concelho de Mação.

—Estranha-se que o sr. Mello e dr. Pedroso fossem mendigar fóra os votos dos desconhecidos, elles que se consideram os baluartes inexpugnaveis d esta terra; observando que saiu nomeado por Santarem um outro cavalheiro.

O sr. visconde d'Andaluz foi um dos fundadores n'esta cidade do centro politico progressista realisando-se a primeira reunião para tal fim na propria casa de s. ex.ª.

Era o sr. visconde n'esse tempo um apostolo dedicado, *docbat omnes gentes*, definindo com o maximo rigor e pulmão o grupo regenerador de *baldomeras*, esbanjadores, etc. etc. Passado pouco tempo, sae eleito deputado regenerador; produz-se em s. ex.ª um reviramento assombroso, que lhe valeu uma phrase energica bem condensada e bem cabida do mestre Constantino.

Ninguém sabe com certeza para onde s. ex.ª caminhará amanhã, avaliando-o por estes factos, cuja veracidade garantimos.

Commenta-se muito o tremendo cheque que o honrado commerciante d'esta praça, o sr. Joaquim M. da Costa, acaba de dar ao governador civil, recusando com levantada isempção o diploma de vogal substituto do conselho de districto, que representava uma reparação hypocrita e mentida a uma desconsideração immerecida.

Bem haja o sr. Costa pelo seu procedimento digno e recto. Choveram os pedidos, vieram ao sr. Costa emissarios especiaes, aproveitaram-se todos os meios. Tudo foi inutil. A resposta dada aos emissarios é realmente curiosa.

X.

**Á POMBA QUE VOU**

Foste-te, ó luz das solidões amenas!  
O' grandes olhos tristes, ideias!  
—Partiste, casta pomba d'alvas pennas,  
Em procura dos lucidos pombaes!

Tu estás hoje entre as hervas e as poeiras,  
Ou cheia de celestes claridades!  
O' doce irmã das rolas companheiras!  
Por ti ouço chorar as larangeiras!  
E de luto vestirem as saudades!

Ah! quantas vezes, n'este mar d'escolhos,  
Contemplando o azul duro e sem fim...  
E os pés ensanguentados nos abrolhos,  
Eu nas estrellas creio ver teos olhos  
Que estão chorando lagrimas por mim!

Teu corpo está talvez, dilacerado  
Entre as plantas escuras e as raizes!...  
E, ah! que vezes talvez, n'um ai cortado  
Não me terá teu seio immaculado  
Entre as hervas bradado—*Não me pizes!*

Por isso vou curvado para o chão  
Com medo de pizar-vos, tranças bellas!  
—E ah! quantos, como eu, também irão,  
Correndo o mundo atraz d'um illusão,  
Ou soletrando as mysticas estrellas!

Foste-te luz das solidões amenas!  
O' grandes olhos tristes divinaes!...  
—Partiste, casta pomba d'alvas pennas  
Em procura dos lucidos pombaes!

Gomes Leal.

**CARTA DE LISBOA**

Caros collegas.

Encarregado por essa redacção de informar os leitores do nosso jornal acerca da tragi-comedia que se está representando aqui, vou hoje desempenhar-me d'essa missão custosa. Não é facil tratar assumptos que nos repugnam.

Mas, emfim, contrahida a obrigação, é forçoso que não me exima ao compromisso tomado.

A chegada de D. Affonso não despertou aqui enthusiasmo de especie alguma, nem mesmo enthusiasmo alugado, que de resto é facil de arranjar. O longo percurso de Santa Apolonia a Belem fel-o o rei de Hespanha no meio da maior frieza.

Não ouvi um unico viva.  
Apenas um ou dois jornaes dão noticia de se terem levantado alguns *hurrahs*, que são problematicos.

D. Affonso, gravemente reclinado no fundo d'um coche de gala, mostrava á multidão a sua cara inexpressiva, banal, no meio do mais profundo silencio e sem provocar uma só manifestação de sympathia.

O prestito real deixou em todos a impressão funebre d'um enterro.

—Na quarta feira houve corrida de cavallos. A fina flor do *high-life* teve um pretexto para mostrar os seus cavallos, trens e toilettes. Não me parece que o galope dos cavallos firmasse nas consciencias o sentimento monarchico.

—Quinta feira abertura da exposição de arte ornamental.

A exposição é deslumbrante.  
Não é possivel fallar n'este momento de tanta belleza que ali se accumula com uma profusão e com um brilho offuscador. Seria materia para um longo artigo, que eu não posso escrever porque me faltam conhecimentos e tempo.

Espero que no proximo numero da *Evolução* um amigo meu, muito versado em critica d'arte se occupará largamente da exposição.

O fogo esteve bom, mas pareceu-nos inferior ao que foi queimado por occasião dos festejos do principe de Galles, e mesmo ao que se queimou no Bairro Camões.

A vista do Tejo era esplendida; a iluminação estava deslumbrante.

—A parada, realisada no sabbado, apresentava a novidade de figurarem n'ella os alumnos do collegio militar, que marchavam muito bem, e se apresentaram com distincção.

O corpo de marinheiros tambem era geralmente notado.

Terminando, dir-lhes-hei que estas festas, deixaram pou-o a desejar pelo lado theatral e spectaculoso; porém, se as consideramos sobre outro aspecto, são uma revelação da incompetencia politica do governo.

Todos ficaram convencidos de que a presença do rei de Hespanha em nada avivou as convicções monarchicas. Foi recebido o mais friamente possivel; na sua passagem o que houve foi curiosidade, enthusiasmo nenhum.

Era interessante ouvir os commentarios que o povo fazia a esta visita, e os gracejos picantes de que o rei de Hespanha era alvo continuo.

(Do nosso correspondente)

**EXPEDIENTE**

Encarregam-se de receber a importância das assignaturas da «Evolução» em Tavira o sr. Se-

bastião Galvão e em Lagoa o sr. Domingos Faria.

Os srs. assignantes das localidades onde não temos correspondente, obzequelam-nos enviando em estampilhas a importância de suas assignaturas á Administração da «Evolução» na Couraça dos Apostolos 29, 3.º.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria do sr. João José Baptista, Kiosque do Rocio.

Encarrega-se de receber a importância das assignaturas da «Evolução» em Alcanena o sr. Antonio Mendes Garcia.

**NOTICIARIO**

Escrevem-nos de Torres Novas e dizem-nos que a actual vereação d'aquelle importantissimo concelho elegeu para presidente o ex.º sr. Joaquim Ribeiro d'Avellar, d'Alcanena.

Fez a camara uma escolha acertadissima e nós fiamos bastante da competencia do sr. Avellar.

Folgaremos muito que s. ex.ª faça uma administração liberal, sensata e verdadeiramente justa.

Olhe com demorada attenção para Alcanena, que tão esquecida tem andado de quasi todas as vereações e promova-lhe os melhoramentos a que ella pela sua importancia commercial tem incontestavel direito.

Tem a camara actual muito que fazer e não se sujeite a imposições politicas, venham ellas d'onde vierem. Beneficie os povos e faça uma administração progressista, sem deixar de ser economica.

Siga o caminho recto e bem mercerá do municipio.

Matricularam-se no concelho d'Almeirim em instrução primaria durante o anno lectivo de—1880 a 1881—119 alumnos e 131 meninas, das quaes ficaram promptas no fim do anno apenas trez. Nem alumnos nem alumnas fizeram exame d'admissão aos lyceus.

Sentimos que a instrução esteja tão pouco cuidada em Almeirim, que é hoje uma villa de notavel importancia vinhateira.

Ligada a Santarem pela ponte sobre o Tejo deve ainda vir a ser em tempos não distantes um ponto central para o commercio do Alentejo.

Possue Almeirim recordações historicas de subido apreço; tem ultimamente realisado valiosos melhoramentos materiaes e carece quanto antes de promover os melhoramentos intellectuaes que tanto faltam na classe plebeia.

Esperamos que dentro em pouco tempo se publicarão n'esta folha umas cartas da Bairrada, onde se descreverá com verdadeiro conhecimento de causa o estado vinicola d'aquella região.

Prometteu-nos este trabalho um amigo que muito apreciamos. Estamos convencidos de que serão interessantes e uteis.

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

ALERTA! *antidoto da reacção açoriana.*  
*Coimbra medica*, de que é director o sr. dr. Augusto Rocha. O summario d'este numero (1.º do 2.º anno) é o seguinte: AUGUSTO ROCHA—*Preambulo*; J. NAZARETH—*A variola em Coimbra*; A. A. MONTEIRO DE FIGUEIREDO—*Encephalometro ou compasso de trez coordenadas*; A. IGNACIO SIMÕES—*Synopse das operações feitas no hospital da Universidade pelo curso do 4.º anno medico no anno economico de 1881-1882*; *Miscellanea.*

Tem experimentado consideraveis melhoras o sr. Joaquim Peres, estudante do 1.º anno da Universidade.

A vereação do Cartaxo é actualmente presidida pelo sr. Antonio Gomes da Silva.

É bem certo que os povos praticam de quando em quando uns taes dispanterios que ninguém sabe justificar.

Um dos redactores d'esta folha se fosse capaz d'abrigar sentimentos d'odio, julgava-se com este facto verdadeiramente vingado.

No entanto a minoria da camara tem homens respeitaveis que muito presamos.

Magôa-nos simplesmente que tenham a camaradagem de *almanachs da gargalhada.*

Tencionamos encetar brevemente uma analyse circunstanciada e imparcial sobre a ultima reforma d'instrução secundaria.

Apontaremos as inconveniencias que n'ella se encontram e indicaremos a nossa opinião sobre as modificações que lhe julgamos precisas.

Embora o parlamento esteja aberto, cremos que nenhuma importancia lhe darão, porque a politica monarchica simplesmente cuida de dificultar ao povo aquillo de que elle mais precisa.

Temos em nosso poder nma correspondencia de Santarem, que sairá na proxima semana.

Agradecemos ao nosso estimavel correspondente a regularidade com que nos envia os seus escriptos.

Ao nosso distincto collaborador Lourenço Cayolla pedimos desculpa da demora involuntaria que houve na publicação do seu bello artigo, inconveniente devido a um equívoco do carteiro.

*Errata*:—No artigo em que respondemos á *Vanguarda* um lugar de—além de outras censuras—deve lêr-se além de outras cousas.

**ANNUNCIOS**

**CIRURGIÃO DENTISTA**  
**CEREGHETTI DOMINIQUE**  
**COIMBRA**

POSSUE todos os apparatus anesthesicos e chloroformisadores para extrahir dentes e raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor dor.—Empasta e orifica os dentes cariados, garantindo todos os seus trabalhos. Eguala os dentes demasiadamente compridos, separa os unidos e firma os vacillantes. Limpa os dentes com toda a perfeição. Tem muitos especificos para a conservação e limpeza da bocca e cura o escorbuto radicalmente.

Tira callos sem dor alguma podendo o operado calçar o calçado mais apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca houvera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na Praça 8 de Maio—Coimbra.

**N. B.** Advérte, que não faz uso da chave ingleza para extrahir os dentes. As suas operações são feitas perpendicularmente.





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realidade moderna como unico resto capital do antigo regimen das castas...

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo...

Caminhamos para um ideal politico em que a accão do governo sera reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros. H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 149.

N.º 9 COIMBRA, 22 DE JANEIRO DE 1882 ANUNCIOS, 20 REIS A LINHA. Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraca dos Apostolos, n.º 29. ANNO 4.º

### O CENTENARIO DE POMBAL

A academia de Lisboa está actualmente empenhada com todo o entusiasmo na celebração do centenario de Pombal.

Este entusiasmo é justo e elevado, como o é sempre o entusiasmo da mocidade, e deve communicar-se a todo o paiz, que não pode, que não ha de ficar indifferente perante a solemnidade d'esta commemoracão.

A academia tomou a iniciativa, e peticencia-lhe a ella tomal-a, porque a obra mais valiosa de Pombal, cuja inquebrantavel energia se revelou nos casos mais diversos, o de certo a reforma do ensino, a secularisacão da instrucção publica. Foi sempre o ensino o baluarte mais bem defendido pelos jesuitas; foi tambem ali que Pombal os atacou com mais vigor. E conseguiu o que, ha bem pouco ainda, tanto custou a Jules Ferry e Paul Bert.

Mas, além d'esta obra, que já de si bastava para lhe conquistar o reconhecimento da nação, elle tem muito mais titulos á immortalidade e á gloria.

O papel politico do grande ministro só pôde ser justamente apreciado se o considerarmos na epocha em que viveu. Grande parte dos erros que lhe são attribuidos provem de se avaliar os factos do passado com as opinioes do presente.

Sebastião de Carvalho conheceu, quando esteve no estrangeiro, as ideas dos encyclopedistas, que, partindo da França, revolucionavam o mundo. Chega a Portugal e vê a nação nas mãos dos jesuitas. A corte era uma sacristia. Pombal passa na historia como um clarão, rasgando as trevas que nos avassallam; no tempo de D. João V medra o jesuitismo á sombra do rei; extinto o meteoro, o jesuitismo renasce sob a protecção de D. Maria.

Nestas condições poderia o revolucionario, — Pombal representava a revolução no poder; querendo fazer triumphar ideas que lhe pareciam boas, empregar meios differentes dos que empregou?

Alguns dos crimes imputados aos jesuitas não eram talvez verdadeiros; mas não seria exagerando as culpas d'elles que o ministro podia fazer interessar D. José na batalha que ia principiar?

Travou-se a lucta; Pombal venceu e os jesuitas foram expulsos. Não foi este o unico golpe vibrado ao clericalismo. Pombal, ao passo que dava a Inquisição o titulo de magestade, diminua-lhe de tal forma o poder que quasi a extinguia: a magestade inquisitorial era uma irritacão. O index expurgatorio, foi abolido, e a censura dos livros, que pertencia á Inquisição, passou para a Real mesa censoria, cujo presidente, esclarecido e tolerante, animava as letras, fazendo reim-

primir os livros portuguezes e importar as obras estrangeiras.

A reforma do ensino e o seu desenvolvimento tambem foram fataes para os jesuitas, que o marquez dispensou das funcões de professores regios.

A Universidade passou para o poder do Estado, e os seus estatutos, banindo a preponderancia do direito romano e canonico, representam um verdadeiro progresso para aquelle tempo.

Pombal fundou a Escola de navegacão, e o Collegio dos nobres, subsidiou 840 professores para ministrarem o ensino gratuitamente, estabeleceu aulas de portuguez e latim em todas as villas, organisou lyceus, e estendeu a instrucção elementar a todas as possessões portuguezas.

Além do clericalismo, Pombal atacou a nobreza: os proprios irmãos do rei foram exilados por ordem do ministro. Tirou aos grandes o direito de subtrahirem os criminosos á accão da justiça, impondo-lhes penas severas. Fez-lhes sentir, como diz Schaefer, por actos de rigor a que não estavam habituados, que se deviam submeter ás leis a que obedeciam os outros cidadãos.

Egualou as classes, extinguiu as categorias. Aboliu a escravatura no reino, declarando os escravos com direito a exercerem todos os empregos. Acabou com a distincção entre os christãos novos e os christãos velhos.

E a par de tudo isto reedificava Lisboa, e dividia a sua attentão pela defeza do reino, que mandou fortificar, pelo commercio, pela agricultura, pelas colonias, pelo exercito.

Um historiador francez justifica os actos de Pombal pela necessidade que havia de os praticar; e nós lembraremos que: — se na vida d'este homem ha manchas de sangue, se o ministro foi ás vezes violento, cruel, sanguinario mesmo, — em todas as revoluções são immoladas victimas innocentes. Não nos admiremos, pois, de que na revolução, de que Pombal foi agente, se dessem factos iguaes.

O absolutismo, perante o qual o marquez de Pombal egualou todas as classes, está sem vida; a aristocracia, que humilhou, e o clericalismo, que venceu, conservam-lhe um odio profundo.

E ao povo, que elle nobilitou, egualando todos os portuguezes, que pertence honrar-lhe a memoria, celebrando o seu centenario.

E esta commemoracão é, no momento presente, da maior opportunidade, da mais alta significacão.

Quando os jesuitas, expulsos da França republicana, procuram estabelecer-se de novo em Portugal, é bom commemo-

rar o nome d'aquelle que vibrou com o seu rijo pulso de athleta o golpe que mais profundamente os lanceou.

Quando a nobreza celebra festas abjectas em honra d'um rei estrangeiro e justo que o povo celebre tambem as suas festas nacionaes e dignas.

Quando os governos portuguezes pretendem ceder gratuitamente Lourenço Marques; quando se prepara o tratado de commercio com a França, altamente nocivo para a nossa industria rudimentar; quando a agricultura se definhava de dia para dia: — é justo recordar a sabia administracão colonial de Sebastião de Carvalho e Mello; é justo lembrar que elle creou a industria nacional, que reanimou o commercio, e que fez dos terrenos incultos do Alto Douro uma das regioes mais ferteis e mais povoadas do paiz.

Quando pensando a Hespanha na possibilidade de ser invasora, se descarta a defeza nacional, cujo plano, meio realzado apenas, tem consumido a quasi totalidade da quantia em que foi orçado, deve-se recordar que o marquez de Pombal, organisando o exercito e fortificando o paiz, nos habilitou para sustentarmos com exito a nossa existencia autonoma.

Quando a instrucção publica se acha n'um estado cahotico, que as successivas reformas só têm conseguido aggravar, é uma necessidade fazer sentir que a reforma do ensino feita pelo ministro de D. José foi uma investida valorosa contra o velho espirito romanista e clerical, foi um a verdadeira secularisacão do ensino, foi, quanto a nós, o seu mais bello titulo de gloria.

Quaesquer que sejam, pois, os defeitos de Sebastião de Carvalho e Mello, defeitos que aliás não negamos, devemos desculpar-lhe muito em consideracão do bem que elle fez á sua patria. E convem lembrar aqui as palavras d'um escriptor francez. — Odiado pelos nobres por causa do seu nascimento e do seu liberalismo, pelos inquisidores por causa da sua tolerancia, pela populaça por causa da sua severidade e das suas doutrinas, pelos inglezes por causa dos esforços que incessantemente empregava contra a omnipotencia commercial da Inglaterra, o marquez de Pombal não poupou os seus implacaveis inimigos, e caminhou sempre em linha recta para um fim — a grandeza do seu paiz.

Sebastião de Carvalho exerceu em Portugal como Richelieu na França e Aranda na Hespanha, a nova força politica que Augusto Comte denominou o poder ministerial.

O sr. Theophilo Braga diz que Pombal favoreceu o advento das instituções liberaes, enfraquecendo a aristocracia e

o clericalismo, e annullando, com o novo poder ministerial, o antigo poder da monarchia hereditaria.

O marquez de Pombal encontrou a nação bestificada pelo jesuitismo, o commercio paralizado, o thesouro esvasiado por um rei perdulario, via Lisboa destruida por um terremoto, e a todos estes males a sua energia proligioza, multiforme acudiu com um remedio sempre prompto, embora ás vezes inefficaz.

A aristocracia beata e pusilanime de D. Maria I mandou o ministro para o exilio e entregou Portugal ao jesuitismo, mas não ponde esmagar o germen lançado á terra por este valente semeador, germen que, como é facil ver, não foi de todo infructifero.

E se aos grandes caudillos se desculparam as violencias e os morticínios quando combatem por um ideal levantado, saibamos nós tambem perdoar a Pombal a injustiça com que muitas vezes condemnou a criminalidade com que muitas vezes feriu, porque o ideal sublime que elle tinha em vista era a regeneração e o engrandecimento da patria.

Acompanhemos, pois, a academia de Lisboa no seu louvavel empenho, e cumpramos um dever de justiça, de patriotismo e de gratidão celebrando com todo o entusiasmo o centenario do marquez de Pombal.

Extinguiu-se o ultimo rumor das festas.

Os regios visitantes vão caminho da sua capital: os forasteiros, que a fama de tão estrondoso acontecimento atrahiu, recolhem aos lares e comecam a longa serie dos seus commentarios; as attentões voltaram-se para outros assumptos; tudo entrou no equilibrio anterior.

Não será tempo agora de fazer das festas uma apreciação despreocupada e franca?

Não é a descripção minuciosa dos bailes, das touradas, das recitas de gala ou o longo menu dos festivos reaes que mais interessa a grande maioria da nação.

E para tudo isso já houve lugar. O paiz já está ao facto dos incidentes mais insignificantes dos festejos, desde a entrada de s. m. e. na estação de Santa Apolonia á caçada de Villa Viçosa.

Tudo isso elle já sabe; a imprensa cansada dos assumptos serios, deu-se feriado, e foi sollicita em contar-lhe os mais insignificantes detalhes.

Pois bem, agora que o esplendor das festas nos não fascina, é tempo de reflectir sobre o estranho espectáculo a que acabamos de assistir.

Para justificar a visita do rei de Hespanha, escolheu-se como pretexto a abertura da Exposição de arte ornamental. O paiz sabe os desvelos com que s. m. e. honra a arte, para ver que elle não poderia faltar a esta festa artistica.

Mas ha quem agoure mal d'estas visitas repetidas com tanta frequencia.

Já não ha incantos que se ceguem com tal poeira. Lavra com intensidade um senti-



mento de desconfiança surda, ácerca d'estas manobras mysteriosas.

E effectivamente qual seria a causa real d'esta visita, que a todos se apresentava tão pouco sympathica?

Um simples cumprimento?—não cremos. O rei de Portugal já por duas vezes tinha tido ensejo de manifestar ao de Hespanha os seus respeitos e o seu affecto.

Estreitar as boas relações entre os dous povos peninsulares?—não nos parece este o meio mais efficaz.

Demais, essas boas relações são actualmente evidentes, e por vezes tem produzido brilhantes manifestações de confraternidade.

Por consequencia, existe incontestavelmente no fundo de todos estes apparatus festivos, d'estas visitas e entrevistas regias, algum trama odioso, que não convem manifestar á nação. Falla-se em combinações diplomáticas contra a França, e recorda-se a phrase do estadista hespanhol—*algum dia a Hespanha ha de ser invasora*— Não sabemos; mas desde já agouramos um resultado triste para essas machinações imprudentes e loucas.

A nação aprecia muito as suas boas relações internacionaes para não sancionar qualquer tentativa perturbadora.

A França é o representante mais distincto da raça latina, e deverá ser o seu guia, o seu mestre. Pela sua illustração, pela sua generosidade, pela sua politica que ultimamente tem seguido, a França vai-se habilitando a representar com honra a hegemonia dos povos latinos, e tem conquistado em todos os corações a mais fevorosa sympathia.

E nas altas regiões do poder tramam-se combinações diplomáticas contra ella!

Simplemente deploravel!

Por isso a população de Lisboa, a mais sensata e illustrada do paiz, assistia n'uma attitudde serena e fria ao desfilar dos reaes cortejos. Mais pareciam as homenagens de um povo conquistado do que a visita cordeal de uma nação amiga.

As festas não conseguiram a mais breve vibração de affecto da alma popular, pelo monarcha hespanhol. Um simples movimento de curiosidade dirigia as massas.

A mesma população que no centenario de Camões desenvolvia o enthusiasmo mais delirante, que precisamente ao mesmo tempo dava plena expansão ao seu temperamento peninsular assistia n'uma reserva glacial ás exhibições da corte hespanhola.

O que significa esta extranha e inesperada recepção? Uma desillusão para a Hespanha monarchica, e uma lição mais á dynastia de Bragança.

Que os partidos monarchicos de Hespanha fiquem sabendo que em Portugal se lhes

repelle com vigor qualquer accordo politico.

Sabemos que de qualquer natureza que elles sejam, não de ter como objectivo final uma opposição á revolução peninsular, e por isso os desadorámos e repellimos.

Quanto á dynastia de Bragança, que se mire n'esse espelho; que veja a somma de affecto que lhe dedica o povo de Lisboa, que a conhece de perto, e que está nas mais vantajosas condições para lhe fazer justiça.

Que se convença de que as repetidas folias com que pretende enervar as forças vivas da nação, e distrahir as attentões da nossa miséria e do abysmo de que nos aproximamos a passos largos, são completamente impotentes para o conseguir e que melhor seria renunciar aos seus tramas odiosos, dando liberdade de acção áquelles que por via do interesse traz acorrentados ás suas ignominias, e satisfazendo aos votos patrioticos e generosos da parte mais illustrada e honrada da nação, que lhe tinha confiado os destinos.

Não esperamos tanta generosidade, mas vemos com satisfação que já esteve mais longe o dia, em que a isso se ha de ver obrigada.

## A ORAÇÃO DO FRADE

(Na Cella)

Uma por uma, as camandulas  
Do rosario desfiando,  
Perdão supplica, chorando,  
Das pequeninas escandalas...

Mais diz que ha noticia unica,  
Em tempos do velho Egypto,  
De alguém resistir no attricto,  
Deixando estendida a tunica...

E como, *ad aeternam gloriam*  
Quando subir de mansinho,  
Pretenda cantar a *historiam*

Do celestial carinho,  
A Deus pede (*ad rei memoriam*)  
Mais um pipito de vinho.

COIMBRA

LUIZ OSORIO.

## CAMARA OPTICA

(Suelto)

Comprehendes, leitor, a razão porque eu não te descrevo nem o *aplomb* marcial do rei de Hespanha, nem a insistencia com que

cas, as mais pobres, bem como as mais ricas, recebam um certo grau de instrucção, porque sómente a instrucção as pôde tornar um dia cidadãos livres; e para isso é necessario que ella propria institua, para obviar á falta ou á insufficiencia das escolas particulares, escolas publicas em que a admissão seja feita gratuitamente. Nenhuma creação, nenhuma despesa é mais necessaria e mais frutifera. Instruir o povo é arrancar o ao imperio dos appetites brutaes, de que nasce o vicio, que o degrada, e o crime, que povoa as prisões; é elevá-lo á vida moral; é torná-lo digno da republica. É por isso que vemos os paizes republicanos, como a Suissa, consagrar a esta despesa a verba do seu orçamento que outras applicam á manutenção d'uma corte e d'um exercito.

A instrucção indispensavel a todo o homem, a todo o cidadão, a *instrucção primaria* deve ser gratuita, afim de que nenhuma creança, por causa da pobreza de seus paes, seja privada d'esta alimentação espirital não menos necessaria que o pão do corpo. Ella deve tambem ser *obligatoria*.

E não se diga que decretar a obrigação da instrucção primaria, é attentar contra a liberdade do pae de familia. Só teria fundamento a objecção se os paes fossem obrigados a enviar seus filhos ás escolas publicas; mas desde que tem a liberdade de escolher entre estas escolas, e qualquer ou-

a *joven austriaca* espreitava a multidão atravez da sua *lorgnon* de tartaruga.

Tudo isto é muito interessante para o reporter d'um jornal diario que se vê obrigado a espiolhar em todos os factos um pormenor curioso, uma minuciosidade ignorada para offerecer aos leitores da provincia, a quem o monte-pio official não forneceu o peculio necessario para vir deleitar a vista com o espectáculo que todos nós gosámos a semana passada.

A imprensa diaria, os jornaes affectos e não affectos á situação já se encarregaram de te orientar, em estiradas de prosa, muito bem recheada de amabilidades e matizada de *salamaleks*, sobre o alinhado das fileiras, o caracter reservado, a cordura do povo portuguez.

Um d'elles chegou mesmo a offerecer aos seus freguezes em telegramma, uma phrase (hoje historica) que o rei hespanhol soltou ás brisas da Pena no auge do seu enthusiasmo hippico.

Olé burrico.....

Foi assim que se exprimiu o regio estroina!

Esta particularidade que o noticioso atirou aos quatro ventos de Portugal, talvez seja mais alguma cousa do que uma phrase inoffensiva; em todo o caso é d'uma amabilidade a toda a prova. Passamos adiante.

Lisboa, a pacifica burguezia, que se ufana de ter por symbolo da sua administração municipal, o mais rotundo abdomen de que ha memoria, este *jardim* onde florescem os Jaymes de todos os calibres, os Theophilos Ferreiras e tantas outras plantas parasitas, teve ha pouco uns espasmos idiotas de admiração e curiosidade quando recebeu a visita d'um rei estrangeiro.

Desacostumada d'estas cousas, e iniciada n'uns certos habitos pouco conformes á pragmatica da corte, não teve um viva, um brado enthusiastico, um hurrah para saudar os reaes forasteros.

Dir-se-lia que, a nota viva, expansiva e elastica do caracter peninsular, que tão brilhantemente se expandiu no jubileo camoneano, se extinguiu atravez das influencias *mesologicas* ou das modificações *cosmicas*!.....

Não nos admira pois, que os periodicos indigenas quizessem attribuir esta indifferença ao *caracter reservado* do povo portuguez, sómente achamos novissima a descoberta, e interessantissima para a sciencia.

Mas, perguntar-me-hão, a que attribuo o phenomeno da frieza glacial.....

ra si mesmo, em assumptos de religião. A sociedade civil não se deve importar com isso, e por consequente os ministros dos cultos não devem ter accesso nas escolas publicas. As familias enviarão seus filhos ás igrejas, se quizerem porporcioná-lhes a instrucção religiosa que se dá n'estes sanctuarios; isso pertence-lhes a ellas e não ao Estado.

Não temos fallado até aqui senão da *instrucção primaria*. Mas este primeiro grau do ensino não é o unico de que uma sociedade republicana tem de occupar-se. A sua acção deve exercer-se em mais larga escala. Sigamol-a em toda a extensão.

A *instrucção primaria*, ou o grau d'instrucção sem a qual nenhum homem poderia elevar-se á dignidade de cidadão, sendo necessaria a todos, deve ser o primeiro cuidado d'um governo republicano. O ensino secundario, porque forma um grau mais elevado, quer na ordem das letras, quer na das sciencias ou da industria, não é tão indispensavel; mas apezar d'isso não se deve considerar como um luxo superfluo. Uma nação em que não fosse convenientemente desenvolvido ficaria n'um estado inferior do cultura e de prosperidade. A republica deve pois interessar-se por elle. Deve ter as suas escolas ao lado d'aquellas que os particulares fundarem, porque estas não podem corresponder sufficientemente a uma necessidade

A culpa foi dos proprios jornaes que pejarão as columnas de reclames pomposos. Ao passo que ensarilhavam as armas, para aconselhar uma recepção brilhante, emquanto faziam insinuações ao silencio da colonia hespanhola, á medida que atavam por todos os modos o enthusiasmo, iam tambem revelando umas verdades amargas, duras e pungentes.

Todos elles transcreveram a noticia de que o monte-pio official effectuára n'aquelles dias transacções superiores a oitocentos contos!....

Por isso é que o *Zé Povinho* descrente, se via passar uma longa fila de carruagens de praça, ou sentia o «fru-fru» dos vestidos de preço, tinha logo umas phrases sublinhadas de malicia, e esfusiantes de verve canalha.

Por outro lado os bailes deslumbrantes da corte, o fogo d'artificio no Tejo, a parada, a tribuna real, emfim tudo isso de que ouviu fallar ou que observou, affigurava-se-lhe como uns meios engenhosos e bonitos de gastar mil e tantos contos (que elle tem de pagar) e punha-lhe na physionomia *borralesca* esse tom de frieza que todos lhe reconheciam.

Então a sua consciencia severa e justa, sentia o remorso a espicá-la, e chegava a arrepende-se de ter assim confiado o seu dinheiro a uns dissipadores espaventosos.

Agora digam-me se não fica bem explicado o caso, sem recorreremos ao sentido mysterioso que podem ter as beijocas e os abraços dos reis.

Esses apontamentos, essas impressões que nos ficaram da comedia dos festejos lembram-nos uma *orgia* do imperio. Só com uma differença; é que Napoleão tinha deslumbrado o povo francez com o fulgor da sua espada victoriosa emquanto que o nosso senhor que *reina* mas não *governa*, elle proprio vai abrindo os olhos ao povo. Haja vista o tratado de Lourenço Marques.

BINOCULO.

## LISBOA

HENRIQUES NOGUEIRA. — FUNDAÇÃO D'UM NOVO CENTRO

A democracia portugueza, depois de amanhã, commemora uma triste data — o 24.º anniversario da morte de José Felix Henriques Nogueira. E esta data é de triste recordação para nós, não só pelo simples facto da morte d'um republicano convicto, do mestre de nós todos, mas pelas consequencias que resultaram do desapparecimento d'esse cidadão.

## FOLHETIM

### A INSTRUÇÃO PUBLICA

O suffragio niversal reclama a instrucção universal.

Sem a instrucção, que esclarece os cidadãos sobre os seus direitos, deveres e verdadeiros interesses, os votos são necessariamente cegos, e é então que o suffragio universal, em vez de ser a expressão das vontades d'um povo livre, se torna um instrumento de despotismo. O que se pôde esperar, com effecto, de homens que nem sabem ler a lista que são chamados a lançar na urna, ou que, sabendo talvez ler e escrever alguma cousa, são incapazes, por lhes faltar a instrucção devida, de dar conta do sentido e do alcance dos seus votos? Deixam-se illudir por aquelles que tem interesse em enganar-os, e, dando á usurpação a forma da legalidade, consummam pelas proprias mãos a sua servidão e a sua ruina. A ignorancia das massas tem sempre sido para o despotismo um meio de reinar; ella seria, em um governo republicano, um contrasenso e uma causa infallivel de morte.

Segue-se d'ahi que, em todo o governo que se chama e quer conservar-se republicano, a instrucção do povo deve ser elevada á altura d'uma instituição publica. É preciso que a sociedade vele por que todas as crean-



José Felix Henriques Nogueira era o chefe moral d'uma pleiade de moços que n'aquelle tempo começaram a envolver-se na politica e os quaes obedecendo á corrente revolucionaria da França e enthusiasmando-se com as victorias que as ideias republicanas alcançaram n'aquelle paiz, promettiam prestar valiosos serviços no sentido da nossa regeneração social. Mas a prematura morte de Henriques Nogueira, um caracter honesto, um republicano sincero, um modelo de virtudes civicas, occasionou a sua separação e uns bandearam-se para a monarchia e outros tornaram-se indifferentes para a politica; dos companheiros de José Felix só tres militam ainda hoje nas fileiras republicanas. Esqueçamos aquelles e consagramos os nomes d'estes: — Gilberto Rolla, Sousa Brandão e Elias Garcia.

Ha um anno foi este anniversario pela primeira vez—commemorado, sendo uma das manifestações mais significativas, a inauguração do *Club Henriques Nogueira*. Este centro politico, bastante conhecido pelos seus trabalhos de propaganda democratica realisada durante o anno findo, vae agora solemnizar não só o seu primeiro anniversario, mas prestar pela segunda vez uma homenagem á memoria de quem lhe dá o titulo.

Honremos a memoria de José Felix Henriques Nogueira, proseguindo todos no caminho por elle iniciado, trabalhemos todos pelo decisivo triumpho das ideias generosas por elle espalhadas e sustentadas nos seus preciosos escriptos, nomeadamente nos *Estudos sobre a reforma em Portugal*.

—Emquanto a monarchia e os seus aulicos assistiam ao espectáculo brutal e estúpido d'uma tourada, como complemento d'uma semana inteira de festas e de bambuchatas, semana em que se não tractou d'uma unica cousa util para o paiz (talvez quem sabe! se se tractou d'alguma cousa bastante prejudicial.....), os republicanos fundavam com todo o socego mais um centro republicano junto do palacio d'Ajuda.

A realeza e os seus dilectos hospedes dissipavam o dinheiro do povo em festas espectaculosas e improductivas; os republicanos abriam para esse mesmo povo mais uma escola de politica, mais um centro onde elle vá aprender a exercer os seus direitos politicos para deixar de ser o ludibrio dos seus exploradores nas luctas eleitoraes.

Os centros republicanos da capital estão todos a promover a criação de aulas d'instrução primaria pelo methodo *João de Deus* para os seus associados, e é este tambem um dos fins que tem em vista o novo *Centro eleitoral republicano* de Belem. Temos por isso de nos felicitar duplamente para com os patrioticos iniciadores do movimento democratico n'aquella localidade.

21 — 1 — 82.

Antonio Furtado.

de tal natureza; e deve abri-las gratuitamente a todos os mancebos que forem julgados aptos para encetar este genero de estudos e segui-lo com proveito.

Não é inútil acrescentar que estas escolas publicas, que são geralmente designadas pelo nome de *lyceus*, não devem ser mais que simples externatos. O Estado não póde dar outra educação a não ser a que resulte da instrução; sómente esta é da sua competencia; a outra pertence exclusivamente ás familias. É preciso deixar ás monarchias estas casernas ou seminarios de creanças de que o Estado se serve para predispor as almas para a obediencia passiva. Em uma republica, o Estado deve abandonar aos paes o cuidado e a responsabilidade da educação de seus filhos, offerendo-lhes sómente o que é da sua attribuição: um ensino publico o mais perfeito possivel.

Digamos ainda que, em uma sociedade republicana, este ensino deve ter por fim formar, não funcionarios de officio, ou ociosos que se sobrecarregam a si e á sociedade, mas cidadãos aptos para exercer utilmente as suas faculdades em todas as profissões livres que podem apresentar-se deante de si.

Tal é a razão porque tambem é conveniente, sobretudo n'uma epoca em que o trabalho da industria adquire tão grande importancia, collocar, entre o ensino primario e o ensino secundario propriamente ditos, escolas *profissionais*, destinadas a formar excellentes operarios.

LYRISMO

Teus olhos grandes, formosos, são dois lagos transparentes, onde se espelham trementes os astros silenciosos.

Tem o brilho deslumbrante da superficie do mar, quando um raio, (um diamante!) da lua, o vae pratear.

A limpidez ineffavel do sereno azul dos ceus; o fulgor immareavel d'um raio do olhar de Deus!

Se um teu olhar triumphante sobre mim vem a pouzar, eu amo mais do que o Dante mais que o Tasso pode amar!

COIMBRA

HENRIQUE PEREIRA.

NOTICIARIO

Continua a merecer as mais serias attentões o estado economico das provincias vinícolas do norte. O *phylloxera* continua na sua tarefa devastadora.

A experiencias feitas com o sulfureto de carbone não tem conseguido animar os infelizes proprietarios. Ou por não ter sido convenientemente applicado, ou porque o mal seja sem remedio já, o facto é que as tentativas não deram os effectos desejados. E para fazer cortejo a estes factos desoladores e á catastrophe eminente que a todos ameaça, a ultima colheita não se recommenda pela qualidade. Em alguns sitios o vinho tem soffrido graves deteriorações.

Que os agricultores se convençam de que nada tem a esperar das esferas superiores do poder. As reclamações dos proprietarios, que até hoje tem conservado a mais reprehensivel abstenção na gerencia superior dos negocios publicos, que quando muito vão coadjuvando levemente e sem criterio as eleições dos deputados que o governo lhes impõe, não tem echo nas secretarias. Primeiro é necessario attender aos descontentes e ambiciosos.

Folgamos de saber que alguém se preoccupa a serio com a sorte d'esta valiosa parte da população portugueza, e applaudimos sem reserva todos os esforços que se dirijam á solução d'este grave problema.

Eis algumas medidas que n'uma confe-

Ha enfim um ultimo grau de ensino que, sem excluir as escolas privadas, precisa mais do que os precedentes, de escolas publicas. O ensino superior, na verdade, por causa da sua propria elevação e dos recursos que exige, morreria e vegetaria, com grande prejuizo da republica, se a sociedade não fosse a primeira a encarregar-se d'elle. É d'este luxo principalmente que se póde dizer que é necessario; mas é preciso tambem applicar-lhe as regras que acabamos de indicar para o ensino secundario.

«Luz, mais luz ainda», tal deve ser a deviza de todo o governo republicano. O ministerio da instrução publica deve occupar o primeiro logar. É preciso que seja nas republicas o que o da guerra é nas monarchias.

A obra da instrução publica ficaria incompleta se não abrangesse o sexo femenino. Sem duvida, as mulheres não são chamadas como os homens, a tomar parte nas questões politicas; a vida publica não se coaduna geralmente com a sua natureza, e o seu logar é principalmente no lar domestico porque é ali que o seu destino lhes assignou deveres, como filhas, como esposas e como mães; mas a republica não é por isso menos interessada em assegurar-lhes a instrução sem a qual não poderiam desempenhar dignamente o seu papel na sociedade.

rencia, feita na Sociedade de Geographia do Porto pelo sr. conde de Samodães, são apresentadas á consideração dos lavradores:

Os lavradores do paiz vinicola do Douro, devem desde já formar uma associação com estatutos e uma direcção encarregada de estudar as questões que importam a esta região agricola, e representar os seus interesses.

A cultura intensiva e preferivel á extensiva.

A cultura do tabaco deve ser auctorizada, mas sujeita a uma fiscalisação tal, que a folha colhida produza para o thesouro publico tanto como se fora importada.

Esta cultura, porém, não póde fazer-se vantajosamente, senão em terrenos substanciaes, adubados e abrigados do norte.

É mister uma lei de marcas, de modo que se mantenha o credito do vinhos finos.

É necessario crear o credito agricola, experimentado em Italia e já admittido em França.

É preciso modificar a lei sobre as annullações de contribuições por sinistro, de forma que a isenção de contribuição para terrenos, que não dão rendimento liquido, seja uma realidade e não uma ficção.

Chegou a esta cidade e acha-se no Novo Hotel de Coimbra o sr. dr. Abel de Jesus Ribeiro. Acompanha-o sua ex.<sup>ma</sup> esposa.

Abriu no dia 16 de corrente a aula de musica da Universidade.

É regida interinamente, no impedimento do sr. dr. Simões, pelo sr. conego Brandão.

Estão matriculados mais de cem alumnos, sendo a maior parte estudantes da Universidade. Matricularam-se tambem muitos estudantes de preparatorios e alguns individuos estranhos á academia.

Os alumnos estão divididos em duas classes; á primeira pertencem os que já têm alguns conhecimentos musicaes, e á segunda os que são leigos na materia.

A imprensa socialista da Allemanha contava em 1878 setenta e cinco publicações diversas, jornaes e revistas, com a cifra total de 135:000 assignantes.

No anno anterior a esta data eram 57 as publicações.

São os effectos da politica absorvente de Bismarch, o qual vai n'um plano inclinado com uma intensidade de tal ordem, que nada ha que o ampare na queda.

Anda agora a embalar os reaccionarios. Não podia ser outro o fim d'este vulto politico, que produziu á humanidade a maior somma de males.

A Italia anda desconfiada com as maqui-

Esta questão tem sido até hoje, entre quasi todos os povos, demasiadamente desprezada, por causa do absurdo preconceito que rebaixa as mulheres á classe de creaturas inferiores, e fazia dizer aos nossos antepassados, segundo a asserção referida pelo *Chrysale* de Molière:

... Qu'une femme en sait toujours assez  
Quand la capacité de son esprit se hausse  
À connaître un pourpoint d'avec un haut-de-chausse.

É assim que, conservando-as systematicamente na ignorancia de tudo o que esclarece o espirito e eleva a alma, tem desenvolvido n'ellas as ideias falsas e os gostos frivolos, que, em logar da acção benéfica que ellas deveriam exercer, tornam o seu imperio a maior parte das vezes pernicioso. É necessario combater a ignorancia como um flagello não menos funesto nas mulheres que nos homens, e instrui-las de tal modo que possam tornar-se para seus maridos dignas companheiras, dar a seus filhos uma boa educação, e espalhar por toda a parte uma salutar influencia.

A republica terá pois escolas para ambos os sexos. Terá escolas *primarias* em que offerecerá gratuitamente a instrução elemental de que nenhuma mulher deve carecer. Terá, além d'isso, escolas *profissionais* em que formará habéis operarias, capazes de viver honestamente do seu trabalho. Terá tambem escolas *secundarias* onde as que possam levar mais longe os seus es-

nações politicas de Bismarch, mas talvez elle seja o auxiliar mais fecundo para a manifestação clara e real das forças republicanas que no paiz do rei Humberto se acham como que comprimidas.

Não se luta impunemente contra o movimento das ideias, tão forte e tão irresistivel, que nem o desprezo nem a força o podem suspender.

O numero de livros publicados em Londres em 1877 foi de 5095.

Em 1876 haviam-se dado á luz 4888 e em 1875 imprimiram-se 4854.

Dos 5095 publicados em 1877, eram livros novos 3049 e novas edições 2046.

Eram assim divididos:

Romances . . . . .	1034
Obras de theologia . . . . .	737
« de educação . . . . .	529
« para uso de creanças . . . . .	522
« de historia e biographia . . . . .	373
« de litteratura . . . . .	364
« de poesia e drama . . . . .	402
« de medicina . . . . .	215
« de viagens . . . . .	209
« d'artes e sciencias, illustradas . . . . .	489
« d'economia politica . . . . .	189
« de direito . . . . .	118
Diversas . . . . .	214

Total . . . . . 5095

O numero de obras publicadas na Allemanha em 1877 eleva-se á totalidade de 13:925.

Em 1876, esta cifra era de 13:356.

Houve portanto uma differença a maior de 569 livros.

—As monarchias não agradam estas estatísticas.

Recebemos um folheto intitulado *Os devassos ou a republica em Portugal*, por Henrique da Cunha.

Ao seu editor agradecemos a offerta.

Tem-se fallado ultimamente na fusão do partido constituinte com o partido progressista. Acreditamos que a fusão não se realisa enquanto pertencer ao partido progressista o sr. Luciano de Castro, porque s. ex.<sup>a</sup> é incompativel com os srs. Dias Ferreira e Vaz Preto. Com o primeiro existem rivalidades surdas e invenciveis; com o segundo é impossivel, porque toda a gente se lembra das scenas desagradaveis, monarchicas que se deram na camara alta. Muitos sabem tambem que o sr. Luciano de Castro escrevera no *Progresso* um artigo violento contra

todos receberão uma instrução mais extensa, mas sempre solida e pratica. Terá mesmo escolas *superiores* onde serão ensinadas, para seu uso, os conhecimentos litterarios e scientificos que lhes abrião certas carreiras para as quaes são perfeitamente aptas, mas cujo accesso lhes foi até aqui vedado, por exemplo, a de medicina (fallamos, já se vê, da medicina do seu sexo). Todas estas escolas concorrerão para arrancar as mulheres á miseria, á frivolidade, ao vicio; para as tornar capazes de comprehender e de cumprir os seus deveres em toda a extensão; para elevar enfim o seu papel na sociedade.

Não se trata de as egualar absolutamente aos homens, como sonharam alguns reformadores. Visto que a natureza lhes deu faculdades e funções, não inferiores, mas distinctas, é preciso que a instrução que lhes offerecem as escolas publicas lhes seja appropriada. Mas é desnecessario que esta diversidade continue a servir de pretexto para conservar-as n'uma igoarancia, e por consequencia, n'uma inferioridade systematica. Com isto a sociedade inteira se ressentiria e a republica perderia uma grande parte da sua força.

Podemos, pois, repetir aqui o que mais acima dissemos: a republica não fará nunca despeza mais util do que a consagrada á instrução publica.

JULIO BARNI.



o sr. Vaz Preto, por causa do qual se tra-  
vou o famigerado duello entre este ultimo e  
o sr. E. Nava-ro. Ou o sr. L. de Castro são  
do partido progressista ou não são. Se são  
é provavel a fusão; se não são, escusado é  
pensar nisso.

Na correspondencia de Coimbra para a  
Folha Nova de 21 do corrente diz o sr.  
Oliveira Ramos:

Um semanário democratico nascido ha  
pouco — a Evolução, ou morreu, ou está  
estas horas incubando algum processo sinis-  
tro, tenebroso para implantar a república  
por estes dias. A Porta-ferrea metteu a  
viola no sacco ou foi andando. Ninguém me  
dá noticias d'esta senhora.

Dois mortes! Que horror! A Evolução  
não morreu, nem incubo processos sinistros.  
Deus nos livre de tal incubar processos si-  
nistros! Pavorosa cousa!

A Evolução tem saído regularmente, e  
continuará a sair, se a protecção do publi-  
co a acompanhar, como até hoje tem succe-  
dido.

O sr. Oliveira Ramos não tinha que dizer  
na sua correspondencia; elle proprio o con-  
fessa. Encontra na Feira o seu amigo Feijó,  
que lhe diz:—arranje você um emard. E o  
correspondente arranhou dois. Eis tudo.

Matricularam-se no abastado e populoso  
concelho d'Abrantes em instrucção primaria  
official, durante o anno lectivo de—1880 a  
1881—686 varões e 162 meninas, ficando  
promptas no fim do anno 26 alumnos e 4  
alumnas.

Fizeram exame d'admissão aos lyceus 7  
alumnos do sexo masculino.

Abrantes, uma das localidades que mais  
tem cuidado da instrucção, tem tido também  
um collegio, onde se ensinam quasi todas as  
disciplinas d'instrucção secundaria.

Por falta de espaço retirou-se uma peque-  
na resposta que a Evolução dá a uma cor-  
respondencia d'Odemira publicada no Diário  
de Portugal. Não perde pela demora.

Por igual motivo retiramos a continuação  
da correspondencia da mesma localidade.

Transcrevemos do nosso estimavel collega  
de Lisboa—O Seculo—a seguinte noticia que  
honra sobremaneira a digna camara de Rio-  
Maior.

Os povos d'aquelle concelho vão sentir  
brevemente as salutaes consequencias de  
uma administração municipal que servirá  
d'exemplo e modelo a todos os demais conce-  
lhos do districto de Santarem, a que per-  
tence o honrado concelho de Rio-Maior.

Lemitrophe d'este concelho fica o Gartaxo,  
que elego uma camara, presidida por Anto-  
nio Gomes da Silva.

Que notavel differença!!!!

Rio-Maior.—Communicam-nos o seguin-  
te:

No dia 2 do corrente mez foi dada a pos-  
seja nova camara municipal d'este concelho.  
Um dos novos vereadores, no acto do jura-  
mento, declarou que não jurava pela parte  
1.ª do art.º 15.º do Cod. Adm., que manda  
guardar fidelidade ao rei, etc. Depois fez  
profissão de fé republicana, stymatisando a  
carta Constitucional e as leis monarchicas,  
observando que lhe obedecia, em parte, por  
não poder deixar de o fazer, como cidadão  
portuguez.

Em seguida, procedeu a camara á vota-  
ção do presidente e vice-presidente, sendo  
eleito presidente, o mesmo individuo, que  
tinha feito taes declarações.

Não quero aqui declarar o nome de s.ª,  
declarando apenas que é um dos mais sym-  
pathicos filhos da minha terra, seguindo em  
tudo as tradições de seu honrado pae, ho-  
nra e a que luctava no campo politico (eleitoral)  
a par de Passos Manuel, e do Barão de Al-  
meirim sendo considerado por estes na esti-  
ma d'intimo amigo.

Em Ferreira do Zezere matricularam-se  
370 alumnos do sexo masculino e 67 do sexo  
feminino, ficando promptos d'aquelles no fim  
do anno 18.

Foram approvados em exame nos lyceus  
3 varões e 2 meninas.

Quando estivemos ultimamente em Lisboa  
tivemos occasião de visitar o club republi-  
cano, denominado Henriques Nogueira.

Esta associação acha-se estabelecida n'uma  
bella casa, excellentemente mobilada, e  
adornada de retratos dos principaes republi-  
cianos portuguezes e estrangeiros.

O gabinete de leitura, onde se encontram  
os principaes jornaes e revistas, a sala do  
bilhar e a das assembleias geraes são nota-  
veis pelo bom gosto da ornamentação.

Este club conta hoje perto de 400 socios  
e é dos mais importantes, se não o mais im-  
portante, do partido republicano. Foi elle  
que tomou a iniciativa da candidatura de  
Manuel de Arriaga, que, como é sabido teve  
uma esplendida votação, e com certeza ven-  
ceria se os nossos dignos correligionarios  
quizessem empregar o meio de que se ser-  
viram os antagonistas, a compra de votos.

Os elementos mais importantes da classe  
commercial acham-se reunidos n'esta asso-  
ciação, que conta também muitos socios es-  
tranhos ao commercio.

Que o club Henriques Nogueira continue  
gozando das maiores prosperidades, como  
tanto merece, é o que lhe desejam estes  
seus humildes correligionarios.

Recebemos e agradecemos O Microscopio,  
folha quinzenal que começou a publi-  
car-se em Messejana.

Diz-se que os objectos provenientes do  
districto de Coimbra que fazem parte da ex-  
posição de arte ornamental serão, logo que  
ella finda, expostos durante algum tempo  
n'esta cidade.

Cremos que se projecta o mesmo relati-  
vamente aos outros districtos.

Prevenimos os nossos assignantes de Lis-  
boa e Coimbra que procedemos n'esta se-  
mana á cobrança das assignaturas.

Noticias de Santarem

O seminario d'esta cidade continúa ainda  
sob a direcção do reitor Pinto Homem, que  
a principio foi considerado o individuo, capaz  
de reformar e pôr no são um estabelecimen-  
to d'instrucção de tamanha importancia. Pas-  
sado pouco tempo, reconheceu-se a sua in-  
competencia para realizar tão util e indispen-  
savel melhoramento. O sr. Pinto Homem li-  
nhá andado melhor avisado, se tem chama-  
do á sua confiança um Botto e um Jeronymo,  
aceitando-lhe as indicações, e não lhes pre-  
ferindo, como fez, um Agostinho qualquer.

Ali predominam os elementos reacciona-  
rios que levam a dissolução a tudo quanto  
bafejam e tocam. As ideias de accentuado  
caracter liberal causam horror á maior parte  
dos sotainas que no seminario se abrigam.  
A sua administração economica cae de dia a  
dia, peorando sempre o seu regimen inter-  
no.

As intrigas representam o pão quotidiano  
d'aquella casa. O sr. Agostinho que era hon-  
tem um amigo dedicado, um alter ego do rei-  
tor, é hoje um indifferente senão um iní-  
migo.

Todos reconhecem que o seminario jámais  
se levantará do nivel a que desceu, emquan-  
to o patriarchado for governado pelo sr. D.  
Ignacio ou pelo Arcebispo de Mytilene. Se  
alguem reune as condições necessarias para  
no seminario introduzir uma reforma com-

pleta e radical, será talvez o cardeal, Bispo  
do Porto, D. Americo.

OMZIRVJ

A companhia Dalot que aqui tem estado  
propocionou aos Santarens um passa-tem-  
pos agradável, roubando-nos á samsaboria  
incrível que nos asphixia. Todos corriam  
ao espectáculo; todos o apreciavam.

De resto, as coisas começam a complicar-  
se; a concorrência diminue e adquire-se a  
pouco e pouco a convicção de que é uma ver-  
dade o adagio popular—voz populi, vox  
diaboli.

Urde-se uma teia immensa. Não preten-  
demos desembrulhal-a e pomos ponto final  
n'este assumpto.

Termo esta correspondencia, dando-lhes,  
caros amigos, a agradável noticia do bom  
acolhimento que a Evolução aqui teve.

Não desanimem os bríosos moços, porque  
prestam ao partido republicano um assigna-  
lado serviço. Prestam-no por igual ao paiz,  
que era digno d'uma administração mais li-  
beral, descentralisadora, honesta e fecunda  
em prosperidade.

X.

CORRESPONDENCIAS

Ribeira de Santarem

Teve lugar no dia 8 do corrente a eleição  
da nova mesa da assembleia geral do Mõn-  
te-pio de Nossa Senhora da Conceição. Pre-  
sidiu a sessão o sr. José Thomaz Duarte Coe-  
lho, distincto cavalheiro d'esta localidade, e  
que por vezes tem exercido differentes car-  
gos n'aquella associação com o zelo e intel-  
ligencia que o caracterizam.

A nova mesa ficou assim composta—Pre-  
sidente o ill.º sr. José Estanislau Nunes da  
Cruz—Secretarios os ill.ºs srs. Antonio de  
Almeida e João Maria de Sousa. E de espe-  
rar que s.s. ex.ªs empreguem todos os seus  
esforços para levar aquella associação á al-  
tura a que deve estar.

Cada vez se torna mais urgente a refor-  
ma dos estatutos. E' vergonhoso que uma  
associação tão digna e respeitavel se esteja  
regendo por uns estatutos cheios de erros e  
absurdos: isto n'um dos bairros da cidade  
capital do districto e concelho. Têm sido já  
nomeadas algumas commissões para tratar  
d'essa reforma, porém ainda nenhuma foi  
capaz de levar a cabo tão importante mel-  
horamento. Chegada a occasião da discussão  
de approvação de estatutos, os socios não  
apparecem, sendo os primeiros a faltar  
aquelles a quem mais interessa o aumento  
e prosperidade de associação; caso identico  
se dá todas as vezes que são avisados para  
qualquer reunião extraordinaria. Nas reu-  
niões ordinarias é obrigatorio, como os que  
faltam são multados, raros são os que não  
comparecem, porém depois da chamada vão  
sahindo todos ou quasi todos, chegando ás  
vezes a ficar só os socios que compõem a  
mesa de assembleia geral.—Isto é pouco di-  
gno e decente; não tem commentarios. Tudo  
porém se remedia com a reforma dos esta-  
tutos.

Consta que o prior da freguezia de Santa  
Iria vai metter a um processo, alguns rapa-  
zes d'aqui, porque—diz elle—lhe chamara  
galego. Corre como certo que houve des-  
compostura de parte a parte, não sendo os  
rapazes os provocadores.

Achava muito mais fasoavel e gracioso  
que o sr. prior esperasse a occasião de os  
agarrar na igreja e descompol-os depois do  
pulpito abaixo, como ha pouco acontecceu  
pela festa de Nossa Senhora da Conceição.

Ao menos na igreja pode ter a certeza  
que lhe não chamam galego.

Espero o resultado d'estes acontecimen-  
tos para depois dar algumas informações.—  
Deve ser uma grande chuchadeira.

Passou aqui no dia 10 o rei d'Hispanha;

era grande a affluencia de povo na estação  
para o ver, dizia-se que se demorava meia  
hora para mudar de fato; mas o (comboy)  
quasi que nem parou. Ficaram todos a  
apitar. El nino fez-se muito corado, quan-  
do viu, quando viu....

O tempo por aqui tem corrido muito bom  
para a agricultura; téem-se feito bastantes  
sementeiras. As podas vão adiantadas. Os  
vinhos obtiveram um preço lisougeiro.

Tem estado bastante doente d'um péo  
nosso particular amigo Joaquim da Costa  
Maffetto, achá-se agora um pouco melhor.  
Por hoje basta.

Janeiro de 1882.

Barracana.

EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a  
importancia das assignaturas da  
'Evolução' em Tavira o sr. Se-  
bastião Galvão e em Lagoa o sr.  
Domingos Faria.

Os srs. assignantes das local-  
dades onde não temos correspon-  
dente, obzequeiam-nos enviando  
em estampilhas a importancia de  
suas assignaturas á Administra-  
ção da 'Evolução' na Couraça  
dos Apostolos 29, 3.ª.

Este jornal vende-se em Lisboa  
na Tabacaria do sr. João José  
Baptista, Kiosque do Rocio.

Encarrega-se de receber a im-  
portancia das assignaturas da  
'Evolução' em Alcaçova o sr.  
Antonio Mendes Garcia.

ANNUNCIOS

CIRURGIÃO DENTISTA  
CEREGHETTI DOMINIQUE

COIMBRA

POSSUE todos os aparelhos anesthetics  
e chloroformisadores para extrahir dentes e  
raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor  
dor.—Empasta e orifica os dentes cariados,  
garantindo todos os seus trabalhos. Eguala  
os dentes demasiadamente compridos, se-  
para os unidos e firma os vacillantes. Lim-  
pa os dentes com toda a perfeição. Tem  
muitos especificos para a conservação e lim-  
peza da bocca e cura o escorbuto radical-  
mente.

Tira callos sem dor alguma podendo o  
operado calçar o calçado mais apertado, e  
andar com todo o desembaraço como se nu-  
ca houyera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na  
Praça 8 de Maio—Coimbra.

N. B. Advérto, que não faz uso da cha-  
ve ingleza para extrahir os dentes. As suas  
operações são feitas perpendicularmente.

COIMBRA—Typ. de Santos e Silva.



# A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 4.º pag. 430.

## SEMANARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

CONDICÕES DA ASSIGNATURA

COIMBRA, 30 DE JANEIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

ANNO 1.º

N.º 10

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

### EXPEDIENTE

Tendo a administração d'este jornal reconhecido a impossibilidade de o dar regularmente ao domingo, resolveu, a contar d'este numero, fazel-o sair com a possível pontualidade ás segundas feiras.

Aos nossos assignantes das localidades onde não temos pessoa encarregada da cobrança das assignaturas, pedimos encarecidamente o obsequio de mandarem satisfazer a sua importância, enviando-a directamente em estampilhas a esta administração.

Pedimos igualmente o favor de reclamarem sobre irregularidades da recepção d'esta folha para serem immediatamente reparadas.

Temos correspondentes, ou pessoas encarregadas da cobrança de assignaturas nas seguintes localidades: Lisboa, Coimbra, Santarem, Cartaxo, Chamusca, Alcanena, Odemira, Lagoa e Tavira.

### A NOSSA DECADENCIA

Ha poucos factos unanimemente reconhecidos pelos partidos politicos. A decadencia do paiz pertence a este numero restricto.

Constituintes, progressistas, regeneradores, republicanos e socialistas todos estão de accordo sobre este facto capital.

Se se trata, porém, de investigar a causa d'essa decadencia, o accordo desfaz-se n'um instante, os argumentos emaranham-se, levanta-se a calumnia, complica-se a discussão, cresce o tumulto e é quasi impossivel apurar a verdade.

Analysando a questão imparcialmente, nós vamos encontrar essa causa na fórma de governo.

O Estado é o poder que coordena e dirige todas as forças vitas d'um paiz, e é claro que a direcção que elle imprimir a estas forças é melhor ou peor, conforme são justos ou injustos os principios que lhe servem de base. Organizado o Estado pelos principios republicanos o seu fim é, como temos demonstrado, mais justa, mais digna, mais racionalmente cumprido. E n'um paiz de fracos recursos, como o nosso, o principal merito dos estadistas consiste em sabel-os aproveitar o melhor possível.

É isto o que a sciencia demonstra, é isto o que a pratica nos aconselha.

Contudo ha ainda em Portugal pessoas sinceras que dizem: sendo a monarchia economica e moral póde ainda trazer a este paiz a riqueza e a felicidade.

Entendamo-nos, porém, sobre este ponto.

Quem diz monarchia economica e moral faz uma junção de palavras contradictoria e absurda. Não póde haver economia nem moralidade fóra das condições em que a economia e moralidade são possíveis.

A monarchia não convence pelo raciocínio; d'ahi a necessidade de fascinar pelo delubrimento. As embaixadas pomposas, o brilho offuscador das festas regias, os grossos ordenados dos palacianos, e a lista civil, que se estende a toda a familia real, pondo a cargo da nação um onus pessadissimo,—todas estas condições, indispensaveis para conservar o prestigio monarchico, são essencialmente oppostas á pratica de qualquer economia.

Se o regimen monarchico é incompativel com a economia, sel-o-ha tambem com a moralidade?

Em Portugal raro é o homem publico que não tenha sido accusado de peculato, de nepotismo e até de traição. Estes homens em regra não se defendem.

Qual é razão, pois, por que aquelles que pugnam com todo o ardor pela integridade do seu caracter, como particulares; qual é a razão porque esses homens, alguns dos quaes são exemplos de integridade e honradez no lar domestico, se tornam nos bancos do poder dignos das mais asperas e tantas vezes justificadas accusações? Qual é a razão porque em geral se considera politico synonymo de traficante?

E' porque todo aquelle que entra na politica monarchica fica sujeito a um sistema de mentira e embuste, onde quasi sempre se lhe despedaça o caracter, se lhe deprime o cerebro, se lhe antesquinha a intelligencia.

E não ha furtar-se a este destino. Uma vez dado o primeiro passo poucos retrocedem; as mais das vezes não se pára senão no fundo do despenhadeiro. Felizes os que podem subtrahir-se a tempo a este ambito deleterio; enquanto n'elle permanecem soffrem fatal, inexoravelmente a influencia de um meio infecto.

É doloroso ver quantas bellas intelligencias, quantos nobilissimos caracteres se teem perdido para sempre nas luctas deploraveis, deprimentes da nossa funesta politica constitucional!

A estes factos incontestaveis ha quem responda: Mas que qualid-de de garantias nos dá a vossa republica? Esses homens que com tão negras côres nos descreveis são, os que hão de servir no futuro regimen, o qual, portanto, virá eivado dos vicios que condemnaes.

Esta objecção tem o seu valor, que, de resto, diminue bastante, se nos referirmos a Portugal.

É certo que o caracter d'um povo determina em parte a natureza do seu governo, mas é certo tambem que quando este tolera e até premeia, como succede entre nós, o desbragamento e a infamia, é a causa da corrupção e não o effeito d'ella. Quando o que se vende ao partido contrario é logo premiado por aquelles a quem se vendea; quando os ministros não se vexam de conferir os empregos mais rendosos e mais importantes aos homens mais desacreditados, preterindo os que teem uma vida limpa, é justo que se diga: a corrupção deriva do poder para o paiz, e não do paiz para o poder. Se os governos não premiassem taes actos elles deixariam de se repetir.

Póde-se ainda dizer que, se os agentes do governo teem até aqui sido immoraes e perjurarios, se devem escolher outros que não tenham as mesmas qualidades. Diz-se n'este caso um grande absurdo.

Suppunhamos que ha um sitio pantanoso, insalubre que arruina a saude dos desgraçados que n'elle teem a imprudencia de habitar. Pretendeis remediar este mal, conservando o mesmo estado de cousas, e substituindo apenas os habitantes enfermos por homens validos e robustos? Tal remedio seria apenas a prova da vossa insensatez. O que com elle conseguiríeis seria fazer definhar completamente uma raça pela permanencia das mesmas causas morbidas.

O remedio effectivo, radical é outro. Desinfectae o sitio insalubre, dissecae os pantanos, purifica o ar, removei todas as causas deleterias, e só então reaparecerá a saude, o trabalho, a abundancia.

Tal é o que nos cumpre fazer com relação á monarchia. Extirpal-a de vez, destruindo o meio mephitico por ella creado, para que se reanime a vida nacional, para que a dignidade impere no governo do paiz. Atirar-lhe homens novos para ella inutilizar parece-nos um contrasenso.

Admittamos, porém, que com a mudança de instituições os homens ficam o que eram. Pois bem; o complexo das leis republicanas assegura á nação a moralidade no poder.

Ao passo que nas republicas se torna effectiva a responsabilidade de todos os magistrados, por mais alta que seja a sua posição, em Portugal um alto personagem pede aos ministros que não processem os homens da Penitenciaría.

São estes e outros factos intimamente ligados com as instituições monarchicas que nos levam a achar n'ellas a causa da nossa decadencia. É, pois, em nome da prosperidade d'este paiz que pedimos a eliminção do regimen monarchico.

### LISBOA

HENRIQUES NOGUEIRA

A commemoração do 24.º anniversario da morte de Henriques Nogueira foi uma festa republicana realisada no domingo pelos republicanos de Lisboa.

Nós não assistimos a ella mas vamos procurar dar aos leitores da *Evolução* uma ideia rapida do que alli se passou pelo que os jornaes disseram e pelas informações que pudemos colher dos proprios oradores que n'ella tomaram parte.

Ainda ha um anno foi preciso um grande esforço para que além da inauguração do *Club Henriques Nogueira* se fizesse mais alguma cousa em homenagem do primeiro republicano portuguez; mas agora o nome de Henriques Nogueira já é mais conhecido, os seus escriptos teem sido procurados, e o partido republicano portuguez, conquanto não fizesse n'este anno ainda o que devia, já commemorou dignamente esta triste data da democracia portugueza.

A sessão no *Club Henriques Nogueira* em que se commemorava tambem o primeiro anniversario da existencia d'este centro republicano federal foi imponente e são dignos de louvor todos os que se esforçaram para lhe dar o esplendor que ella teve. As 8 horas, estando as salas completamente cheias, o presidente do *Club*, o sr. Silva Lisboa abriu a sessão, pronunciando um brilhante discurso em que explicou os motivos d'esta reunião e lembrou os serviços prestados por Henriques Nogueira á causa republicana no nosso paiz; os discursos do sr. Silva Lisboa agradam sempre pelo seguro conhecimento que revela ácerca do que está fallando e pela phrase correcta e entusiastica com que os pronuncia.

Em seguida foram lidas na mesa adhesões de alguns republicanos que não poderam comparecer como Oliveira Marreca, Latino Coelho, Anselmo Xavier, Bernardino Pinheiro e Teixeira de Queiroz e tambem dois telegrammas do Porto assignados por Julio de Mattos, Alves da Veiga e outros nossos correligionarios d'aquella cidade.

O sr. Sousa Brandão foi ouvido com muito interesse, como companheiro que foi de Henriques Nogueira e prendeu a attenção da assembleia com a narração d'alguns factos particulares da vida d'aquelle de quem foi tambem collaborador nos esforços para a regeneração da sociedade portugueza.

Seguiram-se-lhes os srs. drs. Manuel de Arriaga e Gomes Leal que confirmaram os seus justos creditos, um de orador eloquente, outro de revolucionario ardente.

Entraram vindo de assistir á inauguração da escola da *Associação Pinto Ribeiro* os srs. drs. Theophilo Braga, Magalhães Lima e Jacintho Nunes. O dr. Theophilo Braga, que n'aquella associação havia por espaço de mais d'uma hora prendido a attenção dos que lá estiveram, fallando ácerca das vantagens do derramamento da instrução pelas classes populares e referindo-se tambem á individualidade historica do eminentemente patriota Pinto Ribeiro, ainda aqui tomou a palavra e discorreu larga e sabiamente sobre Nogueira e as suas convicções politicas, e mostrando que a Portugal nenhuma outra forma de governo lhe é applicavel senão a federativa, para a qual nós todos devemos trabalhar com perseverancia e coragem.



O sr. Magalhães Lima, o tribuno querido das assembleas populares, o republicano sincero, disse que depois de se fallar tanto e tão proficuamente da individualidade de Henriques Nogueira apenas lhe estava reservado o papel de se congratular cada vez mais com o partido republicano portuguez pelo seu extraordinario movimento; que percorrerá a Suissa e ali vira praticamente realizadas as doutrinas de Henriques Nogueira; que n'um momento em que no paiz se manifestava uma perfeita antinomia entre o poder central e o poder municipal como ainda ha pouco se vio pelos acontecimentos de Grandola, era asada a occasião para prestar homenagem a todos os grandes descentralistas como Henriques Nogueira. Que o meio de commemorarmos essa data, era trabalhar pela implantação proxima da republica, porque a epoca é de acção e é justo que o moderno Sansão chamado o povo portuguez em vez de ficar debaixo das ruínas, como o antigo Sansão biblico, abalasse por sua vez as columnas do templo ficando victorioso sobre as ruínas como eterna lição infligida aos reis e aos tyrannos do mundo.

Por ultimo fallou o sr. Jacintho Nunes a quem a assembleia victoriou bastante, testemunhando-lhe assim o apreço em que tinha o modo independente e digno como elle, ultimamente se havia portado na celebre questão de Grandola. O sr. Nunes aproveitou esta primeira occasião que se apresentava aos seus correligionarios de Lisboa para lhes narrar rapidamente o que havia succedido e protestar ao mesmo tempo contra tão desvairadas arbitrariedades praticadas contra um povo trabalhador e conhecedor dos seus direitos civis e politicos como o do municipio de Grandola. O sr. Silva Lisboa ainda tomou a palavra para encerrar esta sessão que é uma das mais memoraveis que o partido republicano tem realizado. Esquecia-nos dizer que nos intervallos foram executados ao piano varios trechos de musica, entre elles o hymno de 1820 e a *Marseilha*.

Associaram-se á commemoração Henriques Nogueira os jornaes *O Seculo*, que publicou o seu programma politico e umas notas biographicas; *A Folha do Povo*, dando na sua primeira pagina um artigo commemoratorio.

*A Folha Nova* publicando o retrato de Henriques Nogueira com a biographia escripta por Julio de Mattos transcripta do *Plutarcho Portuguez*, o seu programma politico

co e as notas biographicas transcriptas do *Seculo*; *A Democracia*, transcrevendo as mesmas notas e a *Galeria republicana* sae no proximo domingo com o retrato de José Felix Henriques Nogueira acompanhado d'um estudo biographico de Theophilo Braga. No Porto tambem em homenagem á memoria d'este eminente vulto da democracia portugueza foi inaugurada uma escola de instrução primaria pelo methodo *João de Deus* no *Centro republicano*, a cuja sessão presidiu, orando muito eloquentemente, o dr. Alves da Veiga.

27 — 1 — 82.

António Furtado.

## DESTRUIÇÃO

Aonde páras tu espirito perverso?  
Quem é que te conduz aos paramos do nada?!  
De toda a parte estruge a eterna gargalhada  
que mata o infinito e abala o universo!

Essencia immaterial, ideias absolutas,  
vão rolando no pó do eterno esquecimento,  
como nuvens no ar levadas pelo vento  
e que se perdem lá n'essas aereas luctas.

Crenças, religiões, n'um vasto abysmo somem  
o poder colossal! Não pode o extemporaneo  
resistir longo tempo aos males que o consomem

E o pensador audaz, o *atheu* contemporaneo  
fecha, materializando, o espirito do homem  
n'um cofre de calcareo... (horror!) dentro d'um  
craneo!

COIMBRA

HENRIQUE PEREIRA.

## CAMARA OPTICA

Ainda ha pouco Alexandre da Conceição, n'um bello folhetim, com o seu fino stylete de critico punha a descoberto todos os defeitos e vicios que accumulam os nossos politicos; isto a proposito do *Grande Homem* do sr. Teixeira de Queiroz. Entre outros traços, com que elle delineava o typo caracteristico do politico que se gera á sombra da Carta, um dos mais frisantes de verdade está consubstanciado n'esta phrase felicissima: «Quando está na opposição chega a preferir esta phrase chinezmente subversiva: É preciso reformar a carta!». Não ficámos, pois, extraordinariamente surprehendidos quando, através do nosso

E seguia pausadamente, feliz, satisfeito, com a consciencia tranquilla.

Os rapasitos, que passavam para a escola, descobriam-se respeitosa e vinham beijar-lhe a palma da mão.

E ficava a vel-os caminhar, com um sorriso de bondade, até que elles se perdiam além n'uma curva do caminho onde havia muitas arvores.

Se encontrava algum em flagrante delicto, espreitando um ninho em que piavam pequenas cabeças, implumes, o seu rosto cobria-se d'um mau humor.

— Espera, espera, brejeiro, que te arranço as orelhas. Se has de estudar a doutrina, andas a fazer mal aos passarinhos.

E as creanças desciam apressadamente da arvore com o medo d'um grande criminoso deante do juiz.

A residencia, uma velha casa amarella, era n'um pequeno monte, d'onde descobria toda a aldeia, e via-o lidar das suas ovelhas. Depois de jantar, sentava-se debaixo da figueira, que estava ao pé da porta, n'uma cadeira de couro com pregos de metal amarello, e d'ahi, sorvendo estrondosamente as suas pitadas, enquanto digería a farta refeição, lançava os olhos pelos campos de milho, e pelos pinheiraes fronteiros. Seguía com a vista um lavrador que ao longe conduzia o seu carro assobiando as modas populares: olhava outros que regavam etc. Depois lançava mão do seu breviario, um velho livro dourado, e lia as orações do dia em tom baixo, monotono. As vezes levantava a cabeça e enquanto repetía machinalmente alguns versiculos, pensava, espriando a vista:

— Está bom aquelle trigo; aquelle milho não vai longe.

E continuava resando sempre, até que a cabeça descaia-lhe, os olhos fechavam-se-lhe,

binoculo, vimos agora na camara baixa o sr. Dias Ferreira pedir a palavra, levantar-se, olhar obliquamente os seus collegas e mandar para a mesa uma longa fila de numeros cabalísticos, instando ao mesmo tempo pela reforma dos §§ a que elles se referem. Só nos surprehendeu um pouco a desfaçatez com que uma parte dos deputados tolerou a segunda leitura do projecto.

Este facto novo, desusado, parece que nos revela uma certa disposição iconoclasta da parte dos senhores representantes; dá-nos umas esperanças animadoras, a ponto de nós pedirmos aos jornaes progressistas o obsequio de não tornarem a chamar-lhes *camara Angoche*, propondo-lhes ao mesmo tempo que substituam este epitheto selvagem, pelo de *camara chineza*, que tem mais cor local, com a devida venia do sr. Alexandre da Conceição. Este adjectivo quadra-lhe melhor.

O chinez é o symbolo do trabalho paciente applicado ao genero *mignon*; entretem-se a burilar pequeninos objectos de marfim, com uma paciencia só comparavel ao affan com que os nossos legisladores forjam em casa imagens, flores de estylo, apostrophes, invocações, allegorias, figuras e tantas outras bagatellas com que se enche uma sessão em S. Bento.

A não ser este acontecimento subversivo, o parlamento nada nos offerce digno de registar-se..... ah! perdão!! ha mais alguma cousa.

Um deputado pelo Porto leu o projecto de um monte-pio para os operarios invalidos. Até aqui vai bem, apoiado.....

Para arranjar a receita que havia de dar os fundos necessarios, lembrou o imposto eleitoral, especie de contribuição sobre a consciencia. Nada mais justo e sensato applicado ao nosso systema de eleições. Todos sabem que o voto, entre nós, é uma mercancia, um negocio, uma coisa que se vende, como qualquer genero de mercearia, uma industria emfim. Quem ignora o que se passa por essa Parvonia em dias de eleições?

Nós se tivéssemos assento na camara, entre os Cobões, teriamos apoiado o imposto sobre a lista com todas as véras.

Longe de lhe acharmos os inconvenientes que todos lhe attribuem, cremos até nos effeitos moralisadores d'esta medida, visto que ella encareceria o preço das consciencias.

e o breviario, rolando por sobre as pernas, ia cair ao pé do abbade, com as folhas abertas, deixando para um lado o retrato de S. Pedro e para outro um bilhete de confissão.

Este somno era sempre interrompido pela chegada de Augusto Gomes, um rapaz d'aldeia, que tinha uma estatura regular, cabelo louro, olhos azues e um signal na face esquerda.

Fôra estudante no Porto durante alguns annos, e nunca conseguiu fazer exame algum mais do que instrução primaria, por se entregar aos theatros, cafés, passeios etc. Conservava o tradicional chapéu posto ao lado com a aba levantada na frente, e usava-o ainda na aldeia, com grande escandalo d'aquelle povo, que o tomava por extravagante. Era vaidoso; suppunha que todas as mulheres o amavam, desde que a filha d'um negociante do Porto, menina excessivamente romantica, se apaixonára por elle a ponto de querer fugir ao pae. Era uma proesa que elle contava aos amigos todo ufano rindo-se muito e exagerando mais; uma entrevista de noite, com a lua a illuminar a scena; ella de branco com o cabelo cahido, muito chegada a elle.

Estavam sentados n'um banco do jardim, fallando baixo umas palavras amorosas que ella aprendera n'um romance.

E com um rapido encolher de hombros batendo com a bengala na perna:

— Tolices!

Nas horas vagas que eram quasi todas, compunha versos d'um sentimentalismo piegas, e publicava-os n'um jornal, que, á fome de assumpto, acceitava tudo. Estava á espera d'um despacho, mas nunca chegava, ape-

Por estas e outras muitas razões é que nós não hesitamos em chamar á lembrança do sr. Joaquim Antonio, uma..... *uma ideia luminosa*.

Deixando por agora a camara chineza, com todos os seus exemplares raros da fauna politica, entremos na dos próceres.

Limpemos as botas ao tapete da entrada, vamos devagarinho, nas pontas dos pés, tomemos uma attitude digna, á altura do logar.

Penetremos n'aquelle recinto sagrado, com todo o respeito com que um mahometano entra na *mesquita*, e sobretudo lembramos cautella para não pizar os callos dos sacerdotes.

Logo á entrada surprehendemos o sr. Serpa, atrapalhado, confundido regoogando umas explicações sobre a *carta*.

Ficámos seriamente intrigados com esta palavra, e chegámos a attribuir um certo grau de caruncho aos esteios das instituições, imaginando que tambem elles queriam reformar a *carta adorada*.

Applicámos melhor o ouvido: tratava-se da missiva de S. Magestade Fedelissima a magestade sterlina..... que digo?!... a magestade britanica.

Fallaremos para outra vez.

BINOCULO:

## As nossas Colonias

Sabemos bem que a nossa voz será mais uma — *vox clamans in deserto*; embora, continuaremos a insistir sobre este assumpto, porque estamos convencidos de que serão as colonias que nos hão de levantar ao que fomos, se forem bem administradas, e se a ellas se prestar a attenção de que são dignas.

Nenhuma nação tem na Africa o prestigio, que ainda ali conserva o nome portuguez, é certo; se porém os governos continuarem a proceder como até aqui, esse prestigio em breve desaparecerá, para ser substituido por uma dominação ingleza.

Ha annos tivemos na nossa provincia d'Angola guerra com os Dembos e a maior parte dos soldados que foram bater (?) aquelles Sôbas, iam armados de espingardas de pederneira e algumas d'estas sem caçoleta!

O Tenente Oliveira que estava em um presidio do interior com uma pequena força teve que retirar por falta de munições!

sar do pae em todas as eleições trabalhar polo influente que lh'o promettera.

O abbade affeçoara-se ao rapaz por ser alegre e o fazer rir. Passeavam sempre juntos por entre os campos, fallando a maior parte das vezes da politica que segundo o padre, arrastava o paiz para a perdição. Caminhava devagar, parando a cada momento enquanto o abbade sorvia as pitadas, e lhe expunha algum pensamento que Augusto approvava, sempre, e lhe ouvia com muita paciencia. A noite jogavam o gamão n'um taboleiro escuro com o verniz tirado em partes, posto sobre os joelhos dos dois adversarios.

A irmã do abbade, a D. Rosa, fazia meia ao pé d'elles. Era uma senhora de 40 annos, trigueira, cabelo alguma cousa branco, pelos crescidos na cara, sobre tudo aos cantos da enorme bocca. Usava uma saia de cor de café com barras de veludo, e um *chambre* branco de botões de madreperola, que contrastava com a cor da cara. Namorara, quando nova, um cadete de cavallaria filho d'um morgado da aldeia, e ainda conservava umas quadras que elle lhe fez ao partir para o regimento. Cantava muitas vezes a ultima n'uma toadilha triste:

Mas embora a sorte dura

nos vá breve separar,

ai! eu sempre te hei de amar,

meus suspiros serão teus.

Quando o mano jogava com o Augusto, sentava-se ao pé d'elles; tirava do bolso uma caixinha de papelão escuro e punha nns oculos de ferro que a tornavam mais feia. Ao ouvir algum dos parceiros dizer — *gamão* — baixava a cabeça para olhar por cima dos oculos, e ria-se mostrando os dentes pouco limpos.

## FOLHETIM

## ESPERAR POR SAPATOS

DE

## DEFUNTO

Era um velhote alegre o bom do abbade. Contava muitas historias á noite, á porta, aos rapazes da aldeia, rindo-se muito e mostrando a falta dos dentes. Era baixo, obeso, muito corado, d'uma cor de saude creada com o ar puro dos campos e o vinho da adega. Tinha pouco cabelo, e esse mesmo era branco, encoberto com um barretinho de retroz preto, terminado por uma pequena maçaneta levantada para o ar. Não gostava de camisas engomadas, incommodavam-o muito e desesperava-se quando a irmã lhe queria fazer collarinhos.

— Isso é bom para a cidade, mana, que os de lá nem são padres nem são nada. Eu ando com o meu cabeção, não preciso. O peito não se vê, e os punhos engomados alligem-me, parece que nem deixam mover a mão á vontade.

Usava a batina já um pouco esverdiada, um capote e um chapéu alto muito velho.

Celebrava missa todos os dias muito cedo, e voltava para casa por entre os campos, embrulhado no seu capote, cheio d'um bom appetite ao almoço.

As vezes parava a olhar as arvores, que, por sobre os muros, pendiam para o caminho cheias de fructos vermelhos, maduros. E deliciava-se com uma pitada contemplando os productos da natureza, n'uma admiração mystica do poder de Deus.

— Boa fructa.



A coragem do então capitão Matta se deu pela salvação da força que estava sob o seu bom commando, ao passo que outro official de quem calamos o nome, deixava trucidar um destacamento commandado por um alferes, por não lhe mandar munições que aquelle tinha pedido!

Agora vemos no *Seculo* uma transcrição que em seguida inserimos, que vêm mais uma vez demonstrar que o estado nas nossas colonias não melhorou.

Lê-se tambem n'um jornal:

Em outubro revoltou-se uma parte do batalhão da guarnição em Tete por falta de pagamento, que não se realisava havia cerca de 9 mezes.

A maxima parte da força tinha descido para Quilimane, e depois d'isso o governador enviou uma diligencia de poucas praças a 6 dias de marcha de Tete. Quando estes soldados regressaram, verificou-se que tinham vendido a polvora aos indigenas afim de adquirirem mantimentos. O governador castigou os soldados com algumas guardas mas elles tentaram revoltar-se.

Sufocada a tentativa de insubordinação o governador não pôde reunir conselho de investigação, porque em Tete só havia dois officiaes. Pouco depois chegou uma das alas do batalhão, que estava em Quilimane e constituiu-se o conselho. Mas como punir uns desgraçados que faltos de pagamento, venderam a polvora para não morrerem de fome?

Que juizo formarão os indigenas quando virem os nossos soldados rotos, esfomeados, com pessimo armamento, e ainda vendendo as munições para alcançarem alimento?

Se os indigenas não estivessem costumados a respeitarem-nos, onde parariam as autoridades e o bello exercito que temos nas colonias?

É certo que os governos só conspiram para cada dia mais nos desacreditarem aos olhos dos indigenas e dos estrangeiros!

Como querem o soldado morigerado ou regenerado nas colonias, se lhes faltam com o alimento, com o vestuario e com um bom tractamento, quando doentes?

Se o nosso soldado não fora tão soffredor há ha muito que nas colonias teria havido exemplos bem para lastimar.

Mandam o soldado para paizes d'um clima relativamente máu, abandonam-o ahí aos proprios recursos, e o que querem que elle faça? o que naturalmente succede, ou de-

serta para as colonias inglezas, ou se aos soldados nada falta, ou rouba.

Pelo que respeita á officialidade as coisas não correm melhor.

O official chega ás nossas colonias, é mal retribuido, a alimentação é cara; portanto o seu *desideratum* é obter uma commissão em qualquer concelho do interior; para ali vai como chefe; mas como o seu soldo é pequeno, elle não tarda em procurar augmental-o; para isso emprega todos os meios, as estorsões não tardam e o indigena cansado por fim revolta-se, porque tudo tem um limite; depois as guerras de S. Salvador do Congo, da Zambezia, dos Dembos, e as que se lhes seguirão se tudo assim continuar. Continuaremos.

## NOTICIARIO

Coimbra uma terra excepcional. Arroga-se a classificação de terceira cidade do reino e todos os dias mostra bem claramente que em iniciativas de qualquer ordem é sem duvida a ultima.

Se não vejamos: funda-se em Coimbra uma associação commercial e não tardam as pequeninas intrigas, os mesquinhos attritos a esfacerar uma associação de que esta cidade com razão devia eperar muito, muitissimo.

Funda-se a associação liberal onde se encontram espiritos elevados e talentos reconhecidos de todas as classes; pois essa mesma só agora parece querer despertar do letargo em que por tanto tempo jazeu.

Organizou-se ha poucos dias nesta cidade uma delegação da sociedade de geographia do Porto, e tambem essa que a principio nos pareceu caminhar para um fim útil, já periclitada, já começa uma vida arrastada, e podemos dizel-o, é isto devido a indifferença com que a maior parte dos filhos d'esta terra olham para coisas serias e que podem e devem levantar esta cidade á devida altura.

Nem todas as verdades se dizem; algumas ha porém que embora amargas se não devem callar.

A delegação compõe-se de 30 membros, e entre estes dois jornalistas, pois tem deixado de celebrar sessões por falta de numero legal!

Coimbra é uma cidade dormente; desperta por um pouco, quando ouve dizer que qualquer via ferrea vae passar, com grave in-

justiça, a dez leguas da cidade; então faz representações, grita, esfalfa-se, nomea commissões etc., para logo cair no marasmo habitual, para em seguida ir eleger deputado o primeiro individuo que qualquer governo lhe impozer.

Succede isto todos os dias e assim continuará em quanto esta cidade, por todos os títulos digna de melhor sorte, não quizer comprehender que acima das mesquinhas machinações de corrillo politico está a sua dignidade.

O curso que actualmente frequenta o 4.º anno de direito, tem soffrido profundos desgostos na sua carreira academica.

No 2.º anno, perdeu um dos seus membros mais sympathicos—Roberto Woodhouse. Na vespera do fallecimento, conversava elle com os seus amigos despreocupado e alegremente; e no outro dia de manhã, corria já pela cidade a triste noticia de que tinha succumbido, victima d um ataque epileptico, de que não dera conta ninguem de sua familia.

Deu-se uma scena inesperada que era de fazer enlouquecer. Alfredo Paço, seu discípulo e amigo intimo, que estivera com elle no Theatro Academico até á meia noite, foi procural-o de manhã.

Entrou no quarto, correu as cortinas do leito, viu-o debruçado para o lado da parede; chamou-o, convencido que estivesse brincando e depois... encontrou sómente um cadaver gelado... inerte.

A um grito afflictivo, quasi d'um louco, accudiu a familia do finado; e a pobre mãe, a sr.ª viscondessa de Balsemão, ao ver seu filho estremecido já morto, sem ter sequer recebido o seu ultimo beijo, desfalleceu com tão profundo desgosto e esteve bem proximo de se ir juntar com elle na eternidade.

A noticia espalhou-se rapidamente pela cidade e todos sentiram deveras a morte de Roberto Woodhouse, porque era uma perola.

No principio do 4.º anno, deu-se um outro acontecimento funebre.

Pe. Antonio d'Almeida, rapaz distincto e trabalhador, depois d'uma tísica prolongada, resultante talvez do excesso de trabalho para grangear meios de subsistencia para si e poder socorrer ainda sua familia, falleceu em 12 de dezembro, deixando a todos na maior tristeza.

Mas o que aggravou ainda mais esta dôr, foi o abandono a que o votaram os seus que,

— Um militar não usa isso.

E caminhava para a igreja com as mãos nos bolsos das largas calças, a cabeça baixa e a cara contrahida por causa das gotas que cahiam. Augusto Gomes ia acompanhado pelo abade, ouvindo sermões de moral com a sua paciencia enorme; e paravam a cada momento enquanto o padre dizia.

— Esta é a carne da tua carne! e sorvia estrondosamente uma pitada. Por tanto vós ambos fareis um só.

E olhava para Augusto que abanava a cabeça em signal de assentimento e comprehensão.

— Era da minha obrigação dizer-lhe isto, pensava o abade.

O casamento celebrou-se depois de terem ouvido a missa, uma grande missa. Voltaram entre os convidados, radiantes; o boticario sentia vontade de dançar.

— Honorio, dizia elle. já me não fuge. Que riqueza que a pequena vai ter; e eu não tornarei a trabalhar. E ria-se muito, como se já estivesse livre do almofariz. Augusto trazia a noiva pelo braço, embaçado, sem saber o que havia de dizer; ella vinha corada, pouco á vontade. A festa correu alegre. Ao jantar, Pedro brindou toda a gente; o abade aconselhou-os. até que mais tarde tornou-se vermelho, fallador, alegre...; a irmã olhava os noivos suspirando; o militar descreveu batalhas medonhas; só os noivos fallavam pouco.

A noite o boticario não podia dormir pensando na riqueza: Augusto dizia á mulher:

— Deixa-me tudo; não tem herdeiros; é muito meu amigo; aturei-o sempre com uma paciencia, que só eu a tinha... com esperanças de herança.

durante a sua longa enfermidade em Coimbra, nem sequer o visitaram!! Morreu nos braços dos amigos e condiscipulos que lhe improvisaram uma familia, formada pelos laços de amizade sincera, já que a familia natural não quiz cumprir o seu dever sagrado.

Agora veio um outro passamento contristar o curso do 4.º anno. O telegrapho communicou-nos a morte de Miguel Baptista da Silva em Souzaellas, comarca de Louzada, no dia 26 do corrente.

Era um moço de talento, incontestavelmente um dos mais distinctos da actual geração academica; mas tão modesto, que quem o não conhecesse de perto, julgava-o um insignificante, uma nullidade.

Quando estudava Theologia em Braga, fundou um periodico — *Jornal Academico* — em que publicou artigos que mereceram já os elogios da imprensa, não obstante elle ser então ainda uma criança.

Na Universidade, no 2.º anno, imprimiu um *Resumo* das prelecções de Direito Publico, feitas pelo sr. dr. José Braz, em que se nota claramente o vigor da sua intelligencia. Agora andava publicando no *Instituto* a sua dissertação para a cadeira de Finanças, que tencionava colligir em livro para offerecer aos seus amigos.

No desalento que se tinha apoderado do seu espirito, dizia a um seu condiscipulo: «E talvez um livro posthumo!» E não se enganou nas suas conjecturas!

A tísica pertinaz que o impossibilitara de se matricular no 4.º anno, consumiu-o dentro em pouco tempo: roubou-o aos seus amigos, tendo apenas 24 annos e um futuro, cheio de aspirações!...

Ao ver tão lugubres acontecimentos, apoderara-se de nós o desalento... domina-nos completamente o presentimento da morte! Achando-nos á beira d'um tumulto, derramamos lagrimas de saudade sobre a memoria d'um amigo que se finou; e ao mesmo tempo, sentimos uma tristeza inundar-nos o espirito... tristeza que é o prezagio de que talvez em breve haja de cerrar-se sobre nós tambem a louza d'um sepulchro!

Ai! que é preciso muito para se não cahir no desespero, quando, aos 24 annos, vemos afundar-se na valla d'um cemiterio um talento e uma esperanza!

Novo centro. Fundou-se em Lisboa um novo centro eleitoral na freguezia de S. José denominado, *Club Eleitoral Democratico*. É presidente o sr. Francisco Guilherme de Sousa.

Tornára-se notoria na aldeia a amizade do padre para com o Augusto Gomes, e dizia-se que elle herdava tudo, muito dinheiro, muitas terras, eu sei lá, o Brazil. O Pedro boticario lembrava-se de casar a filha com o rico herdeiro, e sorria-se de contente, estregando as mãos. Já tinha dito a um seu amigo o Honorio, capitão reformado, de grandes bigodes espetados. Era n'uma tarde de muito calor; havia enorme socego apenas interrompido pelo barulho monotonico d'uma fonte, e pelo acalantar d'uma creança. O boticario, em mangas de camisa mexia unguentos, fazendo a sua confidencia; o amigo espulava o meio deitado sobre umas cadeiras, fumando.

— Então que me diz a isto? perguntou Pedro limpando o suor.

— Digo que é um bom partido. O caso é que o abade lhe faça testamento.

— Ora! isso nem admitte duvida.

— E abanando a cabeça:

— O rapaz é cabeça no ar, mas aquillo passa em casando. E demais não vejo outro por ahí.

— Isso é verdade, respondeu o militar olhando para o fumo que subia em largos zueis azulados. E resolveram tractar do casamento o mais breve, não fosse prender-se a outra, e perder-se uma conveniencia tão grande.

— Eu sustento-os dizia Pedro, enquanto o padre não morrer; depois deixo isto. Que diz você, Honorio, em me vendo sem trabalhar?

— E esfregava as mãos de contente, doido de prazer.

— Arranjou-se o casamento. O abade não desgostou; era uma conveniencia boa para

o rapaz que nada tinha e precisava de se «arrumar». O pae de Augusto consentiu, e em setembro uniram-se para sempre na igreja d'aquella freguezia, adornada convenientemente para esse fim. Estava um dia triste, enevoado; cahia uma chuva miuda, fria, acompanhada por um aspero vento do sul. Era um successo na aldeia; as creanças espreitavam curiosas ao fundo das escadas do boticario, e outras apanhavam na igreja as flores que cresciam do adorno dos vasos, espetando-as no chapéu. Algumas raparigas esperavam os noivos para lhe lançarem confeitos e flores desfolhadas. De vez emquando, algum pequeno mais atrevido subia pelas escadas da torre e repicava freneticamente, desordenadamente, os sinos, até que uma chibatada do sacristão o fazia deixar o brinquito. Entretanto os noivos esperavam que a chuva passasse; o boticario olhava os ares impaciente; vinha receber os convidados, e voltava para a janella radiante de contentamento, esfregando as mãos.

— Então, Honorio, conseguí o que queria.

— É verdade, respondeu o velho militar compondo a farda que vestira para aquelle dia.

— O rapaz vem a ter muito dinheiro, segredava Pedro. E ia para a janella com impaciencias febris.

O tempo não melhorava; resolveram-se e partiram para a igreja. A noiva ia com o vestido levantado deixando ver uma saia branca e umas botas da mesma cor; levava um véu cahido, e uma corôa de flores de laranjeira, tudo vindo do Porto. O boticario, com a casaca do seu casamento abrigava a filha com um chapéu de chuva cor de castanha, já debutado. Quizeram tambem dar um guarda-chuva ao Honorio, mas elle desera imponente:

Foram passando alguns annos. O boticario continuava a trabalhar sempre, sustentando os dois esposos. Augusto ajudava-o alguma cousa; mas não ganhava, não chegara ainda o prometido despacho. O abade passeava com elle, jogavam o gamão, discutiam a politica, o que o fazia ter muitas esperanças.

Mas um dia o padre sentiu-se incommodado, e morreu com uma apoplexia Augusto e o sogro correram a consolar a irmã e a ver o testamento.

— Amanhã já não abro a botica, pensava pelo caminho. Chegaram. D. Roza chorava com saudades do seu bom irmão, muito seu amigo. o seu amparo, viver agora só, sem parentes! uma infeliz!

Sobre uma mesa estava o testamento. Deixando tudo a irmã, e por morte d'ella á misericordia do Porto. Mais nada. Os dois olharam-se involuntariamente, o apressaram-se a voltar a casa.

— Mal empregadas horas que o aturei, dizia Augusto á mulher. Semprou sou um tolo! Nem cinco réis!

— Então, Pedro, você ainda tem a phar-macia aberta? perguntava Honorio com um tom ironico.

— Ora pelo amor de Deus! Esta só commigo.

— E agora?

— Agora tenho de os sustentar sempre, e trabalhar para isso.

— Quem espera por sapatos de defunto... dizia Honorio rindo-se muito.

— Toda á vida anda descalço. A minha vida, a minha vida!

E foi pisar linhaça muito desconsolado.

FERNANDO COUSIN.



Recebemos e agradecemos a visita de dois novos collegas:

O *Picaroto*, periodico quinzenal, instructivo e noticioso: é natural de S. Roque (ilha do Pico), e filho dos Barões de Santo Emycio como elle proprio declara no seu folhetim. Propõe-se «contribuir para o bem estar os povos da ilha»... «fazer o povo conhecedor das suas regalias» e «permanecer affastado de politica e de tudo quanto respeita a questões meramente pessoais». É digna a missão que se impoz, e oxalá a fortuna o bafeje para proseguir intemerato no desempenho d'ella.

—O *Pero Gallego*, de Vianna do Castello, folha semanal, litteraria e scientifica. São seus redactores os srs. Pereira da Cunha, Silva campos, e Rocha Páris. A sua administração é na rua de S. Sebastião n.º 74, Vianna. Insere prosa e versos de incontável merecimento e no muito bem redigido artigo programma, assignado pelo sr. Silva Campos explica a razão da denominação que adopta. É interessante e curiosissima a razão d'ella. Insere «duas quadras» do festejado poeta, e nosso collaborador e amigo, Antonio Feijó. Terminamos esta breve noticia, recommendando o *Pero Gallego* aos nossos leitores e desejando que tenha bastantes occasiões de cumprir o seu programma, que é prestar concurso á meritoria e sobre todas digna crusada do ensino e instrução.

Lemos um documento estatístico relativo á India ingleza, na qual se contém as seguintes curiosas indicações.

O territorio sujeito á administração britannica comprehende 909:834 milhas e uma população de 191.065:415 habitantes. Os estados indigenas comprehendem 573:052 e uma população de 48.233:987 habitantes.

A superficie total da India, abrangendo as possessões portuguezas e francezas conta 1.434:150 milhas quadradas com uma população de 239:978:595 habitantes.

Os 191 milhões de habitantes da India ingleza, considerados em relação ás creanças religiosas, estão assim divididos: Indous, 139,343:820; Sikhs, 1:174:436; mahometanos, 40,867:125; budistas, 2,832:851; christãos, 897:682. Acresce ainda que existem 5,417:304 de creanças diversas e 652:227, cuja religião se não conhece.

Ainda ha bem pouco tempo se notava que o casamento puramente civil era consideradaavelmente mais commum na Paussia do que na França.

—A media das creanças, baptisadas, calculada sobre toda a população da Prussia, é de 92,29 por 100. Convém observar que os protestantes baptisam seus filhos muito mais tarde que os catholicos, donde resulta um notavel augmento na cifra das creanças falecidas sem baptismo, até entre as populações mais religiosas.

**Mundo Academico**—Vai publicar-se por iniciativa d'alguns estudantes de Lisboa o numero unico d'um jornal illustrado, que se denominará *O Mundo Academico*.

Esta publicação representa a homenagem prestada pelos seus iniciadores á memoria do grande estadista Marquez de Pombal e a solemnização que elles fazem do primeiro centenario da sua morte. O producto d'esta edição revertirá em favor dos estudantes necessitados. Louvores aos estudantes de Lisboa pela alta comprehensão dos seus deveres civicos.

Foi transferido, a seu pedido, do concelho de Belmonte para o de Villa Velha de Rodão o digno e intelligente medico, dr. João Paes da Cunha Mamede: deixa em Belmonte muitas saudades e muitos amigos e será difficil a reparação da perda, que a ausencia de sua ex.<sup>a</sup> vai causar aos povos d'aquelle concelho.

Pedimos desculpa aos nossos estimaveis correspondentes de Odemira e de Santarem do atraso que tem havido na publicação das suas correspondencias.

Thiers deixou os seguintes manuscritos:

Uma obra incompleta sobre a origem e destino do homem.—Historia da indemnização dos cinco mil-milhões.

Este ficou ultimado; comprehende as negociações com a Allemanha e as transações que respeitam ao emprestimo.—Fragmentos acerca de diversos acontecimentos politicos do tempo de Luiz Philippe.—A Historia de muitos episodios da presidencia de M. Thiers, alguns dos quaes são a abertura da Assembleia nacional em Bordéus, Versailles durante a communa e a eleição Barodet.—Uma correspondencia volumosa sobre variados assumptos.

Recebemos o n.º 2 da *Canastilla Infantil* periodico de modas, mensal e illustrado, dedicado ás creanças. Traz interessantes artigos litterarios, e além das gravuras no texto uma folha separada de desenhos. drées. É publicado em Paris e escripto em hespanhol sob a direcção de Faustina Saez de Melgaz. A assignatura por anno custa 7 pesetas. Toda a correspondencia deve ser dirigida para —Paris Cité Trivise 8.

Agradecemos.

**Eis a estatistica criminal das cadeias da relação do Porto no anno findo:**

Existiam encarcerados em 31 de dezembro de 1880 n'aquellas cadeias 289 pessoas, sendo 267 homens e 22 mulheres.

Durante o anno de 1881 entraram 1230 pessoas, sendo 1073 homens e 157 mulheres; sahiram 1199 individuos, pela seguinte forma:

Soltos 572 homens, e 134 mulheres; afiançadas, 32 homens e 5 mulheres; removidas para outras cadeias 322 homens e 3 mulheres; seguiram para a Africa 120 homens e 6 mulheres, evadiu-se um homem e falleceram quatro.

A lista dos jornaes estrangeiros, cuja entrada era permitida na Russia em 1868, é a que segue e que transcrevemos d'uma Revista franceza.

Jornaes d'Allemanha, 186; da França, 135; d'Inglaterra, 63; d'Italia, 13; da Grecia, 7; da Suecia, 13; da Noruega, 3; de diferentes linguas slavas, comprehendendo 6 da Polonia, 28. Total: 448.

Na Allemanha eram na mesma epocha permitidos pela censura Prussiana 6:822 jornaes, incluindo-se n'este numero 3 de Portugal.

Observa ainda a Revista, donde extractamos estas indicações que os jornaes slavs, auctorizados na Allemanha, perfazem a cifra de 167, ao passo que na propria Russia apenas se publicam 122 jornaes slavs, mettendo em linha de conta 28 que vem de fóra. Vé-se, pois, que na Allemanha se publicam a mais 45 do que na Russia.

**Diz a Democracia:**

Por proposta do sr. Paul Bert, ministro da instrucção publica em França, resolveu-se conceder pensões ás familias dos sabios que morrerem feridos, fazendo investigações, scientificas ou viagens.

É digna de elogio a proposta. A sciencia tem os seus martyres, porque a natureza revela os seus segredos, em troca da vida dos que os investigam.

Recebemos e penhorados agradecemos o folheto *Zé Povinho* ou a *Victima do regimen parlamentar*, por um veterano da liberdade. Sentimos não poder já formular sobre elle a nossa opinião, fal-o-hemos porém do melhor grado no proximo num ro. Vende-se por 100 réis na Livraria Portugueza e franchezza da Viuva Campos Junior, rua Augusta 76 a 80, Lisboa.

## REVISTA ESTRANGEIRA

Nas noticias vindas pelo telegrapho vemos que o ministerio presidido por Gambetta pedio a demissão em consequencia da vota-

ção desfavoravel que teve na camara dos deputados. Ainda ha pouco o *Times* affirmava que a estada de Gambetta á frente dos negocios francezes se tornava necessaria para o bem estar da Europa; parece-nos que Gambetta andou mal avisado, não sacrificando o seu amor proprio ao interesse do paiz. O tempo o dirá.

A reacção não descança e para levar a fim os seus tenebrosos planos, uma sociedade clerical franceza acaba de comprar alguns jornaes italianos, onde em breve ostentará a mansidão de linguagem que já lhe conhecemos. Este facto levou os redactores do *Diritto* e da *Liberta* a pedirem a sua demissão.

Bismarck continua empregando todos os meios para atrahir o partido catholico allemão e para isso não ha transacção que lhe não pareça boa.

Rebentou a insurreição na Bosnia e na Herzegovina. Diz-se que não é estranha a este movimento a Russia e que no gabinete de Vienna existem provas d'isso. Ha de succeder isto sempre que se disponha dos povos como de rebanhos de ovelhas.

Na Russia continuam os nihilistas a sua cruzada; e o seu magnifico Czar enforcando os seus respectivos subditos, em vez de lhes conceder as reformas liberaes que elles desejam!

Muito póde a cegueira!

Em Hespanha—*el niño*—passou uma revista aos 10:000 homens e condecorou o sr. Sagasta com a grã-cruz de Isabel Catholica e... divertiu-se.

## Noticias d'Odemira

A miseria tem suas manifestações, que, como effeito, partilham das propriedades da causa, são portanto miseraveis.

Apareceu aqui como um cão hydrophobo, uma correspondencia do *Diario de Portugal*, perseguida nas ruas fugiu a esconder-se pelos matos.

Ha esperanças de não voltar, contudo façamos votos a S. Romão para que nos proteja d'uma mordedura.

D'esta vez até o typographo se amedrontaria se compozesse a transcripção, é que a doença é contagiosa.

Contente-se com esta resposta.

(CONTINUAÇÃO)

Mas as cousas tinham de mudar de feição...

Caia o ministerio progressista e com elle a sua maioria; outro o veio substituir e tinha de reunir a sua gente, faria eleições.

E, que melhor occasião para cada um tractar dos seus negocios?

Propunham-se por Odemira dois cavalheiros, haveria portanto divisões, qualquer pedido de seus partidarios seria mais facilmente attendido.

O padre viu n'este estado de cousas, a melhor solução do seu problema: se elle offerecesse os seus serviços a algum dos pretendentes? demais um d'elles (o progressista) tinha influencia no povo, e podel-o-bia libertar das testemunhas de accusação. Um inconveniente encontrava: não serem amigos.

O desejo de victoria porém d'um lado, a falta de dignidade do outro, saltaram sobre tudo, o padre humilhava-se, offerecia os seus serviços, e em paga abstinham-se os seus accusadores. Fazia-se então o depoimento das testemunhas, e todas eram de defeza ou quasi defeza; em todo o caso o processo tinha de seguir os seus tramites. O padre não cabia em si de satisfeito, nunca esperou que as cousas corresseem tão bem, e mal imaginava o que ainda succederia!...

O sr. Vigario Geral em virtude d'altas conveniencias episcopaes, deixava os seus amigos constituintes-progressistas e estava regenerador.

Este facto que parecerá talvez vir isolado, tem contudo grande importancia.

Ao padre convinha-lhe ser um manequim nas mãos do seu superior, porque d'outro modo não poderia continuar com as suas virtudes, ser procurador e prior.

Tinha de mais um exemplo recente: um prior d'uma freguezia do concelho, e todo do illustre Vigario Geral, cahira por uma insignificancia, da sua graça e ia-lhe sahindo cara a brincadeira, fal lava-se em suspensões, castigos etc.

Convinha ao nosso heroe por todos os motivos conservar boas relações com o seu superior. E que melhor occasião para dar uma prova da sua amizade, e respeito pelas suas ideias? *In mente* já era regenerador, e dentro em pouco esquecia o beneficio e manifestar-se-hia.

Tinha concebido para ultimar a questão, appellar para a Relação, e fel-o. Faltava-lhe um empenho para alli lembrar o andamento, e dar uma sentença favoravel o que não era difficil.

Tudo isto se deu entre fins de maio e agosto.

No meado de julho achava-se em Odemira o candidato regenerador. Tinha por si as primeiras influencias da terra *sub conditione* de melhoramentos para a mesma.

O padre teve ideia de trahir o seu preito de fidelidade ao candidato progressista, offerecendo-se ao regenerador, e acabar d'uma vez com toda a historia. Temia porém que este o não recebesse, cumtudo tentaria.

O candidato progressista via-se rodeado d'alguns homens com muito boa vontade de o servir, mas sem a influencia precisa para fazerem vingar a sua eleição; desistiu pois da empreza.

Ficava em campo sómente o seu antagonista.

O padre resolvera emfim offerecer-lhe os seus serviços, e sabendo depois da desistencia do que fóra seu bemfeitor, disse comsigo (ao menos não me perguntação pelos remorsos?), e logo, logo foi a casa do que no momento lhe servia.

Provavelmente em casa estudou o que havia de dizer, humilhou-se mais uma vez e bajulou, mostrando assim o que valia; homem despresivel, padre detestavel.

O candidato regenerador ambicionava agora ser elaito por unanimidade, o que lhe custaria pouco, bastava satisfazer o pedido do padre, que ainda lhe custava menos, e assim tinha certo o voto d'este e do sachrião.

Poucos dias depois partia o futuro deputado para Lisboa, e dava d'alli a noticia de que a Relação dera sentença favoravel ao padre, em virtude de não achar provas sufficientes no processo.

Como as havia de achar se lh'as tira-ram!... Até aqui o prior-opportunista. Deixem que os factos fallem....

Odemira, janeiro de 1882.

(Do nosso correspondente)

## ANNUNCIOS

### VENDA DE PROPRIEDADE

VENDE-SE uma propriedade com casa de habitação, terra de sementeira, arvores de fructo e oliveiras em Santo Antonio dos Olivares, defronte do Arraial. Tracta-se com Francisco da Silva, morador na mesma casa.

### CIRURGIÃO DENTISTA CEREGHETTI DOMINIQUE COIMBRA

POSSUE todos os aparelhos anestesicos e chloroformisadores para extrahir dentes e raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor dor.—Empasta e orifica os dentes cariados, garantindo todos os seus trabalhos. Eguala os dentes demasiadamente compridos, separa os unidos e firma os vacillantes. Limpa os dentes com toda a perfeição. Tem muitos especificos para a conservação e limpeza da bocca e cura o escorbuto radicalmente.

Tira callos sem dor alguma podendo o operado calçar o calçado mais apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca houvera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na Praça 8 de Maio—Coimbra.

N. B. Advérte, que não faz uso da chave ingleza para extrair os dentes. As suas operações são feitas perpendicularmente.



# A EVOLUÇÃO

SEMÁRIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral, o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1.º pag. 430.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realidade moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 11

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

## O CENTENARIO DE POMBAL

Convocada pela redacção da *Evolução*, reuniu no dia 1 de fevereiro a academia de Coimbra para tratar d'este importante assumpto. Já era tempo que o fizesse: a Universidade, que, como todos sabem, não costuma andar muito depressa, tinha-nos precedido e já resolvera mandar dizer a sua missa.

Presidiu á assembleia o sr. José de Ornellas e serviram de secretarios os srs. Eduardo Campos e Vicente Gomes. Depois d'alguma discussão resolveu-se convocar nova assembleia para o dia seguinte afim de que podesse tomar parte nas decisões maior numero de academicos.

No dia 2 reuniu-se de novo a academia, pela uma hora da tarde. O sr. presidente pôz á discussão se a academia devia celebrar em Coimbra o centenario de Pombal.

Tomaram a palavra varios oradores propondo um d'elles, o sr. Nobre Falcão, que se celebrasse em Coimbra um sarau litterario, e outro, o sr. Sebastião Peres, o seguinte:

- 1.º Que se officie á commissão de Lisboa, adherindo ao seu pensamento;
- 2.º Que se promova um sarau no club Academico, cujo producto se applique á fundação do Instituto que a academia de Lisboa tenciona crear;
- 3.º Que para o mesmo fim se abra uma subscrição academica;
- 4.º Que a academia de Coimbra se faça representar nas festas de Lisboa.

Levantou-se n'este ponto um incidente lastimavel, que fez prolongar a discussão. Não temos espaço nem tempo para referirmos circumstanciadamente o que se passou, e por isso limitar-nos-hemos a historiar os successos a traços largos.

O sr. padre Silvano, estudante de theologia, apresentou algumas duvidas relativas ao merito de Pombal. A assembleia não o recebeu muito bem, tornando-se por vezes tumultuosa. Inscreveram-se alguns estudantes de theologia, que ficaram com a palavra reservada para o dia seguinte.

Reunida a academia no dia 3, os estudantes inscriptos desistiram da palavra, fazendo uso d'ella os srs. Antonio Pinto de Mesquita, Lobo d'Avila e João Pinto, que oraram brilhantemente, censurando o procedimento dos academicos que tinham desistido da palavra.

Inscreveram-se então os srs. padres Silvano e Mariz, que combateram abertamente a ideia da celebração do centenario. A academia mal os escutava. Os oradores, principalmente o sr. padre Mariz, que teve finalmente de calar-se, eram interrompidos por continuos ápartes.

Não approvamos o procedimento da

academia porque entendemos que todos teem direito a que lhes respeitem as opiniões, por mais absurdas que sejam; mas devemos desculpar-a, porque era quasi impossivel ouvir a sangue frio tantos e tão grandes disparates.

Fizeram-se muitas propostas apresentando alvitres para a commemoração. É-nos impossivel citar-as todas. Recordamo-nos de que foi proposto que se pedisse ao governo para estabelecer a liberdade de ensino em todo o paiz, e para substituir a faculdade de theologia por uma faculdade de letras.

Finalmente approvou-se uma proposta do sr. Antonio Feijó que prejudicou todas as outras. Pedia esta proposta que se nomeasse uma commissão para tratar do assumpto.

A commissão ficou composta dos srs.: Antonio Henriques da Silva, Gabriel Samora Moniz, José Ornellas Cysneiros, Antonio Padua Bandarra de Seixas, Carlos Lobo d'Avila, Roque de Seixas, Antonio rinto de Mesquita, Luiz de Magalhães, João Pinto Rodrigues dos Santos, Leopoldo Mourão, Pedro Gaivão, Passos e Sousa, Antonio Feijó, Narciso d'Oliveira, Arthur Teixeira, Francisco Pinto Coelho de Moura, Alfredo Paço Vieira, dr. Antonio Centeno, Alfredo de Mendonça David, Vicente Gomes, e Sebastião Peres Rodrigues.

Approvou-se ainda uma proposta do sr. Moura para que a academia fizesse as suas festas completamente separadas e distinctas das festas do corpo docente da Universidade.

Esta proposta foi recebida com uma prolongada salva de palmas.

A assembleia deu um justissimo voto de louvor ao seu presidente pela maneira como dirigiu a discussão.

Pelo que lhe diz respeito, a *Evolução* resolveu:

- 1.º Pôr o seu prestimo disposição das commissões academicas de Lisboa e de Coimbra.
- 2.º Publicar um numero especial destinado a commemorar o centenario.
- 3.º Concorrer com 50\$000 reis para a subscrição nacional destinada á creação do Instituto de ensino livre que se deve inaugurar no dia 8 de maio.

### A Federação Academica

Se ha ideia generosa, capaz de levar o entusiasmo aos corações mais apathicos do gremio academico, essa é de certo a nobilissima ideia da *federação academica*. Como todos os grandes pensamentos, tem este levantado contra si as mais fortes contrariedades; porque é uma lei necessaria que toda a cogitação destinada a traduzir-se n'um facto de maior alcance tenha a impugnal-

o esforço dos que vêem no que é novo, no que é ainda desconhecido um perigo, embora imaginario, para o *statu quo* das cousas. Essa opposição porém, longe de constituir um mal para a ideia nascente, concorre poderosamente para a avigorar, depurando-a no cadinho do espirito de tudo que poderia desfigural-a aos olhos dos que adoram o conservantismo e temem a innovação sob qualquer das suas manifestações.

A federação academica achava-se de ha muito em embryão na mente da mocidade que vive de ideias alevantadas, que aspira a alguma cousa mais profica do que a leitura esteril, senão embrutecedora, das annosas sebtentas por onde têm passado os olhos de cincenta gerações: da mocidade que se emancipou da tutela do metaphysismo antigo e procura na realidade, que só nos pertence, as noções positivas, as unicas que podem volver-se em utilidade para os homens.

Os bellos exemplos que nos offerecem os academicos allemães e d'outras nacionalidades, a força com que intervêm no andamento dos negocios publicos, já pela representação directa, já pela opinião passiva, como na França, já emfim pela actividade energica, como na Russia e hoje na Italia, uma incontestavel influencia que tende a produzir um facto notavel—a federação academica.

De cada vez que a lei dos acontecimentos aproxima a grande maioria dos nossos academicos o pensamento que logo se accentua entre elles, procurando transformar-se n'uma realidade objectiva, é o da federação academica. O centenario de Camões, mais recentemente o centenario de Calderon e hoje o do marquez de Pombal são provas do que affirmamos. Dificuldades mal previstas; opposição dos que se arreceiam d'esta nova potencia cujos resultados, ainda que isoladamente, já se fazem sentir d'um modo sobremaneira glorioso para a classe academica: rivalidades emfim mal cabidas entre diversas escolas têm prorogado a realisação de tão grandioso projecto.

Todavia o pensamento tem já de sobejo tempo para se apresentar maduro, e fora imprudente que ora surgissem novos obstaculos que traziam como resultado fatal fazer caducar o almejado intento—quem sabe por quantos annos ainda. Se já dois acontecimentos de importancia tamanha como foram o centenario camoneano e de Calderon trouxeram a lume, sem a pôde em contudo realisar, a necessaria federação, é mister que est'outro centenario nacional, uma vez que é devido quasi exclusivamente á iniciativa dos academicos, tenha como fructo principal tornar effectiva a união moral de todos os estudantes disseminados pelo paiz.

É a academia coimbricense que mais importa esta momentosa questão, e vergonhoso seria para a Universidade conservar-se indifferente ou desdenhosa perante os esforços que a academia de Lisboa está empregando para conseguir a convocação d'um congresso academico que realise emfim a federação. É a academia de Coimbra que mais do que a nenhuma outra compete tomar parte activa n'este tentamen, para que se não diga que o antigo e generosissimo pensamento da Universidade deixou de ter effeito por um mau espirito de rivalidade, por uma tacita disputa de primazias entre escolas. Oh! não, não o cremos nós que muito prezamos a academia de Coimbra; porque sabemos que as ideias mais nobres e desam-

biciosas têm d'ahi partido; porque confiamos que os estudantes da Universidade não reneguem o seu querido pensamento da federação, quando a classe a que pertencem mais precisa de fazer convergir para um determinado ponto os esforços que empregados separadamente nenhum effeito têm surtido, mas que bem dirigidos e multiplicados, de accordo com o proloquio inglez—*union makes strength*, hão de trazer as reformas cuja necessidade mais se faz sentir.

N'este momento em que a instrucção secundaria se acha pesadamente tributada, o ensino primario se faz por uma forma incompleta e vergonhosa, e a propria Universidade se lamenta do seu velho regimen dogmatico, metaphysico, importa confraternisarem e obrarem de commum accordo todos os que têm o nome de academicos; importa mostrar que a academia portugueza é digna dos respetos do paiz, porque comprehende que a sua missão civilisadora começa logo nos bancos escolares, procurando o desenvolvimento intellectual dos seus concidadãos, promovendo a remoção de todas as peias que entravam o alargamento do ensino, sem para isso esperar que se haja despido a batina academica, porque os estudantes devem com a sua opinião consalicamente no espirito dos homens que dirigem os negocios publicos.

A academia de Lisboa compenotrou-se bem da elevada missão da classe, quando pela commissão do centenario de Pombal formulou o desejo de que o dia 8 de maio seja para os estudantes portuguezes duplamente festivo—pela commemoração do centenario do grande reformador e pela inauguração da federação. A academia coimbricense ha de certo responder com entusiasmo ao apello que lhe vae ser feito pela academia de Lisboa para a celebração do congresso academico. O fervor com que em Madrid foi acolhida a ideia da federação peninsular não pôde ter-se exaurido d'uma vez; se sobrevieram attritos que impediram se effectuassem os compromissos tomados na capital de Hespanha, agora nenhumas considerações politicas nem d'outro genero nos inibem de levar á practica o projecto mais sympathico a todos os membros da classe academica.

Que á grata recordação do centenario do marquez de Pombal fique para sempre alliada est'outra não menos grata—a da federação dos estudantes portuguezes.

Lisboa, fevereiro de 1882.

PAULA NOGUEIRA.

### CAMARA OPTICA

Tantos são os lados sobre que poderia fixar o meu instrumento d'observação, que realmente não sei bem por onde começar. Principiarei pelo mais sympathico, que não pôde deixar de ser o brioso procedimento da *Evolução* para com a commissão academica do centenario de Pombal.

Ao passo que uma parte da imprensa seria, guarda um silencio systematico perante o movimento dos estudantes, e continua a preocupar-se diariamente com os dentes do sr. Fontes e com os annos do higg-life, é bonito e consolador ver a maneira cavalheiresca como a *Evolução* desempenha a verdadeira missão da imprensa, secundando tão brilhantemente a generosa iniciativa da academia. Comparando as resoluções da *Evolução*, d'essa cidade, na parte que se refere ao



centenario, com asdecisões do *claustró pleno*, o contraste é frisantissimo, separa-o uma tão grande distancia como a que vae do canto roufeno das missas religiosas até ás enthusiasmo arrebatador das modernas manifestações civicas. Valha-nos isso ao menos para accentuar ainda mais a profunda dissidencia que existe entre o elemento official, que arasta pesadamente uma existencia miseravel jungido a uma rotina bestialisadora, e o fervor verdadeiramente animador com que o publico illustrado, especialmente a geração nova vae protestando contra o dominio intolerante d'aquella tyrannia, desbastando e abrindo no meio d'esta sociedade um caminho novo, que ha de conduzir-nos fatalmente a um estado mais perfeito.

Bravo!! avante collegas...

Permitta-se esta expansão d'um espectador entusiasta. De boa vontade colloco o meu binoculo entre os joelhos para vos dar palmas. Bravo!

As brisas do norte trouxeram-nos esta semana uns echos de batalha, que foram estrugir no parlamento, traduzindo-se em discursos estirados, em phrases vehementes, em gestos descompostos e attitudes de pugilato, dignas manifestações do periodo agudo da rhetorica nacional.

Ninguem pensa já no tratado de Lourenço Marques nem na carta de S. Magestade.

Estão agora na ordem de todos os dias os acontecimentos do Porto.

O tratado do commercio com a França tambem já permite aos industriaes dormirem socegados sobre as promessas esperançosas do sr. Serpa. Tudo o mais foi posto de parte para se discutir uma coisa que com uma simples leitura da lei eleitoral ficava resolvida.

Realmente nós não comprehendemos como se gastam sessões inteiras, com um assumpto d'esta ordem. Ou a lei foi violada ou não foi. Se houve abuso da auctoridade, castiguem-se os culpados, de-se uma satisfação aos offendidos, que n'esse caso são o Porto, e o paiz inteiro, e a consciencia nacional, tanto tempo perdido a repisar o mesmo assumpto?

Esta questão assim tratada só tem demonstrado que no nosso paiz os homens publicos não entendem as leis, ou antes que as interpretam diversamente conforme estão no poder ou na opposição. Eis em que se emprega o nosso parlamento, em discutir de novo uma lei que já foi approvada. Acabem com isso, senhores, e passemos a outro assumpto, que não lhes falta em que se occupem.

Para fechar esta com chave de ouro, vou dizer-te, leitor, qual é a generalidade do programma do centenario de Pombal que a academia de Lisboa pretende celebrar.

A ideia fundamental é a fundação de uma escola de ensino livre por subscrição nacional, dependendo a latitude da sua acção educadora dos meios de que dispozer a commissão. Insiste-se tambem no programma na apresentação de um manifesto ao paiz, reclamando dos governos a expulsão dos jesuítas.

Realisar um congresso academico onde se discutam as bases da futura federação dos estudantes portuguezes, traduzindo este pensamento, que ahí nasceu nas festas de Camões, a necessidade que tem a academia de se constituir definitivamente n'uma entidade distincta, independente, e abrindo assim um vasto campo ás nossas iniciativas, que são sempre elevadas, mas a que até hoje só tem faltado o prestigio da união. Haverá tambem um cortejo civico, trasladação dos ossos do marquez do jazigo de familia para os Jeronymos, abertura d'uma exposição dos trabalhos de pintura e desenho dos alumnos de todas as escolas publicas e particulares do paiz, sarais, recitas, etc. etc.

Ora ahí tens o que elles querem fazer. Agora diz-me se isto tudo não merecia da maior parte da imprensa ao menos uma noticia; mas estamos certos que merece a tua adhesão e que terá tambem o apoio do paiz...

BINOCULO.

## CAMBIANTES

### TENTAÇÃO

Era muito galante a Paulinita. Tinha dez annos. Via-se passar todas as manhãs para o collegio, com o seu cazaco claro sobre o vestido preto, os cabellos caídos, louros, anelados, sob um chapelinho de veludo com tiras de setim.

Ao lado ia a creada, uma rapariga alta, vermelha, toda saúde e vida, embrulhada n'um chale cinzento de barras pretas, cujas franjas, na frente, caíam sobre um grande avental branco.

Paulina era delgada, viva; tinha uma physionomia insinuante, meiga, onde sobressaíam dois bellos olhos azues, doces como veludo, espreitando por entre as compridas pestanas. Quando lhe fallavam, corava muito, e parecia que se lhe humedeciam os olhos; pintava-se-lhe então toda a innocencia no rosto.

Era adoravel assim!

Quando a via passar com as pequeninas mãos no seu regalo branco, e lhe dirigia alguma palavra que lhe despertava o rubor, sentia desejos de a beijar na face immaculada, onde se mostrava aquella alma branca e impolluta.

Seguia-a muito tempo a admirar a gentilisa do seu corpo de creança.

Eu adoro as creanças! Aquella fronte serena, aquelle limpido olhar, onde não transparece ainda um leve vestigio das mil paixões humanas, encanta-me. Sinto-me attrahir pelas suas almas candidas ainda a desabrochar, como uma pequenina flor de suavissimo perfume; almas transparentes como um formoso lago dormente, tranquillo, que nem a brisa agita. Quando as vejo no seu pequeno e casto leito branco, dormindo mansamente com os labios descerrados n'um sorriso, sinto atravessar-me o espirito uma saudade vaga e indefinida. As suas conversas francas, sem um unico pensamento reservado, delicia-me.

Por isso eu olhava sempre Paulina com uma viva sympathia, e nunca deixava de vir muito seria, como uma pequenina senhora, subindo-lhe ás faces um rubor intenso.

Um dia a minha ousadia foi mais longe—pedi-lhe um beijo. A creada olhou-me com espanto por sobre o chale cinzento, e a Paulinita toda afogueada apressou o passo.

Nesse dia nem ficou por muito tempo, como costumava, a admirar uma grande boneca n'uma vitrine ao fundo da rua. Aquella boneca, possuir aquella boneca, eis o pensamento fixo, o unico que occupava a sua mente de creança. E todos os dias, enquanto a creada escutava os protestos d'um policia de grandes bigodes torcidos, Paulina, encostada á vitrine, fazia os calculos da toilette e do berço que arranjará para aquella menina, se a possuisse.

Mas os meus pedidos repetiram-se tantas vezes, que a creança acostumou-se, e já parava novamente na sua contemplação.

Um dia approximei-me.

—Gosta d'essa boneca? perguntei.

—Gosto, respondeu muito corada.

Era a primeira vez que me fallava.

—E se lh'a desse, tornei eu, dava-me um beijo em paga?

Paulina envolveu-me com um olhar dos seus grandes olhos azues e fugio.

Sucedeu-mas algumas vezes assim.

Um dia ao passar para o collegio, encostou-se á vitrine, mas de repente o seu formoso rosto encheu-se de tristeza.

A boneca não estava lá.

Olhou silenciosamente para a creada, como se quizesse mostrar-lhe o seu pezar, e seguiu para deante com um suspiro.

São assim as tristezas das creanças!

Na manhã seguinte, quando a Paulinita passava por mim, desembrulhei um jornal e mostrei-lhe a boneca.

—Ah! exclamou ella; e a fronte toda afogueada illuminou-se-lhe com um sorriso.

—Então dá-me o beijo pela boneca?

Não me respondeu; continuou a andar, mas voltou-se muitas vezes para traz.

No dia immediato mostrei-lh'a outra vez.

—Então dá-me o beijo?

Paulina olhou para mim muito corada, e voltando-se para a creada com um sorriso encantador:

—Tu não dizes nada?

—Nada, menina.

Então a creança pegou-me na mão, e, levando-me ao vão d'uma porta, apresentou-me a face aveludada onde imprimi um beijo.

Depois pegou na boneca e fugio radiante de contentamento.

Quando agora a vejo, admiro a belleza da mulher, mas tenho saudades da graça da Paulinita.

COIMBRA

FERNANDO COUSIN.

Vivia-se bem, ainda ha pouco, n'uma serena existencia de tranquillidade.

A lei da divisão do trabalho actuando n'esta sociedade docil dava os resultados mais satisfactorios, os fructos mais saborosos.

Cada cathogoria, dentro da sua esphera, ia cooperando no concerto consolador d'uma enorme paz, a paz de quem se sente com a consciencia regañada e a bolsa rica.

Era magnifico! Quanta harmonia se não continha n'este agoismo de cada classe, na delimitação precisa, sem invasão sensível, de cada uma das funcções!

O agricultor tratava das vinhas e pensava no phylloxera, cuidava das terras e dos gados, e importava-lhe pouco o que fazia a arte, a sciencia ou a politica.

O industrial e o commerciante iam realisando as suas transacções, felizes com a tranquillidade que lh'as fecundava.

O jornalismo realisava verdadeiros *tours de force* para encher as suas columnas de alguma coisa que satisfizesse as exigencias dos leitores. (Quantas vezes o coaseguio, illustre leitor?)

As acallemias tambem como sempre; arastando aquella vida que todos lhe conhecem.

O parlamento, a fina flor das individualidades eminentes de todo o paiz, o que o cadinho infallivel da eleição pôde apurar de mais sabio e digno, o que ha de mais augusto n'este canto occidental, o parlamento ia produzindo rhetorica.

Soberbo! Que outra coisa se ha de fazer n'este bello regimen constitucional?

Ainda assim era a obra mais innocente d'estes senhores. Sempre é melhor do que approvar eleições como a de Angoche.

E as cousas não iam mal assim n'esta tranquillidade de quem trata do que lhe pertence e não se mette na vida alheia.

De repente porém uma nota discordante vem quebrar esta santa harmonia.

Foi o tratado, o maligno tratado de commercio.

Em seguida os acontecimentos do Porto, e por ultimo o pugilato no parlamento.

Dir-se-ia que um espirito mau abria entre nós a fatidica boceta da discordia.

Aquella divisão de funcções, inalteravel, quebrou-se.

O operario deixa a officina e corre ao *meeting*, o negociante ameaça fechar a loja, o patrão a fabrica, o parlamento abandona a rhetorica e começa a usar de outra especie de argumentos com certeza mais poderosa o—sóco.

E a academia envolve-se nas agitações do Porto, dá vivas ao partido progressista e faz ovações aos mestres.

De todos estes acontecimentos o que nos dá margem a considerações mais lisongeiras é, não podemos negal-o, o pugilato no parlamento.

Temos em alta consideração o movimento contra o tratado. É certo que elle contraria o desenvolvimento das nossas industrias e revela no contratador qualidades que nada o honram. É certo que as reclamações dos industriaes e commerciantes são perfeitamente justas e dignas. Apoiamos sinceramente o seu resentimento contra a burla do inquerito, mas toda esta questão não vem revellar-nos nada de novo nem a respeito dos governos nem dos industriaes. Por um lado conhecemos de sobre o patriotismo e capacidade de quem nos dirige e por outro sabemos que todos os tratados tem produzido mais ou menos agitações da parte dos grupos menos favorecidos.

Quanto aos acontecimentos do Porto, sabemos tambem que os portuenses são bem

capazes de repellar com energia as prepotencias dos governos. Terão muito que repellar porque no plano inclinado em que se acha, o governo representativo precisará repetidas vezes de lançar mão de expedientes d'essa ordem.

Ora a nota caracteristica da semana é, quanto a nós, o pugilato.

Bravo, srs. deputados, gosto de os ver assim com um pouco menos de rhetorica e um pouco mais de dignidade.

Cincoenta annos de rhetorica tem já causado e enjoado toda a gente.

As vossas retumbantes apostrophes, os vossos tropos exquisites, as vossas arengas rendilhadas iam produzindo na nação um effeito simplesmente soporifero.

De tempos em tempos apparecia algum artista de mais nomeada que conseguia prender um pouco as attentões; no debate alcançava enchente, mas pouco a pouco o publico rareava.

Tornava-se necessaria, urgente, uma nova ordem de espectaculos, para brilho da instrucção e proveito do empresario. Era realmente difficil, attento o descrédito da companhia, que não era capaz de alterar o estado repertorio de ha 50 annos.

O problema resolveu-se e parece-nos que d'aqui por diante as enchentes se contarão pelos dias no circulo de S. Bento.

Salve gloriosos atletas do parlamento! As instituições estão salvas e prestes para os mais rijos embates.

Uma nova era acaba de abrir-se na politica portugueza. Para que serve a sciencia e que prestimo pôde ter a palavra? De hoje por diante o que se quer é musculo. A educação nacional deve dirigir-se exclusivamente á perfeição muscular. Viva a gymnastica, viva o mudo de Alcantara!

## As nossas Colonias

É na realidade de extranhar o procedimento dos nossos governos no que respeita ás nossas colonias em presença da admiravel insistencia dos inglezes em quererem absor-

Era hontem o tractado de Lourenço Marques, que n'aquella nossa possessão e em toda a Africa Oriental apenas nos deixava uma dominação nominal o qual para gloria dos nossos governos será approvado!

Temos na costa occidental vastissimas possessões; temos no territorio ainda não avassalado uma via fluvial de commercio, a mais importante n'aquellas paragens, o Rio Zaire; e os nossos governos sempre têm olhado com indifferença para uma região tão valiosa, ou por desleixo ou com receio da nossa *fiel aliada* que, a nosso ver, tem sido o unico obstaculo á occupação portugueza das duas margens d'aquelle importante rio.

É não querer ver. Logo que o Zaire seja occupado por qualquer outra nação que não sejamos nós, o importantissimo commercio de marfim e borraça que ainda hoje vae ao Ambriz, Quicembo, Ambrisete e Mucula mangue etc. isto é aos pontos comprehendidos entre o Loge e a margem esquerda do rio Zaire, excepto o Ambriz, cujo commercio de borraça e marfim ainda lhe vem pelos nossos caminhos, deixará d'alli apparecer, como já vae succedendo, e a razão é obvia; os negros que conduzem aquelles productos ao litoral tem de fazer viagens longas, atravessando territorios sujeitos a diversos regulos a quem tem de pagar tributos, quer na ida quer na volta, enquanto que descendo pelo rio trazem os seus productos mais commodamente em canoas, e não estão sujeitos ás extorsões dos regulos e ás vezes ao roubo da totalidade das suas mercadorias.

Quando Stanley chegou a Bôma, na margem direita do rio Zaire, ainda alli se não comprava um kilo de borraça; hem pouco depois, ou porque os negros comprehenderam que lhes era mais conveniente trazer os seus productos aos estabelecimentos do Zaire, ou em virtude de sugestões d'aquelle homem benemerito da humanidade, o commercio da borraça desenvolveu-se por tal forma que hoje contam-se aos milhares as toneladas d'aquelle producto, que annualmente sahem pela foz do rio Zaire; e devemos notar que a qualidade de borraça que alli se compra, é a melhor e a que melhor preço obtem nos mercados europeus.



Hoje os estabelecimentos, a que acima nos referimos, já se resentem da concorrência do mercado das feitorias do Zaire e isto que se dá em relação á borracha, succederá em breve com o marfim.

Os negros das duas margens do Zaire têm a superstição de que o individuo que traz ao mercado um dente de elephante, conduz dentro d'elle a alma, ou *muçuo*, na linguagem do Congo, de alguém que elle como feiteiro matou.

Em virtude de tão arreigada e detestavel superstição, se alguma vez pretende vender algum dente de marfim, é preciso que o negro o traga muito escondido e faça a sua transacção sem que outros pretos o saibam, porque se nas povoações, por onde têm de passar ou d'onde veio, chegam a descobrir que elle leva marfim, aprehendem-l'ho, e faze-no pagar uma grande multa a que elles chamam *moçano*.

É esta uma das razões porque o marfim escasseia no mercado do Zaire; porém com as missões inglezas que para alli têm ido e ultimamente com a missão de Stanley as superstições, como a que mencionámos, desaparecerão e o Zaire ha de ser o primeiro mercado da Africa occidental; o Ambriz ficará limitado ao commercio do café e da ginguba, e assim os outros estabelecimentos ao norte d'este ponto até á Ponta do Padrão.

Uma vez que fallamos em Ponta do Padrão será bom mencionar um facto que bem caracteriza o interesse, que a nossa *boa aliada* tem por nós. Quando Diogo Cam descobriu a foz do Zaire, collocou na margem esquerda na ponta extrema sul um padrão de pedra, como era costume dos nossos primeiros navegantes, o qual attestasse aos vindouros que nós tínhamos descoberto aquella região, e tínhamos sido os primeiros europeus que por alli tinham passado. Com o andar dos tempos o padrão foi destruído, e o Marquez de Sá da Bandeira que sempre procurou tornar bem patente o que fizemos e o que valem, mandou alli collocar novo padrão; pois bem querem saber o que fizeram os inglezes? Ponco depois de retirar o navio de guerra portuguez que tinha conduzido e collocado a pedra que devia continuar a servir de prova dos nossos direitos áquella região, foram para alli fazer exercio de artilheria, servindo-lhe de alvo o padrão que hoje lá jaz em ruínas, ou de que talvez agora nem essas existam.

E os nossos governos abandonam o Zaire e não procuram occupar uma possessão *nossa* e de tanta importancia?!

Continuaremos.

A *Evolução* vem hoje pedir licença, para apresentar nas suas columnas o nome do maior benemerito, do caracter mais altruista e mais abertamente grandioso e nobre que a um misero mortal é dado conhecer.

Honrando-nos em citar o heroe—astro luminoso, de que nos confessamos humilimo sabeista—temos orgulho de prestar homenagem ao vulto mais singular e phenomenalmente extraordinario não só da peninsula mas da Europa inteira.

Se ainda não advinhestes o nome de quem me inspira. O povos que me escutaes,—atenção, que eu vol-o digo. É....., não se perca uma syllaba, é... Joaquim...—*Bertholdinho*? não, mais ainda: Antonio Gonsalves.

Quem conseguiu ser mais depressa conhecido? quem, como elle, soube aliar á velha theoria d'uma fita sobre um feltro a theoria moderna e genial do imposto sobre o voto?

Porque lançar o imposto sobre o feltro e o voto n'uma fita—de papel, é verdade—já alguns utopistas tinham imaginado, tomados d'exaltação febril em momentos anormaes d'um arrojo delirante.

Mas, ah! pensadores incompreendidos, só viram scepticos sorrisos, não ouvindo mais do que agudos epigrammas. Ao Joaquim do voto—assim é conhecido nas lides hollernas—estava destinada a gloria impericivel de bem estabelecer e sabiamente resolver o intrincado problema. Fallou Joaquim Antonio e, sulcando de rugas graciosas o seu lido rosto chinez, elle serenou as multidões inquietas e dizendo:

A fita sobre o feltro. o imposto sobre o voto.

Como é sympathico! Modesto, por natureza, de recursos extraordinarios, não quiz matar pelo confronto as notabilidades que

encontrou. Elle podia mostrar-se intelligente, espirituoso e fino. Não quiz.

Salvé! Joaquim Cezar Gonsalves! sobre uma chapelleira trinta formas te contemplam. És grande! serás immortal! Tu, que assentaste a mão na força de tuas obras, soubeste assentar as convicções no pello do teu engenho... Ó ineffavel Joaquim, já nos deslumbra a gloria que irradias. Queriamos dizer o contrario; queriamos fallar no pello dos teus chepeus e nas tuas forças d'engenho. *Errare humanum est*. Se tens a curiosidade de saber a significação dos signaes mysteriosos: *Errare humanum est*, deita sobre nós o chapéu largo do perdão e dar-te-emos a chave d'aquella cifra. Mas guarda segredo.

Agora, um pedido. Hão de dizer-te alguns collegas teus: Um deputado, se representa, em especial, o seu circulo, é para os interesses geraes, representante de todo o paiz. Isto é verdade, fica sabendo, que podes alguma vez, precisar. És portanto meu representante e eu lembro-te a seguinte proposta para tu apresentares:

Propoñho que seja exceptuado no pagamento do voto o eleitor que desconhecer a importancia d'este direito.

Approvada como é de esperar, livra-te de pagares 35000 reis que pechincha, seu Joaquim!—em cada eleição. E, se chegares a ser o unico eleitor nas condições de ficar dispensado, dou-te já meus parabens, pela massada, a que te poupam, de visitar S. Bento.

BABINET.

## NOTICIARIO

Onde está a estação civilisadora do Zaire? Isto faz-nos lembrar esses papeluchos que por ali se vendiam trazendo enigmas, como este:—onde está o gato?

A sociedade de Geographia de Lisboa despertada pelo exemplo que nos deu a Belgica e animada pela boa vontade e espirito patriótico que a caracteriza, conseguiu (?) do governo a promessa do estabelecimento de missões civilisadoras no Zaire no Bihé e Nyassa. A primeira parecia assumpto decidido e sobre o qual não havia duvida alguma; já havia chefe para a estação; o pessoal estava contractado, os estabelecimentos comprados e já para armar ao effeito se tinha posto em espectáculo no nosso bello arsenal da marinha, a casa em que devia residir o chefe da estação; mas quando todos nós pensavamos que a estação civilisadora no Zaire era ponto assente, o sr. Queriol, nomeado chefe d'aquella estação, pede a sua demissão, motivada pelas desconsideações d'um ministro, que, ao que parece, é leigo no que respeita a assumptos colonias, e as nossas estações civilisadoras ficarão em embrião (?) e o *Vilhena* irá para a estação naval d'Angola ter o destino dos nossos navios de guerra que estacionam n'aquellas paragens... ficar em breve a servir alli de pontão de registo, como succedeu com a celebre D. Henrique e outros navios na nossa armada!

O sr. Mello Gouvêa bem merece da patria e se s. ex.<sup>a</sup> não tivesse outro jus á sua consideração, bastava o ter s. ex.<sup>a</sup> conseguido que a unica estação civilisadora que havia probabilidades de levar a effeito, no ponto mais importante nas nossas colonias, ficasse em projecto, para nós pedirmos para s. ex.<sup>a</sup> uma commenda qualquer... a de Isabel a Catholica por exemplo.

Pessoa que nos merece toda a confiança, comunica de Santarem á *Evolução* a existencia d'um duello a *socco e murro classicos*.

Não se pareceu com os duellos dos srs. Navarro e Vaz-Preto, Marianno e Thomaz Ribeiro, nem ainda com um outro onde se apresentou o sr. visconde d'Altas-Moras.

Travaram-se os antagonistas de razões que não convenciam a qualquer d'elles e terminaram com argumentos decisivos, pesados convicentes a valer.

Esmurraram-se.

—Têm os ociosos pábulo para trez dias, tempo que uma novidade dura. Esquece-se em seguida até vir novo escandalo que entretenha os *parceiros*.

As causas da lucta foram questões relativas á arrematação da carne.

—Nós sentimos estes factos, porque—elles envolvem sempre uma apreciação desfavoravel.

Matricularam-se no concelho da Gollegã em instrucção primaria o anno lectivo de 1880 a 1881—70 varões e 68 meninas. Nem do sexo masculino nem do feminino se apurou um só alumno.

—É facil de ver quanto a instrucção anda descurada n'este concelho, que representa uma das localidades mais abastadas e mais trabalhadoras da Borda d'Agoa. É realmente pena que se deixe chegar a tão desastrado atraso o que deveras importa á mocidade actual.

—A quem competir, ousamos pedir providencias energicas, acertadas e urgentes. Veja o sub-inspector de instrucção primaria da respectiva circumscripção o que lhe incumbe fazer e não demore os seus serviços n'este sentido. Estamos certos que não teremos de reprehender ninguem e antes nos apraz elogiar quem digno credor se torna dos nossos louvores. Diga-se ainda que sabemos castigar, quando for necessario.

O official que commanda o *Julio de Vilhena* que irá acabar no porto de Loanda chega a Lisboa a tempo de poder ainda assistir ás melhores recitas em S. Carlos, e passará os mezes de fevereiro e março em Portugal onde o tempo não é n'estes mezes tão aspero como em Londres! Sempre é bom ter padrinhos, como o sr. Mello de Gouvêa. Que importa o paiz se ha a satisfazer os desejos d'um afilhado? Assim, assim!

*Zé Porinho ou a victima do regimen parlamentar*.—É o titulo de um folheto de 71 paginas, em que o seu auctor—um veterano da liberdade—apresenta desafogadamente as suas idéas politicas.

Transparece, em todas as paginas, tão sincera e viva convicção que mal permite notarmos que uma ou outra ideia é impraticavel, que ha periodos em contradicção. O pouco espaço, de que dispomos, obsta a prestarmos a homenagem d'uma longa critica, o que a obra aliás merecia pela sanidade de intenções que á sua feitura presidiu. O auctor julgára possivel, dentro da monarchia representativa, todos os progressos, se esta não sofismasse o desempenho da sua missão; reconhecendo porém, que outra coisa não acontece, faz profissão de fé republicana nas palavras que seguem: «*Que caia (a monarchia) para nunca mais se levantar, porque já está plenamente demonstrada a sua incapacidade governativa, e com ella o povo continuaria a ser mais escravo ainda do que no regimen do governo absoluto.*» O partido republicano não tem senão que felicitar-se com adhesões convictas como esta.

Permittindo-nos o direito de differir das ideias do opusculo n'um ou n'outro ponto, reconhecemos que elle encerra enorme copia de verdades, cuja vulgarisação nunca é excessiva.

Agradecemos novamente a offerta do exemplar, que devemos á amabilidade do auctor.

Recebemos o 4.<sup>o</sup> fasciculo d'uma publicação d'uma evidente utilidade pratica. Queremos referir-nos ao *Conselheiro do povo—Manual pratico dos cidadãos portuguezes*—para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos tribunaes e repartições publicas, segundo as leis do reino.

Seria ocioso encarecer o merito da obra que se propõe tão importante serviço. A obra será distribuida em 10 fasciculos: 1.<sup>o</sup> tribunaes civis, 2.<sup>o</sup> tribunaes criminaes, 3.<sup>o</sup> tribunaes administrativos, 4.<sup>o</sup> tribunaes commerciaes, 5.<sup>o</sup> repartições ecclesiasticas, 6.<sup>o</sup> contribuições, 7.<sup>o</sup> recrutamento, 8.<sup>o</sup> guia dos candidatos a empregos publicos, 9.<sup>o</sup> direitos civis e policos, 10.<sup>o</sup> contratos, procurações e testamentos.

Ao seu editor, o sr. João José Baptista, nossos agradecimentos.

A commissão dos estudantes de Lisboa prosegue incansavel os seus trabalhos tendentes a commemorar dignamente o centenario do nosso eminente estadista—marquez

de Pombal. Na sua sessão de 27 de janeiro, decidiu ella: 1.<sup>o</sup> Que se realize na noite de 8 de maio, dia do centenario da morte do marquez, um grande sarau litterario-musical cujo producto será destinado ao instituto que pretende fundar em sua memoria; 2.<sup>o</sup> Que haja cortejo civico.

Tomou outra resolução que, embora não esteja intimamente ligada ao fim principal, servirá contudo para abrilhantar a festa; é ella: 3.<sup>o</sup> Que um passio fluvial em honra dos estudantes que forem assistir ao congresso academico que por essa occasião se ha de realisar com fim de firmar a confederação dos estudantes portuguezes, ideia que nasceu por occasião da celebração do centenario de Camões em Coimbra. Deve já ter reunido a grande commissão para continuar os seus trabalhos.

Que os nossos amigos e collegas de Lisboa recebam as mais cordeas e entusiasticas felicitações pela sua extraordinaria e intelligente actividade.

Publicámos na *Evolução* de 29 de janeiro ultimo o mappa estatistico de instrucção primaria official em Abrantes, relativo ao anno lectivo de 1880 a 1881; dissemos ser esta villa notavel uma das localidades que mais tem cuidado da instrucção.

Deprehendemos, porém, de uma noticia da *Porta-Ferreira* que Abrantes não merecia ser elogiada sob este ponto de vista.

Quem redigiu a local da *Evolução* tinha diante de si, sobre a sua mesa d'estudo, um mappa estatistico, official, das escolas d'instrucção primaria, pertencentes ao districto de Santarem e pelo qual se regulou.

Confrontando os resultados obtidos nos diversos concelhos que constituem o districto, reconheceu-se que Abrantes se avanta-java e distinguia.

O que é certo e seguro é que os dados officiaes garantem a veracidade das nossas indicações.

Não nos importa, ou antes e melhor, não cuidamos de indagar os meios de prova que presidiram á confecção da estatistica official.

Agradecemos á *Democracia portugueza* as transcripções que fez do penultimo numero do nosso jornal.

Prevenimos os nossos estimaveis correligionarios da *Folha Nova* de que não temos ha dias a honra da sua visita.

Diz a *Folha do Povo*:

«Ha dias o sr. Oliveira Ramos escreveu na *Folha Nova* o necrologio da *Evolução*...»

Agora o sr. *Accademicus*... vem dizer-nos no *Diario da Manhã* que se acha só gravemente doente, e, como eximio medico que é, diagnosticou a enfermidade de anemia. Santo Deus, que terrivel molestia! Então, se algum santo lhe não acode, *vae para as malhas*, na sua opinião! Pois olhe, aqui estou eu que, não acreditando nada no poder dos santos cá para estas coisas, estou plenamente convencido de que a sua anemia doente ainda não vae d'esta. Algum milagroso santo pedirá por ella. São modos de pensar, e por isso não se zangue se a vir continuar robusta e sã.

Sempre estas invejinhãs de soalheiro para descoroçoar as melhores vontades! Mas perdem o tempo.

Agradecemos estas palavras que nos dispensam de fazer qualquer rectificação.

## Noticias d'Odemira

Em nome da verdade.

Não quizemos deixar passar sem um correctivo, o menos veridico facto, de que o prior em questão, tinha respondido em 1872 a uma policia correccional.

Pezavam sobre elle as accusações expostas no n.<sup>o</sup> 7 da *Evolução*, mas um caso imprevisto o libertou d'aquelle incommodo.

Foi elle o ter-se dado como suspeito o juiz e seus substitutos!

Na comarca mais proxima onde tinha de responder, em vista do succedido, aconteceu uma outra imprevisão, e assim ficou livre.

O nosso estimavel correspondente confun-



diu este facto com outro. Queria de certo referir-se ao prior-pharmaceutico (1), outro aspecto sob que se apresentou tambem.

Metteu-se um dia com drogas e deu em droga, pois que em maio de 1874 respondia a uma audiencia por ter vendido um producto prohibido. Foi porém absolvido.

Deu-se aqui um acontecimento que me impressionou desagradavelmente.

O sr. Augusto Neves dos Santos, logista, tinha á venda uma pequena porção de arroz, que lhe sobejara de dezembro, e que em tempo competente dera ao manifesto; este anno já, o fiscal do real d'agua tomou conhecimento do facto, julgo que até participado pelo proprio interessado.

O fiscal aconselhou-o então a que vendesse o arroz por todo o mez de janeiro, que não lhe adviria responsabilidade alguma.

Agora, caso inaudito, o genero é apprehendido e o dono multado! A occasião foi azada porque o manifesto, como inutil, rasgára-se.

Aconselhamos o sr. Neves a proceder contra quem não sabe ou não pôde cumprir com as funções do seu cargo, caso tenha testemunhas.

Se os poderes competentes tomassem em conta estes desvarios de auctoridade, para os castigar, era um grande bem para os povos, onde representam a justiça e moralidade.

Temos por cá uns policiaes a fazer não sei o que.

É Odemira uma terra tão pacifica a ponto de os aturar; verdade é, que temos aturado o tal celebre prior e ha muito tempo.

N'outras eras, em que não havia candieiros de iluminação publica e menos ordem do que hoje, vivemos bem sem estes beleguins.

Não posso harmonisar a civilização e liberdade d'um povo, com estes espiadores do seu semelhante.

A sua ignorancia e pouca educação, fal-os julgar superiores, e nas terras pequenas, onde se distinguem pelas fardas e são objecto de admiração do Zé, incham-se de importancia e eil-os a serem o incentivo de desordem.

O povo, que se aquietaria com uma admoestação de pessoa conhecida, reage á intimidade d'um beleguim, que não viu mais gordo, cuja auctoridade desconhece e portanto o surprehe.

O ex.<sup>mo</sup> administrador d'este concelho poder-nos-ia libertar d'estes homens, que nos provocam com a sua presença, e aqui o mais que fazem é ganhar o seu soldo sem trabalho e prender ás vezes por entretenimento.

Ao enviar-lhe esta correspondencia, preoccupa-me a falta de espaço no seu semanario; desejava tractar d'um assumpto que me merece importancia.

Direi pouco sobre elle e se um dia poder fallaremos.

Em conversa, ouvi fallar da possibilidade de formação d'um centro republicano em Odemira.

Julguei que não passaria d'uma conversa a proposito, vejo porem que se alimentou esperanças de o realizar.

Se ao menos permittirem a minha opinião, que não aspira a impôr-se, dir-lhe-hei que é muito melhor no estado actual, organizar uma escola primaria onde se ensine a ler o povo analfabeto, e assim ter-se-ha dado um passo mais avançado no caminho da civilização e practicado um acto mais concernente ao fim a que nos dirigimos.

O padre que se submetteu ás leis da Reglegião de Christo, sem as comprehender; que é um ministro d'essa Reglegião sem a servir; que é um escriba sem o poder; este padre a quem a opinião publica stigmatizou por vezes com epithetos apropriados aos actos que praticava, deu ha poucos dias uma prova eloquente de seguir o exemplo do Divino Mestre, mas em contrario. Aquelle recebia insultos, este insulta.

Mas, o que se espera de espiritos fracos, d'almas pequenas? Podem elles dar o que não tem?

A falta de delicadeza, a appareição de qualidades que rebaixam o homem, encontram-se em todos os actos com que este padre faz lembrar a sua existencia.

Para um secular era muito, para um sacerdote não ha classificação!

Continue, pois, padre, o premio espere-o... um dia chegará.

Lembre-se que os máos, se se furtam á punição das leis dos homens, ainda outras sobre si imperam, e crueldade até, no leito da dôr, na despedida da vida, é que são implacaveis para quem tão mal soube comprehender a sua missão na terra. Avante, pois.

Não nos occupemos mais com o modo de manifestação d'um padre que segue a *pragmatica*.

Segue-se tractar agora d'um assumpto que vem bem exposto no n.º 122 da *Liberdade* de 4 de novembro de 1880, e que transcreveremos com a devida venia, ou resumiremos n'uma noticia mais fundamentada.

Odemira, fevereiro de 1882.

(Do nosso correspondente)

### Ribeira de Santarem

Amigo.

Veio produzir uma grande sensação n'esta terrinha, (berço dos *Lés Gallegos* e outros typos mais ou menos reinadios e *areentos*) a minha ultima correspondencia.

Todos pretendem ter advinhado quem é o sujeito que se acha envolto no pseudonymo de *Barracana*. Uns dizem — vi-o, falei-lhe, apalpei-o, é muito meu amigo, esteve aqui ha bocado a deitar o monoculo para a *Raposa* e foi mesmo agora ali para Traz do Tejo com a tia Narcisa que anda á procura d'uns frangãos etc.

Outros dizem: eu é que sei quem é o typo, é alto, tem o cabelo preto, bigode pequeno, nariz comprido, usa calças de bocca de sino e chapéu á Marialva sempre deitado para trás, é empregado, não é máu rapaz mas têm cinco namoros etc. etc. etc.

Finalmente outros não pretendem ter advinhado quem é o *Barracana* e limitam-se á leitura da correspondencia sem commentarios.

O que é certo é que o pretendido auctor da correspondencia vai-se rindo de *toda esta pagode* (phrase muito sua predilecta) sem se importar nada com isso, e eu embrulhado no meu capote de gola de... vou continuando na tarefa que me propuz; e vou-lhe gritando de vez em quando, *cá está o Dequinquin*.

Teve lugar, hontem 26, a audiencia para se julgar a causa em que era auctor o parcho da freguezia de Santa Iria e réo o sr. José Montez dos Reis.

Foi cheio de peripecias engraçadas este acontecimento.

Depuseram contra dois policiaes, um dos quaes, segundo me affirmaram, estava metido, como vulgarmente se diz, em *Valle de Lenções* (se lá n'aquelle valle ha lenções) sonhando talvez que o escutar ás portas é a sua missão cá n'este mundo.

O que valeu muito ao pobre réu foi o depoimento favoravel do sr. prior que, apesar de ter muita vontade d'*ensinar esta sucia*, (como ainda ha poucos dias disse) desculpou o procedimento do réu n'um discurso breve e recheado de bons conselhos mostrando mais uma vez a sua particular predilecção pelo sexo a que pertence.

N. B. No discurso, o sr. prior não se serviu d'umas phrases bonitas, mimosas e delicadas de que se serviu outro dia na occasião d'um casamento. O réu foi condemnado em 40 dias de prisão removíveis a 100 réis e nas custas do processo.

Não em breve realizar-se quatro casamentos civis cá no concelho. Um na freguezia da Povoia, outro na de S. Vicente, e dois na d'Abet, tudo por questões com a padralhada. Hurrah pelos noivos.

O tempo continúa muito regular. Os trabalhos do campo estão bastante adiantados.

Vai arborisar-se a nova rua de—Traz do Tejo, onde deve ficar nm passeio lindissimo para que as nossas elegantes e formosas patricias vão respirar um ar purissimo.

Fica um passeio lindissimo, e deve-se tão util melhoramento ao sr. Adrião da Costa Malleito vereador encarregado das obras d'esta freguezia.

Adeus até breve.

Barracana

### Do poema inédito RODOLPHO

C'etait un des matins si tristes de l'automne  
Où tout semble obscurci par un sombre brouillard,  
Où dépouillé, l'arbuste en gémissant frissonne  
Où l'aspect de la terre attriste le regard.

L'univers endormi ne sent plus dans ses veines,  
Comme aux jours du printemps, la sève tréssaillir;  
Et l'amant qui, pensif, s'égare dans les plaines,  
N'entend plus dans les fleurs un amoureux soupir.

Une alouette au loin vole, seule et muette,  
Elle a froid et la brume étouffe sa chanson,  
Aussitôt que l'aurore a paru, la pauvre mignonne  
Pour monter au soleil, a quitté le sillon.

Sans doute elle ignorait que parfois la lumière  
Peut tromper, n'être pas l'indice d'un beau jour  
Et l'imprudent monte, alerte, matinière,  
Cherchant un rayon d'or pour chanter son amour.

Mais, hélas! de partout le brouillard l'environne;  
Elle vole au hasard; la terre a disparu;  
Le ciel est toujours sombre, et la pauvre mignonne  
Sent sa plume tremblée sous un vent inconnu.

Ah! tremble, c'est le vent de toute chose humaine  
Qui depuis six mille ans gèle l'humanité,  
Qui porte la poussière aux arbres de la plaine:  
C'est le vent glacial de la réalité.

E. ZOLA.

### REVISTA ESTRANGEIRA

Foi substituido o ministerio presidido por Gambetta por outro presidido por Freycinet que nas duas casas do parlamento fez a seguinte declaração:

«Um paiz como a França necessita de liberdades e de progresso. Vós nos auxiliareis para realizar e assegurar estes altos fins.

Talvez que os reaccionarios exultem com a nomeação de Freycinet para presidente do conselho; mas é certo que ao lado d'elle está Ferry que saberá moderar qualquer desvio d'aquelle estadista.

Em vista das affirmações de Freycinet feitas no seu discurso em Montauban é de crêr que em breve retirará de Tunes grande parte das tropas francezas que alli se acham.

Gambetta prometteu o seu apoio ao actual ministerio, e temos uma prova d'isso na declaração que o actual ministerio fez ás camaras de que addiava a revisão da constituição.

Apesar do que nos diz o telegramma que abaixo transcrevemos; não duvidamos affirmar que a insurreição da Herzegovina e da Dalmacia é devida a machinação da Russia, servindo-se para isso como meios da Servia e do Montenegro e leva-nos a pensar assim a declaração que a Austria ha pouco fez de que se os insurgentes se acitassem em qualquer d'aquelles paizes, os occuparia militarmente durante a insurreição.

VIENNA, 1.—O ministro da fazenda referiu á delegação hungara varios pormenores acerca da revolta da Herzegovina; disse que alguns agitadores estrangeiros poderam cooperar para o movimento, mas que os governos dos estados visinhos foram absolutamente estranhos á agitação; fez notar os sentimentos pacificos da Russia, e declarou que ninguem pôe em duvida a lealdade do czar.

Parece que continúa a pensar-se na alliança d'um dos membros da casa de Bragança com uma princeza de Hespanha: a este res-

peito com a devida venia transcrevemos do nosso collega a *Folha do Povo* o seguinte:

«O *Jornal da Manhã*, do Porto, diz que em Hespanha não cessa de existir a persuasão de que mais ou menos brevemente se realisará uma alliança entre Portugal e Hespanha, e escreve n'outro lugar:

«Dizem de Madrid que os reis de Portugal irão em maio áquella capital, com o fim de pagar aos monarchas hespanhoes a visita de que foram objecto.

«Por esta occasião haverá em Madrid grandes festas, entre as quaes figuram funcções regias nos theatros Real e Hespanhol, corrida de touros com cavalleiros em praça, baile no paço, grande parada militar e caçada em Riofrio.

«El-rei D. Luiz assistirá á funcção do Dois de Maio, e a rainha D. Maria Pia presenciará ao lado de S. M. a rainha e infantas o desfile dos 30.000 homens que formarão na grande parada.»

O periodico a que nos referimos é monarchico, e por isso deve ser insuspeito n'estes assumptos.

Que se trata d'uma alliança intima, e que foi com esse fim que se fizeram as entrevistas a Caceres e Villa Viçosa, é ponto de fé para nós, Este facto porém não nos assusta, se a alliança não tiver um caracter menos digno para Portugal, isto é se em troca das sympathias da corôa hespanhola, a portugueza lhe não quizer fazer quasi que concessões, contra que o povo portuguez se revoltaria.

As allianças dos reis significam apenas a necessidade que todos elles têm de se colligar para assim melhor poderem resistir á corrente democratica.

Mas trata-se agora d'uma visita do rei de Portugal a Madrid e fixa-se já o mez em que se devem realizar os festejos, etc., o que não deixa de ser significativo.

O paiz fará o que entender.

A hespanholada dos 30.000 homens é engraçada.

Falleceu n'esta cidade o ex.<sup>mo</sup> sr. Alexandre de Campos que occupava o lugar de substituto do governador civil. S. ex.<sup>a</sup> era tio do nosso amigo e collega n'esta redacção, o sr. Manuel Gayo ao qual, assim como a sua ex.<sup>ma</sup> familia, enviamos os nossos sentimentos.

### EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes das localidades onde não temos pessoa encarregada da cobrança das assignaturas, pedimos encarecidamente o obsequio de mandarem satisfazer a sua importancia, enviando-a directamente em estampilhas a esta administração.

Pedimos igualmente o favor de reclamarem sobre irregularidades da recepção d'esta folha para serem immediatamente reparadas.

Temos correspondentes, ou pessoas encarregadas da cobrança de assignaturas nas seguintes localidades: Lisboa, Coimbra, Santarem, Cartaxo, Chamusea, Alcanena, Odemira, Lagoa e Tavira.

### ANNUNCIOS

#### VENDA DE PROPRIEDADE

VENDE-SE uma propriedade com casa de habitação, terra de sementeira, arvores de fructo e oliveiras em Santo Antonio dos Oliveaes, defronte do Arraial. Tracta-se com Francisco da Silva, morador na mesma casa.

COIMBRA—Typ. de Santos e Silva.





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient, t. 1.º pag. 430.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para o ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 12

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
Cada serie de 13 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 13 DE FEVEREIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES  
Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

### OS PARTIDOS MONARCHICOS

Pelo velho principio de que tudo o que se corrompe tende a extinguir-se, os partidos monarchicos, cuja corrupção é manifesta, não de de ter um fim proximo, não de succumbir fatalmente dentro em pouco perante a força e a dignidade do partido republicano.

Elles podem chamar-se progressistas ou conservadores, radicaes ou ordeiros, isso nada importa. Pela falta de comprehensão do que seja a ordem e o progresso, tornam-se anarchicos, se querem ser progressistas, e reaccionarios, se querem ser ordeiros.

A inanidade fundamental dos seus esforços provém da falsidade dos principios que seguem. A metaphysica constitucional, de que são os sectarios entusiasticos, impede a percepção lucida e nitida do novo estado social.

Se o velho partido absolutista desconhece que os antigos principios, correspondentes a um regimen extinto, não podem reger uma sociedade nova,—pela sua parte os partidos constitucionaes, fallando muito na liberdade, que não sabem comprehender nem amar, desconhecem que os principios metaphysicos, criticos, que demoliram o antigo regimen, teem até hoje mostrado d'um modo categorico a sua incompetencia radical para organisarem o regimen novo. E, porque fizeram muito, não é razão para que lhe peçam que façam tudo.

O absolutismo, fundado exclusivamente na ordem, leva ao retrocesso; o constitucionalismo, dizendo-se fundado no progresso e na ordem conjuntamente, dá-nos a anarchia, sob todas as formas, anarchia moral, anarchia politica, anarchia financeira.

Não comprehende, nem pôde comprehender a mutua correlação d'estes dois principios—ordem e progresso—porque parte d'uma theoria falsa, á qual, de resto, deve a sua vitalidade politica. Se a abandonasse, morria com ella.

O que pretendemos provar é que tem de abandonar n'um praso breve: a corrupção que o invade confirma pelos factos o que theoreticamente se pôde prever com toda a segurança.

O funcionalismo das sociedades modernas funda-se simultaneamente sobre a ordem e sobre o progresso, que não são idéas contrarias, mas identicas.

Apesar da demonstração lucida d'um illustre publicista inglez esta affirmacão ainda hoje se contesta. É, porém, n'ella que a politica scientifica encontra o seu fundamento.

O partido republicano, o unico que toma por guia a sciencia, reconhece com Stuart Mill que a ordem é a conservação

dos bens existentes, o progresso o augmento d'esses bens, e que, para os conservar e augmentar, os meios são da mesma natureza, com a differença unica de serem mais poderosos n'um caso do que n'outro.

É na harmonia d'estes dois principios que reside a sua força; é pela comprehensão de que a ordem é a primeira condição do progresso que o partido republicano, sem se inclinar para a anarchia nem para a retrogração, se conserva n'um terreno firme e livre de oscillações perturbadoras.

Todas as facções monarchicas, setembristas e cartistas, historicos e reformistas, apesar do merito incontestavel dos seus chefes, cahiram n'uma fatal dissolução. Os progressistas dissolvem-se pelas discordias que lavram no seu seio, devidas a não terem um principio justo que os dirija, uma idéa sã que lhes dê cohesão. Os regeneradores decompõem-se na mais sordida das corrupções: os meios governativos de Rodrigo da Fonseca teem sido aperfeiçoados pelo partido de que foi chefe; a gangrena alastrou, e hoje do que foi um partido só resta a podridão mais ascorosa.

Nem a poderosa intelligencia d'um Costa Cabral, nem a stoica probidade d'um Passos, nem a sagacidade proverbial d'um Rodrigo da Fonseca poderam sustentar por muito tempo os partidos a que deram vida.

Qual a razão d'isto? A falta de principios scientificos. Quando, cheios de confiança, julgam pisar um terreno seguro, esse terreno oscilla e sepulta-os no seu seio. Victimias d'uma illusão que os allucina, joguetes d'um erro que não sabem desfazer, os partidos succedem-se aos partidos, praticando actos cada vez mais incoherentes, augmentando a confusão cada vez mais inextricavel.

E ao passo que elles cahem, verberados pela indignação publica, eleva-se gradualmente o partido republicano, oppondo á ignorancia d'elles a sua sciencia, á corrupção que os avassalla a sua austeridade politica.

Este partido novo tem mostrado, pela probidade dos seus membros, pelo verbo eloquente dos seus tribunos, pela penna auctorizada dos seus publicistas, e pelo apoio decidido de todos os homens sinceros, que pôde e deve substituir no governo os velhos partidos sem dignidade e sem sciencia.

### Lisboa que passa

I

Deixo em paz as sessões da camara os folhetos tolos que percorrem os livreiros, os nocturnos macilentos que percorrem as batotas, e os rumores que vão correndo sobre as falcatruas e quebras proximas. Tão pouco

me preocuparei com as sessões tumultuosas dos jornalistas alvorotados, com os episodios dos banquetes e digressões fluviaes em honra dos reporters de Hespanha, com os contos de reis atirados á decoraçao das tribunas reaes e aos deslocamentos de tropas em paradas theatraes. Tudo isto são alvos gafados por occasião das festas, dos que nada têm que contar—exactamente como eu. A provincia, onde me refugiei para dormir uns dias, em solidão tranquilla e n'um canto de quinta bucolica, das minhas fadigas de obreiro chlorotico, vedou-me pelo menos a evidencia absoluta, da decadencia adeantada em que vai declivando o systema governativo, que tendo-nos constituido como nacionalidade ha mais de setecentos annos, preside ainda agora aos destinos da mãe patria. A frieza altiva e desdenhosa, com que a multidão viu desfilar os potentados e os medallhões, accusa em totalidade, que o paiz se sente fatigado d'esta decrepitude politica, que não terá forças sequer, para marchar ao par do franco refflorir, que em toda a nação se accentua dia a dia, qualquer que seja o ramo de actividade humana que se fixe. Desola ver envelhecer uma actriz que foi bonita, como tambem desolam as rugas d'uma formula que foi util.

Mas os tempos passam, tudo se transforma—e vai sendo necessario erguer sobre as ruinas do templo velho, a mole marmorea e severa do santuario novo.

No retiro onde de avental e sachola, floricultei um pouco pelos meus canteiros e pomares, nem sequer atravez de jornaes tive coragem de ver passar as bellas equipagens de gala, os regimentos e os crachás.

Só ha dias me contaram tudo, n'um café onde a má lingua é tão porverbial, que deu nome a um nosso escriptor de talento, mercê de Deus! E ali sem uma contracção fibrillar, sem a nota cava do remorso ou da ira, friamente, intencionalmente, me referiram tudo o que v. ex.ª fizeram, senhores convidados do baile do commercio, n'essa noite de festa, em que tantos se constiparam de sahir sem casaco, e outros tantos, bem ceados e bebidos, com Madeira no cerebro e par-dessus surripiados nos hombros, apanharam da excessiva abafadura, suores de tal monta, que viram raiar o dia seguinte, curados de defluxos chronicos que coziavam desde 33. Passo em claro, a alcatifa de croquettes e foie-gras que vestia o parquet do bufete, os ventres dos divans e sophas extirpados por maldade a golpes de canivete, vomitos pelos cantos, e outras torpezas da promiscuidade anonyma dos indigenas de armazem, suas namoradas e tias accessorias. Oh! Lisboa é realmente um grande e civilizado curral, em que os chibatos abundam, e os cordeiros fazem, na maioria dos casos, papel de lobos!...

E isto me surprehende e me adormenta—conheço esta livida cidade, desde que me tiraram a mama, e n'ella hei soffrido os dissabores da vida imberbe, e antegosado as alegrias que chegam sempre, como um sol molhado, apoz esses dissabores.

Foi n'esta boa terra que vi o sr. Thomaz Ribeiro, tão idealmente pallido, tão escañoado de face, hirto e theatral como a sua obra—e foi aqui tambem, que obtive a primeira trança do cabelo amado, negro de azeviche, perfumada e gordurenta de unguentos de bergamotta. Lembro-me agora d'esse idyllio doce, vago como um poente adormecido, musical como os trechos de Schu-

bert, todo em palpitações de azas e fulgores de carbunculos lapidados. Era uma loira franzina, vesga d'um olho, um cheiro a alho!... Sonhos de amor primeiro, spasmos no langor das primeiras concessões e dos primeiros beijos!... Tinha então o seu capote verde, uns formosos oculos de metal, unha chata de brucha; e, ao coxear da perna, toda se requebrava como recitando so-laus de Serpa Pimentel.

Fôra uma conscienciosa comparsa das Variedades, e de alcapões tenebrosos, surgira á flôr da scena, de fada, de filha do inferno, de borboleta e de tambor-mór.

E a pobre gallinha da India, morreu convencida que o popular escriptor José Carlos tinha um fraco pelo ella, — muitas vezes m'o disse, atafulhando as ventas de simonte, e revirando os olhos de paixão.

Aberta a Exposição de Arte Ornamental, no palacio das Janellas Verdes, futura residencia do museu portuguez de Bellas Artes.

Os jornalistas de Hespanha, que fidalgadamente tinham recebido os seus collegas de Portugal pelo centenário de Calderon, levando-os a gozar em viajatas e romagens, dos panoramas, museus e monumentos de Madrid, mandaram por seu turno ás nossas festas uma deputação de reporters, muito secundarios como talento, e tres ou quatro jornalistas de nome, desde Sajsedo até Alcalá Galiano. Os reporters de lá foram recibidos pelos reporters de cá na maior parte das vezes, nem tinham mais a desejar.

Molestados porém, de não ver a seus pés todas as camadas litterarias da cidade, tiveram um reviramento de humores, e fervilhando em bilis, inundaram de inexactidões, ironias dessoradas e até falsidades intencionaes, as correspondencias que aos seus periodicos mandavam, datadas de Lisboa. Que chovia copiosamente, que eramos um povo de tres mil pessoas, grosseiros, intractaveis, o demónio!...

Ouvi brindes de alguns d'esses senhores. Nem bons nem maus—antes pelo contrario.

Correu por ahi tambem que esta visita dos reis hespanhoes aos reis portuguezes, era um começo de alliança defensiva contra a lepra democrata que por cá e por lá, vai ameacadoramente invadindo a opinião, mesmo ignorante como é. Parece mesmo, que um certo cazamento vai tornar o primogenito real em cunhado de Alfonso XII.

Estê iberismo das côrtes peninsulares, iberismo moderado, disfarçado e feito a capricho, para apodentrar uma reacção que surdamente rumoreja, vai dar grandes cuidados de certo, ao visconde Sanches de Baena, e ao reverendo prior da Pena, que Nosso Senhor guarde para continuação dos votos do campo de Sant'Anna e Bemposta.

N'este cyclo historico, tão falso e tibio para as dynastias da terra e do ceu, os reis desilludidos e aterrados pelas machinações populares, torpedos da politica, e ambições das grandes nacionalidades de que são joguete ephemero, não cuidam senão de colligar-se, pensando salvaguardar por algum tempo mais as corôas e thronos, que rolam ou estalam ao menor piparote.

Em Portugal, a fibra patriótica é ainda rija e vibratil, fallando serio. E o povo, que ri do palacio dos Almadas illuminado no 1.º de dezembro, como d'uma rethorica postica e occa, tem lucidamente inveterado o espirito da independencia, com um brio de que



poucos o julgam capaz. De Hespanha, arte sómente.

Zarzuella, toreros, mulheres, quadros e as magníficas passas de Malaga.

O que não ha em Portugal. Mulheres sobredito. Oh, as hespanholas!... Peccados mortaes disfarçados em virtudes. O estrangeiro que escreve sobre as nossas mulheres acha-as trigueiras e plasticamente detestáveis, pela maior parte.

Ainda não ha muito, li eu no *Temps*, que acima dos trinta annos, toda a portugueza de raça deixa crescer bigode—medonha affirmacão! O pintor que reclame modelo, o esculptor que rebusque pelos nossos bairros um corpo perfeito, de curvas nobres e pommas crespas, elasticidade graciosa e graça pudica, em balde gastarão seus dias espianando os mercados, a vida das ruas, e os tristes genyceus, em busca do ideal porque suspiram. Somos uma raça physicamente cavilecida.

Aos vinte e tres annos a femea portugueza emirreche e fana-se. Faltam as sadias epidermes, as formas amplas em que effloresce a força e a belleza. Maus dentes, labios pallidos, cabellos ceifados pela molestia capillar, uma tristeza bassa nas attitudes, nos meueiros e nas fallas. A hespanhola não. Ou é prodigiosamente feia, e elimina-se—ou é prodigiosamente bella e fresca, e aproveita-se! Nada de meio termo. Este triumpho da mulher, é um grande collaborador nas artes, a esculptura, a poesia, o theatro.

A Exposição é d'uma riqueza e profusão, além de toda a expectativa. Quatorze salões estão patentes aos visitantes, e novas salas serão abertas dentro de pouco tempo.

As collecções não se acham classificadas nas vitrines com extrema regularidade, nem era possível fazel-o no curto tempo que houve para reunir e dispor as peças. Nessa confusão, de tapeçarias, trajos bordados a ouro, colchas da India, paramentos religiosos, vasos sagrados, moveis, ceramicas, faianças, quadros e joias de todas as castas e estylos, ha um pictoresco scintillante, de matizes e tons. As capas de asperges abrem as azas fulvas, de alto relevo, como grandes aves reaes, agazalhando os filhos. Nas cazulas de lhama e brocatel, em cujos fundos velados, bordaduras espanejam os seus grupos de santos e santas, armas e até scenas da mythologia, esfiam galões de ouro, e prata, no corrosivo dos seculos. Os missaes encadernados de velludo e ouro, fechos cinzelados, armas ao centro e cantos de arabescos finos, assentam em estantes de prata, lavrada em fosco, sobre que as rendas tomam uma ligeireza firme e delicada. A Exposição dos manuscritos illuminados, missaes, livros de Horas, biblias, livros de armaria e hieraldica, é um assombro artistico, uma maravilha de frescura, de gosto e opulencia.

As orlas de pagina sobre tudo, no missal de Estevão Gonçalves, no livro de oração da rainha D. Leonor, no livro *Sententiarum* e na extraordinaria Biblia que D. Manuel doou aos Jeronymos em fins do seculo XV, synthetizam esse trabalho asperrimo e divino dos miniaturistas, que devorados de genio e de fome, passavam a vida illuminando um livro, em paga do osso que as casas nobres lhe deixavam roer todos os dias, na cozinha dos seus palacios e solares.

Sobre pergaminho, cheirando á cera amarelha dos officios funebres, das semanas santas e dos terços mysticos, nos oratorios fidalgos e principescos, rodopiam cercaduras plantasticas de flores e folhas, evoluções de nervuras verdes, rozas d'onde sahem pequeninos monstros, em carantonhas sarcasticas. E nos recantos do desenho, de ramo para ramo e flor para flor, as figurinhas barbadas dos monges e dos guerreiros, dos pagens e das princezinhas doiradas ou cor de roza, esgrimem, oram ou fazem idyllio, tão pequeninos que se abrigam ás vezes, sob o docel d'uma folha de avenca.

Ha um movimento symphonico nos nervos d'aquelles ornatos, no turbilhão das folhitas recortadas em palmas, na imprevisita maneira de accumular volutas, para as desenrolar depois engalpinhando-as no ensemble geral da bordadura.

A espaços, a pintura mais ampla e menos imaginativa, fixa de subito uma scena biblica na pagina toda; riem os presapes

nas alvoradas da primavera, reis que offecem incenso, myrrha e vasos de luxuosa entalhadura, pastores em joelhos sorrindo, a deporem nas palhas do estabulo, os productos da vida rustica, ovos, leite, cordeiros e ingenua fé—e no fundo, paisagens sem perspectiva, de biombo japonéz, riem no azul purissimo dos ceus tranquillos, mysticamente perfumados por toda essa arte innocente e candida.

Que imaginação expendida a mãos plenas, que adoravel humor de palheta e fina execução de conjuncto!... E como é bom ter nervos, para vibrar em commoções assim profundas, absorventes e castas!...

A Exposição das rendas é, pelo menos até agora, muitissimo pobre. Rezuma-se nas duas vitrines centraes da segunda sala, alguns vestidos de creancinha, não sei quantas camisas de cambraia, romeiras de pellica em arabescos, cabeções de França, e fragmentos de rendas de ouro, prata, algodão e linho. Lembro com admiracão os trabalhos antigos sobre pellica branca. Deslumbrantes pela graça, harmonia e audaciosa execução.

Ha por exemplo, uma romeira de pellica branca, pertencendo á Bibliotheca d'Evora, altos relevos de applicação—um cabeção do mesmo estylo, da bibliotheca tambem—e a admiravel romeira do conde da Praia de Monforte, com applicações intrincadas, destacando em grande relevo, sobre fundo picado de ilhozes e pequeninas estrellas.

Um lenço de cambraia de Holanda, tem a um canto, bordada a cabelo uma scena pastoril, e em volta esta legenda, em bastardinho:—*Basta de guerra, basta. Que mais quereis?* Algum namorico terminando em casamento. Que bello riso complacente, terrão os velhos esposos hoje, se ainda vivem, sobre esse lenço tão idealmente pingado de sentimentalidade...

Duas vitrines com leques do seculo pasado, alguns deliciosos. Varetas em marfim, madeira, prata, ouro, tartaruga, e madreperola; pannos de seda adornados de pinturas e bordados; extrema ligeireza no cinzelamento de alguns; estylo decorativo quasi identico; varios extremamente monotonos, tambem, para contrapór.

Muito poucas armas, apenas uma couraça na exposição portugueza, nada de utensilios domesticos, talheres, louças ou vestuarios—parecendo que por seculos, a vida portugueza era levada a commungar nas capellas adornadas de incomparavel ourivesaria gothica, ou em joelhos ante os thronos encimados das monumentaes custodias manuelinas.

Na sala de D. Fernando, muitas peças de ceramica, da celebre fabrica do Rato, espeelhos, figuras diversas, grupos piedosos. Belleza no detalhe d'esses especimens, muita arte expendida, mesmo.

VALENTIM DEMONIO.

## LIVRE

Face mimosa e pallida, em ti penso, n'este ignorado e tacito recinto; escondo-me eu aqui; mas o que sinto não pudera contel-o o mundo immenso.

A ti minh'alma sobe como incenso; e bem sabes (porque eu nunca te minti) que, de ti perto ou longe, eu sou faminto da eterna fome—o amor!—que nunca venço.

Fechado aqui, tão só, quebro a cadeia; transponho campos, serras, mar undoso; desprendo pelo azul est'alma ardente.

Pode mais que a prisão a livre ideia; vence as serras e o mar meu peito ancioso; e assim... serei contigo eternamente!

TAVIRA

ANNES BAGANHA

## CAMBIANTES ROZINHA

HISTORIA SIMPLES

Não havia amigos mais intimos que o sapateiro Francisco da Silva e o alfaiate Antonio Nunes, moradores na mesma rua—este casado e sem filhos, aquelle viuvo e com uma filha. *Compadres d'aguas bentas*, como se ufanavam de ser, nenhum d'elles decidia qualquer negocio, sem ouvir a opinião do outro.

A mulher do alfaiate, a sr.<sup>a</sup> Antonia Rita, estimava a afilhada, como filha, e a bella Rozinha pagava em mil caricias e affagos o muito amor que devia aquella boa mulher.

Muitas vezes Antonio Nunes previa a triste sorte da afilhada, no caso de ficar orfã; e, manifestando á mulher estas apprehensões, sobresaltou a santa creatura, cujo principal empenho era a felicidade da sympathica rapariga.

Roza vivia despreoccupada e alegre, trabalhando todo o dia, e rivalizando com as aves do quintal na sua voz pura e argentina que modulava com todo o mimo de 15 primaveras. Mal pensava que o tempo demonstraria em breve serem fundados os receios do alfaiate.

Num dia de julho, tropicalmente abrasador, tendo ido Francisco da Silva levar ao armazem a importancia d'um cabedal, que havia comprado, sentiu um mal estar, que singularmente lhe perturbou a vista, obrigando-o a calir sobre uma cadeira. Transportado para casa, disse um medico, que logo chamaram, ter o enfermo poucas horas de vida.

Antonio Nunes e a mulher, que logo vieram auxiliar Rozinha, nos socorros que a santa rapariga desejava prestar á seu pae, tranquilisaram o moribundo com a promessa de que tomariam a seu cargo proteger a rapariga. Parecia viver, apenas, para adquirir esta certeza, porque falleceu pouco depois, ciciando o nome de Roza.

Duplamente orfã, Rozinha dedicou á memoria de seu pae as lagrimas da saudade mais viva, e desde aquelle dia ficou a gentil rapariga filha adoptiva d'aquelle santo casal.

Era raro o dia que entre marido e mulher não se trocava este dialogo:

—Afinal de contas, eu já me sinto cansada e doente; e bem precisava de quem me ajudasse nas *voltas* da casa—dizia Antonia Rita, limpando uma lagrima, que, indiscreta, lhe descia pela face. Coitada! queira attribuir a egoismo um acto que só lhe fora dictado pelo seu coração generoso!

—Olha, mulher—respondia o alfaiate—emquanto eu tiver forças para trabalhar, e não escassearem os freguezes, sempre ha de haver um bocadinho de pão, para repartirmos com a pequena.

Numa palavra, Rozinha era tractada como uma pessoa de familia; dourando com a expansiva alegria de sua juventude, a vida de seus protectores, quando tiveram logar os acontecimentos que vamos expór.

Um dia, entre alguns papeis do fallecido sapateiro, encontrou por acaso Antonio Nunes um decimo da loteria.

O economico alfaiate lamentou que Francisco da Silva tivesse empregado tão mal os seus pouco avultados capitales. Qual não foi, porém o seu espanto, quando viu na lista premiada aquelle numero?! Chamou a mulher, chamou a afilhada, que andavam entretidas na sua tarefa domestica, mostrou o decimo e sem dar mais explicações sabiu precipitadamente.

Meia hora depois apresenta 500:000 réis á afilhada, dizendo-lhe que eram d'ella.

—Nada, não senhor, isso é do padrinho que me tem sustentado. Tinha que ver—eu senhora rica, e os padrinhos sem nada.

E, dizendo isto, a encantadora Rozinha foi abraçar a senhora Antonia Rita, enternecendo pelas suas caricias a bondosa mulher que, assim como o marido, era dominada por uma viva commoção.

Concedidos alguns minutos á expansão affectuosa de enternecida amizade, Antonio Nunes, abraçando a afilhada, diz-lhe, com a voz ainda tremula de lagrimas:

—Obrigado pela amizade, rapariga, não queres aceitar este dinheiro, não é isso? pois bem eu cá farei o que me parecer, que sou um homem honrado.

E não fallou mais em tal.

No predio fronteiro á loja do alfaiate foi estabelecer-se o serralheiro Ignacio da Cunha. Sentindo-se já velho e enfermo confiou a seu filho Pedro, a direcção da officina. O novo mestre, activo e intelligente, captara pela sua presença agradável e pelo respeito que dedicava a seus paes, sympathias numerosas.

E singella, como a verdade, esta breve historia e o leitor já provavelmente está imaginando o que muito naturalmente aconteceu. Alguns mezes depois, o prior da freguezia cazava o nosso Pedro com a graciosa Rozinha, que bem merecia o nome pelo pudibundo carmin da sua cutis delicada, ao passo que pelas suas qualidades, amavam-na quantos a conheciam.

Realizada a cerimonia e pouco depois de chegarem a casa, noivos e convidados, Antonio Nunes, lançando o braço ao hombro de Pedro, diz-lhe, todo alegre e risonho:

—Vem cá, meu rapaz desculpa o *desgosto* que te vou dar.... E entraram ambos na casa proxima.

Então o alfaiate, apresentando a Pedro alguns cartuchos de dinheiro, disse-lhe:

—Anda, guarda; que estás a olhar pasmado para elle? é teu. É o dote da Roza. Não estejas a dizer que não queres. A coisa é esta: entre a papelada velha de teu sogro, achei um decimo da loteria e sabiu premiado—o que eu não esperava, sou muito franco.—O dinheiro esteve na mão d'um negociante, que en já conhecia; mas agora governa-o como te der na cabeça.

Chamou Pedro a mulher e os convidados, unicamente pessoas de familia e muito soffreu a modestia do alfaiate com a entusiastica admiracão de todos.

Antonio Nunes e a mulher ficaram em casa dos noivos, pela instancia com que foram rogados e especialmente porque não podiam habituar-se a estar separados da sua querida Rozinha.

Como artista tem Pedro da Cunha elevado consideravelmente a officina e orgulha-se, com razão, de terem os seus trabalhos obtido varios premios, sobremaneira honrosos.

BABINET.

## CAMARA OPTICA

No campo arido em que sopra a furia incommoda dos ventos politicos, avulta agora uma necropole, respeitavel porque encobre os restos d'um homem justo, d'um character rigido, vasado nos moldes d'uma austeridade e rudeza primitivas. Curvamo-nos reverentes perante a lousa que guarda o cadaver do bispo de Vizeu, porque, abstrahindo da distancia que o separava de nós, apraz-nos prestar homenagem a tudo quanto symbolisa na terra a incarnação d'uma virtude social. Sobretudo é consolador e grato, para quem colloca acima das distincções de escolas, os laços que unem os homens n'uma solidariedade paternal, calar á beira d'uma campa, que se encerra, a differença de principios, e deixar pulsar o coração.

Foi um homem severo e firme nas suas creanças. Lutou sempre sem transigir, expoz as suas opiniões sem reboço, sem os receios accomodaticos, que caracterizam a totalidade dos nossos homens publicos. Por isso não hesitamos em fazer-lho, e até apontal-o aos nossos como um exemplo a seguir na senda que as convicções de cada um hão de traçar no meio da adversidade, na luta intransigente que encetamos contra o *statu quo*.

A camara dos communs distinguuiu-se esta semana, por um d'esses actos que a hão de levantar até ao nível superior onde pairam os manes de Costa Cabral; e tantos outros tyrannetes que fizeram a apothese da Carta.

Não permittiu que um cidadão qualquer viesse á barra defender a sua eleição. O regimento que todos os dias está desempenhan-



do, o papel d'uma formalidade, muitas vezes dispensavel, serviu agora de pretexto para se folhear ao queixoso o direito de expôr as suas rasões. Uma camara illustrada, recta, o inspirada nos principios sacrosantos da liberdade, teria adherido unanimente a um desejo tão justo. Porém a senhora *maioria* approva sem discussão tratados ruinosos, e guarda argumentos capciosos para negar um direito justissimo, legitimo e legal.

Não é a verdade, a justiça, o direito que lhe dirige os passos, é o frio com que o senhor *estes dominos* a guia ao sabor da sua vontade omnipotente.

Na camara alta, uma somnolencia sorumbatica e pesada perpassa sobre aquellas calvas luscidas, orladas de pellos brancos, que pelo aspecto só ousariam comparar a outros tantos esteios das instituições. O discurso da corôa, essa cerimonia biblica, especie de libação com que se aplaca uma divindade, ou melhor, um aranzel onde a grammatiga e a rhetorica, se atropellam e abrem caminho á lisonja mentirosa, com que se promettem coisas impossiveis, reformas, melhoramentos etc, serve de pretexto para algumas horas de *conívio animado*.

E assim se passam uns mezes de *parlartorio*, de *caçaco massador*, em que as opiniões se manifestam por bocejos famintos, gestos descompostos, e indignações ficticias.

Depois fecham-se as sessões, e a lista civil continúa entornando sobre nós a cornucopia do seu influxo benéfico; o paiz saturado de eloquencia e de imagens perde-lhe que a nau do estado navega n'um mar de rosas, seguindo a derrota que lhe marca um piloto *hábil, intelligente e corajoso*...

Ora aqui está como isto caminha.

BNOCÉLO.

## LISBOA

10 de fevereiro de 1882

A classe academica do paiz preoccupa-se vivamente com a celebração do primeiro centenario do marquez de Pombal, e por esse facto não temos senão a congratularmo-nos com ella pela iniciativa e esforços que faz para que essa festa seja em tudo digna da memoria do eminente estadista. O marquez de Pombal é credor do nosso respeito e da nossa gratidão não só pelas importantes reformas que marcaram uma nova era de civilização para Portugal, mas também e principalmente pelo golpe profundo e certo dado no jesuitismo, cuja influencia se exercia em todos os ramos da administração publica. Consta-me que a commissão academica Lisboa trabalha activamente e que aplanará todas as difficuldades que surjam para levar a effeito esta solemnisção com o brilho que ella deve ter.

Portanto foi muito bem acolhida a adhesão que a mocidade estudiosa d'essa cidade prestou no dia 4 do corrente, associando-se, e distincta da Universidade, ás festas commemorativas. Também as resoluções tomadas pela *Evolução* são bastante sympathicas e foram, como não podiam deixar de ser, recebidas com enthusiasmo. E' bello ver esta solidariedade, esta completa communião de ideias entre todos os estudantes do paiz affim de prestarem uma homenagem justa, como é a que em 8 de maio proximo se vai prestar ao ministro de D. José I.

Louvemos todos esses esforços e que ninguém reateixe auxilio algum aos promotores d'esta festa nacional.

Acabamos de nos referir á solidariedade academica, vamos também appresentar um facto que attesta eloquentemente a solidariedade n'outro campo—entre o partido republicano.

Um operario laborioso, honrado e de convicções arregaadamente republicanas precisava d'uns certos recursos economicos affim de minorar a sua pobreza e a da esposa e filhos, pobreza motivada pela falta de trabalho. Alguns membros do partido republicano promovem-lhe um sarau que se realiso no dia 3 do corrente e que deu os melhores resultados. Foi uma festa commovedora, pois que todos os que n'ella tomaram parte ou que a ella concorreram, estavam possuidos da mais verdadeira dedicação e manifestando uma comprehensão nítida de como cum-

priam gostosamente um dever, que lhe era imposto pela sua consciencia.

Oraram sobre o assumpto os já conhecidos trabalhadores da democracia portugueza: Elias Garcia, Theophilo Braga, Magalhães Lima, Augusto Figueiredo, Antonio Ignacio d'Almeida e Xavier da Silva.

—Mais um centro republicano, mais uma escola politica para o povo, acaba de se fundar em Lisboa no dia 2. Tomou o nome de *Club eleitoral democratico* e tem a sua sede na freguezia de S. José.

Este centro iniciou a sua carreira civilisadora por um acto que merece todos os nossos applausos. Procedeu á sua inauguração, pagando ao mesmo tempo um tributo de gratidão que o partido democratico devia á memoria d'um lutador tenaz, d'um sincero e persistente propagador dos principios republicanos—José Guilherme dos Santos Lima, collocando na sala das suas sessões o retrato do malogrado cidadão.

Fallaram a proposito dos dois actos honrosos para a democracia portugueza, entre outros nossos correligionarios, cujos nomes nos não recordam agora nem temos de momento meio de os saber, Elias Garcia, Magalhães Lima, Victoriano Braga, alguns representantes de varios centros, etc. Todos se congratularam com a fundação de mais um centro para a propaganda das nossas ideias e rememoraram sentidos e cheios de reconhecimento os serviços prestados por Santos Lima.

—Enquanto o partido republicano desenvolve uma crecente actividade na fundação de centros esportivos, de escolas de leitura e escripta, na propagação dos principios verdadeiramente liberaes e emancipadores do povo, servindo-se para isso dos seus jornaes, cuja circulação já é significativa, os monarchicos dão-nos espectaculos curiosissimos nas casas do parlamento.

Numa das ultimas sessões o recinto da camara dos deputados parecia um logar de fadistas do que de homens que se dizem legisladores da nação; houve descompostura, houve effeitos e muitas cousas mais, todas ellas edificantes e dignas da monarchia constitucional. A não ser estas e outras scenas que todos os dias se repetem no parlamento, nada mais ha digno de registrar-se. D'alli nada sae que seja util para o paiz. O povo gosta e el-rei ainda gosta mais, de modo que tudo vae bem.

Não nos cançaremos de applaudir estes actos, porque a simples exposição d'elles é uma prova irrefutavel da corrupção e desmoralisação que lavra no seio dos partidos monarchicos.

Antonio Furtado.

### A Instrução

*L' instruction fait tout; c'est la source féconde de l'ordre, du repos et du bonheur.*—(Voltaire).

Resolvemos analysar minuciosamente e apreciar com imparcialidade e justiça o estado da instrução publica, despertados pelos inumeros defeitos das ultimas reformas no ensino, que trouxeram á maior parte das familias difficuldades tão inveciveis que milhares d'individuos, podemos affirmar-o, estão privados de adquirir conhecimentos nos institutos d'ensino official, especialmente nos estabelecimentos secundarios, accessiveis quasi só á classe *aristocratica*, como havemos de provar.

—Sairá imperfeito o nosso trabalho pela incompetencia de quem o produz, mas seja elle ao menos incentivo para chamar a attenção de todos os cidadãos que amam a grandeza nacional, cooperando com energia e perseverança no sentido de arrancar á ignorancia os nossos irmãos e trazel-os á luz radiante que illumina a intelligencia. Façamos de cada escravo da estupidez um cidadão livre e benemerito.

—Vamos n'uma decadencia esmagadora; a marinha está arruinada, o commercio tolhido, a industria quasi paralitica, a agricultura desanimada e definhada, estão portanto viciados os elementos mais fecundos da vitalidade material do paiz.

Mas não é isso ainda a verdadeira origem do abatimento que nos persegue. A decadencia nacional provém em subida escala da

falta de patriotismo, consequencia forçada da degradação dos costumes.

A França em 1870 ficou mutilada, caiu até onde ella o não esperava, porque desconhecia a completa dissolução do imperio. As suas provações exacerbaram-se ainda com a monstruosa indemnisação de guerra (800 mil contos); mas a sua reabilitação vai caminhando com intensidade notavel, cuidando-se com bastante sollicitude da instrução onde a florescente republica vê a causa primordial do seu futuro engrandecimento. Assim é que em 11 annos a patria de Gambetta amortisa a colossal contribuição, reorganisa o exercito, anima as artes, commercio, industria e agricultura, diminui os impostos, e obtém no anno economico findo um saldo de 810 contos.

Lá, o engrandecimento da patria é tudo, cá, o bem do paiz está sujeito ao egoismo pessoal. A França dirige especialmente as suas vistas para a educação litteraria, como a mais solida e firme columna da sua independencia. Os nossos estadistas permitem-se outro modo de pensar; para elles a politica, embora virulenta e vil, é tudo; a illustração do paiz é uma questão sem importancia.

Ha quem diga que o Estado tem creado muitas escolas para educar o povo que é ignorante porque quer. Podemos sustentar que o Estado pouco tem contribuido para o derramamento da instrução, porque se por um lado tem creado escolas, por outro lado não lhes dá os elementos indispensaveis para progredirem e prosperarem, de modo que isto equivale á sua—não existencia ou creação.

Multiplicuem-se as escolas, ampliem-se os programas, augmentem-se as escolas normaes, haja inspectores e sub-inspectores, imagine-se enfim uma reforma perfeitissima; tudo cae e se desmorona, quando se não remunerar condignamente o professorado.

O paiz está compenetrado d'esta verdade, mas quasi ninguém trabalha para sanar esses inconvenientes, porque a sua opinião é que as nossas finanças, por mal concertadas, o não consentem.

A falta de protecção do poder central accresce ainda a indiferença dos municipios e juntas de parochia, que não auxiliam o ensino, porque carecem de fundos, e os individuos que mais se interessam pela educação dos alumnos, não podendo vencer embaraços gravissimos, conservam-se immoveis, e assim ficam as coisas.

E' certo também que muitos paes retiram seus filhos da escola, ou porque não querem a sua cultura, ou porque em virtude da sua ignorancia entendem que o ensino deve ser tradicional.

Diga-se porém em abono da verdade que os chefes de familia tem direito a ter uma tal ou qual repugnancia em mandar os filhos frequentar as aulas do primeiro ensino, porque ellas, em regra, reúnem maior numero de condições, para atrophiar as creanças do que para auxiliarem o seu desenvolvimento.

(Continúa.)

## NOTICIARIO

Recebemos o seguinte officio que com a devida venia publicamos:

«Senhores redactores do jornal democratico

A EVOLUÇÃO

«O Directorio do Centro Eleitoral Democratico Republicano de Coimbra, reconhece e applaude a illustrada, energica e bem dirigida cooperacão, que o jornal democratico—*A Evolução*—está prestando á propagação republicana e á educação democratica do povo portuguez, e como demonstracão d'este seu reconhecimento e applauso resolveu lançar no livro das suas actas um voto de louvor á benemerita redacção d'este jornal.

Coimbra, sala das sessões do Centro Eleitoral Democratico Republicano, 4 de fevereiro de 1882.

M. A. Rodriguez da Silva.

Secretario.

Agradecemos estas palavras immerecidas que só a muita benevolencia dos nossos illustres correligionarios poderia ter dictado.

Quarta feira, 8 do corrente, houve no Club Academico um sarau litterario-musical offerecido pelo conselho d'esta associacão a todos os seus socios.

Os bilhetes eram intransmissiveis e preceituavam o *demi-toilette* para as senhoras e a casaca ou a capa e batina para os homens.

A sala onde se realiso a festa estava ornada com simplicidade e elegancia. Ao entrarmos ficámos deslumbrados pelo fino ar *distingue*, pelo realce brillantissimo dado ao apprezzavel recinto pelas senhoras combricenses, que concorram ali em grande numero para ouvirem a recitação dos versos esplendidos e a execução dos bellos trechos musicaes expendidos n'aquella noite de gratissimas recordações.

Escusamos de elogiar as pessoas que tomaram parte no sarau; basta a simples indicacão dos seus nomes para supprir os maiores elogios.

### PARTE MUSICAL

Symphonia da Dinorah, pelo sr. Cardoso. La sirène, para flauta e piano, pelos srs. Augusto Paes e Alfredo de Castro.

Souvenir de Andalouzie, para piano, Gottschalk, pelo sr. José Julio Forbes.

Souvenir du Faust, flauta e piano, pelos srs. Augusto Paes, e A. Castro.

Le lac de Niedermeyer, pour voix de basse e piano, pelos srs. José Taborda e A. Castro.

Sanctissima Virgine, para tenor e piano, pelos srs. A. Rego e A. Castro.

Marcha arabe, por Prudent, para piano, pelo sr. J. J. Sequeira.

Concerto de guitarras, pelos srs. José Julio e Fogaca.

### PARTE LITTERARIA

*Progresso*, pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Amelia Janay.

*Delmirita, Jesus te valha, e No album d'uma senhora*, pelo sr. Luiz Osorio.

*A Roberto Woodhouse*, pelo sr. Alfredo Paço.

*A Caridade*, pelo sr. Costa Macedo.

*Quadras a M.*, pelo sr. E. Araujo.

*Quadras á visinha, e Idyllio rustico*, pelo sr. A. Feijó.

*A morte d'um pintasilgo, Je vous aime, e Paqueta*, pelo sr. A. Flor.

*A mosca*, de F. Caldeira, pelo sr. Ferreira da Silva.

O actual conselho do Club Academico, saindo da rotina e procurando elevar aquella casa á sua verdadeira altura, é digno de todo o louvor.

E que n'estas nossas palavras não se veja predilecção politica pelo partido representado pela direcção do Club. Feliz ou infelizmente, temos andado sempre afastados das luctas politicas da academia, e n'esta abstenção desejamos continuar.

*O Seculo*, *a Folha do Povo* e *a Democracia* têm louvado a attitudé dos estudantes de Coimbra relativamente ao centenario de Pombal.

E' bem que a academia se rehabilite perante aquelles que a têm julgado severamente, e que não lhe poupam elogios quando vêem que os merece.

A occasião é propicia; não a deve perder. Cumpra-lhe aproveitá-la, mostrando que sabe reagir forte e dignamente contra o clementical que pretende reasumir a sua extincta preponderancia.

Para que as festas não tenham um character ephemero, aconselhavamos á commissão que dirigisse principalmente os seus esforços para a creação do *Instituto* de ensino livre.

Tudo o mais passa, e dentro de breves dias extingue-se a recordação do que se fez. O *Instituto*, porém, permanecerá, attestando no futuro a utilidade e a elevação dos esforços dos estudantes portuguezes.

E' por esta instituição que teremos de ser julgados; é portanto para ella que devem, sobretudo, dirigir-se o nosso trabalho e os nossos recursos.

Recebeu-se no governo civil d'esta cidade participacão official, dando conta de que foi attendido o pedido da commutação da pena



de morte ao primeiro condemnado, que a comissão representante da academia nas festas de Calderon formulou ao rei de Hespanha.

Os hossos sinceros parabens aos sympathicos commissionados que com tanta distincção se houveram. A suppressão radical da pena de morte constitue hoje uma aspiração das almas generosas e é sustentada pelos mais auctorizados criminalistas.

A comissão era composta dos srs. Eduardo d'Abreu, Domingos Ramos, João Arroyo e Nabaes Caldeira.

Ontem, pelas 6 horas da tarde houve um grave conflicto entre a academia e a policia, de que resultaram alguns ferimentos.

Foram presos alguns estudantes. O sr. commissario de policia soltou-os pouco depois.

A policia, em Coimbra, tem sido sempre a causa d'estes lastimaveis acontecimentos. Promettem-se e já se deram, em parte, satisfações á academia.

Os policias que fizeram os ferimentos estão presos.

Mas o que é certo é que ha males que não se podem reparar, e estes são d'esse numero.

Dão-se todas satisfações mas os estudantes vão ficando com os ferimentos.

O unico remedio que tinha este mal era a completa extincção do corpo de policia.

Antes da sua existencia não succediam tão frequentes vezes casos como acabamos de narrar. Além d'isto as represalias são sempre terriveis, e não é facil contel-as nos casos como este.

A pressa com que escrevemos impede-nos de fazer todas as considerações acerca d'este facto. Voltaremos, porém, a occupar-nos do assumpto.

Retirou para Tavira o nosso bom amigo e assignante da *Evolução* o cidadão Joaquim Peres.

Uma pertinaz doença o obrigou a deixar este anno os estudos universitarios que cursava.

Oxalá que encontre na terra que lhe foi berço e junto dos carinhos de sua familia a saude vigorosa e robusta de que tanto carecia. Um cordeal aperto de mão lhe envia um amigo dedicado.

Chegou o vapor *Julio Vilhena* destinado desde o seu começo á missão civilisadora do Rio Zaire.

Auctorizados pelo que se dizia na imprensa affirmámos que aquelle navio do estado iria ter na estação naval d'Angola o mesmo destino de outros navios que alli têm acabado e que não têm sido substituidos por outros melhores; chegámos até a pensar que irá concorrer para a obstrucção do porto de Loanda; porque, como alli se diz, uma das causas que para isso concorre, é a longa estadia dos navios destinados á estação—d'Angola, n'aquelle porto; pois que os chefes da estação alli encontram maior numero de commodidades e por isso mais tempo alli demoram, entulhando o porto com ossos de galinhas, ou se alguma vez sahem aproam ao sul e lá seguem caminho de Mossamedes onde encontram todas as commodidades europeas.

Devemos salvar honrosas excepções, mas é certo que a maior parte da nossa officialidade de marinha estremece quando tem que ir ao Zaire, a S. Thomé ou a Ajuda.

São todos muito patriotas, desejam o desenvolvimento das nossas colonias, o augmento da nossa armada mas isto no gabinete do ministro, na arcada do arsenal, ou em pingues commissões.

Diz-nos o *Diario de Noticias* do dia 8 que o *Julio de Vilhena* irá para o Zaire, destino que sempre teve. Folgamos por isso e com todo o gosto damos esta boa noticia aos nossos leitores; lastimando ao mesmo tempo que o governo esteja á espera da contribuição nacional para o fundo africano das missões civilisadoras, quando ainda ha dias esbanjava 1000 contos de reis em paradas e festas de que nenhum resultado ha de provir para o paiz.

Recebemos: O n.º 6 da segunda serie do *Instituto*, revista scientifica e litteraria, Coimbra. Summario:

Visconde de S. Jeronymo, por F. de C. F.;

Discurso funebre por J. Marcelino Arroyo, Estudos financeiros, por M. Baptista da Silva; Catalogo das Plantas medicinaes que habitam no continente portuguez, por A. Frederico Moller; Je vous aime (poesia), por A. Horta e o Boletim Bibliographico, por A. F. de Castilho.

O *Jornal de Horticultura practica*, n.º 2 do volume XIII correspondente a fevereiro, Porto. Summario:—Algumas palavras sobre as Ervilhas, por Duarte de Oliveira Junior (uma gravura); A cultura da Ramie em França, por M. de Freitas; Supportes de metal para plantas (duas gravuras) por M. P. de Sousa Freire; A proposito da cultura das plantas que dão a quina, por J. A. Henriques; Picea Morinda (uma gravura), por A. F. Moller; Methodo de enxertar garfo, por M. de Lemos Azevedo; Instrucção technica e rural, por A. de la Roque; Algumas palavras sobre a horticultura Japoneza (tres gravuras, Pinus Densiflora), por E. A. Carrière; Varias Noticias, por Silva Rosa Junior e Chronica hortico-agricola por D. Joaquim de C. A. Mello e Faro.

A *Coimbra Medica* (revista quinzenal, de Medicina e Cirurgia,) Coimbra. Summario: Portugal e os Congressos Medicos, Augusto Rocha; Hygiene Publica—A variola em Coimbra (continuado) J. Nazareth; Clinica Cirurgica, A. A. Cortezão; Variedades—A Meca da Syphilis, Augusto Rocha. A tizana de Zittmann em Faro, Manuel Aguedo; Revista de Jornaes, Hospitais da Universidade de Coimbra—Eugenio A. N. Elizeu; Obituario em Coimbra nos mezes de outubro, novembro e dezembro de 1884; Miscellanea.

O *Contemporaneo*, n.ºs 106 e 107. Traz os retratos dos srs. Fialho d'Almeida e Eduardo Garrido com as respectivas biographias, por Fortunato da Fonseca e M. Pina. Inere alguns artigos e poesias de muito merecimento. Administração, rua do Arco da Graça, 30, J. d'Almeida Pinto, Lisboa.

A *Encyclopedica Republicana*, Revista de Sciencia e litteratura ao alcance de todos. Cada folha de 8 paginas, 20 reis. Publica-se uma vez por semana. Recebem-se assignaturas em varias livrarias de Lisboa, uma das quaes é a livraria Ferreira, rua do Ouro, 132-134. Magnifica e utilissima publicação, tratando de varias questões com toda a proficiencia. Não amontoaremos elogios á nova publicação porque para se recomendar, basta vermos os nomes dos seus collaboradores.

As 48 paginas que recebemos vem magnificamente impressas em muito bom papel e trazem artigos de Silva Lisboa, Theophilo Braga, Teixeira Bastos, Reis Damaso, Feio Terenas, Xavier de Paiva, Angelina Vidal, Ernesto Pires, Martins Contreiras, Fernando Leal e Annes Raganha, do qual temos a satisfação de publicar n'este numero uma excellente poesia.

A *Galeria Republicana*. Estão publicados dois numeros. O 1.º contém o retrato de Gomes Leal e o perfil biographico d'este distincto poeta feito por G. Benevides, além de outros artigos e poesias assignados por Gomes Leal, Jacintho Nunes, Anselmo Xavier, Costa Godolphim e Silvio. O 2.º apresenta o retrato de José Felix Henriques Nogueira, biographia por Theophilo Braga, duas poesias de Rekkaredo e uma de Xavier de Paiva, artigos de Teixeira Bastos e Silvio e notas democraticas, por A. F.

Esta publicação extremamente interessante, é muito bem impressa em papel pergaminho. Recommendamola. Toda a correspondencia deve ser dirigida a João José Baptista, Kiosque do Rocio (lado norte) Lisboa. O preço d'assignatura é: Lisboa 6 numeros, 240; para fora 12 numeros, 300 reis, pagamento adiantado sem o que não se satisfaz pedido algum. Avulso 50 reis e 15 dias depois da publicação 100 reis.

Devemos á obsequiosidade d'um amigo dedicado algumas notas de que nos servimos nas considerações que hoje encetamos sob a epigraphie—*instrucção*.

#### Noticias d'Odemira

Recebemos do nosso estimavel correspondente d'Odemira, a engraçadissima carta que transcrevemos, e resume ella os acontecimentos mais palpitantes alli succedidos, e que os srs. odemirenses poderão comprehender perfectamente.

Novidades muitas, vagar pouco, «Evolução» errada. (este. Divino mestre, recebia insultos, aquelle, padre, insulta) assim é que é.

Impressionou correspondencia, muita gente chorou. Padre, menos febre, fez crise doença, ha esperanças salva-o. Temos cá um Rodrigues, feroz! Não se sabe classificar, escrevem-se sociedade Geographia Lisboa. Esperamos resposta.

Chegou chefe-fiscal inquirir pandegas dos fiscos; queriam homem com arroz!! Caçaram aquelle em S. Theotónio, este aqui. Indigestão grande, mal fiscos. Obras caes com dinheiro, bem; estrada ajuda, melhor. Governo é nosso amigo.

Pelicia faz festas Zé. Tem «Liberdade» falle. Adeus. A' ultima hora. Vem homem Lisboa ver bieho. Enthusiasmo de bombo e pratos. Contarei correio. Odemira, fevereiro de 1882.

(Do nosso correspondente)

#### Alcobaça, de Fevereiro de 1882

Pela primeira vez que tenho a honra de escrever para o seu jornal, cumpre-me chamar a attenção da imprensa para um facto que caracteriza de um modo claro a ignorancia e má fé dos homens que em geral costumam ser chamados a exercer as funções de vereadores municipaes.

E já sabido que entre nós se não cura dos verdadeiros interesses do paiz, que são lançados á margem para em seu logar florescerem os interesses de politicas mesquinhas e de politicos sem consciencia e sem pundonor.

Não é só nas altas regiões officiaes que os bandarilheiros se ostentam impunemente; graças ás bellissimas instituições que nos regem, tambem as provincias são o theatro das mais torpes especulações, e onde os interesses do povo são despresados, para sómente se cuidar dos interesses pessoais.

Ordinariamente as nossas camaras são um aggregado de individuos analfabetos a quem a politica d'aldeia sentou nas cadeiras de vereadores, e á frente dos quaes se apresenta cheio de orgulho balofo, um figurão que se intula o *chefe do partido*, que reúne ao cargo de vereador o de substituto do administrador do concelho, e que com o cerebro cheio de ócas pertencções, dirige os negocios do municipio como qualquer indio do Brazil dirigiria um ministerio de botucudos. Estes sujeitos têm muitas vezes a petulancia de sonhar com uma cadeira em S. Bento por já lhes parecer acanhada a de presidentes da camara que aviltam, e basofiam por toda a parte com as suas intimas relações com os ministros que os sentam á sua mesa e a quem concedem todos os favores que uns cerebros desmiolados podem imaginar.

Eu conheço um n'estas circumstancias; um verdadeiro palhaço que falla com os braços, com as pernas, com a cabeça, com todo o corpo emfim, pondo em risco os respeitaveis narizes dos circumstantes, mas que (mirabile dictu!) não é capaz, de exprimir uma só ideia!

Ahi está a quem geralmente são entregues os negocios mais importantes de um concelho.

Ahi está porque em Alcobaça se despreza tudo quanto é nobre, tudo quanto poderia impulsional-a para o verdadeiro caminho do progresso material e intellectual.

O facto a que me refiro no principio d'esta correspondencia é o seguinte:—Já decorreram mais de tres annos que falleceu em Lisboa o dr. Brillhante, deixando um capital consideravel na companhia de seguros Aigle, para ser convertido em titulos da divida consolidada, cujo rendimento seria applicado para a instrucção superior de alguns rapazes do concelho.

A camara d'Alcobaça, segundo as disposições testamentarias do dr. Brillhante, ficaria administradora d'esses fundos. Até hoje porém, a camara, que tem tido tempo para tractar de eleições e de outras banalidades, não se dignou dar um só passo para receber esses fundos que representam um consideravel melhoramento para esta terra, respondendo a quem a censura por este indigno procedimento, que *nenhum interesse tira* com a administração d'esse capital. O que entenderão os illustres camaristas por interesses da camara? Serão os interesses municipaes ou pessoais?

Entenderão por interesses da camara os abusos praticados vergonhosamente nas obras da Piedade, uma penitenciaria em miniatura?

Entenderão por interesses da camara, abafarem a syndicancia que se promovia aos documentos e actos da mesma e em que se

diziam altamente comprometidos varios individuos que andaram supplicando para que tal syndicancia fosse abafada, como de facto foi, mas escandalosamente?

Entenderão ainda por interesses da camara o monopolio dos açougues nas mãos de parentes que vendem ao publico carnes doentes e magras?

Poderiamos citar outros muitos factos *interessantes* para a camara d'Alcobaça, mas reservamos-os para outras correspondencias, visto ser preciso verberar energicamente os abusos excessivos que diariamente se praticam n'esta terra.

Temos a accrescentar que nos consta que a companhia de seguro de vidas onde se acham ainda os fundos legados pelo dr. Brillhante á camara d'Alcobaça, escrevera ha pouco tempo a esta, censurando-a por não ter promovido a recepção d'esses fundos.

O que fez a camara depois d'isto? Nada. É necessario que um *motivo poderoso* tenha influido no animo dos srs. camaristas para assim procederem.

Nós, porém, que não temos *motivos poderosos* para nos calarmos, accusaremos a camara d'Alcobaça em quanto ella praticar actos menos dignos, e não entrar no verdadeiro caminho que a deve conduzir ao merecimento do respeito publico.

(Do nosso correspondente)

#### Noticias de Santarem

Amigo.

Enceto a prometida correspondencia, narrando-lhe um facto que teve logar n'um dos ultimos dias, e a que julgo dever dar-se publicidade, para satisfação dos clericos, em quem estas noticias produzem uma notavel irritabilidade nervosa—Eis o facto.:

Manuel Theodosio e Carolina Pereira, residentes na freguezia da Povoia d'este concelho, quizeram constituir-se em familia segundo o Rito da igreja catholica o que lhes foi negado, por que sendo pobres e miseraveis, não tiveram a quantia de 18\$000 reis para effectuar essa união. Permanecendo na ideia de o fazerem legalmente serviram-se das disposições contidas nos artigos 1072.º e 1075 do Codigo Civil, verificando-se na administração d'este concelho no dia 31 de janeiro ultimo, o contracto civil de casamento, sendo testemunhas Paulo Freire Gameiro, empregado publico e residente em Santarem e Domingos Xavier Madeira, logista e residente na Povoia, freguezia d'este concelho, assignando a rogo dos conjuges Cesar Augusto de Valladaes e Alfredo Candido Cordeiro, empregados publicos e moradores em Santarem.

Na mesma occasião foi-lhes entregue o producto d'uma subscrição, que tinha por fim o minorar-lhes as suas circumstancias, na importancia de 11\$000 reis que segundo consta, empregaram na compra d'alguns objectos de serviço domestico e de utensilios agricolas. Foi uma acção bastante louvavel que praticou o nosso amigo Paulo Freire Gameiro, pondo em execução tão sublime ideia.

É tambem digna de todo o louvor a amabilidade e cortezia com que foram tractados pelo digno administrador o ex.º sr. dr. Antonio Pessoa d'Amorim.

Tambem nos consta serem mais tres os camentos que em breve se realisarão pela forma da lei civil.

*Os padrecas que tenham paciencia, porque só elles são os culpados.*

Partiram para o Alemtejo em viagem de recreio os ex.ºs srs. Joaquim da Costa Malleito e João Victorino de Carvalho; que suas ex.ºs se divertam é o que nós apeteçemos.

Na assembleia geral do Monte-Pio que teve logar no dia 29 de janeiro ultimo, houve larga discussão de que fallaremos com mais vagar.

O tempo para a agricultura vae um tanto aspero, por falta de chuvas.

Acha-se arborizado o sitio de Traz do Tejo, o que é um melhoramento para esta povoação, attendendo a que além de embellezar aquelle local, deve mais tarde ser um passeio muito regular, pelo que felicitamos a camara e particularmente o vereador o sr. Adrião da Costa Malleito.

Basta por hoje, mas até breve.

Lagease.





# A EVOLUÇÃO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

A. Comte, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 208.

## SEMANARIO REPUBLICANO

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 13

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ... 300 reis.

COIMBRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

### DESEQUILIBRIO POLITICO

Serão as instituições monarchicas compatíveis com o grau de cultura que hoje existe em Portugal?

Antes de procurarmos responder a esta questão, precisamos e desfazer uma objecção baseada no atrazo mental do povo portuguez.

Os defensores da monarchia, annullados quando a questão versa sobre principios, recorrem quasi sempre como argumento decisivo e triumphante ao seguinte: A republica é o governo dos povos illustrados, o nosso povo é profundamente ignorante, logo a republica não nos convém.

Não desconhecemos quanto uma boa parte do nosso povo se acha distante do nivel geral de cultura.

Ha entre nós perto de tres milhões de analfabetos; as populações ruraes jazem n'um profundo estado de atrazo, que o nosso regimen centralista se dispõe a proteger, e os direitos politicos são exercidos inconscientemente e a sabôr de influencias externas.

E' verdade isto e muito mais; mas perguntamos: este estado de atrazo em que vós, senhores monarchicos, tendes consciante ou inconscientemente trabalhado por manter o povo, será realmente um motivo para que se não procure pela republica um estado de cousas mais satisfatorio?

Nós encontramos n'este argumento a condemnação de toda a vossa obra, a confissão cathogorica da vossa impotencia.

Até hoje tendes empunhado as redeas da governação, todos os elementos vitaes do paiz tem aguardado a vossa direcção, seguindo o vosso impulso.

Quantos erros, quantas miserias, quantas actividades pervertidas, quantas capacidades annulladas!

Portanto o estado de cultura, baixo, deploravel que levanamente apresentais, longe de vos servir, compromette-vos — é a vossa obra.

Por ventura a causa da instrucção popular perderia com o estabelecimento da republica? Não, evidentemente; ninguem se atreverá a affirmar-o.

Para que allegar, pois, o atrazo mental contra uma instituição que mais que nenhuma se propõe allivial-o?

Demais, sejamos positivos, em todos os paizes, ainda mesmo n'aquelles onde a instrucção é mais largamente proporcionada, existem milhares de eleitores, cujo papel se cifra em secundar a acção da classe verdadeiramente directora, da classe a que pela sua illustração se achá confiada a iniciativa politica.

Demonstrado, pois, que chega a ser

contraproducente o argumento fundado na ignorancia das massas e que para resolvermos o problema acima posto devemos attende exclusivamente á parte mais illustrado do paiz, vejamos se o seu nivel intellectual, que representa o estado mental da nação, corresponde ao estado politico, á monarchia.

Quando tivermos constatado a falta de correspondencia n'estas duas ordens de factos e chegado pela aproximação dos progressos realizados na ordem scientifica, litteraria, economica, com a marcha dos progressos politicos, á conclusão que a monarchia é um anachronismo, teremos demonstrado a insania dos seus propugnadores, o empenho baldado dos que pretendem arcar com a corrente fatal da evolução.

Existe uma estreita solidariedade entre as diversas ordens de phenomenos, por que se revella a vitalidade de um povo; e, se por qualquer influencia perturbadora alguma d'ellas é retardada, mais violenta é a volta ao equilibrio.

E' o que se tem dado com todas as revoluções politicas que se apresentam com caracter de permanencia e não são tentativas de algum caudillo audacioso.

O abalo social, tempestuoso, violento, ao mesmo tempo sublime e horrendo de 1789 não é mais do que o restabelecimento do equilibrio dos phenomenos da ordem politica, que não tinham seguido a evolução economica, scientifica, etc.

Ao passo que na politica campeava a a velha formula cesarista *'Etat c'est moi'*; na esphera puramente especulativa Didrot, d'Alembert, Voltaire, Helvetius e d'Holbach, uma *troupe* luminosa de revolucionarios, dominavam os espiritos.

Na Economia politica havia os trabalhos de Quesnay, Adam Smith, Turgot e Say, e o movimento scientifico era dirigido por sabios eminentes como Lavoisier na Chimica, Franklin e Volta na Phisica, e Linneu e Buffon na Historia natural.

A emancipação politica de França foi a resultante luminosa das novas noções introduzidas em todos os ramos de conhecimentos humanos.

E como o seu desenvolvimento se achava comprimido pela acção absorvente e egoista da dynastia dos Capetos, o seu raiar foi tumultuoso e violento.

Ora nós entendemos que a formula monarchica não corresponde aos progressos alcançados em todos os outros ramos de actividade.

Approximando de um lado o estado da evolução politica de hoje com a evolução de antes de 1789, e do outro os progressos realizados fóra d'este campo até nossos dias, com os correspondentes áquella data, chegamos á conclusão de

que a transformação das instituições politicas d'aquelle tempo não era mais necessario do que a transformação de nossos di as.

Era grande o desequilibrio de então, mas que enorme o de hoje!

Apesar de fóra da politica se ter operado uma renovação quasi radical, o actual regimen politico não é nada superior á constituição da grande assembleia legislativa.

Que progresso em todas as ordens da actividade! Na Economia politica que caminho andado desde Quesnay a Karl-Marx, Bastiat, Proudhon e Carey. Na ordem, material um assombroso desenvolvimento de todos os meios de communicação, um pasmoso alargamento de commodidades, os caminhos de ferro, os vapores, as machinas, substituindo o rabalho braçal, innumeras necessidades facticias amplamente satisfeitas!

Na historia natural, os ousados trabalhos de Darwins Haeckel, forcejando dia a dia por attingir o verdadeiro estado de positividade á custa dos dados que a paleontologia e a archeologia laboriosamente vão accumulando. No campo contrario temos os importantes trabalhos de Quaterfages, Wurchow, etc.

Na Chimica e na Phisica, os equivalentes substituidos pela theoria atomica, e estabelecida a unidade das forças phisicas.

No campo sociologico propriamente dito, a ficção do Contracto social substituida pelos trabalhos positivos e renovadores de Comte, Spencer, Letourneau etc.

A solidariedade humana lucidamente definida e traduzida na palavra grandiosa — Humanidade.

A liberdade e igualdade despidas das neblinas da metaphisica e tomando o caracter de verdadeiros conceitos positivos, baseados nos dados da biologia: a liberdade deixando de ser arbitrio, para se transformar n'uma condição impreterivel de progresso e ordem: a igualdade deduzida da consideração fecunda que a sociedade é um organismo e para a sua vida e desenvolvimento é igualmente indispensavel o exercicio de todas as funcções.

A fraternidade fundada na solidariedade.

Todas as origens sociaes, a da propriedade, da familia, da religião, da linguagem deduzidas da anthropologia, da archeologia, da linguistica, da etnographia e etnologia e de todas as sciencias comparadas a que cada um dos phenomenos sociaes tem dado objecto.

Em tudo isto, que thesouros de descobertas e de pontos de vista desconhecidos do seculo XVIII!

Ora é d'esta falta de parallelismo, rapidamente esboçada, que encontramos

entre o desenvolvimento de principio politico e o de todos os outros ramos da actividade, que nós chegamos á determinação da necessidade urgente d'uma transformação politica, que seja a synthese e resultante de todo o movimento extra-politico, sob pena de um dia termos de soffrer os effeitos d'uma crise violenta, d'uma equilibração brusca.

### As nossas Colonias

Lemos no *Diario de Noticias* o seguinte: Lourenço Marques e o Transwaal

«Consta por carta de Africa Oriental que a Inglaterra accetára a sujeição ou tomará posse do territorio do Mossuete, entre o nosso dominio de Lourenço Marques e o Transwaal. Esta noticia é grave.»

Não admiramos nem para nós é surpresa este procedimento da Inglaterra para com nosco; lastimamos porém que o *Correio da Noite*, órgão do partido poogresista, mencione este facto tão friamente e até certo ponto queira arrogar censura ao partido regenerador; era melhor deixar cair a mascara e dizer com toda a franqueza: — o partido regenerador com o tractado de Lourenço Marques vendeu, ou, como melhor lhe queiram chamar, as nossas colonias d'Africa oriental, e nós, o partido progressista, sancionámos essa venda, reconhecendo o mal que d'ella provinha; mas como desejavamos conservar-nos no poder e a approvação do tractado era imposta por um alto personagem, submettemo-nos.

Esta é a verdade, e o partido progressista em tal assumpto nada deve dizer, porque o seu procedimento lhe tirou toda a auctoridade.

Bem diz o nosso povo: —tão bons são uns como outros.

O partido progressista, quando opposição gritava contra o tratado de Lourenço Marques; chegado ao poder fal-o approvar pela camara dos deputados, e fal-o-hia approvar pela camara dos pares, se para isso tivér a tempo.

O partido regenerador, quando opposição, grita, esfalla-se a demonstrar que o caminho de ferro de Torres era uma *tratada*, um escandalo; servia apenas para remunerar com pingues gratificações alguns trunfos do partido progressista.

Eit-os no poder—uma das coisas que primeiro é apresentada para em breve ser approvada é o caminho ferro de Torres em condições talvez mais onerosas; em vista d'isto não sabemos o que dizer nem o que pensar.

Eles lá se entendem, são todos muito bons sujeitos, approvam hoje o que hontem rejeitaram, e parece-nos, em breve jogarão os dados para verem quem poderá alcançar o resto d'esta esfarrapada tunica que elles á porfia hão de a-abar, se o nosso povo não despertar, e se não resolver acabar com aquella mascarada de S. Bento, que actualmente não é outra coisa a chamada representação nacional.

«A proposito: porque não veiu ainda o ministro inglez, cuja chegada proxima o *Diario de Noticias* anda annunciando ha mezes? porque saiu de Vigo a esquadra inglesa sem vir fazer-nos a sua habitual visita?»

—A estas interrogações do mesmo órgão do partido progressista, a que já nos referimos, respondemos:



Não veio o ministro inglez porque a Inglaterra que conhece os nossas estadistas, os que lhe venderam Lourenço Marques, e sabe como elles a temem, e bem aprecia a importancia que certo individuo tem em resoluções de tal ordem, quer fazer-nos vencer de ella não continuará a dispensar-nos os seus bons officios, que nos tem custado Bombaim, e com ella a nossa India toda, Tanager, e quasi nos iam levando a Africa oriental.

As consequencias da bella alliança ingleza têm-se manifestado nas mais pequenas coisas.

Não veio a esquadra ingleza ao Tejo?!  
Chore o povo, chore o senado, deite-se lucto nacional; já os navios inglezes não sulcam as nossas aguas!

Se os partidos de qualquer cor em vez de pensarem n'estas puerilidades, tractassem de fazer, que tivéssemos armada, navios que mostrassem, como n'outras eras a nossa gloriosa bandeira em todas as nossas colonias onde a custo se vê de seis em seis mezes, melhor fora.

Não veio a esquadra ingleza ao Tejo e o Tejo chorou; alguém teve o costumado ataque de diabetes, as inscripções baixaram etc.

E de mais!  
A Inglaterra vae estabelecer uma barreira entre as nossas colonias da Africa oriental e o Transwaal, consequencia de uma das condições do tractado de Lourenço Marques, que por nós ainda não foi aceite, e contra isto não se levanta um membro qualquer do parlamento! porque para o celebre tractado todos cooperaram, hoara lhes seja mas... se a esquadra ingleza não vem ao Tejo!...

Os nossos amigos inglezes fizeram agora na Africa oriental o mesmo que já em tempo pertenceram fazer em Cabinda. Chegaram alli dous navios de guerra inglezes; o commodoro foi a terra e a troca de alguma fazenda, algumas caixas de genebra conseguiu induzir o mambuco Ronda que então dominava no litoral a prometter-lhe a venda d'aquelle paiz, que elles sabiam ser nosso; estas machinações chegaram aos ouvidos do Barão de Cabinda (Manuel Puna) e do coronel honorario Francisco Franque, que marcharam logo para o Chinga, na bahia de Cabinda, e alli chegaram a tempo de poderem obstar a que o mambuco assignasse um titulo de venda que o commodoro trazia já consigo. O commodoro gritou, ameaçou; Manuel Puna fez-lhes ver que o mambuco não podia vender o que lhe não pertencia; isto que fez um pequeno regulo d'Africa, não o pôde fazer o nosso governo!

Servem-se de assumptos tão importantes apenas como armas politicas para no parlamento ostentarem os seus dotes oratorios, embora sacrificando o paiz. E de lhes dizer *res, non verba*.

No proximo numero faremos algumas considerações sobre algumas coisas que um sobrinho do sr. Fontes escreveu em um comunicado para o *Diario de Noticias*, acerca da porção de territorio a que nós temos direito na Africa occidental.

Já estava composto este artigo quando recebemos noticia de que o illustre deputado Augusto de Castilho fallou sobre este assumpto no parlamento.

Honra lhe seja.  
Devemos tambem dizer que o sr. Fontes chamou a pergunta do illustre deputado, ex-governador de Lourenço Marques, *uma surpresa*.

São assim os nossos estadistas, quando alguém lhes aponta as suas faltas o seu deslexo em coisas de tanta monta respondem:

Não estamos prevenidos, é uma surpresa!

**Lisboa que passa**

II

Exposição de quadros modernos na *Sociedade de Geographia*, aberta ha um mez por iniciativa d'um grupo de valerosos artistas, e catalogada artisticamente por Alberto de Oliveira, um intelligente rapaz Sessenta ou setenta pequenos quadros de paisagem, em que profusamente, esses pinceis luminosos espargiram talento, alegria e frescura.

Além de Silva Porto, já cumprimentado pela proza de toda a critica portugueza, boa e má, erudita e ignorante, sincera e pedantesca, figuram brilhantemente n'este certa-

men da cor, os artistas Ramalho e Malhó, e depois d'estes, outros rapazes de merito, capazes de progressão, e em marcha para um futuro orvalhado dos mais offegantes triumphos—J. Pinto, Vaz, Christino, Girão etc.

Ramalho é discipulo de Silva Porto; Malhó estudou primeiro com Annuniação, e com Silva Porto depois. Ambos paisagistas de talento, sem outros estímulos que uma grande vontade ao trabalho e trez ou quatro paisagens do mestre. Ha tres annos não faziam coisa digna de menção. Hoje deixam vibrar já nas suas telas uma pouca de personalidade, muitissimo vigor, e grande observação da natureza.

A luz de Ramalho é alegre, hilariante e triumphal—os seus quadros riem de frescura incomparavel, n'uma pitoresca confusão. Nada mais penetrante, mais inquieto, mais vivo, que as suas arvores com as suas folhagens e relvas, onde ha transparencias, hymnos e doces scenas intimas, em que a paixão dos vegetaes torvelinha em abraços e beijos, efflorescencias e noivados, fecundações e sazonzamentos. Quantos cambiantes se entrevêem na luz solar decomposta, quantas scintillações e quantas volatas entoam os campos da Peninsula, na quadra primaveral, tudo n'essas pequenas telas está fixado e surpreendido com doida alegria e selvagem graça.

Ramalho é um rapaz de poucas fallas, fortemente enformado, olho penetrante, bom sorriso, um ar de bondade franca, nascida provavelmente da sua educação de provincia. A formidavel *pose* romantica, em que se deificavam os artistas de outro tempo, levando-as ás garridices do *toilette*, ás attitudes espantosas, aos desdens pelo resto do mundo, desapareceu felizmente da litteratura e da arte, o que nos permite, no curto tempo de que dispomos, estudar completamente, n'uma hora de cavaco intimo, qualquer homem de letras, qualquer critico, qualquer romancista, qualquer escultor ou pintor. Todo este mundo de illuminados se humanisa e se simplifica, n'uma candidez, n'uma probidade, n'uma quasi rudeza, natural e sincera. Podemos já hoje sorrir como de papões artificiosos—dos coletes escaletes de Th. Gautier, dos cerimoniaes de apresentação que Musset exigia aos adorados que solicitavam um *shake-hands* dos seus, da bengala de Balsac, ornada d'um castão de turquezas, e dos esmeros peravilhos, effeminados e postiços, do brilhante Almeida Garrett. Actualmente são os escriptores d'um tão facil acesso, que deixou de ser premio grande de loteria, o seu convívio, e esta evidencia quotidiana, longe de os apertar do respeito publico, bem ao contrario, reabilita o merito verdadeiro e sanciona o legitimo talento—sómente os balofos, são prejudicados, em tão permanente exposição.

Monteiro Ramalho, é um artista com quem sympathizo extraordinariamente. A sua mocidade rebilha nas suas obras, toca d'um casto mimo os seus grupos de arvores, as suas aguas e as suas flores—rejuvenesce e retempera, a natureza que se olha, atravez do seu pincel colorista e quente.

Na exposição da Sociedade de Geographia, tem este artista duas telas deliciosas—o pomar de Antelmo, e um capincho qualquer do Alentejo. O pomar sobretudo, meu Deus! A simplicidade do assumpto, deixa resaltar a exuberancia, a franqueza e o primor da execução.

O chão é uma relva interrompida aqui e além, por valetas por onde se faz a rega das arvores.

No primeiro plano, o caseiro está cavando, e o olhar do espectador vai correndo doidamente, infantilmente, em delicias serenas e ebriedades bucolicas por sob o laranjal picado pelos fructos de ouro, e sob olaias vestidas das suas dalmaticas cor de roza. Illusão completa de perspectiva e sabia distribuição de luz!

No céu azul, com profundas transparencias de fluidez musical, esgarçam-se nuvensinhas brancas, pedaços de plumagem de cygne, que as auras d'uma tarde lucida e clara, rodopiam por uma forma caprichosa. Este quadro diz mais, no seu palmo e meio de comprido e nos seus vinte metros de horizonte, que a *Primavera* do senhor cardeal-patriarcha Castilho, e as trovas do Beranger—Palmeirim—ambos já fallecidos.

Annuniação, o grande animalista, era um doente—e a doença fazia derivar a bondade candida e meiga do seu pincel, n'uma tristeza planturosa e invencivel. Nos olhos dos seus novilhos e dos seus cordeiros, retratou elle a profundeza constellada, contemplativa e vaga, dos seus olhos de pintor. E esta expressão dá um encanto penetrante a essas figuras resignadas de pupilla que por serem intelligentes sentem, e não podendo pela linguagem contar as suas emoções, as vão referindo pelas reverberações do olhar. Malhó, herdou os animaes de Annuniação, deitando-os a pastar nas paisagens de Silva Porto. Eis quasi o que se pensa deante do seu grande quadro—a *Seara invadida*, que figurou já na exposição de Madrid. No primeiro plano um grupo de novilhos pasce em milhos tenros. O chão está semeado de pequeninas flores e colmos pisados. A esquerda ha uma arvore já nos planos rebatidos do fundo, e para além a grande seara esfuma-se na sombra parda e fria, que cahe d'um céu toldado de pesadas nuvens. É soberbo o horizonte d'essa formosa tela. O campo, visto na sombra d'um aguaceiro eminente, tem uma amplidão sem limites, em que o milharal se condensa smorzando do verde ao pardo.

Acho os novilhos amarelados de mais, como se tivessem rojado na agua barrenta das regueiras, e sem o tom rozado da carne pouco vestida de pello.

A anatomia dos animaes é excellente, porém, feita com uma larga maneira, que me encantou.

Gosto tambem muitissimo do *Breijo*, onde ha um céu e um horizonte maravilhoso.

Pinto e Christino expõem quadrinhos de palmo, bom colorido, muito gosto. Girão tem um encantador quadro de gallinhas.

Em rezumo—esta exposição é um excelente primeiro capítulo para a historia da pintura moderna em Portugal.

VALENTIM DEMONIO.

**MORS-AMOR**

Eu que obedeco a um Deus, que rio dos acasos, e que sei respeitar as grandes leis fataes, que annunciam no berço as lousas sepulchraes, e predizem n'aurora as sombras dos occasos,—

eu sinto dentro em mim uma tristeza infinita da quando penso que tu, oh minha doce amada, hasde talvez em breve, exangue, inanimada, occultar sob a terra a tua face linda,

para que o roseo alvor dar tuas carnes frescas, se denigra e macule ás libações dos vermes, e que enfim, do teu corpo, os membros, nós, inermes prestem aos vegetaes orgias byronescas!...

Mas não. Tu não irás ser pasto das raizes, se, quando se apagar a luz dos olhos teus, inda poderem dar mil lagrimas os meus... oh! não, tu não irás ser pasto das raizes,

que eu quero possuir, religiosamente guardadas n'uma urna, em vaso precioso, as cinzas do teu corpo esplendido e forno-so...

Eu quero possuir teu corpo eternamente!

E se um dia a saudade, a nostalgia, a dor, me lacerar do peito as fibras doloridas, então hei de sorver-te as cinzas resequidas, para que me dê morte o que me deu Amor!

Coimbra

A. RODRIGUES BRAGA.

**O «AFINAL DE CONTAS» DE FR. JOÃO**

(O MEU PRIMEIRO CONTO)

Era um quarto pequeno de paredes alvas e nuas.

Uma janella rasgada dava livre entrada aos borbotões de luz que o inundavam; de lado, havia uma porta que deitava para um corredor interior. A mobilia era pobre e desigual—uma mesa de pinho, uma cadeira de braços, uma estante com uns livros latinos e velhos, e alguns de direito; dois bahús collocados em frente deixavam ao meio a porta.

Este aposento era o predilecto de fr. João. Escolhia-o para alli dormir as suas sempre amadas folgas, sentado na sua commoda cadeira, e ás vezes para não deixar crear bôlór os livros, ou passar boas horas desapercibidas, a pensar na vida passada e no futuro.

Lembrava-se com saudade dos bons tempos de noviço, da vida regalada de então, comparada com a monotonia e desalento de hoje. Engordara muito mais, estava obeso de formas e de intelligencia; não podia demorar-se em raciocinios, que o fatigavam sem os entender; habituára-se a uma vida material, achava-a superior a todos os encantos d'um espirito lucido e educado no trabalho.

Amava o cavaco baixo, preferia a loja onde a vida alheia era o thema forçado, se formavam ou desfaziam reputações, e a sua lingua sempre afiada não perdoava a menor falta a um mortal, que uma vez errou.

As trindades saia para saber das novidades do dia.

Hoje faltou-lhe o somno, um pensamento o perseguia; esforçava-se por fazel-o desaparecer, mas era estimul-o mais. Sentado, a cabeça encostada na mão direita, n'um dormitar lento, revolvia-se diante de si todo o seu passado com os sonhos dourados de mancebo e os desenganos d'uma realidade oppressora.

De repente sacudiu a cabeça, elevou os olhos ao tecto e, como que tomado d'uma resolução, preparava-se a escrever, e... escrevia:

«Vinte annos! quem me dera tel-os agora! Então, eram os sonhos sorridentes d'uma vida feliz; era um grande mundo que se abria a meus olhos e tinha a explorar; eram as ambições que enchiam todo o meu pensar; era o desejo d'um futuro repleto de attractivos e delicias, que se havia de tornar hoje n'um desengano que me faz descrer!»

Sim, eu queria os vinte annos, eu queria esse sonhar de creança que olhava para o futuro e esperava, e projectava um viver racional—para mim—e aos olhos dos outros honesto.

Estava no seminario então. A austeridade reinava desde o edificio até nossas barrigas; rezavamos muito e sabiamos pouco; a ignorancia era a companheira inseparavel de todos nós; as doutrinas do Evangelho não se sabiam comprehendêr, os exemplos ali inscriptos eram-nos desconhecidos.

Não se escolhiam vocações para um ministerio tão puro, tão santo como o sacerdocio; escolhiam-se rapazes, a quem a falta de meios não podia dar outra educação. Assim são os padres como... eu! Os nossos ideaes, filhos d'um espirito enfermo, d'uma educação ignorante, das nossas faculdades asphixiadas, são... materialidades apenas!...

Eu queria uma abbada rica, um paçal novo e commodo; uma ama guspa e acciada que adivinhasse todas as minhas vontades, todos os meus desejos; queria enfim uma vida satisfeita das necessidades do corpo.

O meu quarto havia de ser alegre, cheio de luz e aceio, mobilado com simplicidade e exhalando um bom cheiro a roupas lavadas.

Queria o maximo rigor na hora da comida, no meu vestuario, na minha missinha quotidiana, na minha vida exterior, emquanto a intima se entregasse ás expansões do homem que era.

Havia de ser um horticultor, e... um especulista até! Um sem numero de pretensões.....

Realisou-se um dia o meu ideal; tudo foi a principio, emquanto os meus instinctos n'uma lucta desesperada com a razão a não



foraram; mas, depois que a venceram, a desgraça perseguiu-me.

Occorrem-me os mais pequenos prome-  
nores do meu primeiro viver: ah! um dia,  
por exemplo, era eu só á minha modesta me-  
za; de pé a criada, moça anêmica e franzina,  
d'um aspecto alegre e sympathico, inter-  
rompia-me repetidas vezes com perguntas  
indiscretas; queria saber quaes as comidas  
mais appetecidas por mim, se gostava do  
jantar assim, ou se d'outra maneira; entre-  
tinha-me emfim aquella curiosidade com  
pretensões a agradar e a tentar. Eu respon-  
dia ás suas perguntas com desembaraço e  
d'uma das vezes disse «final de contas o  
jantar está bom, por consequencia continúa  
a fazê-lo assim». Como ella ria por este mo-  
do estranho de me exprimir! e eu fingindo  
zangar-me, pretendia conter o riso.

Enquanto a criada arrumava a cozinha,  
fumava eu o meu cigarro; depois sentava-  
me n'uma cadeira baixa, poisava a cabeça  
no seu collo, e, ao passar-me os seus delica-  
dos dedos por entre os meus cabellos, sentia  
que uns calafrios me percorriam todo o cor-  
po, como se recebesse um choque electrico;  
a sensibilidade, excitada a principio, amorte-  
cia a pouco e pouco e eu dormia porfim.....

A tarde, depois do sol posto, ia ao quin-  
tal ver as pequenas plantas que tanto attra-  
ham as minhas atenções; gostava de lançar  
a semente á terra, vel-a germinar, nascer  
e crescer depois a planta; amava-as como  
se fossem minhas filhas. Tinha-me sido pro-  
hibido o amor de pae mas não me foi o de  
cultor.

Passavam-se bem estes dias que ainda pre-  
fizera annos, mas desde que não tive a  
energia necessaria para conter-me, que as  
minhas vocações se manifestaram multiplas,  
perdi-me n'um abysmo insuperavel!

A igreja deixou de me despertar cuida-  
dos, a missa deixei de dizê-la muito dias,  
e o habito levou-me a esquecer-a até; o Bre-  
viario jazia desancado e incolume, e eu....  
entregava-me nos braços do profano, e quan-  
to tenho peccado e sido punido!...

Ergueram-se de todos os lados e soaram  
a meus ouvidos, como o retambar do tro-  
vão, as acres accusações do juizo publico;  
e eu, esmagado pelo desprezo, excommu-  
gado da igreja, era um cão vadio, sem  
arritmo e sem destino!

Não me davam treguas!! e... esse revol-  
ver d'um passado saudoso, e também de-  
gradante, desejá-o-hia mais ver jazer sob  
o peso enorme do esquecimento, para não  
me avivar o desejo de vingança e arreme-  
çar-me para onde os mãos tem o seu lugar...  
para o inferno!

Ha muito me desamparara a paz da consi-  
ciencia, primogenita das boas acções.

Sentia-me desalentado, perseguia-me não  
sei se o remorso, se Deus, se um homem!  
ah! faltava-me já a ousadia d'outra ora... ti-  
nha medo!...

Aqui, cabiu-lhe a penna da mão; a lucta  
de pensamentos tão discordantes e aterra-  
dores atingira a meta. Alguem o observava;  
no seu rosto lia-se o soffrimento pela sua  
contractura, e, extenuado, não podia continuar  
tão penoso trabalho. O seu organismo era  
por vezes atacado de contorsões violentas  
que o faziam estremecer.

Pobre homem! pensava o observador, tal-  
vez os remorsos te escruciem já; quão gran-  
de deve ser o teu padecer, se é verdadei-  
ro!

Foste cruel para com os pequenos e des-  
graçados, vingativo para os teus inimigos...  
hoje soffres o castigo dos teus males!

São esses que opprimiste que velam pela  
tua punição.

Deixavam-n'o. Fora ouvira-se um profun-  
do gemido, e a penna reassumia a ardua  
tarefa de obedecer como que a uma neces-  
sidade imperativa:

«Só, sem Religião, sem Fé, um apostata!  
Caminhava, não para a esperanza que con-  
duziria á Redempção, mas para a descrença  
que conduz ao sepulchro!

As longas vigílias, os tenazes jejuns, a  
mortificação do corpo, abateram-me a vida  
organica e moral.

O canção era grande, o somno atrazado.  
Uma noite dormi: de manhã ao acordar sen-  
ti-me outro, a imaginação no seu incessante  
trabalho, apresentava-me carreiras para a  
gloria e bom nome. Eu via-se perpassar in-  
diferente, até que uma se arreigou em meu  
espírito. Demais, era accommodada á minha

posição de sacerdote, a escolhida; poder-me-  
hã regenerar ainda, e era uma ambição que  
tinha.

Lembra-me ter lido que Jesus Christo  
reanimara os cadaveres, eu pretendia rehabi-  
litar os homens perante Deus e o mundo, e  
approximar-me assim dos seus exemplos  
altruistas.

No fóro divino era já advogado das almas  
peccadoras; no fóro profano queria ser o  
dador da liberdade aos infelizes. Era uma  
elevada comprehensão da minha missão na  
terra: nm servo de Christo e um libertador  
do genero humano.

Fui feliz a principio; as minhas orações  
eram attendidas e os milagres succederam-  
se.

A freguezia era numerosa, e as esmolas  
enriqueceram-me.

Neste facto natural, não tardou que a  
inveja ou odio concentrado visse—interesse  
e usura. O forte desejo de me amesqui-  
nhar não parára aqui; notavam-se os meus  
defeitos de linguagem, o exaggero de repe-  
tições e a predilecção de «final de contas  
e por consequencia». Criticavam e riam mu-  
ito os insignificantes.

É verdade, que o entusiasmo e o gosto  
proprio de ouvir-me, ás vezes não os conti-  
nha eu; esquecia-me que orava por horas,  
e com a substancia d'essas duas expressões,  
e que *afinal de contas* conseguia convencer  
o jury, arrebatá-lo auditorio, fazer vacillar  
a justiça, e *por consequencia* libertar um  
homem, que ainda poderia ser util á socie-  
dade.

Ah! prendem-me a esses dias de gloria  
saudosas recordações!

Agora, eis-me encerrado dentro d'estas  
quatro paredes, só com os meus pensamen-  
tos, que me roem como um cancro, sem fa-  
milia e sem amigos! mas... tenho por com-  
panheira a perseguição, é um espectro que  
me segue ainda.

O futuro que me espera, oh! é uma noite  
escura e tempestuosa de rigoroso inver-  
no, em que as faiscas brilham como punhaes  
brandidos por forcosos braços de athleta,  
que procura descarregar sobre o meu cor-  
po adiposo repetidos golpes á luz da chama  
que se atêa.

Ergueu-se de subito. A penna jazia espeta-  
da no soallo, e elle como um louco olhava  
o dia que ia declinar. Reinava um socego  
crepuscular, a imaginação voava, voava a  
immensas alturas para em breve ser nada  
no pó em que se desfazia; a melancholia  
contrastava com o estado de espirito e da  
natureza; e queria ir atraz d'esse dia que  
foi, queria acabar também. E, porque? Ah!  
pensava agora em toda a sua vida; aquellas  
nuvens que cobriam o horizonte, e não dei-  
xavam ver os ultimos raios de sol, n'essas  
nuvens via uma ameaça, e não poderia raiar  
já para elle o sol da felicidade que o allumi-  
ou; hoje julgava-se um desgraçado, amanhã  
não seria dada, o futuro.... era uma som-  
bra!....

Pensava assim o frei.

COMBRA

IVO FELIX.

## LISBOA

17 de fevereiro de 1882

O homem a quem se fez guerra aberta  
para não ser reeleito vereador do municipio  
de Lisboa, comquanto lhe tivesse prestado  
serviços grandiosos, o homem por causa de  
quem foi annullada a eleição da junta de pa-  
rochia de S. Paulo, pois o seu nome figurava  
como membro eleito d'ella, apesar dos es-  
forços que os monarchicos continuaram fa-  
zendo para o não deixar sair deputado, en-  
trou no parlamento e pronunciou n'uma das  
ultimas sessões da camara dos deputados,  
um discurso que é o objecto de todas as  
conversações nos diferentes centros politicos,  
e que foi elogiado por toda a imprensa e  
considerado como o melhor discurso da  
actual sessão legislativa. E isto apesar de já  
terem fallado o sr. Fontes e muitos outros  
*primeiros estadistas do seculo!*

O partido republicano portuguez é con-  
stantemente guerreado por todos os indivi-  
duos que mais ou menos directamente estão  
ligados á monarchia, a sua imprensa vive

sob a pressão de querellas, as suas reuniões  
são sempre dissolvidas ou perturbadas pela  
policia, os cidadãos que militam nas nossas  
fileiras são perseguidos; tudo isto fundamen-  
tado em que queremos a anarchia, a desor-  
dem, em que somos uns facinoras que é  
preciso exterminar. Mas esse partido, esses,  
cidadãos que o formam, onde quer que sur-  
gem fundam escolas e bibliothecas, realisam  
as suas manifestações d'um modo imponen-  
te e ao mesmo tempo pacifico, d'esse o mo-  
mento em que não sejam perturbados pela  
policia; nos seus jornaes é que o povo en-  
contra alguma cousa para se instruir; são  
elles os primeiros a pedir o cumprimento  
das leis, a protestar contra o máu exercicio  
d'ellas e os que *fallam com moderação, os  
que pronunciam os melhores discursos.*

Conclue-se de tudo isto que nos encontra-  
mos n'uma lucta aberta entre um mundo vel-  
ho que desaba e o qual querem amparar  
a todo o transe praticando toda a casta das  
tropolias, e um mundo novo que vem sur-  
gindo amparado por homens com a sereni-  
dade que dá o convencimento profundo de  
que se trabalha a favor d'uma ideia que se  
lia de impôr á sociedade não pela força, mas  
sim pela ordem evolutiva e fatal das coisas.

O nosso distincto correligionario Elias Gar-  
cia, tomando a palavra na discussão da res-  
posta ao discurso da corôa, pronunciou um  
discurso que foi ouvido com a maxima at-  
tenção pela camara e pelas galerias. O mes-  
mo succedia a Rodrigues de Freitas, era  
tambem o unico deputado respeitado por  
toda a camara, e que tratava todas as ques-  
tões a uma altura verdadeiramente patrio-  
tica.

O sr. Elias Garcia fallou sobre todos os  
pontos do discurso da corôa, estranhando  
tambem que não houvesse uma referencia  
ao celebre tratado de Lourenço Marques,  
que tanto havia agitado a opinião do paiz.

Protestou contra os ataques á liberdade  
de imprensa e á liberdade de reunião feitas  
sob a dictadura do sr. Sampaio, o antigo  
membro das juntas revolucionarias. Foi ne-  
cessario que o representante do partido re-  
publicano no parlamento fallasse para que  
esses actos de violencia fossem censurados  
e se pedissem d'elles strictas contas. Tanto  
melhor para nós, só temos a congratularmo-  
nos por esse facto.

O povo que apprenda n'estas lições que  
lhe vão dando os deputados republicanos  
que elle ainda a muito custo elege; já tem  
dois exemplos bastante frisantes, já vê que  
tanto o sr. Rodrigues de Freitas, o deputa-  
do republicano pelo Porto e como sr. Elias  
Garcia, o deputado republicano por Lisboa,  
são os unicos representantes seus que tratam  
dos interesses do paiz com verdadeiro des-  
interesse, os que são respeitados por toda  
a camara pela sua posição independente,  
pela sua illustração, pela sua inteireza de ca-  
racter; estes dois deputados recordam-nos  
os patriotas das constituintes, os heroes  
revolucionarios de 20 e de 36, que a monar-  
chia constitucional tem conseguido afastar do  
parlamento, fazendo-os substituir por uns  
analfabetos, uns idiotas a quem os gover-  
pagam com 3005000 réis annuaes, como se  
paga a qualquer amannense, os serviços que  
elles lhes prestam nas votações.

A entrada d'estes dois homens na camara  
é um leve symptoma de renascimento nacio-  
nal e mostra-os que o povo portuguez pro-  
cura emancipar-se; que elle prosiga perse-  
verante n'esse caminho; esforcemo-nos to-  
dos por ter como nossos representantes,  
como nossos legisladores *homens e não coi-  
sas.*

— Faz amanhã dois annos que morreu  
Carlos Campeão dos Santos. Este nosso in-  
feliz correligionario, ignorado de muitos, com-  
quanto contasse pouco mais de 20 annos  
d'idade, havia prestado já serviços muito  
uteis á causa republicana. Foi o introductor  
da imprensa na cidade de Thomar, terra  
da sua naturalidade, publicando e semanario  
desassombadamente republicano *A Eman-  
cipação*. Iniciou assim o movimento repu-  
blicano em Thomar, d'onde já sahiram duas  
manifestações perante a urna nas eleições  
de deputados de 1879 e 1881.

Carlos Campeão era um apostolo desen-  
teressado e entusiasta das ideias republi-  
canas, e preocupando-se sempre com o de-  
senvolvimento d'essas ideias não só publi-  
cou aquelle semanario (52 numeros) como  
tambem promoveu uma serie de conferen-

cias inaugurada por Teixeira Bastos. Esta  
conferencia foi publicada n'um folheto *A*  
*Bibliotheca da Emancipação* que Carlos Cam-  
peão tencionava continuar.

Prestemos homenagem á sua memoria, tra-  
balhando sempre para o proximo advento  
da republica!

ANTONIO FURTADO.

### A missão dos padres terminou

Le monde marche, voilà le mot  
de la creation, depuis le brin  
d'herbe jusqu'à l'étoile, et  
depuis l'étoile jusqu'à l'hom-  
me.

E. PELLETAN.

A necessidade d'uma religião é de tal  
modo indiscutivel, que segundo o dizer d'um  
philosopho esclarecido, se esta não existisse  
teriamos de inventa-la. Mais ou menos per-  
feita, conforme o grau de adiantamento do  
povo que a sustenta, ella tem existido em  
todos os tempos e logares.

O povo de Israel, incontestavelmente o  
mais civilisado no seu tempo, era tambem  
o que mantinha as noções mais exactas em  
materia religiosa, embora supposesse o seu  
Deus armado do raio e involto no mysterio;  
pois isto era a consequencia de se achar  
ainda no periodo theocratico e serem domina-  
dos os homens pelo sobrenatural.

Esta ideia d'um ser inferior arrasta, como  
consequencia logica, a obediencia, a adora-  
ção—o culto, em fim, prestado a esse ser.

E d'aqui provem a existencia d'uma clas-  
se de individuos destinados a sacrificar nos  
altares as victimas que o povo julgava se-  
rem mais do agrado dos seus deuses.

Os Levitas em Israel, os Magos no Egipto,  
os Kaliphas no Oriente e os padres entre  
nós têm sido os que mais de perto têm lida-  
do com Jehovah, Isis, Mahomet e Christo.

Mas, se a perfeição d'uma religião é di-  
rectamente proporcional á cultura do povo  
que a abraça, os propagadores e conserva-  
dores d'essa devem ser, senão superiores,  
pelo menos iguaes aos mais illustrados—de-  
vem ser a vanguarda e os principaes moto-  
res do progresso.

Esta verdade é soberanamente imposta á  
nossa intelligencia, é indiscutivel.

Christo, comprehendendo melhor que nin-  
guem no seu tempo, as leis do progresso, at-  
tendeu a isto ao implantar a sua philosophia.

Foi esta a rasão porque elle, ao mos-  
trar ao povo verdades d'uma transcendencia  
superior ao espirito da epoca, educou os dis-  
cipulos que deviam continuar dignamente a  
sua obra a travéz dos seculos, seguindo a  
evolução das intelligencias.

Esta doutrina, cheia de mysterios n'alguns  
pontos, fez baquear os idolos, pulverizando  
seus pedestaes de superstições.

Os espiritos começavam a illuminar-se  
com a diffusão das ideias produzidas pela  
paz, quasi universal, que então se disfru-  
ctava.

O carró do progresso, levado pelas aguias  
romanas, soffreu um grande impulso, que  
lhe foi imprimido pela palavra mansa e con-  
vincente do louro Nasareno.

Mas era necessario que alguém continuasse  
o grande commettimento por elle emprehen-  
dido.

Para isso creou e instituiu os apóstolos da  
sua doutrina; mas disse-lhes: *vos estis sal  
terrae... vos lux estis mundi... vós sois o sal  
da terra.... vós sois a luz do mundo, pala-  
vras que, segundo a vossa interpretação,  
padres, significam que sois a incorrupção,  
a justiça, a virtude e a intelligencia perso-  
nificadas.*

Adduzis mesmo este texto para demon-  
strar a excellencia da vossa missão; mas es-  
quece-vos acrescentar a pena que vos é im-  
posta, dado o caso de não estardes á altura  
d'essa missão.

E essa pena dil-a o evangelista, duas li-  
nhas mais a baixo, e é: que para nada mais  
valeis do que para serdes lançados pela por-  
ta fóra e calcados a pés.

E vós tendes cumprido essa missão?...  
Tendes sido o symbolo da incorrupção?...  
Tendes pregado a verdade?

A historia e a observação todierna res-  
pondem a isto:

Os padres não só têm querido travar o  
progresso, negando-o, collocando no fim dos  
evangelhos um—*non plus ultra*—constante-



mente desmentido em todos os ramos do saber humano; mas até têm deturpado com falsas interpretações e practicas ridiculas algumas das verdades ensinadas por aquelle de quem se dizem representantes.

Em vez do progresso o retrocesso!  
O grande philosopho, se agora voltasse ao mundo dos vivos, imprimir-vos-hia na fronte o latego com que expulsou os vendilhões do templo.

Entre estes e vós ha apenas esta differença: aquelles faziam leitão de coisas profanas em logar sagrado e vós, no mesmo logar, mercadejais as coisas que dizeis sagradas. Espectaculo com as consciencias demasiado crentes.

Fazeis bem; pois fareis isto impunemente!

O tempo dos milagres passou. Já não desce o fogo do ceu para vos castigar, como desceu a lepra a Giezi, que recebeu a oferta de Naaman, e a morte repentina a Simão Magô.

Para que disse Christo—*gratis accipistis, gratis date*—se o evangelho é letra morta, quando offende os vossos interesses?!

Por uns estropeados latins que resmungais á beira do caixão, não recebeis vós com mãos avaras o dinheiro ainda orvalhado de lagrimas?

Não consta que Christo recebesse dinheiro pelas obras que fazia ou pelas verdades que ensinava; porém os seus discipulos rezam officios aos ricos, deixando que os pobres vão para a sepultura sem a musica plangente dos responsorios.

Vam mais descansados; e além d'isso aquelles pagam e estes não têm dinheiro para a agua benta.

Mais cantochão d'um lado e mais descanso do outro, compensam-se; e realisa-se assim a egualdade christã.

Mas por o Christo não voltar não vos alegréis, não haveis de ficar sem o castigo merecido.

O latego será substituído por uma luz brilhante, a da verdade, que vos fará fugir para a sombra, esclarecendo a consciencia do povo.

E necessaria, e vai apparecendo, nova religião e apóstolos mais devotados e mais á altura da sua missão.

Vós, que chegastes a dizer pela bocca do jesuita Moya, que o furto de trinta reaes castellianos é peccado mais grave do que a sodomia, doutrina que a Universidade de Paris classificou de—falsa e horrivel a pios e castos ouvidos—sendo a sodomia, no dizer de Tertuliano, furia dos appetes carnaes, vós; repito, deffendendo crimes reveladores de tamanha bestialidade, deixaste de ser a *lux mundi* e o *sal terrae*; por tanto deveis soffrer o castigo annuciado por Christo—deveis ser postos fora do convívio humano, deveis ser aniquilados.

O vosso reinado passou O christianismo deve ser refundido no cadinho da intelligencia; e vós, que deturpastes aquella doutrina, não podeis comprehender as novas ideias.

A historia já vos marcou no livro dos condemnados com traços rubros, cor das vossas fogueiras.

Resta applicar-vos o castigo predicto pelo apóstolo Paulo, que previu o caso do *sal* se corromper: *Neque in terram neque in sterquilinum utile est (sal), sed mittetur foras.*

Isto é terminante.

Para nada mais servis, nem para fazer guano.

A vossa missão terminou.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

mental de toda a republica digna d'este nome. É a voz da nação inteira exprimindo a sua vontade sobre as cousas que interessam toda a nação.

Na verdade, como a lei que deve regular os interesses publicos não pôde ser estatuida por todos os cidadãos reunidos, e como elles não podem dirigir ou assegurar-lhe todos a execução, são forçados a confiar este cuidado a alguns d'entre si; mas estes não são mais que seu mandatarios, e o mandato de que são investidos é necessariamente limitado, temporario, revocavel. É pois sempre em definitiva a vontade do povo que se exerce por meio d'estes legisladores ou d'estes funcionarios, que exercem o poder em nome d'elle, e apenas obram como seus delegados.

O povo permanece assim o que deve ser no governo republicano: seu proprio senhor. Conserva toda a soberania que lhe pertence, e de que não podia despojar-se senão suicidando-se. Pôde é certo, delegar as funções d'essa soberania em certas condições determinadas, mas não a abdica por isso. E fica soberano.

O suffragio universal, que deriva necessariamente do principio da soberania do povo, substituida á d'um monarcha ou d'uma aristocracia, não exprime sem duvida na practica ordinaria, senão a vontade da maioria dos cidadãos, porque é bem raro que todos concordem em ter um só e mesmo voto. Mas esta vontade não é por isso menos soberana, pois que não haveria sociedade politica possível se a minoria não se sujeitasse ás decisões da maioria. Sob pena de ver a republica fraccionar-se em tantas partes quantas fossem as vontades divergentes, e abysmar-se assim na anarchia, é preciso admitir a lei das maiorias. É n'esta lei que se resolve forçosamente o principio da soberania popular, e é por conseguinte esta lei que é em definitiva a base do governo republicano.

Segue-se d'aqui que a maioria tenha o direito de fazer o que lhe aprouver? Não, ella não tem o direito de opprimir a minoria, nem esmo um só cidadão. A maioria do povo atheniense podia condemnar Socrates a beber a cicuta, esta condemnação não deixava de ser um crime. A soberania do povo não significa que o povo ou a maioria do povo possa fazer tudo que lhe agrade. Teriamos então o despotismo do numero; e o despotismo, ou do reinado do alegre viver, quer seja exercido por Cesar ou por uma multidão, é sempre um attentado contra os direitos dos cidadãos. O respeito d'estes direitos, que deve ser a regra do governo republicano, limita pois a soberania popular, a menos que não se pretenda que esta soberania está por si mesma fora da acção de toda a lei. Acima d'ella estão as leis eternas da justiça, as unicas soberanas, no sentido absoluto d'esta palavra; quando ella as viola, cessa de ser legitima e respeitavel.

Resulta tambem d'aqui que o suffragio universal não pôde ter a virtude de amuitiar um crime publico, como por exemplo, o golpe d'Estado de 2 de dezembro. Pôde sem duvida, no limite marcado pela justiça, desfazer o que fez; mas não poderia mudar o mal em bem, e fazer que a violencia se torne o direito.

Qualquer que seja, de resto, a origem do despotismo monarchico, e qualquer que seja o nome que el e tenha, rei ou imperador, o suffragio universal não pôde sancional-o; porque todo o poder absoluto é uma usurpação aos direitos do cidadão, e o povo, consagrando-o, abdica-se a si mesmo, o que é contradictorio.

E i resumo, instituido para representar os direitos de todos e assegurar uma justa administração da causa publica, o suffragio universal falta á sua missão e volta-se contra si mesmo, quando se torna um instrumento de despotismo.

JULIO BARNI

### Secção Pombalina

Abrimos esta secção para registrar os factos que soubermos se vão dando com relação á commemoração do centenario de Pombal.

Este grande facto occupa hoje todas as

attensões da classe illustrada do nosso paiz e por isso intendemos do nosso dever informar os nossos leitores de todas as resoluções que se tomarem com relação a este importante assumpto.

Em Lisboa o programma está quasi concluido e a commissão da redacção ficou composta pelos srs. Carlos Tavares, Lourenço Cayolla, Manuel Goulard de Medeiros, Augusto Tavares e Antonio Leite.

Deve ter sido apresentado em assembleia geral dos estudantes de Lisboa. Brevemente daremos conta d'elle.

Em Aveiro os artistas que tomaram a iniciativa do monumento a José Estevão, resolveram adherir á commemoração do centenario.

Aqui já reuniu a commissão encarregada de examinar as propostas tendentes á celebração do centenario e de elaborar um programma. Do resultado daremos noticia.

## NOTICIARIO

Vai para mais de meio anno que a commissão que promoveu o monumento a Camões, se não reúne, nem dá o devido destino ás cordas que foram offerecidas por occasião da inauguração d'aquelle monumento. Qual a razão?

Desejavamos que algum nos elucidasse sobre tal assumpto.

*Medicina velha e medicina nova*:—Intitula-se assim o recente livro do eminente professor de Napoles, Marianno Semmola. Este notavel livro é o repositario da mais fina critica medica, sobre a influencia evolucionista que as novas conquistas da therapeutica e da pathologia, têm exercido sobre a velha medicina tradicional cujos dogmas ainda assim, não foram, nem podem ser, de todo postergados pela sciencia hodierna. O espirito positivo da epoca dando nova direcção á sciencia de Hypocrates, soube respeitar os dados da velha clinica, colhidos pelos homens eminentes das gerações medicas.

O livro de Semmola tem produzido extraordinaria sensação no mundo scientifico, e deve ser possuído por todos os medicos que presam a sua missão e acatam as ultimas descobertas.

Este livro vai ser traduzido pelo nosso distincto amigo Narcizo Alberto de Sousa, bacharel formado em Philosophia e quintanista de Medicina n'esta Universidade.

Certos de que a traducção não deixará nada a desejar, em vista da competencia do nosso amigo e do estremo cuidado com que elle a faz, desejamos poder possuil-a o mais brevemente possível.

Recebemos e agradecemos um folheto intitulado *Sutario Negro*, onde se analysam desfavoravelmente os actos do Bispo do Funchal.

Falleceu no dia 5 do corrente, victima d'um typho, o mallogrado e infeliz mancebo Guilherme Frederico dos Santos Abreu.

Não damos esta noticia com a habitual serenidade e frieza do noticiarista; pelo contrario, manifestamos, dolorosamente commovidos, o respeito que a memoria do finado inspira aos admiradores do verdadeiro merito.

Dezoito annos apenas! e tinha justificado a esperanza que nutriamos de o ver subir, pelo seu valor pessoal, vencendo as difficuldades que decerto tentariam fazer desanimar e quebrantar a rectidão do seu character de tempera finissima.

Auxiliando com uma persistencia quasi incrivel no trabalho a sua intelligencia pujante, muito deve a sciencia lamentar a perda que acaba de soffrer, nas fileiras de seus heroicos pugnadores.

Reunindo — como reunia — aos dotes intellectuaes, de primeira ordem, finas qualidades de coração, é duplamente sensivel o desgosto que acaba de ferir quem de veras o adorava e estremeia.

A sua ex.<sup>ma</sup> familia e ao sr. dr. Alexandre

Bastos, que esta perda abalou profundamente—a expressão affectuosa de verdadeiro e entranhado sentimento.

Transcrevemos do *Diario de Noticias* sem mais commentarios o seguinte:

«Ouvimos que se mandou archivar o processo do celebre cahique *Luz do Dia*, que agora ficará sendo *escuridão da noite*. Estes negocios de grosso contrabando são sempre muito emaranhados. Disse ahi, não sabemos que jornal, que antes do aprisionamento d'este mysterioso cahique, desembarcára uma grande partida de contrabando em Caxias. Bom será que não desembarquem outras depois.

Matricularam-se no concelho de Rio Maior durante o anno lectivo de 1880 a 1881 no ensino primario 147 varões e 67 meninas. —Nem um só alumno foi digno de ser dado prompto!!

Pedimos á camara de Rio Maior a sua attenção para este facto que é realmente desconsolador.

Confiamos que o sub-inspector providenciará da sua parte, como for de justiça.

Diz o *Diario Illustrado*:

Foi hontem (13) entregue ao sr. vigario geral de Beja uma queixa contra um padre de Odemira.

Esperamos de s. ex.<sup>a</sup> a devida justiça. É este o nosso desejo tambem, e estamos certos que se se attender ás leis ecclesiasticas, terá este reverendo de ser punido.

Esperamos correspondencia em que se tracte d'este assumpto, para esclarecimento dos nossos estimaveis leitores.

## COMMUNICADOS

Percorrendo as columnas do *Seculo* de 3 do corrente deparei com um communicado (cujo auctor ignoro) que me fez logo em acto continuo lembrar os bailes de mascarar que n'esta cidade se tem dado; parece não ter nada uma cousa com a outra mas a meu ver não succede assim.

O auctor do alludido communicado falla em tantas cousas e tão bem ligadas e expressas que me confesso ignorante a ponto de não perceber quasi cousa alguma do mesmo; será um inigma, charada ou logographo tal communicado? seria elle feito á saida ou no dia immediato ao de algum baile de mascarar em que os cerebros estão mais ou menos pesados pelos vapores da... dança? ou terá o auctor impenho em se mostrar ignorante relativamente ao assumpto de que tratou? eu confesso que não sei por qual hei de optar, todavia, em resposta, direi que o auctor antes d'ir para as columnas d'um jornal faria bem em ler se não os estatutos da sociedade a que se refere pelo monos o § 3.º do artigo 7.º que está bastante ao alcance de todas as intelligencias.

Terminando, pois, peço ao caro auctor mais benevolencia para com os *taes rapazes*, porque elles podem dizer-lhe *falla pouco e bem, ter-te-hão por quem* é isto um adagio muito antigo que é de crer o nosso amigo aproveite.

Tavira, 7 de fevereiro de 1882.

S.

## ANNUNCIOS

### VENDA DE PROPRIEDADE

VENDE-SE uma propriedade com casa de habitação, terra de semeadura, arvores de fructo e oliveiras em Santo Antonio dos Olivaeas, defronte do Arraial. Tracta-se com Francisco da Silva, morador na mesma casa.

COIMBRA—Typ. de Santos e Silva.





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

N.º 14

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

### EXPEDIENTE

**Prevenimos os srs. assignantes das provincias que ainda se acham em debito de que vamos proceder por meio do correio á cobrança das assignaturas de duas series de 15 n.º do nosso semanario.**

### MAIS IMPOSTOS

O sr. Fontes Pereira de Mello acaba de apresentar na camara electiva um relatorio ácerca da fazenda publica, e oito propostas cujo fim é onerar o paiz com mais um encargo annual superior a 2000 contos.

Este facto, diz um jornal regenerador, produziu em todo o reino uma impressão agradável. O mesmo jornal accrescenta que o sr. Fontes não fez, no seu relatorio, alarde de sciencia, revelando apenas sinceridade e franqueza.

Effectivamente o sr. Fontes pôz de parte os seus conhecimentos financeiros, e seria realmente difficil invocal-os para justificar os impostos que propõe. De resto, o illustre estadista, com a admiravel intuição dos espiritos superiores, reconheceu que era desnecessario elucidar o paiz: este devia receber com agrado as suas medidas financeiras.

É um caso novo o de uma nação sobrecarregada de impostos gostar de pagar mais; mas dá-se, graças ao talento do nosso ministro da fazenda, e á apreciação do espirito publico, feita pelos jornalistas regeneradores.

O relatorio confessa que o estado da fazenda publica não é prospero. Na verdade, dizer que um paiz com um deficit de 2000 contos; dizer que um paiz, que paga de juros 13:500 contos, sendo a sua receita ordinaria de 28:500; dizer que um paiz, cuja divida é superior á somma das dividas da Suissa, Grecia, Dinamarca, Suecia e Noruega; dizer que um paiz n'estas condições goza de vida financeira desafogada e livre seria produzir uma affirmacão tão falsa, que nem mesmo a um ministro da coróa se permitiria fazel-o.

N'estas circumstancias o que convém que se faça? A necessidade mais instante, diz o relatorio, é extinguir o deficit, e contra elle ha só o imposto, que é o onus, ou a bancarrota, que é a deshonra. A reduccão das despesas excessivas e á suppressão das inuteis, n'uma palavra, á economia, não attende o estadista. Os governos passados fizeram tudo o que era possivel n'este sentido. Conclusão: para evitar a deshonra só temos um meio, —recorrer a novos impostos.

Não ha justificacão mais cabal. A economia é, com effeito, impossivel.

Como se pôde supprimir a despeza de 100 contos feita com a dotação do sr. D. Fernando por ter sido rei, e a de 16 contos com a do sr. D. Augusto por ter sido herdeiro presumptivo da coróa?

Como se pôde reduzir a despeza de 100 contos feita com o corpo diplomatico para elle valsar nos salões aristocraticos ao som da musica de Strauss?

Como se hão de evitar despesas como a de 1000 contos gastos com a visita de Alfonso XII?

Como se hão de evitar despesas como a de 200 contos para reparos nas cavalariças reaes?

Como se hão de arranjar maiorias, sem gastar dinheiro nos subsidios e na compra de votos?

Como se ha de dar incremento ás obras publicas, sem encher os bolsos dos ladrões famintos?

De modo algum; é evidentemente impossivel.

Demais, o paiz está relativamente rico, diz ainda o sr. Fontes.

É uma opinião que respeitamos. Verdade é que muitos portuguezes, fartos de tanta riqueza, emigram para o Brazil, a ver se empobrecem por lá; é certo tambem que os habitantes da região vinicola do norte se acham na terrivel expectativa de verem o phyloxera invadir-lhes as propriedades, deixando o maior numero d'elles nas mais precarias circumstancias; é ainda um facto averiguado que nas provincias do sul o rendimento agricola tem sido, ha annos, quasi nullo. Mas isto, já se vê, são factos sem importancia que em nada prejudicam a opinião exposta.

O ministro diz ainda no relatorio que seria coerente com as suas idéas, extinguindo totalmente o imposto do rendimento, mas que não o faz, porque não é prudente fazel-o. Ora, se o sr. Fontes não julga prudente fazer o que pensa, parece-nos que pensa mal.

Que diremos a respeito dos impostos que se propõem? Que, recaindo sobre objectos de primeira necessidade, vão agravar consideravelmente as circumstancias dos contribuintes menos favorecidos da fortuna. Estão n'este caso os impostos sobre o sal, sobre o assucar e sobre as bebidas alcoholicas.

O imposto sobre o sal é, ha muito, um imposto condemnado. A Inglaterra, a Allemanha e a Belgica já o aboliram.

O imposto sobre o alcool fez paralisar um grande numero de industrias nos Estados-Unidos. Ha, porém, quem pretenda justifical-o, considerando-o um obstaculo á embriaguez. E, todavia certo, que, apesar dos fortes impostos com que a Inglaterra quiz reprimir este vicio, o consummo das bebidas alcoholicas augmentava cada vez mais,—o que levou á

conclusão de se julgarem taes impostos perfeitamente inefficazes.

Em Portugal só se recorre a emprestimos e a impostos. A economia já deu o que tinha a dar. Dil-o o sr. Fontes, ministro da fazenda.

Os partidos monarchicos precisam de gastar dinheiro com a sua clientela, que lhes pede constantemente a paga dos serviços prestados. D'aqui o systema de esbanjamentos, que leva fatalmente a pedir dinheiro, seja por que modo fór.

É por esta razão que o pedido de novos impostos não nos suprehendeu. Se esse pedido não é talvez tão agradável para o paiz como pensam os jornalistas governamentais, é com certeza muito logico. Tem pelo menos este merito.

### O Jesuitismo e o centenário

Quando em um dos passados numeros da Evolução, sob o titulo — O centenário de Pombal,—publicavamos um artigo tendente a despertar o fervor no seio d'essa irrequieta mocidade que não podia ficar alheia á celebração da memoria do grande marquez, já então se nos afigurava que n'um meio de tão encontradas opiniões, n'esse convivio de tão diversas aspirações nasceriam attritos contrarios á apothese de Pombal.

É que a Universidade não é propriamente uma escola, como alguns a querem considerar, mas um embrechado d'institutos, a que falta a unidade característica d'uma escola. Por isso em todos os tempos vimos lavar dissensões entre os membros da Universidade, vimos o antagonismo constante entre os lentes e os alumnos — aquelles procurando a todo o transe agarrar-se ao passado symbolizado nos trajes, nas praxes, nas ideias; estes, mau grado dos seus mestres, marchando sempre na vanguarda do progresso. Em dadas epochas essa opposição em gerado guerra aberta, como na grande luta entre o absolutismo e a liberdade, em que os venerandos depositarios da sciencia — salvas excepções honrosas — não hesitaram em bandear-se sob o pendão do despotismo. Entre os proprios alumnos lava a divisão; mas — devemos dizel-o — o desaccordo dá-se apenas de uma faculdade para com as restantes, d'aquella que significa o estacionamento, a negação do progredior para com as outras que almejam a luz e que avançam sem parar. Os dissidentes n'essa invejavel commuidade de aspirações generosas são os theologos.

Como prova d'esta dissidencia vimos ha pouco alguns cultivadores da *soi-disant* sciencia theologica levantarem-se, unicos, a combater a projectada commemoração ao marquez de Pombal. Vimos ss. ex.ªs arrotarem a indignação da academia, pôrem-se em desaccordo com as ideias manifestadas na solemnidade magestosa do *clausuro pleno* pelos pontifices maximos da Universidade e pretenderem que o homem acatado por toda a Europa, que o portuguez de nome mais universal depois de Camões não tem jus a um centenário!

Qual haverá porém sido a ideia que impellio os illustres escrutadores dos segredos da essencia divina a opporem-se á corrente que leva os estudantes portuguezes n'uma entusiasta, ainda que não piedosa romaria

á memoria do ministro de D. José? Será que ss. ex.ªs, mais esclarecidos do que os seus confrades, sob o influxo da celestial sciencia, vejam mais claro do que toda a academia portugueza? Será que no cerebro de ss. ex.ªs esteja implantada a ideia de que só os artistas tenham direito a estas esplendidas commemorações que hoje têm o nome de centenários? Não o cremos, porque ss. ex.ªs não podem pretender a injustiça de deixar em esquecimento ingrato a memoria dos que beneficiaram a humanidade por modo diverso d'aquelle de que usam os cultivadores da arte. Será então que ss. ex.ªs não vejam no marquez de Pombal um nome de assaz universalidade, como se requer nos homens a cuja memoria são consagrados os centenários? Tambem não, porque a isso responde o mundo, affirmando que da historia portugueza conhece tres nomes immorredores — Camões, Gama e Pombal. Ou será que ss. ex.ªs, filiando-se agora no partido ultra-avancado, pretendam que o marquez de Pombal para ser grande, para ser benemerito da patria, devera ter-se antecipado aos revolucionarios francezes e fazer, elle só, o que tres gerações não lograram ainda totalmente executar? Tambem o não cremos, porque ss. ex.ªs não ignoram a chronologia e conhecem sufficientemente a historia para não exigirem de Pombal as ideias de Gambetta.

Se porém nenhuma das razões apontadas actuou na mente dos illustres theologos para os decidir ao arrojado passo que ha pouco deram, como nos explicaremos o extranho facto? A explicação vamos achal-a n'um conhecimento raro, rarissimo nos factos de um partido que a todos parecia morto, mas que desperta agora depois de um longo, pesado somno. O partido de D. Miguel de não esquecida memoria acaba de constituir em Lisboa um centro cuja missão é combater pela palavra fallada e escripta a ideia do centenário de Pombal! Tocou-se a rebate nos arraiaes da velha milicia absolutista e, como a esta anda invariavelmente unida a grey papista e reaccionaria, os theologos universitarios julgaram-se solidarios no movimento e pertenderam protestar perante a academia, mas foram corridos. Faz dô pensar que peitos onde o calor da juventude deve fazer pulsar com força o coração toda a vez que se tracte de recordar as glorias da patria, do velho Portugal que estrangeiros debalde querem aviltar, pulsem ao contrario pelo interesse de uma forma governativa immoral e anachronica, pelo interesse de uma corporação aviltada e odiada, qual é o jesuitismo que, de mãos dadas com os restos do outr'ora forte partido miguelino, ousa ainda erguer a hedionda cabeça contra a memoria do grande estadista que o eliminou da Europa e do mundo!

Vergonha é dizel-o, mas o dena-o a verdade — o jesuitismo comprehendeu a elevadissima significação moral da proxima commemoração de Sebastião de Carvalho, mediu o alcance do golpe que o centenário vae descarregar-lhe, arreceiou-se d'elle e bradou ás armas, achando echo em alguns alumnos da propria Universidade!

É decorrido um seculo e o instituto jesuitico não pôde ainda esquecer a valentia com que o marquez de Pombal arcou com elle, levando-o de vencida na luta. Agora que se tracta de recordar ao paiz as funestas consequencias da doutrina jesuitica e se procura fazer comprehender á nação que o jesuitismo não morreu, mas que se revolve



oculto e se insinua traiçoeiramente na sociedade portugueza, violando a lei que o manda sair de Portugal — o jesuitismo mancomunou-se com todos os elementos reaccionarios e clama contra as festas do centenario.

A questão é momentosa. De um lado todos os liberaes que sentem o inimigo minando a surda e pacientemente o solo; do outro as fileiras jesuiticas tentando escravizar mais uma vez o povo emancipado. É mister que ninguém se illuda que ninguém julgue morto ou inerte o jesuitismo; cumpre abrir os olhos e protestar bem alto contra a invasão negra que já alastra todo Portugal em despeito da lei pombalina que ainda não foi revogada.

Trave-se impavidamente a lucta, que por nós temos a lei e o direito, enquanto o jesuita se acha fóra do direito e das leis.

Encontram-se hoje alguns espiritos optimistas que, encarando tudo por um prisma cor de rosa, cuidam a sociedade tão adeantada na vereda do progresso que não ha recejar por ella uma nova dominação clerical e jesuitica. O palladio das liberdades creem-no elles tão seguramente guardado que não admittem haja ainda quem pense em nol-o roubar. Fundados n'isto, bradam que é escusada a defesa contra os ataques do jesuitismo, que ao jesuita se deve conceder a liberdade de viver e espanejar-se á luz do sol. São estes espiritos quem na sua boa fé nos tem introduzido em casa as viboras da reacção ultra-montana, fazendo-se mister a cruzada anti-jesuitica encetada em Lisboa e continuada em Setubal e no Porto.

Na invasão jesuitica em Portugal são dois os pontos a discriminar — o da lei e o do direito. O da lei é assaz claro e bem expresso. Depois das duas bullas com que em 1741 o papa Bento XIV.º fulminou os jesuitas, uma em fevereiro e a outra em dezembro, censurando acremente e exprobrando á companhia de Jesus a compra e venda dos indios na America, commercio em que não escrupulizavam aquelles que, devendo ser os apóstolos da liberdade e egualdade humanas, só o eram da escravidão dos corpos e das consciencias, foi nomeado o cardeal Saldanha visitador e reformador do instituto jesuitico pelo mesmo papa em 1.º d'abril de 1758. Logo em junho d'esse anno o cardeal, pelas syndicancias a que procedem, tantos crimes e taes irregularidades encontrou no procedimento dos religiosos da companhia que bem justificadas ficavam as duas anteriores e insuspeitas bullas do papa. A consequencia foi a immediata prohibição aos jesuitas de pregar e confessarem em todo o patriarchado. Pouco depois, em agosto de 1759, o papa auctorisava D. José a proceder contra os jesuitas incursos nos crimes de que as syndicancias os declaravam reus. Chegou o dia 5 d'outubro do mesmo anno e foi publicada a lei que expulsou, com auctorisação do monarcha, os religiosos jesuitas do territorio de Portugal e seus domínios, lei que até hoje, não foi revogada por disposição alguma legal. D'onde se colhe que os jesuitas expulsos de Portugal pelos crimes, alguns dos quaes vergonhosissimos, de que foram convictos, invadem este paiz contra uma lei expressa que elles deveriam respeitar.

O outro ponto é o do direito. Não hesitamos em negar ao jesuita o direito d'estanciar n'um paiz; porque a actividade imposta ao jesuita pelos estatutos da companhia é incompativel com a liberdade humana. E, se as leis d'uma nação devem garantir aos cidadãos a sua liberdade, removendo todas as peias que alguém queira pôr ao exercicio d'essa liberdade, é claro que as leis devem intervir, paralyzando a acção do jesuita, expulsando-o do territorio; porque o jesuita, onde quer que se ache, é obrigado em consciencia e por *coeca quadam obedientia* a trabalhar segundo as vistas da companhia.

Que a actividade do jesuita é incompativel com a liberdade humana sabem-no todos. Bastará lembrar que o jesuita, como todo o ultramontano, pregando que o espirito não pôde por si ser juiz em materia de justiça, em materia de direito, tendo por isso de submeter-se á tutela perpetua de Roma, vai destruir as bases em que assenta o moderno edificio social, levantando acima do direito dos povos o direito do papa, negando ao povo o direito d'intervir na direcção da sociedade e creando o absurdo do direito divino. Eis em duas palavras o programma

do jesuitismo e da reacção, programma que foi executado na sua quasi plenitude durante a idade media, antes ainda da fundação da companhia, e no principio dos tempos chamados modernos, sob os reinados de Luiz XIV e XV de França. Eis porque não hesitamos em afirmar que a actividade do jesuita é incompativel com a liberdade humana, pois que não podemos julgar compativel com a liberdade o que é attentatorio d'ella.

Apesar porém de reconhecer esta verdade, ha quem peça tolerancia para o jesuita, esperando talvez chegar a convencel-o do seu erro e convertel-o á communhão das gentes. Ha quem pretenda que ao lado da escola dirigida pelo jesuita se levante a escola liberal, para que os funestos effeitos da doutrina jesuitica sejam destruidos pelo influxo benefico da doutrina da liberdade. Para que havemos porém de crear-nos novas difficuldades, quando podemos cortar a raiz ao mal, expulsando o jesuita, para o que temos por nós a lei e o direito? E, como poderemos annullar os desastrosos effeitos da doutrina jesuitica? Pela escola não, porque os discipulos da escola jesuitica não são os discipulos do mestre liberal. Pelo jornal — direis — pelo jornal que melhor se presta á polemica, ou pelo livro que pôde bem ser de combate. Este argumento, que mais d'uma vez temos ouvido allegar, tambem não colhe, porque ha um facto terrivel que por si só bastara para a condemnação do jesuita. Este, que quasi nunca vem ao jornal fazer a luz, ou antes combater á luz, ordena aos seus discipulos, aos seus dirigidos, que se abstenham de ler doutrinas contrarias ás que lhes ensina e, para melhor effectuar o seu intento, pesando sobre as consciencias, fulmina a excommunhão aos recalitrantes e cita o *index* onde são apontados os livros e jornaes cuja leitura é defesa aos fieis.

De que servirá pois o jornal e o livro na lucta contra a influencia jesuitica? Se logramos impedir que os não seduzidos o venham a ser, não podemos contudo salvar nenhum dos já colhidos na rede maldicta. E d'aqui concluiremos tambem que, se os partidos mais extremos em politica devem tolerar-se, ainda quando reconhecidamente pregam o erro, o jesuitismo não pôde pretender arregar-se o mesmo direito; porque enquanto todas as outras opiniões se apresentam á luz da publicidade no jornal e no livro, podendo ali facilmente ser combatidas e refutadas, por lhes não ser defeza a leitura das doutrinas contrarias, o jesuitismo, por querer ser exclusivista a todo o transe, fica fóra da lei, perdendo o direito á tolerancia.

Para que de algum modo se podesse conceder ao jesuita a liberdade de acção, fóra mister que a sociedade empregasse os meios de que aquelle lança mão, isto é, requerer-se-hia que a sociedade constituísse um sacerdocio profano com o prestigio terrorista que o padre ainda tem nos animos pouco esclarecidos e que descesse a trabalhar nas trevas como o jesuita, escravizando as consciencias, eliminando a razão e fazendo volver o mundo á infancia primitiva. Mas isto seria um impossivel, porque seria a negação da liberdade e, procurando subtrahir o povo á acção deletéria do jesuitismo, iriamos lançar-n'um embrutecimento não menos pernicioso do que o fanatismo religioso. Contudo esta fóra a unica maneira de luctar com armas eguaes contra o jesuita; por isso, reconciliando o absurdo de o combater pela palavra e de o reconduzir á verdade pela razão, só nos resta combater-o expulsando-o do territorio, assegurando a nossa liberdade e cumprindo o que a lei e o direito nos impõem.

Que os iniciadores do centenario do Marquez de Pombal, compenetrados da justiça que lhes assiste, não desistam da empreza encetada, protestando bem alto contra a invasão da seita negra e empenhando todo o paiz na lucta da liberdade contra a escravidão das consciencias.

Lisboa, fevereiro de 1882.

PAULA NOGUEIRA.

### A Exposição d'Arte Ornamental

#### I

Quinze salas amplas, cheias de metaes, e fascinantes do colorido ardente dos dourados, ostentam milhares de riquezas fabulo-

sas, thesouros de pedrarias, montanhas quasi phantasticas d'ouro, de prata, com mil arabescos phantasticos, que fazem encher aquellos recintos de notas estravagantes de admiração.

Entra-se e pasma-se. Ha as cinzeladuras modestas, castas, d'uma singeleza de formas encantadoras, que nos estão a recordar os tempos medievos; os baldaquinos, as ogivas vertiginosas, os flôres encadeados que caminham espiritualmente para o céu, mostrando-nos a loucura religiosa da idade media; o desenho sensual, pantheista, as bellas carnações de mulheres, os contornos engrinaldados e graciosos da Renascença!

Arte da melhor, de todos os tempos e de toda a forma, está alli a recordar o poderoso e rico paiz que fomos enquanto nos dedicavamos com interesse ao desenvolvimeto artistico e industrial. E com uma especie de recolhimento saudoso, que percorremos aquelles salões onde as maravilhas artisticas se amontoam n'um contraste *frappant* das nossas riquezas passadas e da decadencia progressiva em nossos dias. É sobretudo em objectos religiosos que a exposição é rica. Do meio d'aquella profusão de ornamentos de igreja, de custodias, de baculos, de cruzes, sobresaem muitos e valiosissimos *specimens* de mobiliario, de ceramica, de vestuario, de joalheria, de fayanças, de decorações; mas os seus prodigiosos valor e bom gosto são uma pequena nota no meio da grande symphonia, executada pela instrumental immensa da arte religiosa. Levaram-nos por muitas occasões, as nossas preciosidades artisticas, os exercitos invasores, e os presentes régios a estranhos, como por occasião da estada de Junot, entre nós, enquanto a familia real fugia cobardemente para o Brazil, com thesouros de raridade...

Mas lá está no meio da sala G a custodia de Belem, esse primor inestimavel de ourivesaria, destinada em tempo pelo governo das *economias* a ser derretida na Casa da Moeda, por ter dois contos de réis em ouro: os doze apóstolos, estão orando de joelhos, em volta, n'uma postura mystica, concentrada; por cima das suas cabeças ha todo um mundo de ogivas, de arcos cortados, de rendilhados gothicos, uma especie de filigrana vacillante, n'uma estrophe arrebatadora, trazendo-nos á memoria os ditos tempos manuelinos. Ao pé, ha um disorde encantador: é a cruz de D. Sancho, toda ella simples, despretenciosa, a traduzir uma fé candida e serena, enquanto se avizinha d'ella, orgulhosa, a cruz do morgado de Bragança, vergada ao pezo da pedraria scintillante de raios e de colorido, e da sua esmeralda enorme! A da Patriarchal, mais longe, é um modelo unico, tem uma estatura de gigante, herculea; mais cem, mais centenares de custodias mosqueam as salas de reflexos fulvos d'ouro e de prata, graciosas nas suas ornamentações trabalhosas, nos seus grupos microscopicos de santos e de santas timidias nos seus vestuarios esguios.

Depois, alinham-se ao longo das salas A e C os grandes paramentos de veludo carmezim, de seda, cheios de bordaduras a ouro; as colchas da India, riquissimas, requebrando-se luminosas e molles; a notavel dalmatica da igreja matriz de Ponta Delgada, á capá de asperges da Sé de Vizeu com brocado d'ouro; as colchas de relevo com grandes desenhos heroicos, dos seculos XV e XVI; as rendas *au point de Venise*, da Bibliotheca d'Evora (?), outras mais, finissimas, tenuous como teias de aranha; e as rendas de pellica, romeiras em arabescos, a romeira em pellica da Bibliotheca d'Evora, e mais outras, bellas igualmente.

Depois abrem-se os missaes, expondo a rotundidade, das suas lombadas em estantes de prata lavrada de flôres graciosos, as Biblias deliciosas de pinturas, os manuscritos illuminados, mostrando o amarellado do pergaminho, onde os miniaturistas pizeram toda a sua paciencia e talento. D'estas paginas sagradas duplamente pelo tempo e pela arte, vem um sopro benefico e parece que sentimo uma boa e intima satisfação ao admi-

(1) Segundo nos disseram. Por occasião da nossa visita á Exposição, ainda não estava publicado o catalogo; é por esta mesma razão, que pôde haver aqui ou alli algum erro de procedencia, em todo o caso desculpavel, cremos.

X. P.

rarmos as paginas do Missal de Estevão Gonçalves, onde grupos de anjos, de santos e de monges desfilam por illuminuras de pagina inteira ou entrelaçados em recantos de flôres, de janellas gothicas, sahindo de dentro de rosas, de nuvens transparentes, e tudo isto dourado, prateado, d'um colorido ingenuo, mas divino, fresco como d'agora, nos céos de cobalto, e nos cordeiritos cor de rosa.

As salvas de prata e outros metaes apparecem á roda, cheias de relevos, de flôres batidas, de ornatos em turbilhões, accumulando armas, assumptos guerreiros e piedosos, pondo em toda a parte exemplos primorosos de cinzeladura. Para contrapor, figurinhas mundanas resplandecem na alvura do *biscuit*. Mulheres nuas, bachantes, de formas delicadas, raptos de Venus por Faunos, raparigas que olham maliciosamente, rindo; assumptos ligeiros, sem grande dispndio de imaginação artistica, mas tentadores; em cima de mesas, e *etagères*, alguns exemplares de ceramica da antiga fabrica do Rato, exhibem-se; ha vida n'aquelles rociços corpos de pequerruchos nutridos, que parecem ser bem diabolicos. Em *vitrines* a antiga relojaria portugueza ostenta magnificos productos, desde os relógios, de tamanho de gamellas para o bolso, até aos mais microscopicos, alguns de bellos esmaltes, e boas fabricas; leques portuguezes antigos, de finissimas e artisticas varetas de marfim, madreperola, ouro, prata em cinzelados delicados, e boas pinturas sobre o setim.

Admiram-se os grandes pratos esmaltados, que em creio serem do estylo renascença, com muito vigor de colorido, e correcção de desenho, extremo engenho de ornamentação em alguns. Na sala B ha as preciosas colleções da Hespanha: as magnificas armaduras de Felipe III, o grande vaso esmaltado de azul, estylo granadino, e segundo diz uma nota d'elle attribuido ao seculo XIV. Ainda se apresentam alguns magnificos exemplares: contadores de ébano, alguns evidentemente portuguezes, de marfim com embutidos trabalhosos, *specimens* da antiga ceramica do paiz, em vasos, espelhos, pratos, grupos em barro, do seculo XVI, muito bem compostos, com certa originalidade e gosto não vulgar, mesmo. Candelabros de bronze byzantinos, com effeitos de desenho magnificos, outros puro Renascença; poucos exemplares de armaria, mas em compensação, adereços, vestidos, broches, pentes, brincos, quadros bons, de batalhas, e alguns de retratos, de cabeças expressivas, pintados com liberdade; e outros da escola de Grão-Vasco; milhares de outros objectos de formas accentuadamente artisticas, fazem a decoração indiscrível d'aquelles salões fascinantes de colorido, pondo matizes variiegados, de côres chromaticas, dando um tom pitoresco e guerreiro áquelle *pele-mêle* de preciosidades artisticas, como se estivessemos nas antigas e famosas festas do Oriente. Como n'um abraço intimo, para completar o deslumbramento, os arabescos e as folhagens de talha dourada abrem-se magestos e largos n'uma arcada triumphal.

Por toda a parte a scintillação da joalheria: as pedras preciosas, prismaticas, os rubis, os diamantes finos, os brilhantes, as saphiras, as grandes esmeraldas, abrindo olhos enormes d'uma expressão estravagante: todo aquelle sequito de pedraria, scintillante de reverberações, n'uma hallucinação de cor espantosa!

Porto, 1882.

XAVIER PINHEIRO.

### Secção Pombalina

No Porto reuniu-se a sociedade de *Instrucção* para resolver sobre o modo de celebrar o centenario.

Foi eleito pelos estudantes de Faro uma comissão encarregada de elaborar um programma de festejos para celebrar o centenario. Ficou composta dos srs. J. Mendonça Brandeiro, Guerreiro dos Santos, Bento Marfim, Leote Tavares, José Alexandre, Francisco Viegas, Teixeira Gomes, e Benevides de Amorim.

Que os estudantes que fazem parte da comissão, alguns dos quaes temos o gosto de conhecer, se compenetrem da alta signi-



feição d'este centenário e da sua feição puramente democrática e anti-jesuítica, e se não deixem levar por influencias reaccionárias, que actualmente se lhe não de oppôr, é o que nós ardentemente desejamos.

Por occasião do centenário, o sr. Soares Romeu Junior, tenciona publicar um livro, do qual só tira cento e vinte exemplares, para offerecer a algumas associações no Rio de Janeiro de e Portugal, á imprensa portugueza e brazileira e ás pessoas de suas relações.

A camara municipal de Grandola resolveu celebrar o centenário, com uma conferencia sobre o grande estadista, com illuminações, etc.

A sociedade litteraria—Alexandre Herculano—resolveu para commemorar o centenário—1.º Que o numero do Boletim da mesma sociedade relativo ao mez de abril se publique no dia do centenário. 2.º Que se façam conferencias na sala da sociedade, tendo por assumpto a vida, obras, melhoramentos e reformas do grande estadista. 3.º Que no dia do centenário se realice uma sessão solenne. 4.º Que a sociedade se faça representar no prelo civico. 5.º Que se abra uma subscrição entre os socios, e que o producto d'ella se offereça á grande commissão academica.

Elegeu-se uma commissão para tratar dos trabalhos relativos ao centenário a qual ficou composta dos srs. Alexandre Mimoso Ruiz e Carlos Augusto Ferreira.

O *Gremio Moderno de Aveiro*, utilissima instituição, inspirada na mais nobre missão civilisadora, e composto de individuos muito intelligentes e activos, resolveu commemorar no dia 8 de maio proximo o centenário de Pombal, abrindo n'aquella cidade uma exposição de objectos de arte ornamental, e de industria, existentes no districto.

O projectado certamen será organizado com objectos comprehendidos nos seguintes grupos em que ficará dividido.

1.º Specimens de arte ornamental antiga e moderna; 2.º Monumentos historicos; 3.º Raridades bibliographicas; 4.º Productos da industria fabril; 5.º Productos da industria ceramica; 6.º Productos da industria extractiva; 7.º Productos da industria textil; 8.º Productos das bellas-artistas.

O primeiro grupo é dividido em dez secções: objectos de metaes preciosos; objectos de metaes não preciosos; armaria e caça; aprestes de cavallaria; esculptura decorativa; mobilia ornamentada; mosaicos; bordados em tecidos; esmaltes; incrustações e porcelanas de qualquer procedencia; illuminuras e encadernações.

O segundo grupo tem apenas uma secção: monumentos historicos do districto.

O terceiro grupo tem quatro secções: jornaes publicados no districto; livros raros; autographos; pergaminhos com illuminuras.

O quarto grupo divide-se em tres secções: chapéus, papel e vidro.

O quinto grupo, tem duas secções: objectos não vidrados e objectos vidrados.

O sexto grupo tem quatro secções: metallurgia, argillas e esmaltes; materiaes de construcção; combustiveis.

O setimo grupo comprehende tres secções: tecidos de linho; tecidos de lã; tecidos de algodão.

O oitavo grupo divide-se em seis secções: miniaturas; architecturas, desenhos quaesquer; gravuras e artes de reproducção; estatuaria não decorativa.

A Associação dos funcionarios publicos resolveu por unanimidade, sob proposta do sr. Andrade d'Almeida, adherir á celebração do centenário do marquez de Pombal.

O sr. Dias Ferreira, presidente da associação, nomeará a commissão encarregada de executar a proposta.

Eis a carta que a commissão de Lisboa dirige *Aos estudantes e á colonia portugueza do Brazil*:

«As grandes commoções que affectam a alma d'este povo, quer tenham por movel a centelha do genio fulgurando através do esquecimento de muitas gerações, quer representem um preito humilde ou grandioso, tributado a um vulto superior que imprimiu á sociedade portugueza um movimento regenerador, despertam sempre um echo de sympathia em toda a parte onde existe um portuguez, onde quer que haja herdeiros da gloria ou responsaveis do futuro d'esta nação. No Brazil, onde a cruz e a espada dos nossos maiores, em intima alliança, patentearam ás multidões selvagens o rendilhado portico da civilisação moderna; n'essa bella terra onde as famosas vergontas do antigo genio portuguez florescem em todo o seu esplendor, e perpetuam n'uma assimilação constante o caracter e as tendencias dos dois povos, é ahí que vão repercutir-se com mais intensidade as alegrias e os desalentos do velho mas glorioso Portugal.

Diz-se-hia um filho robusto, generoso e dedicado em toda a exuberancia da sua vitalidade, mas que, por entre as ovações e triumphos que o cercam, em meio da sua opulencia ruidosa, reserva sempre um brinde de entusiasmo affectuoso aos manes dos seus antepassados.

Assim o demonstrou, ha pouco, no jubileu camoneano.

Irmãos e patricios:

Trata-se de consagrar para a immortalidade um homem que, ha cem annos, marcou no meio social portuguez o vestigio indelevel da sua administração.

A classe academica de Lisboa apossou-se d'esta ideia, e resolveu dar-lhe uma realisação condigna; entendeu que o melhor e mais util monumento, que se pôde levantar á memoria do Marquez de Pombal, seria um *Instituto de Ensino Livre*, onde a sciencia se ministrasse aos espiritos, liberta de todas as peias theologicas ou metaphisicas que o ensino official ainda respeita.

D'este modo a obra de Pombal, seria prolongada e avivada entre nós, e a sociedade portugueza colheria d'esta commemoração festiva um resultado immediato.

Está nomeada pelos estudantes de Lisboa a commissão abaixo assignada para trabalhar n'este sentido.

O nosso primeiro pensamento foi abrir uma subscrição publica em Portugal e no Brazil.

Appellando para a vossa generosa illustração, temos a certeza de interpretar os sentimentos de fraternidade que ligam duas nações amigas; e ao mesmo tempo julgamos corresponder á calorosa manifestação com que os estudantes d'esse imperio premiarão os nossos esforços no centenário de Camões.

Ninguém melhor do que vós comprehendendo a justiça das nossas intenções, assim como não podiamos escolher melhores evangelisadores para a nossa ideia.

Ás colonias portuguezas ligamos a identidade de patria; aos indefesos obreiros que n'esse paiz lutam pela emancipação dos espiritos sentimo-nos estreitamente unidos, identificados pela santa irmandade do trabalho intellectual e pela comunidade das aspirações.

Pedimos portanto aos estudantes das diversas escolas d'esse imperio, assim como á colonia portugueza, o distincto obsequio de abrirem subscrições, cujo producto deverá ser entregue até ao fim do mez de abril.

A todos vós um aperto de mão.  
Lisboa, 26 de janeiro de 1882.— Associação Academica, rua dos Fanqueiros, 286.

#### A commissão academica

PELO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS

João Augusto Barata—Bartholomeu Salazar Moscoso—José Agostinho Pereira e Sousa, vice-presidente.

PELA ESCOLA POLYTECHNICA

Lourenço Caldeira Gama Lobo Cayolla—Anotnio Leite Cardoso Pereira de Mello Junior, 1.º secretario,

PELA ESCOLA MEDICA

Carlos Tavares, presidente—Augusto Faustino dos Santos Crespo, thesoureiro.

PELA ESCOLA NAVAL

Pedro Berquo—José Francisco da Silva, 2.º secretario

PELA ESCOLA DO EXERCITO

Augusto Alves Tavares—Antonio Lopes Branco—Mauuel Goular de Medeiros—João Egdio Lomelino de Freitas.

PELO INSTITUTO AGRICOLA

João Viegas Paula Nogueira—João Eduardo Portugal Pereira da Silva—Eduardo Coelho Junior.

PELO INSTITUTO INDUSTRIAL E COMMERCIAL

Alfredo d'Ascensão Machado—Julio Maria Baptista.

PELA ACADEMIA DE BELLAS ARTES

Jorge Pereira Leite—José Gonçalves Viana.

PELOS CURSOS DE INSTRUÇÃO SECUNDARIA

Augusto Rodolpho—Felisberto Alves Pedrosa—Arthur Pinto da Rocha—Francisco Luiz Teixeira—Antonio Jacintho de Mello Junior—José Victorino de Andrade Neves—Alfredo Pereira Caçador—Julio Augusto Martins—Guilherme Joaquim Momm Barreto.

## LISBOA

24 de fevereiro de 1882

Não frequento a camara dos deputados porque as minhas occupações quotidianas não m'o permitem, mas segundo li nos jornaes da noite, foram hontem apresentadas pelo sr. Fontes as suas propostas financeiras. O relatório que as procede, entre muitas outras cousas bonitas, diz que é para extinguir o deficit que o governo propoe novos tributos. E sempre este o pretexto que se busca para ir tirando mansamente a pelle ao pobre contribuinte, mas o deficit e a dívida h crescem cada vez mais.

E assim succederá emquanto não vier a epoca em que se faça boa administração n'este paiz para matar o deficit o que um bom governo tem a fazer é eliminar despesas superfluas e inuteis e fomentar o desenvolvimento da industria, da agricultura, e de outras fontes de riqueza publica.

Exigir a um povo, pequeno e pobre como somos, todos os annos mais sacrificios para sustentar uma realza que nos custa mais de 1000 contos annuaes, um exercito que para nada serve, pois que está desarmado e indisciplinado, uma classe inactiva que vai formando proporções assustadoras, é querer esgotar de vez a paciencia do contribuinte. E não são legitimas as revoluções! Deve fuzilar-se a canalha quando ella se revolta contra esta horda que está explorando em seu proveito pessoal o melhor do seu trabalho?!

Mas por fim o povo portuguez está contente e applaude tudo isto. Não tem elle contribuido para sustentar no poder todos estes governantes? Não tem eleito a maioria do sr. Fontes, a maioria do sr. Braamcamp?

Tem feito tudo isso porque lhe apraz; de modo que nada tem a queixar-se dos seus representantes; o peor é que aquellos que tiveram a dignidade, a independencia e o bom senso sufficientes para protestarem contra a continuação d'esse governo monarchico constituem o bando de exploradores que se encontram nos tres casos estatuidos pela lei de recenseamento politico. Os varios centros republicanos tem soffrem as consequencias.

—Está a terminar a epoca em que os cidadãos podem requerer a inclusão de seus nomes nos cadernos do recenseamento eleitoral; as respectivas commissões, informadas pelos regedores, pelos parochos e quejandos galopins eleitoraes, eliminaram os nomes de todos os cidadãos que lhes pareciam serem republicanos, com quanto pudessem gozar dos seus direitos politicos; muitos conhecemos, cujos nomes foram eliminados e que se encontram nos tres casos estatuidos pela lei de recenseamento politico. Os varios centros republicanos tem annunciando constantemente que trabalham pelo cumprimento da lei n'estes casos; não sabemos se todos tem cumprido com esse dever, mas esperamos que nenhum cidadão tenha a queixar-se da negligencia dos centros, mas só da cynica patifaria das commissões.

—Recolheu-se ao hospital militar da Es-

trela o distincto general reformado Giberto Antonio Rolla com o fim de procurar allivio aos soffrimentos que cada vez o torturam mais. Ainda ha pouco tempo nos dizia este nosso honradissimo correligionario que ia melhorando e esperava em breve voltar á politica activa; infelizmente essas esperanças cremos que se não realizarão. O desenvolvimento do partido republicano enthousiasmava-o, e o velho republicano de 48, um dos raros companheiros de Henriques Nogueira que sempre respeitou a sua memoria, queria collaborar n'estes trabalhos, incitar-nos com os seus exemplos, animar-nos com os seus conselhos.

—Sabemos que hoje se deve verificar uma reunião dos delegados de diversos centros republicanos da capital a quem está confiada a missão de organisarem o directorio do partido; como em tempo já lhes disse, a opinião mais accete é a da convocação d'um congresso de todos os centros e jornaes republicanos do paiz, d'onde saia a nomeação d'esse directorio e as bases fundamentaes do seu trabalho.

—Depois de amanhã realizar-se-ha no amphitheatro da Escola Polytechnica a reunião academica em que será apresentado o programma elaborado pela commissão de estudantes para esse fim nomeada.

—Não me recordo de mais facto algum, cuja noticia os interesse, pois que a semana foi tambem falha de acontecimentos, foi quasi toda absorvida pelos brincados carnavalescos que n'este anno, segundo notam os amadores, correu bastante estúpido e sem saborão.

ANTONIO FURTADO.

## NOTICIARIO

De novo declaramos que a redacção d'este jornal não assume a responsabilidade dos artigos que venham assignados. Essa responsabilidade fica inteira e completa a cargo dos signatarios.

A congregação do *Index* determinou que seja prohibido aos catholicos a leitura dos bellos trabalhos de Emilio Burnouf e de Renan sobre a historia das religioes.

Que ingenuidade! Não se convenceram ainda os catholicos de que fructo prohibido é fructo apetecido. O que elles conseguem com isto é augmentar o numero de leitores das referidas obras. Um serviço que a sciencia tem a agradecer-lhes.

No artigo do nosso estimavel collaborador Paula Nogueira, intitulado *O jesuitismo e o Centenario* diz-se que a faculdade de theologia é adversa á celebração do Centenario de Pombal. Devemos dizer que, quanto assim se tenha pensado, a referida faculdade não faz, n'este ponto, cousa commum com alguns dos seus membros que reprovam esta commemoração.

Os estudantes do lyceu de Braga vão pedir auctorisação para usarem de capa, batina e gorro.

Temos em nosso poder alguma collaboração anonyma.

Pedimos desculpa de não a termos publicado, mas não o podemos fazer porque não publicamos cousa alguma n'aquellas condições.

No ultimo numero da *Evolução* saíram muitos erros typographicos.

Effeitos do carnaval, que não quiz passar desaperecebido para nós.

Começou a publicar-se em Lisboa o periodico *Dos Naciones*, bilingue e destinado a defender os interesses Hispano-Portuguezes. É propriedade e orgão da Sociedade hespanhola «*Porvenir*», recentemente fundada para proteger os subditos hespanhoes resi-



dentem em Lisboa. Não se ingere em politicas, e promete usar de inalteravel imparcialidade nas suas criticas.

Tem a sua sua administração na rua da Conceição, 139-2.º—Lisboa.

Agradecemos a visita e desejamos-lhe longa vida.

Foi hontem o 82.º anniversario do primeiro poeta, não só da França mas do mundo inteiro, de Victor Hugo. Da nossa obscuridade dirigimos-lhe os protestos da nossa admiração reverente.

Recebemos o n.º 4 do 2.º anno da *Coimbra Medica*. Summario:—A Rocha, *Algumas considerações geraes sobre o diagnóstico das molestias medullares*—J. Nazareth, *A variola em Coimbra* (continuação)—A. Rocha, *A Revista de Medicina Dosimetrica*—A. Ignácio Simões, *Synopse das orações feitas no hospital da Universidade no anno escolar de 1881-1882* (continuação)—F. A. R. de Gusmão, *Jacob de Castro Sarmiento* (continuação), *Congresso Medico de Londres, Miscelanea*.

Recebemos os n.ºs 2 e 3 do *Pero Gallego*, que continua cumprindo magistralmente o seu programma.

Foi-nos obsequiosamente offerecido pelo sr. dr. F. Ferraz de Macedo um exemplar do seu livro *O Homem Quaternario e as civilizações Prehistoricas na America*. Agradecemos penhorados a distincta offerta.

Tendo em vista o respeito que nos merece o nome do auctor e não podendo desde já formular uma opinião conscienciosa do livro, reservamo-nos para quando, depois d'uma leitura mais demorada, o podermos fazer, com melhores fundamentos.

A edição saiu da Imprensa Nacional e é tão boa como as melhores edições estrangeiras.

Esteve divertidissimo o carnaval este anno em Santarem. De dia notava-se em toda a cidade uma concorrença e uma animação extraordinaria.

Duas mascaradas allasivas, uma ao tratado de Lourenço Marques e outra á actual situação fontista deram muito nas vistas e foram applaudidissimas.

Grupos de mascarados, bem vestidos e com alguma *verve* passavam constante ente virgindo chufas e entreteendo a multidão de passeantes, que se movia com dificuldade nas estreitas e tortuosas ruas da vestida Scalabis. Pela tarde o tiroteio de pòs, de tremoços seccos e de bisnagas tornou-se vertiginoso.

Mas se os dias decorreram alegremente, muito melhor se passaram as noites. Houve quatro magnificos bailes, dois no Club Santareno, e nas noites de 18 e 20 e nas de domingo e terça-feira gorda na Assembleia Militar. É tão indescritivel a animação e o brilhantismo d'estas *soirées* como inexprimivel é o sentimento de saudade e de recordações que sentimos. Se no Club a mobilia e a decoração davam ás salas uma maravilhosa apparencia, na Assembleia Militar a liberdade, que se gosava e o caracter familiar das suas reuniões sobremaneira nos agradaram.

As damas elegantemente vestidas com simples e vistosas *toilettes* faziam realçar o brilhante aspecto das salias rodeadas de enormes espelhos, que reflectiam em todas as direcções aquelle multiplice e bello *ensemble* de luzes, de decorações e de formosuras.

As direcções tanto do Club, como da Assembleia, damos os parabens por terem proporcionado aos scalabitanos o ensejo de assistirem a *soirées* tão animadas como pompasas. O serviço em todos os bailes foi abundantissimo, variado e optimamente effeituado.

O baile de 20 terminou, depois de se ter dançado com frenez, durante sete horas, por um *cotillon* graciosamente dirigido pelo sr. Brito, dignissimo official de artilheria 3, retirando-se todos depois das 6 horas da manhã.

Entre as noventa senhoras e cento e tantos cavalheiros que assistiram a estas *soirées* lembra-nos ter visto as ill. ex.ªs srs.ªs

marqueza de Bellas, viscondessa de Andalu, D. Marianna Roquette, D. Palmira Nobre, D. Germana Lergio, D. Sebastiana Azevedo, D. Conceição Lisboa e filhas, D. Patrocina Callado, D. Antonia e D. Henriqueta Franco, D. Luiza e D. Gabriella Rebello da Silva, D. Eugenia Mello, D. Santana Germano, D. Theodolinda Barboza, D. Helena Ramos, D. Julia Anachoreta, D. Adelaide e D. Guilhermina Silveira, D. Adelia Moncada, D. Maria do Carmo Mayer Caldas d'Almeida Ferreira, D. Silvina Mayer Caldas, D. Innocencia Mayer Caldas, familias Caldas, Bizarro, Barboza, Falcão, Canavarro, Carvalho Ramos, Montez, etc, etc.

E os seguintes cavalheiros: governador civil, secretario geral, visconde d'Athouguia, major Azevedo, D. José Angeja, D. José de Paiva, dr. Meneses, dr. Silva, Pedroso, Carvalho Ramos, Montez, dr. Peixoto, dr. Anachoreta, João Canavarro, Francisco Marecos, José Sergio, Amancio Alpoim, Ernestino de Sá Nogueira, Faustino de Sá Nogueira, Callamaz, Antonio Amaral, Bizarro, Callado, Serras da Conceição, Conceiro, Zepherino Falcão, Alberto Deslandes, Antonio Silveira, Francisco Silveira, Brito, Alfredo Ferreira, capitão Nobre, capitão Ramos, Antonio Barboza e muitos outros cujos nomes ignoramos.

A. B. V.

### Centenario de Pombal

ASSEMBLEIA GERAL DOS ESTUDANTES DE LISBOA

Acabo agora mesmo de assistir á sessão dos estudantes de Lisboa, em que foi approvedo o programma dos festejos para o centenario do marquez de Pombal. Posso já dar aos leitores da *Evolução* uma ideia das partes que o compõem. Antes de tudo porém manda a verdade que se diga que esteve imponente a sessão da Academia, e que n'ella se revelaram talentos brilhantes, além dos que já eram conhecidos; e tudo nos leva a crer que terá um resultado brilhante a patriótica empreza de que a academia se encarregou. Durante os debates que só foram longos na questão de expulsão dos jesuitas, e na parte em que se falla no cortejo civico, tivemos occasião de applaudir o sentido rasgadamente avançado em que todos os oradores se manifestaram. De modo que a classe academica parece resolvida a occupar no nosso paiz o logar que em toda a parte tem conquistado com as suas iniciativas e com a sua influencia sempre sympathica.

Se estas notas não fossem escriptas na febre da ultima hora, não perderiamos esta occasião de nos esprañar em muitas considerações a proposito da attitudo que vão tomando os estudantes. Fica para outra vez; agora vou dizer-lhes de que consta o programma.

Abre com um relatório onde se justificam todas as ideias que com elle se querem realisar. N'ello insiste-se principalmente sobre a reforma da instrucção, sobre a expulsão dos jesuitas, e mais que tudo sobre a fundação d'um *Instituto de Ensino Livre*. Depois seguem os detalhes pela ordem seguinte: No dia 6 abertura da exposição academica de desenho e pintura.

No dia 7 congresso academico para tratar da federação portugueza e da reforma do ensino.

No dia 8 cortejo civico nacional; e á noite sarau no theatro de S. Carlos, onde se espera que appareça o côro orpheonico d'ahi.

No dia 9 passeio fluvial em honra dos estudantes de fóra e inauguração do *Instituto de Ensino*.

Seguem-se depois os pedidos que tem de ser feitos ao governo, varias disposições secundarias todas tendentes a commemorar dignamente esta grande data.

Eis aqui em que se resume o programma da academia de Lisboa, para cujo desempenho a commissão executiva conta com o apoio de todos os estudantes e do paiz. Está a partir o correio; é urgente terminar.

Até breve.

Lisboa, 26 de fevereiro de 1882.

BINOCULO.

### Noticias d'Odemira

Na minha ultima correspondencia contei-lhe resumidamente o que por aqui havia de novo.

Hoje umas pequeninas cousas que não merecem a luz da publicidade, e tudo vai correndo na sua rotina ordinaria.

De proposito tenho-me abtido de fallar-lhe no juizo geral, que os nossos patricios fazem da *Evolução*; da curiosidade com que é lida; da critica favoravel ou desfavoravel que lhe é feita. Só lhe conto o seguinte: ha uns dias, aconteceu apparecer aqui um só numero da *Evolução*; pois não imagina o interesse que havia em lel-o; os pedidos e empréstimos succederam-se. O dono estou certo de que o não pòde ler n'esse dia; só no seguinte chegaram os numeros para os assignantes.

Na doutrina politica podem não concordar, mas reconhecem o merito dos artigos de fundo e d'alguns litterarios.

Ah! esquecia-me já que o espaço é pouco, e o assumpto a tractar grande.

Nada mais, nem nada menos, do que do sr. prior-procurador!

Lembram-se ainda os srs. odemirenses d'umas correspondencias insertas na *Liberdade* e que se referiam ao sr. prior porque era procurador, e ao sr. procurador porque era prior? Pois bem; essas vão ser o thema das noticias de hoje com mais alguma cousa.

### Ao sr Vigaglo Pro-Capitular de Beja

Ao dirigirmo-nos hoje a v. ex.ª temos a certeza de que já sabe que um parcho d'uma freguezia da sua diocese exerce o cargo de procurador no juizo d'Odemira.

Sabe-o v. ex.ª por um meio legitimo; as prescrições da lei, parece-nos terem sido attendidas rigorosamente, para que se não levantasse a menor duvida.

Agora esperamos anciosos a justiça de v. ex.ª. Contudo se d'ahi não vier, temos ainda outros tribunaes a que recorrer, e só depois de chegarmos ao ultimo, desistiremos das nossas tentativas.

O praso da espera não pòde ser longo, pois desde o dia 13 até 28 de fevereiro, ha tempo mais que sufficiente para uma deliberação, que é im mediata.

(Continúa.)

(Do nosso correspondente)

### Alcobaça, 24 de fevereiro

Dizia-lhes, na minha correspondencia passada, que era altamente censuravel o procedimento da camara d'Alcobaça, deixando acintosamente de promover a recepção do capital legado pelo dr. Brilhante ao municipio com o fim de serem educados superiormente alguns rapazes d'esta terra, que tão mal sabe comprehender o nobilissimo empenho do illustre medico, que via na instrucção o mais forte apoio da civilização moderna.

Folgo de ver que alguns jornaes deram já publicidade a este facto, que eu considero, não simplesmente de interesse local, mas de interesse geral, porque a instrucção de alguns individuos, vae necessariamente reflectir-se no desenvolvimento intellectual e no progresso de todo o paiz.

Cumprindo a promessa de ir pondo em relevo os actos da camara d'Alcobaça, enquanto esta se não mostrar digna do respeito e da consideração publica, ahi vou desenrolando o tristissimo sudario dos seus feitos, que bem poderiam servir de modelo a todas as camaras monarchicas, no desprezo, da lei e da moralidade. Entre nós parece-nos perfeitamente uniforme e coherente o procedimento de todos os monarchicos, quando se tracta da administração dos dinheiros publicos.

Todos os nossos governos entendem por bem depennar os cofres da nação; todos elles tem desviado do thesouro sommas enormes para fins occultos, e sem auctorisação legal, e pelo amplo oesophago dos ministros, passa diariamente uma grande parte dos rendimentos nacionaes.

A camara d'Alcobaça, firmada provavelmente no exemplo superior, quer agora macaquear os governos, desviando sommas avultadas do cofre municipal, e gastando á larga e sem auctorisação os dinheiros que deviam ser destinados aos urgentissimos melhoramentos de que esta terra care ce:

É publico que a camara esbanjou na estrada da Maiorga a Alpedriz cerca de dois contos de reis a mais do orçamento destinado á construcção d'aquella estrada.

Em que consumiu a camara esse dinheiro? Com que auctorisação gastou uma somma consideravel para um municipio de rendimentos diminutos?

Quem predomina é a lei ou a vontade arbitraria de qualquer individuo? Tracta-se de satisfazer caprichos pessoases, ou de dar desenvolvimento a uma terra que, tendo abundantissimos elementos para progredir, se vae mergulhando n'uma apathia desoladora, depois que a direcção dos seus negocios mais importantes cahiu nas mãos da ignorancia e da má fé?

E, enquanto a camara, ou quem n'ella predomina, faz desaparecer os dinheiros do municipio, os desgraçados professores de instrucção primaria tem quasi pedido esmola porque deixaram de lhes pagar 7 ou 8 mezes os exignos ordenados.

Isto, além de uma vergonha, é uma immoralidade revoltante.

Gasta-se o dinheiro sem auctorisação e sem destino definido, e deixa-se entregue á miseria uma classe que em geral não tem outros recursos além dos miseraveis ceitões que lhe são atirados como a esmola do avarento!

Mas, para que nos havemos de admirar? Já sabemos que a camara se horrõrisa quando ouve fallar de instrucção, o que prova não ser este o seu forte.

Está até muito longe de o ser.

Continuemos porém a ver qual é o forte da camara, ou de quem a governa.

Ha mezes, que fugiu d'aqui um amanuense a quem o publico accusava de se apossar fraudulentamente dos rendimentos do municipio. A camara sabia-o: porque não foi demittido este empregado? A camara conservando-o não conheceu que poderia ser considerada connivente nas fraudes praticadas pelo amanuense?

E que fez o outro rubicundo empregado da camara? Não só se calou, por ter receio, segundo dizem, de que fosse publicado um documento que deversas o compromettia, mas até procurou encubrir essas fraudes depois de as haver descoberto.

Por isso a syndicança foi abafada!

Agora outra pergunta. O sr. presidente da camara tem os olhos fechados, ou convém-lhe estas patifarias?

Tudo isto é uma verdadeira orgia, e se não ha providencias que ponham cobro a estes vergonhosos desmandos; se não ha quem tome contas a uma camara d'estas, seja ao menos a imprensa que a arraste pelos cabelos e a exponha no pelourinho da vergonha á indignação publica.

Devemos dizer, em abono da verdade, que a camara d'Alcobaça tem homens de probidade reconhecida, que não se curvam ás imposições auctoritarias de qualquer vagabundo, nem se deixam arrastar pelas suas parlengas velhacas.

—O carnaval correu aqui com pouca animação. É uma velharia que vae desaparecendo, e restringindo-se ao agradável passatempo das reuniões familiares, e aos pingues jantares regados pelo de Torres.

—Diz-se que vão ser transferidos, reciprocamente, os governadores civis de Leiria e Castello-Branco. Tramoias politicas de que teremos occasião de fallar.

—Dizem-nos que o parcho de Famalicão ao annunciar á missa que se ia estabelecer n'um logar da freguezia uma feira de gado, pedira para que a elle concorressem todas as bestas da terra, pois que elle tambem lá iria trocar o seu cão e a sua creada, *Si non é vero é bene trovato*.

—Chegou ha dias vindo do Brazil o sr. Padre Cruz, sendo esperado por numerosos amigos que sabem apreciar devidamente as suas bellissimas qualidades.

—Relativamente aos bacellos philoxerados, importados do Douro e que já tem sido objecto de discussões nas camaras, fallarei na proxima correspondencia, assim como de outros assumptos que precisam de ser conhecidos do publico.

(Do nosso correspondente)



# A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

SEMÁRIO REPUBLICANO

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pag. 298.

N.º 15

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 6 DE MARÇO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

## EXPEDIENTE

Prevenimos os srs. assignantes das provincias que ainda se acham em debito de que vamos proceder por meio do correio á cobrança das assignaturas de duas series de 15 n.ºs do nosso semanario.

## O PARTIDO CLERICAL

O partido clerical tem dado ultimamente alguns signaes de vida. A formação de um centro legitimista em Lisboa e os protestos contra a celebração do centenário de Pombal fizeram de novo lembrar um partido, que a todos parecia esquecido para sempre.

Não nos iludamos, todavia, com estas manifestações: ellas são como o ultimo estertor do agonisante, como os extremos lampejos d'uma luz que se extingue. O clericalismo póde ainda conservar por algum tempo certas apparencias de vida, mas, na realidade, elle morreu, ha muito, vencido pelo moderno poder espiritual que se chama — a sciencia.

Se em tempos que mais prosperos lhe corriam não o póde suster no lento mas constante declinar a penna genial do grande publicista Joseph de Maistre; se em todas as nações o espirito clerical foi arrancado das consciencias, onde se radicára, á custa de tanta lagrima e de tanto sangue, — como poderão agora em Portugal uns miseros pygmeus fazel-o recobrar alento e chamal-o de novo á existencia?

Não o podem, de certo, por mais desesperados que sejam os seus esforços. A civilização moderna é incompativel com dogmas stultos: as doutrinas em que o clericalismo assentava o seu poder caíram perante a simples força da verdade.

O providencialismo da Igreja não encontra logar na serie ininterrupta dos factos, que se desdobra sem solução de continuidade. Todos os acontecimentos, insignificantes ou sublimes, são manifestações de forças preexistentes que se transformam ou accumulam; não ha saltos, não ha milagres nem na natureza nem na historia.

A Igreja falla-nos em apparições milagrosas; mas o historiador estuda os documentos, e dos factos que ella dá como certos não encontra o minimo vestigio.

A Igreja descreve-nos a ressurreição dos seus heroes; mas, como nota um escriptor distincto, nunca ninguem viu levantar-se um cadaver, ao contacto do escarpello, sobre a mesa d'um theatro anatomico.

A Igreja considera milagrosa a força de animo dos seus martyres; mas a

sciencia afirma, pela bocca de Mantegazza, que a impassibilidade d'um martyr no ultimo supplicio é apenas a equação de duas energias oppostas que equivalem a zero.

A Igreja apresenta-nos Jesus, filho de Deus, prégando aos homens uma religião imprevisita e nova; mas os orientalistas vão encontrar nas mais antigas civilizações os traços primordiales do que ha de mais puro n'essa religião, e Lepsius, traduzindo o *Ritual dos Mortos*, patenteia á humanidade muitos principios ditos do christianismo escriptos centenas de annos antes do apparecimento de Jesus.

A Igreja faz do homem um ente decaído, que viveu outr'ora, n'um eden legendario, no estado de absoluta felicidade; mas a sciencia demonstra que o homem é um ser eminentemente perfectivel, e que, em vez de se degradar, elevou-se do infimo grau da animalidade até ao esplendor da civilização moderna.

Como quer, pois, o partido clerical subordinar ás suas doutrinas o espirito d'um seculo que faz da sciencia o seu unico brazão?

O fanatismo é uma causa de decadencia, e Portugal é um bom exemplo d'esta affirmação. O fanatismo tem dividido o genero humano, causando os mais deshumanas de todas as guerras — as guerras religiosas.

As crengas divergem de povo para povo, de religião para religião. A sciencia é uma para todos os paizes. É sobre ella unicamente que se poderá fundar um regimen de prosperidade. São estas as aspirações da humanidade, que ha muito almeja por viver, sob o indiscutivel poder espiritual da sciencia, na harmonia perduravel da paz e da verdade.

Na camara dos deputados tem-se tratado com calor da eleição de Mangualde.

Propuzeram-se dois candidatos o progressista, o sr. Francisco de Albuquerque, e outro governamental, o sr. Ponces de Carvalho.

Aconteceu que ao mesmo tempo se fizeram em Mangualde duas eleições: uma pelo recenseamento de 1881, pela qual sabiu eleito o candidato progressista, e outra pelo recenseamento de 1879, que indicou como deputado o candidato governamental.

Ora, mandando a lei fazer a eleição pelo ultimo recenseamento, parece concluir-se que o deputado legal é o progressista. Entendeu, porém, o contrario a honesta e perita comissão de verificação de poderes.

Era preciso excluir das camaras um deputado da opposição, a maioria precisava de mais um servo docil e obediente, era esse tambem o desejo d'um diplomata estrangeiro, e tanto bastou para que, calcando impudentemente a lei, fosse declarada nulla a eleição da opposição.

A comissão de verificação declarou nullo o recenseamento de 1881, deu por extraviado o de 1880 e approvou a eleição feita pelo de 1879. É simples, mas será legal?

Primeiramente a declaração da nullidade do recenseamento de 1881 não era da sua attribuição, como se deduz da lei eleitoral. Admittindo contudo que tal faculdade lhe pertence, a eleição teria de fazer-se pelo recenseamento de 1880.

Mas isso era ainda inconveniente, não fazia arranjo aos altos interesses governamentais e ao legitimo desejo do tal diplomata; por isso o administrador de Mangualde foi encarregado de forjar um documento para provar o extravio do recenseamento de 1880.

Querel-o o governo, ordenal-o ao seu delegado tão impudente como elle, e apparecer o documento com todas as exterioridades legais, o mesmo foi, que n'esta bella terra não ha nada impossivel para os partidos que se encontram no poder.

A 3 de agosto de 1881 o administrador de Mangualde, acompanhado de duas testemunhas auctorizadas e independentes, um escriptorario da fazenda e um feitor da companhia *Viação do Vouga* lavra um auto em que se reputa extraviado o recenseamento de 1880.

Ao lado d'este documento d'uma veracidade mais que duvidosa, apresenta a opposição tres documentos authenticos d'onde se prova que o juiz e delegado de Mangualde e os peritos por elles escolhidos viram e leram na secretaria da camara o recenseamento de 1880, nos dias 10, 15 e 19 de agosto de 1881, isto é semanas depois de o administrador declarar que tal recenseamento havia sido subtraído.

A estes factos verdadeiramente edificantes de moralidade e respeito pela lei accrescem outros.

Na sessão do dia 27 propoz o sr. Saraiva de Carvalho que se permittisse ao sr. Albuquerque defender a sua eleição. Esta proposta, fundamentada nos principios mais rudimentares do direito natural e do decoro, era clara e terminantemente auctorizada pelo regimento das camaras, que permite a qualquer deputado vir á camara, depois de constituida, defender a sua eleição, quando d'esta se proponha annullação.

Não obstante, 53 senhores deputados votaram contra a proposta. E torpe, mas não é extraordinario.

Ha mais. O sr. Marianno de Carvalho, na sessão de 28, adduz documentos authenticos que provam não ter havido eleição no concelho de Nellas, sendo por consequencia falsas as actas que se apresentam, e propõe que se annulle a eleição.

Os dois contendores accordaram em que se não fizesse eleição em Nellas, estipulando os votos que cada um contaria para si.

Este acervo de illegalidades foi finalmente approvedo para honra e gloria do parlamento portuguez na sessão de quarta feira.

E preciso ter os olhos muito fechados á verdade e á justiça para se approvarem actos de tal ordem.

Ainda assim alguns membros da maioria não tiveram coragem para sancionar este acto monstruoso.

Ora nós entendemos que quando no seio d'um regimen politico a lei é tão abertamente violada e a arbitrariedade assim impera, tal regimen está perto da sua dissolução.

Deixa de consultar-se o eleitor e dispõe-se soberanamente do seu voto!

Tolera-se a influencia e pressão d'um diplomata estrangeiro na constituição das camaras!

A soberania e a representação nacional, o que ha de mais augusto para os povos li-

vres, tornaram-se entre nós cousas irrisorias!

Por este caminhar não sei onde chegaremos.

## As nossas Colonias

Se bem nos recordamos, em 1877 quando governador de Loanda Caetano d'Albuquerque o então consul inglez na provincia de Angola reclamava d'aquelle funcionario força e auctoridades para irem ao Zaire prender e instaurar um processo criminal a um subdito inglez.

Para alli marchou a canhoneira *Tamega* levando a bordo o juiz dr. Leitão, o delegado do procurador regio, etc. D'este pedido evidentemente se deduz por parte da Inglaterra o reconhecimento dos nossos direitos áquella região; assim o comprehendeu o governador Albuquerque, que presuroso satisfez os desejos do consul inglez. Desde então, durante o governo d'aquella prestante auctoridade cuja sabia administração ainda hoje apreciam os que residiram, e ainda hoje residem nas colonias, todos os mezes viamos no Zaire um navio de guerra portuguez, inquirindo das questões que poderia haver entre os brancos e indigenas, e isto muito concorreu para que estes relembassem o respeito que deviam a Portugal.

É pelos inglezes contestado o nosso direito, como já tivemos occasião de dizer, ao territorio comprehendido entre o Loge e a margem esquerda do Zaire; mas muito mais contestado é o territorio comprehendido entre a margem direita d'este rio e o rio Cacongo, e apesar d'isso o consul inglez reclamava do nosso governo a sua intervenção para castigar um subdito inglez residente na margem direita, em territorio, segundo elles, neutro, e aonde podiam ir procurar aquelle individuo e castigar-o segundo as suas leis. Não o fizeram, imploraram das auctoridades portuguezas esse favor; reconheceram pois o nosso direito. E o que fizeram os governos de então e os que se lhe succederam? nada, não se aproveitaram d'este bom ensejo para por uma vez terminarem a questão que existe entre Portugal e Inglaterra acerca dos nossos direitos a Cabinda e Malembó, isto é, ao territorio comprehendido entre a margem direita do Zaire e o rio Cacongo, e todavia a *já bem velha carta* diz pertencer-nos.

É que as leis entre nós só servem para se lèrem ou para serem interpretadas ao bel-prazer dos governos que continuamente se succedem, e desacreditam, não com o desejo de bem administrar, mas apenas com o fim de estarem em condições de bem se governarem.

Na occasião em que se deu o facto a que acima nos referimos, bem podia o governo deixar no Zaire auctoridades que continuassem a vigilância que lhe era pedida pelo governo inglez aos actos dos europeus alli estabelecidos, não se fez assim, nem se fará; porque os nossos governos longe de bem administrarem as colonias em que temos auctoridades reconhecidas, só pretendem alienal-as, meio mais facil de bem administrar segundo as theorias dos nossos estadistas.

Quando a Inglaterra procura por todos os meios estabelecer-se nas nossas possessões intrigando por todas as formas e feitos contra nós, aproveitando-se para isso da ignorancia e necessidades dos indigenas, os nossos go-



vernos não só lhe entregam aquellas a que já temos direitos incontestados, mas abandonam a sua voracidade aquellas a que temos direitos tão bons e valiosos, como tinhamos a Bolama e a Lourenço Marques.

A maior parte dos nossos governantes não conhecem as nossas colonias; por isso não as sabem administrar, d'ahi o fazerem como os fidalgos arruinados por má administração das suas casas, abandonam-as, deixam-as sem cultura, e não tardarão os matos maninhos a invadir-as, e elles em seguida a vendel-as até por fim se encontraram na miseria, fallando sempre dos seus primos da sua casa de tal e tal que já está nas mãos dos seus criados: nós, para gloria dos nossos estadistas, em breve estaremos no mesmo estado, se o povo não olhar pelo que lhe pertence: fallaremos em Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque, etc., e como a carta, tambem mencionaremos a conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India!

No entanto a nossa fiel aliada vai tirando o que pôde ao seu bonacheirão aliado, faz bem; porque bem conhece a gente que tem estado, está e talvez continue a estar á frente da governação, para nosso mal.

O ministro inglez não está em Lisboa! Grande desgraça!

Um jornal, representante do partido politico que se diz avançado—o progressista—estremece com esta ideia. Em vez de aconselhar o governo actual a que despreze a alliança ingleza que só nos tem sido sempre onerosa, a que procure outra mais vantajosa, que não nos faltaria do outro lado do Atlantico, serve-se da frieza das relações diplomaticas inglezas para comnosco como arma politica, para atacar o governo para que nossa desgraça ali está no poder.

Gostavamos de mais lealdade e dignidade nos partidos políticos que se degladiam não pelo interesse do paiz, mas pelo proprio, infelizmente.

### AUGUSTO BARBIER

Falleceu, ha pouco tempo, mais este bravo luctador da pleiade romantica. Pertencendo á turba insurreccionada d'esses grandes artistas que aturdiram os ouvidos classicos com a musica estridente de estrophes sonoras de canticos d'amor, d'epopeias revolucionarias, de canções primorosas, Augusto Barbier tinha um lugar distincto nas fileiras dos denodados luctadores do novo ideal. Em seguida á revolução de julho enrista a lança adamantina de guerreiro da justiça social, e apparecem os *Iambes*.

Transcrevemos adiante um brilhante soneto da segunda parte—*Il Piauto*—do seu livro *Iambes et Poèmes*—a parte serena, calma d'esta magnifica obra, onde elle nos cristalisa em estrophes profundas e scintillantes, dando-lhes todo o relevo, os perfis dos grandes artistas italianos.

É Angelo com a grandeza athletica, imponente dos velhos prophetas, levantando os grandes poemas da forma, arrancando ao bloco inanimado a mais viva expressão do poder creador.

É Corregio dando ás physiomonias, com o seu toque ao mesmo tempo suave e profundo, este segredo—*a graça*.

É Raphael:

*Ovale aux longs cheveux sur un long col monté*

definindo com o seu eterno genio a belleza na sua comprehensão mais ideal e completa.

É Leonardo de Vinci—o grande poeta, o grande pintor da *Gioconda*.

É Leonardo de Vinci, cuja sublime natureza é, segundo o poema:

*Semblable à l'astre d'or, qui dans la route immense*

*Montant et s'abaissant toujours plein de puissance*

*Fertilise la terre en éclairant les cieux.*

Theophilo Gautier dedicou a A. Barbier algumas brilhantes phrases, como elle as sabia fazer, na sua *Histoire du romantisme*.

Quando a morte colhe um poeta como Barbier, sente-se nas regiões da arte um vacuo immenso, que só devemos tentar preencher lendo e relendo as suas obras, como uma compensação á perda do author.

### LE CORRÈGE

Nourrice d'Allegri, Parme, cité chrétienne,  
Sois fière de l'enfant que tes bras ont porté!  
J'ai vu d'un œil d'amour la belle antiquité,  
Rome en toute sa pompe et sa grandeur  
païenne;

J'ai vu Pompé morte, et comme une Athénienne,  
La pourpre encor flottant sur son lit déserté;  
J'ai vu le dieu du jour rayonnant de beauté  
Et tout humide encor de l'onde ionienne;

J'ai vu les plus beaux corps que l'art ait revêtus;  
Mais rien n'est comparable aux timides vertus,  
A la pudeur marchant sous sa robe de neige;

Rien ne vaut cette rose à la fraîche couleur  
Qui secoua sa tige et sa divine odeur  
Sur le front de ton fils, le suave Corrège.

### CAMBIANTES

#### CONFIDENCIAS

Voltavam do passeio.

A tarde descaia serenamente, deixando umas pequenas nuvens vermelhas, rubras, de formas irregulares e esguias, sobre os pinheiros sombrios que limitam o horizonte pelo lado do occidente. Havia um resto do calor intenso d'um sol d'agosto, e uma atmosfera abafada, immovel. As plantas roubavam abundantemente a seiva á terra, e as flores, pendidas da sua haste, lançavam perfumes. Na extensa planície, via-se onde e onde uma pequena casa branca, cuja chaminé lançava uma columna azulada de fumo, que ia dissipar-se mais acima. Sentiam-se os cantos agudos das aves que atravessavam o espaço em largos vôos, e o zumbido dos insectos em volta das arvores.

O rio, como uma larga lamina de prata, perdia-se por entre os salgueiros, n'uma das suas innumeradas voltas, e a estrada marginal ia esconder-se além, n'uns pequenos montes escaldados e vermelhos, como uma enorme fita muito branca do pó.

As raparigas voltavam da fonte com os cantaros á cabeça, todos enfeitados de hastes de trepadeiras e flores do campo, pousados sobre uma rodilha vermelha e preta. Soltavam gargalhadas jovias e batiam as palmas n'uma expansão d'alegria franca; ás vezes, uma d'ellas começava um canto em toadilha popular, e seguiam então unidas, entoando um unisono melancolico e suave.

Voltavam pela estrada, depois do passeio costumado sentindo-se fatigados. Andavam devagar, fallando baixo, e parando a meudo, enquanto contavam as partidas do seu tempo de seminario.

Aquellas faltas á reza, pela manhã, quando tocava a *matina*, apesar da austeridade do perfeito, um velho padre d'olhos, muito negro e trigueiro!

Que de saudades!

É sorvendo estrondosa e regaladamente uma pitada:

—Boas tempos!

E na aula de canto-chão! o que elle fazia ao padre-mestre, um santo, coitado!

De pé, deante da estante de pão preto, onde estava aberto o livro, o padre dava-lhe o tom n'um pequeno lamiré que tirava d'uma caixa escura, e elle cantava-lhe a canavarde! E apertava as mãos nas ilhargas, sobre a ampla batina, para se rir á vontade.

—No seu tempo não se fazia d'isto—dizia para o companheiro, um padre mais novo—agora já não ha rapazes.

—Tambem se divertiam muito, tornava o outro; ás noites, depois de tudo soegar, reuniam-se n'um quarto, e, á luz dos seus candieiros de lata, bebiam e fumavam.

Uma vez chegaram a jogar.

E contava as pequenas intrigas do corredor e as peripecias das horas de recreio.

—Tudo isso nada é para o que nós faziamos, dizia o mais velho. E partidas amorosas!?

E o padre assobiava, como se quizesse significar alguma cousa extraordinaria.

Começavam então as confidencias.

As fugas pelo claustro, pé ante pé, muito cosido á parede, sustando a respiração, até á porta. Ahí, *untava* a mão ao porteiro, o que o tornava d'um silencio absoluto.

Todos o julgavam a dormir, mas elle corria mundo....

Que noites!

E o outro olhando de soslaio para quem passava:

—Cautela, que o não ouçam.

E n'um tom de familiaridade, chegando-se muito, contou tambem uma que lhe acontecera no Alemtejo, quando estava cura n'uma aldeia.

Era uma senhora bonita, sua confessada. E pousando a mão no hombro do companheiro com um assomo de tristeza:

—Ai collega, tempo que não vólta!

O outro sorria sorvendo uma farta pitada. Passava então uma rapariga da fonte, toda esvelta e fresca.

—Boas noites.

—Quem é? perguntou o mais velho arregalando os olhos.

—E uma das minhas confessadas, respondeu o outro piscando maliciosamente o olho direito.

Mas de repente, tirando o barrete:

—Per signum crucis....

Soava a primeira badalada das Ave-Marias.

Entravam na cidade.

COIMBRA

FERNANDO COUSIN.

As duas sextilhas que abaixo transcrevemos são da traducção d'uma primorosa comedia de Coppé—*Le Passant*, que os nossos dois distinctos poetas A. Feijó e Luiz de Magalhães estão fazendo, traduzindo o titulo por:

#### Minuto d'Amor

Canção de Zenetto

Eis abril o mez do idyllio!

O Sol regressa do exilio,

cantam os melros farçolas,

e na manhã, pura e leve,

chovem os flocos de neve

das brancas pennas das rôlas...

Doce amada, segue a esteira

da borboleta ligeira

para commigo vir ter,

perdida n'um sonho vago,

sob as arvores do lago

onde as corças vão beber.

#### Instrução

O edificio escolar é hoje uma questão momentosa e importa vel-a de frente, sem rebucos nem contemporisações. Faz parte do vasto arsenal da pedagogia, d'essa arte que se incumbem de formar homens e cidadãos.

A casa escolar tem sido objecto nos últimos tempos de profundas discussões. Não ha decorrido ainda—longo espaço de tempo, que se travou renhida pugna a respeito d'uma das primordias condições a que deve satisfazer a casa d'aula, entre um distincto professor no *conservatoire des arts et metiers* e um director do *Laboratoire d'ophtalmologie* na Sorbonne.

Mas se n'um ou n'outro ponto ainda não ha regras fixas nem preceitos definidos, so-bejam aquellas em grande numero de circumstancias, que á primeira vista parecem indifferentes e que são da mais subida importancia encarada pela physiologia, sciencia que vai dia a dia assumindo os foros de positiva, baseando as suas leis na observação e na experiencia.

Desde a escolha do local, destinado á edificação da escola até ao mais miudo, mais insignificante utensilio n'ella empregado, tudo requer sciencia e arte, tudo está sujeito a disposições fixas, a regras inquebrantaveis que muito importam á proficuidade do ensino, á manutenção da saude dos infantes, ao seu subsequente desenvolvimento, ao vigor do homem, á conservação da sociedade.

Educar creanças é fazer sementeira de cidadãos; e a sociedade sem homens prestimosos e validos, de espirito esclarecido e braço robusto degenera, cõe, aniquila-se.

Isto é já agora axiomático. Nem Gregos nem Troianos procuram negal-o. As duas es-

colas que eternamente se debatem, dão as mãos n'este terreno, como se elle fora campo neutral. Nos meios porém, no uso de tal axioma, nos fins para que tendem, é que surgem as intransigencias, é que se levantam as discordancias, é que a razão não pôde abraçar a ambas.

Muito ar, muita luz e regular temperatura são condições essenciaes n'uma casa de aula. Mas é preciso que esse ar seja puro, apropriado ás necessidades da economia animal, mas é preciso que essa luz demande escola e escolares sob determinada conta e feitiço, que não seja excessiva, e incida de modo que não deforme e altere os orgãos da visão; mas é preciso que esta temperatura não seja fixa, immutavel, antes, á vontade e segundo as necessidades thermicas do ambiente, se modifique e adopte ás condições da vitalidade.

O arejamento e ventilação, a iluminação e gradação thermica, dependem da localidade do estabelecimento escolar. A sua exposição concorre poderosamente para a boa distribuição d'aquelles elementos de vida. Não basta porém que o sitio seja bem exposto, é urgente que seja são, que não fique nem em contacto, nem nas visinhanças d'um lugar insalubre, deletério, que nenhum obstaculo permanentemente embarrace a circulação do ar, nem restrinja o accesso da luz, nem impossibilite a penetração dos raios solares, que constituem os factores necessarios da sanbridade do edificio.

Pôde dizer-se, pois, que a casa escolar deve construir-se n'um local saudavel, que não deve construir-se senão ahí, e que toda a vigilancia é pouca n'este sentido.

Os materiaes empregados na construção devem ser dispostos de modo que possam constantemente conservar-se em bom estado. Embora a alvenaria, as madeiras e mais adjuntos sejam da melhor qualidade e isemptas de qualquer vício, desde que constituem paredes, tabiques, tectos, sobrados, etc etc., vão sendo infectionados pelos miasmas que resultam dos proprios actos da vida, pelos productos da respiração, pelos diferentes gazes e effluvios, que se desenvolvem no incessante exercicio da machina animal.

Ora os materiaes hão de ser mais cedo ou mais tarde impregnados d'esses corpos deletorios e tornar-se-hão por seu turno um poderoso elemento de infecção. É pois indispensavel escolher os materiaes que melhor resistam a semelhante infiltração e dispo-los de forma que mais seguramente obstem á penetração d'aquelles agentes infectantes.

Devem portanto escolher-se de preferencia os materiaes que pela sua textura mais apertada, mais densa, menos esponjosa, não permitam tão facil entrada aos miasmas, não deixando nunca de revestir as faces internas das paredes com substancias, susceptiveis de se amassarem sobre si mesmas e de se alisarem a ponto de reduzir todas as asperesas a que mais facilmente adherem os miasmas.

Madeiras duras e inductos densos são recursos efficazes e que não exigem grandes despesas.

Todas estas cautelosas disposições serão inuteis se não houver cuidado em prevenir a acção dos miasmas e a sua accumulacão no interior da casa d'aula por meio d'um conveniente arejamento.

Comprehende-se bem que a frequencia escolar precisa de ser interrompida para dar occasião á entrada de frequentes e abundantes correntes d'ar, que não só atravessem toda a casa, mas ainda vão incidir sobre todas as superficies ambientes.

Para realizar este *desideratum* estabelecem-se sobre duas faces oppostas da aula largas aberturas, munidas de vidraças moveis.

Por via de regra, as casas escolares, fechadas ao terminar os trabalhos de um dia, abrem-se tão sómente no dia seguinte quando as creanças vão para logo invadir-as em massa. Todos os effluvios vitais ahí permanecem e successiva, gradual e diariamente sommiados, vão tornando insalubre aquellas casas.

Ao entrar-se n'ellas, como que se abafa, a respiração difficulta-se, a cabeça estonteia-se, a propria vista se perturba.

O habito, só o habito, deixa ahí perma-



necer; mas esse habito é adquirido á custa da saude dos innocentes alli abrigados durante 6 horas consecutivas.

(Continúa.)

## NOTICIARIO

Fez acto de licenciado no dia 4.º o sr. dr. Luiz Pereira, formado em Philosophia, Mathematica e Medicina.

Propõe-se á faculdade de Medicina. S. ex.ª manifestou ainda d'esta vez quanto é verdadeira a alta reputação em que é tido o seu talento.

O partido regenerador vai em maré d'infelicidades. Chegou finalmente a governar porque os progressistas assim lo querem Talvez isto pareça extranho, mas nós sabemos de pessoa a quem prestamos inteiro credito, que o sr. Fontes estimaria bastante ser empurrado do poder por uma opposição vigorosa do partido progressista; mas este também quer por sua vez observar de palanque os tregeitos do povo a pagar impostos; lançados pelos regeneradores. Os progressistas, que cairam já no laço, fogem e não manifestam tendencias a cair pela segunda vez.

Tambem nos disseram que os progressistas estão decididamente resolvidos a constituir-se em dictadura e publicar para logo no *Diario* official as reformas politicas que ora promettem.

Se assim for, cremos que bem avisados andarão elles. Nós gostamos d'essa attitud, porque vemos n'ella conquistas de subido apreço em prol da democracia.

O partido constituinte continuará indefinidamente na expectativa, porque os regeneradores e progressistas entendem que a paratruha se assemelha á herca que se agarra de veras e suga o partido a que se for enlear. A corça tem tambem a seu respeito vagas desconfianças e lembra-se dos factos de 19 de maio e do papel politico que então representou o sr. Dias Ferreira. Tudo conspira contra a sua ascensão ao poder. Veremos o desfecho d'esta politica monarchica que attende principalmente ás suas conveniências.

Ha tempos que viamos construir-se no Gaes uma cocheira da Companhia do sr. Natividade. Fazia gosto ver como n'uma terra tão apathica e inimiga de empresas como Coimbra se levantava uma construção ao mesmo tempo dispendiosa e revelando um certo gosto.

Tivemos occasião de ver a ordem e limpeza com que tudo se achava disposto. Tinha-se acabado de montar um telephone entre a cocheira e o escriptorio da empresa.

Pois ha dias foram os fios cortados. Alguma vingança ou inveja de espirito forte...

Em Cubos, freguezia de Mangualde morreu uma mulher com 111 annos de idade.

Ha factos que honram sobremaneira quem os pratica. Entendemos que dar-lhes publicidade é um dever que se nos impõe.

Em Alcanena, concelho de Torrès Novas, o ex.º sr. José Luiz Machado acaba de realisar uma acção que muito o nobilita.

S. ex.ª affiançou um seu patricio n'uma quantia de mais de cem mil reis. O affiançado não pôde satisfazer o pagamento em occasião opportuna. Hoje que a sua situação financeira melhorou, sem todavia chegar a ser prospera, o affiançado quer pagar em pequenas prestações. Apresenta a primeira e recebe do fiador esta nobilissima resposta: «Guarde a prestação e peça quando quiser um recibo de saldo de contas.»

Registre-se e tanto basta.

Ha tempos espalhou-se um boato de que se achava doente o illustre republicano sr. Rodrigues de Freitas; tivemos o gosto de ver a noticia desmentida pouco depois.

Actualmente corre o mesmo boato. Ficamos nutrindo os mais ardentes desejos de ver em breve restabelecida a saude do nosso estimavel correligionario.

Segundo lemos na *Democracia*; á cadeira de litteratura grega e latina do curso superior de lettras concorrem os srs. Freitas e Costa, Santos Valente e Pinheiro Chagas.

O ultimo d'estes cavalheiros é a segunda vez que concorre a uma cadeira d'aquelle curso. A primeira vez concorreu á cadeira de litteratura moderna com os srs. Luciano Cordeiro e Theophilo Braga. Depois d'isto já tem feito, como socio da academia, parte do jury que examina os candidatos ás cadeiras d'aquelle estabelecimento de ensino.

O sr. Santos Valente é um latinista distincto, a quem se devem trabalhos litterarios do mais alto valor.

O sr. Freitas e Costa, medico e litterato dos mais apreciados, dotou as lettras portuguezas com essas *Filigianas* admiravelmente trabalhadas, em cujo numero encontramos a primorosa traducção do *Festim Romano*, de Petronio.

Vão brevemente começar os estudos do ramal do caminho de ferro da Beira que vai de Coimbra á Figueira.

Em Santarem realisoa ha pouco o jesuitismo uma façanha inaudita.

Um cidadão que havia casado civilmente, foi escommungado pelos padres, que pozeram uma povoação inteira em alarme, mandando tocar os sinos a rebato. Forçaram estes bons sacerdotes do altar o regedor a prender um homem que se casara á face das leis do seu paiz!

O commissario de policia quiz proceder contra este attentado monstruoso e foi detido pelo governador civil, que assim favorece a reacção. Não vai mal o sr. visconde d'Andaluz, que se mostra á verdadeira altura da gravidade das circumstancias. Esperamos do nosso dedicado correspondente minuciosas informações e faremos então os commentarios que o caso requer.

Podem desde já contar connosco o governador civil e reaccionarios do seminario de Santarem.

A companhia do Theatro Principe Real dará brevemente tres recitas no Theatro Academico, levando á scena a *Mascotte* e o *Pompon*. No Club já se acha aberta a assignatura.

Nos Estados Unidos, lado sud-oeste, encontra-se uma planta, vulgarmente chamada, — *Planta-bussola*.

As folhas d'esta planta têm a propriedade de se voltarem para o norte e servem de guia aos caçadores e outros habitantes dos campos que não possuem nem têm á sua disposição uma agulha magnetisada.

As duas estremidades marcam com a maior exactidão o norte e sul, emquanto que a parte superior e inferior, em vez de olharem a terra e o ceu, estão voltadas para este o este. O tronco attinge uma altura de 5 a 6 pés e sustenta grandes flores amarellas.

O nome scientifico d'esta curiosa planta é *Silphium baciniatum*.

Recebemos o numero 3, correspondente a março de 1882, do *Jornal de Horticultura Pratica*.

Traz, além d'outras gravuras e artigos de grande interesse scientifico, o retrato de Carlos Darwin, acompanhado de biographia escripta pelo lente d'esta universidade, o sr. Julio Henriques.

Está felizmente restabelecido da doença, de que ultimamente foi atacado, o sr. Horacio Ferrari.

Felicitemos do coração o nosso distincto amigo e collaborador.

*Centenario do pintor Murillo*—Prepara-se em Sevilha o projecto de commemoração do centenario de Murillo. Foi n'aquella cidade que nasceu o celebre pintor em 1617 e falleceu em 1682 resultado da queda d'um andaime, onde pintava para o altar-mór do convento dos Capuchinhos os Esponsaes de Santa Catharina. O projecto da festa propõe uma exposição de todas as telas de Murillo,

que se podessem obter, reunindo-se ao mesmo tempo diversos quadros dos mais importantes pintores modernos. Por ultimo, organizar-se-ha um concurso artistico.

A Associação dos funcionarios publicos elegeu seu vice-presidente por uma grande maioria o nosso illustre correligionario, sr. José Elias Garcia.

Para presidente foi escolhido o sr. general Mello Breyner.

Em Lisboa tracta-se de realisar um grande comicio, destinado a pôr em luz os erros alvares das recentes medidas financeiras e levantar contra elles um forte protesto.

O comicio é tanto mais opportuno quanto é verdade que o governo pretende fazel-os sancionar pelos mesmos processos que adoptou na approvação do tractado de commercio, etc.

As importações e exportações da Inglaterra em livros, gravuras, quadros, e outros objectos d'arte, attingiram, em 1876, os valores, indicados pelos algarismos que se seguem:

	Importações	Exportações
Livros.....	3.752:475	22.045:975
Gravuras.....	1.250:375	18.714:075
Quadros, desenhos e photographias....	13.739:025	7.548:725

Os livros e gravuras importados vem principalmente da França e da Alemanha; os quadros, desenhos e photographias são enviados pela França e Belgica. Os livros exportados dividem-se assim: — Australia, 8.353:400; India, 1.994:450; America do Norte (sem os Estados-Unidos), 4.702:570; America central e do Sul, 1.000:175; Estados-Unidos, 4.799:159; Europa e diversos, 4.196:250.

O tempo tem corrido com uma irregularidade extrema.

A momentos d'um bom sol de primavera succedem-se rijos aguaceiros, por vezes acompanhados de saraivada.

Os catholicos que tanto reprovaram as commemorações civicas chamadas centenarios, elles que tanto temeram que ellas substituissem as solemnidades religiosas, parece que já mudaram de opinião. Segundo lemos n'um jornal preparam-se para celebrar com toda a pompa o centenario de Santa Threza.

Diz o *Jornal da Noite*, n.º 3340:

«*Quinteto de Cristal* — Com esta denominação vai brevemente debutar uma sociedade composta de 5 dos nossos artistas, alguns dos quaes fizeram parte da *Sociedade d'Occarinistas Portuguezes* que depois de se fazerem ouvir em 1876 aqui e em algumas das nossas cidades principaes, percorreram quasi toda a America do Sul n'uma viagem artistica de mais de um anno.

Este novo instrumento composto de 420 copos, comprehende uma extensão de mais de 4 oitavas com todos os intervallos chromaticos, e é dividido em 3 partes distinctas, sendo 2 sopranos, 1 tenor, 1 barytono e 1 baixo.

Os artistas que compõem esta sociedade são os srs. Julio Taborda, iniciador da ideia e inventor do instrumento, Carlos Wintermentel, J. Evangelista Neumayer, Alexandre Ferreira e Ferreira Braga.

Consta-nos ser muito agradável e completo o seu effeito geral. Desejamos portanto que os esforços d'estes dedicados cultores da mais bella das artes sejam coroados do melhor bom exito.»

Quanto a nós antecipamo-os em felicitar pela brilhante coroação de seus esforços arrojados os instituidores do *Quinteto de Cristal*.

Sophia, Bertina a nihilista russa que tanto deu que fallar e que fora condemnada a vinte annos de trabalhos forçados na Siberia, conseguiu evadir-se d'este paiz e chegou ha poucos dias a Genova.

Recebemos o 1.º numero da *Orgia*, por Gomes Leal. É um folheto de 97 paginas, nitidamente impresso. Trata com bastante espirito de alguns dos ultimos acontecimentos politicos.

Na assembleia nacional de França acaba de ser approvada a proposta de lei, pela qual é abolido o juramento religioso em toda a França. D'ora em diante a formula do juramento limita-se ao seguinte: «Prometto fazer justicia e dizer a verdade».

*O centenario de Frabel*—Reuniu-se no dia 18 do mez passado a «Sociedade de Instrucção» do Porto para tractar da solemnisação do centenario do nascimento d'aquelle grande educador. Convocou para aquella reunião, os membros do conselho, professorado official e particular, directores dos collegios e membros da imprensa.

Depois de uma larga discussão que durou tres horas, e em que tomaram parte, entre outros cavalheiros os srs. Silva Albuquerque, Simões Lopes, Joaquim de Vasconcellos e Vieira de Castro sobre o programma a seguir, apurou-se em summa o seguinte:

Que se celebre uma sessão magna no dia anniversario de Fröbel, fazendo-se conferencias em que se exponha o methodo do grande pedagogo, e material de ensino; que se publique uma biographia com um retrato de Fröbel, biographia que será escripta pelo sr. Rodrigues de Freitas, que já accedeu ao convite que se lhe fez para isso; que essa biographia seja distribuida gratis, ou pelo preço minimo do custo, aos que concorrerem á solemnidade; que se mande uma saudação telegraphica á familia de Fröbel, no dia do centenario, e depois outra escripta ou impressa, bem como á escola de Friedland.

Resolveu-se tambem nomear uma commissão, para promover uma subscrição publica, com o fim de se fundar uma escola Fröbel e jardim da infancia n'esta cidade.

No dia 2 fez acto de licenciado o sr. Wenceslau Lima que se propõe á faculdade de Philosophia.

Prevenimos os nossos estimaveis collegas da *Galeria Republicana* de que não receberemos os seus dois numeros.

Tambem deixámos de receber o ultimo numero do *Contemporaneo*.

Deve brevemente sair á luz a primeira parte do poema *Antichristo*, pelo sr. Gomes Leal. Intitula-se a *Cidade do Mal*.

Na ultima eleição para os corpos gerentes da Associação dos jornalistas foram eleitos os seguintes srs:

Presidente o sr. Consiglieri Pedroso, vice-presidente o sr. Fernando Pedroso; secretarios os srs. major Brito Rebello e Laborde Barata; vice-secretarios os srs. Costa Goodolphim e Cunha e Sá; thesoureiro o sr. dr. Carvalho Monteiro.

No dia 4 cahiu um raio na igreja de Santo Antonio dos Olivares. A torre que alli se anda construindo foi poupada. Os estragos não são importantes, como se podia esperar.

Começaram a publicar-se em Lisboa mais tres jornaes o *Estandarte*, o *Espectro Republicano* e o *Malhete*. Os dois primeiros são republicanos e o terceiro é orgão da maçonaria.

Deu-se ha dias em Paris uma prova de dedicação sublime da parte dos alumnos da faculdade de medicina.

Na rua de Mont-Parnasse um carro esmagou as pernas de um transeunte. Foi immediatamente transportado para o hospital Cochin, onde lhe foi feita a amputação pelo sr. Th. Anger, que disse ser necessaria a immediata transfusão de sangue, em consequencia da hemorragia violenta de que o ferido fora atacado.



Em vista d'esta observação, logo o alumno, mr. Lassigne se offereceu ao medico, que dispoz os aparelhos e lhe tirou cerca de quinhentas grammas de sangue. Mr. Lassigne não tardou a sentir os symptomas da syncope, em vista do que um outro alumno, mr. Bataillard, se apresentou para fornecer o resto do sangue necessario.

Gracias á dedicacão d'estes dois rapazes, salvou-se uma vida.

**Publicações recebidas**

A «Canastilla Infantil». Summario — A primeira educacão, por Emilia Real. — A Virgeia (poesia), por Josepha Barrientos. — Uma recordacão, por Josepha del Canto. — Lenda dos papagayos, de Raul de Najac. — Explicacão das Gravuras. — Gravuras — La niña mendiga. — Palacio del Louvre. — Tres modelos de juguetes — Encage á crochet etc. — uma gravura a côres.

Administracão — Cité Trévise — 8 — Paris.

«Encyclopedia Republicana» — Paginas 49 a 80. Traz magnificos artigos por Theophilo Braga, Alberto Bastos, Annes Baganha, Xavier de Paiva, Reis Damaso, Teixeira Bastos e Arruda Furtado.

O n.º 1.º do «Enrico» Boletim da Sociedade Litteraria — Alexandre Herculano — Traz um retrato de pagina de Alexandre Herculano e magnificos artigos e poesia de Rozendo Carvalho, Alexandre Ruiz, Mac-Grégor, Julio Baptista, Marte de Anvers, Albino Caldeira, Fra-Diavolo, Augusto de Avellar Machado, Donesor liagra.

Cada numero de 8 paginas, custa 70 reis. Toda a correspondencia dirigida a Seabra dos Santos, Travessa do Santo Amaro, 35

O n.º 14 do «Commercio e Industria» folia illustrada com retratos e biographias. Este numero traz o retrato do sr. José Antonio d'Almeida Mourão, distincto industrial da Covilhã, cuja biographia é escripta pelo sr. Antonio de Menezes. Traz um artigo de Gomes da Silva e o artigo «excellencias do trabalho» transcripto da «Sciencia para todos».

O numero do *Journal de Agricultura e sciencias correlativas* correspondente a fevereiro. O summario é o seguinte:

**Secção agricola:** — O morangueiro. — Sobre a plantação da vinha. — Meios preventivos do peronospora viticola. — Nova maquina de limpar sementes. — Aperfeçoamento nas maquinas aratorias. — As ampelopsis ou plantas semelhantes á vide. — Curiosidades: Correccão da acidez dos vinhos. Um meio de conservacão das uvas. — Chronica agricola.

**Secção de medicina veterinaria.** — Ankyse. — Caracteres e aptidões das raças bovinas portuguezas: Raça algarvia. — Eccos veterinarios: Evènements de cavallos com pão bolorento. Febre amarella na especie bovina. Birra no ar no gado bovino. O tœnia meridio-canellada no homem.

\* Esta publicacão assigna-se no Campo dos Martyres da Patria, 132, Porto.

**Secção Pombalina**

Na quinta feira reunião da commissão Pombalina no Club Academico.

A sub-commissão composta dos srs. Henriques da Silva, Leopoldo Mourão e Pedro Gaivão encarregada de estudar as propostas e de apresentar um parecer para servir de base ao programma, submetteu á discussão um relatório dos seus trabalhos que foi approvedo com pequenas alteraçoes. Da acta da sessão extrahimos o seguinte: Fica assente: 1.º — que se realice uma sessão solemne anti-jesuítica em que tomarão parte todas as classes de Coimbra, e onde se apresentem as grandes reformas de Pombal e se proteste d'um modo solemne e vehemente, contra a indifferença dos governos superiores que não tem posto em execucao as medidas por elle tomadas contra os jesuitas. 2.º — um sarau litterario e musical no Theatro Academico. 3.º — que se mande fazer um retrato do marquez que se collocará no gabinete do

Club. 4.º — que se publique um jornal em numero unico no dia do centenario. 5.º — que se nomeie uma commissão composta de alumnos de todas as faculdades para estudar um projecto de reforma dos estudos universitarios.

Ha mais alguns pontos que não mencionamos, visto que havemos de publicar na integra o programma que será posto á discussão e votacão na proxima quinta feira.

Ficou composta dos srs. Antonio Centeno, Luiz de Magalhães, Antonio Feijó, Carlos Avila e Sebastião Peres, a commissão encarregada de redigir o programma.

**A MORTE DE MEU IRMÃO**

(2 DE MARÇO DE 1883)

Pobre Ramiro!!! 46 annos apenas... um rosario de perolas espalhadas, perdidas entre as vegetaçoes d'um cemiterio!!! Uma lousa encobrindo uma aurora de esperanças... o sorriso esmorecendo n'uns labios rosados, frescos de mocidade e de seiva... um enigma bruscamente decifrado pela inconsciencia d'uma lei fatal... o horror, as lagrimas, o luto e a desolação succedendo ao meigo fulgor d'uma alvorada esplendida.

A tempestade, medonha, terrivel, liemal, toldou n'um instante o céu da tua existencia, limpido, sereno, recamado de estrellas, que irradiavam phosphorescencias, scintillações de luz e risos de creança....

Extranha aberracão das leis que deviam regular a vida!! A campã aberta em seguida ao berço que mal cessou de ser embalado....

O tumulo é o berço da natureza; mas é um berço tetrico, fixo, immovel, que transuda liquidos decompostos em logar das lagrimas. Embala-o a noite com o ciciar das folhas dos cyprestes; os ventos e o piar sinistro das aves nocturnas substituem o canto suavissimo das mães....

Irmão e amigo, innocente victima da morte injusta, cruel, desapiadada, repousa ahi n'essa gelada mansão, que amanhã, depois, quando a saudade vier substituir a dor que agora me inutilisa.... eu irei em piedosa romagem ao cemiterio colher os goivos que brotarem da tua campã; e no perfume que elles extharem aspirarei ainda o calor da tua juventude, a seiva purissima que te animava o corpo.

Lisboa 5 de Março de 1882.

Augusto Tacares.

**ODEMIRA**

**Ao sr Vigagio Pro-Capltular de Beja**

É hoje a segunda vez que nos dirigimos a v. ex.ª, para o fazer sabedor da ultima resolução que tomámos:

Que o praso estabelecido até 28 de fevereiro se alongasse por uns dias mais de março, aproveitando esta occasião para dizer a s. ex.ª, que o consideramos conivente nos abusos, que, em nosso juizo, tem commettido o seu subordinado, o prior da egreja de S. Salvador de Odemira, se não der uma manifestação de que se importa com o documento legal que lhe foi apresentado.

Além d'isso daremos ao publico uma prova do que dizemos, esclarecendo-o.

As leis ecclesiasticas ha muito apregoadas, que dispõem sobre o caso sujeito são: Const. do Arceb. de Lisboa L.º 3.º t. 3.º — Const. do Bisp. do Porto L.º 3.º t. 4.º — Const. do Bisp. do Algarve L.º 3.º Cap. 21.º — Dizem o seguinte: — «Os parochos, especialmente sem coadjutor, não pôdem ser advogados no fóro secular em causa secular, excepto em causas suas ou de seus parentes em grau proximo, e dos seus prelados, assim como sendo a causa a bem dos pobres, orfãos, viúvas e pessoas miseraveis, se o fizerem por caridade e sem salario.

Só pôdem responder de direito nos processos em suas casas.»

D'aqui se vê que, se se attender ás leis a que estão sujeitos os sacerdotes, este, não só não a cumpre, porque não tem advogado

em algum dos casos apresentados na lei, mas viola-a porque advoga nos casos exactamente contrarios, e violando a lei tem de ser punido, logo....

E, a pratica? vamos ver.

O sr. procurador está no tribunal defendendo um seu cliente; no meio do seu enthusiasmo, n'um d'aquelles bellos discursos que nós lhe temos ouvido, apparece um seu freguez que necessita do sr. prior para socorrer com o santo viatico um doente, ou para baptisar uma creança, etc...

Pergunta-se: como pôde o sr. procurador e prior satisfazer immediatamente a estas duas obrigações?

O sr. procurador no exercicio do seu cargo foi fazer uma demarcação n'uma propriedade distante da villa, e succede que durante esse tempo, o sr. prior é chamado para ministrar a um seu freguez uma das muitas necessidades de christão.

Pergunta-se: não estando sua rev.ª em Odemira, e não tendo coadjutor como pôde desempenhar os seus ministerios? É perfeitamente impossivel responder a estas duas perguntas!

E, a razão sabem qual é? Não se admite nas duas hypotheses estabelecidas a collisão: não podendo optar por uma, porque falta á outra obrigacão, e havendo dois cargos *in carne una*, cujo desempho é immediato porque a lei assim o determina, conclue-se facilmente que este *heroe* falta as suas obrigações, abusa portanto.

O sr. Vigario Pro-Capltular tem sido informado de tudo isto, por algumas vezes, e até hoje ainda não deu uma satisfacão condigna.

Pois sr. Vigario, affiançamos a s. ex.ª, que se a nossa queixa não for attendida em Beja, ha de ir ao Arcebispo de Evora e ao Nuncio de S. Santidade, e se ahi não for ainda attendida recorreremos aos tribunaes civis, pois que estes tomal-a-hão em conta e a sua obrigacão ha de ser cumprida.

Corre aqui como certo, que a queixa enviada ao sr. Vigario foi entregue ao prior em questão.

Nós não a vimos, mas affirmaram-nos isto. Achavamos melhor, que a demissão lhe fosse antes entregue... era mais legal e... mesmo mais moral.

**Ao sr. curador dos orphãos em Odemira**

Chamamos a attenção de s. ex.ª para um facto que se deu no dia 21 de janeiro de 1882, quando s. ex.ª estava fóra da comarca, no gozo de licença.

Tractava-se da reforma da partilha no inventario de Custodio da Graça, do monte dos Pezos, aldeia de S. Luiz, e tomou conta d'este trabalho como procurador, o padre de que vimos de fallar.

A fortuna é pouco mais ou menos de 8.400\$000 réis, são quatro os herdeiros, tres orphãos e madrastra.

A esta pertence-lhe a sexta parte da herança, sendo apenas 7.000\$000 réis divididos pelos orphãos. Ora o sr. procurador que tomou conta da causa d'estes, gratificou-se com a bagatella de 90\$000 réis, o que nos parece um abuso e grande. Temos presente um documento legal que o proprio sr. procurador assignou.

Pôde ser que nós nos enganemos no nosso juizo, em todo o caso em virtude do art. 221 do Cod. civil cumpre ao sr. curador «ser ouvido em tudo que diga respeito aos direitos e interesses dos menores» e por isso informe-se s. ex.ª e esclareça este facto fazendo resaltar a verdade, para não haver duvidas de reputações.

Odemira, de 1882.

(Continúa.)

(Do nosso correspondente)

**Santarem**

A *Evolução* é aqui verdadeiramente apreciada, porque sabe tratar os altos problemas politicos á luz d'uma critica imparcial e fina e emprega uma linguagem que honra e nobilita a imprensa.

Não pretendo adular nem lisongear a *Evolução*, mas não posso deixar de saudar esses rapazes d'uma consciencia illibada, de uma honestidade incontestavel e de prin-

cipios rasgadamente democraticos que são a alma e o sustentaculo de tão distincta folha periodica.

—Dado este cavaco, que eu de ha muito trazia arranjado no espirito, passo a dizer-lhe d'esta cidade o que me parece digno de ser publicado.

—N'uma correspondencia de Santarem, dada a lume na *Evolução*, fazia-se a analyse dos homens que geralmente se suppõem de maior importancia politica n'este circulo. Quem quer que escreveu a correspondencia, a que alludo, conhecia mais ou menos a vida intima da politica d'esta terra, mas nem todas as suas apreciações se me afiguram rigorosamente exactas.

Quando na citada correspondencia se fallava do grande valor politico do sr. Mello, eu disse de mim para mim:

Estas palavras eram verdadeiras se fossem referidas a uma epoca que vae distante em que o sr. Mello valeu muito. Hoje é diminuto o seu poderio e elle proprio tem a consciencia da sua fraqueza, buscando alianças, ora com os progressistas, ora com os regeneradores. O sr. Mello perdeu em Alcanede um influente eleitoral que valia e vale 400 votos. Perdeu em Alcanhões um pharmaceutico, seu amigo dedicado, que, nas occasiões dificeis, levava aos eleitores as suas receitas e conseguia em troca uma somma consideravel de listas que fazem deputados e cararas municipaes. Perdeu, no Malhou, Sebastião Leite, que representava 100 votos seguros, que ninguem lhe roubava.

N'esta cidade perdeu João de Almeida, homem que sabia ser amigo. A influencia do sr. Mello em Almoester está destruida pelos influentes do ex-deputado pelo Cartaxo. Ora, em vista d'estas consideraçoes, que ninguem poderá contestar, eu sou d'avisio que o sr. Mello não pôde hoje ser considerado ao par dos srs. Pedroso e visconde d'Andaluz.

Quem merece as honras de primeiro tentado politico em Santarem (circulo) é um homem, de quem nada se falla e que quasi ninguem vê envolvido nas grandes questões. Esse homem chama-se — Joaquim Miranda.

—Pelo que respeita ás diabruras do sr. Mello para com o chefe do partido progressista n'esta cidade, dr. Napoles, são ellas de tal modo repugnantes que enjoam; mas é certo tambem que ellas não beliscam sequer o honrado caracter do sr. dr. Napoles.

Essas recriminações biliosas assemelham-se ás balas que a soldadesca atirava ás pyramides do Egypto, que recuavam sem magoar o alvo e vinham cravar-se nos atiradores inconscientes e estupidos.

—Produziu aqui notavel impressão a noticia explicativa da eleição á Junta Geral do dr. Pedroso pela Barquinha. Para mim foi uma surpresa, confesso-o. Eu sei que um sujeito das relações intimas do dr. Pedroso quiz manifestar que o correspondente não era exacto n'aquelle sentido. Eu julgo-me auctorisado a confirmar a veracidade da noticia, porque soube que a essas negociações assistiram dois cavalheiros que muito preso. Um d'elles foi deputado progressista pelo circulo de que a Barquinha faz parte o outro é aqui muito conhecido, comquanto viva actualmente em Lisboa. — Quem pensar e reflectir um pouco extranha com razão que a Barquinha, onde predominam os progressistas, elegeisse procurador um cavalheiro da opposição!!!...

Não temos a presumpção da profecia; mas não é difficil prever a aliança politica do sr. Pedroso com o illustrado chefe do partido progressista d'esta cidade.

Podem objectar-me que o sr. Pedroso é constituinte e portanto é difficil a junção politica com a Granja.

Respondo que os constituintes estão e estarão longe do poder; que estar eternamente na opposição, distante, muito distante do poder, traz consigo um desespero surdo, que asfixia e aniquila. — Ora o sr. dr. Pedroso, como habilissimo medico, conhece perfeitamente o estado do partido constituinte e sabe applicar-lhe o medicamento apropriado.

—Despeço-me até á proxima semana, se os meus bons amigos o permitirem.

(Do nosso correspondente)





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realteza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 17      CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA      COIMBRA, 20 DE MARÇO DE 1882      PUBLICAÇÕES      ANNO 1.º  
Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.      Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

### O COMICIO

Está fazendo um anno que o paiz inteiro se levantava n'um extraordinario e energico movimento de patriotismo contra uma infamia governamental, o tratado de Lourenço Marques.

E esta memoravel agitação, tão gloriosa como qualquer das suas datas historicas, tinha recebido o impulso fecundo do partido republicano.

É uma pagina de brilho na historia d'este partido esse grito de alarma pela integridade nacional, esse appello supremo ás consciencias honestas na vespera de um grande desastre.

Por toda a parte encontrou elle um echo sympathico, e o paiz pôde ainda repellar a vergonha que lhe queriam infligir.

Actualmente o partido republicano, seguindo as suas tradições honradas, aponta á reprovação do paiz as ultimas medidas do ministro da fazenda.

Em evidente opposição com os dados da sciencia financeira, e importando a flagrante injustiça de incidirem especialmente sobre as classes menos providas, que são as mais numerosas e aquellas precisamente que se tornam mais dignas de favor, não podiam deixar de encontrar em nós a opposição que merecem.

Não nos move o pensamento ignobil de lisongear os interesses de certas ou certas classes, em detrimento de outras, que por ventura nos sejam menos afieçadas, nem tão pouco somos levados por meros intuitos proselyticos.

É sim a comprehensão do estado lastimavel em que vemos as finanças, e a importancia superior d'esta questão fundamental, que não poderá ser resolvida sómente pelos expedientes gastos, e irrealisaveis por ventura, que o sr. Fontes apresentou ha pouco; mas por um largo systema de reformas em todos os ramos da administração financeira, sob o ponto vista de uma repartição mais equitativa e de bem entendidas economias.

São estas igualmente as aspirações do paiz mas vemos que não são as da maioria parlamentar.

Que fazer, pois, quando o governo com a sua maioria compacta e subservente, sahida do sophisma e da corrupção do suffragio se mostra em claro antagonismo com a legitima vontade nacional?

O expediente que actualmente pôde produzir resultados mais convenientes é sem contestação a realisação de grandes comicios.

N'estas reuniões pacificas e imponentes, conquistas preciosas da democracia, a soberania nacional afirma-se de uma maneira eloquente; o povo vae ouvir da bocca dos seus tribunos mais queridos as

palavras de cordura e dignidade que devem servir-lhe de norma na consecução das suas justas aspirações.

Foi inspirada n'estas ideias que a illustrada redacção do *Seculo* promoveu e realisono dia 12, com a coadjuvação da imprensa republicana da capital, um comicio extraordinariamente concorrido, destinado a discutir as propostas de fazenda.

É sabido o que então se passou: mais de 4000 cidadãos teriam assistido ao comicio, se o edificio para elle destinado os tivesse podido conter; os srs. Theophilo Braga, Magalhães Lima, Manuel d'Arriaga, Silva Lisboa, Augusto de Figueiredo, Gomes da Silva, Reis e Sousa, Agostinho da Silva e Jacintho Nunes demonstraram o estado cahotico da nossa administração financeira, a necessidade de reformas e economias etc. etc.

Nomeou-se uma commissão composta dos srs. Theophilo Braga, Manuel d'Arriaga, Jacintho Nunes, Silva Lisboa e Magalhães Lima, afim de elaborarem uma representação ao parlamento, que já foi entregue.

N'essa representação, digna e elevadamente concebida, expõe-se a opinião contraria ás propostas do ministro da fazenda e termina-se invocando o patriotismo da camara que exige a sua rejeição.

O grande numero de assignaturas que cobriram a representação e as unanimes e calorosas manifestações de adhesão com que o auditorio recebia as palavras dos oradores mostram quanto é profunda a contrariedade que as propostas encontram no povo de Lisboa.

Mas não é só na capital que a opposição se manifesta; vae-se declarando com intensidade em quasi todos pontos do paiz, como testemunham o grande numero de telegrammas de adhesão enviados ao *Seculo* os recentes acontecimentos de Braga, onde o commercio fechou os estabelecimentos, e os projectados comicios em varios centros de commercio e industria.

Folgamos de ver a nobre attitude do partido republicano; como se vão desenvolvendo os habitos de cordura, em nada incompativeis com a dignidade e direito de reacção contra quaesquer erradas medidas governamentais.

Só assim poderá destruir-se o velho preconceito que definia democracia como synonymo de anarchia e rapina, no qual naufragaram á sombra esterilizadora do paço, talentos privilegiados como o de A. Herculano.

Discurso pronunciado na camara electiva em 15 de febreiro pelo deputado republicano, o sr. José Elias Garcia.

E, se me é permitido n'este momento, agradecerei, porque me esqueceu ha pouco

quando me referia ao sr. Palmeirim, agradecei, digo, as expressões com que s. ex.ª recordou o nome d'um homem que se sentava n'estas cadeiras, que foi meu companheiro, cujas qualidades sempre respeitei e admirei, e que tão cedo desapareceu do mundo.

Não posso, pela commoção que sinto, prestar a verdadeira homenagem áquelle bello e admiravel character, (*Muitos apoiados*) tão bello e admiravel como o de Antonio Alves Martins, de quem não tenho senão que recordar-me dos momentos em que encontrei, da sua parte, as maiores provas de amizade e deferencia, provas de confiança nas confidencias que era capaz de ter, como sabem os que trataram com elle.

Differentes medidas são apontadas na resposta ao discurso da corôa, umas que se referem á instrucção publica, outras ao exercito; e, ao mesmo tempo, allude-se ao tratado de commercio com a França, ácerca do qual o illustre deputado, o sr. Palmeirim, entendeu não ser mais competente para falar do que eu.

Nada direi ácerca das propostas sobre instrucção publica. Reservo-me para as examinar quando o governo as trouxer á camara; e por esta occasião confesso que senti muito que o sr. ministro do reino, quando ha dias apresentou uma proposta de lei ácerca de instrucção, não aproveitasse o ensejo de assignar d'uma maneira mais larga e mais ampla as suas aspirações, que são nobres, ácerca da instrucção primaria. Da secundaria esperaremos, mas da instrucção superior e da instrucção especial ainda se não disse uma unica palavra.

Vem tambem indicada no projecto de resposta a reforma do exercito, mas afigura-se-me que o sr. ministro da guerra poderia dar-nos a noticia de que effectuaria uma reforma que é a mais essencial, a instituição do serviço obrigatorio, sem o qual não haverá nunca perfeita igualdade, sem o qual não pôde haver no nosso exercito aquelle espirito patriotico que é indispensavel a todos os povos.

Sinto, pois, que não esteja mencionado este principio, que é absolutamente necessario para o exercito.

Não sei se ainda virá esta reforma, mas lamento que ao menos não se tivesse consignado este principio.

Ha outro esquecimento notavel n'este projecto, que é o registo civil, (*Apoiados*) que n'um dos ultimos ministerios regeneradores s. ex.ª trouxeram ao parlamento, e de que parece terem-se esquecido agora.

O registo civil é uma necessidade absoluta reconhecida ha muitos annos, cada vez mais reclamada pelo povo, e que attendida encontrará o applauso de todos os espiritos liberaes.

Não quero cansar a camara com o exame especial d'estas medidas, porque mais tarde nós teremos occasião de apreciar-as, se por ventura ellas forem reduzidas a projectos: porque muitas vezes vemos indicadas no discurso da corôa umas certas medidas e, se mais tarde fomos percorrer os archivos parlamentares, veremos que não foram cumpridas essas indicações.

Com relação ao tratado de commercio com a França occorre-me fazer uma observação ao sr. ministro dos negocios estrangeiros.

Sabe v. ex.ª, e sabe a camara, o que se passou na sessão secreta; não o sabe o publico, nem o referirei.

Sabem v. ex.ª, a camara e o publico que o tratado foi approved n'esta casa.

Não se disse ainda aqui, mas tem-se refe-

rido d'uma maneira tão authentica, que me parece se não pôde duvidar de que novas negociações se vão entabolar, para que o tratado seja modificado.

Mal me parece que a camara diga que examinou e approvou o tratado, quando antes de ser ratificado, ha de ser modificado.

Parecia-me melhor que se não dissesse isto.

Pedia ao illustre relator da resposta ao discurso da corôa que se dignasse redigir este trecho da resposta de modo que se não dissesse que tinhamos approved d'uma maneira para depois approvar de outra. Parecia-me isto conveniente.

O sr. Manuel d'Assumpção: — É a verdade.

O orador: — Não direi n'este caso que nem todas as verdades se dizem; mas ao menos é costume para nós, nas cousas intimas que nos entristecem, ainda mesmo que sejam verdadeiras, não as revelar.

Com respeito ao tratado de commercio, por haver novas negociações, e ter o tratado de voltar aqui novamente, chegará o ensejo de melhor estudar as reclamações dos industriaes, e ao mesmo tempo será melhor estudado e considerado o inquerito a que se procedeu, podendo-se então decidir com mais acerto, porque poderão todos com mais conhecimento de causa fallar sobre este assumpto.

Agradecendo a extrema benevolencia do meu illustre amigo o sr. Luiz Augusto Palmeirim, que me apontou como sendo eu o que represento aqui melhor as industrias d'esta terra, as classes operarias, as classes trabalhadoras, peço licença para lhe dizer que considero todos os deputados como representantes do povo, (*Apoiados*) porque em não supponho que possa haver, sem industrias e sem trabalho, quaesquer governos ou quaesquer camaras. (*Apoiados*.)

Tres pontos foram aqui principalmente considerados com respeito á feição politica que caracteriza este governo.

Um d'esses pontos é a organização ministerial que se deu no intervallo da sessão parlamentar.

Outro ponto é o uso feito pelo governo, na ausencia das côrtes, de funções legislativas.

O terceiro ponto, que define perfeita e completamente a situação, e que a define até ao ponto de assignar na maioria uma divergencia, é o relativo ás reformas politicas.

Poucas palavras direi sobre estes pontos, porque não quero de forma alguma cançar a attenção da camara.

(Continua.)

### Litteratura

As *Meridionaes* do sr. Marcellino Mesquita são um estimavel trabalho.

Não tem uns grandes rasgos d'originalidade; é o que se chama um livro facil, que não traduz grandes locubrações, mas que não tem por este facto menos valor. A facilidade com que os versos correm é uma das characteristics d'este auctor agradavel. Não ha na junção das palavras, na construcção dos versos estas asperezas, estas dissonancias, esta falta de melodia que se dá com alguns, que, não tendo a musica e a suavidade da forma, antes merecem ser appellados de versejadores do que depoetas, nome este que cabe aos faceis, aos espontaneos.

Ha mesmo n'algumas passagens do livro uns laivos de ironia temperada de graça infantil como na seguinte:



Não mexas ahí Luiz  
Que a mamã não quer, vê lá.  
Ora... a mamã não tem querer,  
Quem te disse isso?

O papá.

Transcreveremos no proximo numero a poesia — Nini —.  
Não gostamos muito da seguinte estrophe d'esta poesia:

Os seus olhos innocentes  
São azues; mas d'um azul  
Assim da côr do luar;  
Um pouco mais carregado,  
Assim um azul esverdeado  
Como que azul verde-mar.

Isto não é facil; tem este defeito que deve sempre evitar-se: deixa conhecer que são precisas palavras pouco proprias para encher.

Em compensação a ultima estrophe da Nini é um primor, é um mimo de colorido fresco...

Damos um aperto da mão ao nosso estimavel collega junctamente com uns sinceros parabens.

S. G.

## PRECE

Na tua bella face  
Como o carmin se tece!  
Quizera ouvir-te a prece  
Que o labio murmurasse...

Se em ondas se alastrasse  
O sol, que ora esmaece,  
No Azul, quando entardece,  
E o Azul se afogueasse,

Tão cheia de meiguice  
Não sei... talvez não fosse  
A côr que então surgisse...

Meu Deus! Como ella trouxe  
Auréola tão doce  
Ao meu viver supplice!

LUIZ OSORIO.

## CAMBIANTES

### IDYLLIO

O dia terminava.

Havia uma claridade pallida do pôr do sol, formando grandes sombras muito escuras, e uma larga fita vermelha era como que o remate do azul celeste por sobre o oceano.

Uma tenue neblina ia cobrindo os valles, e ao longe, muito longe, como um pequenissimo brilhante perdido, aparecia um ponto luminoso—uma estrella. Os passaros chilreavam em torno das arvores, saltavam de ramo em ramo, davam pequenas corridas pela atmosphera, e vinham pousar no ninho piando meigamente para os filhos ainda implumes.

Sentia-se em baixo o cantar das lavadeiras, acompanhado pelo barulho monotonico do rio, e pelas pancadas da roupa sobre as pedras de lavar, umas largas pedras gastas e muito brancas do sabão.

Pela encosta, n'um estreito carreiro que desce o monte aos zigs-zags cercado de silvas e choupos, vinha mansamente um rebanho; algumas ovelhas, na frente, traziam presas ao pescoço grandes campainhas escuras pelo tempo, guiando as outras que as seguiam muito unidas, trazendo atraz de si os filhos a saltar e a comer as folhas das trepadeiras, que saiam por entre as silvas.

Um enorme cão branco, felpudo, seguia vagarosamente o rebanho, olhando-o com um mixto de amizade e interesse, ou como se quisesse ver se faltava alguma ovelha; ás vezes, depois d'uma pequena corrida, parava adiante á espera do dono, agitando a cauda em signal de contentamento.

O pastor, um rapaz novo, ainda imberbe, era trigueiro, de fartos cabellos pretos despendeados, cobertos por um chapéu grosseiro; trazia o fato roto, com remendos em algumas partes, e umas grossas botas com grandes pregos, todas brancas do pó; levava

uma comprida vara sobre o hombro, segura por uma das pontas com a mão esquerda, e na outra mão uma flôr do monte, de largas petalas azues.

A encosta terminava por uma pequena ponte tosca, feita de taboas lançadas de margem á margem com encostos de páu, uns troncos de pinheiros pequenos ainda com a casca.

Em seguida o caminho continuava limitado por uns muros de verdura; aqui uma flôr de trepadeira, além uma madre-silva, parece que espreitavam por entre os outros vegetaes, lançando os seus aromas aos que passavam. As vezes, onde e onde, via-se, por sobre a espessura das silvas, a larga flôr branca do sabugueiro, ou a espalhada folha da figueira, suspensa d'um braço esguio e torto.

Depois havia um pequeno largo cheio de sovereiros altos, sombrios, de grandes ramos quasi sem folhas; ao lado, uma pequena fonte, cavada n'uma pedra escura, com um cano de madeira, fazia um leve barulho monotonico; e em frente uma casa de apparencia simples.

Era uma casa muito branca, rodeada de flôres e arvoredos, tendo apenas uma porta e duas janellas, n'uma das quaes estava encostada uma pequena aldeã. Tinha os olhos vivos, azues, os cabellos louros desordenadamente caídos pelas costas sobre um grande lenço vermelho, que vinha crusar-se no peito, deixando á mostra um alvo collo bem feito.

Espreitava ansiosa por entre as arvores para o caminho, com uma grande insistencia, como se quizesse vencer o crepusculo. Depois o rosto animou-se-lhe ao ver o branco mastim felpudo, e tirou do seio um botão de rosa d'um vermelho desmaiado.

O pastor chegava ao pé da janella, sorrindo, abrindo os labios para lhe fallar, mas ella pozera o pequeno dedo sobre a bocca, como se lhe dissesse que o ouviam lá dentro.

Estendeu o braço, deu-lhe o botão de rosa ainda quente do calor do peito, e elle entregou-lhe a larga flôr azul, como um grande calix em que lhe desse a alma.

A fonte continuava na sua monotonia; sentiam-se por cima os ultimos gorgueios das avesinhas, como um doce acalentar aos seus pequenos filhos.

O pastor continuava, e ao fim do largo, ao virar, ao esconder-se por entre os atos choupos do caminho, voltou-se para traz e lançou á rapariga loura um grande olhar eloquente no seu silencio.

Ouvia-se muito ao longe o côro das lavadeiras n'uma toadilha popular.

Coimbra

FERNANDO COUSIN.

### A doutrina dos jesuitas

Tractando-se actualmente da celebração do centenário do marquez de Pombal, d'esse homem que curvou com mão potente a cerviz d'uma seita odiosa, que pertendia arrojadamente absorver a sciencia e as instituições, alguns retrogradados têm tentado impedir esta manifestação solemne d'um povo que paga uma divida contrahida ha um seculo.

Embora as dissensões partidarias obstem a que se preste opportunamente a homenagem devida ao genio, não podem contudo calar a opinião dos seus admiradores; e esta opinião, latente durante um certo periodo, irrompe triumphante manifestando-se brillantemente pela glorificação do heroe.

A Inveja matou Camões á fome; o odio, estupidamente beato, tirou das mãos de Sebastião de Carvalho o leme que elle só governava com mão firme.

Chegou porém o dia da justiça. A consciencia do dever começou por affugentar as sombras que queriam empanar-lhe o brilho.

Apenas alguns sectarios do estacionamento intellectual saíram dos cantos escuros do edificio, onde este homem derramara tanta luz, para com as vestes negras absorverem os raios do seu nome glorioso; mas enganaram-se.

Estas grandes manifestações reveladoras d'um adeantamento nas instituições do povo, vão necessariamente de encontro aos que negam o progresso e especulam nas trevas com a ignorancia da plebe.

E, como bem disse n'este jornal o sr.

Paula Nogueira—o jesuitismo bradou ás armas, achando echo em alguns alumnos da Universidade—.

Este facto é lastimoso, comtudo não nos espantou; pois veio o golpe feril-os mesmo na occasião em que a seita jesuitica tenta instalar-se em Portugal, d'onde tinha sido expulsa por aquelle cuja memoria vamos recordar ao povo.

Sucedeu-lhe o mesmo que ao Judeu Errante. De toda a parte expulsa, e de todos os lados a voz—anda, anda...

Por isso, como dissemos, não nos admirou que elles gritassem ás armas.

O que nós não sabemos explicar é como alguns theologos d'esta Universidade defendem os jesuitas e ao mesmo tempo se dizem—catholicos, apostolicos, romanos—.

E o motivo d'esta ignorancia é porque, percorrendo diversos pontos da doutrina e moral jesuitica, achamos tal opposição á doutrina e moral christã e por tantas vezes foi aquella condemnada pela igreja, que nós nos admiramos como ha gente que se diga jesuita e ao mesmo tempo catholica.

E senão vejamos. Os Donatistas, Novacianos, Luciferianos e Priscillianistas foram condemnados por toda a igreja como schismaticos por terem querido constituir uma seita á parte separada do resto da igreja; e comtudo os jesuitas fizeram o mesmo.

Pois nas suas constituições ordenam elles—que se algum dos seus se apartar do sentimento commum da igreja, deve n'este caso estar pela difinição da Sociedade.

Por isto bem se vê, que, para os jesuitas, acima do sentimento da igreja estão as decisões da sua seita.

Para que prégam então o primado de S. Pedro?

No capitulo geral congregado pelos jesuitas no anno 18 da sua fundação, em 1538, Diogo Lainas, corrupto geral da sociedade, mandou publicar um decreto no qual se ordenava aos seus subditos que se fizesse uma summa de theologia que parecesse mais accommodada aos tempos.

Luiz de Molina foi o primeiro que em Lisboa no anno de 1588 imprimiu o seu livro—Da Concordia da Graça e do livre Arbitrio.

N'este livro Luiz de Molina expoz principios inteiramente oppostos á doutrina de S. Agostinho sobre a vida e moral christã.

Era tal a doutrina de Molina exarada n'este livro que os quatro Bispos francezes, de Mont-pellier, Senez, Mirepoix e Bolonha, na memoria publicada em 1716, disseram:

—O livro de Molina é a triste epocha em que foi atacada tanto a paz da igreja como a sua antiga doutrina.

Pois este auctor, apartando-se dos seguros caminhos da escriptura e da tradição, não poz reparo algum em publicar um systema segundo o qual pôde o homem sem escrupulo repartir entre si e Deus a gloria da sua salvação; e gloriar-se da cooperação do seu livre arbitrio e da graça.

A doutrina de Molina foi seguida por quasi toda a Sociedade soffrendo alterações cada vez mais offensivas á doutrina e moral christã.

Dizem os discipulos de Molina—que o livre arbitrio do homem é que como soberano dispõe da divina graça.

Emquanto que S. Agostinho diz que o homem depende da graça de Deus não só para poder obrar o bem, mas tambem para que effectivamente o execute.

De maneira que, segundo este padre, o merecimento do homem é um effecto da graça que não só nos ajuda para obrarmos meritoriamente; mas que a mesma graça constitue um merecimento.

E os discipulos de Molina ensinam que, embora a graça nos ajude a obrar bem, comtudo não é esta que determina o procedimento do homem; mas que este é que segundo o livre arbitrio dirige bem ou mal as suas acções.

Se o homem chega a vencer a tentação então é que vem a graça a auxiliá-lo; ao passo que S. Paulo ensina que a graça é anterior a esta deliberação.

Este systema fez com que a moral fosse tão laxa que, referidos os seus effectos na

† Lib. de gratia et Libero Arbitrio, Cap. XIX e XV.

assembleia geral do clero francez em 1655, os Prelados taparam os ouvidos.

E a igreja pela bocca de Innocencio XI e Alexandre XII condemnou-a em 2 de março de 1679 e 24 de outubro de 1686.

Este systema é essencialmente o mesmo que o dos probabilistas; pois estes igualmente medem a obrigação do homem pelas suas forças, quando entregue a si mesmo.

Continuaremos a analysar a doutrina jesuitica demonstrando a sua opposição com a christã.

Coimbra, 16—3—82.

A. R. NOGUEIRA.

### Boa Esperança.

Se promettes descer por momentos o teu olhar celeste á miseria do mundo por que transitamos, pela minha parte serei breve.

N'um dia da penultima semana, dois alumnos da Escola Moderna foram confessar-se e, em seguida, commungaram. Momentos depois, o sachristão encontrou no pavimento da igreja as duas particulas que o prior havia collocado nas linguas respectivas.

Este facto, que não somos levados a apresentar pelo merito da noticia—espalhada por todas as folhas—, originou diferentes explicações. Dizem uns que a expectoração é signal de tosse; outros ha, que, com grande força de razões, pretendem taxá-la de heretica.

Sem vislumbre de mordaz ironia, entendo ser interessantissima esta questão. E, para te fallar francamente, doce Esperança, sinto-me inclinado, por sympathia talvez, para o grupo que diz—terem os 2 confessados expectorado por heresia. E a viva attracção, de que me sinto dominado pelo teu modo de resolver o problema, não me parece difficil de explicar.

Dizem os outros, os visionarios, os utopistas—o que faz não estar na graça do Senhor!—que o caso «particula-fôra» se deve attribuir a uma constipação e a mais causas não menos nebulosas e intrincadas. Ora na verdade está saltando aos olhos que aquelles infelizes mancebos, animados pelo espirito máu, presas d'uma idéa diabolica, foram arrastados na corrente do seculo, que nada respeita,—o malvado. E que admira, se eu proprio já ouvi duvidar da pureza de teus artigos—idéias velhas e aguas modernas? se os impios sublinham com sorrisos menos orthodoxos a tua profissão de fé, a beatitude tuas columnas, a unção de tuas palavras, que muito é que arrastassem com o seu exemplo pobres victimas inexperientes, que nem tinham para salvaguarda um expositor de tuas doutrinas, que ignoravam talvez a tua existencia?

Isto quanto á explicação do caso; n'este ponto cumpre-me reconhecer-te lealmente grande vantagem sobre os teus adversarios. No que me parece que não adiantas nada é no tractamento. Estou contigo, no diagnostico; discordo, no recetuario.

E verdade que elles, no seu desvairamento, nem sequer aconselham um xarope; mas tu, tambem, o que fazes? convidas os catholicos, que afinal não têm culpa nenhuma, a reunirem-se no templo e lá dizes o que elles hão de fazer.

Ora eu que te conheço, meiga Esperança, não hesito em acreditar no resultado que poderás obter. Horrorisarem-se os paes de familia com os erros infiltrados pelo maldito liberalismo, e, assim, correrem ao templo é certamente magnifico; pela minha parte, fico maravilhado. Simplesmente me parece que ha um ligeiro equivoco: applicar o remedio a todos, exceptuando os dois individuos, atacados de heresia ou de tosse.

Creio bem que, se os teus contrarios não me tivessem reservado a gloria de indicar o xarope, se elles se tivessem já lembrado, não te offereciam, nem a mim uma colherzinha de peitoral; mas unicamente aos citados alumnos da referida escola.

E é o mais natural; agora, pretender que um remedio qualquer—pastilhas ou catechese—influa em individuos que nunca o experimentaram é levar a originalidade até á facecia, é fazel-a perigar em absurdo.

Cabindo em ti, reflecte, velha amiga, reflecte um pouquinho—uma vez não faz mal—e dize-me, em tua consciencia, se ainda avanças a mesma opinião.



Caso que sim, só me resta felicitar-te pela preciosidade de teu engenho.

Admirador fervoroso  
BIBINET.

### Instrução

Outra condição indispensável é que a casa d'aula seja propícia ao trabalho. Cumpre attender a variadas circumstancias que n'este sentido se produzem.—Trata-se de alcançar com ellas o aproveitamento do trabalho, do grande motor, do maximo capital, sem deterioração da maquina que alli está, não só a funcionar já, mas a montar-se ainda, creando-se e desenvolvendo-se para futuras produções de força viva.—Trata-se de alcançar que o infante esteja muito á mão do mestre, que nada o distraia ou affaste do trabalho para que elle emprega a maior somma d'applicação; n'uma palavra, que a creança se entregue momentaneamente ao estudo.

Aqui vem, pois, a proposta a questão da abertura da aula, da commodidade dos assentos, da boa disposição das carteiras, da extensão da superficie da casa, da capacidade da mesma, da sua temperatura excessiva, quer alta quer baixa, da quantidade de luz, insufficiente ou aggressiva.

—Está hoje reconhecido por quantos pensam seriamente sobre estes assumptos que assim como ha uma architectura com as suas regras especiaes, de igual modo ha architectura escolar. Só falta realisá-la, põ-la em acção, executá-la.

—Ainda hoje, em bastantes casas d'aula, mormente nas freguezias ruraes, não é raro ver a caduca mesa rectangular e as creanças defrontando-se nos dois maiores lados do rectangulo, recebendo uns a luz de frente e outros como que attestando a sua indifferença por aquelle com as costas voltadas para o tenue feixe de raios solares, que alli conseguem ainda penetrar.

Em regra, estas casas são frias e humidas no inverno e não possuem meio algum de abrandar os rigores de tal temperatura.

—No estio é ali intoleravel o calor e a falta de meios de ventilação, a ausencia de janellas, abertas em duas faces oppostas, tornam insupportavel a residencia alli, por diminutissimo tempo que seja.

Mas, referidas as condições que se nos asseguram essenciaes em relação á hygiene da escola, diga-se ainda do modo pratico como se constituem taes condições productivas.

—As melhores instituições, as leis mais sabias, tornam-se estereis, se na execução lhes falta a sciencia d'applicação. Assim a escola-modelo tornar-se-ha inutil, a boa localisação e os melhores meios de ventilação serão frustrados, se no regimen escolar não forem seguidas as regras que a philosophia assentou como fundamentaes.

E não são d'hoje algumas d'ellas, têm curso e pratica longa nos paizes mais adiantados; e na Allemanha sobretudo deram de ha muito já a sua prova real.—Não apontamos a Allemanha só por obedecer cegamente ao dominio da moda, que parece determinar hoje que em tudo e por tudo se cite aquella nação.

E que a sciencia não tem patria e não se melindra o amor proprio, indo busca-la onde se ostenta riquissima de ensinamentos uteis.

Demais a hygiene pedagogica foi creada por esse distincto medico allemão que os seus contemporaneos denominaram o Nestor dos medicos da Allemanha. Foi elle quem concorreu mais do que qualquer outro para que a educação physica entrasse nos dominios da medicina. Para conseguir esta transformação radical nos habitos até então seguidos, o distincto medico tornou-se philosopho e com os seus vastos conhecimentos de physiologia edificou sobre uma base solida a verdadeira pedagogia. Hoje cuida-se pouco da hygiene, ordinariamente sacrificada á ambição, e quem sabe que homens dão á sociedade essas creanças debeis, estioladas, escrofulosas, definhadas, nervosas já gastas antes da lucta e que nas escolas foram obrigadas a fazer tudo, excepto o que é preciso fazer para serem sans, robustas e vigorosas.

Mas, voltando a falar da pureza d'ar que é mister existir na casa d'aula, dissemos o que nos pareceu conveniente da ventilação, que não é possível fazer-se com o systema adoptado.

—As horas d'aula, cinco ou seis, sem interrupção, constituem um vicio que não é bastante repellir nem condemnar, pois que é forçoso banir e sem delongas.

Acima d'uns certos interesses menos justos está a saude d'esses innocentes que alli estão encarcerados, em viciosas attitudes, em prolongadas tensões do espirito, em continuada immobildade durante seis horas ininterruptas de cada dia.

Clamam os melhores pedagogistas que na escola elemental as occupações devem ser attractivas, variadas e alternadas de modo que nem o espirito se enfade, nem o corpo se moleste ou vicia. Não obstante obrigam-se os infantes a 6 horas d'aula sem uma pausa, sem um intervalo de recreio ao ar livre!!

—E' inutil objectar-se que as creanças não trabalham durante esse tempo, porque o facto é que alli se conservam n'um estado de immobildade e de inacção, de todo o ponto nocivas á sua saude.

Em França cuida-se da instrução e aprecia-se em mais subida conta a saude dos infantes, como é facil de verificar n'uma circular que ha pouco tempo se publicou, não julgando rebaixar-se o ministro quando vem regular este assumpto e uniformisá-lo em toda a França.—Quando alli se mandavam interromper por meio da recreação os exercicios physicos, porque se achava demasiado o trabalho consecutivo de 3 horas, nós retrocedemos em tal materia, permitindo a junção de 6 horas de trabalho!!! Nos regulamentos d'este ensino em França prescreve-se que depois de 2 horas d'estudo deve haver descanço de 10 a 15 minutos.—Um repouso de 10 a 15 minutos, diz o ministro francez a quem nos referimos, é indispensavel ás creanças, porque o movimento é uma necessidade, porque é impossivel, apesar da diversidade dos exercicios escolares, conservar-lhes a attenção desperta durante horas.

Um medico da Suissa já demonstrou que os discipulos das escolas de Bâle e Zurich, tendo um recreio d'alguns minutos apoz cada hora de trabalho, são tão docéis, senão mais do que os que não vivem n'este prudente regimen.—Na propria Suissa, onde o ensino primario reclama os maximos cuidados, tambem se adopta, como na Inglaterra, o systema do *Half-Time*.

(Continua.)

### DITOS E PHRASES

Entre um fidalgo e um financeiro:

—Devo dizer-lhe que sou um homem de qualidade.

—E eu um homem de quantidade, repliça o financeiro.

—Qual é o cumulo da precaução?

—Travar um dialogo.

Fazer crer aos outros que somos apenas mediocremente finos é ter dado um grande passo de finura.

Um dito de Voltaire.

Quando Rousseau lhe leu a *Ode á posteridade*, obteve por unica resposta:

—Eis uma carta que não chega ao seu destino.

Dois irmãos, nada espirituosos, frequentavam os salões de certa dama.

Perguntando-se qual lhe parecia preferivel, respondeu:

—Quando converso com um, prefiro o outro.

Talleyrand, sahindo do conselho de ministros, encontra um indiscreto, que lhe pergunta o que se passou no conselho.

—Passaram-se 4 horas, respondeu tranquillamente o diplomata.

Calino está noticiarista.

Ahi vai um documento:

«Sabi para Lisboa o governador civil d'este districto, ficando a substitui-lo o respectivo substituto.»

Authentico.

O casamento apreciado por um amator de vinhos:

—Cazar é fazer de 2 vinhos bons uma mistura ruim.

## NOTICIARIO

Saudamos, com enthusimo sincero e verdadeira sympathia, os promotores da festa brillantissima, que para Guimarães é duplamente honrosa. Queremos referir-nos á *Sociedade Martins Sarmiento*, que no dia 9 de março inaugurou solemnemente o periodo da sua existencia.

Realisar uma ideia tão proficua como a do ensino e honrar-se, ao mesmo tempo, glorificando com publicas homenagens o seu filho mais dilecto, um dos mais celebres investigadores da sciencia, é comprehender nobre e dignamente o papel que modernamente está confiado aos homens de valia superior.

E Martins Sarmiento merece a consagração que acaba de receber. Quem, como elle, foi o Mecenas da nossa archeologia—na feliz expressão de Consiglieri Pedroso—, quem, como Martin Sarmiento, cultiva a sciencia de modo tão distincto é credor de ver o seu nome ligado a um estabelecimento scientifico.

E tarde para descrevermos a festa. Diremos apenas que a camara municipal reuniu em sessão extraordinaria, annuindo ao pedido que recebera do sr. dr. José da Cunha Sampaio, presidente da nova sociedade. Aberta a sessão pelo sr. dr. Motta Prego, pediu a palavra o sr. Cunha Sampaio que historiou rapidamente os trabalhos preparatorios da sociedade, agradeceu o poderoso auxilio que de todos havia recebido para effectivar o seu projecto.

Depois do sr. presidente da camara haver realçado as vantagens que podem auferir-se da nova instituição, fallou novamente o sr. Cunha Sampaio, dirigindo-se aos professores e alumnos presentes, que certamente recordarão suas palavras de affectuoso conselho. Teve logar em seguida a distribuição dos premios—livros, em cuja capa se lia, impresso a ouro, o seguinte:—*Premio—Sociedade Martins Sarmiento—1882*.

Enumerar os fins da sociedade é fazer o seu elogio. São elles: «1.º tributar homenagem aos merecimentos scientificos do grande archeologo, eminente litterato e prestimoso cidadão, a quem as letras e a patria devem muito, o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Francisco Martins de Moraes Sarmiento; 2.º—procurar desenvolver a instrução no conselho de Guimarães, intercedendo com os poderes publicos e municipaes para nos serem facultados os estabelecimentos necessarios ao seu deramamento, e galardoar, por meio de premio, os alumnos e professores que mais se distinguirem no adiantamento d'ella»

A noite, recita. Graças á vocação de notaveis amadores e á intelligente actividade do sr. Barão de Pombeiro, que recitou—*A Mosca*, de Fernando Caldeira, o espectáculo que se compunha, mais, do drama *O Anjo Maria* correu maravilhosamente e os sympathicos mancebos, a quem fora confiado o desempenho, foram alvo de gratas expansões—flores, poesias etc.

Seja-nos permittido reunir á estrondosa ovação d'aquella noite, ao electrico frenesi d'aquella enthusiasmo a cor realidade de nossos parabens, pela maneira, como correram as festas, e pela justiça que traduzem a um trabalhador infatigavel e benemerito. Viva Guimarães.

Viva a *Sociedade Martins Sarmiento*.

O governo actual continua a perseguição aos republicanos começada pelo seu antecessor.

Foi querellada a *Folha do Povo* e ainda um artigo ainda do supprimido *Trinta*.

Á *Orgia*, do sr. Gomes Leal, acontecen o mesmo.

O sr. Magalhães Lima e o sr. dr. João Rodrigues dos Santos foram presos no Club Fernandes Thomaz.

Isto assim vai bem e o que desejamos é que continue.

O sr. Fontes faz questão ministerial se as camaras recusarem approvar as suas estuendas medidas financeiras.

S. ex.<sup>a</sup> bem sabe quanto é docil e submissa a maioria que fabricou, mas não pôde roubar-se a estas exhibições de um supremo ridiculo.

Poupem-se as burras aos capitalistas mas arranquem-se os magros ceitis que talvez ainda existem nas algibeiras dos que não são mimosos da fortuna. Que importa isso ao olympico sr. Fontes, se o povo é um sumarento limão? Contae, srs. monarchicos, com a justiça popular que se approxima e que não cede a imposições algumas, venham donde vierem.

Grassa com bastante intensidade o sarampo no concelho de Torres Novas. Abundam em Santarem as bronchites e pneumonias.

Communicam a este jornal que no concelho da Figueira da Foz ha professores d'instrução primaria que não receberam ainda os ordenados de janeiro e fevereiro, bem como *esperam* ha 9 mezes pelas gratificações que a lei lhes garante.

A camara devêra ser mais sollicita no cumprimento das suas obrigações e o sr. ministro do reino não tem vagar para attender a estes abusos, porque os syndicantes, sim os syndicantes, trazem-no envolvido em profundas cogitações.

Falaremos n'este sentido mais d'espaco.

Saiu o segundo fasciculo de philosophia racional que o sr. Pedro Monteiro, distincto professor do lyceu central de Lisboa, anda publicando. As suas doutrinas estão em harmonia com as indicações dos programmas officiaes do ensino secundario.

Não consta que estejam ultimados os programmas para os concursos dos professores dos lyceus.

Já era tempo. Naturalmente estão em incubação demorada, mas hão de sair obra prima. Coisas da nossa instrução que tão franca sollicitude merece aos partidos da monarchia, que nos regem.

Mais cuidado, meus senhores.

No concelho de Coruche frequentaram regularmente as aulas de ensino primario em 1880 a 1881—185 varões e 51 meninas. Ficaram promptos no fim do anno 12 alumnos, sendo 4 approvados em exame de admissão aos lyceus.

Matricularam-se no corrente anno lectivo no lyceu de Santarem 46 alumnos. As disciplinas de legislação civil e latim, 2.<sup>a</sup> parte, não são frequentadas.

Temos em nosso poder uma correspondencia da Ribeira de Santarem, a que hoje não podemos dar publicidade. Sairá n'outro numero.

Um jornal regenerador não acha bonito que, ao analysar as medidas de fazenda, se falle nos 1000 contos gastos com a vinda do rei de Hespanha.

Extranhar-se que um paiz que tem um deficit de 2000 contos gaste 1000 sem necessidade alguma é facto realmente extraordinario. Mas um facto mais estupendo ainda é o de um vate, que em seu trovar maldizia reis e padres, defender hoje padres, reis e... o sr. Fontes.

Falleceu em Loulé o pae do nosso excelente amigo dr. Joaquim de Sousa Leal. Sentimos.

Fundou-se ha pouco em Vienna um importante estabelecimento industrial denominado *Qistoria Vinnense*, cujo fim é proporcionar aos seus habitantes leite e seus productos em perfeito estado de pureza. Leva o leite a casa dos consumidores; recebe diariamente 6000 litros de varios pontos da Austria.



O sr. João de Deus vai brevemente publicar um livro de poesias intitulado *Despedidas do Verão*. É editado pela casa Bertrand.

Falleceu no Algarve o sr. Joaquim João Judice. Completára em 1881 o curso da Escola do exercito, tendo sido despachado alferes havia poucos mezes.

Lastimamos do coração a perda d'este pobre amigo, tão digno de melhor sorte.

*Brinde do Diario de Noticias*. É collaborado pelo apreciados escriptores nacionaes M. Pina, Theophilo Braga, Fialho d'Almeida, Gervasio Lobato, Pinheiro Chagas e Eduardo Coelho. Se nos é permitido especialisar, notaremos o precioso trabalho, que Fialho d'Almeida inscreve «*Roubos*» É um estudo magnifico.

Na Pesqueira organou-se uma commissão succursal da que ha tempos existe na Régua e que tão louvaveis esforços tem revelado, no patriótico fim de aliviar o estado lastimoso em que se encontram os viticultores do Douro.

**Secção Bombalina**

Não tivemos conhecimento da carta, que nos foi dirigida pela commissão publica de Coimbra, a tempo de a podermos publicar neste numero.

Fal-o-hemos no seguinte, acompanhando-a das reflexões que julgamos convenientes.

**Publicações recebidas**

Recebemos e agradecemos: *O Estudo*, novo jornal, nitidamente impresso e que revela magnificas intenções. — Desajamos-lhe longa vida, e o aperfecionamento de que se mostra susceptível.

A Coimbra Medica — Sumario — A. Rocha — *A Revista de Medicina Dosimetrica* — J. Nazareth — *A variola em Coimbra* — Manoel Aguedo — *A tisana do Zittmann em Fato* — F. A. Rodrigues de Gusmão — *Rasgo sublime de humanidade* — *Honrosa prioridade* — *Coincidencia notavel* — *Medicos Gotosos* — *Revista de jornaes* — Eugenio A. N. Eliseu — *Hospitales da Universidade de Coimbra* — Fernando de Mello — *Hospicio de Coimbra* — *Miscellanea*.

Os numeros 5 e 6 do Pero-Gallego — Sumario do ultimo numero é o seguinte: *Recomendações d'hygiene* — L. d'Oliveira — *Bibliographia* — D. Tarroso — *Philosophia da existencia* — Pereira Freitas — *Atravez d'Espanya y Portugal* — Rocha Paris — *Lisonjas* (poesia) — M. Barreiros — *Pelo Minho* — Dehelnireau — *Primores* (poesia) — Alberto Cruz — *Vingens* — Viriato Silva — *Historia* — Reis Lemos — *No parlatorio*.

**Noticias de Odemira**

Ao ensetarmos um dia esta lucta contra um padre que tão mal interpreta os seus deveres, nunca pensámos no original caminho que tomaria, nem nos procedimentos injustos que se revelariam.

É para lastimar o exemplo, que o ex.<sup>mo</sup> vigario pro-capitular de Beja nos acaba de dar, de como sabe cumprir o elevado cargo que exerce.

Se um dia, sr. vigario, um seu subordinado se insurgir contra os seus mandados por uma falta commettida, não lhe achará razão em lhe recordar elle a justiça com que costuma proceder? É no seu silencio, não se verá a condemnação do procedimento de v. ex.<sup>a</sup>, pois que é humildade demasiada para um superior?!

Éra inadmissivel para nós a hypothese d'uma censura a um acto de v. ex.<sup>a</sup>, que demais se fundava na lei e n'um exemplo frisante a todos os que estão sob sua alçada. Enganamo-nos, porém, e hoje resta-nos proseguirmos no nosso intento, batendo a outras portas, e deixando bem gravado aqui o desacato que se faz á lei e á moralidade!

A nossa questão ao presente, nem é do sr. prior ser procurador, ou do sr. procurador ser prior. É a illegalidade e incompatibilidade d'estes dois cargos n'um só individuo, e o seu exercicio regular impossivel Ou seja prior só, ou só procurador, é o que queremos.

Quando ha pouco ainda o sr. prior dizia que por um capricho preferia a procuradoria á Egreja, não chegava a comprehendêr que o nosso vehemente desejo, é que seja uma só individualidade; e mais pouco nos importa, havemos de cantar victoria, fique certo...

Mas... ainda nos queremos importar, sim, porque n'essa preferencia, mostra bem os cuidados e desvelos que a sua posição e destino lhe merecem, e ao publico a verdade das nossas affirmações, a que outr'ora o sr. prior chamava *mentiras... calumnias...*

O tempo, para que nós appellámos então, deu o seu *verdictum*; e hoje ninguem dirá que eram falsas as nossas asserções, como verdadeiras as suas.

A conclusão ultima, a que havemos de chegar em seu tempo, é que o reverendo, nem devia ser prior, nem procurador, mas cavar batatas na terra dos *prétinhos d'Ingola*.

Prosequiremos.

Odemira, 1882.

(Do nosso correspondente)

**Alcobaça, 8 de março**

Tem aqui produzido certa impressão as minhas humildes correspondencias e isto pela simples razão de não estarem n'esta terra costumados a ver censurar na imprensa os actos illegaes e arbitrarios que impudicamente se praticam a cada momento, sem que um protesto energico se levante contra aquelles que não sabem ou não querem saber cumprir os seus deveres.

Admiram-se por ver que um habitante d'Alcobaça ousa arrancar a mascara do rosto dos que a exploram em beneficio proprio, e apresenta em toda a sua nudez hedionda aquelles individuos que tem unicamente em vista, não a prosperidade da terra, que adoptaram, mas um fim puramente egoista e interesseiro. É preciso que os habitantes d'Alcobaça comprehendam que não tem necessidade de directores estranhos; que devem abandonar a tutela degradante a que alguns se tem submettido; é preciso que reconheçam que os seus verdadeiros interesses dependem da sua união e boa vontade, e não da cega adhesão aos caprichos de quem procura humilha-los e se ri d'essa humilhação.

Vamos continuar com a missão a que nos propuzemos.

Ha tempo foi transferido d'aquí o escrivão de fazenda, Lino José Ferreira da Costa.

A causa da sua transferencia foi aquelle empregado querer cumprir a lei.

Vendeu-se uma propriedade por 5:000\$ reis, como um dos proprios vendedores confessou.

O comprador foi pagara contribuição do registro, declarando tel-a comprado por 2:500\$000 reis.

O escrivão de fazenda, tendo conhecimento da fraude, mandou avaliar a propriedade. O louvado por parte da fazenda publica avaliou-a em 4:500\$000 reis, e o da parte em 2:500\$000 reis.

Havia portanto necessidade de um louvado desempatante, mas este guardou o processo de avaliação, e até hoje nada mais se fez.

O escrivão de fazenda foi tranferido e a fazenda publica prejudicada. Justiça de mouro, está claro. Parece-nos que o ministerio publico e o sr. ministro da fazenda nenhum mal fariam tomando conhecimento do facto.

A este respeito só isto, por agora.

O rubicundo empregado da camara lamentou-se com ares beatificos de o havermos accusado.

Pois, para provar a sua innocencia, contaremos a historia por meudos. Muito antes da fuga do amanuense, declarou o dito rubicundo a varias pessoas que aquelle mandava pedir aos taberneiros dinheiros e generos, promettendo pagar por elles o imposto do cacifo que não pagava, recebendo sempre o seu presuntio, a sua pinga e outras coisas appetitosas com que regalava o *beatiss venter*.

Constou que a camara reunira em sessão

secreta por este motivo; que reconhecera a veracidade do facto, mas, como convinha ao illustre presidente que o amanuense exemplar continuasse, a camara emudeceu!

O rubicundo que até alli era inimigo do amanuense, *tornou-se seu amigo*, depois que lhe constou que este possuia um documento que o poderia fazer viajar até ás costas africanas. *Similes cum similibus congregantur*.

Veremos agora se o beatifico rubicundo ainda se lamenta.

—Relativamente á transferencia do sr. governador civil de Leiria, diz-se que a causa pela qual o transferem, é não querer s. ex.<sup>a</sup> transigir com os politiqueros das diversas localidades, relativamente ao livramento de rapazes apurados para o serviço militar, e a outras pretensões de igual moralidade.

—As obras da torre do mosteiro, arruinada ha tempo por uma farsca electrica, vão continuando regularmente. No pateo estão-se aparelhando as cantarias que devem ser collocadas na torre do norte que, segundo a arrematação, tem de ficar concluida em maio. A cupula do lado sul está concluida.

—No dia 4 foram as auctoridades judiciaes d'aquí, proceder a um exame em Henrique Cronford Rodrigues, de S. Martinho, que ha tempo perdeu a razão.

—A chuva caiu aqui em abundancia e os campos promettem colheita favoravel, se o tempo continuar a correr-lhes bem.

—Está bastante doente o sr. padre João Correia, que tem exercido as funções de vigario da vara.

Foi ha dias sacramentado, receando-se bastante pela sua vida.

As suas melhoras é o que intimante desejamos.

—Os bacellos phylloxerados importados do Douro e que estavam plantados, havia mezes, sem que a auctoridade administrativa solicitasse o seu exame, já foram mandados arrancar e queimar por ordem do sr. inspector da phylloxera.

(Do nosso correpondente)

**Alcanena**

Permittam os intelligentes redactores da *Evolução* que um assignante certo peça a publicação das seguintes palavras.

—Reunem-se todas as noites no escriptorio do amigo João de Deus uns patricios meus, homens d'idade avançada, dotados dos melhores sentimentos, e discutem invariavelmente as coisas commerciaes d'esta terra, as questões agricolas, as vantagens ou inconveniencias do tempo, quando vai humido ou de estiagem. Quando o sr. João de Deus, homem que os membros d'este *Club* respeitam e consultam, manifesta qualquer indicio do encerramento da sessão, convergem, como que por encanto, as attentões geraes para a politica. João de Deus addia e suspende immediatamente o acabamento do amigavel cavaco.

—Então é que é ver fervilhar as pitadas, discutem-se *à vol d'oiseau* as mais finas qualidades de rapé e quasi sempre vence n'este pleito um rapaz sympathico, bem vestido que em regra apparece, quando os trabalhos vão concluir. O cavalheiro, a que me refiro, chama-se João Luiz Machado.

Hei de descrever cada um de per si e creio que todos nos hão de permittir essa liberdade, porque não ha que censurar; antes teremos occasião de elogiar.

O que desde já fazemos é pedir ao sr. Ramos que não deixe ficar de pé algumas accusações que por ventura se façam ao partido liberal, de que é um defensor acerrimo.

É provavel que começemos pelo dono da casa, mostrando o papel que elle alli representa, não obstante a opposição violenta que durante as sessões lhe faz o socio effectivo d'aquelle club—o amigo e mano João Goxo.

Tencionamos tambem apreciar o club proximo que mais ou menos significa uma reacção, uma dissidencia. N'este prevalecem os dilectos do voltarete e manilha; no outro predominam as grossas pitadas.

Solicitamos com o maximo empenho da camara de Torres Novas promptas providencias com respeito ao preenchimento do partido medico em Alcanena, onde grassa com intensidade espantosa o sarampo e onde fal-

tam os socorros da medicina com a promptidão que seria para desejar!

Fiamos que a illustrada vereação envidará quanto antes os seus esforços em ordem a remediar esta falta, que tão sentida se faz.

Ruth.

**Chamusca**

Ao amabilissimo e immerecido convite d'essa redacção devo ponderar que nas pequenas terras de campo é grande o arrojo de ser-se independente e inaudita a temeridade de escrever para um jornal republicano. Esta palavra sóa ainda asperamente aos ouvidos de muitos individuos mais inconscientes do que retrogradados, mais automatados do que monarchicos, mais indifferentes do que rebeldes.

Póde haver milhares de republicanos em Lisboa e Porto, e centenas nas cidades mais importantes do paiz, entre todas as classes sociaes desde os lentos dos cursos superiores até ao modesto professor primario! póde existir em toda a Europa culta essa visível fermentação crescente das ideias democraticas abalando os thronos, e obrigando os reis a uma permanente contradaança de paradas e entrevistas; póde Bismark ser derrotado pelo socialismo radiando das proprias Universidades; póde o Czar esconder-se em um palacio blindado, tremulo de medo pelo invencivel e mysterioso nihilismo; póde haver vinte nações republicanas e 120 milhões d'individuos prosperando sob essa forma de governo; póde haver essa lucta titanica do direito contra o privilegio, da justiça contra o absurdo; mas o que não é licito, é defender essas ideias nas pequenas localidades onde homens *serios e prudentes* ou antes egoistas e inconscientes veem com maus olhos todo aquelle que, *rara avis*, traçou uma linha de inflexivel convicção determinada pelos sentimentos patrioticos, pelas verdades da sciencia e pela dignidade indispensavel ao que deseja justificar o seu nome de homem, em tornar-se, muitas vezes sem necessidade vital, um manequim, um titere nas mãos da politica nacional, a mais devassa e degradante de todas as politicas possiveis.

N'estes pequenos centros de vida, o republicano não é considerado um homem como outro qualquer; os ignorantes de todas as classes julgam ver n'elle a cor vermelha, o incendio, o sangue, a guerra e a guilhotina; as theorias de liberdade, d'igualdade, de fraternidade e paz soam mal aos ouvidos d'aquelles que com olhos fitos no interesse proprio ou nos *politicos* que d'elles se servem para os seus fins, nunca reservaram uma hora para reflectirem, sob o criterio dos principios absolutos, acerca dos motivos que o levam a seguir um partido, de preferencia a um outro. Não importa; o futuro fará a devida justiça.

Pela minha parte saúdo a *Evolução* e os seus redactores como se devem saudar as ideias sinceras e generosas.

Chamusca, 12-3-82.

**Santarem**

Em Santarem acaba a vereação municipal de praticar um acto de favoritismo. A junta escolar, composta dos srs. Silva, Serrano e Santos, officiou á camara no sentido que se lê: «Em cumprimento do disposto no § 4.º do art. 229.º das leis de 2 de maio de 1878 e 11 de junho de 1880, esta junta participa á ex.<sup>ma</sup> camara da presidencia de ex.<sup>a</sup> se acham vagos as cadeiras de Achete (Verdelho) dos dois sexos, e as do sexo masculino no Valle e nas Abitureiras, não tendo ainda sido creadas as do sexo feminino d'estes dois ultimos logares. A junta tem a honra de consultar a ex.<sup>ma</sup> camara na transformação d'estas seis cadeiras em tres escolas mistas, por lhe parecer estas no espirito da lei. A ex.<sup>ma</sup> camara deliberará co no entender mais conveniente».

A camara porém não se dignou conformar com estas justissimas indicações da junta escolar, e, soprada pelos mandões politicos, sobrecarrega o municipio para anichar afilhados e garantir votos.

No proximo numero faremos as considerações que o caso requer.





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 18

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 27 DE MARÇO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

### A MISSÃO DA REALEZA

N'esta lucta de ideias e de principios em que vamos empenhados, temos por vezes, infelizmente, de combater affirmações que teem lóros de cidade na politica militante, apesar de serem extraordinariamente absurdas.

Os que não teem argumentos solidos para sustentar uma opinião recorrem a todos os meios, falseando a lição da historia e apresentando, como certos, principios que são radicalmente falsos. O que é doloroso, todavia, é que não o façam por ignorancia, mas movidos simplesmente pelo interesse mais sordido.

Os nossos politicos sabem que a realza se tornou incompativel com as necessidades politicas dos povos. É um corpo estranho conservado no organismo social: representa o papel d'um aparelho de cirurgia, cuja necessidade findou, e que serve apenas para impedir livre o desenvolvimento do individuo a que se applica. Os medicos poucos conscienciosos são interessados na sua conservação e nada lhes importa, por isso, que elle seja uma causa de atrophia.

É por esta razão que ouvimos repetir tão a miúdo que a monarchia é uma condição indispensavel da nossa vida autonómica.

Dizer isto é especular torpemente com a ignorancia dos credulos; é calar o testemunho da historia; é obscurecer a lição proficua que se tira dos factos para ensinamento dos homens.

Que importa, porém, isso aos politicos de officio? Pouco escrupulosos na escolha dos meios, elles só se importam com a consecução do seu fim — a exploração indigna do povo, á sombra d'uma instituição que o rebaixa.

Quando o laço social era fraco, quando as forças que se desenvolvem no campo da sociedade obedeciam ainda a uma lei dispersiva, era indispensavel a existencia d'uma auctoridade mais poderosa que podesse congregar na consistencia de nação os elementos esparcos operando sem conexão e sem intuitos.

A realza tinha então sobre a humanidade uma acção paterna, tutelar. A auctoridade real era indiscutivel e sagrada: se o povo via os reis muito superiores a elle, via-os tambem, no momento do perigo, tomando a mais bella responsabilidade da lucta.

Com o desenvolvimento da sociabilidade a auctoridade foi diminuindo gradualmente; as diversas attribuições do monarcha especificaram-se, dividindo-se, em funcionarios diversos.

Surge o poder ministerial e os reis passam a desempenhar uma função secundaria.

Vem depois a revolução franceza e dá ao povo direitos, que até alli tinham sido desconhecidos ou contestados. D'aqui em diante, elie começa a governar-se por leis estabelecidas pelos seus representantes.

Ampliam-se mais tarde esses direitos: e as nações obrigam os poderes constituídos a reconhecer a existencia d'uma nova força social, — a opinião popular.

De sorte que as funções legislativas, executivas, militares e religiosas, accumuladas e reunidas nos primitivos monarchas, foram-se deslocando e fixando em outros tantos individuos que se tornaram a sede de poderes independentes, até que finalmente se reconheceu a todo o paiz o direito de se governar por si mesmo.

De transição em transição, a auctoridade politica achou hoje a sua origem legitima e indiscutivel na soberania do povo. Todo o acto governativo que não proceda d'ella é um acto de despotismo.

Eis os resultados positivos a que nos leva a historia. É por elles que o paiz se deve regular.

Que os homens de dignidade e de senso deixem de proferir no parlamento e na imprensa esta phrase torpemente ridicula: a monarchia é a condição indispensavel da nossa independencia.

Que caso devemos nós fazer das penas venaes dos jornalistas estipendiados pelo thesouro? Que conceito nos podem merecer os discursos dos deputados que o governo fez eleger á custa da nação?

Deixemos discorrer-los; tenhamos simplesmente a cautela de não nos aproximarmos d'elles.

É perigoso o contacto da podridão.

Discurso pronunciado na camara electiva em 15 de fevereiro pelo deputado republicano, o sr. José Elias Garcia.

Tem-se dito que a substituição do sr. Antonio Rodrigues Sampaio foi uma substituição inconstitucional.

Não sou eu de certo o deputado que pôde aqui vir defender, não os principios constitucionaes, porque esses tenho ouvido dizer de todos os lados da camara que estão esquecidos, mas ao menos umas theorias constitucionaes inventadas para estas situações, para estados excepcionaes em que se acham os povos, e em que porventura se encontra o nosso tambem.

Nós sabemos, porque nol-o contou aqui, com extrema franqueza e lisura, que muito o honra, o sr. presidente do conselho de ministros, que na occasião em que o sr. Anselmo José Braamcamp deixou o governo foi s. ex.ª incumbido de organizar um novo ministerio.

E s. ex.ª era effectivamente apontado como aquelle que devia assumir a direcção dos negocios publicos.

Não o digo eu, dizem-no os srs. deputados da opposição, e, se bem me recordo, este ponto frizou-se especialmente na camara alta.

Mas s. ex.ª empenhou a sua palavra para não aceitar o governo, e essa palavra respeito-a eu, e todos a devemos respeitar.

S. ex.ª estava com a saude enfraquecida, e essa hypothese devemos tambem tel-a em toda a consideração, porque, como s. ex.ª mesmo disse, não ha circumstancia alguma que force um homem a desempenhar um papel de actividade e de trabalho quando as forças lhe faltam e a doença o acabrunha.

E s. ex.ª entendeu que ficava muito bem desenhada a representação do partido de que é chefe, entregando a presidencia do conselho ao sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Effectivamente o sr. Antonio Rodrigues Sampaio chegou ás cadeiras do poder, voltou-se para os representantes do paiz e disse que não queria reformas politicas.

Disse, porém, igualmente que algumas cousas boas faria.

Realmente algumas cousas boas foi s. ex.ª fazendo.

Acerca do tratado de Lourenço Marques devo dizer que não sei se foi bom, se foi mau o que se fez.

O que sei é que vi começarem as perseguições á imprensa, que muitos applaudiram, e com a substituição d'esse governo as perseguições acabaram. Nós vimos então que não era permitido nem acatado o direito de reunião, que ao meu amigo o sr. Luiz Palmeirim parece de pouco valor, mas que é um direito sacratissimo, que está consignado na lei eleitoral de 1859, lei redigida principalmente pelo sr. Antonio d'Oliveira Marreca, e que foi arrancada n'esta camara aos ministros que então se assentavam nas cadeiras do poder; direito arrancado por José Estevão, porque aquella lei é devida principalmente ao nosso grande orador.

Recordo-me de que José Estevão, quando a maioria parecia hesitar, se comprometia, quaesquer que fossem as consequencias, a arrancar das banquetas dos ministros aquella lei. E' que elle bem sabia que era uma grande garantia para o corpo eleitoral o direito de reunião; o direito de reunir em qualquer parte os eleitores, não para receber d'elles o mandato imperativo, que é desnecessario, mas para que n'essas grandes reuniões se conheça o sentir popular, e possam os representantes da nação, ajustar por elle os seus actos, e afferir os dictames da sua consciencia.

E que succedeu no ministerio do sr. Sampaio? Impediam-se as reuniões e agrediam-se quem n'ellas estava; mandava-se para ellas as auctoridades que se julgavam azadas para representar a sua politica, e para intimar a dissolução d'essas reuniões, quando melhor lhes parecesse.

Nós vimos ainda ha dias o que succedeu no Porto, e que não fóra felizmente apoiado, nem applaudido pelo actual sr. ministro do reino. S. ex.ª disse n'esta camara que assim que sobbera ter sido impedida uma reunião politica, expedira logo ordem terminante para que se não embarçassem de forma algumas essas reuniões. Eu applaudo-o por isso.

Mas este seu acto está em contradicção aberta com o que se deu n'uma reunião em Setubal, em que a auctoridade foi obstar a essa reunião, dizendo que o fazia por ordem superior.

E não julgue v. ex.ª que eu quero referir-me a qualquer nome com desfavor; não o costume fazer a respeito de ninguém, e principalmente a respeito d'aquelles que, em qualquer epocha da sua vida, prestaram va-

liosos serviços á causa da liberdade. (Apoiados.)

Declaro tambem que pouco me importam as incoherencias dos homens, tenho até por bem vindas as incoherencias que nos dão mais largas liberdades; mas não posso applaudir aquellas que nol-as tiram ou nol-as cerceiam. (Apoiados.) E não sei a que attribuil-as, porque eu creio que o espirito não envelhece, doudeja apenas.

O sr. Sampaio esteve, não sei quantos mezes, no governo: caiu e caiu bem. Não digo que caiu por já não ter força para sustentar-se. (Apoiados.) Foi bom. Estimo, applaudo que tivesse caído, porque melhor foi isso do que vel-o aqui embaraçado, afflicto, enleado, não digo para justificar-se, mas para explicar o seu procedimento. (Apoiados.)

Repito. O sr. Sampaio caiu e caiu bem, embora a sua queda não fosse constitucional. Não poudo levantar-se, e surgiu o sr. Fontes.

S. ex.ª já tinha sido chamado para aquelle logar, (indicando a presidencia do conselho,) mas não acudira ao chamamento; mas, ao segundo mandado, não podera resistir, disse-o s. ex.ª com toda a franqueza, e accitou o encargo.

Permitta s. ex.ª que eu lhe diga que não estou de accordo com algumas palavras que proferiu quando fez a historia de certos factos, palavras que eu registo, não com satisfação, mas como prova da debilidade e da fraqueza do regimen que nos rege.

Disse s. ex.ª que n'estas cadeiras se contradictava o que dos logares dos srs. ministros se avançava, e das cadeiras do ministerio se contradictava o que d'aqui se dizia. Será isto bom regimen? Não me parece que o seja.

Ha incontestavelmente muitas mudanças de ministerios que se podem apontar como factos constitucionaes, não digo á luz dos verdadeiros principios do regimen representativo, mas á luz d'uns certos principios mais accommodaticios d'este regimen, mudanças em que não se respeita realmente a vontade popular; mas nas quaes ha para com ella ao menos a apparencia d'esse respeito.

S. ex.ª afirmou que podia ir buscar a outros paizes exemplos de menos respeito pelos principios constitucionaes, e apontou o ultimo que se deu na Inglaterra por occasião da subida de Gladstone ao poder.

Mas o sr. presidente do conselho sabe de certo que este facto não é unico, já da primeira vez Gladstone caiu por causa das eleições, e o mesmo succedera a Disraeli. E' historia recente.

Todos a conhecem. (Apoiados.)

Já da primeira vez não foi preciso que se reunisse o parlamento; apenas terminadas as eleições, immediatamente o decreto da demissão do ministerio conservador estava lavrado. Disraeli caía, e o partido liberal subia ao poder, por ganhar as eleições com applauso da Inglaterra, sentindo Londres, no meio das alegrias da victoria, apenas a magua pela perda da eleição de Stuart-Mill, que, apesar de não tomar assento na camara, não deixava de ser um poderoso auxiliar do movimento liberal.

E depois Disraeli, alcançando a victoria eleitoral, tomou o poder que Gladstone lhe cedera antes de aberto o parlamento, como por sua parte succedera ultimamente a Gladstone, vencendo na urna a lord Beaconsfield.

Quando n'um paiz a opinião governa; quau-



do ella se manifesta tão accorde, e se afirma na indicação d'um nome, como ali, todos os poderes se curvam, nenhum hesita, não pôde haver hesitação.

(Continúa.)

### A doutrina dos jesuitas

No numero anterior expuzemos alguns pontos da doutrina jesuitica que vão d' encontro aos principios ensinados por Christo e seguidos em parte pela igreja.

Continuemos com esta exposição, apresentando ao mesmo tempo a condemnação dos papas e os testemunhos dos Padres, bem como os logares das Escripturas que repugniam totalmente com aquella doutrina.

Dizem os jesuitas que a Humanidade, unida hypostaticamente ao divino verbo, podia ser sujeita ao erro, ao peccado, e á pena eterna.

E com tudo S. Paulo diz na sua epistola aos Colassenses: que em Christo habita toda a plenitude da divindade corporalmente.

E S. Agostinho no Livro da lucta christã diz: "... e cremos que o divino verbo uniu a si completamente toda a Humanidade".

As consequencias de tal doutrina são de tal modo obvias e tão offensivas á ideia de divindade que nos recusamos a apresental-as.

Mas a doutrina de tal seita levou tão longe o seu arrojo que, desde já pedimos aos pijs e catholicos ouvidos se vão armando da resignação evangelica para podermos continuar na sua succinta exposição.

O sacrilegio, crime que entre as nações mais barbaras era desprezível e odiado, esse mesmo foi defendido por os homens que se intitulavam a Sociedade de Jesus.

Pois estes, tractando dos preceitos do decalogo, esse codigo sublime, dado por Moysé aos seus subditos d'Israel e mais tarde modificado por Christo, o sabio compilador das ideias do oriente e ao mesmo tempo o grande conhecedor do coração humano e das tendencias progressivas dos povos, não duvidaram afirmar que para satisfazer ao preceito de ouvir missa não é necessaria attenção alguma interior ou affecto d'animo pio e devoto mas basta a assistencia material, como Gury afirma no seu compendio de moral, livro ainda hoje adoptado em muitos seminarios.

Relativamente mesmo a outros preceitos, diz Escobar que com uma confissão voluntariamente nulla e uma communhão sacrilega se satisfaz aos mandamentos da igreja.

Porém Christo é bem explicito quando chama hypocritas os que o honram com os labios quando o coração está longe d'elle (1).

Mas não para aqui a sua osadia. Até mesmo acerca da doutrina do mestre disseram: não é evidente com evidencia moral propriamente dicta que a religião christã seja verdadeira.

Bastava esta proposição para cavar um abysmo entre jesuitas e christãos. Contudo elles, cegos, saltam estas barreiras para entrar na grande e outr'ora poderosa Sociedade.

Mas nós vamos mostrar-lhes ainda mais os saltos que têm de dar.

Sirmond, Anato, Moya, Tamborino e le Moyne affirmaram que para cumprir com o primeiro preceito do decalogo bastava observar os outros preceitos da lei divina.

Cabrespine e Pintereau disseram tambem que Deus no primeiro mandamento não manda positivamente que o amem; mas que não o aborçam.

Isto é evidentemente contrario á religião de Christo; mas, para evitar discussões inúteis, ahí a tondes condemnada por Alexandre VIII em 24 de agosto de 1690 e pela Universidade de Paris em 1665 e pela assembleia do clero francez em 1700.

E Christo diz: *qui non diligit me sermones meos non servat* (2).

Vamos mais apresentar uma proposição condemnada por Innocencio XI em 1679 e pela Universidade de Lovaina em 1657 e pelo Clero de França em 1700 e terminaremos.

Realmente é desolador o quadro que nos desenrola á vista o desvario de taes homens e, francamente, não sabemos que cegueira

leva os nossos theologos a defender tal gente.

A proposição é esta:  
*Tam clarum est fornicationem se nullam involvere malitiam; et solum esse malam quia interdicta, ut contrarium omnino dissonum rationi videatur.*

Apresentamol-a tal qual foi condemnada, para não fazer corar as faces pudicas dos individuos que lêem e apreciam o canticos dos canticos em latim; e a que fariam um auto de fé se elle fosse escripto em portuguez.

Ha coisas assim.

A missa se fosse dicta na nossa lingua perdia cinco por cento do seu valor.

E do resto que diremos?

O baptismo tambem se faz n'esta lingua. As creanças sabel-a-hão ao nascer?!

Creio mesmo que até o diabo a não ignora; pois que os exorcismos são feitos na lingua das Messalianas e dos Heliogabalos.

Poderiamos dilatar-nos em largas considerações sobre muitos outros pontos da moral jesuitica, mas supponmos sufficientemente provada a nossa these.

*Não podemos defender os jesuitas e sér catholicos, apostolicos romanos.*

Poderiamos mesmo fallar na praxe jesuitica que consistia em introduzir discordia e divisão entre os homens para conseguir os seus fins que com innegavel verdade se referem na *Deductão chronologica e analytica*, particularmente na primeira parte, divisão dez, § 406.

Isto seria acrescentar massada não só aos leitores, mas tambem a nós que, confessamos nos custa a manejar uns grandes alfarrabios em latim, lingua que está morta, bem como *quasi tudo* que n'ella se escreveu.

Nós aqui não atacamos nem catholicos nem jesuitas; mostramos apenas a doutrina d'uns e d'outros; e com tudo elles andam de mãos dadas!

O que resultará da liga?!

Um futuro proximo o dirá.....

Coimbra, 16-3-82.

A. R. NOGUEIRA.

### NINI

O seu rosto pequenino  
É como miniatura.  
D'uma madona formosa,  
D'uma formosa pintura  
De Raphael.

É branca; d'uma brancura  
Que nos faz lembrar Ophelia;  
Não ha nenhuma camelia,  
Que ao vér-lhe do rosto a alvura  
Não se sinta, á lucta, inerme,  
E não lhe inveje a cor branca  
Da sua branca epiderme.

É travessa,  
Como são sempre as creanças,  
Sem pensamentos, sem dores:

A cabeça,  
Alegre, viva, ladina,  
Parece ser sementeira  
D'uma seara divina...  
Ouro passado á fleira!

Os seus olhos innocentes  
São azues; mas d'um azul  
Assim da cor do luar;  
Um pouco mais carregado,  
Assim um azul esverdeado,  
Como que azul verde-mar.

Os labios! que lindos são!  
Vivos na cor, o carmin...  
Se quereis a imagem real  
É ir a qualquer jardim,  
De rosa qualquer bolão  
Abrindo-se: é tal e qual!

Quando ella os abre louçã,  
Alveja o branco dos dentes  
Dos labios sobre o rosado:  
Parece um pomo encantado:  
Que tem perl'as por sementes,  
—E se abre como a romã,—  
D'algum paiz do El-Dorado!

Os pés e mãos... causa riso  
Examinar cada dedo!  
Curtinhos, brancos, replectos,  
Intrigam como um sagredo;  
Mais gentis do que amuletos:  
Dos cinco o grupo:—um briaquedo.

Emfim, tão branca ella é,  
Tão leve o corpo gentil,  
Tão airosos mão e pé,  
Tão captivante o perfil:

São os cabellos d'um ouro,  
Tem tanto mimo o dizer,  
Tal o perfume que emana,  
É tão formoso este ser,  
Tão fóra da raça humana:

Que das geraes me esqueço  
E creio que deva ser:  
O primeiro beijo impresso  
No nosso primeiro amor,  
Que pelo proprio calor  
Cristalizou em mulher!

Um dia ao vél-a chorar  
Mudou-se-me a phantasia;  
Fui procurar-lhe a existencia  
Na velha mythologia:  
D'um lago pequena Ondina  
Perdida n'alguma bruma...  
Ou Nereida pequenina  
Que fosse trazida escrava  
No dorso d'alguma vaga  
N'um berçosinho de espuma.

M. MESQUITA.

### Secção Pombalina

Eis a carta da commissão de Coimbra, a que no último numero nos referimos.

SR. REDACTOR DO JORNAL

A «EVOLUÇÃO»

No n.º 16 da sua folha, publicada no dia 13 do corrente mez inseriu v. o programma, que elaborámos, das solemnisações com que a Academia de Coimbra intenta celebrar o centenario do Marquez de Pombal, e accompanhou-o d'algumas reflexões que não podemos deixar ficar sem resposta.

Impressionou-se desagradavelmente v. com o facto de se não referir o programma ao *Instituto de ensino livre*, que planeiam os estudantes de Lisboa, e estranhou tambem que, no dia 7, em que se realiza n'aquella cidade um congresso para tractar da federação academica, o nosso programma indique a reunião d'uma assembleia geral de todos os estudantes de Coimbra, no theatro Academico. «Era, já se vê, necessaria (commenta v.) a comparencia em Lisboa dos estudantes de Coimbra, mas a commissão, que elles elegeram, pede-lhes que fiquem.»

Agrupamos estes dois pontos, que mereceram reparos de v., porque dizem respeito ás relações d'esta commissão na comprehensão do seu mandato, com a commissão dos estudantes de Lisboa e ás solemnisações que ella projecta.

Os nossos intuitos sobre tal assumpto estão bem expressos no seguinte periodo do programma:

«Não quer isto dizer, senhores, que na mente da vossa commissão esteja o interpretar o vosso procedimento como um testimonho de menos cordeal e sincera adhesão ás manifestações sympathicas e dignas que por esse motivo organisem estudantes d'outras escolas do paiz. Significa simplesmente que tomamos o logar que d'antiga data nos pertence entre a classe Academica portugueza, e vimos com a nossa iniciativa corroborar e fortificar o nobre pensamento que outros pretendem brilhantemente realisar.»

É claro que não podiamos fazer, nem dizer mais: a Academia de Coimbra, resolvendo commemorar n'esta cidade o centenario pombalino, incumbiu-nos estrictamente de organizar o programma d'essa commemoração.

As relações entre os estudantes d'aqui e da capital não entravam nos dominios da nossa competencia prefixal-as; por mais sym-

pathicos que nos sejam os intuitos e projectos dos estudantes lisboenses, não nos cumpria a nós determinar a parte que a Academia deve tomar nas suas festas. Uma assembleia geral, e só ella, pôde pronunciar-se como entender.

Mas ha mais. No dia 7, segundo lèmos no programma Academico dos festejos de Lisboa, deve com effeito reunir-se n'aquella cidade um congresso destinado a occupar-se da federação Academica. N'esse congresso, porém, só terão logar dois representantes das faculdades da Universidade, e portanto claro fica que podemos os restantes reunirmos em assembleia geral, sem que isso implique a rejeição anticipada de que vão lá representantes da Academia.

A expressão «todos os estudantes» em o nosso programma, visa a comprehender os estudantes de qualquer graduacão, tanto da Universidade como de preparatorios, e não se refere á totalidade dos estudantes, individualmente considerados, o que seria dispoticamente absurdo.

Não somos nós que dizemos aos Academicos que *fiquem*: foram elles que nos não elegeram para a missão de os mandarmos para Lisboa. Para isso não precisavam d'uma commissão. Se nos elegeram, foi para que organisassem as celebrações com que os estudantes da unica Universidade portugueza haviam jstamente resolvido festejar o centenario do Marquez de Pombal, na séde d'essa Universidade.

Quanto á proposta do sr. Alvares de Moura, votada em assembleia geral, está v. equivocado.

Essa proposta dizia simplesmente que os estudantes não comparecessem nas festas universitarias; mas n'ella não se alludia se quer ao convite feito ao Reitor e ao corpo docente afim de tomarem parte nas nossas festas. Nós tambem não apreciamos essa proposta: limitamo-nos a assignalar que o que se lê no programma não está de forma alguma em desacordo com a deliberação, boa ou má, da assembleia geral.

Declarava v. que achava mais justo e mais em harmonia com o caracter liberal d'estas festas, que fosse franca para todos a inscripção para uso da palavra na reunião publica do dia 8.

A commissão tambem ventilou esta questão, e ponderando bem os inconvenientes d'um e outro partido a tomar, entendeu que a inscripção absolutamente livre era talvez mais prejudicial aos nossos intuitos do que aos d'aquelles que desejam tirar a estas solemnisações o caracter imponente que devem revestir.

Comprende v. os motivos que nos levam a fazer estas rectificações, e ao mesmo passo a explicar os pontos do nosso programma, que foram injustamente apreciados.

Não podiamos deixar correr mundo uma interpretação menos harmonica com os nossos intuitos ao escrevermos o documento de cuja elaboracão e execucao tivemos a honra de ser encarregados pela Academia.

Coimbra, sala da commissão pombalina, 14 de março de 1882.

PRESIDENTE

Antonio Henriques da Silva.

1.º SECRETARIO

Pedro de Mascaranhas Gaivão.

2.º SECRETARIO

Leopoldo Mourão.

THEZOUREIRO

José d'Ornellas Cysneiros.

VOGAES

Alfredo da Castro.

Alfredo Vieira Peixoto Villas-Boas.

Antonio Feijó.

Antonio de Padua Bandarra de Seixas.

Antonio Pinto Mesquita.

Carlos Lobo d'Anila.

Francisco Maria Gomes do Rego Feio.

Francisco Pinto Coelho Soares de Moura.

Francisco Roberto Martens Ferrão.

José d'Ornellas Cysneiros.

Luiz de Magalhães.

Narciso d'Oliveira e Silva.

Tito Vespasiano Castello-Branco.

(1) Math. XV, 7 e 8.

(2) Joann. XIV, 24.



Referindo-se ao que n'este jornal disse-mos relativamente ao *Instituto de ensino livre* e ao congresso academico, diz a commissão que não têm lugar as nossas observações, porque ella estava estritamente incumbida de organizar o programma do centenario em Coimbra.

Ora a commissão foi eleita, se bem nos recordamos, para examinar as propostas apresentadas em assembleia geral, tomando-as para base d'um projecto de programma. Uma d'essas propostas, pelo menos, referia-se ao *Instituto*; parece-nos, portanto, que a commissão não exorbitava das suas attribuições occupando-se d'este assumpto.

Mas supponhamos que a memoria nos foi infiel. Pouco importa isso; nós aceitamos a questão no terreno em que os illustres commissarios a collocaram.

A base de toda a argumentação é o escrupulo de ultrapassarem os limites da sua competencia, que se reduz a organizar o programma do centenario em Coimbra. Não têm mandato da assembleia para prefixarem as relações entre os estudantes d'aqui e os da capital.

Completamente de accordo: a sua missão é essa e o seu escrupulo é muito digno.

Mas em que exorbitava a commissão, occupando-se do *Instituto*, se elle não é devido exclusivamente aos estudantes de Lisboa, mas creado, por meio d'uma subscrição nacional, a expensas de todas as classes do paiz?

O caracter, que tal estabelecimento reveste impõe, segundo cremos, a todas as commissões que, em qualquer ponto do paiz, se occuparem d'esta festa civica, o dever de o tomarem em consideração. A commissão de Coimbra tem não só o direito de se occupar d'elle, mas o dever indeclinavel de o fazer. Nem se comprehendia que a academia de Coimbra hesitasse em concorrer para perpetuar n'um estabelecimento utilissimo o nome d'aquelle a que tanto deve.

Acresce ainda que os estudantes brasileiros vão naturalmente concorrer para este fim. Se o fizerem, parece-nos que nós, mostrando menos interesse por um assumpto que de mais perto nos toca, não daremos uma ideia muito levantada da comprehensão dos nossos deveres.

Relativamente ao segundo ponto, — a assembleia do dia 7 — julgamos que a commissão a podia omittir sem faltar aos seus deveres, porque ella não trouxe da assembleia geral mandato expresso para celebrar forçosamente o dia 7. O que n'esse dia faz podia perfeitamente fazel o n'outro qualquer. E, para a commissão pôr bem em evidencia a sua vontade de prestar uma adhesão cordeal e sincera ás manifestações dos outros estudantes do paiz, é nossa opinião que devia ter accedido, pelo menos n'este ponto, ao desejo da commissão de Lisboa, da qual, segundo ouvimos, recebeu um officio n'este sentido.

No ponto da carta, ao qual agora chegamos, começam a faltar os argumentos e a apparecer o espirito.

É claro que não podiamos dar ao programma a interpretação tão despoticamente absurda que a commissão parece querer attribuir-nos. Tão absurda ella é que nem mesmo de intelligencias tão fracas como a nossa podia merecer adhesão.

Diz a commissão que não foi eleita com o fim de nos mandar para Lisboa. Com certeza que não; mesmo porque as commissões não costumam ser eleitas para mandar os que as elegem. Mas o que tambem é certo, é que não lhe conferiram a missão de estabelecer incompatibilidades, que nada pôde justificar.

O que de tudo isto deduzimos é que a commissão não nos quiz comprehender. É forçoso, portanto, que fallemos mais claro.

Corria com insistencia que a commissão entendia que *nenhum* estudante de Coimbra deveria ir a Lisboa. Era a este boato que nos referiamos; e se o não fizemos mais claramente, foi porque julgamos a commissão boa entendedora.

Relativamente ao convite feito ao corpo docente, que nós dizssmos estar em desharmonia com a proposta do sr. Moura, parece-nos que não nos equivocamos.

O espirito d'essa proposta, deduzido das considerações de que foi acompanhada, é

evidentemente contrario ás resoluções da commissão.

Quanto á reunião publica, não cremos que a inscrição absolutamente livre prejudicasse os intuitos de commissão, favorecendo os d'aquelles que desejam tirar a estas solemnizações o caracter imponente que devem revestir.

Ainda ha pouco se realison em Lisboa um comicio extraordinariamente concorrido, sem haver a menor tentativa de desordem da parte d'aquelles a quem os principios alli expostos desagradavam.

Não temos razões para suppôr que em Coimbra succedesse o contrario: a attitude das pessoas que se reunirem não será de certo muito benevola para os que quizerem ir alli fazer de martyres. Acreditamos mesmo que os martyres desistirão de representar o seu evangelico papel.

Só nos resta agora pedir á commissão que não veja nas nossas palavras intuitos de opposição systematica.

Expomos a nossa razão de divergir, mas desejamos do coração que seja executado com todo o brilhantismo o programma, do qual, de resto, discordamos em parte. Não seremos nós que lhe crearemos embaraços: acima de quaesquer divergencias está o fim elevado a que todos visamos.

E, se a commissão não ficar convencida com as nossas razões, continuaremos a discutir com todo o gosto com quem tão attenciosa e urbanamente sabe fazel-o.

### Publicações recebidas

*O homem quaternario e as civilizações pre-historicas na America*, PELO DR. FERRAZ DE MACEDO.

Em primeiro logar temos a pedir mil desculpas ao auctor d'esta esplendida monographia por só agora nos podermos occupar d'ella com a attenção que merece.

O livro de que nos occupamos é uma excellente edição elziviriana. Saiu dos prelos da Imprensa Nacional.

É uma apreciação do livro recente de Florentino Ameghino, intitulado *A antiguidade do homem no Prata*.

Os estudos americanos, a que o sr. Ferraz de Macedo se dedica, com tanto proveito para a sciencia, se bem que dos mais interessantes, são, infelizmente, d'aquelles em que a investigação scientifica menos se tem exercido.

Apesar dos bellos trabalhos de Morton, e d'Orbigny e de tantos outros mais recentes, pôde-se dizer que os americanistas a poucos resultados positivos tinham até ha pouco chegado.

O congresso de Nancy, em 1875, embora fertil em communicações e em memorias de bastante valor scientifico, se conseguiu evidenciar a importancia dos estudos relativos á America, não resolveu d'um modo satisfatorio muitos dos problemas que se levantam em face de tão antiga civilização.

A archeologia prehistorica, a linguistica e a anthropologia, os mais poderosos instrumentos de investigação na historia primitiva dos povos não têm produzido, quanto aos povos americanos, tudo o que tinhamos a esperar.

Apesar da opinião contraria de Whitney e d'outros linguistas, é geralmente admittida a divisão morphologica das linguas em tres typos principaes: linguas monosyllabicas, agglutinativas e flexionaes. Pois o systema linguistico dos povos americanos é tão importante, que a gus philologos têm querido agrupar as linguas da America sob um novo typo morphologico: as linguas polysyntheticas.

D'aqui se vê a sua importancia, que merecia um estudo mais profundo.

Nestas condições qualquer livro sobre a America primitiva despertava sempre o mais vivo interesse, e o seu auctor é respeitado como um obreiro andacioso que procura abrir caminho por um campo por assim dizer inexplorado.

Tal foi a impressão que o grande trabalho de F. Ameghino despertou no sr. F. de Macedo: tal foi a impressão que *O homem quaternario* despertou em nós.

O sr. Ferraz de Macedo demonstra no seu livro que a America tem uma civilização original e propria, não importada de

paiz algum, n'uma palavra, que o homem americano é originario da propria America, e não lançado n'aquelles pontos por nenhum dos mais antigos povos dos velhos continentes conhecidos.

O sr. F. de Macedo, baseado nos factos irrefutaveis apresentados por Ameghino, acha-se de accordo com os sabios mais eminentes da actualidade.

O auctor do livro que vimos analisando mostra que está a par de todo o movimento scientifico, e firma a sua opinião nos livros mais recentes de philosophia, de paleontologia e de sciencias biographicas. Parece-nos, porém, injusto para com Guatrefages, um sabio de primeira ordem, um dos mestres da anthropologia, em França.

Não sympathisamos nada com o dogmatismo de Quatrefages; mas não podemos aceitar a opinião que o sr. F. de Macedo exprime n'estas palavras: «O sr. Quatrefages é uma especie e pedra de toque negativa, onde a pleyade gigante de sabios que o circunda cõstuma afferir a justeza de suas ideias e da sua orientação: se são reprovadas, é porque são boas; se são acceitas, os seus auctores vacillam ou duvidam da verdade que expenderam.»

Parece-nos que o sr. F. de Macedo ha de ter poucos que o acompanhem n'esta sua apreciação do eminente anthropologista.

Lamentando o não podermos dispôr de mais espaço terminarmos aqui esta noticia, felicitando o sr. dr. Ferraz de Macedo pelo seu valioso trabalho, e agradecendo-lhe a delicadeza da offerta com que nos honrou.

Agradecemos a remessa do jornal — *La Mosca* — *periodico politico joco-serio* que se publica semanalmente em Barcelona.

Os numeros 108 e 109 do *Contemporaneo* — O 1.º traz o retrato de Eça de Queiroz e biographia por Valentim Demonio.

O 2.º traz o de Gervasio Lobato, biographado por Urbano de Castro, um soneto de Joaquim de Araujo e a continuação do «Raphael».

Recebemos e agradecemos o *Jornal de Agricultura*. O summario é o seguinte:

*Secção agricola*: — Apreciação do poder germinativo das plantas pela acção do fogo. — A Urtiga branca: Considerações geraes, multiplicação, cultura, vantagens, valor da fibra. — Uso da Urtiga branca. — Machina dos srs. Labrie e Berthet. — Plano de plantação da Urtiga branca. — Um apparelho para pisar uvas. — Uma nova ceifeira mechanica. — Nova grade articulada. — Chronica agricola.

*Secção de medicina veterinaria*: — Alguns apontamentos sobre hygiene veterinaria militar. — Eccos veterinarios: Concurso importante. Nas congestões do casco dos solípedes. Envenenamento pela veratrina.

Assignatura por semestre — 15300 réis. Redacção Campo dos Martyres da Patria, 132 — Porto.

## LISBOA

25 de março de 1882

Não me foi possível fornecer, como de costume, aos leitores do ultimo numero da *Evolução*, algumas noticias d'esta capital. Se o tivesse feito ter-lhes-hia fallado do *meeting* do dia 12 e da prisão de Magalhães Lima, redactor principal do *Seculo*.

Do *meeting* fallou a *Evolução* n'um bem decidido artigo editorial; quanto á prisão de Magalhães Lima, já os leitores estão ao facto d'esta recente arbitrariedade policial ordenada superiormente.

Foi uma vingança que o governo desejou tomar da imponente manifestação republicana do dia 12. Mas, para se vingar d'uma, veio provocar uma outra de que Magalhães Lima tem sido alvo; de todos os pontos do paiz lhe tem sido dirigidas cartas e telegrammas de felicitação, além de que estas prepotencias produzem sempre indignação da parte de todo o homem serio e digno.

— A representação redigida e assignada pela commissão do comicio republicano contra os novos impostos, além de ter sido já apresentada na camara dos deputados, tambem o foi n'um d'estes ultimos dias, na camara dos pares por dois dos membros da referida commissão, Magalhães Lima e Silva Lisboa. Projecta-se um outro comicio para tractar do mesmo assumpto. Venham elles que são uma das mais esplendidas conquistas da democracia; estas reuniões essencialmente populares onde o povo vai ouvir os seus mais queridos tribunos e valentes defensores de seus direitos, só as realiza hoje em Lisboa o partido republicano.

— Nenhum grupo monarchico ousa mais convocar-as; a ultima licção que apanharam foi no comicio do Theatro de S. Carlos, fez ha poucos dias um anno.

— Mais um centro republicano acaba de constituir-se.

Tem a sua sede na freguezia de Santa Izabel e denomina-se — Club republicano Gomes Freire d'Andrade.

O partido republicano, na capital, actualmente atravessa um periodo effervescente de desenvolvimento. Por parte de todos os seus membros nota-se uma actividade extraordinaria. Nos varios centros que já sobem a perto de 30, realisam-se amiudadamente conferencias; todos elles tractam tambem de organizar os seus gabinetes de leitura e de fundar as suas escolas, cuja frequencia é muito regular. Na provincia é que é necessario mais trabalho; ha ainda muitos pontos onde a propaganda republicana não chegou. O partido republicano da capital precisa destacar para a provincia alguns dos seus membros mais activos e prestimosos afim de irem organizar centros e onde for possível a fundações de jornaes que propaguem os nossos principios. Precisamos todos o dias e redobrar d'energia, proseguir constantemente n'esta lucta que encetamos contra todos os abusos, contra todos os privilegios, contra a realza emfim, porque quanto mais cedo o povo começar a governar-se por si mesmo, tanto melhor.

Desenganemo-nos de que dentro da monarchia constitucional nenhuma garantias de liberdade obteremos mais; pelo contrario agora tratarão de as resarcir o mais possível. É necessario apressar a queda das instituições monarchicas, é necessario fazer a revolução, para em seguida, á sombra d'esse governo que d'ella deve saber, tractarmos da nossa reorganização. Pratiquemos este acto de grande abnegação patriótica; que nos sirvam de exemplo os heroes revolucionarios de 1793. Se elles se não sacrificassem n'aquella occasião, talvez que na França tivesse tambem entrado o constitucionalismo, a transigencia da realza com o povo, ou antes o ludíbrio do povo pela realza.

— Amanhã realisa-se no salão do theatro de D. Maia II a segunda conferencia promovida pela commissão executiva do centenario pombalino. E conferente o nosso distincto correligionario dr. Mannel d'Arriaga.

O governo, segundo nos consta, não presta o minimo auxilio aos academicos para a realização d'esta festa nacional, porque o marquez de Pombal, além de reedificar a cidade de Lisboa, foi o reformador completo da nossa sociedade; fomentou a industria, desenvolveu a agricultura, fez respeitar os nossos direitos pelo estrangeiro, especialmente pela Inglaterra, reorganizou em bases scientificas a instrucção, restringiu os privilegios da nobreza, e livrou este paiz do jesuitismo, bando negro cujos representantes combatendo tanto o centenario bem mostram que o marquez de Pombal não era seu amigo. O governo pensa em concorrer com dinheiro para a estatua que a maçonaria pretende erigir ao eminente estadista, isto é, o governo não auxilia a fundação do *Instituto livre* e vae auxiliar a manufactura d'uma molle de bronze de nenhuma utilidade para a civilização. Mas quem saber porque o sr. Fontes pratica assim? porque, diz elle e o seu rebanho, não queremos concorrer para uma festa que pôde tomar um caracter democratico, não queremos ser cumplices n'uma manifestação que pôde redundar em desprestigio da realza que nós muito amamos.

Pois está redondamente enganado o sr. Fontes; ha de ser esse isolamento em que a commissão academica vai ficar do elemento official, que ha de tornar a celebra-



ção do centenario pombalino uma manifestação ainda mais democratica do que o foi a do centenario camoneano. O paiz, como se tracta d'uma questão altamente pratica e occasião do tractado de Lourenço Marques, ha de auxiliar a briosa geração academica, aquella de que elle espera o seu futuro, e o centenario do Marquez de Pombal será uma comemoração civica brilhante que mostrará a todo o mundo que no povo portuguez ainda se guardam sentimentos generosos e independentes que se manifestam nas occasiões opporrtunas. E estas provas mostrarão tambem á realza que o paiz terá, quando a julgar em completo antagonismo com as suas aspirações, a força de a eliminar.

ANTONIO FURTADO.

Eis o manifesto que a *Commissão executiva da solemnisação do centenario do Marquez de Pombal*, em Lisboa, dirige

## AO PAIZ

O espirito humano, aspirando sem cessar á perfectibilidade, depois de ter percorrido um longo estadio na estrada triumphal da civilização, reconsidera ás vezes, e lança sobre o passado um olhar investigador, como quem procura destrinçar através dos tempos uma luz acariciadora e meiga que lhe dirija os passos, um estimulo poderoso e energico, um exemplo brilhante que lhe reanime as forças.

A humanidade abre então o grande livro da justiça, e lê ahí os nomes dos benemeritos cujos feitos reclamam uma glorificação universal.

E' esta a origem das modernas comemorações civicas.

E' a eternidade do bem proclamada pelo voz unisona d'uma geração inteira, é o espirito do homem sublimado e deificado entre os transportes da gratidão, é a historia, o juiz incorruptivel, pronunciando o seu *verdictum* solenne.

Nada mais commovente, e sobretudo nada mais util e vivificante para uma nação decaída, do que a apothose dos heroes, que lhe douraram a existencia com as fulgidas scintillações do genio.

A vida d'elles é a historia da nação, que os viu nascer; é do conjuncto das suas acções grandiosas que sae essa resultante luminosa, que se chama a gloria d'um povo.

A memoria d'elles, invocada nos momentos difficeis d'uma nacionalidade, é como que a renovação da seiva primitiva das nações: é o sol que as illumina e aquece, deixando sempre assignalada a sua passagem com o vestigio indelevel d'uma nova conquista, ou pelo menos, arrancando ao delatento mudo espirito, que o seu brilho seduz, deslumbra e atrahie.

Esta é a brilhante utilidade do culto civico.

Todos os paizes, onde a consciencia publica segue uma orientação elevada, assim o têm comprehendido. Portugal, que, no livro de ouro da civilização, tem paginas tão honrosas, ainda ha pouco evidenciou quanto preza e venera as tradições de gloria, prestando ao auctor dos *Lusidas* a mais esplendida homenagem.

O dia 10 de junho de 1880 marcou entre nós uma era de rejuvenescimento: foi a affirmação brilhante do espirito que anima a geração de hoje, geração de fortes que, pela revivencia dos grandes modelos, procura insuflar na alma d'este povo a energia de que carece, para entrar desassombadamente no goso das regalias que o progresso das sciencias offerece aquelles que o acompanham.

Fomos o povo guerreiro e valoroso na epocha em que a espada delimitava fronteiras; as quinas portuguezas tremulavam altivas quando era preciso reforçar, pela conquista, o nosso direito á vida autonoma, e, por fim, soubemos tambem ensinar aos estranhos como se defende o lar conquistado em seculos successivos de luctas titanicas. Depois, por uma d'essas fatalidades que a historia explica, caímos no abatimento dos organismos cansados, e, á sombra de antigos louros, dormiamos descuidados um somno que, inconscientemente, nos ia arrastando

para o abysmo onde se somem as nações perdidas.

N'este tempo houve um homem, um portuguez, que só, com a sua energia indomavel, com o seu genio superior, realisou, n'esta sociedade que se esquecera do que foi, o milagre de a galvanisar e suspender-lhe a queda, cauterizando feridas antigas, extirpando erros e vicios, que tinham a consagração de seculos de existencia.

Rompendo com antigos privilegios, calcando erroneos preconceitos, como que inspirado por essa intuição maravilhosa que caracteriza os grandes homens, fazendo-lhe prever o futuro, soube arrancar do seio mesmo da nação o cancro que a corroia, e abri-lhe um horizonte vastissimo para o desenvolvimento de todas as forças que lhe podiam assegurar um futuro risonho.

Reformou os estudos, creou a industria nacional, desenvolveu o commercio, animou a agricultura, aboliu os autos de fé e a escravatura, e restabeleceu a altivez e legitimo orgulho da sua patria perante a diplomacia estrangeira.

Eis os fructos beneficos da sua administração, a synthese luminosa da sua obra, que deixa na penumbra todos os erros e defeitos que, porventura, commetteu.

Honrar-lhe, portanto, a memoria é um dever de gratidão; nenhum portuguez pôde contestar, sem renegar, a maior gloria nacional do seculo passado. Tributar ás suas cinzas venerandas uma homenagem condigna, é uma obrigação que a solidariedade humana impõe ás gerações de hoje, que já podem avaliar bem todo o alcance das suas reformas.

A academia de Lisboa julgou interpretar os sentimentos da nação, levantando da indifferença em que talvez agonisasse a ideia de celebrar o centenario do Marquez de Pombal.

Nenhum pensamento exclusivista dicta os nossos actos, queremos associar o paiz aos nossos esforços, e fazel-o participe do entusiasmo e da fé que nos anima.

Sendo a instrucção a base do progresso e da prosperidade material das nações, o monumento que nos parece traduzir melhor as necessidades do paiz, continuando ao mesmo tempo as theorias do Marquez de Pombal, será um instituto de ensino livre, onde se empreguem os processos mais perfectos para favorecer o desabrochar das aptidões e garantir a liberdade dos espiritos.

O alcance e os promenores d'esta instituição não podemos desde já fixal-os exactamente, por estar dependente de homens competentes; mas o que affirmamos sem reboço, é que o fim principal d'elle é introduzir no nosso paiz alguns ramos da sciencia que, ou não existem, ou então apenas vegetam sem valor. Desenvolver e crear o ensino professional e colonial para satisfazer uma necessidade da nação, animar o estudo da sociologia, biologia, anthropologia e outras sciencias, que não se professam entre nós e que são d'uma utilidade incontestavel, eis as bases em que assentará esta empreza, se merecer o applauso do paiz.

Ligar a uma fundação d'esta ordem o nome de Sebastião José de Carvalho e Mello, é o mesmo que affirmar a vontade de prolongar a marcha reformada.

Faltam-nos, porém, os recursos; appellamos para os homens liberaes; para todos aquellos que entenderem ser este o melhor tributo a memoria do grande estadista portuguez.

E' ao mesmo povo que glorificou Camões em aclamações delirantes, e que affirmou o desejo de caminhar, que nós lembramos um alvitre, apresentamos uma ideia, que, realisada, seria um passo gigante na grande estrada do futuro.

Em Camões, festejamos o cantor das glorias nacionaes; no Marquez de Pombal veneramos o genio reormador e o talento politico. Aquelle foi a divindade que se invocou antes de entrar em combate, seja esta a bandeira, o guia, que nos conduza á conquista do bem estar e da prosperidade da patria.

## NOTICIARIO

O espectáculo de sexta-feira no *Theatro*

*Academico* correu exactamente como se esperava — bem.

Seria injustiça especificar, quando todos desempenharam os seus papeis com o successo a que assistimos. Concorrença regular; nas frizas e camarotes de 1.<sup>a</sup> ordem achavam-se as principaes familias de Coimbra e a plateia estava repleta.

Representou-se o *Ditoso fado*, onde entravam a gentil Thomazia Velloso e o sympathico auctor dos — *Primeiros Versos*, cujo fino espirito de artista se nos manifestou sob uma forma que ainda não conheciamos.

O sr. Macedo Santos representou no entreacto uma scena comica de bastante graça. Representaram-se mais duas comedias, a *Roca de Hercules* e *As eleições*, onde entraram além de Thomazia Velloso os applaudidos academicos os srs. Ferreira da Silva, Alexandre Silva, José d'Ornellas e Pina Calado.

O sr. Ferreira da Silva recitou tambem a *Mosca*, feliz traducção de Fernando Caldeira, com muita distincção, revelando, assim como nos outros actos em que tomou parte, uma aptidão para o palco, muito apreciavel.

Esta bella *troupe* deu em Aveiro uma recita em beneficio da Sociedade-Philantropica com uma boa enchente e um extraordinario delirio de palmas.

Concluiu as provas do concurso para a faculdade de Medicina o sr. dr. Augusto Rocha.

Nada mais fez do que confirmar a opinião dos que o consideram um dos nossos mais brilhantes oradores portuguezes.

Referindo-nos, ha pouco, ao concurso para a cadeira de Litteratura Classica no Curso Superior de Lettras, dissemos que eram concorrentes os srs. Freitas Costa, Santos Valente e Pinheiro Chagas.

As nossas informações eram inexactas. D'estes tres cavalheiros só concorre o sr. Pinheiro Chagas.

Foi julgado em audiencia geral no dia 21 o ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim Alfredo Baião n'esta cidade. Constava a sua accusação de haver produzido uns ferimentos n'um policia, quando o sr. Baião aqui cursava os seus estudos.

Demonstrou exuberantemente o digno advogado, o sr. dr. Calisto, a falsidade da accusação, manifestando-se sob a declaração franca e leal do réo que este só havia distribuido um ou outro bofetão, como era natural nas circumstancias em que se encontrou em face do policia.

Realmente custa a comprehender que um sooco, dado durante uma noite de S. João em Coimbra, produzisse tanto empenho da parte do juiz em condemnar o sr. Baião. Bem fez o jury, respondendo aos quesitos de um modo que o honra tanto. O quesito subsidiario foi convenientemente interpretado pelos srs. jurados.

Felicitemos sinceramente o sr. Baião.

A commissão encarregada da reforma dos estatutos do Club Academico já concluiu os seus trabalhos. Depois das ferias de Paschoa haverá assembleia geral dos socios para serem discutidos os novos estatutos.

Tem-se notado que as vinhas da Sicilia são muito resistentes á acção do phylloxera em resultado de um pequeno insecto que lhe promove uma guerra constante. As vinhas atacadas estão muito vigorosas, differindo pouco das não affectadas.

Recebemos e agradecemos o manifesto dirigido ao paiz, contra as medidas financeiras, pelo Centro Republicano do Porto.

Por absoluta falta de espaço não o publicamos hoje.

No dia 18 houve recita no *theatro* de D. Luiz. A Sociedade *Ensaio Dramaticos* levou á scena as seguintes enraçadas comedias: *Cazar para morrer*, em 2 actos, *Cau-*

*tella com as creadas*, em 1 acto e *Velhos Gaiteros*. Os curiosos Alexandre Barata, Carlos d'Almeida, José Doria, Cardozo, Brito Magro e José Augusto de Brito manifestaram-se mais uma vez, como intelligentes cultivadores da arte do Talma.

As actrizes Maria Costa e Maria Baptista mostraram tambem muita habilidade no desempenho dos seus papeis.

A direcção d'esta Sociedade é digna de louvor pela seriedade e boa ordem, que se observam n'estas recitas, que fazem esquecer as antigas arruaças do *theatro* de D. Luiz. Honra lhe seja.

Recebemos e agradecemos o *Relatorio* apresentado ao ex.<sup>mo</sup> sr. governador civil do districto do Porto pela sub-commissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes.

A sub-commissão é composta dos srs. A. J. Carneiro e Silva, Joaquim Antonio Gonçalves, Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, e J. P. Oliveira Martins.

A *Folha de Braga*, é um jornal semanal que começou a publicar-se n'esta cidade em 19 do corrente.

Seu redactor principal o sr. José da Luz Braga.

No seu artigo editorial diz, dirigindo-se ao leitor:

«Tens, pois, ante o teu olhar um periodico rasgadamente independente, isento de afeições partidarias, que julgará como souber das coisas publicas, mas sempre sem ominimo vislumbre de paixão politica.»

## COMMUNICADO

Tavira

Declaro, por me ter sido pedido n'um communitado exarado no *Seculo* sob o n.<sup>o</sup> 351, que nos estatutos da sociedade Mixta Tavirense, não ha nem houve artigo algum que registasse a admisión a socio de qualquer proposto quando não obtivesse unanimidade de votos.

Cumpre-me mais declarar que, antes de se constituir tal sociedade, houve reunião de alguns srs. com o fim de formular os estatutos, os quaes em diferentes sessões, fizeram diversas propostas sobre a maneira de os levar a effeito, havendo uma dos mesmos srs. que effectivamente propoz, que a admisión de socios da dicta sociedade fosse por eleição obtendo unanimidade de votos, o que foi largamente discutido por diferentes vezes terminando por ser approvada tal ideia.

É tudo quanto se me offerece declarar sobre tal assumpto.

20 março de 1882.

Sou de v. etc.

Antonio Xavier da Trindade.

## ANNUNCIOS

ESTÁ JÁ Á VENDA O GRACIOSO

ALMANACH DO

ZÉ-ALBARDADO

PARA ESTE ANNO

Critico e burlesco, cheio de attracções divertidas para rir, tem 88 paginas e 26 gravuras de varios typos.

PREÇO 60 RÉIS

Á venda em varias livrarias, tabacarias e em todos os kiosques de Lisboa.

Requisições a J. M. G. rua Nova d'Alegria, 116 pateo, Typographia, — Lisboa.

Quem requisitar dez exemplares faz-se-lhe abatimento de dez réis em cada um.





# A EVOLUÇÃO

SEMÁRIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 4. pag. 430.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

N.º 19

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 4 DE ABRIL DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

## EMPREGADOS PUBLICOS

N'um povo atrazado em civilisação, em que as relações sociaes são muito restrictas, a industria miseravel, os recursos materiaes muito escassos, e portanto muito limitado o numero de individuos instruidos, a grande multiplicidade dos empregos publicos é tambem um importantissimo elemento de ruina, uma causa geral de enfraquecimento da raça.

Um facto reconhecido hoje, e facil de demonstrar, é o de que a actividade productora d'este mecanismo chamado o Estado sempre dispense maior somma de energia do que o trabalho da mesma natureza, que é executado em virtude da iniciativa particular. D'esse consumo demasiado uma das causas está no favoritismo, que parece, pela sua generalisação, ser um vicio inherente a todo o exercicio da auctoridade, em ponto grande. Do favoritismo resulta, como consequencia immediata e fatal, uma selecção invertida das capacidades e aptidões, que produz um retrocesso da raça, em direcção contraria á do progresso realiado constantemente pela escrupulosa selecção individual, devida á livre iniciativa dos particulares. Se a extensão respectiva d'estes dois processos, um progressivo, outro regressivo, um de evolução, outro de dissolução, é maior no primeiro caso do que no segundo—queremos dizer: se a esphera da actividade dos particulares é mais ampla do que a do Estado, a ponto de compensar pelos seus beneficios, os prejuizos por elle causados, a nação progride, embora seja mais lenta a sua marcha do que o poderia ser, desembaraçada d'aquelle importuno tropeço. É o que succede em Inglaterra. Se, porém, a esphera da actividade official excede muito em extensão a que corresponde á iniciativa dos particulares, como entre nós acontece, então a nação retrograda fatalmente, e é tanto mais accelerada a sua ruina, quanto maior for o numero dos individuos providos de empregos publicos.

Além d'esta causa de viciação nas funcções do Estado, que era por si bastante para tornar mais oneroso e funesto, do que o dos particulares, o trabalho por elle dispendido, ha muitas outras que rapidamente vamos apresentar.

O provimento dos empregos publicos em favor dos incapazes, ou exclusivamente—o que raras vezes terá succedido—ou em maior ou menor proporção mesclados com os mais aptos, dá em resultado uma perversão, ou um exercicio menos regular do trabalho da machina official, e d'aquí necessariamente um dispendio excessivo de forças. Os serviços são mal feitos e caros, para expri-

mimos o facto em linguagem corrente. Aonde vae por fim reflectir-se o prejuizo que d'esse facto resulta? Nas condições physicas dos individuos, no seu desenvolvimento, no seu bem-estar.

Multiplicados em maior proporção do que é necessario, os empregos publicos são ainda uma causa extremamente complexa de um grande numero de factos desastrosos, todos tambem, por seu turno, causas de ruina e degeneração da raça. Não é só a má execução dos serviços, o mau desempenho das funcções impulsoras e prelectoras do Estado: é a absorção das capacidades de que podia lançar mão a iniciativa particular, em favor de si propria e do paiz; é a ociosidade garantida pelo ordenado certo; é a impunidade mais ou menos assegurada pelo prestigio da auctoridade official de que se está revestido; é o grande numero de exigencias sociaes de representação, de obediencia servil a todas as imposições, justas ou injustas, de superiores ineptos e, muitas vezes, corruptos; é a immoralidade que anda sempre associada a recursos pecuniarios não correspondentes ao trabalho produzido; é a concentração, nas grandes povoações de vida faustosa e insensata, de capacidades que disseminadas pelas terras secundariasahi levantariam o nivel intellectual e pagariam os conhecimentos e o trabalho de utilidade commum, pelo exemplo da sua actividade aperfeiçoada, além de que ali poderiam, com proveito das localidades e do paiz exercer os cargos electivos, hoje confiados, por exclusão d'aquelles empregados, a homens incompetentes.

Não serão já razões bastantes para condemnar severamente o excessivo numero dos empregos publicos? Se não são, temos ainda mais, encarando o assumpto por outra face.

Os empregados publicos são sustentados pelo trabalho util dos particulares, que furtam ao seu bem-estar um quinhão importante com que os nutrem. Se o serviço que esses funcionarios desempenham é superfluo ou mal feito, o fructo d'aquelle trabalho é dispendido improduttivamente, ou menos productivamente do que o seria nas mãos de quem o souber adquirir, e lhe conhece bem o valor. Assim uma somma valiosissima de capital é completamente annullada, ou perdida em grande parte, com enorme prejuizo dos que trabalham, e ainda dos que não trabalham, porque é um facto que se arruinam tambem os que sem fazer esforços, recebem como se os fizessem. De recursos adquiridos sem difficuldade quanto é grande quasi sempre, a porção dispendida em mil coisas futeis ou nocivas, que a ociosidade suggere como instantes necessidades! Que o digam todos os empregados publicos que tiverem re-

presentada, no seu desequilibrado orçamento, a palpitante e sinistra imagem das finanças geraes do estado.

Referindo-nos agora mais particularmente ao viver domestico dos tristes funcionarios publicos, á desgraçada sorte das suas familias, só ahí, quantos males em elaboração, quantos soffrimentos intimos, e que terrivel espectáculo de decadencia da raça! Uma existencia quasi toda entretida com falsas apparencias, com essa tola ostentação que, por mais que façam, em tudo está denunciando a miseria; os filhos insufficientemente alimentados, mal dirigidos no seu desenvolvimento physico, intellectual e moral, na sua educação para o trabalho, succumbindo prematuramente, victimas das chamadas *doenças da miseria physiologica*, umas vezes resultado da falta de nutrição desde o começo da sua existencia, outras efeitos de costumes depravados, ou da incapacidade para exercerem uma profissão na industria ou no commercio; a esposa torturando a sua existencia para obedecer ás impertinentes exigencias da moda, ás deleterias seduções do luxo, e quantas vezes esquecendo os seus deveres moraes, indispensavel cimento em todas as constituições da familia. Elementos assim, em tão alto grau corrosivos, contando-se por milhares reproduzindo-se de geração em geração, haverá ainda quem duvide serem uma horrorosa calamidade publica, um sorvedouro de vidas, de capitaes, da maior parte dos recursos do solo, das melhores qualidades da raça, da propria existencia da nação, como um todo independente?

H. F.

Discursa pronunciado na camara electiva em 15 de fevereiro pelo deputado republicano, o sr. José Elias Garcia.

Já não está a França, a mesma França republicana, nas mesmas condições; não occulto os meus sentimentos, porque, embora seja mais partidario do seu regimen, das ideias republicanas, nunca deixarei de apontar os defeitos d'ella quaesquer que elles sejam.

Nós vimos os resultados das eleições de 21 de agosto em França; entretanto não levaram ellas ás alturas do poder o sr. Gambetta. Só o vimos mais tarde, e depois de reunido o parlamento, entrar para a direcção dos negocios.

Na occasião de se apresentar aqui um projecto que auctorizava a reforma da carta, projecto que não era, como se tem dito a reforma da da carta (*Apostolos*), e acerca do qual a camara faria o melhor aproveitando o que fosse justo, veiu a noticia da queda do sr. Gambetta e da ascensão ao poder do sr. de Freycinet.

Se não houvesse aquella mutação de governo em França não havia um argumento apresentado como tão concludente para mostrar a geral conveniencia de não tratar das

questões politicas com preferencia das questões de administração.

O sr. de Freycinet um espirito superior, largo e lucido, tão habituado a comprehender os problemas complexos, tão conhecedor da sciencia da mechanica, que elle tão distinctamente cultiva, na conjuntura em que tomava o governo, não podia propôr a revisião da constituição.

Desde que havia desacordo no partido republicano acerca do ponto da revisião limitada ou illimitada, e uns entendiam que era indispensavel a revisião total, e havia considerações que levavam outros a evital-a, depois do que se passara, aquelle procedimento está explicado.

O mesmo que succedeu ao sr. Gambetta, succederia n'este momento ao sr. de Freycinet.

Não basta apontar os factos. É preciso applicar aos factos a critica imparcial, despreocupada, sem a qual não se pôde tirar d'elles lição proveitosa.

O outro ponto de que se tem tratado é o das medidas extraordinarias tomadas por este governo. Permittam-me os srs. ministros que eu me refira n'este ponto ao que se diz, não na resposta ao discurso da corôa, mas ao discurso da corôa que nós devemos ouvir com todo respeito que é devido ao chefe do estado, mas pelo qual são responsaveis os srs. ministros.

Diz-se aqui: «No intervallo das sessões foi o meu governo obrigado a tomar algumas medidas extraordinarias»; algumas como se fora cousa de pequena importancia, de pequeno valor; *extraordinarias*, como se fora cousa não prevista, e até provocada.

Permittam-me s. ex.ª que lhes diga que não foram francos.

Deviam ter dito: «O meu governo dará conta ás côrtes das medidas com caracter legislativo que publicou durante este intervallo.»

Esta era a verdade. Algumas medidas extraordinarias praticadas pelo proprio que as tinha previsto, não comprehendendo.

Algumas medidas! Pois são algumas medidas a medida mais importante, aquella que para ser tomada requer a mais clara e positiva intervenção popular!

Não me lembro de que no nosso regimen politico tivesse nunca sido classificada por este modo a reparação dos impostos depois do acto adicional.

Este procedimento ha de ser discutido; esperemos por essa discussão.

O sr. presidente do conselho já teve a bondade de declarar perante a camara que teria feito melhor se tivesse vindo aqui seguindo os exemplos de 1868, 1869 e 1870, apresentar o *bill* de indemnidade logo no proprio dia em que a camara se constituiu, ou no seguinte. S. ex.ª d'esta vez não só veiu mais tarde apresental-o, mas nem sequer acceitou o que se lhe offereceu logo, porque esta camara antes quiz que se esquecesse o governo d'aquillo de que elle nunca deveria ter-se esquecido.

É exactamente no acto adicional que está definido, d'uma maneira clara, o preceito da apresentação do orçamento e ao mesmo tempo o da votação annual dos impostos, e consignado que no fim do anno aduca a auctorisação para a cobrança d'elles.

O illustre presidente do conselho apresenta o acto adicional como um titulo de gloria; e eu lamento que fosse esquecido o acto adicional ao qual s. ex.ª tem a honra de haver ligado o seu nome.



Não digo que elle não tenha consequencias uteis, nem proveitosas para uso do regimen representativo; mas o que parece estranho é que s. ex.<sup>a</sup> apresente o acto adicional como uma reforma importante, de corridos já tantos annos, e não reconheça a necessidade de emprender outras reformas! (Apoiados.) Permitta-me s. ex.<sup>a</sup> que discorde completamente da sua opinião suppondo que estas reformas não são opportunas: entendo que ellas são necessarias e impostas pela opinião. (Apoiados.)

Tenho ouvido apontar como razão para se não fazerem reformas politicas, o paiz não as pedir e estar pacifico! E pareceu-me tambem ter ouvido ao illustre presidente do conselho dizer que não emprehedia agora reformas, porque se arreceiava das paixões! Não sei se o paiz está ou não em pleno socego; mas entendo necessario fallar em reformas, porque se não fallarmos n'ellas, não se fazem; e é indispensavel que fallemos muitas vezes, porque ha paizes, como a Inglaterra, em que as reformas só se conseguem depois de se ter fallado n'ellas muitas vezes! Neste ponto sigo a opinião dos meus illustres collegas que se levantaram para defender a necessidade das reformas.

Essas reformas são necessarias, e não serve na minha opinião o argumento que se tem apresentado, de que para ellas se fazerem é indispensavel o accordo dos partidos. S. ex.<sup>a</sup> o sr. presidente do conselho parece não estar lembrado do que aconteceu com o acto adicional, que não foi por accordo dos partidos. (Apoiados.) Quem conhece a historia, sabe que isto é a verdade. (Apoiados.)

Tem-se dito agora n'esta casa, que o acto adicional foi feito pelo accordo dos partidos, que então estavam em frente um do outro; mas o certo é que o partido conservador era contrario á reforma, e até veio levantar perante esta camara, tendo os seus deputados diplomas com poderes constituintes, uma questão previa, para resolver se a camara tinha ou não poder para reformar a constituição.

Porque o partido conservador nunca afrouxou no empenho em que sempre tinha andado de contrariar tudo quanto fosse reformar a carta constitucional, sem ser pelos meios que a própria carta indicava, e por isso veio a esta casa e impugnou a proposta do governo para o acto adicional, porque essa reforma não era constitucionalmente feita, na sua opinião.

O acto adicional foi obra do grande partido progressista, d'aquelle antigo partido, cheio de homens dedicados, e que se não acotovelavam para serem ministros; esse partido estendeu o seu braço ao nobre duque de Saldanha, para o salvar da empreza a que elle se arriscara em 1851. E o duque pagou aquella divida de gratidão, divida que o partido progressista, na generosidade do seu animo, não tratou de saber se estava ou não saldada.

«Não tenho direito qualquer que seja a minha opinião, de a impor ao paiz», exclamava n'esta epoca, d'estas cadeiras, a voz eloquente de Passos Manuel.

Eu tambem respeito a opinião do meu paiz, e se lido para que a sua opinião seja a minha, não lh'a imponho.

Outra voz eloquente se ergueria n'esta casa para fallar sobre o assumpto, era a de José Estevão, se acaso uma doença pertinaz não o detivesse no leito da dor, estando todos mais empenhados em salvar-lhe a vida, do que em pensar se o acto adicional passaria ou não.

Todos sabiam que, salva aquella bella alma, o principio das reformas teria um grande defensor.

Devem recordar-se de que n'aquella occasião o que mais divergencias levantou foi a abolição da pena de morte em crimes politicos.

Causou grande impressão no paiz, que um governo onde estavam Garrett, o poeta distincto, e eu tenho grande sympathia pelos poetas, Seabra, auctor do projecto do codigo civil; Rodrigo da Fonseca Magalhães, o orador vehemente contra a politica das violencias; o marechal Saldanha, tão valente nos combates, como generoso na vida intima, causou, repito, grande impressão que esse governo hesitasse em aceitar a proposta para a abolição da pena de morte.

Foi o unico ponto em que se empenhou o partido progressista, o que obrigou o go-

verno a addiar a camara, e venceu. Honra seja feita aos homens que estavam á testa do governo e ao sr. presidente do conselho, que tem o seu nome no acto adicional, por concorrerem para se consignar no nosso código constitucional a abolição da pena de morte nos crimes politicos. Essa gloria não lh'a disputo nem um instante.

(Conclue)

Embora as escripturas conservem inserto nas suas paginas o texto que reconhece a auctoridade divina nos reis, o povo já ha muito conhece que isto seria bom para os tempos primitivos; em que a theocracia dominava tudo—instituições e consciencia.

Tudo passa por transformações successivas, segundo a lei inevitavel do progresso.

No povo eleito passou o reinado dos patriarchas, dos juizes, dos reis, e as instituições religiosas foram-se mais ou menos corrompendo até que Christo as reformou.

Um povo qualquer, enquanto conserva a pureza das crenças, embora absurdas, a inteireza dos costumes e todas as demais virtudes civicas, tem elementos de sustentação e de prosperidade.

Mas invadido pelo luxo, pela desmoralização dos que o regem, esse povo vai-se desmoralizando pouco e pouco, soffre uma agonia dolorosa, até que uma crise violenta o mata ou salva.

E' o que succedeu a Roma, é o que nos ha de succeder a nós.

Passados seis seculos e meio sobre a existencia de Roma tinha ella conquistado o mundo.

Realizou-se este phenomeno á custa de muito patriotismo, de muito sangue vertido, d'uma grande disciplina nos soldados.

As revelações de Numa eram conservadas com a pureza primitiva, cada virtude tinha o seu Deus que era adorado com veneração e respeito por aquelle povo de heroes.

Eram austeros nos costumes, o patriciado conservava-se virtuoso e os dictadores sabiam da charrua.

O general não combatia pelos despojos, mas pelo amor da patria.

As eleições eram sinceras, os juizes honrados.

Era assim a republica.

Mas as conquistas, que tanta dedicação valorosa tinham custado, despertaram o luxo e as ambições.

Começaram a formar-se os partidos, começou Roma a precipitar-se.

Já não era o amor da patria que chamava os patricios ao senado, mas o amor dos despojos.

Os triumviros disputam as redeas do governo e a republica precipita-se na mão dos Cesares.

Estava irremediavelmente perdida.

Desapareceram os oradores desinteressados, que traduziam ao povo em palavras de fogo os sentimentos de valor que lá lhe iam dentro.

Agora só os poetas serviam para cantar as devassidões dos imperadores a troco d'um logar no paço e d'uma boa prestação.

Tudo se vendia, consciencia, dever, honra, tudo bateria as azas para não mais voltar.

A vida de Roma depois d'isto foi um cahos de devassidão, de luxo, adulterios, matança e nada mais.

Similhante á mulher que perde a sua pureza e se vai mergulhando mais e mais no vicio, vendendo os beijos e as caricias por um vestidos mais, por uma joia nova, cercando-se de luxo, aturdindo se nos prazeres, desprezando o futuro, assim Roma procedia.

Os imperadores mandavam construir grandes amphitheatros, espaçosas thermas; e o Zé povinho gosava, cansava-se n'estes prazeres ephemeros pagos com o seu sangue.

Novos impostos e mais assucar a involver a pillula; é o que hoje ainda succede.

Estava tudo a esphacelar-se, bastava um sopro para o deitar a terra.

Roma conquistava os povos, mas foi vencida por estes que a dominavam com a sua doutrina.

O estoicismo substituiu a philosophia pagã; mas o estoicismo não podia regenerar a sociedade.

Veio um povo rude, puro ainda nos cos-

tumes, de logares desconhecidos e este povo conquistou Roma.

Não era um povo que conquistava outro. Era a revolução pulverizando os vicios dos imperadores.

Este povo representou um papel brilhante no progresso da humanidade.

Destruio as podridões, purificou os costumes, preparando os povos para receberem a nova philosophia pregada por Christo.

Christo, brilhante manifestação da ideia, deu um grande impulso progressivo e este avançou despedaçando os sceptros.

Mas correram os annos, a tyrannia substituiu a egualdade christã.

O povo foi de novo sacrificado ás ambições dos poderosos e de novo levantou a cerviz em '93.

Era outra vez a revolução, operada pelo adiantamento da philosophia, pela dilatação dos conhecimentos humanos.

Agora nós.

Desappareceu o soldado rude de Affonso Henriques, o navegador intrepido, honra do nome portuguez.

A nossa antiga franqueza para os reis desappareceu.

Achamo-nos divididos em partidos que só tractam dos seus interesses, onerando-nos cada vez com mais impostos.

Vivemos apenas de tradições e sacrificios.

Os funcionarios immoraes, governantes ineptos, politicos de harriga. Eis o que nós temos.

O povo onerado, ignorante, levado ás eleições como animaes arrebanhados, inconsciente.

Por toda a parte a falta de character, a dignidade offendida.

Os nossos deputados não vão ás camaras defender os interesses do povo; mas os do chefe.

Onde nos encaminha isto?

A historia que invocamos, creio, me permite prophetisar.

Os ministros da religião do estado não pregam já com o exemplo a doutrina que nem mesmo elles seguem: pervertidos, corrompem o povo.

Tudo precisa de reforma, as instituições, a philosophia, os costumes.

Prevê-se uma revolução na nossa organização politica e moral.

A religião substituida por uma philosophia sã, mais harmonica com os nossos tempos.

O governo mais moral e justo que cuide dos interesses do povo, que procure instruil-o para comprehender as novas ideias.

Felizmente já vemos uma pleiada de homens integros, rectos e que promettem futuro auspicioso.

Vemos já por toda a parte a monarchia sem prestigio, desconsiderada.

Vem apparecendo uma nova aurora, tudo nos encaminha para a—REPUBLICA.

Coimbra, 13—3—82.

A. R. NOGUEIRA.

## Curiosidades

### NICE

Sendo o meu fim n'esta secção de *Curiosidades* fazer passar ante o leitor os exploradores notaveis, fallar-lhe das descobertas geographicas, das cidades celebres, das lendas, costumes e monumentos dos povos, conforme as circumstancias o exigirem, vou hoje fallar de Nice, *Nizza la bella* dos Italianos, da rainha das cidades do Mediterraneo, a que os Francezes chamam *Villes d'Iver*.

Segundo a historia, Nice não tem sido o prototypo da fidelidade; tem tido caprichos e inconstancias.

Examinando os seus annos, vemos que tendo-se entregado voluntariamente no seculo XIV a Amadeu, duque de Saboia, em 1792 enfadada já do dominio d'este, se incorporou na Republica Franceza.

Vêm os acontecimentos de 1814, volta as costas á França e vai lançar-se nos braços de Carlo Felice, rei da Sardenha; dá a este rei as maiores provas de dedicação, funde-lhe estatuas e levanta-lhe um arco de triumpho em que manda gravar *Portam et corda pandunt*.

Quando Carlo Felice mais se revia nos

seus fleis subditos de Nice, Napoleão III foi á campanha da Italia e a mesma porta e os mesmos corações abrem-se de novo á França.

A industria de Nice é muito florescente, as suas sedas rivalizam com as de Lyon, as suas excellentes confeitarias fazem as delicias dos Gargantuas de todo o mundo e os seus jardins fornecem Paris de frescas e perfumadas flores.

Mas a principal celebridade de Nice é o seu excellentissimo clima, que faz com que n'ella se goze uma amenissima primavera, emquanto o resto da Europa se cobre de pelles e accende os fogões para resistir ás brisas de novembro e ás neves de dezembro.

Depois que entraram nos costumes contemporaneos e na pratica therapeutica os *banhos de sol*, adeus Paris!... esse Paris que outr'ora tinha o condão de atrahir a si durante o inverno toda a Europa *fashionable* tem hoje o desgosto de ver passar durante o mez de novembro, em direcção a Nice, Menton, etc., numerosas caravanas de rubicundos Inglezes e de pallidas *misses*, em fim de gente de todas as nacionalidades que vão procurar, n'esse eden, calor e ar puro.

Nice é sem duvida uma cidade cosmopolita; para ella convergem todos os doentes imaginaveis, todos os ociosos e felizes da sociedade humana que querem passar alegremente o seu tempo, já sulcando o sereno mediterraneo; já no theatro ouvindo as celebridades do canto como a Pati, Donadio, Faure e Nicolini, etc.; já emfim respirando o perfume das flores e as emanações suaves e medicinaes dos eucalyptus.

O *rendez vous* da sociedade elegante de Nice é o *passeio dos Inglezes*, situado á borda do mar e plantado de palmeiras e loureiros rosas.

Nada mais agradável do que ir ali passear ás 3 horas da tarde—a hora da moda.

E' então que a colonia feminina, sentada nos classicos bancos pintados de verde, exhibe suas custosas *toilettes*.

Conversa-se, formando grupos segundo as nacionalidades.

Goza-se d'um sol verdadeiramente de abril.

Admiram-se as principescas equipagens que percorrem o passeio, e o azul puro do mar tornado ainda mais agradável pela multidão d'aves aquaticas que sobre elle voitam.

Bordam este passeio esplendidos palacetes e luxuosos hotéis, cercados de jardins plantados de roseiras, gardenias e jasmimetros; em geral de plantas odoríferas.

Um outro logar de passeio, muito mais bonito do que este de que acabo de fallar, é o das margens do Paillon, mas a implacavel moda ainda se não dignou volver os olhos sobre este *oasis* viridente.

O carnaval de Nice é celebre, e dá uma pequena ideia do de Roma, com o qual tem de commun o jogo dos *confetti*, tão querido dos Italianos.

O anno de 1881 deixou na historia de Nice uma pagina lutuosa; foi o incendio da opera Italiana na occasião em que ia começar a recita.

Cantava-se a *Lucia* e tomava parte Bianca Donadio. Houve muitas victimas.

A cidade tomou luto por dois dias.

LOVEL.

## Instrução

A decadencia material e o deploravel estado anti-hygienico dos estabelecimentos officaes de primeiro ensino são dois agentes poderosos para atrophiar a mocidade estudiosa obviando ao seu desenvolvimento physico e intellectual. Os poderes publicos, porém, aspirando phreneticamente aos seus arranjos não se occupam d'essas *minucias* nem lhes convém tampouco promover a civilização popular e a hygiene das escolas, porque a ignorancia é a pedra angular do regio solio; e tanto assim que ainda não appareceu uma lei tendente a dar maior incremento á educação da plebe, com quanto se tenham promulgado algumas no sentido de apparentar grande amor pela instrução, para vender os incautos, e illudir o povo.

Nas aulas, onde se recebe o primeiro ensino, dá-se ordinariamente um contraste: ou lhes falta o ar e luz sufficientes e a capacidade necessaria para receber o numero pro-



vavel de frequentadores, calculado na razão da população; ou a dimensão e a luz são excessivas e as correntes d'ar circulam rijamente alimentadas pelas camadas que passam através das janellas e orificios do sobrado e tecto. Estes excessos são a origem incessante e fecunda de grande numero de enfermidades que embora se conservem latentes por algum tempo, hão de produzir mais tarde um desarranjo organico. O dazno é ainda mais palpavel quando no rigor das estações o alumno tiver de se conservar na aula seis horas diariamente, apenas com um curto intervalo de descanso. O mau ambiente é um foco de letargia que ha fatalmente de causar um desconcerto physico principalmente nos alumnos de temperamento melindroso. Além do mal physico que naturalmente flue d'aquelle estado desolador ha tambem outro—a improficuidade do ensino. O organismo, em condições anormaes, priva o espirito da sua actividade reflectida, o que occasiona a desatenção, tanto mais predominante quanto menor for a idade. Nestas circumstancias a creança, já de si naturalmente bulicosa, não pôde aprender, pelo seu estado d'abstracção.

Não dizemos ainda tudo. Geralmente ministra-se quasi exclusivamente o ensino theorico quando devia ser secundado pela pratica; d'ahi provém o esvaziamento dos conhecimentos que se não radicaram por se não fazer applicação dos instrumentos indispensaveis n'uma escola primaria bem organizada mas que infelizmente não existem. Além do ensino se limitar ordinariamente a simples exposição das materias, a doutrina não é, muitas vezes, forte e solida, como convém.

Os estabelecimentos, afóra aquellas lacunas, são pouco centraes quando deviam ser accessiveis, quanto possivel, para poupar ás creanças um percurso muitas vezes de dois kilometros e mais, o que lhes prejudica muito a saúde. Ha ainda outras faltas muito notaveis, embora pareçam pouco importantes, que concorrem bastante para o enfeamento dos alumnos: a não existencia d'uma aula de gymnastica, cuja necessidade se faz sentir cada vez mais.

As escolas primarias não podem pois satisfazer aos requisitos necessarios tanto pela sua pessima organização como pelas deficiencias que se notam na sua maior parte.

E porque fallamos das escolas, não deixemos de fazer umas ligeiras considerações sobre a habitação do professorado. A classe mais util á civilisação é recebida ordinariamente em apesentos indecentes e impudicos onde a vida se torna impossivel muitas vezes; quando o primeiro civilizador da sociedade merece mais alguma consideração do que actualmente goza no conceito de muitos. Previligiados talentos tem assombrado o mundo e entretanto estariam eternamente immersos na ignorancia e esquecimento sem a primeira lapidação. Desenvolver a intelligencia, desbastar-a, lançar-lhe a primeira semente e educar os sentidos, compete ao primeiro cultivador; aperfeiçoar-a e polir-a cabe aos preceptores d'ensino secundario e superior.

Sendo pois aquella classe tão prestadia á sociedade não deve o paiz ser ingrato dando-lhe por ironia uma morada ás vezes indecente e doentia, como presentemente se faz: o mais humilde forasteiro não mereceria certamente tanto desprezo.

Agora vem a proposito fazer umas ligeiras considerações sobre o honorario do professorado. Meio seculo d'existencia conta o governo constitucional sem que até hoje se tenha melhorado condignamente o premio do seu serviço; ao passo que os outros corpos docentes tem sido attendidos consideravelmente sendo ainda pela ultima reforma elevado o seu ordenado de 350\$000 réis a 500\$000 réis nos lycens nacionaes e a 600\$000 réis nos centraes, quando ha 22 annos percebiam apenas o vencimento annual de 200\$000 réis! Quando se elaborou a lei em vigor esperava o professorado primario ser contemplado com 200\$000 réis annuaes; a sua esperanza porém foi vã e as cousas ficaram como d'antes se não peor: augmentou-se o serviço e a retribuição e a mesma, porque a lei suppõe que o magisterio primario fez voto de pobreza perpetua. Segundo a legislação actual divide-se o ensino primario em elementar e complementar: aquelle com o ordenado minimo de 100\$000 réis

e este com o de 180\$000 réis e as gratificações de frequencia, e 2000 réis por alumno approved em exame d'admissão. As camaras municipaes, cujos encargos já eram grandes, agora muito mais se agravaram pelo acrescimo de despeza com a instrucção e por isso só pagam áquelles infelizes funcionarios o ordenado minimo estipulado e as gratificações que são eventuaes.

Bem sabia o governo (?) que se a maioria dos municipios mal podiam pagar o minimo sem sacrificio, tambem não podiam com as gratificações. O magisterio só deve pois contar com o ordenado estabelecido por lei. Ora se 180\$000 réis é uma retribuição diminuta para alimentação na presente epoca em que a vida é mais cara, com os magros cem mil réis, (275 réis por dia!) é impossivel sustentar a sua posição official nem tampouco desempenhar bem a sua missão, porque, quando o organismo está fraco e desalentado, é humanamente impossivel resistir ao trabalho com a energia e actividade que requer tal ramo de ensino. Se os predilectos descessem á misera e triste condição de reger a escola primaria com 275 réis diarios conheceriam então por dolorosa experiencia as agruras e cruéis privações do magisterio primario e talvez trabalhassem com afan para attenuar ao menos grande parte dos males que ora o angustiam. O corpo docente dos institutos secundarios tem lutado e vencido obtendo em pouco mais de 20 annos quasi o triplo do ordenado; mas o d'instrucção primaria está condemnado eternamente a morrer á mingua porque vive ignorado sem que ninguém tenha commissão d'elle advogando sequer a sua causa nas casas do parlamento.

Não invejamos a fortuna de tão honrada, respeitavel e laboriosa classe como é a do corpo docente d'instrucção secundaria nem consideramos injusta a melhoria; mas devia haver equidade augmentando tambem o rendimento das cadeiras primarias porque se não se julgam credores, pela superioridade do seu merito litterario, de mais avantajado ordenado, outros tambem tem direito a melhor remuneração, com quanto a sua capacidade seja inferior áquella, porque o seu serviço demanda mais fadiga e tempo. Mas a patria enche uns de bens como filhos legitimos e engeita outros como espurios. A este mal accresce outro ainda maior. Acabamos de ver a villania com que se paga o honorario: vejamos agora como se recebe. Antes da lei em vigor os vencimentos estavam a cargo do Estado e recebiam-se um pouco tardiamente; mas as cousas mudaram passando o pagamento ao cargo das camaras municipaes. Os cofres municipaes estão esgotados e d'ali deriva o atraso nos pagamentos, chegando o professorado d'alguns municipios a esperar oito mezes para embolsar o seu ordenado. Ora figuremos a hypothese d'um professor reger cadeira n'uma localidade onde não possa prover-se de generos alimenticios senão a prompto pagamento. Em circumstancias tão precarias só lhe resta um meio: pedir esmola para se alimentar.

(Continúa.)

**Lisboa que passa**

Esta boa senhora de azul e branco, apezar das febres que alimenta municipalmente no seu seio, e mesmo no meio da preoccupação dos novos impostos que estão imminentes, está demonstrando que cuida tambem no futuro, e que sabe ser grata a quem lhe soube dar um aspecto rasoavel de novidade e belleza.

A opinião publica, esse catavento das necessidades sociaes, começa a falar no centenario do marquez de Pombal; e aos domingos quando ha conferencia, é interessante ver como no salão de D. Maria se acotovellam os bons burguezes, que saem do passeio publico, com os ovuidos cheios de harmonia e com o fato polvilhado de branco.

Ainda no ultimo domingo presenciamos um espectáculo animador.

Estava annunciada uma conferencia pelo dr. Manuel d'Arriaga, para as 3 horas da tarde. As 2 horas abriram-se as portas do salão, e estabeleceu-se immediatamente uma corrente de ouvintes que em breve encheu o salão com as duas galerias.

E o mais bonito é que a 1.ª ordem de ga-

lerias que estava reservada para as senhoras, ficou tambem apinhada sendo preciso ficarem algumas em pé.

Prova isto que a mulher lisboeta vai-se convencendo que não nasceu só para tocar piano, ler romances do Ponson e ir á missa a S. Domingos.

Produziu uma certa impressão desagradavel o tom em que estava redigido o programma que ahi foi elaborado. E se bem que é para lastimar que quaesquer influencias tenham prejudicado a necessidade de sermos todos solidarios n'esta commemoção, por outro lado isso em nada influirá nos sentimentos de fraternidade que dictaram o programma d'aqui.

Na Associação vai uma animação extraordinaria; á noite enchem-se as salas; grupos numerosos se apinham em redor da commissão executiva e todos trabalham com vontade.

A commissão diligencia activamente remover todos os attrictos que surgem donde menos era de esperar. Corre que o governo pretende deixar na sombra a iniciativa academica e para isso dizem-nos que vai levantar um monumento e fazer uma parada. Oxalá que tudo se faça como elle deseja; mas se isto é um manejo para impedir o cortejo civico, desconfiamos que se illude.

Veremos..... Na politica nada ha a registar que mereça a attenção da critica, ou antes, todos os actos d'essa velha regateira são tão dignos de censura que não sei por onde começar.

Do parlamento não sae um echo, uma nota alegre que destoe da monotonia rotineira dos expedientes d'ocasião, dos artificios surrateros com que todos os ministerios se arranjam no poder. Não se discutem as grandes questões vitales da prosperidade d'uma nação, não sae d'aquelle amalgama de imbecillidades servis uma ideia generosa de liberdade, uma reforma, uma conquista social ao menos, um progresso, nada d'isso. Approva-se um dispendio enorme com o pessoal da penitenciaría, mas nega-se o auxilio a uma commissão que vá a Lourenço Marques observar a passagem de Venus. Criam-se nichos na engenharia, em toda a parte, mas pedem-se impostos ao povo porque elle pôde e deve pagal-a. Approvam-se syndicatos de Salamanca, tratadas de Burnay, caminhos de ferro de Torres, mas deixam-se no desespero e na miseria certas classes que, dependendo do thesouro, vencem ainda os mesmos ordenados que tinham em 1848.... enfim é o arbitrio, o nepotismo, e o cynismo tripudiando á vontade nos bancos do poder, é o servilismo ignobil, a annullação das vontades e das opiniões sacrificadas no altar da omnipotencia do sr. Fontes.

E ha ainda ingenuos que o julgam o heroe, o salvador da patria, o palladio das liberdades publicas!! Como pôde elle ser isso, se é elle o primeiro a dizer que o seu programma é o mesmo que era em 1851?!—Que amor do progresso!!

Eis ahi, amigo leitor, o juizo, superficial ainda, que somos forçados a fazer! das nossas instituições. Ha tanto que fazer, tanto que destruir!!...

Até breve.

BINOCULO.

**DITOS E PHRASES**

A liberdade não está segura senão quando a educação illustra o suffragio.

As ideias são os grandes combates do mundo, e toda a guerra, que não tem atraz de si uma ideia, é uma brutalidade.

Garfield.

S. Thomaz d'Aquino, o mais profundo philosopho do seculo XIII, ao observar-lhe Innocencio IV que tinha passado o tempo em que S. Pedro dizia:—«não possuo nem ouro nem prata», respondeu:—«que tambem passado é o tempo em que S. Pedro dizia ao paralitico:—«levanta-te e anda», epigramma pungente atirado ás faces de um papa, cuja cobiça não conheceu limites.

A. Herculano.

Onde vigorou o terrivel tribunal da inquisição, a fogueira estava sempre prompta para a verdade.

Gmeiner.

Nos proprios conflictos da força material, é a intelligencia que fica soberana.

Gambetta.

Deus tambem quiz ser escriptor. A sua prosa é o homem, a sua poesia a mulher.

Napoleão.

Á porta do circo: —Fantoches! que quer dizer isto? Um empregado do theatro, explicando: —Fantoches são esqueletos desengonçados que fallam e mechem por todos os lados.

Ha lagrimas que actuam no coração, como a chuva nas terras: fertilisam.

(Legouvé)

A polidez é como os grandes pensamentos: vem do coração.

(Vauvenargues)

Á portinhola d'uma carruagem. Um passageiro quer sabir e outro, que está sentado proximo da porta, impede-o, gracejando.

Depois de muito instar, volta-se para o importuno:

—Ora que já seu pae era assim, teimoso como o senhor!

—O sr. conhece-me? porque diz que elle era teimoso?

O outro, com o maior naturalidade: —Era tão teimoso que teimou em não casar e não casou.

Imagine-se como ficaria o espirituoso viajante.

A gratidão é uma vereda que rapidamente nos conduz ao amor.

(Th. Gaut.)

Ser enganado é pagar o tributo devido á humanidade.

(Desmahis.)

A inveja é o verme roedor do merito e da gloria.

(Bacon)

Nas mulheres, a vaidade causa mais victimas que o amor.

(Abbé Bautain)

**A VICTOR HUGO**

Cobriu-te o coração o crepe luctuoso Da mais profunda dor, ó pensador gigante. Viste os filhos rolar no abismo tenebroso Um a um. O Destino é um luctador possante! Veio lançar a sombra á luz d'essas auroras. Um—dos *homens do exilio* a rude historia erguia; O outro—a Shakespeare as angustiadas horas Votava—o heroe proscripto o genio traduzia! E esse mimo de luz, a filha estremeçada, A alegria do lar, ha muito que voou; Nunca mais lhe beijaste a face adormecida: A onda murmurante á vida t'a roubou. A companheira fiel do teu labor constante Chamou-te um dia a si, e disse-te:—é preciso Deixar-te, pobre amigo—é o ultimo instante. —E nunca mais brilhou seu pallido sorriso. Depois foram bater ás portas da nação, D'essa bella Paris que tu amavas tanto, A guerra, o extermínio e a desolação! Viste o quadro sinistro—a fome, o roubo e o pranto, E por entre a ruina o vulto da agonia Perpassar ao clarão d'incenlios devorantes; Viste o bravo vencido, a patria que soffria, E o vencedor cantando os hymnos triumphantes, E tu que foste assim da sorte o perseguido, Que atravessaste o exilio e as revoluções, E sentiste partir-se o coração dorido Ao ver morrer em volta as puras illusões, Conservas, rude heroe, a antiga valentia...

É que ainda para ti existem n'este mundo Dois astros ideaes de singular magia, Que fazem reviver teu espirito profundo. Chama-se um Consciencia, abrazador e claro Que te incita a luctar a bem da Humanidade; O outro é estrella amiga... o teu celeste amparo... É o olhar de Jeannette... um mar de suavidade.

Coimbra—82.

MANUEL DA SILVA GATO



**Publicações recebidas**

Recebemos e muito agradecemos:  
*Pero Gallego* n.º 8 e 9.  
*Contemporaneo*—n.º 110—Retrato de Baptista Machado, distinctissimo auctor dramatico e actor de D. Maria, e perfil biographico por Magalhães Lima.  
 N.º 111—Retrato de Delmira Mendes formosa e intelligente actriz Portuense, biographada por Mendes d'Araujo.

*Commercio e Industria*. N.º 15—Retrato de Polycarpo J. Lopes dos Anjos, notavel commerciante, biographado por J. Alfredo Dias. Insete mais, a *Agiotagem* e *Escola Typographica*—artigos extrahidos da *Sciencia* para todos.

*Perfiz Artisticos* gazeta musical de Lisboa—N.º 15. É uma esplendida publicação, magnificamente impressa, em 8 paginas de papel velino. É seu director Alfonso Vargas. Administração na rua do Ouro—267—269.

*Jornal de Horticultra Pratica*.  
*Coimbra Medica*. N.º 7—2.º anno—Summario:

*Consulta Medico-Legal*—Julio d'Oliveira e A. Rocha—*A variola em Coimbra*—J. Nazareth. *A tisana de Zittman em Faro*—Manuel Aguedo. *Hospitais da Universidade*—E. A. Elyzeu. *Miscellanea*.

*Jornal de Agricultura e Sciencias correlativas*—N.º 7—Volume 3.º—Summario:

SECÇÃO AGRICOLA:—Da Associação dos viticultores do Douro em especial—A Beteraba—Discurso proferido pelo abbade Alves Torgo, na reunião dos viticultores do concelho de Santa Martha de Penaguão—Discurso pronunciado pelo abbade Manuel de Azevedo no comicio dos viticultores de Villa Real—Sobre a plantação da vinha—*Chronica Agricola*.

Redacção—Campo dos Martyres da Patria, 132. Porto. Semestre 1500 réis.

**NOTICIARIO**

Vão sendo approvadas as medidas financeiras, apresentadas ás camaras pelo sr. Fontes.

A maioria retira para os corredores, quando fallam os deputados da opposição, porque sente umas certas *picadas* pouco agradaveis. Tem de as approvar *fatalmente*; portanto não vale a pena ouvir os contrarios.

Vamos bem, não ha duvida; mas se o povo se recusar ao pagamento dos impostos, tambem não irá mal. Experimente-se e ver-se-ha o que sae.

Está felizmente melhor da grave enfermidade que o accommetheu o distincto academico, sr. João Arroyo.

Consta-nos que o sr. Alexandre Herculanô deixára para publicar um livro em que se combatiam os jesuitas com o vigor e a sciencia, com que tão distincto escriptor sabia combater.

Se é verdadeira a noticia, parecia-nos altamente propria a publicação do livro, a que alludimos durante o centenario de Pombal.

Partiu para Ferreira do Alemtejo, terra da sua naturalidade, a passar as ferias de Paschoa, o nosso particular amigo e condiscipulo Filipe José Apparicio de Vilhena. Que passe umas ferias divertidas e vá encontrar sua extremosa familia de perfeita saude é o que sinceramente lhe desejamos.

Recebemos do Cartaxo uma correspondencia que hoje não podemos publicar. Fal-o-hemos n'um dos proximos numeros, porque apreciamos em muito quem nos escreveu, e porque a villa do Cartaxo nos merece todas as sympathias. Se podesse ser alli perfeita-

mente banido o elemento reaccionario, o Cartaxo tornava-se uma localidade da mais aprazivel convivencia social.

Ainda assim os homens de bem, que professam os principios rasgadamente liberaes, vivem em completa harmonia e estimavel camaradagem.

Inserimos no logar competente um annuncio relativo aos exames de admissão aos lyceus nacionaes.

*Erratas*:—No artigo—*A missão da realeza* onde se lê:

*Que os homens de dignidade e de senso deixem de proferir, etc.*, deve lêr-se:

*Que os homens de dignidade e de senso deixem proferir, etc.*

No communicado de Tavira sahiu—registasse—em vez de—regeitasse—approvada—em vez de—reprovada.

Na apreciação do *Homem quaternario* onde se lê:

Sciencias biographicas deve lêr-se sciencias biologicas.

**Curiosidade**

Publicamos em seguida um officio, enviado por um professor d'instrucção primaria á camara municipal, de que elle devia receber uma certa e determinada gratificação. Vai fielmente copiado.

«Ill.ºs e Ex.ºs Snrs.

Participo a V. Ex.ºs que tendo, eu, acompanhado a A. A. R., filbo de J. B. R., desta freguezia da E., concelho do C.; (a exame) ao referido Lyceu Nacional de S., e tendo ficado approvado. Peço a V. Ex.ºs me seja augmentada a gratificação 25500 reis por esse Municipio exigidos.

Deus.....»

Garantimos a authenticidade do documento.

**TAVIRA**

Não é a primeira vez que faço da penna o estylete da critica para verberar não só a indolencia, a inercia, o conservantismo do indigena taviense, mas tambem o retrocesso, crime imperdoavel perante a evolução progressiva da humanidade, hoje causa primaria de todo o progresso social. Tavira conserva hoje em questões de hygiene o que sempre tem tido e o seu estado n'esta parte tende a retrogradar e a tal ponto que não virá longe o tempo em que nos vejamos impossibilitados de frequentar logares como a arcada e algumas ruas circumvisinhas! Não é uma affirmativa gratuita que faço nem tampouco arma de que lanço mão para estigmatizar a proceder d'este ou d'aquelle corpo administrativo, é uma verdade incontestavel e que todos conhecem porque todos veem ou podem ver mais ainda: quem passar pelas ruas mesmo as de maior movimento d'esta nossa terra verá que em muitos sitios o macadam é empedrado e coberto d um tapete de immundicies com que, principalmente depois d'uma certa hora da noite, uma grande parte dos habitantes *mimoseiam* os transeuntes.

Em recreios temos tudo quanto tem o valor de zero, e em instrucção é a vergonha das vergonhas este ponto importantissimo hoje da civilização dos povos e alavanca poderosissima do progresso moral e material da sociedade, é sem duvida aquella em que mais se conhece o atrazo em que vivemos; a indifferença da auctoridade competente n'este assumpto chega por vezes a ser criminoso e só digna dos perniciosos, retrogradados e immoralissimos governos que uzufuem as prebendas que provêm da direcção da nau do estado, entidade absurdamente representada entre nós por um homem privilegiado que, *reina e não governa*, que é *inviolavel e sagrado*, que é *irresponsavel* e tudo por *graça de Deus!*...

Um facto unico demonstra evidentemente o amor que os nossos governantes de cá, têm pela instrucção. É o seguinte: ha oito mezes que está fechada a escola do sexo masculino n'este municipio e só Deus é que pôde saber quando se porá a concurso este logar que nem um só dia devia estar vago. E em factos d'esta ordem está todo o progresso intellectual d'esta localidade! E estranha-se que o povo murmure e se revolte mesmo contra este estado de coisas que nos

envergonha e que dá aos estranhos a medida da nossa cultura e progresso!...

Corroborando o que affirmo darei, de passagem, noticia d'um facto que bem caracteriza o desprezo que uma grande parte dos *mandões* têm pela instrucção do povo, esta victima de todos os tempos que como mui bem disse Courier, só sabe *rezar e pagar!*

N'uma das ultimas sessões da camara municipal tratou-se, d'accordo com as juntas de parochia de nomear uma commissão que promovesse donativos para serem applicados na compra de vestuario e livros para os desprotegidos da fortuna que não frequentam a escola por ser-lhes impossivel pela falta de meios, vestirem-se e comprar os livros que necessitam. Pois esta nomeação em que a junta de parochia de Santa Maria se houve com toda a consciencia, nomeando individuos de ambos os sexos de quem por sua illustração e moralidade muito havia a esperar, foi contestada *por duas vezes* pelo presidente da camara por futeis rasões de familia, sendo finalmente approvada uma lista de excellentes cavalheiros e senhoras, é verdade e alguns d'elles mesmo muito illustrados, porém de quem nada ha a esperar por motivos que todos nós, os tavienses, conhecemos.

E por umas extemporaneas considerações do presidente do municipio ficam privadas d'instrucção algumas centenas de filhos do povo, continuando na vida de perversão de costumes e aquisição de vicios que a sociedade em que vivemos lhes fornece em não pequena escala!

Lamento este facto e com mais razão por partir da camara municipal, corpo administrativo genuinamente popular e que devia bem comprehender qual a sua missão, mesmo em face d'um systema de governo essencialmente centralista como o que explora todas as fontes da nossa riqueza publica e da nossa actividade individual; d'estes governos sabe o povo que nada tem a esperar a não ser impostos e mais impostos e o ser expoliado de todos os seus direitos, deveres e privilegios; era pois do municipio que nós, o povo, leviamos esperar alguma coisa, porém, estes desgraçadamente,—salvo honrosissimas excepções—não tendo a consciencia da sua missão social, tornaram-se em agentes do poder central prestando poderoso auxilio á desvelada protecção dos governos pela ignorancia popular e pela expoliação dos nossos haveres pelas pesadissimas contribuições com que oneram tudo e especialmente todos os generos de imprescindivel necessidade para o nosso sustento quotidiano!

Abro um parenthesis no meu artigo para tractar d'outro assumpto que reclama uma solução immediata; este assumpto que os nossos governantes descuidam ou fazem não conhecer é a miseria horrivel em que vivem milhares de familias n'esta provincia; este assumpto de interesse capital e de momento, é a fome com todo o seu cortejo de desgraças que bate á porta do misero trabalhador para quem o passado foi horrivel, o presente penozo e o futuro..... duvido e desconhecido!...

N'esta pobre e esquecida provincia, victima d'uma crise agricola ha annos, o pobre trabalhador, lueta hoje em virtude da falta de trabalhos com o mais implacavel de todos os inimigos, a fome! E não é só o trabalhador do campo que passa fome, é tambem e sobretudo a classe maritima, classe numerosa e pacientissima a quem nenhum producto do seu pesadissimo trabalho reduzia á miseria, havendo centenaes de familias que, não tendo já nada que empenhar ou vender, passam, não um dia mais sim dois e tres sem comer!... E esta desgraçada gente que emquanto trabalha e ganha contribue e não pouco para o Compromisso Maritimo, passa fome porque nada ganha, emquanto os corpos gerentes d'esta associação gastam em *opas* para os irmãos vestirem nos dias de festas, o bastante para matar a fome n'um dia a algumas familias!... gastam SEIS CENTOS MIL RÉIS na compra d'um *pallio rico* quantia que, empregada em farinha, milho ou qualquer outro genero alimenticio, daria o bastante para sustentar os seus associados pobres por alguns mezes!

Vai já demasiado extensa esta carta. Reservo para outra vez algumas considerações que estes ultimos factos requerem.

18 de março de 1882.

GABRIEL.

**EXPEDIENTE**

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que toda a correspondencia da *Evolução* deve ser d'hoje em diante dirigida para o Marco da Feira, n.º 4, em Coimbra.

Sendo-nos completamente difficil, se não impossivel de alguns assignantes a cobrança da sua assignatura, que aliás amigos, condiscipulos e confrades nos lembraram, resolvemos suspender-lhes a remessa.

Tomamos a liberdade de manifestar aos cavalheiros a quem temos enviado a *Evolução* e ainda devem a respectiva assignatura, quanto nos é agradável accusar o recebimento desta. Quando não desejem pagar, devolvam-nos os numeros recebidos como lhes cumpre.

Aos cavalheiros que tem cumprido lealmente os seus deveres e nos tem animado com as suas delicadas e honrosas observações, protestamos o nosso profundo reconhecimento.

**ANNUNCIOS**

**LYCEU CENTRAL DE COIMBRA**

O Doutor Raymundo da Silva Motta, lente cathedratico da faculdade de medicina, reitor do Lyceu Central de Coimbra, etc.

Faço saber, que, em virtude das instruccões approvadas pela portaria de 9 de março de 1872:

1.º Os exames de admissão aos lyceus nacionaes não de principiar no primeiro dia util do proximo mez de maio;

2.º Os requerimentos dos candidatos de ambos os sexos deverão ser apresentados na secretaria do Lyceu até ao dia 20 do proximo mez de abril; passado este dia não será acceite mais requerimento algum, qualquer que seja a causa que se allegue;

3.º É prohibido requerer exame na mesma epocha em differentes lyceus, sob pena de serem annullados, para todos os effeitos legais, os exames d'aquelles que infringirem este preceito.

Lyceu Central de Coimbra, 30 de março de 1882.

O Reitor,

Dr. Raymundo da Silva Motta,

**ESTÁ JÁ Á VENDA O GRACIOSO**

**ALMANACH DO**

**ZÉ-ALBARDADO**

PARA ESTE ANNO

Critico e burlesco, cheio de attracções divertidas para rir, tem 88 paginas e 26 gravuras de varios typos.

**PREÇO 60 RÉIS**

Á venda em varias livrarias, tabacarias e em todos os kiosques de Lisboa.

Requisições a J. M. G. rua Nova d'Alegria, 116 pateo, Typographia,—Lisboa. Quem requisitar dez exemplares faz-se-lhe abatimento de dez réis em cada um.



# A EVOLUÇÃO

SEMÁRIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realteza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 21

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 24 DE ABRIL DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

## O LIVRO D'UM MINISTRO

O sr. Serpa Pimentel, ministro dos negocios estrangeiros, acaba de publicar um livro em que trata de dois assumptos importantes — a nacionalidade e o governo representativo, — subordinados ao titulo geral de *Questões de politica positiva*.

A publicação d'este livro é um facto que reclama a attenção da critica. Esta obra pôde e deve servir para aquilatar os principios philosophicos e politicos por que se regulam em Portugal os homens de Estado.

Infelizmente os jornaes monarchicos poucas ou nenhuma vez se occupam de assumptos doutrinaes, de sorte que é difficil saber o que elles pensam, se realmente pensam alguma cousa, a respeito das graves questões que se agitam nas sociedades contemporaneas. O livro do sr. Serpa vem supprir esta lamentavel lacuna, e, debaixo d'este ponto de vista, só temos a elogiar o seu auctor.

O sr. Serpa põe de parte os principios metaphysicos e abstractos e segue o methodo positivo e experimental. Examina os factos e procura encontrar na sua synthese a lei natural que os domina. (pag. III.)

Pela correspondencia trocada entre Thiers e Littré, sabe-se que o grande estadista francez se aconselhava com o eminente philosopho, a respeito da politica da França. Conhece-se tambem a adhesão de Gambetta ao positivismo, e as relações que mantinha com o mais auctorizado dos discipulos de Comte.

Estes factos provam que a philosophia positiva tende finalmente, como previra o seu fundador, a servir de norma politica na governação dos povos.

Mas, apezar de succeder isto em França, declaramos francamente que nos surpreendeu immenso a conversão do sr. Serpa, antigo trovador, hoje ministro da corôa.

Como podia elle aceitar principios, cuja pratica lhe cercaria os interesses e lhe perturbaria a sua vida de politico de officio? Pois quê! Quando o velho mundo official e conservador é de todos os lados batido por uma philosophia cheia de vida; quando esta philosophia assesta contra a vetusta fortaleza monarchica os arietes demolidores, havia um dos sitios que mais interesse tem na lucta vir collaborar na demolição, rasgando a entrada aos invasores? Não podia ser!

E não era effectivamente.

O sr. Serpa examinou os factos, mas não descobriu a lei natural que os domina: por isso, julgando-se um positivista, é apenas um empirico, — o que faz differença. Compare-se o seu livro com o de

Lastarria, tambem ministro, intitulado *Lições politica positiva*. Que distancia os separa!

Lastarria examina á luz do positivismo os mais importantes problemas politicos, e — coisa singular! — chega exactamente a conclusões oppostas. O publicista chileno quer a republica e a federação, o publicista portuguez quer a monarchia e o unitarismo; aquelle estabelece a instabilidade das aristocracias, este diz que a aristocracia existe e ha de continuar a existir em toda a parte; (pag. 106) um considera o constitucionalismo inglez como um regimen essencialmente local, outro rebate com energia semelhante opinião.

Quem ler as *Questões de politica positiva* fica assombrado com um positivismo tão extraordinario. Sempre que o sr. Serpa tem de analysar uma opinião propria da philosophia positiva resolve-se decididamente pela contraria.

É assim que o estadista portuguez nos falla da *escuridão medieval* que succedeu á *invasão dos povos incultos do Norte*. (pag. 133.) Ora todos sabem que um dos grandes meritos de Comte é ter rehabilitado a idade media.

Nenhum positivista considera hoje esta epocha como uma idade de trevas. Para combater as falsas ideias que corriam sobre a interpretação d'este periodo historico escreveu Littré os *Estudos sobre os barbaros e a idade media*. O sr. Serpa refere-se a este livro n'outro ponto da sua obra, o que faz suspeitar que se ex.º o cita sem o ter lido.

Depois de tanta luz que a escola positiva tem feito incidir sobre a *escuridão medieval*, o positivista sr. Serpa continua a estar ás escuras!

O nosso publicista afirma que a aristocracia é um elemento politico com que se ha de sempre contar. Tal opinião, porém, é, na opinião de Littré, (*Paroles de ph. posit.*) fundada n'um raciocinio desmentido pela experiencia. Esta diz-nos que todas as classes completamente isoladas das outras, todas as aristocracias tendem a extinguir-se.

No livro que estamos analysando sustenta-se a estabilidade da aristocracia para se poder defender o constitucionalismo inglez. Diz-se que se enganam os que affirmam ser este systema politico propriamente local, e classificam-se estes de absolutistas, socialistas, radicaes e intransigentes. (pag. 160) Ignora, porém, o sr. Serpa que foi Augusto Comte, que não pôde facilmente entrar em nenhum d'estes grupos, um dos primeiros que expôz a objecção tão vehementemente combatida pelo auctor das *Questões de politica positiva*. Para os positivistas, e não só para elles, o sr. Serpa sustenta um erro grosseirissimo.

Pelo que fica dito se vê que ideia faz este escriptor da escola philosophica em que diz filiar-se. E é com este seguro criterio positivo que elle vae tratar, á luz d'uma philosophia que não conhece, dos mais graves assumptos de politica e de sociologia!

A questão da forma monarchica ou republicana é, segundo este escriptor, uma questão secundaria.

É esta effectivamente a opinião dos publicistas que defendem o constitucionalismo inglez. Para se eximirem a fazer o confronto entre as duas formas de governo discutem-nas conjunctamente, contrapondo-as ao regimen absoluto.

Foi o que fez em França a escola doutrinar de Guizot, na qual, apesar das suas velleidades positivistas, se filia evidentemente o sr. Serpa.

Mas Augusto Comte, Littré, Wyrouboff Robin, Montpertuis, Dubost, Viardot e toda a pleiade de espiritos brilhantes que em França e fóra d'ella se dedicam á philosophia positiva têm sobre este ponto opinião muito differente, e bem conhecida.

Apesar da pouca importancia da questão, o sr. Serpa estabelece as vantagens da monarchia sobre a republica.

É a estabilidade, que pouca differença faz da estagnação.

É a maior unidade da politica tradicional nas relações internacionaes. E para prova d'isto cita a Prussia e a Polonia, duas monarchias electivas, que succubiram, em presença de nações mais fortes. Mandava a logica que citasse uma republica, mas não seria facil então sustentar a sua these. Effectivamente, o que soffreram as relações da Suissa com a França é com a Prussia por occasião da guerra entre estas duas nações? Nada: a Suissa soube fazer respeitar a sua neutralidade com toda a dignidade e com toda a energia.

Apresenta ainda uma terceira vantagem, — a supressão das luctas da ambição pessoal na competencia do cargo supremo do estado. Mas esta vantagem, tantas vezes attribuida á forma monarchica, é terminantemente desmentida pelos factos. Ha poucos annos ainda, quando Mac-Mahon se demittiu de presidente da republica, a opinião da França oscillava entre Gambetta e Grévy. Mas Gambetta, que é moda apontar como ambicioso, declarou publicamente, com a nobre isenção dos caracteres elevados, que a França devia escolher a Grévy para chefe do Estado. Este desinteresse que se viu entre os republicanos nunca ninguem descobriu nos partidos monarchicos inconciliaveis e cheios de odios reciprocos, que disputam o throno hypothetico da França.

Depois de ter feito estas considerações, trata o sr. Serpa do partido repu-

blicano. N'outro artigo occupar-nos-hemos d'esta parte curiosissima do seu livro.

## O governo e o centenario

Rebentou alfim a bomba, declarou-se a scisão, triumphou a reacção, ostentou-se a hypocrisia official, e os manes de Malagrida estremeceram de jubilo ao desenrolar-se no parlamento o novello emmaranhado, com que o governo d'el-rei pretende atar a glorificação do expulsor dos jesuitas.

Sempre os mesmos; hontem eram os progressistas ameaçando com o cacete nacional os promotores do centenario de Camões; hoje são os regeneradores que illudem, enganam covardemente a commissão academica com promessas vãs; mas que, vendo-se corridos e envergonhados, querem á ultima hora abafar a iniciativa dos estudantes e decretam pela voz do balofo presidente de conselho a festa official, a parada e as illuminações.

Desfiemos o meada. Por ora lancemos mão só de documentos publicos. Leiamos o relatorio que antecede o projecto governamental e levantemos uma ponta do véu. Começa aquellá embulhada rhetorica por uns periodos enormes, entre os quaes um de 30 linhas. Sobre esta parte só diremos que está escripta n'um estylo sybillino e que não diz nada de novo. Seguem-se depois uns periodos curtos, mysteriosos, enigmaticos, cheios de intenções reservadas. Vejamos «Nesta commemoração só tem cabimento a voz, o sentimento e a comprehensão geral, a gratidão e a justiça da nação.»

Apoiado, digo eu com todas as veras. Segue: «O estado não adere a outros interesses ou a outras preoccupações» Perguntamos: quaes são esses interesses, essas preoccupações? É o cortejo civico, é o instituto de ensino, é o passeio fluvial do programma academico?...

Adiante. É só a um accordo commum, a uma fraternização unanime das consciencias e das vontades, n'um culto que é de todos, o culto da justiça e da patria, que os poderes publicos, representantes e gerentes de toda a sociedade politica podem adherir e o devem fazer digna e espontaneamente.

Diga-me o governo, responda-me o sr. Luciano Cordeiro: qual será o culto da justiça mais digno, mais bello e mais brilhante, e mais de todos? será uma parada militar, ou um cortejo triumphal? Qual é o mais legitimo culto da patria a que devem adherir os poderes publicos? será uma estatua (cuja utilidade eu não contesto) ou uma escola?

Qual das duas é mais util e mais necessaria e que maior somma de interesses pôde dar á patria? Um monumento de bronze ou um Instituto de Ensino. Advirta-se porém que nós não queremos desvirtuar a significação d'uma estatua de bronze a qualquer vulto da historia, somente desejamos comparar os dois monumentos de que se trata, debaixo do ponto de vista utilitario e social.

Continua o sr. Luciano Cordeiro «Importa pouco que as paixões e as preoccupações particulares etc. etc. Mais abaixo—O estado conserva-se alheio e superior a essas correntes encontradas e parciais etc....»

De que especie de correntes se falla aqui? Não pôde deixar de ser a corrente liberal que felizmente regou todas as partes do programma academico. E a natureza d'es-



sas correntes não é a outra senão a anti-jesuítica e a do ensino livre.

Ainda bem que o governo declara tacitamente que não quer expulsar os jesuítas, nem consente que se propague a instrução. Bravo! é uma esplendida afirmação! Já não nos admira pois que o sr. Arrobás (ou o governo) querellasse O Antonio Maria por ter substituído na ceia do Senhor as caras dos Apostolos pelas dos srs. ministros.—Preciosas revelações estas, que no fim de contas nada nos dizem de novo, só nos espantam pelo cynismo. Raciocinemos mais um pouco. O relatório dá a entender que na commemoração d'um centenario não se devem offender as crencas nem os melindres de qualquer classe da sociedade. Admitto. Mas qual é a classe que não leva a bem o centenario Pombalino? Todos sabem que são os jesuítas. Logo o governo dizendo aquillo, reconhece que existem em Portugal jesuítas, mas confessa ao mesmo tempo que não os quer melindrar nem offender; isto é, que não quer cumprir a lei. Será isto, sr. Luciano Cordeiro?!

Em resumo o governo não aceita outros programmas, não faz caso da iniciativa particular, porque ella se atreveu a levantar a questão dos jesuítas.

Em primeiro lugar no programma dos estudantes não se consiga nenhuma manifestação contra elles. Apenas se diz: «A academia de Lisboa entende que se deve pedir ao governo a expulsão dos jesuítas.» Um pedido simples, legalissimo, mas que não melindra nem podia affastar dos estudantes os homens liberaes. Visto que a petição ha de ser feita só em nome da Academia; ninguém é obrigado a acompanhar n'este ponto os estudantes; muita gente acharia muito justa esta lembrança, mas as consciencias innocentes do governo e do sr. Luciano podiam ficar tranquillias, que os estudantes não resolveram ainda impôr aos ministros a sua vontade a força das bayonetas.

Portanto ainda aqui não achamos razão ás jesuítadas do relatório do sr. Luciano, visto que o fallar-se nos decretos de Pombal con-

tra os jesuítas não constitue ninguem na necessidade de assignar a representação dos estudantes n'esse sentido.

E mesmo o sr. Luciano devia reparar em que o programma tem duas partes distinctas, uma que interessa só aos estudantes, e outra que é destinada a tornar nacional esta commemoração.

Em conclusão: O governo querendo impedir a iniciativa particular demonstrou frisantemente que está ligado com os jesuítas, e o sr. Luciano Cordeiro, que ha dois annos protestou contra a inercia do governo progressista no jubileo camoneano, é o mesmo que agora aconselha o governo a desprezar as manifestações de regosijo publico pelo centenario do maior reformador do seculo XVIII.

Singular coherencia!! A que podem arrastar um homem os manejos vis da politica pequenina, mesquinha e soez!!...

Voltaremos ao assumpto.

UM ESTUDANTE.

Congresso Universal do Pensamento Livre

Publicamos em seguida o manifesto dirigido a todos os paizes pela commissão de organização do Congresso Universal dos livres pensadores, que se deve realizar em Roma, no outomno proximo.

Este documento saiu no Protesto Operario, que chama para elle a attenção dos jornaes verdadeiramente liberaes. Qualquer que sejam as ideias philosophicas ou politicas d'um jornal, entendemos que deve dar publicidade a este manifesto, porque é dever de todos os jornalistas tornarem publicos factos de tão grande importancia.

Para presidir ao Congresso foi convidado o sr. Bradlaugh, deputado republicano do parlamento inglez.

Algumas disposições relativas á disciplina das classes escolares ordenadas pelo preposito geral em 1567.

..... que os meninos tenham meia hora de exercicio corporal um quarto antes do jantar, e outro antes da ceia.

..... a experiencia tem mostrado que ler tres horas continuas pela manhã, e outras tres á tarde nas escolas da Companhia fatiga muito a saude dos mestres, e até tem debilitado a de muitos discipulos; que as escolas durem só 2 horas e meia de manhã, e outro tanto de tarde.

..... nos descansos (en las quietes) pôde fallar-se a lingua vulgar.

..... que se guarde um dia inteiro de suetudo para cada um dos alunos.

..... os padres não têm obrigação de se tratar por elle ou por nós, que se adopte toda a libeaza e simplicidade possivel.

..... na quaresma os estudantes podem sair a recrear-se ao campo algumas vezes; que vão por diversas ruas, não todos juntos mas em grupos pouco separados.

CONFISSÕES

..... que tratem cautelosamente de moderar os freguezes que querem levar dias inteiros em confissões.

Em carta de 20 de março de 1571 recommenda o Geral—tanto os confessores como os outros padres que podem ser consultados em casos de consciencia não dêem por escripto resolução alguma, ou parecer seu, sem conferir primeiro com o reitor, e oralmente não digam seu parecer sem saber muito bem o que dizem.

Na CARTA DO GERAL, DE 4 DE JULHO DE 1566

— Como exercicio os escolares faziam conferencias ás sextas-feiras, e frequentes predicas; abusaram, chegando a abandonar os estudos regulares; que não deixem fallar os que o pretenderem por mera vaidade. Todos os da Companhia podem pregar, ainda que não sejam sacerdotes, nem tenham terminado estudos de theologia, mas a decadencia requer que os pregadores sejam pelo menos diaconos. Não se tendo certeza da

A todos os grupos do Pensamento Livre, sociedades anti-clericas, grupos racionalistas, atheus, lojas maçonicas, e aos livres pensadores que não fazem ainda parte d'algum grupo ou associação:

Cidadãos, cidadãs.

O Congresso Universal do Pensamento Livre de 1881, realizado em Paris, no mez de setembro ultimo, em virtude da decisão do Congresso, reunido no anno precedente em Bruxellas, fixou, de accordo com os estatutos da federação internacional, a reunião do Congresso Universal de 1882, em Roma.

Uma commissão de organização, composta de 15 membros, foi eleita pelo congresso. Esta commissão constituiu-se já, entrando immediatamente nas suas funcções ao dirigir-vos o presente convite.

Sem analysar os motivos que decidiram o Congresso a fixar a sede da sua proxima reunião em Roma, nós corremos o dever de mencionar a vontade dos livres pensadores de protestar uma vez contra as insinuações torpes propagadas a proposito pelos inimigos fidalgos do progresso e da liberdade, affirmando solemnemente a união profunda e estavel da França republicana e anti-clerical com a Italia una, animada do espirito da liberdade e que deseja, como todos os povos civilisados, libertar-se do jugo clerical.

Ao concurso precioso, indispensavel, da Italia, que nos será sem duvida prestado, deve juntar-se o apoio de todos os livres pensadores, associados ou não, que proseguem, cada um no seu meio, o fim commum, de que os congressos de Bruxellas e de Paris não demonstrado a grandeza e a utilidade.

Nós dirigimos, pois, um appello a todos os grupos e aos livres pensadores de todos os paizes, convidando-os a que se juntem a Italia e a França para que o Congresso Universal de Roma ultrapasse ainda em brilho e em efficacia os congressos de Bruxellas e Paris.

E em Roma, em presença do Vaticano, face a face com o papado, que o livre pen-

doutrina do pregador, seja obrigado a mostrar o seu escripto, e mande-se algum para ouvir e informar o superior.

DE UMA CARTA DE 9 DE JANEIRO DE 1567

— Avisem sobre os irmãos que saem sósinhos, hom é que haja uniformidade em toda a parte; o que usamos aqui (em Roma) é que nenhum irmão ou padre sae sósinho, a não serem dois ou quatro irmãos mui approvados, antigos, e mui conhecidos em todo o genero de segurança, que vão fazer compras ou outras coisas ordinarias, e só estes podem assim sair....

Que os collegios se escrevam entre si uma vez por mez para sua consolação e maior união na mutua caridade in domino.

Do PADRE GERAL AO PADRE LEÃO HENRIQUES (23 DE JANEIRO DE 1568)

Segundo muitos dizem ha notavel desedificação e escandalo pelos muitos pleitos que, especialmente com os religiosos, se sustentam n'essa provincia, e por isto se murmura, não se colhendo fructo algum; e isto me dá muita pena e cuidado; é preciso remediar isto, buscando os meios possiveis de concordia, ainda que se perca algo de nosso direito.

Tambem me avisam de Coimbra que os noviços, embora no mais vão bem, são obrigados a estar um mez de cosinha, sem fazer outro exercicio, nem frequentarem as exhortações do noviciado; isto não é conveniente.

Sua Santidade tomou a peito tão deveras a observancia da hulla in caena domini que mandou ao cardeal Sancho, seu vigario, que juntas as religioes em seu nome lhes enviasse a bulla, por todas as provincias e mosteiros, e a fizessem observar com muito cuidado, e os confessores se exercitem n'ella, sendo examinados depois; e que a este respeito se avizem logo os provinciaes, e estes aos reitores.

O superior pôde ouvir os noviços por si ou por outro em confissão, e ainda que o mestre dos noviços os confesse pôde o superior informar-se d'elles.

samento deve arvorar definitivamente a su bandeira, subir ao Capitolio e render graças á Humanidade livre alfin da servidão sacerdotal!

Nós vos convidamos, pois, cidadãos, para que nos faças chegar, no mais breve espaço, a vossa adhesão em principios ao Congresso de Roma.

Um questionario ou ordem do dia dos trabalhos do congresso de 1882 será dirigido a todos os grupos de que seja conhecida a sede social e a todos os livres pensadores que assim o exigirem.

Uma correspondencia geral está organizada na sede da commissão. Nós convidamos instantemente todos aquelles que se interessam pelo congresso do pensamento livre e que sentem do coração a necessidade do congresso em Roma a entrar immediatamente em relações com a commissão.

Circulares indicando todos os meios praticos serão successivamente enviadas aos adherentes. Bem assim, um boletim trimestral contendo o extracto dos trabalhos da commissão, e todas as communicações internacionaes referentes ao congresso, será dirigido aos grupos e livres pensadores que o exigirem.

Os fundos recolhidos, ou vindos a receber pelos grupos, ou dirigidos directamente pelos livres pensadores, devem ser enviados ao cidadão Théodore Brisson, antigo conselheiro municipal de Paris, thesoureiro, 40, Quai de la Rapée, Paris.

A lista dos subscriptores será publicada.

Uma série de conferencias está já organizada com o fim de recolher adhesões e fundos para o congresso. Convidamos todos os grupos a multiplicar as conferencias e as reuniões com este fim.

Um grande numero de deputados, de jornalistas, de homens politicos, desde já nos prometteram o seu concurso. A lista das adhesões, contendo os nomes mais justamente conhecidos, e estimados da democracia franceza, será proximoamente publicada. A lista das adhesões recebidas do estrangeiro será publicada seguidamente. Nós con-

VARIOS AVISOS

Que pouco a pouco se vá tirando o costume de tanjer tres vezes por dia as Ave-Marias.

Que nos collegios onde ha lições publicas se façam as conclusões ao domingo.

Que nos collegios grandes haja perfeitos de saude.

Que em certas cousas se conformem aos usos communs dos clérigos e pessoas virtuosas das terras onde estiverem as casas e collegios.

EM UMA CARTA DO PADRE GERAL FRANCISCO DE BORJA DE 28 DE DEZEMBRO DE 1568

—«No le puedo padre declarar quanto siento los muchos pleytos que en esse Reyno se traen, de los quales tantas vezes de affá soy avisado, y yo lo he escrito a V. R. y siempre me parece que ay que cercenar; deseo en grande manera que aya concierto y que con alguna perdida de nuestro derecho sacassemos la ganancia que de la paz y edificación se espera.

Verdades que el Padre Pero da Fonseca me escribe que estavan en termos de concertar-se con los frayles de Santa Cruz y de Christo.

Deven hazer-se raras, vezes tragedias e comedias, y entonces non con la costa que nos avisan que se hizo una en Coimbra, que costó el apparato al collegio mas de cien ducados».

DE OUTRA DO MESMO FRANCISCO DE BORJA (DEPOIS SANTO) DE 9 DE SETEMBRO DE 1569

..... Tambien se dice que hay algunos que van masqueando y depues hechos los gastos vienen a faltar en su vocacion.

No se puede dar medida cierta de dar-se o no dar-se sus escritos a los que se salen de la Companhia; la prudencia del buen governo mostrará que a algunos que pacificamente se despiden convenga dallos, y a otros que o se van, o son echados por escandalosos no se deven dar.

(Continúa.)

GABRIEL PEREIRA.

FOLHETIM

Documentos dos Jesuítas

O LIVRO DAS OBDIENCIAS DOS GERAES

No Correio das Provincias, jornal que se publicou em Coimbra, em 1881, n.º 13 e 14, tive occasião de me referir ao Livro das Obediencias dos Geraes, documento preciosissimo que se guarda no archivo da Universidade.

Sobre a authenticidade do livro não pôde haver a minima duvida; vejo com muitos outros volumes e documentos avulsos do collegio de S. Paulo, de Braga; tem a marca do cubiculo do reitor; comprehende documentos secretos, e até as cifras para a correspondencia com o geral em assumpto grave.

Em harmonia com a indole do Correio das Provincias publiquel simplesmente o relativo á correspondencia; agora que tanto se escreve e se falla de Pombal vou apresentar alguns extractos sobre assumptos diversos, não esquecendo os que respeitam á organização dos estudos, com a maior imparcialidade, nem d'outra cousa se carece; por ellas se patenteará o methodo, o rigor do organismo jesuítico, por vezes o bom senso, o resultado da observação intelligente, e tambem a manha systematica, a pratica da dissimulação, o fabricante e a lima inconsciente, os elementos da trama da formavel companhia que precisava de cifras para a mutua caridade in domino, e para a maior gloria de Deus!

INSTRUCÇÃO AGERCA DOS EXTERMOS

Que se use de caridade assim nos remedios como nos alimentos. — mas bien es que el medico sea advertido que en quanto compadesco la disposición del enfermo antes ordeno cosas no enras que las do mayor precio en manera que donde pudiese bastar carnero no se ordenen uces; si estirs fuesen necesarias no se dejen, por que ental manera nos acordemos de la pobreza y la exercitemos.



vidamos todos os grupos a, para este effeito, nos fazerem chegar o mais cedo possivel a lista dos adherentes de cada nacionalidade.

Cidadãos, cidadãos. O Congresso Universal de 1882 em Roma não é a obra d'algumas individualidades, nem d'uma nação qualquer, é a obra internacional por excellencia. E a federação dos Estados-Unidos da Europa, que será a forma politica do futuro, que falta preparar pela federação dos espiritos. Roma, nos tempos antigos, foi o ponto convergente de todos os povos e de todos os despotismos, nos tempos modernos, Roma foi o salão da civilização guerreira e sacerdotal. Graças aos vossos esforços, graças ao concurso de todos os espiritos livres e generosos do mundo, será ella ainda o foyer da civilização scientifica, o centro do progresso e do saber humano.

Em nome do pensamento livre universal, nós vos damos rendez-vous no congresso de 1882, em Roma!

A comissão d'organização.

CAMBIAANTES

QUADRA INFANTIL

O seu pequeno leito estava na alcova que deita para o jardim. Envolve em amplos corlindos, brancos como a neve, parecia um castissimo ninho, suave, perdido entre nuvens d'alyura incomparavel, que o quizessem resguardar do vento. E, sobre as almofadas, repousavam as suas pequenas cabecinhas, cobertas de madeixas louras, como finos fios d'ouro encaracolados.

A alcova era forrada a papel claro, de largas flores douradas; por cima havia um alvissimo tecto, e em baixo uma esteira, que abafava o barulho dos passos.

Da varanda via-se o jardim, pequeno mas cheio de flores variadas, de fino gosto e perfumes suavissimos; no centro, um repuxo lançava um enorme jacto d'agua, que caia constantemente com um som monotonico. Grande quantidade de roseiras brancas cobriam a parede da casa e a varanda ficava quasi escondida por ellas, que perfumavam a alcova suavemente, agradavelmente. Quando pela manhã se abriam as janellas, e o sol, atravez das cortinas brancas, ia beijar as creanças, as rosas mandavam-lhes os seus aromas pelas frestas das vidraças.

Eram duas irmãs louras, delicadas e graciosas, que alli dormiam. A mais velha tinha quatro annos e tres a outra.

A noite, a mãe ia deitá-las e ficava ao pé d'ellas até que adormecessem. Ajoelhava-as sobre o colchão, ensinava-as a rezar com as suas pequeninas mãos unidas, como quem supplica, a um Menino Deus, que estava á cabeceira.

Louro, como ellas, segurava n'uma das mãos o mundo, e com a outra apontava para o azul infinito e transparente.

A mãe ensinara-as a adoral-o, mas quasi sempre, a meio da reza, uma d'aquellas formosas cabeças descaia dormindo no seio materno, enquanto a outra repetia com um murmurio suave as palavras da oração que a mãe recitava.

Depois, agasalhava-as com a roupa e sentava-se ao lado, até que adormecessem, espreitando attentamente os movimentos d'aquellas creanças e a respiração quasi insensivel.

O que aquella mãe pensava não sei; mas creio que a sua vida estava alli; que o seu coração pulsava harmonicamente com os d'aquelles pequenos seres e que a sua felicidade era aquella.

Quando as via profundamente adormecidas, curvava-se sobre o leito e beijava-as meigamente, muito ao de leve. Ficava ainda a contemplá-las como se temesse que o beijo as acordasse; então, desprendendo as cortinas, envolvia-as nas suas amplas dobras com o cuidado e carinho que só as mãos sabem.

Pela manhã, vinha acordá-las com um beijo. Abria a janella; quando o sol, entrando em grandes borbotões de luz, fazia descer as palpebras das pequenas adormecidas, estas entrelaçavam os braços e uniam as formosas boccas n'um casto beijo fraternal.

A mãe contemplava-as sorrindo; depois, penduravam-se-lhe ao pescoço, alegres, palradoras, fazendo-lhe mil caricias.

E d'ahi a pouco enchiam a casa com os seus innocentes brinquedos.

G. P.

O seu nome é gracioso e muito proprio d'ella:

Respira um vago tom de musica plangente;

E lembra a placidez d'um lago transparente,

Recorda a emanação tranquilla d'uma estrella.

Lembra um titulo bom, que logo nos revela

A ideia do poema. E todo o mundo sente

Não sei que afinidade entre o seu ar dolente,

A sua morbidez e o proprio nome d'ella.

E chego a acreditar, — ingenuamente o digo, —

Que havia um nome em branco, e Deus pensou comsigo

Em traduzil-o emfim n'uma expressão qualquer:

De forma que a mulher suave e graciosas

Faz parte d'este nome um tanto cor de rosa,

E este nome gentil faz parte da mulher.

GUILHERME DE AZEVEDO.

A UM RENEGADO

DA POESIA SOCIAL

Vate, que odeias as brizas!

Não ceifes na seara alheia;

Já que sofraldas a Ideia,

Não requestes Cidalisas.

Prosa e verso tem balizas:

Tu na prosa és de mão cheia;

Explora por tanto a veia

D'essas cousas que nos guizas.

Deixa-me o velho Collares,

E as brancas musas sem tosse,

E o paio dos meus cantares.

Respeita-me a lyra e a posse

D'estes assumptos vulgares:

Respeito ao dontor Pangloss!

JOÃO PENHA.

UM BOTE

(A JOÃO PENHA)

Socega; não troquei a lyra da Vingança

Pelo doce arrabil dos velhos trovadores.

E em nada justifico, eu penso, os teus furores,

Saudando uma mulher, beijando uma creança!

Courbet que tem pintado as corrupções da França,

Não sabes o que faz? desenha, ás vezes, flores;

E o realista audaz, cruel, dos Britadores,

Na tela diminuta o braço então descansa.

Oh, não conheces bem quanto eu sou generoso!

Entrega-te uma vez ao momentaneo gozo

D'um creme perfumado e um calix de madeira,

Que não te accusarei, João, de apostasia!

Tu és sempre o cantor que poz salchicheria,

Mas que um momento esquece a musa salchicheira!

Santarem, 6 d'outubro de 74.

GUILHERME DE AZEVEDO.

Secção Pombalina

INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO ACADEMICO

PROGRAMMA

I. O congresso academico reunirá em Lisboa no dia 7 de maio do corrente anno.

II. O fim do congresso é tratar da fundação da Federação academica portugueza e da reforma da instrução primaria, secundaria e superior, proclamando a imperiosa necessidade de se adoptarem no ensino publico os processos criticos e pedagogicos mais auctorizados.

III. O congresso terá poderes para approvar o regulamento geral, fixando o numero de secções em que se ha de dividir, a epocha do anno em que devem ser celebradas as reuniões e as fontes de receita que porventura se devam crear.

Se o congresso, por falta de tempo, não poder celebrar as reuniões precisas para discutir e approvar todos os assumptos que lhe forem submettidos, nomeará uma grande comissão que se incumbirá de cumprir as deliberações que a assembleia geral julgar mais convenientes para a realização do seu patriótico intento.

IV. O congresso inaugural compor-se-ha de membros effectivos e adherentes.

a) São membros effectivos:

1.º Dois representantes por cada uma das seguintes escolas: academia polytechnica, academia de bellas artes de Lisboa e Porto, collegio militar, conservatorio de Lisboa, curso superior de letras, escola do exercito, escolas medicas de Lisboa, Porto, Gôa e Funchal, escola naval, escola polytechnica, faculdades da Universidade de Coimbra, ins-

titutos agricolas de Lisboa e Gôa, institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto e quinta regional de Cintra;

2.º Os alumnos de instrução secundaria de Lisboa terão seis representantes, sendo dois pelo lyceu central e quatro pelos collegios;

3.º Os alumnos de instrução secundaria do Porto terão quatro representantes, sendo dois pelo lyceu central e dois pelos collegios;

4.º Os lyceus das outras terras do reino, juntamente com os collegios, terão cada um dois representantes;

5.º Cada club academico terá um representante;

b) São membros adherentes:

1.º Os professores, professoras, alumnos e alumnas dos estabelecimentos de instrução primaria e secundaria, que apresentem algum trabalho sobre a reforma geral do ensino e dos estudos, ou sobre as bases da federação academica portugueza;

2.º Os jornalistas que tratarem taes assumptos nos seus jornaes e enviarem os artigos publicados para o congresso;

3.º Os escriptores, academicos ou professores de instrução superior que apresentarem algum trabalho sobre instrução nacional ou acerca das bases da associação academica portugueza.

V. A sessão inaugural do congresso será publica, sendo a admissão por bilhetes.

§ unico. Cada membro effectivo ou adherente tem direito a um bilhete de entrada.

VI. A sessão inaugural será aberta pelo presidente da comissão executiva, que convidará a assembleia geral a eleger a mesa que ha de presidir aos trabalhos do congresso.

VII. O congresso funcionará com o numero de membros effectivos e adherentes que até ao dia 30 do corrente mez enviarem as suas adhesões.

VIII. Os membros tanto effectivos como adherentes devem remetter ao presidente da comissão executiva o seu nome, pronome e residencia, indicando o estabelecimento de instrução que representam ou a natureza do trabalho que offerecem, a fim de poderem receber os programmas e serem inscriptos no boletim da sessão inaugural.

IX. A discussão a respeito do plano geral de ensino nacional versará sobre os seguintes pontos:

1.º Os programmas de ensino actualmente em vigor nas escolas de instrução primaria, secundaria e superior comprehendem todos os ramos dos conhecimentos humanos e incluem os methodos scientificos e pedagogicos mais auctorizados, conservando tanto no seu conjunto como em cada uma das suas partes a indispensavel clareza e espirito pratico?

2.º O actual systema de exames offerece as condições indispensaveis para se apreciar a instrução dos examinandos com toda a imparcialidade?

3.º Que meios se devem empregar para se obter uma reforma geral dos estudos, creando-se as cadeiras que ainda não existem dando-se ao ensino um caracter nacional, pratico, uniforme e de immediato aproveitamento?

X. O estudo d'estas questões e de quaesquer outras, que porventura sejam formuladas e remittidas ao congresso antes da sua constituição definitiva será entregue ás commissões especiaes que de prompto possam dar o seu parecer, que se discutirá e approvará em assembleia geral.

§ unico. Os trabalhos dos membros adherentes, quando não sejam lidos em assembleia geral pelos seus auctores, serão do mesmo modo sujeitos ao exame das respectivas commissões, que tambem sobre elles darão o seu parecer, que se discutirá em assembleia geral.

XI. Todas as disposições d'este programma serão fielmente executadas enquanto a assembleia do congresso não approvar o seu programma ou regimento interno.

XII. A ordem dos trabalhos preliminares é a seguinte:

1.º Constituição da assembleia geral sob a direcção do presidente da comissão executiva;

Breve discurso sobre a importancia e fim do congresso;

Indicação de todos os trabalhos que estiverem sobre a mesa.



2.º Eleição da mesa da assembleia geral, que inaugurará em seguida a primeira sessão do congresso académico e começará os seus trabalhos;

3.º Dar-se-ha a palavra aos membros effectivos ou adherentes que se proponham ler algum trabalho ou fazer algum discurso sobre as duas questões fundamentais do congresso, devendo a inscripção ser feita em presença dos trabalhos que se acham sobre a mesa;

4.º Esgotada a inscripção proceder-se-ha á divisão do congresso em commissões, ás quaes se confiará immediatamente os trabalhos, communicações e propostas sobre que hajam de dar parecer, podendo discutir-se algum dos assumptos sem esses pareceres se a assembleia o julgar conveniente.

Lisboa, 8 de abril de 1882.—O presidente da sub-commissão, Manuel Ferreira Ribeiro—O relator, Augusto Bobella—Os vogaes Augusto Alves Tavares—Augusto Botelho—Bartholomeu Salazar Moscoso—Eduardo Coelho Junior—João da Matta Gomes—João Eduardo Portugal Pereira da Silea—João Viegas Paula Nogueira—Lourenço Caldeira Gama Lobo Cayolla—Manuel Goulart de Medeiros.

FRÖBEL

Revista d'Instrução primaria

Chamamos a attenção das camaras municipales e do professorado em geral para esta revista, que é redigida pelo que entre nós ha de mais distincto no professorado e nas letras.

O jornal trará desenhos de Cazanueva gravados por Pastor, e será dirigido pelos srs. Feio Terenas, Ferreira Mendes, e Caetano Pinto, empregados na secretaria d'Instrução do municipio de Lisboa.

Diz o prospecto: «Esta publicação destina-se exclusivamente aos interesses da instrução primaria, do magisterio e ao movimento escolar de todos os municipios.

Além de artigos sobre pedagogia, occupar-se-ha detidamente da legislação sobre instrução primaria d'este e outros paizes; tratará as questões praticas do ensino elemental; dará gravuras e descripções de edificios para escolas e mobilia escolar, seguindo as melhores indicações da sciencia e dos paizes mais adiantados; informará de todo o movimento official do magisterio; publicará estatísticas nacionaes e estrangeiras que accusem movimento, frequência escolar e outras; finalmente, esta revista, publicará a sua opinião em resposta a qualquer consulta, que lhe seja dirigida sobre questões, que interessem á instrução primaria e ao professorado.

O 1.º numero sairá a 21 de abril, dia do centenário de Fröbel, acompanhado do retrato, em gravura, do immortal pedagogo allemão.

Em papel, typó e formato, em tudo igual aos d'este prospecto, publicar-se-ha duas vezes por mez um numero de 8 paginas, formando cada serie de 24 numeros um apreciavel volume.»

PREÇO DA ASSIGANTURA

Em Lisboa, provincias, ilhas e possessões ultramarinas:

Table with 2 columns: Quantity and Price. 6 numeros . . . . . 400 réis; 12 » . . . . . 800 »; 24 » . . . . . 1600 »; Numero avulso . . . . . 100 »

Para o estrangeiro accresce o porte do correio.

Conhecemos os individuos que se acham á testa d'esta publicação; e sabemos por isso que, recommendando-a aos nossos leitores, nada mais fazemos do que cumprir um dever.

Recebemos o 1.º numero que agradeçamos.

NOTICIARIO

Os professores da Orchestra de S. Carlos, Antonio e Raphael Croner vieram a esta cidade dar um concerto, em que tambem

tomou parte a distinctissima professora D. Cesaltina Croner que sob a magia de seus recursos extraordinario fez irromper da platea o mais vivo enthusiasmo por entre palmas e bravos. Foram os dois artistas objecto tambem de merecida ovação e causou uma agradável surpresa o wistle, completa novidade para a maioria dos espectadores.

Segue o programma, verdadeiramente magnifico:

1.ª PARTE

- a) Symphonia pela orchestra. b) Fantasia para flauta sobre motivos da opera Sonnambula—ANTONIO CRONER. c) Duetto concertante para saxophone e piano sobre motivos do Rigoletto—CESALTINA CRONER e RAPHAEL CRONER.

2.ª PARTE

- d) Symphonia pela orchestra. e) Celebre Tarantella para piano—CESALTINA CRONER. f) Ave Maria de Gounod executado n'uma grande flauta em tom de sol—ANTONIO CRONER. g) Grande trio para piano, flauta e clarinete—CESALTINA CRONER, ANTONIO CRONER, RAPHAEL CRONER.

3.ª PARTE

- h) Symphonia pela orchestra. i) Fantasia para saxophone sobre motivos do Fausto—RAPHAEL CRONER. j) Tango burlesco executado no wistle (instrumento popular inglez)—ANTONIO CRONER. k) Grande Trio sobre motivos da opera Vesperas Sicilianas para piano, flauta e clarinete—CESALTINA, RAPHAEL CRONER e ANTONIO CRONER.

Estranha-se geralmente que não appareçam a publico algumas produções de merito, que se supõe haver deixado o distincto historiador Alexandre Herculano.

Sabemos que colleccionava todas as suas obras o sr. José Manuel da Costa Basto, 1.º official da Torre do Tombo e lente de Diplomatica e que entregou todos os manuscritos a seu irmão João Casto e Galhardo, testamenteiros do notavel historiador portuguez. Cremos até que foram autorisados a publicar esses manuscritos.

É realmente para sentir que estejamos privados de ler e apreciar esses preciosissimos escriptos, como devem ser quando são fabricados por artistas da tempera e polpa de Alexandre Herculano.

Tivemos a subida honra da amizade provada do sr. A. Herculano, de quem admiramos com respeito profundo as nobilissimas qualidades e por vezes lhe ouvimos falar dos jesuitas que elle castigava por um modo enérgico sem faltar jámais á verdade historica.

Quando o Imperador do Brazil passeava pela Europa, era Alexandre Herculano consultado telegraphicamente pelo mesmo Imperador sobre a solução d'uma crise politica que então rebentou no Brazil, promovida pelas influencias jesuiticas.

A sua resposta foi dignissima, salvando o imperio brasileiro d'aquella praga infernal. Oxalá que seja quanto antes publicada a importantissima carta que, pouco antes de morrer, Alexandre Herculano escreveu a D. Pedro, Imperador do Brazil, cuja copia devia ter ficado aos testamenteiros do austero proprietario de Val de Lobos.

Falaremos d'outras cartas não menos importantes no proximo numero da Evolução.

Santarem

De passagem por esta cidade, que de perto conhecemos, visitamos a biblioteca municipal, intitulada Camões, fundada pela celebração do tri-centenario de Camões.

Possue 1:687 volumes, que se acham methodicamente distribuidos, como era de esperar da intelligencia robusta e constante trabalho do sr. Florentino Rodrigues, dignissimo bibliotecario.

A camara concorre annualmente com 100\$000 réis para a aquisição de novos livros. Louvamos a camara que assim manifesta a alta comprehensão dos seus deveres. Estranhamos todavia que alli não existissem obras nenhuma de sciencia positiva, que

actualmente são tão procuradas. Quem escreve estas linhas, quiz consultar uns escriptos de Augusto Comte e Littré e pasmou de os não encontrar alli.

Dando a cada um o que lhe pertence, não crimamos o laborioso bibliotecario que reconhece esta falta e que tem a peito remedial-a.

É ainda para estranhar que de Alexandre Herculano apenas haja alli a Historia de Portugal e o Bobo, notando que adorna uma das paredes o retrato a oleo de Herculano, magistralmente tirado pelo sr. visconde da Attougua. Vê-se tambem n'esta bibliotheca o retrato do immortal poeta Camões.

Brevemente fallaremos das conferencias que alli se fizeram com tanta distincção e proficiencia e que temporariamente se suspenderam. X.

Alcanena

N'esta terra, onde todos trabalham, onde os ociosos não tem guarida, tocou uma banda marcial a marselheza com agrado quasi geral dos nossos conterraneos.

Não previu o sr. Arrobas esta manifestação democratica, porque teria desde logo intimado os seus representantes para que fizessem emudecer a philarmonica n'esta expansão de viva alegria.

O que é certo é que nós ouvimos satisfeitos o sr. Ramos Melicia applaudir aquelle apreciabilissimo hymno francez, accentuando bem estas palavras que traduzem a decadencia da monarchia:

«Vou gostando do governo republicano, porque onde elle está implantado produz excellentes resultados, ao passo que os nossos governos monarchicos nos vão carregando de impostos e enpenhando loucamente o paiz».

A geração nova, os rapazes, esses são republicanos e vão fazendo a sua propaganda, onde podem e como podem—Tivemos occasião de o observar ainda ha pouco no estabelecimento do cidadão Gerardo Ferreira, Joaquim Caxeiro, Martins, Ariceto e outros—E assim que o terreno se prepara e se apertam as difficuldades ou embaraços que se encontram aqui e além.

—Observa-se por aqui que a religião catholica vai em decadencia deploravel.—Dentro em pouco mandarei umas apreciações sobre a casa escolar, cujos trabalhos vão bastante adiantados.

Noticias de Odemira

Até ha poucos dias havia a desculpa de que o sr. vigario pro-capitular de Beja estava ausente da sua diocese, tractando dos seus negocios na sua casa da Beira; agora porém não se pôde recorrer a este expediente porque s. ex.ª chegou a Beja no dia 3 d'este mez.

É na verdade para causar surpresa que s. ex.ª até hoje não tenha dado uma attenção publica de que se interessa pelos negocios da sua diocese, e que sabe cumprir com os altos deveres que o seu cargo e posição social lhe impõem.

Nós, porém, que mais de perto conhecemos alguns actos de s. ex.ª não estranhamos tanto este procedimento, porque temos visto como se tem fechadõ os olhos a tantas faltas commettidas pelos seus subordinados...

Senhor, é occasião de lhe dizer que não desistimos do nosso intento, e que se v. ex.ª desprezar a queixa que lhe foi entregue a 13 de fevereiro d'este anno, nós recorreremos a outros seus superiores, e então não nos queixaremos só do sr. prior-procurador, mas tambem do sr. vigario que nos desattendeu. V. ex.ª não tem hoje a desculpa de ser um anonymo que se lhe dirige, pois a nossa queixa foi assignada, reconhecidas as assignaturas e decommentada, e por isso ha obrigação imposta pela lei de sermos attendidos, e esperamos que v. ex.ª faz-nos ha a justiça que pedimos.

O n.º 15 d'este semanario bem mostrava a v. ex.ª quão grande era o escandalo que em Odemira se dava de o sr. prior da igreja de S. Salvador ser tambem procurador em juizo.

Nós não ignoramos que era ao ex.ºº juiz da comarca que competia demittir o procurador pela incompatibilidade das suas funcções; mas a nossa questão não tem um ambito tão acanhado, queremos uma syndicancia minuciosa aos actos do parcho e queremos a demissão dos seus cargos, porque é

o resultado fatal, a que se ha de chegar se se fizer justiça.

Esperamos que o sr. juiz não consentirá que o sr. procurador exerça mais similhante cargo, e que findo o anno do alvará que lhe deu o dito cargo não mais cahirá em mandar passar-lhe outro.

Damos os parabens ao sr. sacerdos-procurador, por sair incolume da questão da reforma de partilha do inventario do lavrador do monte dos Pezos.

Valeu-lhe só tarde sabermos d'esta proeza, quando nada se podia fazer, porque se fosse a tempo não se locupletaria com 90\$000 réis!!

Ainda assim, fica consignado aqui o seu modo de proceder, e como se enriquece.... Passaremos a narrar mais outro feito do incommensuravel prior, e terá para remate umas perguntas:

Está na memoria de todos os odemirenses, ainda, a queixa feita pelo prior da igreja de S. Salvador á commissão districtal contra a junta de parochia respectiva, por esta mandar lançar no seu orçamento de 1881 a verba d'uns tantos mil réis, rendimento este de dois predios em posse do reverendo, o Montinho da igreja e a cerca juncto ao Paço Novo, a titulo de paçal.

Fundava elle o seu titulo de posse n'uma certidão, que junctou ao requerimento (sob n.º 2) extrahida pelo tabellião, o sr. Ruivo, d'um livro de receita e despeza da fabrica de Salvador e que tem data do seculo passado. Dizia o desinteressado pastor que os referidos rendimentos foram em tempo dados aos parochos da dita freguezia, para seu paçal, por D. fr. Miguel de Tavora, ignorando o sabio sacerdote, que tal doação não tinha cabimento por não ter força de sentença passada em julgado.

Sugerem-se-nos agora umas perguntas:

—Ao sr. presidente da junta de parochia de S. Salvador, se recebeu e existe no archivo o requerimento ou a auctorisação para que o supra-dito livro fosse dado ao prior para seu serviço?

—Ao sr. Ruivo, quem foi que lhe entregou o livro para passar a certidão?

—Ao sr. prior, como é que esse livro, cuja propriedade é da junta, foi ter ás mãos de s. rev.ª?

—A junta de parochia, se hoje conta no numero dos seus livros—este?

A resposta a todas estas perguntas desejamos para defeza do illustre e inoffensivo guardador de almas arrependidas...

É preciso notar que este prestante varão foi durante algum tempo presidente da dita junta. coisas da nossa terra e tudo está dito!.. Odemira, 22 de abril de 82.

(Do nosso correspondente)

Correspondencia

ADMINISTRATIVA

Encarregam-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas da Evolução os seguintes cavalheiros:

Santarem—José Ferreira Maia, rua direita, 89.

Ribeira de Santarem—Joaquim Malleito.

Cartaxo—Francisco Pereira.

Alcanena—Antonio Garcia.

Loulé—A. J. da Silva Vargas.

Rogamos aos nossos estimaveis assignantes que satisfaçam com a brevidade possível a importancia das suas assignaturas. Aos cavalheiros que recebem a Evolução e se não dignam pagar a respectiva assignatura, pedimos que o declarem com a maxima franqueza.

Cartaxo—Recebemos do nosso estimavel correspondente do Cartaxo a importancia, relativa ás assignaturas que a Evolução ali tem. Agradecemos.

AVISO

Prevenimos todos os srs. assignantes que se acham em divida de que não receberão o numero commemorativo do Centenario de Pombal nem os que se lhe seguirem, se até ao dia 30 do corrente não satisfizerem as suas assignaturas.



# A EVOLUÇÃO



A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

## SEMANARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a accção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 22

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros

300 reis.

COIMBRA, 1 DE MAIO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

### A ACADEMIA E O GOVERNO

Se fosse necessaria mais alguma prova da dissidencia profunda que existe entre o poder e a nação, bastava lembrarmos a indigna attitudo do ministerio progressista perante a commissão da imprensa, pelo centenario de Camões, e o procedimento mais indigno ainda do governo actual perante a benemerita commissão academica que promove a commemoracão pombalina.

Em 1880, os progressistas queriam correr a pau (phrase textual) a commissão da imprensa portugueza, que representava, como se provou pela unanimidade das aclamações, a vontade e o pensamento nacionaes. Levantaram-se então, por parte dos regeneradores e dos republicanos, os mais vivos e justificados protestos contra a insolita provocacão.

Decorreram dois annos e os regeneradores, que n'esse tempo repelliram dignamente as desconsideraçoes do governo, demonstram hoje que reprovaram então o que elles mesmos fariam em circunstancias eguaes.

Os progressistas agora vingam-se dos regeneradores, fazendo politica. Nós não a fazemos, porque pensamos ser o centenario uma questão nacional, que não deve servir de juguete dos partidos, nem de thema de retaliacões. Se a fizéssemos, diriamos que só o partido republicano, protestando então, como protesta hoje, contra a indignidade dos gover-

nos, é coherente no seu protesto, e logico na sua indignação.

A affronta do governo regenerador, a sua dobléz jesuitica, as suas mentidas promessas á commissão academica de Lisboa devem fazer levantar a todos os estudantes do paiz um grito de indignação.

Em todas as nações, a classe academica, indignamente desconsiderada em Portugal, é respeitada pelos poderes constituidos. Em França já se tem chegado a invocar das cadeiras do poder, como um assentimento valiosissimo, a opiniao da academia de Paris.

Porque não acontece o mesmo em Portugal?

Por causa da fatal desunião que existe entre os estudantes portuguezes, por causa dos resentimentos injustificaveis, por causa das rivalidades mal cabidas.

Se nós tivéssemos, como tem as academias estrangeiras, mais união e harmonia, a nossa voz havia de ser ouvida com respeito nas altas regiões do poder, as nossas representações e os nossos protestos não seriam, como até hoje tem sempre succedido, constantemente desatendidos e quasi sempre um objecto do escarneo governamental.

Em mudar tal estado de cousas estão empenhados a nossa dignidade e o nosso caracter. Que ideia fará o paiz de nós, sabendo que, tendo um direito incontestavel á estima e á consideração dos poderes publicos, não temos força nem coragem para fazer reconhecer esse direito?

A commissão academica estava empe-

nhada na creação d'um Instituto de ensino livre e o governo promettera auxilial-a na realisacão da sua grandiosa ideia.

As camaras votam-lhe quatro contos de reis, e o governo nomeia uma commissão sua para os gastar.

A commissão academica estava empenhada no bom exito do prestito civico, e o governo, que promettera auxilial-a, faz uma parada no mesmo dia para desviar do prestito a attenção publica.

O auxilio, com que o governo traiçoeiramente fallou, cumpre-nos a nós dal-o, quanto em nossas forças caiba. Seja essa a primeira prova da união fraternal da academia portugueza.

Em Coimbra já muitos cursos nomearam os seus representantes em Lisboa. Creemos tambem que se abriram subscrições para o Instituto de ensino livre. Cumpre que todos os cursos acompanhem estes no seu procedimento digno de todo o elogio.

Pela nossa parte sempre advogamos estas ideias e já concorremos com a nossa modesta contribuição, chamando para este ponto a attenção da academia. Hoje entendemos que é um dever rigoroso, indeclinavel para a classe academica auxiliar em tudo o possivel os nossos collegas de Lisboa.

No congresso que elles realisam tratar-se-ha da federaçao academica, questão esta que, em vista dos ultimos acontecimentos, espera inadiavelmente uma soluçao positiva e pratica.

Ahi deve sellar-se o pacto fundamental da nossa união e harmonia, que porá termo a scissões inconvenientes e funestissimas, e será o melhor meio de nos impormos ao respeito d'aquelles que tão indignamente nol-o regateiam.

### PROTESTO

O curso do quarto anno juridico da Universidade de Coimbra, sabendo que alguém, com intenções menos dignas, tem feito mentirosas e falsas insinuações sobre o homicidio accidentalmente committido por Edmundo Gorjão, vem publicamente, com toda a energia e desassombro, protestar contra essa baixa e sordida vingança d'algum inimigo miseravel.

A longa convivencia, que tivemos durante quatro annos, com o infeliz sobre quem agora peza o enorme desgosto de sobreviver ao seu amigo; o completo conhecimento da sua bella alma e generosissimo coração, sempre prompto a praticar o bem, e os innumerados factos com que nos attestava diariamente a mais franca e leal camaradagem, auctorizam-nos a vir desmentir cathogorica e formalmente o labeu ignominioso, que se tem querido lançar no honradissimo nome de Edmundo Augusto Gorjão.

É para sentir que haja alguém tão cobarde que não recusasse perante esta infamia, a nós lamentamol-o profundamente; mas animamos a esperanca da justiça do tribunal e incorruptibilidade do jury que ha de absolvel-o, restituindo-nol-o rehabilitado perante a opiniao publica, como sempre tem sido innocente nas nossas consciencias.

(Seguem as assignaturas de todos os alumnos do 4.º anno de Direito.)

### FOLHETIM

#### O PARA-RAIOS CATHOLICO

O inventor dos para-raios, exigindo muito trabalho, precauções e o emprego de metaes caros, offendeu a economia, pois que aquelle, epparelho se pôde obter (muito simplesmente empregando alguns ramos de louro, agua benta e umas palavras magicas, dictas em latim.

Foi em ferias de Paschoa que nós tivemos occasião de ver construir centenares d'estes instrumentos apenas em alguns minutos.

Antes, porém, de darmos noticia do processo vamos fazer algumas considerações.

Vão desaparecendo muitas das superstições que entretinham a imaginação do povo ignorante.

Comtudo este adiantamento é pequenissimo; pois as doutrinas estacionarias lhe são constantemente ministradas pelos directores espirituaes — especuladores de consciencias timoratas.

A religião d'aquelle que mandava adorar o creador em espirito e virdade tem sido adulterada com praticas ridiculas, espectaculosas algumas, falsas quasi todas.

Á semana santa imprimiram um caracter barbaro, selvagem até, que felizmente vae desaparecendo.

Já não apparecem os judeus pintados com pós de sapatos, barretinas de papel, acouitando um Christo de pau deante d'uma multidão lacrymosa.

O Longuinho, de grandes bigodes retorcidos, armado de lança colossal, já não perfura o pericardio do Redemptor para fazer brotar sangue e agua, facto que maravilhou a multidão ignara, mas que a sciencia explica hoje.

O centurião já não faz sciutillar a espada cingida por seu avô, capitão da guarda nacional, e que hoje é conservada como reliquia de familia, adjuncta á larga banda de retroz de compridas borlas prateadas.

Nada d'isso. O sr. bispo entendeu, a nosso ver, muito bem que aquillo eram espectaculos bons para entreter creanças e fazer chorar as beatas; porém pouco edificadores pelo que diz respeito a pureza de crenças.

É muito bom dar um passo na senda do progresso; mas é melhor dar dois, tres... não parar nunca.

Ainda se mostra ao povo a scena do encontro, onde um sacerdote, d'uma varanda ou logar similhante, forceja por fazer comprehender a dor de Maria ao ver o filho no caminho do Calvario, mas o povo rebelde pouco chora, e o padre ameaça fazel-o chorar

á pancada; taes são os murros que dá no improvisado pulpito.

Apparecem ainda os prophetas, de longas barbas de musgo de pinheiro ou linho, desprezendo Christo da cruz; e as tres Marias, geralmente, Magdalenas no proceder... salvo, o arrependimento.

A mulher, mettida nas cousas religiosas, não é dos meliores incentivos para nos fazer elevar a alma a Deus.

Ficamos muito a baixo, examinando a perfeição das suas obras.

Taes foram as considerações que fizemos n'estas ferias, ao ver um dos espectaculos que a egreja nos offerece gratis, e muitas outras; mas propozemo-nos descrever um para-raios: por isso mudemos d'assumpto.

Domingo de ramos, a dominica in palmis da folhinha, é um d'estes dias que os rapazes esperam com gosto a ponto de não dormirem.

Esperam-no como esperam os bolos pe'a Paschoa, as janeiras em dia d'anno bom e o jantar ao meio dia.

Quem tiver loureiros deve guardal-os de vespera, armado até aos dentes; pois de contrario são lhe cortados pelo pé.

N'este dia entrei na egreja para ouvir missa e fiquei pasmado.

Ha onze annos que a ouvia na cidade, onde apenas as mulheres levam umas especies de

vassouras d'alecrim e os conegos ostentam as palmas ornadas de filetes prateados.

Aqui a cousa era outra.

A egreja estava litteralmente cheia d'arvores.

Eram loureiros cortados pelo pé, sustentados por tres ou quatro mocetões cada um, olhando satisfeitos para o ramo, apontando-o com a vista ás namoradas que lhe sorriam.

Batiam no tecto alguns, curvando as cruces de rosas.

Pensei então, com An'hero de Quental, que era necessario destruir a egreja; pois assim não chegariam ao tecto azul, purissimo.

A egreja assim era mais poetica.

O alecrim embalsamava o ambiente, as rosas destacavam-se n'aquelle fundo verde-escuro; e festões de laranjas pendiam dos ramos, pondo notas brilhantes n'elles tons carregados.

O fundo era escuro... os pannos esburacados tapando os nichos dos sanctos.

O padre desceu a egreja armado com o hyssope, murmurando umas palavras das quaes apenas percebi — asperges me hyssopo... o resto era apenas um murmurio que, como se costuma dizer, só ouviria quem estivesse em graça.

Julguei-me no tempo dos milagres; e, crendo ver no padre um thaumaturgo, esperei que, sob a influencia da agua benta derramada, rejuvenesceria a flor murcha do lou-



Darwin

Ch. Darwin, o notavel propugnador do transformismo, falleceu no dia 20 em Londres.

Relembremos aqui em homenagem aos profundos conhecimentos e immensos serviços prestados a sciencia pelo fallecido naturalista os factos mais salientes da sua vida trabalhosa e fecunda.

Nasceu em 1809 em Shernsbury, e casou em 1839 com a neta de Wedgwood, o celebre inventor de pyrometro d'este nome.

Erá neto de Erasmo Darwin, medico distincto, auctor de importantes trabalhos sobre physiologia e poeta de merito.

Ch. Darwin deu taes provas de competencia, durante o seu curso de sciencias naturaes nas universidades de Edimburgo e Cambridge, que em 1831, ao sahir das escolas, mereceu ser addido como naturalista a expedição scientifica do capitão Fitz-Roy.

Teve então occasião de visitar o Brazil, o Estreito de Magalhães, a costa occidental da America do Sul e as ilhas do Pacifico.

Os resultados scientificos d'esta viagem importante foram publicados primeiramente com o concurso de Owen e outros sabios na Zoologia ou Viagem do Beagle, navio de s. magestade (Londres, 1840).

Em 1833 publicou, á custa da Sociedade Real de Londres, a Monographia dos Cirrhopodes sesseis, seguida d'um Tratado sobre os cirrhopodes fosseis.

Mas a obra mais notavel e apreciada de Darwin é a Origem das especies por via de selecção natural ou leis da transformação das seres organisados, publicada em 1859.

É n'este livro fructo de continuos trabalhos que se encontra a sua theoria sobre a origem dos especies, a que o consenso de todos os sumidades scientificas deu o nome de darwinismo.

Segundo Darwin todas as especies organicas, inclusivè a especie humana descendem por via de transformações successivas de tres ou quatro typos communs, ou por ventura d'um só.

Esta ideia não é original de Darwin. Podem encontrar-se-lhe os primeiros lineamentos, imperfeitos, vagas intuições geniaes, nos livros dos philosophos gregos e dos alchimistas da idade media. Mas é a partir de Maillet (1748) que notabilidades como Robinet (1768)—Lamarck (1806-1815), Geoffroy Saint-Hilaire e outros a definem e procuram fundamentar.

O que é original em Darwin são os meios de demonstração, é a descoberta das leis naturaes que explicam a origem das especies por accumulacão progressiva e fixação hereditaria de variações a principio leves.

A especie é apenas uma combinacão artificial, necessaria para a commodidade. As

ro; porém, apenas vi limp-a da cara e os rapazes interromperem a mastigação das laranjas tiradas dos ramos para levarem as mãos ao nariz, fizerem uma careta e cortar uma ponta de alecrim. Nada mais.

Sahiu o povo, armado com os ramos, levando á frente uma cruz, na qual tinham dependurado um Christo coberto com panos pretos, e o padre entoando os psalmos.

Não era para fazer a apothese d'um heróe, apenas vi o rapazio ramalhando-se com os louros que o padre molhara com a agua benta.

Rodearam a igreja, encaminhando-se depois para porta.

La-me regosijando com a expectativa de me sentar, enquanto o padre se fosse revestir para celebrar a missa; mas enganei-me.

A porta estava fechada. Bateu o sacristão com o pé da cruz, berrou o prior palavrás mysteriosas; mas tudo foi baldado.

O sol aguilhoava-nos a testa descoberta; o padre, limpando o suor, continuava a pedir em altos gritos que a abrissem (pelò menos assim supuz), o sacristão batia mais rijo; mas nada.

A porta não se abria. Admirei que ella não percebesse o latim; pois tudo o percebe desde a machina, quando a benzem até ao diabo, quando o expulsam.

Por fim, o filho do sacristão compadeceu-se de nós, e dando a volta foi por outra porta; brir aquella a que batiam; e o Christo,

raças são especies em via de transformação, que se opera em virtude da lucta pela existencia e da selecção natural, cujos resultados são fixados pela hereditariedade.

A terra é um vasto campo de batalha, onde os individuos e as especies ferem a todo o momento os grandiosos e obscuros combates d'uma lucta constante e decisiva —a lucta pela existencia.

Os fortes, e os dextros para a lucta, aquelles que um concurso fortuito de circumstancias felizes protege — vencem; e succumbem os desprotegidos da natureza ou da fortuna. É a historia de todos os tempos. «Que combates se devem ter travado durante longos seculos entre as differentes especies d'arvores, espalhando cada uma annualmente milhões e milhões de sementes! Que guerra de insecto contra insecto, — e dos insectos, caracoas e outros animaes contra as aves e as feras, esforçando-se todos por multiplicar-se, e alimentando-se uns dos outros...» diz Darwin.

É d'esta maneira que a natureza faz a selecção. E vem depois a hereditariedade, conservando e accumulando os progressos, alcançados em cada geração no sentido da conservação da vida e da adaptação ao meio — d'onde resulta em ultima analyse a differenciación dos individuos dos seus ascendentes.

Esta theoria levantou violentas contestações, em que o interesse, scientifico muitas vezes desapareceu para dar lugar ao desabafo de mesquinhos rancores pessoais.

Hoje é uma theoria com partidarios como Haeckel, Vogt e Huxley, trabalhando vigorosamente na aquisição de provas decisivas.

Darwin publicou ainda, além d'outras me-nos conhecidas as obras seguintes:

—Da variação dos animaes e das plantas sob a acção da domesticação.

—A descendencia do homem e a selecção sexual.

—Dos effeitos da fecundação crusada e directa no reino vegetal.

—A expressão das emoções no homem e nos animaes.

—As plantas insectivoras.

Alexandre Herculano

Vimos cumprir a promessa que fizemos no ultimo numero d'esta folha, referindo-nos a alguns escriptos do insigne historiador portuguez, A. Herculano.

É preciso accentuar bem que as indicações aqui exaradas, as colhemos directamente, se não todas ao menos quasi todas, do proprio solitario de Val de Lobos, de quem o padre Radamacker disse um dia — *Passei a Val de Lobos, mas não vi o LOBO DO VALLE.*

—B. G., homem que advogava e advoga-rá ainda, accreditamos, a nefanda causa do jesuitismo, embora uns julguem sinceras as

envolto nos farrapos entrou em sua casa e com elle entrámos nós.

Já era tempo. De todos os lados sahio um suspiro d'allivio.

Isto de modo nenhum podia significar a entrada de Jesus em Jerusalem.

Christo, o soffredor por excellencia, de certo não sopportava a musica dos sacerdotes entoada com tanto calor.

A não ser no modo porque foi conduzido —lá n'um burro, aqui pelo sachristão— não vemos analogia.

Os rapazes ficaram de fora, e, em quanto eu ouvi missa, pensando no fim de taes ramos, fazendo rolar na calçada as laranjas de que outros pressa deescascavam.

As rosas desfolharam-se, e por fim fiquei pensando para que serviriam uns paus, de-pennados por tanto bater, que elles levaram para casa.

O regedor explicou-me.

—Vi os ramos d'oliveira que elle nos deu?

—Vi. Julguei que era para que todos fossem munidos de ramos.

—É para lhe darmos os bolos d'hoje a oito dias.

E de facto no domingo immediato, o dia da ressurreição de Christo, batia o sachristão a todas as portas, enfeitado com uma toalha bordada ao hombro e um Christo dourado nas mãos.

suas convicções e outros as reputem fingidas e mentirosas, pretendeu instituir um estabelecimento de irmãs de caridade em A., povoação que pouco dista de Val de Lobos.

Sobre esta pretensão, enviou B. G. ao terrivel adversario da seita negra uma carta em que lhe rogava instantemente não impugnasse a realisacão d'uma ideia dos mais altos beneficios da caridade christã.

A. Herculano suppõe a principio B. G. atacado d'uma monomania religiosa, e assim impressionado lhe responde, dissuadindo-o de pôr em pratica o seu reaccionario pensamento.

B. G. insiste e replica. Herculano conven-ce-se de que trata com um simples instrumento que o assignalado jesuita Miel aproveita para os seus execrandos fins e procede na qualidade de sincero amigo do pae de B. G. Dá-lhe prudentissimos conselhos em ordem a arrancar-o das garras aduncas do celebrado discipulo de Loyola.

Entendemos portanto que privar o paiz d'essas apreciabilissimas cartas, que o são sem duvida, é commetter uma gravissima falta, maxime na quadra actual, se acaso esses documentos existem nas mãos de quem legitimamente os pôde publicar.

Não alimentamos o minimo desejo de des-considerar ou arrogar censura aos dignos testamenteiros do fallecido historiador; antes os apreciamos, porque tivemos occasião de avaliar e aquilatar as suas bellissimas qualidades em Val de Lobos, quando em convivio intimo admiravam extasiados o mestre Casal Ribeiro, Bulhão Pato, Sabugosa, Avelar e tantos outros, cujos nomes nos não occorrem.

Refiro-me ao interessante cavaco por um dos ultimos anniversarios do abalizado e distincto homem de letras.

No proximo numero da Evolução fallaremos d'outras cartas tambem importantissimas, que diziam respeito aos laboriosos e honrados habitantes de Vallada, quando as cheias em 1865 inundaram esta povoação, que faz parte do concelho do Cartaxo.

Lembram-nos algumas phrases d'essas cartas; publical-as-hemos, porque as ouvimos ao seu proprio auctor.

DITOS E PHRASES

Ao soberbo não me faço grande por não ficar com elle em contenda.

Ao doido não lhe atalho a furia.

Ao nescio não trabalho por lhe dar razão.

Pastor Peregrino de R. Lobo.

Seguia-se-lhe o parcho de cota lavada e estola, bengala na mão direita, que ao entrar para casa dos freguezes mudava para a esquerda, empunhando com aquella o hys-sopo com que os orvalhava, murmurando o classico — *asperges me...*

Recitava depois o — *pax huic domui...* e desejando as boas festas ia repetir o mesmo a outra parte.

Era Christo que visitava seus filhos. Assim m'o tinham dicto e eu assim o julguei.

Nova decepção. Atraz do prior vinham homens com grandes cestos, onde despejavam os bolos, ovos, queijos, pão, tudo, em fim, o que os pobres freguezes punham nas mesas, cobertas de colchas escarlates e toalhas de rendas, as mais das vezes emprestadas.

E quantos não poseram alli o que deviam dar aos filhos, deixando a estes simplesmente um bocado de brôa?

Já me esquecia. O portador da agua benta, despejava na caldeirinha algumas moedas de prata tiradas aos parochianos.

Não me admirei de levarem o dinheiro; pois deviam pagar a agua benta, como se paga um baptisado ou outro qualquer sacramento.

O que eu não sei resolver é o problema que o logar para que o lançavam suggeriu ao meu espirito:

Mirabeau era o homem da ideia nova, da illuminacão subita, da proposição perigosa, arriscada.

V. Hugo.

Guardae-vos do fermento dos phariseus, que é a hypocrisia.

Jesus Christo.

A Innocencio 4.º chamou Alexandre 4.º antes de ser papa—*vendilhão d'egrejas.* Bossuet chamou velhaco ao papa Eugenio 4.º.

A. H.

A santa igreja, enquanto vive esta vida de corrupções, não cessa de chorar os danos das vicissitudes por que passa.

S. Gregorio Magno.

Um arratel de coragem vale mais que uma tonelada de sorte.

Prefiro succumbir na justica a vencer na injustica.

Garfield.

—Acabo de assegurar que alguém lamentará a minha morte?

—Então que fizeste?

—Fiz o meu testamento, deixando a minha mulher toda a fortuna, com a condição de ella casar. Um homem, pelo menos, ha de sentir a minha falta.

O casamento é um livro que não vale o prefacio.

Não se deve escolher o homem, a quem o logar convenha, mas o que convier ao logar.

Napoleão 1.º.

As concessões e as dadas são um prato que abre o appetite.

Bismarck.

Era costume em alguns seminarios, á hora da refeição subir ao pulpito um alumno e ler alto um trecho de obra historica ou sci-entifica.

Não importa em que livro, o seminarista leu um dia:

«La pignore du taon (ton)...»

—Diga *ta-hon*, replica o superior.

O rapaz passou adiante. Pouco depois pergunta:

—Senhor superior, devo tambem ler as notas?

Que destino dá o prior áquelle dinheiro? Se elle é molhado com agua benta deve ficar bento, não deve entrar na circulação; pode passar para as mãos impuras d'uma meretriz.

Mas, podem-nos dizer, a agua evapora-se com ella a benção.

A isto digo eu: se a benção é inherente á agua, ha perigo de que ella condesando-se depois de evaporada venha a cahir n'uma.... A intelligencia do leitor suppre esta lacuna.

Os louros, como vi, tinham já um prestimo para o padre.

—E para que os levam para casa, perguntei eu ao regedor?

—Em tempo de trovoadas queimam-se e reza-se a—*magnifical*—e esta vai para onde não ha eira, nem beira, nem pé de figueira; fazem-se cruces e espetam-se no campo, e as cearas nada têm a recear dos tempo-raes.

Fiquei pasmado de tantas virtudes, disse para comigo.

Franklin, lançando ás nuvens de tempestade o seu papagaio-electrico, arremessou conjunctamente uma blasphemia ao creador, descrendo tacitamente dos louros bentos pelos seus apóstolos.

Coimbra, 26—4—82.

H. R. NOGUEIRA.



—De certo, para esclarecer o texto.  
—Nota do editor, continúa o *ingenuo* seminarista: deve pronunciar-se *ton* e não *ta-hon*, como pretendem alguns ignorantes.  
Tableau.

O amor é um mar semeado de escolhos, de que os velhos tentam livrar a mocidade; mas os mancebos querem arrostal-o e reclamam o seu direito ao naufragio.

X. B. Saintine.

Quantos são os sacramentos?  
—Ora essa! são sete.  
—Conforme. Em geral são seis.  
—Como assim?  
—Porque *penitencia* e *matrimonio* formam quasi sempre um só.

O amor dissimula todos os defeitos; a sociedade annulla todos os meritos.

Quatrelles.

Certa senhora, já edosa, tinha um genio insupportavel.

Fallando com um esculptor, de suas relações, dizia-lhe um dia:

—Sr. F., tenho a pedir-lhe uma grande fineza. Parece-me que morreria mais satisfeita, prometendo o sr. esculpir a pedra destinada ao nosso mausoleu de familia.

Desejava vel-a ainda. Procure alguma palavra, alguma phrase que exprima bem os sentimentos que eu deverei ter inspirado a quem me tiver conhecido. Peça-lh'o encaucadamente, senhor F.

—Pensarei, minha senhora, responde gravemente o artista.

Dias depois, o trabalho estava prompto. Por epitaphio, a seguinte inscripção,—lacoica mas expressiva:

FINALMENTE!!!

Ao despotismo da dor segue-se a marcha do pensamento.

José Estevão.

As grandes memorias, que retêm tudo indifferentemente, são donas de hospedar e não donas de casa.

Suzanne Carchodde Nasse.

Um moribundo pouco tem que dizer, quando não seja levado a fallar por fraqueza ou por vaidade.

L'Abbé de Saint-Pierre.

Quem encontra um bom genro ganha um filho; quem encontra um mau genro perde uma filha.

A colera, nos grandes corações, é apenas uma necessidade urgente de perdoar.

Beaumarchais.

A alma da liberdade é o amor da lei.

Klopstock.

Adore ton pays et ne l'arpené pas.  
Ami, Dieu n'a pas fait les peuples au compas.  
L'âme est tout: quelque soit l'immense flot qui roule.

Um grand peuple sans âme est une immense foule.

Lamartine.

A musica é uma operação arithmetica, que a alma executa sem o saber.

Leibnitz.

Quando até ao dia d'hoje regeitou Roma dinheiro?

Na curia romana é mais facil entrar honesto do que tornar-se lá homem de bem.

S. Bernardo.

O breviario e o missal bracharense pre-

cisam de ser reformados por causa das suas intoleraveis patranhas e falsidades.

Frei C. Brandão—Arcebispo de Braga.

## CAMBIANTES

SARAH BERNHARDT

Quando ella passou, na companhia do marido feliz, do decantado e *grego* Damala, senti que uma corrente mysteriosa de entusiasmo e loucura me desorientava o pensamento. Eu vi-a na serena magestade olympica do seu porte, envolta n'uma gloriosa atmospheria de luz e de renome.

Quando fitamos um assombro, que a pobre linguagem só pôde designar—*mulher*, quando nos sentimos arroubados na muda contemplação d'um prodigio, quem pôde alinhar duas phrases de pura cortezia e ôca banalidade? Subjugados, curvamo-nos e o silencio só pôde manifestar a singularidade d'aquella impressão estranha. Tambem o Sol vivifica, mas muitas vezes queima e pôde dar morte. Feliz a victima d'aquelle Sol assassino...

E os olhos? Tu, pacato leitor que tens crivado de significativos bocejos a leitura do que a penna tem vindo garatujando, não podes fazer ideia d'aquelle mixto de suave meigaice e de energica vontade, que nos olhos se lê. Que brilho singular! que irradiação de luz!

Imagina fundidos o limpido scintillar de mil constellações e a fita de luz que o relampago estende no vasto anil dos ceus e terá imaginado apenas as trevas que ella rasga com o fulgor de sua vista que deslumbra.

Aos primeiros movimentos do comboio, que ia partir, alguém teve a invejavel ventura de lhe oscular a pelle assetinada de seus dedos cor de rosa.

Feliz mancho! que n'um só momento inundaste de gloria a tua vida inteira.

BABINET.

## Secção Pombalina

Consta-nos que o trajecto do cortejo civico é formidavel. Forma-se no Cães do Sodrê ou Aterro, sobe a rua do Alecrim, seguindo pelo Chiado, rua Nova de Almada, rua do Ouro; tornea o Rocio, descendo a rua da Prata; passa depois em continencia por defronte do busto do Marquez, no Terreiro do Paço, e sobe a rua dos Fanqueiros para passar defronte da Associação Academica, destroçando no Rocio.

É este com pequenas alterações o trajecto provavel, segundo vemos d'uma carta que obsequiosamente nos confiou um amigo e condiscipulo, vinda da capital.

—O passeio fluvial deve tambem ser magnifico.

—O Orpheon de Lisboa vai continuando com razoavel numero de associados.

O curso do 4.º anno de direito nomeou seus representantes, em Lisboa, os srs. Luiz Osorio e Pedroso Lima; e no Porto os srs. Antonio Feijó e Carneiro Gerales.

O curso do 2.º juridico nomeou seus representantes em Lisboa nas festas do centenário os srs. Solano de Abreu e Vicente Gomes.

Vão representar o curso do 1.º anno juridico em Lisboa os srs. Jacintho de Magalhães e J. d'Oliveira Machado. No Porto são representantes do mesmo curso os srs. Julio d'Araujo e João Pacheco.

—A hora em que escrevemos não foram ainda nomeados representantes dos restantes cursos de direito, assim como não estão ainda escolhidos os dois representantes ao Congresso.

—A faculdade de medicina nomeou seus representantes no congresso os srs. Joaquim Augusto Cambezes, do 5.º anno e Zeferino Candido Falcão, do 4.º anno; e nos festejos os seguintes srs. Joaquim Augusto Cambezes e José Affonso Baetta Neves do 5.º anno; Zeferino Candido Falcão Pacheco, do 4.º anno; Pompeu de Carvalho, do 3.º anno; Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, do

2.º anno; Sebastião Peres Rodrigues e Julio Ernesto de Lima Duque, do 1.º anno.

—Os estudantes do lyceu de Coimbra nomearam seus representantes no congresso os srs. Francisco de Rato da Silva Villar e João Magrasó; e nos festejos Luiz Vasconcellos e Sousa, Ricardo Faria de Leão, Joaquim Tavares Festas, João Pedro Baptista, Antonio Marques Perdigão, João de Caires, Arthur Xavier Lopes da Silva, Augusto Coelho Sobral, Annibal Salter Cid, Aurelio Travassos Neves, Augusto Ferreira de Andrade e Jayme Augusto Ferreira de Abreu.

## Publicações recebidas

Começou a publicar-se em Leiria *O Districto de Leiria* destinado a «prehencher a falta d'uma publicação periodica na capital d'aquelle districto» e a advogar sinceramente questões de qualquer ordem. Declara francamente professor em politica o *credo regenerador*. Transcrevendo a poesia de *Nini* do nosso estimavel collaborador M. Mesquita, publicada n'este jornal dirige-nos palavras de extrema amabilidade. Pelo *Progressista* sabemos ser seu redactor o talentoso advogado d'aquella comarca, o sr. Affonso Lopes Vieira. Agradecendo a distincta visita, desejamos-lhes longa e desassomburada vida. Promette analysar, exempto de preoccupações quaesquer actos das diversas facções da politica militante. Uma duvida nos suscitou a leitura do bem redigido semanario, sobre a qual ficamos a meditar. Diz elle fiar-se no *credo regenerador*. Em que differirá este *credo* de qualquer outro *credo* monarchico?!

Recebemos e agradecemos:

*Perfis Artisticos*—N.º 16—Sumario: *Jesus Monasterio* (Biographia). *Os classicos em musica*—F. Braga. *Historia d'um ménage*—A. Vargas. *O Theatro de S. Carlos* (Beatriz)—E. Lami. *Pelos Theatros*—C. Pinto *Musica e Dança*—J. Puigari. *A musica no estrangeiro*—Viator. *Chronica*—A. Vargas. *Echos*.

Pero Gallego—N.º 10.

*Fröbel*—N.º 1—interessante revista pedagogica que realisando o seu programma, é de summa utilidade. Traz um bello retrato de quem lhe deu o nome.

## NOTICIARIO

Correu animadissimo o brilhante sarau litterario-musical que o club academico nos proporcionou na noite de 29 d'abril.

A plateia no entusiasmo de suas acclamações laureou justa e dignamente quem na musica e na poesia manifesta titulo tão subido ao nosso respeito e á nossa admiração.

Fez parte do sarau uma conferencia, relativa ao marquez de Pombal. O conferente, o sr. A. Paço Vieira, um intelligente e sympathico academico, que ha muito reconhecemos de merito indiscutivel, apresentou a largos traços, firmes e correctos, o meio em que a poderosa energia e lucida intelligencia do celebre ministro teve de se desenvolver; lamentou, em palavras dignas e severas, que no espirito d'alguem se formasse a ideia tresloucada de suster o impulso dado pelo notavel estadista á instrucção e á liberdade, que d'aquella depende, e citou algumas das largas reformas que o marquez havia realisado.

Foi algumas vezes interrompido pelos *bravos* e *apoiados* que soltava a assembleia e terminou recebendo estrondosa ovação.

Pela notavel e geral impressão que fez na assembleia, deveriamos especialisar, na parte puramente litteraria, além de Luiz de Magalhães, o mimoso poeta e recitador insigne auctor de *As algas do mar*—Luiz Osorio.

Ferreira da Silva, alvo de vivas sympathias, disse adoravelmente uns versos de Guerra Junqueiro e de João de Deus, maravilhando-nos com a sua pronunciada vocação artistica.

Na parte musical, o sarau correspondeu

plenamente ao que o publico já esperava de executantes distinctos como a familia Croner, a cujo merito já tivemos occasião de render nossa homenagem. O sr. J. L. Dias deliciou-nos cantando bellamente *I due Foscari* (Verdi) e *Dormi pure* (Scuderi). Finalmente sarau, que terminou com *Ernani* (a quatro mãos) por A. Cardoso e A. de Castro, sendo muito applaudidos, fez-nos esquecer por algumas horas a monotonia da cidade.

O nosso agradecimento pela fineza do bilhete que tiveram a amabilidade de nos offerecer.

Ao nosso distincto collaborador e sabio archeologo, o ex.º sr. Gabriel Pereira, pedimos desculpa de não publicar hoje a continuação dos interessantes documentos que á sua obsequiosa bondade nos cumpre agradecer. Tão preciosa collaboração como a de s. ex.ª é da maxima utilidade para todos os leitores e distingue honrosamente o nosso semanario.

Sahirão no proximo numero; e novamente agradecemos tão obrigante fineza.

O dia 1 de maio traz-nos á lembrança o famoso combate que se feriu no Alto do Viso, ha 35 annos. Anniversarios são estes que é um dever noticiar. Fazem-o, reconhecidos aos bravos combatentes que n'elle tomaram parte.

Ha poucas horas ainda, abraçamos um d'elles—Antonio Croner, que entre nós esteve alguns dias, na companhia de seu estimavel irmão Raphael Croner e de sua ex.ª sobrinha, que todos regressaram á capital. Aproveitamos o ensejo para lhes tornar publica a nossa sympathia e saudade cordeal.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as duas citações que na secção *Ditos e phrases* fazemos de S. Bernardo e Caetano Brandão.

Ninguem ousa pôr em duvida as qualidades religiosas que recomendavam estes dois luminares da igreja.

Pois bem. Leiam aquellas memoraveis phrases e digam se elles deviam ou não ter provadas razões para escrever aquellas tremendas verdades.

Extrahimol-as dos *Opusculos* do sr. A. Herculano, onde vem publicada a notabilissima carta, que se intitula—*Eu e o Clero*.

Enfermou gravemente o ex.º sr. com menda. Filipe José de Vilhena.

Consta-nos, porém, que s. ex.ª vai melhor, pelo que nos felicitamos, felicitando tambem s. ex.ª familia.

Se bem nos lembramos, a Suecia celebrou a 10 de janeiro de 1878 o centenario da morte de Linneus, o sabio naturalista, fazendo festas ruidosas em Upsal e Stockholmo.

Os livros e collecções d'este homem de sciencia existem na Inglaterra, onde as levou em 1783 um estudante inglez, que os comprara baratissimos e com ellas constituirá então o nucleo d'uma bibliotheca importante—a *Burlington*.

Em 1788 o mesmo estudante, James Edward Smith, fundava uma sociedade *linneana*, que se perpetuou até aos nossos dias.

Corria o anno de 1806, quando os sabios suecos imitaram os seus illustrados confrades da Grã-Bretanha. A Sociedade *linneana* da Suecia conta hoje aproximadamente 700 associados.

Encontraram-se em Roma bastantes manuscritos n'uma camara do collegio dos jesuitas.

Quando o governo italiano tomou conta d'este estabelecimento, houve occasião de se observar que faltavam muitas obras de valor, inscriptas no catalogo da bibliotheca.

Dois jesuitas, que sabiam do esconderijo, revelaram o segredo ás auctoridades, e, entre os thesouros que ali existiam, havia cartas geographicas do seculo V e um exemplar manuscrito, datado de 1693, que se julga unico e original, da *constituição da Sociedade de Jesus*.



Realizou-se nesta cidade no dia 30 a inauguração solenne da *Delegação da Sociedade de Geographia Commercial do Porto*.

A sala estava quasi completamente cheia com os socios e numerosos convidados entre os quaes dois membros da *Sociedade de Geographia Commercial do Porto*.

Abriu a sessão o digno presidente d'aquella sociedade, o sr. dr. Augusto Rocha, com um eloquente discurso.

Fallou tambem o socio, nosso collega n'esta redacção, o sr. Motta Veiga, que agradeceu pela maneira singela, com que disse das cousas da Africa, que conhece *de visu*, muitas verdades amargas.

Tiveram ainda a palavra os dois illustres delegados do Porto, os srs. Leonardo Torres e dr. Mendonça, que dissertaram muito proficientemente sobre as necessidades mais urgentes do nosso commercio e industria, etc. etc.

Agradecemos cordealmente o convite com que fomos honrados.

Já se acha em Coimbra o nosso distincto correligionario Alexandre da Conceição, transferido da Figueira para esta cidade.

Realizou-se, hoje mesmo, a eleição, no curso do 3.º anno juridico.

Representam-nos nas festas pombalinas os srs. D. Luiz da Costa Macedo e João Menezes Pitta, em Lisboa; Leopoldo Mourão e Salles de Mesquita, no Porto.

Vão representar o curso do 5.º anno juridico:—em Lisboa os srs. Mendonça David e Eduardo Campos; e no Porto—não nos lembra quem.

Esqueceu-nos dizer que representam no Porto o 4.º anno juridico os srs. Antonio Feijó e Carneiro Gerales.

**Errata importante:**—Na columna 6.ª do folhetim, o periodo que começa: *«Os rapazes ficaram...»* deve ler-se, assim completo:—*«Os rapazes ficaram de fora, e, enquanto eu ouvi missa, pensando no fim de taes ramos, acautavam-se com elles, fazendo rolar na calçada as laranjas, que outros de pressa descascavam.»*

**Correspondencia**

**ADMINISTRATIVA**

Tendo-se recebido ultimamente algumas assignaturas para este semanario, temos mandado aos novos assignantes os numeros saídos a contar do 16.º, a fim de regularmos as contas com esses assignantes em harmonia com a forma de pagamento que de principio adoptamos.

**Lisboa**—Recebemos ha tempo do sr. João Luiz Alcantara um pedido, que satisfizemos, de todos os numeros d'este jornal a contar do 11.º e a sua assignatura para a 2.ª serie, declarando-nos que já n'outra carta enviára em estampilhas a quantia de 440 réis. Certos da verdade d'esta asserção pela prohibidade de quem a faz, e attribuindo a desvio n'esta administração ou irregularidade do correio o não recebemos aquella quantia, consideramos paga a sua assignatura até ao fim da 3.ª serie com a quantia que recebemos posteriormente ao aviso de que acompanhamos a primeira remessa.

**Odemira**—Recebemos d'esta localidade a importancia relativa á segunda serie de todas as assignaturas que ali temos. Ao nosso estimavel correspondente agradecemos o cuidado e pontualidade que tem empregado no desempenho d'este encargo que obzequiamente tomou.

**Loulé**—Recebemos do nosso estimavel correspondente a importancia das assignaturas que temos n'esta terra. A este cavalheiro agradecemos a sua dedicacão.

**Guarda**—Em resposta ao que n'esta secção dissemos no numero 19 relativamente a nove individuos da Guarda a quem desde os primeiros numeros temos enviado esta folha, apenas recebemos do sr. Bartholomeu L. Pereira 300 réis com que ficou paga a sua assignatura até ao numero 19. Dos outros srs.—nada, nem sequer a devoluçãõ d'alguns numeros que porventura conservassem com o que declaramos nos julgavamos satisfeitos. Arrepentemo-nos agora de

havermos desattendido as advertencias d'algum que nos prevenira de que na Guarda ha muito o costume de assignar e receber, mas não pagar.

**Lagos**—Brevemente pedimos a um nosso amigo ali residente promova a cobrança das assignaturas relativas a 1.ª serie, podendo por essa occasião os srs. assignantes fazer quaesquer reclamações relativas a falta de numeros de que se queixam e de que nós não teriamos conhecimento a não ser pelos recibos que nos foram devolvidos. Ao sr. Saraphim de Brito temos a dizer que com effeito algum nos encommendou o *sermão*, sem o que não lhe teriamos enviado o nosso jornal, pois não temos o gosto de o conhecer pessoalmente nem tampouco de nome como qualquer notabilidade; resta-lhe por tanto agradecer a quem encommendou o tal *sermão* que lhe deu em resultado receber jornal *gratis* por alguns mezes. Quanto aos numeros que diz ter devolvido, não recebemos um sequer.

Diz-nos o sr. Marreiros Netto: Não pago porque o jornal vem para Joaquim Carreira Netto e eu sou João Marreiros Netto. Esta extranha resposta suggere-nos a seguinte pergunta: Se o jornal vai para Joaquim C. Netto porque o vai recebendo o sr. Marreiros Netto, e, se o recebe, porque não o paga?

Do sr. Francisco Corte-Real recebemos 300 réis com que fica paga a 1.ª serie, na hypothese de que lhe não têm faltado numeros, o que o sr. Corte-Real não accusa.

De varias localidades temos recebido algumas quantias para pagamento d'assignaturas, o que agora não liquidamos, porque basta para conhecimento dos nossos assignantes o não serem comprehendidos na cobrança a que vamos proceder pelo correio.

Prevenimos os srs. assignantes da *Evolução* que, deixando de receber regularmente esta folha, o façam immediatamente sentir á administração, LARGO DA FEIRA, N.º 4.

**Cartaxo**

Correm propicios os tempos aos lavradores, que ainda no anno passado haviam perdido o seu valioso trabalho e sementes, e tiveram de pagar as rendas, sem que lhes descontassem qualquer quantia.

—As vinhas apresentam-se com excellente aspecto, promettendo uma nascença d'uva em abundancia.

—Os olivedos tambem agradam porque deixem esperar, se o tempo lhes for favoravel, uma safara fertil.

Parece-nos que vai um anno geralmente animador o que bem preciso se tornava, em virtude da crise agricola que esmaga este concelho.

As sessões camararias continuam interessantes.

Os murros sobre a mesa, que está na casa das sessões, ouvem-se até na pharmacia do nosso presado amigo Abilio Guerra, onde fazem estremecer os que ali se reúnem em agradável cavaco, discutindo aquelle celebre officio do regedor de Val da Pinta em que elle certifica *in fide parochi*, á imagem e similhaça do seu respectivo pastor.

Foi-se embora o administrador Rangel de Sampaio. Quanto á nós simplesmente diremos—*Deixal-o ir*.

Tem passado bastante adoentada a ex.ª sr.ª D. Josefa Caldas, a quem desejamos do coração promptas melhoras. Trata esta virtuosa senhora o distincto facultativo sr. Manuel Gomes da Silva. Oxalá que s. ex.ª colha os resultados satisfatorios, de que é digna pelas suas nobilissimas qualidades.

**Alcobaça, 17 de abril**

Quando nos propuzemos escrever as correspondencias d'Alcobaça para a *Evolução*, tivemos em vista dizer a verdade, pezassem a quem pezassem, sem distincção de partidos. Não temos odios pessoais, e, se os tivéssemos, nunca nos levariam a mentir. O que

temos escripto para a *Evolução* não é mais que a expressão sincera das nossas convicções baseadas no conhecimento pessoal dos factos, e corroboradas pela opinião publica que se tem pronunciado abertamente a favor do que temos escripto. Dissemos e sustentamos que é prejudicial para Alcobaça o predomínio, embora parcial, de um homem, apto é verdade para o commercio, mas inhabil para a direcção dos negocios publicos. Com esse predomínio, Alcobaça é altamente prejudicada nos seus interesses, que são despresados, em virtude da incapacidade de quem os dirige, da má fé, do favoritismo exclusivo aos partidarios de uma politica e da perseguição aos de politica contraria.

Alguns individuos, poucos, teem querido impugnar uma ou outra das verdades que dissemos nas correspondencias passadas, mas a defeza é tão triste, tão incoherente, até mesmo tão accusadora, que melhor seria deixarem a lingua em descanso, para bem dos seus peccados.

Finhamos dicto que a camara, ou quem a dirigia, não dera um só passo para a recepção do legado Brillhante, com manifesto desprezo dos interesses do municipio. Pois houve alguns partidarios do presidente que affirmaram que a camara nomeara logo um advogado para tractar d'esse negocio!

Fazem favor de me dizer, como se chama o tal advogado, em que academia do mundo se formou, os passos que deu e que resultado tirou a camara da sua nomeação?

Dois annos e meio depois da morte do dr. Brillhante, vendo o sr. dr. Alvaro Possollo que a camara d'Alcobaça nem um passo tinha dado para receber aquelle importante legado, offereceu-se espontaneamente para tractar d'esse negocio e a camara accitou o offerecimento d'aquelle intelligente advogado, mas ainda com certa repugnancia. Será esta a verdade ou não?

Dissemos que a camara, desprezando os interesses do municipio, entregara os açougues nas mãos de certos individuos.

Houve tambem quem affirmasse que a venda das carnes era livre e que portanto a mentira era flagrante!

Ora vamos a vêr.

Proximo á ultima eleição de deputados, pôz a camara em arrematação o fornecimento da carne para esta villa, Pederneira e S. Martinho do Porto. A carne estava então a 200 réis o kilo, e, como o negocio eleitoral se achava em más condições n'uma freguezia importante, foram chamados os influentes d'essa terra que negociam com os açougues, e offereceu-se-lhes o augmento de 40 réis em kilo, se elles trabalhassem a favor do partido regenerador, o que foi accite. Os habitantes d'Alcobaça, sem distincção de partido, levantaram-se contra semelhante abuso, e a camara, para attenuar a impressão produzida por aquelle favoritismo, concedeu a liberdade no fornecimento da carne, isto é, a permissão de se estabelecerem diversos açougues. A liberdade, portanto, consiste hoje no numero de açougues e não no preço da carne que ficou a 240 réis o kilo, ao passo que anteriormente era 200 réis. Será esta a verdade ou não?

Passemos a outro assumpto sobre o qual, segundo informações dignas de todo o acatamento, expectorámos ao publico um monstruoso *carapetaõ*!

Instaurou-se na repartição de fazenda d'aqui um processo por subtração aos direitos. Este processo foi autoado, intimado o agente do ministerio publico para nomear louvados que avaliassem os bens comprados. Foram intimados os louvados para prestar juramentõ. Extrahiu-se do processo a relação dos bens que lhes foi entregue para a avaliação. Onde existe esse processo? Se não está na repartição de fazenda e se o sr. escriptão de fazenda por estar ha pouco n'esta terra, não sabe d'elle, deve ter ao menos quem o informe da verdade.

Entregou-se, pois, a relação dos bens aos dois louvados,—da fazenda publica e da parte, que cumpriram o seu dever, e, como houvesse empate na avaliação, entregou-se a relação ao desempatante. Este dirigiu-se ao louvado da fazenda publica para que fizesse algum abatimento na sua avaliação de reis 4:300\$000, e não sendo attendido, guardou a relação. O desempate ficou para as calendas, e a fazenda publica prejudicada.

É porque n'esta terra ha mais *rubicundos* do que era para desejar.

Se o agente do ministerio publico e o sr. escriptão de fazenda derem andamento a este negocio, veremos em que pára o descomunal carapetaõ que impingimos ao publico!

(Do nosso correspondente)

**EDITAL**

**Lyceu Central de Coimbra**

PELA REITORIA DO LYCEU CENTRAL DE COIMBRA SE FAZ SABER QUE:

1.º Os alumnos estranhos que pretendam fazer exames de passagem, finaes de disciplinas ou singulares d'uma disciplina completa na proxima epocha devem entregar na Secretaria os requerimentos, devidamente documentados e despachados, desde o dia 10 do corrente mez de maio até ao dia 31 do mesmo mez; na certeza que passado este dia nenhum requerimento será recebido (Secção I das Providencias regulamentares, art. 68.º) devendo os alumnos attender a que:

a) Qualquer que seja o numero de exames, que pretendam fazer, a admissãõ a todos deve ser pedida n'um só requerimento e apresentado dentro do prazo acima designado. (S. I, art. 68.º, § 1.º)

b) Os documentos com que devem ser instruidos os requerimentos para admissãõ a exames de passagem são os exigidos no art. 64.º; porém, se o alumno requerer a admissãõ a mais d'um exame de passagem da mesma disciplina, deverá juntar sómente o documento exigido n'aquelle artigo para o 1.º d'estes exames, devendo successivamente ir apresentando ao secretario os que são necessarios para os subsequentes exames, á medida que for fazendo os anteriores, no caso de n'elles ficar aprovado (S. I, art. 68.º, §§ 1.º e 4.º).

c) Os requerimentos devem designar o nome, filiação, naturalidade e districto á que esta pertence, assim como as disciplinas, ou annos do curso em que os alumnos pretendem ser examinados e se a admissãõ é definitiva ou provisoria (S. I, art. 68.º, § 2.º).

d) Os requerimentos serão feitos e assignados pelos proprios requerentes e a letra e assignatura reconhecidas por tabelião ou abonadas de verdadeiras pelo secretario do instituto ou por algum dos seus professores (S. I, art. 73.º).

2.º A assignatura dos termos terá logar nos dias 8, 9 e 10 de junho das 2 ás 4 horas da tarde pelos proprios alumnos ou por seus bastantes procuradores (S. I, art. 68.º).

3.º Para ser admittido a mais d'um exame de passagem da mesma disciplina é preciso satisfazer á condiçãõ exigida no § 1.º do art. 20.º, da S. II.

4.º Para ser admittido a um ou mais exames finaes de disciplinas é preciso satisfazer á condiçãõ exigida no art. 24.º da S. II.

5.º O processo de admissãõ aos exames de sahida, quando requeridos conjunctamente com outros que habilitem para a admissãõ a elles, é exactamente o mesmo que o prescripto nos n.ºs antecedentes: quando porém se requiera unicamente exame de sahida, os requerimentos poderão ser entregues até ao dia 15 de junho e a assignatura dos termos terá logar no dia 22 do mesmo mez (S. I, art. 69.º).

6.º É prohibido requerer a admissãõ ao mesmo exame em mais d'um lyceu na mesma epocha; os contraventores incorrem na pena de nullidade do exame e da perda das propinas (S. I, art. 67.º e 62.º, § unico).

7.º As propinas de matricula que o alumno tem de pagar são:

a) 13\$500 réis pelos exames de passagem d'um anno completo do curso (S. II, art. 19.º, § unico).

b) 13\$500 réis por todos os exames de passagem que o alumno pretenda fazer, ainda que estes exames pertençam a diferentes annos do curso (S. II, art. 20.º, § 3.º).

c) 13\$500 réis por todos os exames finaes (S. II, art. 24.º, § 2.º).

d) 6\$000 réis por cada exame de sahida (S. I, art. 70.º).

e) 9\$000 réis por cada exame singular d'uma disciplina (Id.)

Secretaria do Lyceu Central de Coimbra, 1.º de maio de 1882.

O Secretario,

José Joaquim Manso-Preto



A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. VI, pag. 298.

# A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient, t. I, pag. 430.

## SEMANARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 23

## NUMERO DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

COIMBRA 8 DE MAIO DE 1882

### O MARQUEZ DE POMBAL

Completam-se hoje cem annos depois que se finou o homem de ferrea energia e de acendrado patriotismo que Portugal glorifica, neste momento, com uma grande explosão triumphal de alegria e de jubilo.

E é bem que o paiz, que premiou Camões com a miseria e Sebastião de Carvalho com o exilio e a deshonra, pague hoje a divida sagrada ao estadista, como já saldou a que contrahira com o poeta.

Quando a nação portugueza reivindica para a gloria o nome do heroe que mais nobilitou e engrandeceu a patria; quando o paiz rememora essa figura gigantea que projecta sobre a historia um largo rasto de luz, ha muito quem lhe regateie os meritos e lhe conteste a gloria, ha muito quem levante, aqui e além, um surdo rumor de hostilidade e odio.

São os espiritos dementados e rancorosos, noctivagos cuja pupilla está affeita ás trevas, cerebros mergulhados no tenebroso mar da insciencia e da loucura.

Felizmente os que outr'ora apertavam e constringiam a humanidade n'um circulo estreitissimo de dogmas e de embustes, vemol-os hoje, espancados pela luz, affastarem-se, em circulos cada vez mais largos, até se perderem afinal na longiqua vermelhidão sangrenta dos occasos.

Synthesisar os serviços prestados á patria pelo Marquez de Pombal, dar uma idéa generica da sua proficua administração é um trabalho herculeo, perante o qual nos sentimos pequenos e mesquinhos.

Enumerar e apreciar os resultados da sua prodigiosa actividade, dizer como elle, no quieto cogitar do gabinete, delineava o plano d'uma reforma integral da instrução publica, ao mesmo passo que, nas luctas da diplomacia e da politica, contava os triumphos pelas batalhas, fazendo-nos respeitados e temidos,—é a tarefa brilhante de que se desempenham magistralmente as celebradas pennas que hoje nos honram com a sua collaboração.

A um facto apenas nos referiremos: a expulsão dos jesuitas.

Quando, em 1769, Clemente XIV subiu á cadeira pontificia, lavravam as maiores divergencias entre Portugal e a curia romana.

Tendo o sacro collegio participado a D. José a eleição d'este papa, Pombal escreveu a minuta da resposta que foi enviada pelo monarcha.

Depois d'isto, Clemente XIV fez de Pombal o seu filho dilecto. Concessões, protestos de amizade, presentes, honras, nada lhe faltou, nem sequer a gloria, tão ardentemente desejada por elle, de alcançar de Roma a abolição da ordem dos jesuitas. A bulla «Dominus ac redemptor noster Jesus Christus» confirmada desde logo por D. José, aboliu finalmente aquella companhia execranda.

Como portuguezes, vimos hoje curvar-nos perante a memória d'aquelle que, na phrase justissima d'um historiador francez, caminhou sempre em linha recta para um unico fim—a grandeza do seu paiz.

Como academicos, veneramos no Marquez de Pombal o sabio reformador, quasi diriamos o portentoso creador, da instrução nacional.

elle, na fecunda e assignalada reforma da Universidade, o primeiro a abrir a livre concorrência do ensino particular com o ensino publico, a proporcionar-lhe meios e a estabelecer-lhe preciosas garantias.

Um dos seus mais valiosos titulos de gloria foi haver comprehendido:—que todo o progresso social, politico, economico, administrativo, moral e juridico, de qualquer estado, é impossivel sem o previo e proporcional desenvolvimento mental da sua respectiva população, e que é prefe-



O MARQUEZ DE POMBAL

Como republicanos, glorificamos n'elle o homem que nivelou as classes, que libertou os escravos, que extinguiu privilegios, que abateu orgulhos e que expulsou d'esta nação os inimigos confessos da civilisação e da liberdade.

Que se junte, pois, ao concerto festivo que resôa por todo o paiz, a nota humilima, mas sincera, da nossa admiração e do nosso preito.

A REDACÇÃO.

### O MARQUEZ DE POMBAL

### A LIBERDADE DE ENSINO

A mais bella e significativa demonstração, que a mocidade Academica podia fazer, em honra e para gloria do sabio e energico ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, é incontestavelmente a fundação de um INSTITUTO DE ENSINO LIVRE; não só pelo assiduo cuidado e apurado esmero, que a instrução publica, em todos os graus, mereceu ao grande homem, o primeiro que, em Portugal, presentiu a futura transformação do estado theologico feudal em estado scientifico industrial, a qual tão vigorosamente se vae operando em nossos dias; mas tambem por haver sido

rivel a dissolução d'esse estado e a morte d'essa nação a vê-la arrastar uma existencia miseravel nas trevas da ignorancia e do fanatismo;—que a actividade esclarecida do homem de estado, como actividade dirigente e complementar das actividades parciaes em que se decompõe o poder de uma nação, deve, assidua e desveladamente, empregar-se na boa direcção do espirito e genio dos povos, dando á instrução publica uma constituição organica persistente e perfectivel.

Determinado por estes dous poderosos motivos, concebeu o grande renovador e reformador da sociedade portugueza, no seculo XVIII, um vasto e complexo plano de instrução e educação publica. Para o executar eficazmente era indispensavel o exercicio energico de duas funcções: uma critica e negativa e, por isso, demolidora; outra positiva e organica, e, portanto, renovadora.

Concebe-se facilmente que um paiz,—assolado pelo jesuitismo dissolvente que desnor-teava, e, corrompendo, enfraquecia as intelligencias na lucta civilisadora do progresso mental e scientifico para as immobilisar, agrihoando as ao poste ignominioso da superstição e do obscurantismo theologico-papal,—em um paiz onde a

inquisição amedrontava as consciencias e queimava na chamma devoradora dos seus autos de fé os melhores livros de propaganda scientifica, e carbonisava os seus humanitarios e intrepidus auctores,—em um paiz onde o ensino era monopólio da Companhia de Jesus, a escola dependencia dos conventos e succursal das sacristias e dos confissionarios,—em um paiz submettido a tão perniciosas influencias educadoras e em taes condições de mentalidade, comprehendese que, para reformar ou renovar a instrução e a educação publica, era forçoso demolir até os fundamentos o passado e o presente, antes de levantar novas e solidas edificações para o futuro.

Começou, pois, por atalhar ou melhor ainda por destruir radicalmente os abusos que se haviam introduzido na educação do povo, que a SOCIEDADE DE JESUS se esforçava por fazer estúpido, fanatico, passivamente subordinado aos seus tenebrosos planos de absorpção e poderio absoluto, e a INQUISIÇÃO apenas alumiaava com o sinistro clarão das suas fogueiras fraticidas.

Removidos os grandes obstaculos, combatidos pela raiz os enormes abusos, inteiramente esgotado o pantano deleterio, do qual se levantavam e difundiam os miasmas da corrupção jesuitica, começou de pôr em execução o seu vasto e complexo projecto de direcção e administração litteraria e scientifica, destinadas a preparar, em todas as classes, cidadãos capazes de cooperar por seus talentos e habilitações adequadas á grandeza, poderio e aperfeiçoamento do estado social portuguez.

E assim o vemos, em 1766, inaugurar, com luzimento e apparatosa pompa, o Collegio dos nobres, destinado á educação intellectual e moral das classes aristocraticas, e cujo programma abraçava as letras, as sciencias e as bellas artes, tudo quanto, dignamente, podesse fazer realçar, em meritos superiores adquiridos, a hereditaria superioridade do nascimento e dos bens de fortuna.

E provendo assim, com tanta liberalidade, rasgadamente á educação dos filhos dos nobres e opulentos, não descurou a educação dos ignorados filhos do povo indigente e humilde, antes nisto, como em tudo, observou rigorosamente o principio de uma bem entendida egualdade relativa, sem duvida como se comprehende hoje, mas que os nossos governos de hoje evitam cumprir e observar escrupulosamente.

A fundação do instituto ou collegio, destinado para a educação e instrução dos filhos das classes nobres e ricas, seguiu-se immediatamente a criação de escolas para os filhos das classes populares e desvalidas: a estas escolas publicas deviam concorrer os filhos dos artífices e das familias pobres, para ahí, durante pelo menos oito annos, receberem os beneficios da instrução primaria e elemental, e fazerem a aprendizagem de um officio ou arte, que os habilitasse a ganhar, honradamente, os meios de subsistencia e a agenciar as condições de sua independencia no estado social.

O digno e generoso ministro, creando escolas elementares e profissionais em beneficio do povo, manifestou claramente o desejo e a intenção de que nem uma só villa, nem uma só aldeia deixasse de ter professores capazes de educar e instruir a



moidade portugueza, em tudo aquillo que é absolutamente indispensavel a todo e qualquer homem, seja qual for o seu estado e condição. A ignorancia, pensava elle, é a maior das vergonhas nacionaes: e para combater a ignorancia do povo lutou elle constantemente, infatigavelmente; se conseguiram affastal-o da luta, não puderam vencer-o nos ataques que o genio d'este grande homem dirigiu, sem treguas nem hesitações, contra o obscurantismo resistente e a obstinada reacção politica e religiosa do seu tempo.

A estas reformas vieram ajuntar-se outras providencias importantes e complementares, taes são:—o impulso e desenvolvimento dados á arte typographica e á imprensa;—a traducção dos melhores livros francezes e inglezes, para que o espirito moderno e as ideias novas penetrassem e se acclimatasssem em Portugal;—a instituição de um subsidio annual em favor das letras;—a suppressão de muitos conventos inuteis, transformados, com suas rendas, em casas de educação e beneficencia, e por ultimo, como remate e magestosa cupula, para construcção de tão solida e magnificente fabrica,—a reforma da Universidade de Coimbra, em 1772, que bem melhor se poderia chamar creação do ensino superior; pois era tal e tão deploravel o estado a que a invasão e influencia jesuitica haviam reduzido o nosso primeiro estabelecimento scientifico e litterario, que, no dizer de um escriptor, a Universidade só produzia ignorantes, tanto mais perigosos, quanto mais sabios queriam parecer e se inculcavam.

E' nos famosos e, em todo o mundo, celebres *Estatutos*, com que o marquez de Pombal dotou, em 1772, a Universidade de Coimbra, que se ostenta, em toda a sua grandeza e intensidade, a luz brilhantissima do seu eminente genio reformador.

É tambem n'esses *Estatutos*, que muitos hoje condemnam sem os julgar, por os não haverem lido, e outros deprimem por excessivamente autoritarios e retrogradados, que se lançaram as bases, e estabeleceram os meios e as garantias do ensino livre e da concorrência do professorado particular com o magisterio publico, na elevada funcção de adquirir e propagar as sciencias.

E para lição de todos, e principalmente d'aquelles que, por ignorancia, desconhecem a organização dada por Pombal á Universidade, ou, por má fé e malevolencia, se persuadem que, deprimindo a reforma josephina, rebaixam o nosso primeiro instituto official de ensino superior, o qual, á parte algumas alterações, ainda hoje vive e governa por tão alevantado, completo e perfectivel systema organico e disciplinar, aqui transcrevemos as partes principaes dos *Estatutos*, que se referem á liberdade de ensino e á concorrência do professorado particular com o professorado publico e official na mesma Universidade.

«Quanto mais se multiplicarem as Lições das Escolas; tanto mais se multiplicarão os Instrumentos do Ensino publico; e tanto mais se augmentarão os meios de se adquirir, e propagar a Sciencia.

2 Pelo que havendo alguns Doutores (e ainda Bachareis) que para seu exercicio queiram ler nas Escolas; farão Petição ao Reitor, para que lhes assiné Aula, e hora, em que leiam; declarando a materia, em que quizerem ler.

3 O Reitor fará examinar as ditas Petições pela Congregação da Faculdade. Se elles tiverem a capacidade, a Sciencia, que se requerem para serem admittidos a ler publicamente nas Escolas; e se a materia, que elles quizerem ler, for util, e conveniente ao bom progresso dos Estudos; e puder servir de proveito aos Ouvintes; então se lhes concederá a licença pedida.

4 E neste caso, não só se lhes assina-rão Aulas; e hora, em que leiam; aproveitando-se para este fim a *Terceira Hora* da tarde, por nella terem já cessado as Lições Ordinarias dos Professores Publicos; e poderem os Estudantes, que quizerem utilizar-se das ditas Lições Extraordinarias, assistir a ellas, e ouviras, sem que por causa dellas se divirtam, e se apartem das proprias Aulas, e deixem de ouvir as Lições Ordinarias dos Mestres; mas tambem se promoverão as mesmas

Lições Extraordinarias; louvando-se muito aos Leitores dellas a sua applicação, e projecto.

6 Os Oppositores, ou Bachareis, que quizerem exercitar-se nestas Lições, cuidarão muito, em que ellas sejam fructuosas aos Ouvintes. E para que o possam ser; não lerão em materias vulgares, que não necessitem de illustração; Escolherão sempre para assumpto das suas Lições, materias, que não sejam triviaes, e que possam ceder em maior illustração; Porque sendo isto assim praticado; ficarão sendo as Lições Extraordinarias Subsidiarias das Ordinarias; e por meio dellas se ampliará a Doutrina publica em Pontos, e Artigos, que sejam interessantes aos Ouvintes.»

É certo que, a par d'esta amplissima liberdade, se encontram prudentes restricções e boas cautellas, com o fim de prevenir abusos e evitar excessos; e tambem é certo que, passado tempo, o proprio Marquez de Pombal se viu na dura necessidade de a suspender e cortar, porque aquelles mesmos professores, que, por incapacidade ou pernicioso influencia jesuitica, haviam sido expulsos do magisterio, foram os primeiros que, por odio e vingança, pretenderam aproveitar-se d'ella.

Tudo isto porém em nada invalida ou diminue o subido valor e alto merecimento dos principios e ideias ali consignadas, e que á posteridade competia revigorar e desenvolver, e não esquecer e contrariar como se tem feito e ainda hoje está praticando, principalmente com a imprensa democratica e com o ensino secundario e superior.

Tambem é, para aquelle tempo e, perante um governo centralizador e auctoritario, amplissima e surpreendente a esphera de liberdade traçada aos professores em assumptos philosophicos, nomeadamente nos cursos de *Direito Publico, Direito Natural e das Gentes*, precisamente nos ramos da sciencia do Direito, que mais decisiva influencia podiam exercer na já então irresistivel tendencia e direcção dos espiritos para a liberdade de pensar contra o jugo do poder absoluto e da auctoridade preventiva e repressiva dos governos.

Para o comprovar, aqui transcrevemos alguns dos preceitos, com que os *Estatutos* pretendem esclarecer e disciplinar os professores incumbidos do ensino dos indicados ramos da sciencia social e juridica.

«2 Porém para que em todas as ditas Lições possa sempre o mesmo Professor acertar com os legitimos meios de descobrir, e de demonstrar as Leis Naturaes; e para que não aconteça apartar-se algumas vezes do verdadeiro caminho d'esta importante Disciplina, por falta do bom conhecimento, e da devida observancia das precauções; e do modo, que deve observar na indagação, e deducção das Leis Naturaes; e da authority, que sobre ellas se deve seguir: Terá sempre deante dos olhos os documentos seguintes.

3 Na certeza de que a Jurisprudencia Natural he uma parte da Filosofia Prática, e de que não ha outro algum principio, nem meio da boa noção della, que não seja a razão; esta seguirá sómente o Professor nas suas Lições; e este será unicamente o Tribunal, á que deva pedir as luzes, e os principios para as suas decisões.

4 Não haverá Systema algum Filosofico, a que Elle inteiramente sobscrava na exploração, e demonstração das Leis Naturaes: Antes pelo contrario a Filosofia, que Elle devera seguir, será precisamente a *Eclectica*.

5 Não haverá Author, que sirva de Texto, sem excepção de Grocio, e de Puffendorf, não obstante haverem sido os Restauradores da Disciplina do Direito Natural. Sim respeitará o Professor a sua authority, como dos primeiros Mestres desta Disciplina; mas nem ella fixará o seu assenso, nem porá grilhões ao seu discurso.

6 Como Cidadão livre, do Imperio da Razão procurará o Professor a verdade, a ordem, a deducção, o methodo, e a demonstração, onde quer que a achar. Onde aquelles dous Doutores se tiveram desviado da Justiça Natural; onde tiveram

claudicado; onde os seus Discipulos se lhes tiveram adiantado em qualquer das referidas circumstancias; onde tiverem passado com a prespacia dos seus discursos além dos marcos, e balizas, que Elles fixáram; onde Elle mesmo com o seu proprio entendimento atinar melhor com a Razão; deixará de seguillos, e abraçará sempre o melhor.

7 O Codigo da Humanidade será sómente o Authentico. Os Preceitos, que a Natureza escreveu nos corações do Homem, serão unicamente os que nesta Jurisprudencia tenham authority, e força de Lei.

9 A Razão será pois a sua primeira Mestra; o Oraculo, a que elle primeiro recorra, e que primeiro consulte. Esta he a Fonte de toda a Legislação da Natureza.»

Recommendo, porém, os *Estatutos* ao professor que confronte as produções da razão com a doutrina religiosa, e procure a perfeita harmonia e concordia da razão com a fé, pretendem alguns sustentar que a amplissima liberdade philosophica, que os mesmos *Estatutos* garantem aos professores, é, logo depois, destruida e aniquilada pela sugeição da *philosophia* ao criterio da *revelação* e das *verdades scientificas* aos *preceitos theologicos*.

Mas, ao mesmo tempo que os *Estatutos* fazem tão instantemente uma tal recommendação, declaram, de um modo terminante e positivo, que «a fé não é nem pôde ser fonte e principio dos conhecimentos naturaes, nem servir-lhes de demonstração, porque o mesmo seria confundir a *disciplina natural* com a *theologia revelada*».

No *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da Invasão dos Denominados Jesuitas*, que serve como de preambulo e exposição de motivos dos *Estatutos* de 1772, entre os *estragos*, causados pelas *mortiferas inundações*, que do *venenoso charco*, a que a *perversa Sociedade* ou *Companhia de Jesus* havia reduzido a Universidade, para se *diffundirem em todos estes Reinos* aponta-se, como um dos mais desastrosos,—o *desprezo* e por fim o *desterro* e a completa omissão do *Direito Natural*, com a *razão espiciosa e frivola de esta disciplina não ser necessaria aos christãos, por gozarem estes do beneficio da Revelação*, cujas luzes são *incomparavelmente mais resplandecentes, e illuminam melhor os espiritos*, etc.

Ora quem considera um terrivel estrago a substituição da *philosophia Natural* pela *theologia revelada*, e afirma que esta não pôde ser nem fonte de principios nem de demonstrações d'aquella; quem ordena ao professor que se não submetta á auctoridade de *Grocio* e de *Puffendorf*, embora se devam considerar os primeiros restauradores do Direito Natural, porque elle é o *cidadão livre do imperio da razão*; não podia ter na mente, limitar a razão por meio da revelação e agrihoar a liberdade philosophica do professor ao *Velho e Novo Testamento*, ás *Decisões dos Concilios* e ao *Index Expurgatorio*. Afigura-se-nos que a intenção era inteiramente opposta áquella que as palavras, litteralmente, significam. Ser-nos-ia facil proval-o, se podessemos alongar mais este nosso estudo.

M. E. Garcia.

Resuscitaram os jacobeus para insultar o Marquez de Pombal. Todas as toupeiras que n'este paiz, que foi seu, minam em silencio a moral, a liberdade, a familia, sentiram-se como enfumadas nas suas tocas pelos primeiros rumores do centenario de Pombal, e correram ensandecidas até á flôr da terra, a escutar que ruidos festivos eram esses, que se faziam em volta de um nome, que symbolisa todos os seus odios: e cil-os a recomecem a longa ladainha de injurias e doestras comecada pela beata louca D. Maria I, e interrompida durante um seculo.

Estas velhas raivasinhas jesuiticas, que durante mais de cem annos se conservaram no silencio, como o sapo na sua pedra, tem isso de cobarde: manifestam-se mais desassombradas, quasi alegres, desde que se certificaram de que não existe já o homem, que depois de ter despedaçado a monstruoso verme gerado no cerebro de Loyolla, ainda lhe sobejára energia para metter na prisão o bispo de Coimbra, que se arvorou em chefe de insultadores, e

para obter de Clemente XIV a substituição d'esse prelado, *nolente etiam ac in-vite*.

Sabem que já não existe esse braço, que os esmagou, e que da sua raça não ficou nenhum; e eis porque rejubilam sobre os degraus do throno, sonhando já de novo com os bons tempos de D. João V: e eis porque se atrevem a levantar o collo, e a vibrar contra as manifestações populares a sua lingua farpada de reptil.

E accusam de cruel o homem, que nós celebramos por nos ter livrado d'elles; e accusam de tyranno o homem, que nós glorificamos por ter resuscitado Lisboa o paiz; e accusam de anti-liberal o homem, que acabou com as odiosas distincções de christãos novos e christãos velhos, primeiro golpe na inquisição; que libertou os escravos, e que cobriu o paiz de escolas.

Tudo isto, porque, empenhado n'uma luta a todo o transcurso com inimigos poderosos e sem escrúpulos, o Marquez de Pombal usou para com elles da força, que lhe dera a sua incontestavel superioridade.

Sem repararem em que o argumento é inepto e impertinente, porque ninguém lhes disse ainda que o centenario de Pombal tinha por objecto celebrar asua doçura evangelica, como irmão do Santissimo ou socio da Protectora.

Mas assim devia ser. Em troca da sua preponderancia no governo, os jesuitas deviam effectivamente á monarchia estes auxilios.

N'um paiz e n'um tempo em que um Fontes inchado, ou um Hintze balôfo, se tornam omnipotentes para fazerem tractadas, e festas e syndicatos e penitenciarías, vem muito a proposito a accusação de tyranno dirigida a um Sebastião José de Carvalho e Mello, porque do reino beato e podre de D. João V fez uma nação prospera e respeitada; porque dos destroços da velha Lisboa entregues ás chammias e á pilhagem fez surgir em poucos annos a nova Lisboa; porque agarrou pelo pescoço a medonha serpente jesuitica, que na Europa lactava de potencia a potencia com os mais fortes governos, e a arrojou para longe d'esta terra, que ella tinha devastado; porque reformou e organizou o ensino, desde a Universidade até ás escolas primarias, creando de novo institutos que ainda duram; porque beneficiou a propriedade, com sabias leis sobre os morgados e corporações de mão morta; porque combateu com mão firme o monopolio; porque poz ordem no thesouro e nas alfandegas; porque favoreceu as industrias, apesar das tractadas, com que já então nos vendia o egoismo monarchico; porque libertou o arsenal de peza-dissimos encargos que o oneravam; porque reorganizou a marinha, creando uma escola especial, e construindo muitas fragatas e navios; porque fez o exercito, elevando-o a quarenta e tantos mil homens, e disciplinando-os; porque, em summa, encontrando o reino quasi-reduzido á perfeição jesuitica—*perinde ac cadaver*—, fez tudo o que fica apontado e o mais que a historia conta, deixando ao sahir do governo 78 milhões de cruzados nesse thesouro exaustivo, em que D. João V não encontrára com que mandar dizer uma missa.

Vem, pois, muito a proposito essas accusações; e as distincções casuisticas e as restricções mentaes, com que o governo e os seus deputados acompanharam grotescamente a sua esmola de bronze para o monumento, têm tambem todo o logar.

Porque, a falar a verdade, esse poder discrecional e absoluto, que o Marquez de Pombal empregava mesquinhamente em resuscitar um Lazaro, emprega-o hoje qualquer Fontes em fazer festas á Fouquet, e em lançar impostos á Mazarini; emprega-o qualquer Hintze em fazer syndicatos, e não já *castellos* mas caminhos de ferro em Hespanha; emprega-o qualquer Arrobas em espatifar e suspender por sua conta e risco todas as garantias da liberdade, no santo empenho de desencovar a hydra, que o escarnece; e tudo isto muito mais grandiosamente, muito mais liberalmente.

Deixemol-os vasar o seu fel. O monumento do Marquez de Pombal, não o que o governo lhe erigir com o tal bronze hypothetico, mas o que vae levantar-lhe na historia o reconhecimento do povo, não se irá de certo a baixo com o coaxar d'estes batracios; pelo contrario, enfloram-lhe o pedestal estes despeitos dos vencidos; e, se ha facto que possa dar testemunho das suas altissimas e excep-



cionaes qualidades, é ver como ainda pasado um seculo, o odeiam cordealmente os inimigos convictos e confessos de todo o progresso, de toda a sciencia, de toda a civilisação.

Silva Lisboa.

O GRANDE MARQUEZ

Para muitos será inexplicavel, senão de todo absurdo, que a democracia portu-

bitaneamente tomados de uma piedade retroactiva, que, se não fôr talvez hypocrita, seria merecedora de maiores encomios, desaparece a luz da cruel penalidade que ainda não havia penetrado nos codigos a grande revolução do direito e da humanidade, que baniu e infamou as penas e castigos de sangue. A sciencia ainda não está para a letra impassivel das leis o dogma da inviolabilidade da vida humana. Ainda um seculo depois na culta Europa os apóstolos do bem prégam a cruzada, para apagar da legislação os derradeiros vestígios

da patria, as peripecias dramaticas do tempo de D. José, antes engrandecem a estatura d'aquelle homem terrivel e grande, —maior que as construcções erigidas em a nossa opulenta Lisboa, maior que o vosso odio secular e theologico, ó jesuitas!

Foi um predecessor da nossa democracia essa altiva figura, que alcançou e removeu as grandes causas do abatimento nacional. Dois seculos haviam já passado em vergonhosa dissolução de todos os elementos da sociedade portugueza. Illaqueavamos por todos os lados o theologismo; e a robusta florescencia do Portugal an-

das sciencias humanas penetrou nos mais humildes e obscuros recessos, clareando os valles e os oiteiros, as planicies e os montes. A era do theologismo acabára; —começara a era scientifica.

Ora a sciencia é a base fundamental, unica e verdadeira, da democracia.

Um homem só, com a sua poderosa vontade, fez esta revolução heroica.

Cognominado á moda do tempo, esse homem ficou na historia com o nome de —MARQUEZ DE POMBAL.

—O GRANDE MARQUEZ,—lhe chamam os estrangeiros. Augusto Rocha.

MINUTA DA RESPOSTA DE D. JOSÉ AO PAPA CLEMENTE XIV ESCRITA PELO PUNHO DO MARQUEZ DE POMBAL

Beatissimo Padre.

O Brevé da Sagrada mãe de Vossa Santidade, que me apresentou a mais nova do universo alarde, com que os Sufrajos do Conclave se uniram no claro conhecimento dos Vinteiros da Sabedoria, e veneráveis virtudes, que a Mão Omnipotente abençoou na deusotissima Pessoa de Vossa Santidade, para a ellevar á suprema dignidade de Cabeça Visível da Igreja Universal, foi para mim de todos o que he mais contentamento, que era issegravação de hum Filho tão amante, tão devoto, como eu o fui sempre, e serai, da Sede Apostolica; vendo a seadeira de São Pedro tão dignamente occupada por hum Filho Espiritual aplaudido, e canonizado, pela acceitação, e aclamação, e exaltação. Não vou esquecer a Vossa Santidade que tomou toda a quella grande parte, que, não cabendo no presente, espero que testifiquem a Vossa Santidade nos longos annos que me aguarda, e de seio ao seu Filho Pontificado, com o grande amor, respeito, e obediencia em tudo que a minha possibilidade o puder permittir. O mesmo prazor, e os mesmos sentimentos, affectos se me chevan os Corações de toda esta Real Familia quando se devesse a christica benção, que Vossa Santidade me inorou. Na qual me lembro com ella, e com todos os Reis, e Príncipes, e Dominios, vivamente penetrado da minha vida, e fidalgueria. Bahem a 20 de Junho de 1769.

Sobre. scripto

Alto Beattissimo Senhor  
Papa Clemente XIV hora  
Presidente na Universal  
Igreja de Deus.  
Muito Obediente Filho de Vossa  
Santidade  
Joseph.

queza considere predecessor o Marquez de Pombal—o ministro despotico de um rei devasso, como lhe chamou o sr. Camillo Castello Branco. Comtudo essa qualidade não lh'a tiram os sabedores da historia patria, por mais que agitem no puro ceu luminoso da nossa vida social moderna os retalhos ensanguentados das tristes vestiduras, que enrouparam, nos seus derradeiros momentos, as nobilissimas victimas, sacrificadas á justa implacavel de Sebastião José de Carvalho.

Esse triste espectáculo, repugnante sobretudo para muitos contemporaneos, su-

da imperfeita civilisação medievica. E não obstante exige-se que o Marquez mandasse castigar, pelo processo de algumas querellas suaves, aquelles fidalgos criminosos, a que jurs compassivos restituiriam em tempo opportuno ao doce remanso do lar!!

Sim! Piedosos contemporaneos meus, podeis reeditar toda essa historia tragica! Podeis commover os corações condoídos! Podeis bradar—horror... em todas as lingoas cultas! A civilisação assenta sobre vastos montões de ruinas, e alguns fidalgos a mais ou a menos não empecerão a sua marcha triumphante. As catastrophes

tigo murchara em todas as suas vivazes corollas, como seccára a seiva fecunda que produzira as façanhas nacionaes. A sciencia, este sol animador, sobredourava com a sua luz purissima as cumiadas dos montes europeus, sem ainda illuminar as cimas das nossas collinas. Pareciamos destinados á atrophia inevitavel que nos órgãos sociaes, como nos do corpo, ocasiona a inactividade. Subito sentiu-se no solo um abalo formidavel, e das ruinas ergueram-se logo os monumentos, da negrura dos covis daminhos esvoaçaram as aves noctivagas e agoueiradas, e o clarão

O DESPOTISMO

DO

MARQUEZ DE POMBAL

Eu tenho por esta vigorosa figura do Marquez de Pombal a veneração entusiastica, que voto a todos esses raros espiritos, que, penetrados da consciencia de um alto destino civilizador, caminham



direitos ao seu fim sem hesitações nem subterfugios, afastando todos os estorvos e aniquilando todas as resistências que se oppõem á sua passagem.

Chamam-lhe cruel e despotico os que se lhe atravessaram no caminho e que elle arredou com a brutalidade impaciente de quem não quer ser perturbado no trabalho, a que votou todas as energias da existencia e em que fundou todas as esperanças de gloria.

Eu creio tambem que elle foi cruel e despotico, mas os que lhe fazem d'isso um crime accusam-n'o não pelos martyrios derivados d'essas crueldades, mas justamente pelo contrario, pelos beneficios que nos advieram d'esse despotismo.

Abençoada violencia a que persegue a ignorancia e a que dá caça ao fanatismo!

Foi contra essas duas causas da nossa decadencia e da nossa ignominia que elle vibrou todos os raios da sua colera implacavel.

Exigir do Marquez de Pombal que elle, no Portugal do seculo xviii, fosse, como reformador, um estadista pacifico e brando, é exigir que elle se annullasse, sacrificando ás pequenas exigencias de uma sentimentalidade pueril e inepta todo um plano de transformação e de regeneração de uma nacionalidade moribunda; é exigir d'um general, que se vê em frente de um inimigo cem vezes superior em forças, que não lance mão de todos os recursos do seu talento estrategico para o derrotar a pretexto de que vae com isso sacrificar a vida de alguns soldados.

A um homem de estado, como a um general, ganha a victoria em beneficio da civilização, não se pergunta se foi cruel, pergunta-se se podia deixar de o ser, porque na politica, como na guerra, a moralidade é a necessidade.

Podia o Marquez de Pombal reformar desde os fundamentos a sociedade portugueza do seculo xviii, sem esmagar os estorvos que se oppunham a essa grande obra de emancipação? Cremos que não podia. E, se não podia, era-lhe licito hesitar entre os beneficios d'essa transformação e a necessidade dos meios para a conseguir? Não era, sob pena de ineptia e de covardia, e nem uma nem outra cousa estavam no genio e na indole do Marquez de Pombal.

Alexandre da Conceição.

## O MARQUEZ DE POMBAL

Eu não sou partidario da theoria dos grandes homens, dos homens providenciaes, dos que resumem em si as aspirações d'um povo inteiro, e pretendem traduzil-as por meios coercitivos nas instituições sociais.

Sou primeiro que tudo individualista, sectario do *self-government*.

A theoria dos grandes homens, e do socialismo governamental, conduz fatalmente á dictadura, ao cesarismo, isto é ao sacrificio violento da liberdade e da dignidade humana.

Sem embargo de professar taes idéas, orgulho-me de prestar a mais sincera e calorosa homenagem á memoria do Marquez de Pombal, um dos raros grandes homens d'este pequeno paiz.

Faço acto de incoherencia? E' possivel. Mas acima das exigencias da logica está o reconhecimento que nós todos devemos ao homem que mais serviços nos prestou em todo o decurso da nossa historia.

Foi violento e cruel—é verdade—mas qual é o reformador social que se não vê forçado a quebrar os obstaculos, as resistências que se oppõem á sua acção civilisadora e patriótica? Christo, o symbolo da mansidão e da doçura, não correu a chicote os que mercadejavam no templo?... Que muito pois que o Marquez de Pombal que queria limpar o seu paiz da lepra jesuitica, e levantal-o do abatimento em que o achou, se irritasse contra os que o contrariavam, e abusasse por vezes da força que tinha á sua disposição? Não era o bem do seu paiz o mobil superior de todos os seus actos, bons ou maus, justos ou injustos? Não foi para nos emancipar do estrangeiro, e fazer de nós o que já tínhamos sido—uma grande nação—que elle trabalhou durante toda a sua dictadura?

Bem sei que os fins não justificam os meios, mas é certo tambem que as idéas da época e o caracter pessoal e irrespon-

savel do poder como que auctorisavam o emprego dos meios violentos.

Em summa: posto que me não seduza a theoria dos homens providenciaes, inclino-me reverente perante a memoria do grande estadista que consagrou todos os seus esforços, toda a sua intelligencia, toda a sua extraordinaria energia, á regeneração do seu paiz.

Grandola, 24 d'abril de 1882.

José Jacintho Nunes.

## MISSÃO HISTORICA

DO

## MARQUEZ DE POMBAL

A moral da acção politica e administrativa do Marquez de Pombal resume-se em poucas palavras: favoreceu indirectamente o advento das instituições liberaes, porque impondo ao seu tempo o poder real absoluto, teve para esse fim de enfraquecer os dois poderes do clericalismo e da aristocracia, que mantinham este paiz na invencivel immobilidade de regimen catholico-feudal. Engrandecendo o poder

absoluto, o Marquez de Pombal subalternou a pessoa de D. João V de uma soberania theocratica á sua mediocridade, exercendo do rei uma soberania real.

Caracterizou lucidamente este facto geral na historia da Europa do seculo XVIII, considerando o apparecimento dos grandes estadistas como uma abdicção espontanea da realza e intervenção de um poder novo, a capacidade ministerial derivada não do prestigio da tradição mas do reconhecimento de uma superioridade espiritual. Teve Pombal a consciencia da sua obra? Cremos que não. Uma grande cheia rompe um cabedelo e desobstrue uma barra; é uma força bruta da natureza de que a actividade humana se aproveita. Foi assim o Marquez de Pombal, desobstruiu o caminho para uma mais facil eliminação da realza, embora essa obra saísse contraria ao seu intuito. A sua acção, a sua propria individualidade, annullando ou subalternando o poder monarchico hereditario diante da superioridade do poder ministerial, revelam-nos que se approssima a época em que a soberania, derivada da nação, será delegada no mais competente.

Theophilo Braga.

## CURRENTE CALAMO

Traços para fazer um quadro immorreitoiro.

Depois do terramoto a Capital em ruínas.  
D'uma janella em frente ás aguas crystallinas  
que o sol acaricia em reflexos d'oiro,  
destaca-se na luz, soberba d'altivez,  
encarando, atravez dos vidros da luneta,  
a nau que arrebatava os corvos de roupeta,  
a olympica figura antiga do Marquez.

João.

## O CORVO

No principio do mundo, o Corvo astuto e feio,  
tinha as azas da côr do nacar, tinha o seio

mais alvo que o marfim e as cêrulas espumas.  
Ave nenhuma tinha avelludadas plumas

como elle, que excedia em gentileza o Cysne.  
Porém, como não ha rosa que se não tisne,

astro que não se escondia, e amante que não chore,  
nem perfume, nem flôr, que nunca se evapore,

o Corvo, como reza a fábula d'Ovidio,  
soffreu tambem um dia o tenebroso excidio.

O castigo, ao cahir sobre elle, como açoite,  
deu-lhe ás azas de neve a escuridão da Noite.

Porque motivo Deus transformaria o Corvo,  
dando á belleza antiga aspecto immundo e torvo?

Porque tingiu de negro as pennas de setim  
mais alvas que o lilaz? Diz a fabula assim:

Accusou de traição, ao Deus que desatina,  
Corónis, a belleza escultural e fina,

deixando-se envolver na complicada malha  
do embuste que lhe tece a perversa gralha.

Ora a fabula tem moralidade antiga.  
Depois de lhe contar, oh languida Inimiga!

que nunca me esqueci d'aquelle amor sublime,  
accusou-me tambem do miseravel crime,

sabendo que o meu peito em convulsões naufraga  
ao sopro da Paixão na tumultuaria vaga!

Para que disse áquelle ingenuo colibri,  
que da innocencia d'elle o meu cynismo ri,

que eu sou como esses vãos espiritos de lama  
que desprezam o affecto e riem de quem ama?

Como excede tambem na gentileza o Cysne,  
e decerto não ha rosa que se não tisne,

Ah! se ainda conserva o gesto do cordeiro  
e nos labios de fogo o riso traçoero,  
eu, punição igual á injuria, não concebo!  
Mas Jupiter mudou em gata a irmã de Phebo...

Antonio Feijó.

## AS DUAS BESTAS DE CARGA

(DE LA FONTAINE)

Uma vez uma besta do thesouro,  
Uma besta fiscal,  
Ia de volta para a capital,  
Carregada de cobre, prata e ouro,  
E no caminho  
Encontra-se com outra carregada  
De cevada,  
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adiante  
Largo espaço,  
Colleando arrogante,  
E a cada passo  
Repicando a choquilha  
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha  
De ladrões,  
Como leões,  
E qual mais presto  
Se lhe agarra ao cabresto.  
Ella reguinga, dá uma sacada  
Já cuidando

Que desfazia o bando:  
Mas, coitada!  
Foi tanta a bordoada,  
Que exclamava emfim  
A besta official:  
—Nunca imaginei tal!  
Tratada assim  
Uma besta real!  
Mas aquella que vinha atraz de mim,  
Porque a não tratais mal?

—Minha amiga, cá vou no meu socego:  
Tu tens um bello emprego!  
Tu sustentas-te a milho, e eu a troços!  
Tu lá serves El-rei, e eu um moleiro!  
Eu acarreto grão, e tu dinheiro!  
Ossos do officio, que o não ha sem ossos.

João de Deus.

## QUANDO CÓRO

D'estas lagrimas que choro  
Quando córo,  
Cada gota que deslisa  
Crystallisa.

Neste rubor que me aquece  
Estremece  
Um sonho que ainda quero,  
E que venero.

Sonho apenas!... Mal desperto,  
Vejo aberto,  
Na valla d'um cemiterio,  
Esse imperio.

Do teu altar derrocado,  
—Meu passado!—  
No orgulho que me accordaste  
Sossobreste...

Pois das lagrimas que choro  
Quando córo  
Cada gota que deslisa  
Crystallisa.

Coimbra.

Luiz Osorio.

## LACRYMAE

Eu perguntei o que era amor á rosa.  
«É como nós: corolla avelludada,  
Uma cor attrahente, voluptuosa,  
Porém toda d'espinhos circumdada.»

Os malmequeres brancos consultei  
Sobre se sim ou não eu era amado.  
Uma por uma as folhas arranquei  
E d'um malmequer branco desfolhado

A derradeira respondeu-me—não!  
Banhou-se-me de pranto o coração:  
Se é fraqueza chorar nos seus amores,

—Lagrimas verte o monte, que é granito,  
E o ceu, o proprio ceu, que é infinito,  
Chora tambem no calice das flores.

Eduardo d'Araujo.



# A EVOLUÇÃO



A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 1. pag. 430.

## SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 24

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 15 DE MAIO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

### O CENTENARIO

A esplendida glorificação que o paiz acaba de realizar é um cathorico e solemne desmentido á opinião dos que pensam que a nação portugueza está irremediavelmente perdida, que ella não tem a elevada comprehensão do seu glorioso destino, que ella é radicalmente impotente para conservar a sua autonomia na grande *struggle for life* do progresso, em que se acham a um tempo envolvidos homens e nações, individuos e collectividades.

Se ás vezes podemos desanimar, á vista de factos relativamente pouco importantes; se deixamos, de quando em quando, os nossos brios patrioticos cedermos ás suggestões do nosso pessimismo,—quanto nos consola, presentemente, a ideia de que a nação sabe, quando excitada por um pensamento levantado, mostrar que a sua função não terminou por ora, que no seu organismo corre ainda um sangue juvenil e ardente, e que no seu coração vive em plena exuberancia a tradição augusta do patriotismo e da gloria.

O centenario de Camões e o de Pombal são as provas inconcussas da vitalidade d'este paiz, que a muitos parece moribundo, mas que está apenas adormecido.

Dêem-lhe as fortes commoções gloriosas, façam-lhe vibrar a corda do patriotismo, e elle desperta immediatamente do seu lethargo, dando inequivocos signaes d'uma vitalidade exuberante.

Foi isto o que tentou com o melhor exito a mocidade das escolas portuguezas. Aquelles que acolheram com um frio sorriso de incredulidade ou de escarneo a sua generosa iniciativa devem hoje penitenciar-se da injustiça com que julgaram e da má vontade de que estavam animados.

Quando uma festa é verdadeira e genuinamente nacional, como foram os dois centenarios, são impotentes para a annular toda a opposição dos governos e todo o odio dos catholicos.

A comissão academica, auxiliada pelo povo portuguez, soube triumphar com galhardia e intemerato arrojo dos obstaculos que lhe levantaram no caminho.

Se algumas vezes foi vencida pela força estúpida e incondicional da auctoridade, protestou vehementemente, como o fez a respeito da exclusão do cortejo civico de todos os centros republicanos n'um documento cheio de energia e de nobre indignação.

Que delirante entusiasmo, que fervorosas saudações não trocaram reciprocamente no glorioso dia 8 de maio todas

as classes, todos os cidadãos d'esta pequena nacionalidade!

Compare-se a animação d'estas festas com a frieza glacial da recepção de Afonso XII. E que estas traduzem o jubilo d'uma nação, aquellas os cumprimentos de dois homens; é que estas são as festas do povo, aquellas as festas dos reis.

E, porque o centenario não era uma manifestação de servilismo monarchico, Sua Magestade houve por bem retirar-se ao seu palacio depois da inauguração da estatua.

Fez bem. A incompatibilidade entre o povo e o monarcha está ha muito estabelecida. A sua presença era um ultrage; retirando-se, cumpriu o seu dever.

A academia portugueza mostrou que tinha a mais alta comprehensão da sua missão social; e o povo, que a aclamou delirantemente, sabe que é n'ella que tem de depositar as suas esperanças, conhece que é d'ella que ha de vir a regeneração d'este paiz.

### FESTEJOS POMBALINOS

Coimbra

Dia 6

SARAU

Fallou primeiramente o sr. Silva Cordeiro. Era a primeira vez que iam ouvir o apreciavel auctor dos *Ensaios de Philosophia da Historia*. Conservavamos ainda a impressão da recente leitura d'aquella sua bem rendilhada obra. Conheciamos o sr. Silva Cordeiro como um rapaz trabalhador, que d'entre as *estopadas* do Direito civil, como francamente confessa, lança á publicidade n'este meio, em que a legendaria *sebenta* filtra surdamente a sua influencia enervante, um largo estudo philosophico maduramente reflectido e exposto n'um estylo, que não é precisamente o da *adorada sebenta*. E não foi sem uma benevolencia curiosidade que esperámos a estreia d'este sympathico rapaz nos dominios da oratoria.

Chegámos, depois de o ouvirmos com toda a attenção que nos merece, á seguinte conclusão, que em nada prejudica os creditos do sr. Cordeiro: que qualquer dos capitulos da sua obra é mil vezes superior ao seu discurso do dia 6.

Consta-nos que vae ser impresso, e folgarão então de collocar a par do que já lhe conhecemos este seu discurso, que decerto tinha motivo para desejar a poderosa voz e a ampla figura d'um Mirabeau ou d'um José Estevão.

Que o sr. Silva Cordeiro nos não leve a mal esta franca expressão do que então pensámos dos seus meritos como escriptor e como orador.

Um trio executado primorosamente em rebecca, flauta e piano pelos srs. Medeiros, Paes e Macedo deliciaram em seguida o auditorio, por alguns momentos.

Tivemos o prazer de ouvir em seguida o

sr. Feijó na recitação magistral da sua esplendida poesia. A lucta cyclopica do homem contra os elementos, em todas as idades, é assombrosamente pintada.

O esplendor do quadro era ainda realçado por uma irreprehensivel recitação.

A primeira parte do sarau terminou por um novo trio, executado em rebecca, flauta e piano pelos srs. Medeiros, dr. Simões e Macedo. Admiravel de expressão e de execução.

A segunda parte foi aberta pelo sr. Avila, que fez um dos melhores discursos, se não o melhor que lhe temos ouvido no theatro academico. O sr. Avila expoz muito correctamente o estado do paiz nos ultimos annos do reinado de D. João V. No throno, um rei estupidamente fanatico, sensual, perulário e comicamente inchado com fumaças de grande, á Luiz XIV; um rei magnifico, que manda para o Papa rios de ouro, que construe o convento de Mafra, e faz de Odivellas o ninho perfumado dos seus amores sacrilegos....

Em volta, uma nobreza ignorante e imbecil, mas vaidosa e altiva.

E, dominando tudo, um clero numerosissimo, absorvente e esterilizador. E' contra esta sociedade que o marquez de Pombal lucta heroicamente; é esta bestialização e este enervamento que a sua prodigiosa energia e actividade multiforme espancam a golpes de reformas, e substituem por um estado relativo de prosperidade.

No jubileu camoneano, a nação inteira vibrou n'um acorde unisono de reverentes homenagens ao seu maior genio poetico. Mas a acção do marquez de Pombal está ainda muito proxima de nós, para que se tenham extinguido as coleras d'aquelles que feriu na sua marcha civilisadora.

O centenario do marquez de Pombal, ao mesmo tempo que significa uma homenagem de gratidão, é tambem um protesto solemne contra a invasão jesuitica que nos ameaça.

O nosso distincto correligionario, o sr. Alexandre da Conceição, len d'um camarote uma bella poesia em que muito artisticamente patenteou os estragos d'um verme social, o jesuita. Sentimos deveras que está primorosa poesia não tenha sido recitada. Quando a sua simples leitura deliciou o auditorio, muito deveria esperar-se d'uma recitação adequada.

Recitaram ainda primorosos versos os srs. Luiz de Magalhães, Henriques da Silva, e Macedo, agradando extraordinariamente a vigorosa produção do sr. Silva.

Qualquer dos distinctos recitantes manteve o sarau n'uma elevada altura, donde resultou assistirmos a uma festa brilhante, em que os talentos da actual geração academica se affirmaram honrosamente.

Fallou-nos dizer que, n'esta segunda parte do sarau, cada poesia foi seguida de deliciosos trechos musicaes, finamente escolhidos e notavelmente executados pelos srs. dr. Simões, Medeiros e Paes.

A concorrência não foi extraordinaria em numero, mas selecta na qualidade.

O theatro achava-se lindamente ornamentado com buxo e hera. No alto do arco que forma a bocca do palco, brilhava o brasão do Marquez. Nos camarotes de 1.ª ordem estavam escriptas as datas mais memoraveis da administração de Pombal, e nos de 2.ª uma corôa de marquez no parapeito de cada um, artisticamente circundada de verdura.

Dia 7

### COMICIO ANTI-JESUITICO

A' 1 hora da tarde, estava o theatro litteralmente cheio de estudantes e povo de Coimbra. Algumas senhoras occupavam os camarotes.

A mesa era composta dos srs. Luiz de Magalhães, presidente, Tito e Gaião, secretarios. Foram recebidos, ao entrar no palco, por uma ruidosa salva de palmas.

O sr. presidente abriu o comicio com um substancioso e bello discurso, e deu a palavra aos cavalheiros que se achavam inscriptos, os srs. Feio, Silva Cordeiro, Alfredo Vieira e Trindade Coelho.

Sobresahiu, pelo minucioso conhecimento que revelou dos habitos, aspirações e espirito dos jesuitas, o primeiro orador, o sr. Feio.

S. ex.ª tinha vivido, durante 3 annos, sob a influencia jesuitica, e estava habilitado para lavar o libello da ordem em vista dos factos irrefutaveis e decisivos.

Expoz nitidamente a organização da companhia, o seu movel ultimo e as obrigações de cada associado. Analysou a influencia jesuitica em tudo aquillo em que ella se manifesta mais salientemente, na familia, na educação, na instrução, etc. etc.

Relatou, como prova, alguns factos quasi completamente ignorados, succedidos na sua provincia.

O discurso do sr. Feio, copioso em factos e minuciosas revelações, agradou extremamente na assembleia, á qual arrancou por varias vezes espontaneas e colorosas manifestações de adhesão.

O orador, que se lhe seguiu, o sr. Silva Cordeiro, achava-se nas mesmas condições.

Os primeiros passos de sua educação litteraria foram dirigidos pela influencia jesuitica, contra a qual não tardaram a revoltar-se a sua consciencia honrada e robusta intelligencia.

O sr. Silva Cordeiro exaltou ao mesmo tempo as elevadas qualidades de estadista que nobilitam o marquez de Pombal.

Cumprir dizer que sr. Silva Cordeiro foi mais feliz do que tinha sido no sarau da véspera.

Fallou em seguida o sr. Alfredo Vieira que em phrase correcta fez um brilhante elogio das preciosas reformas do marquez de Pombal, condemnando vigorosamente a ordem de Jesus.

Fallou finalmente o sr. Trindade Coelho que alludiu em phrases violentissimas á torpe vingança que o jesuitismo ousou, queimando a effigie do marquez de Pombal em Mogadouro, solar dos Tavoras e terra natal do orador.

Pintou em breves palavras a indole sensual de D. João V, as suas aventuras amorosas no convento de Odivellas, etc. etc. O comicio terminou pela leitura da representação feita pelo sr. Soares de Moura que, conforme se achava consignado no programma, será enviada aos poderes publicos.

A representação tem por fim protestar «contra a invasão do jesuitismo em Portugal e lembrar aos governos que não devem esquecer os monumentaes decretos do Marquez de Pombal e de Joaquim Antonio de Aguiar, decretos cuja execução se está tornando tão necessaria».

Todos os oradores foram entusiasticamente applaudidos.



## Dia 8

As festas da Universidade consistiram em uma missa por alma do marquez e uma sessão solenne commemorativa do seu centenário.

A missa teve lugar na capella da Universidade, assistindo o sr. Reitor e alguns lentes. A concorrência foi diminuta.

Não assim na sessão que teve lugar na sala dos Capellos, onde não havia um palmo que não estivesse occupado por assistentes avidos de escutar a palavra eloquente do sr. dr. Antonio Candido.

A vasta sala regorgitava de estudantes e povo de Coimbra. Nas galerias, numerosas senhoras da primeira sociedade de Coimbra abrihantavam a festa.

Dentro da teia, achavam-se a camara municipal, magistrados e varios funcionarios; e, nos doutores, representantes de todas as faculdades. No alto da sala, por cima da tribuna do sr. Reitor estava o retrato a oleo do marquez expressamente mandado fazer no Porto.

O sr. Reitor leu uma ligeira allocução, expondo a significação d'aquella sessão, e deu a palavra aos oradores inscriptos. Estava primeiramente inscripto o sr. dr. Barata, que leu um substancioso discurso, em que avaliou a poderosa individualidade—Sebastião de Carvalho—debaixo dos aspectos por que mais se recommenda, detendo-se com grande proficiencia nas importantes reformas que operou na instrução portugueza, de harmonia com a mais avançada corrente scientifica do seu tempo.

Seguiu-se o discurso do sr. dr. Antonio Candido. Quando Coimbra não tivesse feito mais nada em homenagem ao grande estadista, a quem tanto deve por todos os motivos, honraria sufficientemente a sua memoria com a brilhantissima oração do sr. dr. Antonio Candido.

S. ex.<sup>a</sup> fez das qualidades e feitos do marquez de Pombal um elogio assombroso, tão digno do orador como do elogiado.

A assembleia irrompeu por vezes em espontaneas e calorosas manifestações de admiração por aquella peregrina aptidão oratoria.

O sr. dr. Antonio Candido não brilhou só

pelo esplendor da sua palavra; foi sobretudo justo e eminentemente verdadeiro. Quando exaltava com a sua palavra magica a collaboração preciosa com que Sebastião de Carvalho concorreu para o advento da liberdade portugueza; quando expunha n'um impulso de indignação, contagiosa, electrica, a influencia nefasta da companhia de Loyola; quando verberava a hostilidade surda ou manifesta, com que uma certa gente procura deprimir-lhe a memoria e amesquinhar a celebração do seu centenário, além de ser admiravelmente eloquente, foi profundamente justo e verdadeiro.

E a assembleia soube premial-o com ruidosas e prolongadas salvas de palmas.

Ao principiar a festa e nos intervallos, uma escolhida orchestra dirigida pelo sr. dr. Brandão executou deliciosamente trechos de operas portuguezas, expressamente compostos para flauta, violino, violoncellos, piano e orgão melodium, para esta solemnidade.

No fim, quando o sr. dr. Antonio Candido sahia da sala dos Capellos, a academia, esta boa academia, cuja alma sabe tão bem vibrar ao influxo de tudo o que é justo e grande, recebeu o sr. dr. Antonio Candido n'uma estrondosa ovação a que o orador correspondeu com um viva à mocidade estudiosa de Coimbra.

A Imprensa da Universidade tambem commemorou dignamente o centenário do seu fundador. Abriu as suas portas a uma numerosa concorrência, que durante todo o dia a visitou. Imprimiu primorosamente, a ouro a côres, um quadro commemorativo, onde além d'outras palavras de subido louvor se lê: *Commemorar da maneira mais festiva o dia do centenário do fundador d'esta officina é um dever de gratidão e de indelevel reconhecimento, a que não podem faltar os empregados e artistas da Imprensa da Universidade.*—8 de maio de 1882.

As paredes internas do vasto edificio estavam profusamente adornadas de arbustos, flôres, e numerosos quadros; estavam patentes os prelos e machinas typographicas e um livro em papel da China contendo uma colleção de vinhetas e emblemas, que pertenceram aos jesuitas no tempo em que tinham imprensa, e que ainda subsistem, tendo

consideravel, em casa ou collegio ou igreja nossa sem traça ou desenho, e seja de modo que se tenha em vista a perpetuidade como o recommenda um decreto da primeira congregação, porque isto sãe mais barato ainda que mais custe que o que se faz para durar pouco e sem plano.

Alguns duvidam se a regra que prohihe aos irmãos o pôr as mãos sobre os vestidos, uns de outros, se entende tambem com as pessoas de fóra. Sem duvida que sim, e com mais razão.

Assim como se tem conta no educar ministros, prégadores e confessores assim razão é que tenham em vista a formação de pessoas de governo para o que servirá ter mais comunicação nas cousas da Companhia e do governo com as pessoas mais feitas, de maior confiança e que mostram para isto mais talento de bom juizo, e podem ir-se provando nos cargos menores, ás ordens de outros, e assim se descobrirá este dom, e onde o houver se exercitará.

Ainda que me parece bem a caridade com que alguns colhem esmolas para socorrer os parentes de nossos irmãos que vivem em necessidade será bom pensar que não pôde a companhia ficar por isto em obrigações.

DA CARTA DO P. POLANCO AO P. MIRON (1564)

Na era em que estamos por toda a parte se tem muito em conta a erudição nas cousas de humanidades, tanto que sem ellas a doutrina melhor e mais solida parece que luz muito menos.

Por isto ao P. Geral pareceu conveniente que se escrevesse ás provincias que tenham conta com estas letras humanas, e façam estudar bem quem mostrar aptidão, pelo menos o latim e a rhetorica, e que não passem ás artes, ou pelo menos á theologia, sem se exercitarem bem n'estas letras.

E que se pense na escolha dos mestres, que não causem tédio, nem se demorem muito; os discipulos de ordinario amam os mais aptos para ensinar.

passado para a Imprensa da Universidade, depois da extiução da dos jesuitas em 1759. Animava a festa a philharmonica de Condeixa.

O principal impulso da festa é devido ao sr. D. Antonio da Costa, que ha tempos veio em comissão a esta cidade para tratar de negocios da Imprensa. S. ex.<sup>a</sup> deixou em todo o pessoal uma recordação saudosa, pelas suas apreciaveis qualidades.

Na inauguração, que foi ás 10 horas, fallaram os srs. dr. Barata, administrador interino, e Abilio da Fonseca Pinto, presidente da comissão dos festejos.

A Associação Liberal fez distribuir largamente um folheto, contendo a lei de 3 de setembro de 1759, que extinguiu os jesuitas, e o decreto de 28 de maio de 1834, que extinguiu as restantes ordens religiosas em Portugal, precedidos de um manifesto que abria pelas seguintes palavras: *A Associação liberal de Coimbra, em nome da liberdade, da honra e integridade nacional e dos mais caros interesses da humanidade, para celebrar o primeiro centenário do MARQUEZ DE POMBAL e commemorar o dia 8 de maio de 1834 convida os cidadãos portuguezes a ler e a meditar o seguinte: Manifesto:*

A expensas da Associação, tocaram na madrugada as duas philharmonicas de Coimbra e foram lançados ao ar grande numero de foguetes.

Além d'isto, soccorreu 48 familias necessitadas, com donativos em dinheiro; este numero 48 significa o numero de annos que passaram depois da entrada do exercito liberal em Coimbra.

O Centro republicano distribuiu 80 donativos pelas familias mais necessitadas das freguezias da cidade, constando cada donativo de 100 reis em dinheiro, 1 kilo de carne e meio de arroz, tudo embrulhado n'um guardanapo, e junctamente uma lytographia symbolica, onde se liam as seguintes palavras: *— Centro eleitoral democratico republicano de Coimbra—Liberdade, Igualdade e Fraternidade.— Ao grande cidadão Sebastião José de Carvalho e Mello—1882, 8 de maio.*

Para remediar o inconveniente de opiniões extraordinarias e paradoxas que nenhum mestre de theologia, nem das artes, tenha opinião nova e fóra do commum dos doutores, sem a communicar a V. R. n'esse collegio, e com os superiores dos outros se acaso lá se ler e ensinar.

Que evitem demandas e escandalos; que as terras ou herdades alienadas illicitamente, ou dadas pelos abbades passados a parentes, ou de outra maneira, ou as que andam sonegadas ás igrejas e mosteiros ora unidos á Companhia se deixem estar, e dissimulem com os possuidores sem fazer demanda, se d'isso houver escandalo. Alcançou-se do papa a licença para isto se poder fazer sem escrupulo, e sem incorrer em censura e penas que por direito positivo estão postas; e não se faça demanda sem avisar o provincial e ver se haverá ou não escandalo pela qualidade das pessoas.

O N. P. Geral Everardo ordena tambem que sempre se façam diligencias para se cortarem os pleitos, celebrando certos.

DE CARTA DO GERAL DE 1574

Emquanto aos que se tentam pelos estudos guarde-se a constituição, e mostre-se com caridade, quando se fallar com os taes, que se devem contentar com o officio de Martha. Espero que vendo-se que se não condescende facilmente com isto a muchos se quitará la gana de estudar.

INSTRUÇÕES DO GERAL SOBRE OS LIVROS

A cargo dos provinciaes está a concessão dos livros; elles devem julgar das suas conveniencias, attendendo aos lugares e a outras circumstancias. Os livros prohibidos são de varias classes, alguns ha que podem ser lidos e estudados, em cujo estudo ha mesmo conveniencia para se conhecerem os males e combater heresias. Insta porém ter em vista a quem se concede tal licença.

Citam-se primeiro os escriptos de Erasmo e de Luiz Umis (*cum autem constel quo loco habita sint a patre nostro Ignatio sanctae memoriae scripta Erasmi*).

A Evolução prestou a sua homenagem à memoria augusta do primeiro estadista do seu paiz, publicando no dia 8 um numero especial em papel teinte com o retrato e um autographo de Pombal e collaborado pelos mais eminentes escriptores portuguezes.

Fez-se representar no cortejo civico de Lisboa pelo redactor principal, o nosso amigo o sr. Azevedo e Silva.

Os accionistas d'este jornal concorreram com 50\$000 reis para a fundação do Instituto de Ensino Livre e fizeram-se representar no cortejo pelo nosso amigo e collega n'esta redacção o sr. Gomes Palma, e pelos srs. Fajardo, e Fernandes Moura.

À noite, ás 8 horas, teve lugar a inauguração solenne do retrato do Marquez de Pombal no gabinete de leitura do Club Academico, que tinha sido convenientemente adornado.

O concurso era numerosissimo. Depois d'uma breve allocução do sr. presidente da comissão academica, a que respondeu o sr. Reitor da Universidade, foi por este corrido a cortina que velava o retrato do immortal estadista. O sr. presidente da comissão terminou a inauguração por umas breves palavras, a que se seguiram entusiasticos vivas á memoria do Marquez de Pombal, etc. Logo em seguida á inauguração, organisou-se a marcha *aux flambeaux* que devia ir felicitar o sr. dr. Antonio Candido pelo brilhantissimo discurso que pronunciara de manhã na sala dos Capellos.

O sequito, com a comissão á frente e uma philharmonica, tocando o hymno academico, dirigiu-se á rua da Alegria, onde mora o notavel orador.

Seguiu a rua do Infante D. Augusto, rua dos Loyos, Feira, rua das Covas, rua de Joaquim Antonio de Aguiar, rua das Fargas e Alegria. Durante o tracto, havia um alegre rumor festival de vivas ao dr. Antonio Candido, á liberdade, vehementes expansões contra os jesuitas, vivas á memoria de Joaquim Antonio de Aguiar. O hymno academico reboando pelas ruas apertadas da cidade, os foguetes estrondeando, a enorme concorrência de gente, que successivamente augmentava por novos contingentes que de cada rua se incorporavam, as accla-

Não é permitido o uso dos livros obscenos, taes como Catulo, Propercio, alguns escriptos de Ovidio, Plauto, Terencio, Horatio, Marcial, Ausonio, a não ser a pessoas maduras que sem perigo possam aproveitar da leitura para o estudo das humanidades. Para os escolares a prohibição é completa; nas escolas mesmo devem eliminar-se certas passagens de auctores aliás correntes—*Virgili vero priapea, et alia epigrammata aboleatur prorsus.*

A ninguem se permita o uso de livros em qualquer idioma, prosa ou verso, *carmine sive soluta oratione, que amatoria et impura contineat.*

Entre os escriptores de livros espirituales alguns ha pios sem duvida mas pouco em harmonia com o instituto da sociedade; não se usem, não se possuam sem licença superior. Citam-se alguns auctores: Zanlerio, Rusbrochio, Roseto, Henrique Herpense, a Arte de servir a Deus, Raymundo Lulo, H. Suso, Gertrudis et Mectildis.

E taes livros se não conservem nos collegios sem autorisação do Provincial, a quem compete ver a quem se dá a licença, e marcar os logares onde se guardem, e o uso de taes livros só se permitirá no prazo indicado como preciso.

DA CARTA DO GERAL EVERARDO MERCURIANO (ABRIL DE 1575).

..... Alguns dos nossos visitam os parentes; os superiores por benevolencia os deixam andar, e estar entre os seus, sós, e dormir fóra dos collegios, n'isto ha inconvenientes, não o consintam para o futuro; a qualquer n'este caso deem-lhe companheiro, que sempre estará com elle, ainda que vá onde não haja collegio; e se não puder ir algum irmão que vá pessoa de edificação e confiança que possa dar conta aos superiores do que se fez; de maneira que taes visitas não prejudiquem a disciplina religiosa.

(Continúa)

GABRIEL PEREIRA.

## FOLHETIM

## DOCUMENTOS DOS JESUITAS

## O LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(Continuação)

DE CARTA DO GERAL FRANCISCO DE BORJA DE 10 D'AGOSTO DE 1569

..... Avisa-se que alguns ineptos para o curso de artes só o conseguem porfiando muito em ouvil-o, perdendo-se tempo e dinheiro; aos que não são para maiores estudos bastará ouvir casos de consciencia para se fazerem sufficientes confessores.

DO MESMO, EM 31 D'OUTUBRO DE 1569

..... Não convem haver dois ministros em Coimbra, nem em parte alguma deve haver dois superiores de igual poder porque em vez de se ajudarem mutuamente *mutuo se impediunt.*

..... Ha dias que cheguei á conclusão e resolução que não convem que a Companhia se sirva de escravos. A V. R. recommendo que trate de suavemente se desfazerem dos que tem em Portugal.

..... Obrigar todos a varrer ainda que tenham outras occupações deve moderar-se na conformidade da regra, e attender-se ás occupações de maior importancia.

—por mas que escribam siempre se guarda la oreja derecha para oyr al superior—.

EM CARTA DO GERAL, 15 DE JANEIRO DE 1571

..... Devem ter cuidado nas peregrinações não prejudiquem a saúde dos nossos.

IDEM, 20 DE MARÇO DE 1571

..... Faça V. R. com que os superiores d'essa provincia attendam com toda a diligencia aos negocios e bom progresso dos collegios, desprezando outros alheios.

Não se edifique cousa alguma de custo



mações estrepitosas, aquella expansão entusiasta e alegre, tudo illuminado pelo clarão ondeante dos archotes, dava á manifestação um aspecto imponentissimo.

A commissão parou em frente da casa do sr. dr. Antonio Candido, levantando calorosos vivas e sentidas manifestações de consideração pelas suas bellas qualidades como orador e como lente do 5.º anno de Direito.

S. ex.<sup>a</sup> respondeu, agradecendo n'uma allocução breve e felicissima aquella honrosa manifestação, que marcava uma das paginas mais felizes da sua vida.

Depois d'uma serie prolongada de vehementes acclamações, a marcha seguiu pela rua da Alegria abaixo e voltou pela estrada da Beira para a Portagem, rua da Calçada e rua do Visconde da Luz, onde algumas casas se achavam illuminadas. Parou de frente dos Paços do concelho illuminados a giorno por dois cordões de luzes, dando vivas ao municipio de Coimbra; d'ahi voltou pelo mesmo caminho até o Arco de Almedina, subiu á rua das Fargas, rua de Joaquim Antonio de Aguiar, rua da Ilha, rua dos Grillos, rua da Trindade, Militares, Infante D. Augusto, dispersando de frente do Club Academico.

Assim terminou em Coimbra a commemoração do centenario do primeiro estadista portuguez.

A redacção da *Evolução* não tem senão a applaudir a illustre commissão dos festejos, pela maneira como honrosamente se desempenhou da sua missão.

E fica fazendo votos sinceros por que a academia de Coimbra manifeste, todas as vezes que se tracte da commemoração de alguma legitima gloria nacional, a mesma elevação de vistas e nobreza de sentimentos.

## Lisboa

Nada mais difficil e cruel do que ter de descrever, de contar, dentro d'um determinado prazo, acontecimentos complexos e numerosos.

Um desgraçado acaba de tomar parte n'um cortejo, n'uma manifestação, dispendendo berros, saudações, enthusiasmo, gestos, o diabo! e no fim vêm-lhe dizer:—«O senhor faz favor de descrever». O infeliz não dormiu, quasi não comeu, ha de, queira ou não queira, pegar da penna, e começar a deitar tinta no papel, cheio de má vontade, e vasio d'espírito, fiel reporter.

É horroroso! No emtanto, leitor da provincia, desejo transmittir-te, a largos traços, se o pudér, as impressões que recebi.

De todas as manifestações a de mais alcance e que mais realçou foi o prestito civico.

Grandioso!

É d'esta parte dos festejos que conscientosamente te posso fallar, pois que a algumas das outras ou não assisti, ou fui só por momentos.

A sahida do prestito civico do Terreiro do Paço estava marcada para as duas horas. Mas muito antes da hora já deslisavam as associações e corporações pelo vasto largo, cheias de enthusiasmo e calor.

A vasta quadra foi-se enchendo pouco a pouco. Das varandas dos ministerios, das platibandas, do arco da rua Augusta pendiam cabeças curiosas; era uma agitação febril, uma expectativa ansiosa. As *toilettes* rutilavam, pareciam cingir os edificios d'uma grinalda em continuo baloiçar, animando as fachadas frias.

Todas as ruas em frente do largo estavam apinhadas de povo.

Levantava-se de lá um borburinho alegre, continuado, a saudação fremete áquella grande festa pacifica; e o sussurro continuava pelas arcadas fóra d'onde regorgitava áquella mar humano.

Os postes brancos, levantados pelo Terreiro fóra, marcavam com os numeros azues o logar que as corporações e escolas deviam tomar.

Pela uma hora e meia começou o grande movimento: diferentes grupos deslocavam-se dos seus logares e percorriam o vasto largo, mutuando saudações, trocando brado por brado, gesto por gesto, emoção por emoção. O sol dardejava a prumo afogueando as physionomias alegres de centenares de rapazes. Os pelotões juvenis encontravam-se como n'uma grande manobra onde se cru-

zavam phrases bondosas, cordeaes, protestos do mais vivo enthusiasmo.

A luz vivissima batia nos doirados das fardas, explosia vivamente por sobre aquella enorme *kermesse* de juventude, de força, de ovações sinceras. Aquelle grande acontecimento precisava na verdade de um baptismo solar.

O Tejo tremeluzia, e fazia mover a mastreação dos navios juncto ao caes. E a brisa, que a espaços se levantava do rio, vinha beijar as fronte ardidas, e sedentas de frescura, e ia fazer ondular ao longo das ruas as bandeiras multicores, que se espanejavam como um bando d'aves gloriosas.

E o delirio de saudações continuava n'um crescendo ensurdecedor. Quando a phrase não chegava, o gesto vinha supprir; e de quando em quando lá se via algum limpar a furto uma lagrima impertinente, que subia do coração, oppresso da intensa alegria, até á palpebra, e que sulcava a face.

Do lado do rio o socego absoluto das coisas indifferentes, as collinas recortando-se faziam um bello fundo de quadro.

Do meio d'aquelle movimento continuado, d'aquella agitação febril, a estatua equestre de D. José I surgia, destacando nitidamente sobre o azul.

Era grande o contraste entre a frieza imponente do bronze, a obra monumental que cristalisava um sentimento mais ou menos restricto, e a ardencia, o calor da consagração que um povo fazia á memoria d'um benemerito. E todos sentiam mais ou menos que, se era imponente aquella estatua em que um artista grande operara maravilhas, não menos grandiosa era a saudação á memoria do homem, a cujo hombro um rei se encostára para colher alentos, antes de subir ao pedestal que o havia de mostrar á posteridade.

Para o monumento ao rei fundira-se o bronze, e talharam-se moldes; para o monumento ao grande cidadão fundiam-se corações esbraseados de enthusiasmo, e levantavam-se escolas.....

Chegavam musicas. As saudações populares augmentavam, e no emtanto a ordem era estrictamente guardada.

Uma girandola enorme deu o signal para o cortejo desfilar.

Davam então os diversos grupos volta juncto da estatua, percorriam a rua do lado direito do Terreiro, passavam em frente do arco e entravam á Rua dos Fanqueiros. E assim deslisaram as escolas do exercito e polytechnica, que eram das mais ruidosas, a escola medica, a escola naval com as suas distinctas fardas, envergadas por creanças que todos saudavam, a delegação dos academicos de Coimbra com as vestes negras e cabeças descobertas, corporações, as comissões, a imprensa, asylos, lyceus, deputação d'artistas, theatro etc.

O povo applaudia as escolas com uma alegria significativa e justa; alguns gritavam: viva a esperança do paiz. Quem sabe se o paiz terá que ter esperanças? Mas, emfim, aquillo dava alento.

Em todas as ruas da baixa, que encanto! Era perfeitamente a bacchanal da alegria.

As varandas dos primeiros andares cheias de *toilettes* risonhas e frescas. Nas extensissimas linhas d'espectadores, as saudações repetiam-se, vinham desdobrar-se pela multidão que enchia as ruas, ecoavam de quarteirão em quarteirão; depois succedia um pequeno silencio que era logo cortado por um novo jorro de bravos, em notas estridulas, começando nos ultimos andares, jorrando inundando, dominando as notas das musicas, e indo espraizar-se pelas columnas cercadas.

A espaços, os bravos eram seguidos d'um chuva de flores, que voavam sobre o prestito como um bando de borboletas.

E, ao seguir no cortejo imponente, todos aquellos que eram tão vivamente saudados sentiam tomar-lhes raizes na alma a rubra flor da alegria, expandindo-se viçosa ao contacto d'aquella grande commoção popular, espontanea e vital, que não participava do tom solitario das festas sacerdotaes.

Nós os peninsulares, mais impressionaveis do que especulativos, temos a necessidade do colorido, do espanto, de tudo quanto nos encha a medida dos nossos sentidos excitaveis. Por isso todos exultavam.— Era um delicioso banquete onde nos sentiamos reviver, bebendo a luz, colhendo a impressão

complexa dos variadissimos tons, electrizando-nos em frente das manifestações sympathicas.

No meio das corporações, mais ou menos vistosas, no meio da monotonia das vestes communs, dava uma nota viva e original a corporação dos toureiros. E o povo saudava aquellos homens que vira arriscar tanta vez, vestidos de escamas doiradas, e apresentando os seus fortes arcabouços chamejando de ornatos ao sol. Atraz vinham os cavallos ricamente ajaezados, garbosos. Fitavam a orelha ao ouvir as notas das musicas, e tremiam ante as ovações da multidão, arquejando, e dilatando as ventas.

Uma corporação digna dos maiores louvores, onde cada um dos membros conta grandes actos heroicos, a corporação dos bombeiros attrahia as atenções pelo seu aspecto sereno e forte.

Se na extensa linha do cortejo ou entre os espectadores apparecia algum perfil conhecido, era logo saudado ardentemente.

Despertava n'um ponto um applauso, era secundado n'outro.

D'uma varanda partiam palmas, d'ahi a instantes era uma salva geral.

E o bom sol amigo a polvilhar tudo de luz, a tirar magicos effeitos d'aquella multidão de tons, de coloridos, no meio d'aquelle *ensemble* de ruidos e clamores.

Soberbo!

Quando as comissões das escolas surgiam á entrada d'uma rua tinham um acolhimento espontaneo. Particularisemos as Ruas da Prata, Rua Nova do Carmo e Rua Nova do Almada, onde o enthusiasmo foi delirante.

A multidão subia a Rua Nova do Carmo, e com a multião o clamor invadia a rua, subia como uma vaga; cessava um pouco, como a morrer; de subito, estalava ao cimo uma saudação estridente, e logo descia rugidoramente. Depois era um embate, um turbilhão de vozes, que queriam dominar-se, vencer-se, annular-se entre si, exprimindo n'aquella *lucta à outrance* tudo quanto nos espiritos ia de amigo, de affavel, de sympathico.

Cidadãos pacificos, commovidos, com o systema nervoso distendido na mais salutar das expansões sensiveis, gritavam raivosamente, espumantes, abrindo a bocca para o visinho, que se atrevia a gritar mais.

Todas á uma, as damas, n'algumas ruas, tiravam os lenços, e então era um esvoaçar alegre, como de azas brancas, por cima do cortejo. Choviam continuamente as flôres.

N'alguns pontos julgámos até que algumas das pessoas que nos saudavam, estariam feitas com inimigos que porventura não sympathisam com estas manifestações civicas.

A razão que nos leva a aventar esta hypothese, que á primeira vista deverá parecer pouco curial, é a seguinte: em dois ou tres pontos, cahiram-nos ao lado ramos tão gigantescos, que ao principio, não distinguindo bem, quando vimos aquellas coisas pelo ar, julgámos seriam castigos celestes, que sob forma material e pesada, vinham vingar, sobre as nossas pobres cabeças, os brios da Nação e do sr. Fernando Pedroso.

Quando vimos, porém, que eram ramos, e alguns encantadores, as nossas suspeitas desceram da córte celeste para outro ponto; e n'uma visão instantanea deparámos com uma physionomia conhecida, muito conhecida, que receamos mesmo a 20 leguas, dizendo coisas terriveis, *tigrinas* a uns ouvidos attentos; e depois vimos o proprietario da tal physionomia *deshumana* distribuir os aromaticos projectis.

As terriveis e gentis emissarias prometiam matar a hydra, e debaixo de flôres, para que ella se não queixasse. Como se receiasse que a hydra iria ao pé dos alumnos das escolas foi sobre isto que mais carregou a metralha.

Oh! mas que terrivel pesadelo!

Que dizia eu?

Querer um municipal substituido por um *bouquet*!

Se tal succedesse, se as instituições realmente tivessem o intento que eu, só por instantes, imaginei, de destruir os inimigos coroando-os de flôres no meio d'uma festa estrondosa, mostrariam n'isso um genio artistico não vulgar.

Eu não sei se preferiria morrer afogado em malvasia como um duque de Clarence,

se morrer debaixo d'um *bouquet* monumental colhido nos jardins da Carta.

Não detalharemos n'esta impressão imperfeita que damos do cortejo.

O que sobre tudo nos feriu foi o aspecto geral, a confusão encantadora de vozes, de marchas, de vivas, a magestade d'aquelle desfilar de cidadãos uteis, remoçando, ao saudar a memoria d'um dos mais uteis que teve Portugal.

No meio d'aquelle mar de cabeças surgiam de tempos a tempos os carros triumphaes.

O carro symbolo da reedificação de Lisboa, o carro do commercio, carro da fabrica da industria nacional á Pampilha, carro das colonias, carro da imprensa, carro das sciencias, carro da instrucção militar, e finalmente o carro da agricultura, pittoresco o mais possivel.

Os carros iam circundados e seguidos pelas corporações, cujos trabalhos elles symbolisavam.

E nada mais fortalecedor do que ver o alvarço com que aquellos symbolos, não de mysterios obscuros e incompreensiveis, mas sim de trabalho e actividade debaixo de todas as formas, eram acolhidos.

O cortejo levou no seu longo percurso das 2 1/2 ás 6 horas da tarde. Quando o prestito chegou á praça dos Romulares eram 5 e tanto.

Ao dispersar do cortejo, pela rua do Alcrim ainda houve saudações e cordiaes encontros.

E tudo correu na melhor ordem, apesar dos receios que povoaram gentis cabeças loiras, que, havia algumas noites, conversavam timidamente com os seus travesseiros, confiando-lhes segredos tristes, e apprehensões terriveis; apesar do empenho de potentados aborrecidos, que para pôr ponto na monotonia do seu viver samsaborão queriam ter o pittoresco d'uma desordemsinha que lhes fizesse arregalar as palpebras pesadas do somno constitucional.

Compreenderá o povo o alcance do centenario? Crêmos que não.

Sentirá o povo verdadeiramente, receberá uma salutar, ainda que vaga, impressão d'aquella manifestação grandiosa? Crêmol-o firmemente.

Dizei a um camponez: allí vai o symbolo da santissima trindade, da divindade de Christo, da virgindade de Maria Santissima.

A tradição religiosa inoculada no espirito e alimentada por uma educação pia far-lhe-ha curvar respeitosa a cabeça n'um recolhimento tão sincero como esteril. O seu espirito atraz d'aquelle symbolo nada verá; ha, entre elle e o que lhe mostram como que materializado, um veu que elle não levanta. E assim elle terá este terror fradesco do intangivel, e o seu espirito, que não vê o que lhe dizem ser grande, que não comprehende o que lhe dizem ser sapientissimo, que não pôde amar o que lhe dizem ser santo, humilha-se deante do mysterio, e o pobre sente-se corrido d'uma calafrio, como se estivesse continuamente mettido n'um claustro soturno e gelado.

Mas n'um dia de festa, de alegria nacional, chegae ao pé d'esse homem e dizei-lhe em voz alta, sem receio: vês aquella multidão enorme, que desliza em frente, clamorosa e ardente, seguida d'um rasto de saudações, acompanhada de cantos triumphaes, cheia de jubilo? Pois essa turba que se manifesta victoriosa, porque a justiça é uma victoria, alegre, porque o trabalho é uma felicidade, grande, porque o dever é um poder enorme, glorifica um victorioso, que soube ser forte e honesto, relembra um feliz, que trabalhou muito, agradece á memoria d'um justo que comprehendeu a sua missão.

Vês aquelle carro? Não reconhecês n'elle o tropheu da tua batalha enorme contra a terra?

E o trabalhador então sentirá em si o que nunca sentiu. O coração pulsar-lhe-ha d'orgulho.

Verá n'aquella carro triumphal glorificado o seu trabalho, que elle, ignorante e encerrado no seu estreito campo, julgava talvez uma vergonha, uma condemnação.

Julga-se em parte saudado por todas aquellas boccas que se abrem estridulas, julga-se querido por todos os espiritos que se iustriem n'aquella ostentosa marcha.



Elle já não é o proscripto, o obscuro lutador sombrio, que andava fugitivo do que era elevado. Não é o ser vil, como na aldeia dizia o cura; elle bem sente lá dentro que fazem justiça ao seu braço incançavel.

E tudo quanto lhe é caro allí desliza em frente: os bois doirados, enxotando com as caudas o mosquedo impertuno; lá vai atravessado o arado, com que elle nas manhãs frescas rasgava a terra, a esboçar-se em volta, enquanto os pardaes atrevidos o roubavam; e a dorna gigantesca; o feno fresco dando uma sensação e aroma campesino no meio dos *asphaltos* abrasados.

Elle não é então um exilado d'um banquete, que é para todas as classes: a cidade não odeia o campo, e o seu trabalho é respeitado!

Quando o rude lutador, cheio d'espanto por se lembrarem d'elle, olhar ainda para o complemento d'essa manifestação, aponta-lhe para aquelle grupo de creanças que passa além, de estandarte alevantado, bradando entusiasta; e diz-lhe: teu filho ha de ir um dia allí, porque tu deves mandal-o á escola.

Já tinha principiado a festa na Trindade, quando entrámos no salão. Discursava Eduardo Abreu.

Dispensa-nos, bom leitor, da inutil tentativa de te fazer sentir todo o entusiasmo, toda a commoção surpreendente, enorme, que fazia delirar a plateia.

Quando o estrepito das palmas cedia perante a curiosidade ansiosa, com que o publico desejava ouvir o academico laureado e talentoso, sentiamos-nos lisongeados, como seu verdadeiro amigo que nos presamos de ser, pela significativa attenção, pela sympathia e respeito com que elle era escutado. Era a imposição da intelligencia, era o tributo espontaneamente pago ás qualidades phenomenaes d'aquelle espirito superior.

Quando terminou, protestando vehemente contra O JESUITA, a sala desfazia-se em *bravos* e palmas; e da plateia e dos camarotes cahiam sobre o orador a chuva dos applausos.

Minutos depois, appareceu n'um camarote, com Carlos Tavares. Abraçaram-se commovidos. Eram dois rapazes, apoplecticos de talento, fraternizando na gloria que ao genio se consagra.

Restabeleceu-se a ordem no salão. Preparavamos-nos para ouvir os trechos musicaes que o programma annunciava, quando ouvimos de todos os lados «*Fôra Luiz Osorio; fôra Luiz Osorio*». Informando-nos, soube-mos que este recitára na 1.<sup>a</sup> parte do sarau; e, sabendo-o, só nos admiraria o contrario do que succedeu.

Não conseguindo vencer pela sua nimia modestia a gloria que, de momento, conquistára, appareceu Luiz Osorio, como todos o conhecemos: pedindo desculpa de vir incommodar, que elle salvava a sua responsabilidade etc.; a plateia indicava-lhe de cada lado um poesia. «Chora!» pediam uns. «As algas!» exclamavam outros. Recitou «*As algas do mar*». Quando elle dizia:

A onda vae, a onda vem...

a plateia, como que obedecendo ao gesto do sympathico recitador, fazia um movimento de vae-vem. Obedecia á intimativa do genio, nada mais.

Não podemos tecer a Luiz Osorio um elogio; seria duvidar de que todos o admiram. Calamo'-nos, pois. Recitou admiravelmente umas poesias engraçadas e ligeiras. O *fidalgãozinho d'aldeia*, *Delmirita*, etc. foram alegremente acolhidas. Por muito instado, recitou *Chôra!* Apagaram-se os sorrisos que, com a lembrança da *Delmirita* brincavam ainda nos labios frescos das damas. Chegando ao ponto da poesia em que se diz:

Que profundo gener não tem o mar profundo!

Os espectadores sustiveram a respiração, amedrontados. Nunca Luiz Osorio disse melhor, do que quando soltou lugubre e soturno aquelle verso da sua esplendida composição! Foi enorme, o poeta!

Enfim, o publico, pedindo imponente que fosse alterado o programma do sarau, substituindo á musica as poesias de Luiz Osorio,

manifestou-se á altura de comprehender o levantado engenho do mimoso poeta. Honra lhes seja.

A's 5 e meia da tarde do dia 9 partem de Lisboa os doze ou quinze vapores que tomaram parte no passeio fluvial.

De todas as manifestações festivas foi talvez n'esta que o entusiasmo se expandiu mais livremente. Desde o Terreiro do Paço até Oeiras levantaram-se vivas unisonos que cortavam a harmonia triumphal dos hymnos que atroavam os ares.

O *Orpheon* academico, que ia n'um dos vapores, foi muito applaudido.

Desejariamos ser mais extensos, mas estas descrições vão já muito longas e não queremos abusar da benevolencia do leitor.

### Porto

O Porto soube responder com bizarra galhardia ao apello, que os estudantes lhe fizeram. Foi pena que nos 2 primeiros dias o Eterno entendesse dever fazer *pirraça* e mandar uma chuvinha miuda, que pouco a pouco se foi convertendo em torrentes despidadas para a nossa alegria e para a memoria do grande ministro de D. José. No primeiro dia, houve a inauguração d'uma philantropica e o passeio fluvial; mas nenhuma d'estas partes do programma surtiu o effeito desejado, porque não deixou transparecer ao menos a boa vontade d'aquelles que com tanto empenho tinham promovido as festas. Aqui não houve, pois, nada d'importante, e não serem alguns vivas levantados por academicos de Coimbra, que por este modo queriam reagir ainda contra os designios da Providencia, e contra as preces dos carolas.

Quando começou verdadeiramente o entusiasmo, que nos surpreendeu, foi no domingo. O dia appareceu brusco, o ceu carregado de nuvens, que de quando em quando, como barrufos sobre os *bouquets* de flores, que ornavam as ruas, despediam bategas d'agua, que desanimavam a enorme multidão, que andava ansiosa de presenciar o cortejo. Seriam 3 horas, quando em frente do edificio da Academia, começaram a passar as corporações; e a cada uma os estudantes reunidos saudavam entusiasticamente. De todas ellas, manda verdade que se diga, a mais victoriada a redacção da *Folha Nova*, cujo carro, representando um prelo, ia imprimindo o decreto da expulsão dos jesuitas que era distribuido pelo povo que avidamente o recebia.

Em seguida á imprensa, caminhavam os bombeiros municipaes e voluntarios com todo o material, e, finalmente, atraz do carro da sciencia iam os professores das escolas do Porto e um lente da Universidade, a comissão academica de Lisboa, a escola de medicina, a Polytechnica, os alumnos do lycea e por ultimo a fechar o cortejo a comissão executiva dos festejos pombalinos. O entusiasmo não se pode descrever, porque só vendo as ruas dos Clerigos, Praça Nova, Santo Antonio, cobertas de gente, as janellas completamente cheias de senhoras de *toilettes* vistosas, de lenços brancos na mão, agitando-os a cada viva que os estudantes levantavam, atirando flores sobre nós, com um despreendimento e uma desenvoltura — que se julgavam mortos nas senhoras portuguezas —, só ouvindo os gritos alegres do povo e os vivas ás vezes disparatados, que faziam rir, que durante o trajeto toda aquella multidão soltava, só vendo o ar festivo com que nos recebia, é que se poderia fazer uma ideia da manifestação extraordinaria, como nunca vimos em Portugal, e que só tarde se poderá repetir assim tão espontanea e tão franca.

Isto, porém, durou pouco, porque a chuva foi tão forte que, ao meio da rua de Santa Catharina, obrigou a despe-sar tudo, ficando assim desfeito o respeitavel cortejo que tinha no Porto uma tão alta significação.

No dia seguinte alguns industriaes quizeram, e para isso foram pedir licença ao governador civil, que sabisse novamente o prestígio para que a manifestação anti-jesuitica, fosse completa e deixasse uma impressão duradoura no espirito nacional. A auctoridade, porém, não consentiu, porque a *hydra da republica* apparecia de vez em quando, a soltar gritos sediciosos. A comissão academica, todavia, recebeu uma visita da maior parte da academia do Porto, que vinha

convidal-a para assistir a um novo cortejo, que, n'esse dia ás 4 horas da tarde, sahira da Escola Medica e iria ao largo da Aguardente coroar o busto do Marquez de Pombal. Fomos. Como, porém, a auctoridade insistia em não mandar a licença, nós, os academicos de Coimbra, pedimos para que se reunisse uma assembleia geral dos estudantes e ali se discutisse qual o meio, como era possivel proceder. Tomou-se a resolução de nomear uma comissão para fallar ao governador civil, que, depois de muitas instancias, concedeu a licença pedida. O cortejo d'esta vez, apesar de ser composto unicamente d'academicos, d'industriaes, que se nos junctaram, dos redactores da *Folha Nova* e do povo, foi talvez mais imponente ainda, que o do dia antecedente. Pelas janellas maior entusiasmo ainda; as damas parecia que tinham adivinhado as difficuldades, com que luctamos, e queriam decerto compensar-nos com toda a amabilidade da sua gentileza. Atiravam rosas, debruçavam-se nas varandas para nos sorrir, davam salvas de palmas á nossa passagem; e o grupo dos estudantes pagava-lhes com olhares, com agradecimentos, com vivas cheios de loucura, com gargalhadas sonoras e alegres, como só as sabe dar o nosso temperamento meridional. Hurrah pelas damas do Porto!

Terminaram as festas com um sarau no theatro de S. João. As illuminações das ruas atrahiram muita gente, porque o theatro achava-se pouco concorrido, o que decerto deu logar ao pequeno entusiasmo com que foram recebidos os oradores e poetas. Todavia, ainda assim, o nosso amigo Antonio Feijó, soube arrancar com os bellos alexandrinos que recitou uns bravos espontaneos á plateia, que o ouvia attentamente.

Agora, terminaremos esta noticia, agradecendo, ainda mais uma vez, á comissão executiva dos festejos pombalinos a amabilidade com que tractou os estudantes de Coimbra e em geral á academia do Porto, que não houve manifestação de sympathia, que não nos desse, nem boa camaradagem, que não nos offerecesse.

Esperar dos partidos monarchicos, que ahí se degladiam e mutuamente se desacreditam, moralidade e dignidade nos actos que praticam seria desconhecer a sua historia politica.

Hontem celebrava o partido regenerador o tratado de Lourenço Marques; era por isso acremente accusado pelo partido progressista e não tardava a ser substituido no poder por este partido, que logo enguliu todas as phrases que no parlamento tinha empregado em descredito do partido regenerador, condemnando o tratado; pois que não hesitou em o sustentar e impo-lo á sua subserviente maioria.

Hoje temos o syndicato de Salamanca, creado sob os auspicios do sr. Braamcamp.

O partido progressista combate-o: mas não nos illudamos, ataca-o não porque mire aos interesses do paiz; mas simplesmente porque é preciso que o partido regenerador saia do poder, para que o partido progressista lá suba. E na verdade o procedimento dos partidos monarchicos militantes autoriza-nos a pensar assim.

O partido regenerador, que, pela bocca do rei, nos dizia na abertura do parlamento que o nosso estado financeiro era precario e que, para que a receita fosse igual á despeza, eram precisos novos sacrificios da parte d'este bom povo, tão paciente, autorizava aquelles dizeres com festas faustosas para a recepção de D. Alfonso de Hespanha, com que gastava mais de metade da receita que ia crear; e agora, continuando no caminho, por elle bem conhecido, dos desperdícios, não titubia em apresentar ao parlamento a tratada do syndicato, que nos ha de custar 135 contos de réis por anno, o que além de tudo é uma vergonha, que nos constituirá tributarios da Hespanha. Chamem agora ibericos aos republicanos; sirvam-se d'essa phrase bombastica que tem sido ha annos o epitheto affrontoso, que tem servido de arma politica a todos os partidos para reciprocamente se desacreditarem, e de que ultimamente lançaram mão para tambem desprestigiarem o partido republicano perante os olhos do povo, que desgraçadamente ainda os não conhece bem.

O partido progressista ataca o syndicato de Salamanca, e, se nós não conhecessemos

os precedentes d'este partido, convencer-nos-hiamos de que procede assim sinceramente e em prol dos interesses do paiz; mas como acreditar um partido que, quando subiu ao poder, não trepidou um momento em sacrificar o seu programma aos interesses da corôa, que na vespera com rasão atacara, e que agora só pretendia bajular?

Como convenceremo-nos de que é filho da convicção e do desejo de obstem a que o paiz perca na sua dignidade e nos seus interesses, se os homens que condemnaram um tratado por indigno e attentatorio da dignidade e autonomia nacionaes, foram os primeiros, quando no poder, a exigira sua approvação?

Poderemos nós, depois d'isto, suppor por ventura que o que os faz gritar na imprensa, por meio dos seus orgãos, contra o tratado de Salamanca é a expressão da verdade?

Não o cremos; simplesmente vemos n'essa comedia que ora se ventila entre a imprensa progressista e regeneradora e que em breve se representará na opera comica de S. Bento, a ambição do poder, o—*tira-te lá tu, que eu quero entrar*.

O sr. Burnay quer os 700 contos que lhe dá a companhia da Beira pela concessão da linha de Salamanca, e o partido que ora está no poder e o que se esfalca em demonstrar quanto é máu quanto é repugnante a Salamancada, como elles lhe chamam, precisa frequentes vezes de recorrer á *tenda* do Francez, e portanto a Salamancada será approvada.

O Porto, que no seu egoismo de negociante não percebe que com tal syndicato apressará a decadencia do paiz, impondo-lhe graves sacrificios, não accetaria os impostos ha pouco votados, se não fôra a linha d'alli a Salamanca; portanto a Salamancada será approvada por este ou por outro partido. O que farão os regeneradores sobre este assumpto, já o sabemos.

O que farão os progressistas, se forem ao poder e a linha não for approvada pelo partido que está no poder, promovendo-o. Nós dir-lhe-hemos: *sic valeas ut farina es*.

Ao povo dir-lhe-hemos que examine essas veniagas torpes que se dão, seja qualquer o partido monarchico, que suba ao poder, e que faça que os que se dizem, seus representantes d'elle olhem pelos interesses e não unicamente pelos do partido em que se acham filiados.

## NOTICIARIO

*Nem tudo o que luz é ouro.*—Ha individuos que se nos apresentam liberaes, e que chegam a fazer-nos convencer de que na realidade o são; mas n'este mundo sublimar quasi tudo são illusões, e já não estranhemos o ver uma ou outra desaparecer.

Alguns rapazes de boa vontade e que bem comprehendem que não podemos sempre ficar apegados ás velhas tradições, e que em cada grande vulto da nossa historia patria vêem um heroe, que é preciso respeitar e cuja memoria se torna necessario radicar no espirito dos povos, fizeram aos Arcos do Jardim uma pequena, mas digna manifestação de quanto presavam o grande politico — o Marquez de Pombal, cujos feitos em beneficio do paiz é desnecessario relembrar.

Pois bem; nem allí o espirito pequenino, vil e mesquinho dos jesuitas e seus consocios deixou de querer perturbar as festas d'aquelles bons rapazes, que sabem comprehendere o respeito, a consideração com que se deve commemorar a passagem rapida, por este mundo, de homens que fazem pelo seu paiz o que fez o grande Marquez de Pombal.

Uns serviram-se da intriga infame para verem se conseguiam dissuadir-os de realisar a manifestação que tinham projectado; outros, que dariam buxo, hera e... para uma festa qualquer, celebrando o anniversario ou centenario d'um Labre qualquer e outros quejandos, recusaram-se a prestar não só isto, mas qualquer outro insignificante serviço.

Ainda bem; porque d'elles ficamos fazendo o conceito que merecem.





# A EVOLUÇÃO

## SEMENARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não póde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 25

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 22 DE MAIO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

### O LIVRO D'UM MINISTRO

II

O auctor das *Questões de politica positiva*, procurando na synthese dos factos a lei geral que os domina, julga descobrir que a lei reguladora dos phenomenos politicos é contraria ao desenvolvimento, e até á existencia, do partido republicano.

Ora, sendo o constitucionalismo, como affirmam os mais notaveis publicistas, um regimen de transição para a republica, esta tem de lhe succeder inevitavelmente, em virtude da lei que domina a phenomenalidade politica. O sr. Serpa julga o contrario. Pelo menos na pratica, e nos paizes de raça latina, diz elle, a monarchia constitucional é, mais do que a republica favoravel á liberdade, ao estabelecimento do governo da discussão, e á applicação dos melhores principios da sciencia social. (pag. 171.)

É preciso ter uma certa coragem para dizer isto. Todos sabem que é exactamente nos paizes chamados de raça latina que a França republicana faz sentir poderosamente a sua incontestavel hegemonia.

Mas ainda se admira mais o arrojo do escriptor quando o vemos adduzir para provar tão estranho asserto a seguinte razão: «na França republicana a policia e os tribunaes inquietam e perseguem as manifestações do pensamento monarchico, e em Portugal, na Italia e na Belgica nem a policia nem os tribunaes se incommodam com as manifestações do pensamento republicano.» (pag. 171.)

Pelo que toca a Portugal, esqueceram

ao sr. Serpa alguns factos, que vamos rememorar.

Durante os ultimos 10 mezes decorridos foram querelados os jornaes republicanos — *O Antonio Maria*, *A Folha do Povo*, *A Orgia*, *O Tempo*, e *O Seculo*, que, á sua parte, o foi por 16 vezes; foram supprimidos — *O Radical*, *O Republicano*, *a Scintelha*, e *O Trinta*; prohibiu-se em Setubal o meeting do candidato republicano, o sr. Jacintho Nunes, e a policia interveio por varias vezes, pretendendo alterar a ordem, nas reuniões e nas conferencias dos centros republicanos; passaram-se mandados de prisão contra os srs. Anselmo Xavier, Augusto de Figueiredo, Gomes Leal, João Carlos de Sousa, João José Baptista, Magalhães Lima, Rodrigues dos Santos, e Silva Lisboa, todos conhecidos pelas suas ideias republicanas.

São os factos de que nos lembramos; é de crer que omittissemos alguns. De resto, toda a gloria do sr. Arrobas provém dos esforços que tem feito para esmagar a hydra.

Se isto não é perseguir as manifestações do pensamento republicano, se isto não é incommodar a policia e os tribunaes, não sabemos realmente como se possa perseguir o pensamento republicano, e como a policia e os tribunaes possam ser incommodados.

Continuemos.

O partido republicano, diz o sr. Serpa, existe, mais ou menos numeroso, nas monarchias constitucionaes, mas é antes filho do sentimento do que de ideias. Os grandes publicistas e pensadores não dão importancia á questão. (pag. 168).

De modo que, para o estadista portuguez, Augusto Comte, que se declara «um republicano de espirito e de coração;» (1) Littré, esse herculeo trabalhador que, com o vigor da sua penna e a energia do seu braço, sempre defendeu a causa republicana, e que ainda em 1871, aos 71 annos de idade, decrepito e valetudinario pôz sem restricções o seu prestimo á disposição do governo da defesa nacional; Raspail, — homem extraordinario em que não sabemos o que mais admirar, se a rigidez do caracter, se a alteza do engenho, se a vastidão do saber, — Raspail cuja vida foi sempre dedicada á evangelisação dos principios republicanos; Hartmann que, sob o militarismo da Allemanha, prophetisa, na sua obra monumental, o fim proximo e inevitavel de todas as monarchias; o dr. Büchner, republicano intractavel a quem o governo allemão expulsou da sua cadeira de Tubingue; Salmeron, professor distinctissimo, igualmente espoliado da sua cadeira, Salmeron, magistrado incorruptivel que se demittiu de presidente da Republica hespanhola para não assignar uma sentença de morte; — de modo que, diziamos nós, estes homens, cuja penna sustentou o crêdo republicano em paizes onde existia a monarchia constitucional; de modo que estes homens, que são respeitados por todos como a mais alta expressão da dignidade e do pensamento humanos; de modo que estes homens, que junctam aos louros da sciencia a nobreza do sacrificio, são para

(1) Littré, *Aug. Comte et la phil. posit.*, pag. 216.

o sr. Serpa uns pobres e mediocres espiritos, sentimentaes e sem ideias.

Isto não é um simples erro: é uma affronta á abnegação do heroismo, é um ultrage á dignidade da sciencia.

### O casamento do dr. Fausto

—Ha muito tempo que no Theatro Academico, em recitas de quintanistas, não vae uma peça tão bem feita como a que foi levada á scena na quarta feira ultima.

É seu auctor o poeta dos *Primeiros Versos* — o Luiz de Magalhães.

Luiz de Magalhães teve provas do muito que o estimam os rapazes seus contemporaneos, nas calorosas chamadas que lhe fizeram, especialmente no fim do segundo acto. E digo do muito que o estimam sendo esta afeição determinada em muitos, que não privam com elle, pelas provas incontestaveis do seu grande talento e do seu caracter honestissimo.

Luiz de Magalhães pertence a uma geração academica, que é talvez a mais brilhante, a mais completamente dotada das que têm vindo a Coimbra. Ora ser um dos primeiros, um dos iniciadores do periodo aureo da Academia; ser apontado como um symbolo, ser considerado uma pedra de toque para a avaliação do merito d'uma classe social, é honra que não póde caber a todos, mas que Luiz de Magalhães conseguiu pela força do seu talento, pela energia da sua bella organização, pelo que ha de voluntarioso e nobre no seu espirito finamente educado.

Luiz de Magalhães é um dos homens mais intellectualmente completos, que conhecemos. A questão scientifica, a dificuldade philosophica encontra n'elle um vencedor de fina tempera, que ataca um problema, não friamente, mas com todo o entusiasmo do seu organismo ardente, e que na explosão rapida apresenta uma solução luminosa, claramente crystalisada n'uma phrase transparente, synthetica, comprehensiva.

A questão esthetica, este debate em que

O seu olhar fecundo, creador  
Foi quem nos animou n'esta batalha,  
Que começa entre canticos d'amor  
E que expira entre as sombras da mortalha.

Já não cantamos hoje como outr'ora;  
Emmudeceu a lyra das creanças,  
Que canta visões doces como a aurora  
Sobre cordas suaves como esp'ranças.

Para alguns d'entre nós vae terminando  
Esta lucta que temos de vencer;  
Para outros vae apenas começando.....  
E nenhum deixará de combater.

Já para os que na marcha ha pouco vão  
Se annuvia nas brumas o horisonte;  
Já do fundo do fragil coração  
Lhes subiu funda ruga sobre a fronte.

Se quizermos parar na rude sanha,  
Colher inda perfume a uma illusão,  
Ouviremos em nós a voz estranha  
Que nos manda marchar, marchar... e então

Lá partimos de novo. É-nos vedado  
Descançar n'uma vã, doce existencia  
Desde que para nós foi desvendado  
O mysterio profundo da consciencia;

### FOLHETIM

#### CANÇÃO DOS POETAS (1)

(A MANUEL D'ARRIAGA)

Cresce-nos a canceira dia a dia,  
Peregrinos da idéa, que marchamos  
Pela montanha azul da Phantasia,  
Sem vermos inda a luz que demandamos!

Partindo da região das esperanças,  
Desfôlhámos as rosas no caminho,  
E rimos com sorrisos de creanças;  
Era noss'alma pura como o arminho.

Entre os ninhos em maio nós cantámos  
Como os melros nas balsas perfumadas;  
N'essa vida feliz, que atravessámos,  
Sorriam nossas fronte socegadas.

Vinha sempre ante nós a luz d'aurora,  
Companheira fiel, dar os bons dias,  
Nossa voz incansavel e sonora  
Dava a nota das grandes alegrias!

(1)—poesia recitada no theatro academico no sa-  
rau litterario-musical de 29 d'abril de 1882.

Tudo cantava em roda; as vozes puras  
Das aves e dos fundos arvoredos  
Só diziam o nome das venturas,  
Nos seus meigos, dulcissimos segredos.

Seguimos sem medo, aventureiros.  
Nossas cabeças novas e joviaes  
Tinham o aroma ideal dos vonvoleiros  
Embalsamando as tardes orientaes!

Entre os hymnos profundos, magestosos  
Da natureza em flôr, que o sol doirava  
Sentiamos affectos mysteriosos:  
O amor em nossos peitos despertava.

Nossa mente era um espaço ethereo e vasto  
Onde os sóes — illusões — iam girando,  
Como atravez do azul sereno e casto  
As estrellas ás mil vão perpassando.

Pelas noites caladas, silenciosas,  
Os astros nos sorriam brandamente  
Das profundezas vagas, religiosas  
D'um céu calmo, de brilho surprehendente.

Quando vinham rompendo as alvoradas  
E as estrellas no ar esmaeciam,  
Como doiradas letras apagadas  
Do livro em que os prophetas aprendiam,

Quando a nevoa, qual veste desprendida,  
Deixava extenso e nù o azul profundo,  
E se espalhava a luz do sol cahida,  
D'um mundo fecundando um outro mundo,

Como os astros morriam, nossas penas  
Tambem do nosso peito se evolavam;  
Como as aves alegres e serenas,  
Tambem nossas esp'ranças acordavam.

Era uma ascensão doce e corajosa  
Pelo Olympo de luz da juventude  
Esta vida infantil, e descuidosa  
Vibrando de canções e de saude.

Quando por entre as sêbes orvalhadas,  
Cantando perpassávamos em bando,  
Vinha a musa das lyricas balladas  
Grinaldas sobre nós desenrolando.

E a Gloria, a doce Gloria luminosa  
Tinha um perfil suave de candura;  
A sua mão pequena e còr de rosa  
Tocava a nossa fronte ingenua e pura.

Cingia-lhe a cabeça auri-luzente  
A corôa de myrtho, sempre fresca;  
E o seu sorriso casto e transparente  
Era como o sorriso de Francesca.



entra esta força do homem tão primitiva, e ao mesmo tempo tão ampla—o eterno sentimento—tem n'elle um interprete ousado, que nos dá, dentro da urna fina e delicada d'uma estrophe, todo o aroma que possa conter a flor azul da Phantasia, quando desabrocha n'um coração novo, sob a irradiação d'este Sol—o talento.

A questão social acha n'elle um critico escudado com esta coisa tão util, que se chama bom senso.

A questão moral depara com o seu bom caracter fortalecido n'uma educação séria.

Elle tem dado provas de que, em todos os assumptos de que acabamos de fallar, o seu espirito nunca lhe *falhou*.

Mas calemos agora o nosso coração de amigo: e a nossa opinião de apreciador do homem. As impressões que, no decurso da nossa vida academica, recebemos não só de Luiz de Magalhães, mas também d'outros bellos espiritos com quem temos privado, traduzi-as-hemos talvez n'um livro sentido, livro de rapaz que porventura escrevamos ácerca da moderna Coimbra academica.

Vamos á peça.  
Intitula-se — *O casamento do dr. Fausto*. É em 3 actos e um prologo.

O velho sabio d'Allemanha, estropeado, fatigado das suas eternas investigações, sem nunca ter satisfeito o insaciavel Pensamento, que elle resume em si, sem ter encontrado a realisação do grande ideal do Bello, que o seu amor sonhava como a consubstanciação de tudo o que as grandes eras da humanidade crearam, sem ter dado a solução ao terrivel *quid inde?* da Intelligencia humana, mergulhando no infinito das concepções mais estranhas, o velho doutor procura agora o remanso d'uma vida pacata e burguezia. Tem o util ideal d'um cidadão honrado; quer uma mulher pratica, séria, do nada de casa irreprehensivel, que tempere bem um caldo e seja capaz de pontear umas piugas.

O Diabo, o terrivel e lendario espirito das Trevas, aconselha-o a que vá a Coimbra, terra onde a vida corre amena, e onde actualmente existe uma mulher nas condições, que o bom doutor requer. É a D. Positiva.

Partem para Coimbra. O doutor convence-se de que, para fazer vida no nosso torrão, não é de todo inconveniente ser-se bacharel formado.

A iniciação de Fausto nos habitos academicos, no 1.º acto, tem uma graça inexcusable. Por isso a plateia, conhecedora de todos os tipos que apparecem ou são citados em scena, é de todas as praxes da bohemia academica, sublinhava tudo com gargalhadas sinceras, cántantes.

N'um dado momento, Fausto é obrigado, pelo presidente das suas *theses*, a arremeter contra um *futrica*. E o vetusto philosopho arragaça a longa veste de côr carregada, deita para traz a velha gôrra que lhe cobre a cabelleira branca e salta ligeiro á frente do pobre diabo, bradando-lhe: *cá sá gôjô!*

Depois da iniciação, Fausto é plenamente aprovado, e apparece novo, remocante, vestido á bacharel com uma respeitavel te-

sura burocratica—sobre-casaca de panno preto, calça clara, de bocca de sino, chapu alto e com bengala de canna da India com cabo de marfim.

Começa depois d'isto a *côrte* á D. Positiva, namoro que é protegido pelo Diabo que tem em vista pregar rude peça ao Doutor.

No entanto a Positiva, ainda inconsciente até certo ponto do papel sério que deve desempenhar, accieita os ardentes protestos de D. Juan, que, como uma lembrança do passado, surge no meio da sociedade mal definida ainda, e fluctuando entre o ideal novo e o ideal velho.

D. Juan no entanto não pode triumphar; quando mais não seja, oppõe-se a isso a policia que o prende na occasião em que elle em scena está lançando a escada de corda á varanda da gentil Positiva.

Afinal sempre D. Juan se pode escapar e tem uma entrevista com Positiva, que fica aterrada ao ver que D. Juan nas contorsões do ridiculo imita a falla dos animaes. Por fim o doce galan fuge caminhando com uma perna no ar, com a tristeza imbecil dos que conhecem que já são demais.

Fausto, pelas artes infernaes do compañheiro constante a quem vendeu a alma, chega a casar com D. Positiva. Depois o Diabo, no meio da terrivel gargalhada, declara-lhe que a mulher com quem casou não é a verdadeira Positiva, a grande, a ferunda, mas sim uma triste imitadora da outra.

O Diabo, o espirito de negação, o inimigo ardente do Progresso, que lhe vae desmanchando o seu castello legendario pouco a pouco, diz-se vingado, enquanto o dr. Fausto se lamenta tristemente. Do consorcio de Fausto com D. Positiva nasce um menino sabio, que apparece em scena com o nome de M. de Larousse, e que declama os encantos da sua Encyclopedia. Este menino nasceu do Fausto renovado e de Positiva, assim como Euphorion, o Romantismo personificado em D. Juan, que alli vemos decadente, nasceu do Fausto—o velho Pensamento e do grande ideal da Belleza; Helena.

M. de Larousse era Mendonça David, que comprehendeu typo e o executou magistralmente.

No fim do ultimo acto dá-se a terrivel lucta da Metaphysica que vem desgrenhada, seguida do papá *Absoluto*, vestido de rei, com a Positiva correcta no seu vestido ainda de noiva de Fausto, que está acompanhada do papá *Relativo*—um terrivel-homem de bonnet Phrygio.

Mas antes d'isto o Doutor e o Diabo têm ido ao *restaurant* do orçamento, onde a Carta lhe apresenta um delicioso *menu*, regado com um licor valioso: o suor do povo.

E pouco depois trava-se a discussão da origem de Zé Povo, que em scena apparece disputado d'um lado por Pae Adão, e do outro por Pae Gorilla. Foi d'um gracioso effeito esta lucta.

É escoltada a Metaphysica pela geração velha, vestida de preto, com azas de mariposas nas sobrecasacas, e a Positiva pela geração nova de *toilettes* espaventosas.

Fausto aperta as mãos na cabeça, e o Diabo inexoravel exulta com a vingança que lhe ministrou dentro do engano.

No entanto o combate das duas inimigas continúa a espaços, interrompido pelos assistentes que tentam pacifical-as.

Ora ninguém pode prever a solução que a questão terá. Só se sabe que tudo, segundo o que diz o Diabo, está reduzido a uma comedia; á voz de *pandega*, rivaes e inimigos, incluindo D. Juan que se acha alliviado da perna, dançam o bello fado, n'uma conciliação e alegria que fazem honra aos brios nacionaes.

Luiz de Magalhães teve o segredo de bordar sobre um assumpto, que á primeira vista talvez parecesse pouco commodo para a comedia, as mais graciosas phrases, chegando ás vezes a dar no meio do *charicari* d'aquella obra d'um burlesco apreciavel, a nota profunda, a definição altamente artistica do intuito philosophico e sensatamente critico que se entrevé na farça.

É uma pena que o dialogo do Diabo com a Positiva, no 2.º acto, pertença a uma obra que, pelo fim com que foi feita e pelas circunstancias, tem de ser passageira.

O desempenho foi regularissimo. Luiz de Magalhães fez magnificamente o papel de Mephistofeles. Henriques da Silva, um distincto poeta, interpretou bem o papel de Fausto, e Couto, a D. Positiva, sobre tudo no 2.º acto, não deixou nada a desejar. Joaquim Gomes era o D. Juan, e cantou com expressão a aria amorosa no 2.º acto; ainda que se notou não estar com a voz muito nitida, e isto em virtude do cansaço que lhe causou a direcção da parte ornamental do theatro, que estava do melhor effeito. Permitta-

nos Joaquim Gomes que lhe digamos ter achado um pouco exagerada a gesticulação.

Tito Vespasiano, jornalista politico, deu-nos a entender que o facto d'escrever no *Progressista* não impede de ser em scena uma matrona respeitavel.

José d'Ornellas andou inexcusablemente na comprehensão do papel de Jayme José Ribeiro, respeitavel escriptor que Mephistofeles apresenta no prologo ao Dr. Fausto, como representando perfeitamente o espirito portuguez, como sendo a synthese, a encarnação da mentalidade nacional. Costa Frazão revelou uma enorme vocação.

A musica era do sr. Valle Galvão. Para a apreciarmos devidamente falta-nos uma coisa, que não é de todo dispensavel para fazer boa critica—é saber alguma coisa d'aquillo que se critica.

No entanto diremos qual a nossa impressão ante o trabalho do illustre academico.

O *côro* dos cabulas no 1.º acto não é feio; tem uma certa vida; é a aria de D. Juan no 2.º acto fez um bom effeito com o acompanhamento em *pizzicato*. Emquanto á instrumentação, em geral, não nos satisfez plenamente o ouvido.

A symphonia tem uma certa inconsequencia, é um pouco confusa, e achámos que os metais estavam n'uma insurreição dos diabos, por vezes.

No fim d'este pequeno e imperfeito esboço, transcrevemos, por gentil amabilidade e concessão de Luiz de Magalhães, uma *tirada* do dialogo de Mephistofeles com Positiva, no 2.º acto.

SILVA GAYO.

És moça, és nova ainda: os annos até agora

Sorriram-te jovias como o nascer da aurora...

A vida—o negro inferno a que Deus vos condemna

Tem tido para ti aromas da verbena,

A frescura d'um lago, e o resplendor da luz...

Ora bem: queres tu evitar ter a cruz?

Toma os conselhos meus; attende-me um momento;

Vou-te fazer aqui um rico testamento!...

—Meus dias estão no fim; o mundo anda abalado,

E tudo o que era antigo e velho e consagrado

Pende para o sepulchro. A nobre idade-media

Termina entre a risota ignobil da comedia...

Cavalleiros e reis, os santos e até Deus

Dizem á existencia o derradeiro adeus...

E eu, esse velho heroe das lendas mysteriosas,

Esse vulto fatal das sombras tenebrosas,

O principe do mal, tentador de Jesus,

Fecho como o morcego o meu olhar á luz;

Á luz do novo mundo, á luz da nova ideia,

Que á minha custa ri, e troça e galhofeia!

D'este velho diabo accieita os seus conselhos,

Deixa rir essa *troupe* ingenua de fedelhos

E faz o que eu te digo. E eu antes d'espichar

Quero inda uma partida ao meu doutor pregar,

Pensa tu bem no caso; era coisa de arromba

Fazer eu esmurrar ao Pensamento a tromba

Ainda mais uma vez na estrada do Progresso...

Hein! Era d'estalar?!

LUIZ DE MAGALHÃES.

Desde que ella nos disse «A vossa lyra  
Será sempre na lucta a minha voz;  
Tirae-lhe a velha corda que suspira;  
Ha muito crime ainda horrendo, atroz

Que é preciso vencer.

Creança, poeta;  
Nada será vedado ao teu olhar:  
A tua fronte que era mansa e quieta  
Ha de profundas coisas contemplar.

E é por isso que a ruga traçoceira  
Fendeu essa cabeça alegre e ardente  
Que exhalava o fino aroma da amendoeira  
Ao despertar d'um dia resplendente!

Poeta—essa tu'alma nobre, immensa  
É praia aonde sempre irá quebrar  
Do grande mar humano a onda intensa,  
N'um continuo vae-vem, sem descançar.

Tu que cantaste as coisas mais suaves,  
Que sentiste as tristezas e os lamentos,  
Viste maio florir, cantar as aves,  
E, vagabundo, ouviste ecoar os ventos;

Tu que amavas os prados loirejantes,  
Dos regatos as trémulas centelhas,  
E, nas doces manhãs rumorejantes,  
Os doirados enxames das abelhas,

Tu que adoraste o campo, a côr, os cantos,  
O moirer das eiras, ao sol posto,  
Tu que cantaste o riso e os longos prantos,  
Os lyrios em abril e o sol d'agosto;

Que comprehendeste o amor cavalleiresco,  
E viste nas ogivas do Passado,  
As castellãs d'aspecto romanesco,  
Pallidas do luar triste e gelado;

Has de cantar as almas elevadas,  
E fugitar as grandes corrupções,  
Nas estrophes que vão como as nortadas,  
Voando pelas duras solidões,

Nas estrophes sombrias, justiceiras  
Como um terrivel gladio penetrante,  
Que façam baquear velhas barreiras,  
Na passagem da idéa triumphante.

Tal é nossa missão. O invio trilho,  
Que hemos de percorrer, vae terminar  
N'uma região distante, erma e sem brilho  
Onde vegeta o goivo tumular.

Depois do sol ridente, a noite escura  
Veste de sombra tudo; e assim fenece  
Tambem da nossa amplissima ventura  
O sol, que fez brotar a loira messe

De grandes illusões omnipotentes;  
Que illuminou castellos de chimeras  
Obras de sonhos leves, transparentes,  
Tecidos com o luar das primaveras!

Mas que importa? Dos sonhos que voaram  
Um perfume ficou, que já não morre.  
Venham lutar agora os que sonharam...  
O pranto de saudade, que nos corre

Pela face abatida, é como um orvalho  
Que fecunda de alento enquanto cahe.  
Como no bosque denso ergue o carvalho  
A ramagem frondosa e o raio attrahe,

Aos vendavaes sereno offerecendo  
A resistencia forte d'um gigante,  
Nós contra o Mal iremos combatendo.  
Cavalleiros do Bem, nosso montante,

Fundido á viva luz da madrugada,  
Vae destruir do crime a selva umbrosa.

E n'essa quadra triste e desolada  
Em que não fulge tudo côr de rosa,

Quando algida e sinistra a morte vier  
Da nossa a fronte sua approximando,  
E sentirmos, altivos no Dever,  
Que a marcha pouco a pouco vae findando,

Brilhará sobre nós serenamente,  
Como aurora do pólo d'esta vida,  
Que atingimos luctando rudemente,

A consciencia erguendo-se remida.

Coimbra—82

SILVA GAYO.



**CAMBIANTES**

**DE TARDE**

Costumava sentar-se ali nas tardes calmosas, á sombra d'aquelles velhos cedros.

Atravessava o jardim rapidamente por entre as murtas, calcando a areia fina das ruas com os seus pequenos pés; e, enquanto tirava o sol dos olhos com o livro ricamente encadernado deixava ver um braço escultural, que sahia da manga curta do seu vestido claro, fresco, alguma cousa aberto no peito.

Os vastos cabellos pretos prendia-os com uma flor, n'um adoravel negligé; outras vezes, deixava-os cahidos, revoltos, á mercê do vento, que lh'os atirava para o seio.

Nas horas de calor, em que o sol dardejava uns raios de fogo sobre a terra, vinha sentar-se á beira do lago, um lago circular, todo rodeado de cedros, que lhe davam uma sombra agradável e onde dois enormes cysnes brancos deslisavam tão de manso que nem lhe perturbavam a superficie espelhada.

Uma pequena cascata, cercada de bambús, deixava cair um fio d'agua, que ia perder-se com um som continuo e monotono n'aquella pequena bacia.

As vezes, os cysnes approximavam-se; e enquanto comiam os musgos, com os seus enormes pescoços estendidos, o fio d'agua corria-lhes pelo corpo, desfazendo-se em gotas, que iam cair no lago, transparentes, formosas como perolas.

Um extenso tapete verde de relva, onde sobresahia a flor branca do mal-me-quer, cobria as margens; onde e onde, uma roseira branca ou amarela enroscava-se pelos cedros, lançando no espaço uns aromas subtils.

Em cima, sentiam-se os cantos das aves e o chilrear dos filhos, como se estivessem a aprender; e á noite, quando a lua vogava na immensa extensão azul do ceu, mais de um rouxinol vinha ali, sobre o flexível bambú, soltar aquelle harmonioso canto, enquanto o cysne dormia, immovel como se fosse um pedaço de alabastro.

Era á beira do lago que vinha passar as tardes e ler os livros predilectos. Sentava-se n'uma das cadeiras toscas que estavam espalhadas por ali e, toda entregue á leitura, deixava correr as horas sem o presentir.

Muitas vezes, baixava-se a colher um mal-me-quer; pousava o livro no regaço, e desfolhava-o, entreabrindo os labios para pronunciar muito mansamente:

— Bem-me-quer; mal-me-quer.

No fim, ou ficava a contemplar com um meigo sorriso e um ligeiro rubor as petalas que lhe tinham cahido no vestido. ou a sua branca e fina mão as sacudia nervosamente, até que se iam perder no verde da relva, como se as quizesse castigar de algum delicto.

Então retomava o livro e absorvia-se de novo na leitura. Quando algum capitulo interessante lhe prendia mais vivamente a attenção, o seu elegante corpo dobrava-se n'uma curva graciosa para se approximar mais da pagina, como se tivesse medo de perder alguma palavra.

Depois, deixava cair o livro sobre o peito, recostava-se com um suspiro, e cerrando as palpebras, deixava correr o espirito pelas vagas regiões da phantasia, enquanto o arquejar do seio lhe accusava os pensamentos tumultuosos.

E os cysnes continuavam a deslizar por sobre o lago as suas pennas de neve.

Coimbra.

ANTHERO.

**DITOS E PHRASES**

Napoleão dizia diante do tumulo de João-Jacques Rousseau, pensando no seu proprio destino «—A especie humana valia bem mais que nem Rousseau nem eu viessemos ao mundo.»

A curia faz tudo quanto lhe soffrem e soffre tudo quanto lhe fazem.

As phrases hoje produzem difficilmente factos.

A indifferença pela dôr alheia, sobretudo quando impotente e obscura, é o grande vicio do seculo.

A. Herculano.

Um dito de Pio VI.

Passeiava o pontifice nas galerias do Vaticano e viu uma dama, frescamente decotada e que levava uma soberba cruz de riquissimos brilhantes.

— Santo Padre, vêde que bella cruz, diz o cardeal que o acompanhava.

— Sim, responde o pontifice, é realmente uma cruz magnifica, mas o calvario vale mais do que a cruz.

As leis e regulamentos devem ser curtos; os fatos compridos embaraçam muito.

Em tempo de revolução, multiplicam-se as apostasias; o senso moral, como a bussola, é desnordeado pela tempestade.

Nada se perde: um pensamento, um sentimento, como o menor movimento, transmitem-se e repercutem-se até ao infinito; a moral e a mechanica têm as mesmas leis.

A variedade dos estudos que impomos ao espirito de nossos filhos recorda a mistura rapida das côres do prisma que apenas causa na vista a sensação do branco.

S. M. Valtour.

É por amor-proprio que apreciamos as pessoas modestas.

Duc de Lévis.

Nas crises politicas, o mais difficil para um homem honrado não é cumprir o dever, é conhecê-lo.

De Bonald.

A velhacaria tem limites; a estupidez — não.

Napoleão 1.º

Luiz XIV tinha a grandeza do orgulho e a baixa idolatria de si proprio.

Ledru-Rollin.

A fraternidade, quando deslocada e temporanea, pode ser mais perigosa e mais custosa do que uma franca e patente hostilidade.

A. do Quental

**Publicações recebidas**

Recebemos e agradecemos:

— O Marquez de Pombal, por D. Agostinho de Sousa.

— O Marquez de Pombal (conferencia), por Alfredo Paço Vieira.

— O Marquez de Pombal, por Trindade Coelho.

— Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa, 1.º fasciculo.

— Preito a Pombal (poesia), por Carlos d'Almeida Braga.

— O centenario do Marquez de Pombal e 48.º anniversario da entrada do exercito libertador em Coimbra, Commemoração da Associação Liberal.

— Codigo Social, base da Federação, Luso Brasileira, por Antonio Narcizo Alves Correia.

— Revista Universal, periodico illustrado.

— Pero Gallego, folha litteraria scientifica.

— Sciencias para todos revista semanal illustrada, n.º 15, 16 e 17.

— Districto de Leiria, cuja recepção accusamos n'um dos numeros passados d'esta folha.

— Verdade, de Thomar.

— Districto de Santarem.

— Elementos de litteratura classica antiga

e moderna—coordenados em harmonia com os programmas officiaes dos Lyceus—por José Gomes Lage.

— Synopse dos Elementos de litteratura classica antiga e moderna—por José Gomes Lage.

— Jornal de agricultura:—II anno.—numero 10, 15 de maio de 1882, summario:

SECÇÃO AGRICOLA.—O Marquez de Pombal.—A instrucção agricola melhorada.—Chronica agricola.

SECÇÃO DE SCIENCIAS VETERINARIAS.—Algumas causas da tuberculose nos animaes domesticos e da transmissibilidade d'esta doença á especie humana: Discurso proferido na bibliotheca Camões, em Santarem, pelo medico-veterinario d'artilheria n.º 3, José Maria Casqueiro.—Revista da imprensa estrangeira: Doença epileptiforme dos cães de caça—acariase auricular; seu tratamento. Transmissão, pela hereditariedade, de estados organicos morbidos, produzidos accidentalmente nos ascendentes. Conferencias e exercicios de micographia na escola de Cureghem.—A faculdade de medicina de Utrecht, a academia de medicina de Paris e a Gazeta dos Hospitales militares, de Lisboa.

Assignatura paga adiantada 2\$400 réis—por anno.

Redacção—Campo dos Martyres da Patria 132. Porto.

— O Caloiro.

No proximo numero occuparemos-nos d'algumas d'estas publicações.

**NOTICIARIO**

Gratos a toda a imprensa pela honra que nos tem dado de transcrever alguns dos nossos artigos, agradecemos particularmente á Folha Nova as suas ameadas transcripções, que muito nos penhoram.

Consta-nos que o sr. Arcebispo de Mitylena acaba de levar uma licção tremenda, que lhe inflingiu um dos sacerdotes mais dignos e honestos que vivem no patriarchado de Lisboa.

Era mais conveniente que as toupeiras de S. Vicente discutissem esses documentos que annullam os pedantes, os nescios, os reaccionarios, do que empregarem toda a sua actividade em minar e diluir a reputação dos homens de bem.

Fazemos hoje duas citações, que ouvimos em tempo a Alexandre Herculano. Vão na secção — Ditos e phrases—. Uma d'ellas dá a mais exacta definição da curia romana.

Tivemos agora occasião de ver as palavras, a que alludimos, perfeitamente confirmadas pelos acontecimentos do Porto, que dizem respeito ao procedimento do periodico—A Palavra.

No concellio de Torres Novas são verdadeiramente animadoras as esperanças d'uma colheita cheia, durante o corrente anno.

Oxalá que assim succeda, porque as colheitas dos annos anteriores têm sido d'uma escassez notavel.

Folgamos de noticiar que o ex.º sr. dr. Antonio Saldanha de Moncada estabeleceu escriptorio d'advogado em Torres Novas, rua d'Entre Praças, n.º 19, 1.º andar.

Felicitemos os habitantes da comarca de Torres Novas, porque podem contar no seu gremio um distincto alumno, que foi, da Universidade de Coimbra, um caracter honesto e digno, que é, um moço lhano, popular e competentissimo para bem desempenhar os seus deveres.

Ao nosso presadissimo amigo enviamos um cordial aperto de mão e appetecemos todas as venturas de que é legitimo credor.

M.

Pedimos ás direcções do correio o maximo cuidado na expedição d'esta folha, como lhe cumpre. Tem havido da parte d'alguns dos nossos estimaveis assignates indicação de falta do jornal. Podemos assegurar que a remessa é cuidadosamente feita e cremos

que as irregularidades partem das direcções dos correios, que não primam infelizmente por um serviço desejavel.

As latas tem uma larga tradição. Recordam-nos a economia de bons tempos em que por preço diminuto se obtinha em 2 ou 3 latas um jantar magnifico, facil de digerir... Terminava o tempo lectivo e eram sacrificadas! ellas, que durante um anno representavam para o bohemio estudante um serviço de loija completo, eram arrastadas post tot tantos que labores pelas ruas. Mudaram os tempos, os cobres e a cosinha, mas a tradição permanece. Cantaros e bábús, cafeteiras e ferrinhos saltam para a rua, de faces amolgadas e... realisam plenamente o programma que este anno foi distribuido:

**A'S LATAS, CIDADÃOS!**

(Epistola ad Juristas)

Eu, D. Chifrim Banzé, por graça da rapaziada, amiga e de Sua Magestade Imperial a Arruaça, inspector da Troça, chancelier-mór do Pagode, Cavalheiro professo da nobilissima ordem da Bolsa Vasia Grã-Cruz da Piada Fina e do Vinho Branco do Pancada, Socio de merito e effectivo de varias associações de Prego e Dependura, tanto nacionaes como estrangeiras, condecorado com a medalha d'ouro das campanhas do Canellão e do Corte de Cabello, admirador lamecha encartado do sopeirame da Alta e director-syndico em chefe da pantagruelica festividade das LATAS, etc., etc., etc.

Considerando que deve ser para nós de superno, eupino e desenfreado jubilo o glorioso dia 20 de Maio, consagrado a ser o fecho, o PONTO final da nossa ardua perigrinação através dos livros e dos Geraes—podendo allim descambar no oasis suavissimo das farias;

Considerando que para nós emmudeceram os sons horrissonos-agudos da cabra—essa furia metallica que a mão grifenha do demonio arrancou do mais profundo das profundas do inferno para nossa constante tortura;

Considerando que foi subjugada... por este anno essa hydra de cem cabeças e 15 paginas, idolo querido do Pacheco, espectro implacavel que nos persegue, phyloxera que nos suga a saude com sangrias de sete tostões mensaes—e que estamos emancipados da tutela dos massudos alfarrabios dos praxistas;

Considerando que na genese funicular-properita da humanidade e na evolução historico-callaica dos tempos, esta festividade teve sempre da parte de nossos antepassados, o preito respeito de barulho, entusiasmo e Camoecas—sobre a trilogia que resume a synthese de todo viver academico;

Considerando que o merifico instrumento estridulo—o latophone—é o titulo irrefragavel do direito de precedencia de trocar que segundo a mais apurada orientação moderna-positiva, pertence unicamente aos juristas, que são, sem offensa, a flor, a nata e o creme da juventude que suspira pelos louros viridentes de Minerva;

Considerando que deve ser elevado á dupla categoria de instituição social e de instrumento de supplicio o citado invento, por ser o mais adequado meio de transmissão do gaudio juridico-juvenil ao timpano apolético-febril dos que labutam eternamente agrihoados ao X e ao polynomio, e dos que estudam as qualidades soporificas distillanias do chá de tília e do sinapismo Rigolot;

Attendendo ao que me foi representado e ouvido o conselho Supremo: Hei por bem determinar o seguinte:

Que no domingo, 21, á noite se reúnem no largo da Feira todas as corporações, altos di gnatarios, povo da Academia admittido á Solemnidade, ornados das respectivas insignias e vestidos a capricho pela thesoura magico-diamantina do Paixão—para formar o prestito latophónico que percorrerá as ruas do estylo e que será organizado do seguinte theor, feição, forma e geito:

Abrião a marcha quatro bate lores montados em jumentos ajaezados com luxo na forma prescripta pelas Ordenações do Reino; em seguida um arauto empunhando uma bandeira vermelha tendo no centro uma enorme esphera branca com o distico: Ad majorem PONTI gloriam. E logo a philharmonica dos charamel-iros e flautistas da Academia, atrojando os ares com a phantasia marcial e estrepitosas sobre motivos do Fado Corrido, do maestro Reinagão.

Em 2.º logar uma bandeira negra coberta de crepes com a lenda:

Al, a-teus acabaram-se os dias  
Que ditoso vivi a teu lado.

guiando o carro allegorico da SEBENTA em figura de mulher desgrenhada e suja. Um grupo orphenico entoará o responsorio—Sic transit imperium se-bentarum.

Em 3.º logar os personagens reaes da Bohemia e da Pandega Pacata, cercados d'um troço de briosos dedilhando maviosas guitarras e em seguida o corpo cerrado, compacto dos alabardeiros de Sua Magestade Imperial a Arruaça, sobracoando moccas e arrastando latophones monumentaes, atroadores.

Em 4.º logar o carro symbolico da CABULA vestida de escarlata, fazendo ligas ao Estudo e á Applicação, em forma de esqueletos mirrados; no 1.º plano á direita as figuras graves, meditativas, carrancudas do Codigo Civil, do Processo e da Novissima Reforma, algemados e guardados á vista por um grupo de caeteiros; e no 2.º plano á esquerda, chorando o seu vergonhoso ostracismo os vultos legendarios de Correia, Telles, Pégas e Lobão empunhando oirentos in-folios.



—O prestito será esclarecido pela luz candente-resinosa dos archotes; nas arcadas atmosfericas reboarão gritos sediciosos, vermelhos: *Viva o PONTO! Abaixo os livros!*—e na lucidez estrellada do azul ceruleo-indefinido curvetearão em danças macabras, doidas, os arabescos luminosos dos foguetes (estilo fino).

O prestito depois de serpentear pelas ruas da cidade—bem como quando uma descommunal bicha solitaria—reverterá ao ponto de partida e dispersará ao rufar de vibrantes tambores, frautas e oboés. Por essa occasião subirá ás regiões da lua um balão de bojo hydroptico, tendo em caracteres graudos o distincto: *Sic itur ad ferias.*

Determino por ultimo que seja obrigatoria a carraspana e que fique revogada a legislação em contrario.

—Pelo que mando a todos os juristas que este viem que tenham entendido e queiram executar tão inteiramente como n'ellas se contém as disposições do presente pseudo-humoristico programma—sob pena de serem havidos para todos os effeitos réus confessos de sem-aboria e mau gosto.

Dado no Olympo, na vespera do glorioso dia de 21 de Maio do anno da Graça de 1882.—Logar do selo grande das armas latoidaceas.—D. Chinfrim Banzé—com rubrica e guarda.

Já foi entregue ao sr. dr. Antonio Candido a penna de ouro que a Academia resolveu offerecer-lhe, por occasião do brilhante discurso feito pelo distincto orador no centenario do Marquez de Pombal.

Uma commissão de academicos foi a casa do sr. Antonio Candido entregar a penna, fazendo n'essa occasião um pequeno mais excellente discurso o distincto estudante do quarto anno juridico, o sr. João Pinto Rodrigues dos Santos.

Consta-nos que o sr. dr. Laranjo tem quasi concluido um compendio de Economia Politica que sahirá ainda a tempo de aproveitar no proximo anno lectivo aos alumnos d'aquella cadeira.

Confiamos muito na competencia incontestavel de s. ex.<sup>a</sup> para esperarmos um bom livro, que apresente a Economia Politica na altura em que a tem collocado os trabalhos dos seus mais eminentes cultores.

A necessidade d'um livro d'estes é facilmente reconhecida por todos aquelles que tem necessitado de manusear o compendio que actualmente se adopta.

Informa-nos pessoa fidedigna de que vae ser nomeado Bispo de Beja o ex.<sup>mo</sup> sr. commendador dr. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, conego da Sé de Coimbra.

Por absoluta falta de espaço não pudemos publicar no ultimo numero a carta do nosso estimavel correligionario Antonio Furtado. Fazemol-o hoje, pedindo desculpa da involuntaria falta.

## LISBOA

A imprensa monarchica da capital de todas as nuances politicas continua ferozmente indignada pelos resultados pura e significativamente democraticos do centenario. A imprensa progressista é a que faz mais choradeira; o sr. Fontes assim lh'o ordena, com bons modos, já se vê.

O sr. Fontes consegue com toda a habilidade tudo quanto quer dos terriveis progressistas. Larga o poder, de sua livre vontade, para que o governo progressista ficasse com o odioso da approvação do tractado (ou cessão como lhe chamou o *Times*) de Lourenço Marques; e agora fazendo-lhes negações com o poder, vae obtendo que os demagogos historicos e reformistas se caleem na questão de Caceres, na questão de Salamanca, que não aggridam o rei quando elle vae ao Porto ou quando recebe o caro primo, e até já o partido progressista declara em plena camara de deputados, pela bocca d'um dos seus mais considerados caudilhos, o sr. Emygdio Navarro, que appaiará o governo regenerador, se elle usar de metos violentos para reprimir a corrente democratica.

Que baixa politica a d'estes homens, se este nome merecem! Que de vergonha em

toda esta comedia constitucional, que se está representando ha 60 annos! E ainda apparece um ou outro ingenuo que os julga uns democratas, de quem a causa popular deve esperar muito. São todos o mesmo, todos quantos se accomodam sob a tal capa...

O partido republicano portuguez, já hoje numeroso, um partido novo, cheio de aspirações generosas pelo futuro da patria, um partido que recebe adhesões todos os dias, tem de trabalhar só, completamente isolado de quaquer influencia monarchica. Póde a politica opportunistica ser de resultados maravilhosos e tem-no mesmo sido, ninguem se atreve a contestar, n'alguns paizes e em varias circumstancias; mas em Portugal é essa politica impossivel, porque os partidos monarchicos chegaram ao grau mais baixo de abjecção; o seu leve contacto é uma calamidade para um partido que necessita afirmar se pela sua seriedade, pelo seu amor patrio, pela sua moralidade, pela sua economia, emfim por todas essas qualidades que a civilização moderna reclama para o governo d'uma nação.

Trabalhemos com bom senso, unidos e sempre no nosso campo, combatendo, sem treguas nem benevolencia alguma, tudo quanto se opponha á marcha constante e progressiva da ideia republicana, que o paiz confiará a direcção dos seus negocios ao partido republicano. Mas é necessario que o paiz veja esse partido livre de todos os defeitos dos partidos monarchicos e que deixe perceber a sua boa vontade e capacidade de bem servir os verdadeiros interesses nacionaes, de harmonia com as exigencias da epoca actual.

ANTONIO FURTADO.

## EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que toda a correspondencia da *Evolução* deve ser dirigida para o Marco de Feira—4—Coimbra.

Encarregam-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas da *Evolução* os seguintes cavalheiros: Santarem—José Ferreira Maia, rua Direita, n.º 89.

Ribeira de Santarem—Joaquim Malfeito.

Cartaxo—Francisco Pereira.

Alcanena—Antonio Garcia.

Rogamos aos srs. assignantes que satisfacão com a maxima urgencia a importancia do seu debito.

## Noticias d'Odemira

Já deve saber do assumpto, que durante alguns dias a todos prendeu mais ou menos a attenção.

Correspondencias trocadas entre *O Seculo* e o *Diario de Portugal*, sem importancia outra, a nossa vêr, que mostrar aos que ignoram palavras feias da nossa lingua. Nós abtemo-nos de commentarios, por sabermos ser esse o seu desejo, que tambem é nosso.

Hoje viemos apenas descobrir um plano ardiloso, concebido pelo nosso prior ou outros: Aproveitaram-se d'uma occasião propria para nos dirigir algumas *amabilidades*, pois que como um cavalheiro d'aqui inserisse no *Diario de Portugal* um communicado em que se defendia de accusações que lhe foram feitas, elle ou elles entenderam continuar a mandar communicados para o mesmo jornal, como se fossem do mesmo cavalheiro.

E isto para parecer a nós e a todos que era outrem e não *sotainas*, quem defendiam o sr. prior. Tudo porém era obra da sua lava...

Gostamos e pedimos que continue.

Nós é que não cedemos do direito que sobre o *divino* (!) padre temos, e não deixaremos passar sem protesto qualquer que n'ol'o queira usurpar.

Não sei se sabe que está mais gordo, e em esperanças de mais!! Veiu de Beja, e diz que fallou com o seu muito intimo se-

nhor, que lhe prometeu uma coroação, que muito o satisfiz.

Este sr. prior, além de muitos diplomas que attestam a sua capacidade scientifica, artistica, litteraria etc., etc... conserva um que muito abona os seus sentimentos philanthropicos e humanitarios; é: o que lhe mandou passar o monte-pio Odemirense.

Temos em nosso poder uma copia autentica, e, se um dia pudermos, publicaremos a ultima parte do elogio feito por um dos oradores da assembleia geral, e o voto de louvor que esta lhe teceu, excluindo-o do numero dos seus socios por uma maioria ainda soffrivelmente grande.

Odemira, 18 de maio.

(Do nosso correspondente)

## Santarem

Magôa-nos a triste posição politica do sr. S. C. em face da reeleição da commissão executiva da Juncta Geral.

Doe-nos o coração, quando nos lembramos de que o sr. Conselheiro Mello, repellido do conselho de districto, acaba de ver as suas esperanças calcadas, pisadas e completamente aniquiladas. É realmente pena que um potentado de tanta celebração, auxiliado pelo elemento governativo, ficasse fora do alcance da commissão districtal.

O sr. dr. Pedroso é que se ri a bandeiras despregadas e exulta.—Ahi tem o sr. governador civil o resultado da exclusão systematica do sr. dr. Pedroso; veja bem quanto vale a alliança do sr. Mello, que foi influente e que hoje apenas vive politicamente das recordações do seu passado. Mire-se n'esta derrota o partido regenerador que tanto apreciava o poderio incalculavel do sr. Conselheiro Mello.

—Ouvimos que o sr. Mello tenciona esmagar com a sua palavra fluentissima, logica de ferro e intelligencia robustissima, os actos da presente commissão executiva. Quem treme a bom tremer é o sr. dr. Manuel Gomes, porque a sua capacidade intellectual, a sua argumentação e o seu provaldo tirocinio nada valem diante das fumaçadas do sr. Conselheiro. Pedimos ao sr. dr. Pedroso que ampare o seu distincto collega nos ataques violentos que o esperam. Havemos de ir ouvir os debates quando elles se produzirem. Até lá, trataremos d'outro assumpto.

Saudamos os briosos estudantes d'este lyceu pela nitida comprehensão que possuem dos seus deveres, quando o jesuitismo tenta levantar a cerviz e introduzir-se furtivamente por todos os angulos do paiz e em todas as corporações, de que suppõem auxilio, ainda que inconscientemente prestado.—Hurrah pelos estudantes de Santarem, que revelaram as suas convicções anti-jesuiticas! Hurrah pelos estudantes de Santarem, que affirmaram brilhantemente a sua vitalidade juvenil por actos que nobilitam, e exigem a sympathia dos espiritos esclarecidos e homens de sãs convicções liberaes!

O padre Agostinho teve a habilidade rarisima de crear no seminario uma indisposição geral pelo seu procedimento repreensivel, quer para com os seminaristas, quer para com os proprios collegas. Já é ter bosa pronunciada para o mal!

—Falleceu o director do seminario, Pinto Homem.

Era um individuo irascivel; dominado pelas primeiras impressões, levava a applicação da justiça até á intolerancia despotica. Quando serenava, o seu fundo era bom, presidiam então ás suas deliberações os mais louvaveis principios de justiça equitativa.

X.

## Alcobaça, 16 de maio

Quando Portugal, n'um rasgo de patriotismo, mostrou ás nações do mundo a sua inconstestavel vitalidade e o seu amor ás grandes ideias liberaes, na celebração do centenario do Marquez de Pombal, esse vulto que se destaca, nas irradiações do seu genio, da tela pardacenta da nossa politica desmoralizada; quando em todo o paiz se fazia a apothese do ministro de D. José, como um

protesto ao jesuitismo de negras recordações, e á corrupção dos nossos governos actuaes, Alcobaça respondia ao brado nacional, não (façamos-lhe essa justiça) com peregrinações ao Sameiro, mas com a indiferença d'um corpo inerte, sem vida para a lucta, sem estímulos que a façam caminhar na escala ascensional da civilização.

Desanima realmente vêr que esta terra, em vez de progredir, permanece n'uma apathia desoladora, quando se tracta do desenvolvimento intellectual dos seus habitantes ou das grandes ideias que attestam um elevado grau de civilização.

A causa, porém, encontramol-a facilmente. A *commercialidade* do intitulado chefe do partido dominante não se coaduna facilmente com estas coisas de ideias elevadas e generosas.

O *incomprehensivel* não pode ser objecto das attentões de qualquer *tapuya* que tem por secretario um rubicundo! É por isso que o Marquez de Pombal ficou desconhecido do povo d'Alcobaça; é por isso que o municipio ficou sem o legado Brillante, que representava um estímulo já para a instrução de muitos filhos d'esta terra; é por isso que os cofres publicos ficaram prejudicados, por lhes serem subtraídos direitos avultados, sem que o escrivão de fazenda se dê por achado e o agente do ministerio publico proceda contra os culpados, mostrando assim que não sabem nem querem cumprir os deveres que a lei lhes impõe; é por isso que a syndicatoria foi abafada; é por isso... que os habitantes d'Alcobaça devem reconhecer que estão sendo explorados indignamente e devem sacudir um jugo que os deprime.

—O tempo vae correndo magnifico para a agricultura.

As searas apresentam um aspecto animador e as arvores promettem abundancia de fructos.

Se algum transtorno atmosferico não vier destruir as fundadas esperanças dos lavradores, será este um dos mais abundantes dos ultimos annos.

Que sirva isto ao menos de enitívó aos pobres agricultores, a quem os governos vão absorvendo os magros rendimentos adquiridos á custa de insano trabalho e continuas privações.

—Proximo ao Suberco da Nazareth, cahiram, a semana passada, duas creanças. A morte respeitou-as n'aquelle abysmo, ficando apenas uma com um braço fracturado e a outra quasi illesa! Uma tem um anno de idade e ia ao collo da outra.

—Projecta-se aqui uma grande festa a SANTO ANTONIO, havendo bazar cujo producto será destinado ao asylo. Parece estar contractada a banda de caçadores 6.

(Do nosso correspondente)

## Alcanena

Houve um d'estes dias principio d'incendio no prédio de habitação do sr. A. Courinha. Foram quasi nenhuns os prejuizos causados; atalhou-se a tempo habil.

Quem mais soffreu foi a virtuosa esposa do sr. Courinha, que pode ser superior ás impressões que factos d'esta ordem sempre produzem. S. ex.<sup>a</sup> desmaiou e teria inspirados serios cuidados, se não fossem tão promptos os socorros prestados.

Realizou-se a festividade religiosa, emprehendida por tres bons rapazes d'esta terra. Acudiu muita gente das circumvisinhanças e tinha esta localidade uma apparencia deveras agradável. Tudo correu na melhor ordem. Apenas a imprudencia d'um guarda campestre ia dando logar a um conflicto, resultante da prisão arbitraria de um individuo pelo *alto crime* de atirar *aos ares* um foguete!! Era a hydra, que o assustou.

O povo reuniu-se e exigiu a soltura do *delinquente*. E contra a vontade popular, resoluta, não ha difficuldades nem embarcos. O rapaz foi immediatamente posto em liberdade, o regedor procedeu com bom senso. A banda marcial tocou a marselheza.

TYP.—DE SANTOS E SILVA





# A EVOLUÇÃO

## SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 419.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

N.º 26

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 29 DE MAIO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

### ARROBAS EM SCENA

No dia 24 são presos em Lisboa varios estudantes da Escola Polytechnica por cantarem a *Marselheza*. Não nos detemos a narrar o facto; os dois artigos que se seguem a este são escriptos por testemunhas oculares, que se occupam dos acontecimentos muito mais proficiente-mente do que nós o poderíamos fazer.

Desejamos, porém, expôr a nossa opinião, e fal-o-hemos em poucas palavras. O sr. Arrobas deu ordem para que fossem presos todos os individuos que cantassem ou tocassem a *Marselheza*. A responsabilidade d'esta medida é toda sua. Não se diga que a prisão dos estudantes foi estranha a vontade do sr. Arrobas; dias antes tinha sido preso Bordallo Pinheiro, e no mesmo dia 24 alguns policiaes tentaram prender dois soldados, allegando-se, sempre como causa d'estas prisões o crime nefando de se cantar o hymno nacional d'um paiz amigo. E aos que faziam quaesquer observações respondiam os policiaes que o seu procedimento era motivado por ordens superiores.

Demonstrado isto, perguntamos: Com que direito se prohibe o hymno d'uma nação, cujo governo está officialmente reconhecido por nós? Com que direito se prohibe o hymno nacional da França,

com a qual mantemos as mais estreitas relações de amizade? Preferirá o governo levantar um conflicto internacional, que pôde ter as mais sérias consequências, a dar plena satisfação ao embaixador francez, demittindo o governador civil de Lisboa tão inepto quanto prepotente? Que interesse tão grande é esse que faz pospôr a manutenção das boas relações internacionaes á conservação d'um funcionario?

Ninguém reconhece no sr. Arrobas meritos extraordinarios; pelo contrario todos manifestam, tacita ou explicitamente, que elle tem commettido erros de toda a especie. Não são só os jornaes da opposição que o dizem; o *Diario Illustrado*, ministerial à outrance, afirma que o governador civil de Lisboa tem errado muitas vezes. O regenerador *Jornal da Noite* vae mais longe; são suas estas palavras: «Continúa a dizer-se com a maior insistencia que o sr. Arrobas será demittido do logar que occupa tão inhabilmente.»

A prisão dos estudantes reveste todos os caracteres d'um rematado absurdo.

Os moradores da rua da Escola Polytechnica são unanimes em afirmar que não houve provocação da parte dos academicos; mas, quando a honvesse, não podia ainda assim a policia prender os estudantes no atrio da Escola, porque

dentro dos estabelecimentos de instrução superior só tem jurisdicção o director respectivo.

Era, pois, ao director, ou antes ao conselho da Escola, que competia proceder. O julgamento teve logar e o conselho entendeu que não havia motivo algum para proceder contra os estudantes.

Toda a razão, portanto, estava do lado d'elles. Negar-lhes o direito de protestarem contra a injustiça que lhe fizeram parece um facto que só na Turquia poderia dar-se. Pois deu-se em Portugal.

A mesma auctoridade que abusou indignamente do seu poder oppoz-se por todos os modos á realisação do *meeting* que os estudantes tinham convocado para fazerem o seu protesto! Nem sequer reconhece o direito de reunião! É o despotismo puro simples!

Se não soubessemos os resultados que se podem esperar da administração d'um funcionario mentecapto, custar-nos-hia a crer n'uma serie tão prolongada de desatinos.

Apesar de tudo isto, se não houver energicas reclamações, o sr. Arrobas ha de continuar a dirigir o primeiro districto do reino, porque o governo ou se receia d'elle ou não o excede em intelligencia e bom senso.

O sr. Arrobas hade, pois, continuar a prohibir que se cante a *Marselheza*. Mi-

chelet, porém, disse que o mundo, emquanto houver mundo, ha de cantal-a sempre. Não nos parece que o valor das suas palavras possa ser destruido pelas ordens estupidas d'um funcionario imbecil.

Esta arbitrariedade inaudita, de que foram victimas os estudantes de Lisboa, uniu n'um mesmo protesto todos os estudantes do paiz. Coimbra e Porto deram um bom exemplo de solidariedade academica.

Logo que em Coimbra se soube do facto, convocou-se uma assembleia geral da academia, e no dia seguinte ás prisões era enviado para Lisboa o protesto que em seguida publicamos.

Á assembleia presidiu o sr. João Pinto Rodrigues dos Santos, servindo de secretarios os srs. João Abel da Silva Fonseca e Gabriel Samora Moniz Junior.

Fallaram os srs. Feio, Henrique Pereira, Luiz Osorio, Nogueira, Samora Moniz, Santos Sobreira, etc., verberando todos em phrase levantada e energica o procedimento da primeira auctoridade administrativa de Lisboa.

Resolveu-se que a mesa da assembleia, como representante da academia, redigisse e enviasse n'esse mesmo dia para Lisboa o seguinte

### FOLHETIM

#### A VELLEDO

A CONDESSA—Esse homem?...  
O SENADOR—Era seu pai!  
A CONDESSA—Deus lhe perdoe!  
E cabia o panno, entre chamadas ovantes, gente de pé nas cadeiras, nos camarotes, clamando—bravo! bravo! No emtanto, o theatro evasiava ao de manso.

A ribalta extinguiu-se, os da orchestra enfiavam os instrumentos em saccoes de chita, e erguiam a gola dos *par-dessus*. Aqui e além, nas ultimas ordens, um arrastar de cadeiras soava ainda, sentiam-se distinctamente vozes chamando, rizados altos e um deserto fazia-se na grande sala, sob a agonia do lustre e o cynismo do relógio, que marcava cinco horas, passava de cinco annos.

Os convidados por Jorge tinham ordem de reunir no *foyer*, findo o espectáculo. Era uma ceia de regozijo no *Gibraltar*, offerecida pelo joven auctor aos artistas e ao beijnho das letras contemporaneas. Este processo de colher louros era predilecto de Jorge, já então um dos mais conceituados e occos escriptores do seu tempo.

A peça tinha acabado tarde, duas da noite; e primeiro que a Velledo apparecesse, tiveram de esperar boa hora e meia. No emtanto fallava-se da peça. Estava o melhor da litteratura e da arte. E faziam-se apresentações.

O festejado Mattos, trinta annos de dra-

mas historicos e applausos freneticos, rapoza velha em coisas scenicas conforme corria, apresentou a Jorge uma das glorias da scena o grande Aurelio, interprete das suas creações, grande amigo de quem o Doux dissera n'uma atonismo absorto:

—C'est un petit prodige, ce marmot là...  
E aquella apresentação pehorara muito Jorge, que commovido, voz mansa, agradecia com ar modesto.

Além o pensador Horacio, que fazia as suas primeiras caramboladas na cervejaria, vinha para casa tarde, e continuava virgem, definia a arte segundo Comte, a um venerando ancião de barbas alvas, Pedroso de nome, auctor de magicas e sainetes. E de lado o critico Pirralho, todo em cheviotte amarello, bigodeira mephistophelica, o grande ar de Paris, dizia a vida na *Comédie Françoise*, o cerimonial de entrada no *foyer*, referindo a sua intimidade com aquella gente toda, anedoctas dos Coquelins, e como Croizette era a musa dramatica moderna. Em volta d'elle bulia uma ninhada de esperanças cor de cidrão, ganymedes penteados que se davam ares, corcovando a espinha e rindo alto das facecias do mestre, com sentido na ceia offerecida. E a cada momento, Pirralho esfogueitava pefa sciencia em citações vehementes, fuzilando, causticando e vibrando a nota heroi-comica que na sua prosa fazia o delirio dos discipulos, e a admiração do publico. Reinava grande cordialidade. O pae nobre Cezario, que desde o desastre da *Filha roubada* não fallava ao auctor, veiu lacrimoso abraçal-o pelas costas. E em volta acharam bonito, e houve beijos como entre damas. Mas sentiu-se um

*frou-frou* de sedas no cimo do escadim doirado do *foyer*, e uma voz argentina e alta, em que dominava o grave, disse duas vezes ou tres, risonhamente:

—Boas noites, boas noites!  
Era a Velledo. E atraz d'ella pelo braço de actores, maridos ou qualquer outra coisa, outras actrizes se mostraram, a Laura, a Elisa, a Maria Peres...

Albertina não quizera vir. Jorge tambem não estranhou a falta. Os trens esperavam á porta do theatro e, fallando ao mesmo tempo, n'uma alegria de boa gente que alarga o coração, essa sociedade toda foi abandonando o *foyer*. Havia de todos os generos, modestos, espirituosos, calembouristas, os de má lingua, os de má fama; e trambolhos lyricos, gente infeliz no jogo e fanada de orgia.

Aprumado e grandioso, ia o Pirralho no meio de seus discipulos, citando descobertas e ramos de sciencias que mais pezo causavam no seu cerebro vasto de homem ce e bre, pelo arrevezado das designações, e dizendo muitas como se aquillo o preoccupasse:—este seculo que descobriu isto e aquillo, o revolver, a escada Fernandes e as machinas de costura, que tem na anatomia o grande Bichat, na philosophia o grande Spencer, na arte Bonnat, Flaubert, Munoz, Balzac...

E a cada lance de escada era rodeado, forçado a parar; e gesticulando com os seus grandes braços de officina, dir-se-hia um sapo hydropico, prégando ás rãs extasiadas. De seu lado, o grande Horacio abotoava modestamente o casaco preto, não tendo arranjado ainda *coterie*. E humilde, de olho acceso, fuzilava sobre os que iam de braço

com femeas, sentindo as primeiras seccuras do amor lascivo.

Cada qual calçava luvas brancas, *gris-perle* ou amarello pallido. As senhoras carregavam sobre a frente os *capuchons* das *sor-ties-de-bal*, rendas de froco ou simples tules picados de abelhas de ouro; e pela escada apanhando os vestidos n'um desleixo elegante, mostravam meias de seda bordadas de lado, e esses primeiros lineamentos da perna, esvasados e airosos, que lembram desenhos de jarra etrusca, pela expansão tenra das curvas. A Laura, uma ingenua, loira e redondinha que findava o primeiro amante, borboleteava pelo braço do festejado Mattos cujos sessenta mantinham pretensões ainda, de galanteria e elegancia. E, a cada passo, deitava-lhe rindo a cabecinha no hombro mostrando os dentes meudos. Maria Peres era uma grande morena, esquelética e muda, a quem davam papeis de velha para que sempre tivera vocação. Não tinha amor permanente, e, como quartos de hospedaria, alugava aos mezes a quem vinha, o seu coração hospitaleiro.

Toleravam-lhe a convivência as collegas no emtanto, porque apesar de tudo era util, e pelo contraste fazia virtuosas essas senhoras todas. Declinando nos quarenta e cinco, os olhos de Elisa apenas se incendiam ante collegias sem barba, todos frescos, de ar tímido e rizo doce. E dava o braço ao joven Biscaya, magreirão de monoculo e beijo hottentote, exportado das Pias pelo caminho de ferro, e por todos dito o mais precoce e viridente genio das raças modernas, alma de poeta, orador de espinha heroica á bengala, muita fé nas pedras de raio, e grande



## PROTESTO

SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA!

Um acontecimento de véras condemnavel n'um paiz, que se rege por instituições livres, obriga a Academia de Coimbra, reunida em assembleia geral, a vir protestar energicamente contra o procedimento arbitrario e despotico d'uma auctoridade, que, collocada na administração do primeiro districto do reino, tinha obrigação rigorosa de zelar pelo cumprimento das leis constitucionaes e pela manutenção dos direitos, que nossos avós conquistaram á custa de tantos sacrificios.

Elles acabaram com a *inquisição* que amordocava a consciencia; extinguiram a *censura previa* que comprimia o pensamento, torturando-o dentro d'uma esphera acanhada... nós que deviamos ampliar tão brilhante legado, toleramos um homem, que saudoso do passado de despotismo, pretende implantar de novo os processos do velho regimen, abafando a consciencia e estrangulando o pensamento.

Os nossos avós pelejaram eruentas pugnas para nos legarem a liberdade de consciencia, a liberdade de pensamento, a liberdade de imprensa, que são os direitos do homem e as molas da civilização: nós consentimos que a pouco e pouco nos vão espoliando d'estas regalias, pautando-nos o que devemos pensar, o que devemos escrever e até o que devemos cantar!!...

E' supremamente despotico e tão despotico como ridiculo.

Senhores deputados da nação portugueza! vós já sabeis pelos jornaes o facto, que deu occasião a que a primeira auctoridade administrativa do districto de Lisboa puzesse em practica medidas odiosas, que violam as leis que nos regem.

No dia 24 de maio pela tarde, estavam alguns estudantes junto da Escola Polytechnica, como costumam; de repente um d'elles é preso pela policia, porque trauteava a *Marselheza*—o hymno nacional do povo francez!.. Conduziram-no á esquadra do Rato; e, como muitos acompanhassem o preso, prenderam mais 10 ou 11 estudantes, que até ás 6 horas têm sido conservados *incommunicaveis* no governo civil, como vemos pela leitura dos jornaes d'hoje!!..

Custa a crer que se pratique um tal acto de despotismo n'um paiz livre e que se não veja logo logo demittido o funcionario que assim espezinha os mais sagrados direitos do homem!...

—O meu amigo será bastante bom para me deixar apoiar no seu braço?  
Ficou attonito a semelhante desfeita! Pagava uma ceia de trescentos mil réis por causa d'ella, permittira-lhe uma ovação com os seus quatro actos e prólogo—era o mais respeitoso dos adoradores da diva; e por cima enxotavam-no!

—Ingrata, caprichosa! fez elle pallido de commoção. E até ao *restaurant* foi meditando na antipathia que á maior parte das mulheres inspirava, e na paixão que uma vez tinha merecido ao coronel Silveira, sendo ainda sargento em Bragança...

Dias e mezes correram, sem que realmente as relações de Jorge com a artista adiantassem muito. O pobre auctor sentia-se exaustado de ceremonial, perdia tempo em declarações, não largava o camarim com presentes de flores e versos da melhor fabrica, mas fitando a grande Velledo nas pupillas, não via n'ellas fuzilar essa scentelha brusca que na mulher reclama a intimidade d'um homem. Ia sendo tempo de se pôr á vontade com ella, de se conhecerem de perto; Jorge tinha pouco geito para lunatico. O amor platónico era irrisorio á sua alma de provincia, positiva em negocios e amando

Senhores deputados da nação portugueza! Não poderá ser lei d'este paiz a ordem d'um governador civil, que prohibe o canto da *Marselheza*, emquanto vigorar a carta constitucional, que reconhece a liberdade de pensamento!

Mal iria ás instituições que nos regem, se a sua sustentação estivesse dependente do canto de qualquer hymno! Estamos muito distantes dos tempos de Jerichó para nos arrecejarmos da força das trombetas!...

A academia de Coimbra, indignada por um procedimento tão inqualificavel, vem perante vós protestar energicamente pela manutenção dos direitos individuaes contra a oppressão systematica do governador civil de Lisboa, vem reclamar providencias que mostrem que, por emquanto, ainda não estamos á mercê dos caprichos d'um despota qualquer.

Coimbra, 25 de maio de 1882.

A mesa da assembleia geral

O Presidente—João Pinto Rodrigues dos Santos.

Os Secretarios—João Abel da Silva Fonseca, Gabriel Samora Moniz Junior.

## Echos de Lisboa

Ha muito tempo que a *vox populi* segreda que Arrobas está doído ou então é..... Amigos e inimigos das instituições, todos concordam em afirmar que elle está apostado a perder a monarchia pelo ridiculo.

No parlamento disse-se hoje bem alto que a hydra é uma monomania, filha do bestunto cerebrino do sr. governador civil, que nisto vai disfructando uns certos proventos mysteriosos, occultos..... emfim um negocio como outro qualquer.

Vem isto a proposito da ultima campanha do *assobio*, levada a cabo pela horda policial do tigrino coronel-governador-civil-par do reino. É o caso.

Pela rua da Escola Polytechnica passava ha dias um individuo, que, despreoccupadamente, por acaso talvez, ia trauteando o hymno official da França, como podia assobiar o *rei chegou* ou hymno da Carta. Um estudante, que se achava na escadaria da entrada da Escola, lembrou-se de dar palmas ao homem. Dentro do pateo alguns cantarolavam a *Marselheza*.

Nisto um policia que por alli andava espreitando a hydra, dirigiu-se disfarçadamente para a porta da Escola, e quando lhe pareceu, prende o inoffensivo estudante. Seguem-se os protestos que é costume; alguns

satisfazer de prompto os appetites que lhe vinham. Por mais, porém, que fizesse, para aos frequentadores do camarim parecer na intimidade da artista, não ouvia rosar em volta, da supposta ligação. Ella via-o chegar como aos outros, apertava-lhe a mão com um pequeno riso, fazendo telintar os braceletes.

—Bem, meu caro?

E continuava a palestra interrompida com outro. Diabo!...

Depois, a correccção exigida ao penetrar aquelle camarim.

Espirito de cazerna não era tolerado. Os homens não fufavam nunca. Vinha-se de cabeça descoberta corteja-la com grandes reverencias. E no respeito a relações de qualquer ordem, nada, mesmo nada, antes de se ser apresentado com as formulas de estilo classico.

Porque era de saber que se tractava com uma mulher superior, a primeira actriz portugueza, o astro, a deusa, a musa do drama. Rachel, Sarah, M.<sup>lle</sup> Mars, e as mais chapas consagradas n'este genero de apoteoses. Depois, mulher do mundo, talento de primeira ordem, espirito de duquesa á Balzac, leituras finas, e seriedade de porte, dizia-se, não vulgar entre lonas pintadas. Era uma d'estas mulheres de scena afinal, corrompidas de espirito e gastas de sensibilidade pelo habito de fingir, representar ao vivo e pintar tudo, labios, cabellos, faces e sinceridade.

O uso do branco e do carmin, estragando-lhe a epiderme da face, proflubira-lhe as transparencias do rubor, que na mulher mesmo velha, são a juventude eterna da

endiabrados rapazes lembram-se de dar vivas á *raiz cubica*, o que provoca novas prisões em numero de 15. Pouco depois, como por encanto, apparecem defronte da Escola 60 policias fardados e muitos á paisana, commandados pelo sr. commissario geral. «O que é? o que não é? apanhou-se a hydra? escapou-se? vão chamar o Arrobas» e *záz*: «conduzam immediatamente os revoltosos ao governo civil»; e lá foram os rapazes no meio de 42 policias, e patrulhas de cavalaria, como se se tratasse d'uns facinoras perigosos. Chegados ao governo civil, são postos incommunicaveis, e ainda foram presos mais alguns estudantes pelo simples facto de pedirem para fallar aos encarcerados.

Activam-se as diligencias para se obter a soltura dos presos, dirigem-se commissões aos ministros, ao parlamento, a toda a parte, e á noitinha consegue-se que elles vão dormir a suas casas sob condição de comparecerem no dia seguinte na Boa-Hora para pagar a fiança.

Eis os factos.

Commentarios dispensa-os o leitor intelligente; contudo, para substituir os da nossa lavra, dar-lhe-hei duas noticias que valem por muitas columnas de declamações.

Os estudante da Escola medica vão requerer *exame medico-legal na pessoa do senhor conselheiro Arrobas*, porque suspeitam que elle não se acha no goso perfeito das *faculdades intellectuales*.

Matal-o pelo ridiculo é a resposta mais adequada a tantos dislates, atormental-o, seringal-o com a troça é o melhor alvitre que se podia adoptar para o desautorisar, se elle é susceptivel de descer mais baixo na opinão de toda a gente sensata.

—Outra.

Os estudantes de Lisboa resolveram convocar um grande comicio para protestar contra as arbitrariedades inqualificaveis de que foram victimas alguns dos seus collegas, por effeito das ordens do inepto governador civil de Lisboa.

Esta é mais importante porque, attenta a animosidade geral que por ahí vaé contra a imbecil auctoridade, é possivel que o governo ou antes o paço se veja constringido a dar-lhe a demissão. Veremos; mas, como republicanos, havemos de lamentar profundamente a perda do nosso melhor propagandista, se assim acontecer.

BINOCULO.

alma—ao tempo em que os papeis violentos e contrastantes, embotando-lhe a vibratilidade interior, lhe não deixavam já sentir as coisas originalmente e por si propria, como se cada sensação sendo um dedilhar de corda colea, ficasse impossivel, estando essa corda partida. Como todo o artista caçado, a Velledo só obedecia agora aos moveis estranhos, o interesse, o egoismo, o orgulho ou o desejo animal, sentindo um desprezo por tudo o mais. Tudo era n'ella scientificamente preparado, ensaiado, mechanico, solemne e feito de cor—um papel, um sorriso, um cumprimento ou qualquer noite paga.

Como toda a bohemia da arte, aos trinta annos, essa mulher percorrera tudo na vida, miserias, vagabundagem, a bambocha de fabricas e tascas, mancebias de acaso em agnas furtadas com estudantes e bombeiros, o prego, fomes de palmo, todas as escoriações do vicio caloteado e baixo. Teve um filho aos quinze, de que já não sabia aos deztoito. E levou pancadas, foi abandonada umas poucas de vezes, figurou no livro das prisões, foi bailarina e comparsa de feira. E agarrada para povo n'um dramalhão de apparato uma noite, entrara a crescer. Os noticiarios faziam-lhe loaes e referencias que ella pagava depois do espectáculo. E engrossou, encheu de hombros, fez-se mulher.

Este viver atormentado a fóra curtindo ao mesmo tempo, ficando-lhe o frio olhar calculista, que tudo revertia em proveito proprio, farto de se vér explorado e cuspid.

A sua belleza, embryonaria, até aos quinze ou desaseis annos, effloresceu apoz o primeiro filho em exuberancias mimosas e

Está finalmente implantado o imperio absoluto da policia em Lisboa.

As liberdades estão prostergadas, os principios estão sendo offendidos brutalmente por uma horda de analfabetos, que com o fardamento de policia, querem esmagar Lisboa debaixo d'um despotismo vergonhoso que ninguem hoje pôde nem deve aceitar.

Em nome do fanatismo da realeza, dissolve-se uma pobre philarmónica que no dia 9 tocava as 11 horas e meia nas ruas da baixa da capital. Em nome do fanatismo religioso prende-se uma criança de 15 annos, alumno da Escola Polytechnica, condemnando-o a 60 dias de prisão não remivel, roubando-lhe um anno de trabalho intelligente, e começando assim a vingança á commissão academica, á academia de Lisboa, por esta ter demonstrado, que no povo portuguez ainda ha sentimentos de civismo, que, quando desbertos, contrastam profundamente com os sentimentos baixos e ridiculos dos governos e dos seus empregados. Finalmente, em nome do fanatismo pelo absolutismo, em nome do odio á liberdade, prendem 11 alumnos da Escola Polytechnica por um d'elles ter commettido o nefando crime de trautear o hymno nacional da França, a expressão musical que synthetisa n'uma melodia esplendida as aspirações d'uma nação amiga, d'uma nação que deve ser por todos respeitada, como o exemplo brilhante do povo d'onde tem irradiado em scintillações esplendidas todas as ideias de liberdade, todos os harpejos suaves que formam a grande harmonia do ideal moderno; e os outros 10 por terem commettido o não menos nefando crime de acompanhar um seu collega, mas sem um grito de desordem, e unicamente para provar a amizade sincera a esse seu companheiro que tinha sido tão brutalmente esmagado pela força.

Querera á academia de Lisboa ficar calada? Não, por certo; já nos consta que os estudantes vão promover um grande comicio em Lisboa protestando solememente contra esta arbitrariedade, que, se não for severamente castigada, pôde ser o inicio d'uma nova era de perseguições ultrajantes á nossa dignidade, aos nossos costumes e mais do que tudo á nossa liberdade, que nenhum Arrobas qualquer poderá esmagar.

Consta-nos tambem que a academia tencionava levantar um processo aos policias que tão estupidamente comprehendem os seus deveres e esperam que o poder judicial terá a hombridade sufficiente para não deixar assim vilipendiada a honra nacional e todos os principios que devem animar o espirito d'um povo livre.

brancas, e delicados tons de face. Aos trinta annos levanda uma existência tranquilla, boa mesa, dois cavallos, o palacete da Graça e brasileiro para despezas, a Velledo era uma bella mulher alta, branca, solida, e admiravelmente moldada.

Isto dava aos seus grandes gestos de drama, ridiculos á força de convencionaes, uma soberania e relevo, que eram o furor do corpo commercial, brasileiros de volta, provincias e ilhas, todo o *paiz* ainda rançado em banhas lyricas e sentimentaes tradições. Nenhuma d'esse tempo possuia olhos, hombros e braços como a Velledo. Gentes decahidas por idade ou excessos, iam ouvil-a de rainha, princeza de isto ou aquillo, Fernanda, Magdalena de Vilhena ou Morgadilha, a galvanisar-se e readquirir tom, pela excitação ou deslumbramento da sua voz dizendo tiradas pomposas, ou d'essa extraordinaria carne extravasando em maravilhas plasticas. N'uma cidade como a nossa, onde as damas filiformes e cor de palha, lembram bichos de seda em caricatura, essa magnifica e authentica mulher fazia imperio e dava cubica, mesmo assim fria de mascara, e parecendo viver fóra de scena, a eterna insomnia das estatuas. Não era muito o talento, não. Mas os gestos salvavam-na, depois de se haverem salvo pelos braços.

Além de que, os amantes tinham-na feito distincta, linha orgulhosa de princeza, e esse vestuario esmanchado, um pouco doído e tão pittoresco, que as mulheres aborrecidas desenhavam para se distrahir.

(Continúa.)

FIALHO D'ALMEIDA.



Todos os que sabem a tristissima historia das relações entre a academia e as regiões officiaes, por occasião do centenario, comprehendem perfeitamente que esta arbitrariedade policial é o 2.º acto da comedia que se está representando, e que tem unicamente como objectivo uma perseguição alvar e demente contra os estudantes que tiveram a força de solemnisar o centenario do Marquez de Pombal.

A academia apresentou um programma de solemnisção ao centenario do Marquez de Pombal em que transparecia o desejo de préstar o culto á sciencia e á liberdade como unico fim... Era necessario não deixar impunes os que levantavam assim tão alto a bandeira das brillantissimas tradições patrias. Ao governador civil e ao governo não lhes permittia os seus instinctos biliosos verem em socego manifestar-se tão cordata e elevadamente todos os principios de liberdade que animam o povo portuguez.

Começou n'esse tempo a suja perseguição que teve como prologo a má vontade do governo ao centenario de Pombal e que tem agora como epilogo a prisão brutal e vergonhosa de 11 estudantes d'uma das escolas superiores de Lisboa.

Começou então a manifestar-se o antagonismo que existe já hoje entre os que estudam e que amam a dignidade da sua patria e que assim levantavam tão alto a memoria d'uma das suas passadas glorias; e o governo, que receioso d'essa commemoração quiz quebrar uma por uma todas as aspirações da academia e que hoje raivoso da victoria dos estudantes persegue-os cobardemente sem critério e sem norma de lei alguma.

Continue o governador civil a atropelar assim as leis. Continue assim a rasgar todos os principios que tem sempre dirigido o povo portuguez até nos levar á perspectiva d'um conflicto internacional, porque é necessario que se diga com toda a franqueza que amanhã o ministro francez tem todo o direito a exigir uma completa satisfação á sua bandeira ultrajada.

L. C.

DITOS E PHRASES

Fr. Caetano Brandão, acerca do clero portuguez no principio d'este seculo disse: São aquelles que á força de supplicas im-

DOCUMENTOS DOS JESUITAS

(Continuação)

EM UMA CARTA DE EVERARDO MERCURIANO AO PROVINCIAL MANUEL RODRIGUES, DE JUNHO DE 1575

Entrou o abuso na Companhia de se tratarem por doutor, mestre, licenciado, etc.; na companhia não existem taes grãos, só servem para ajudar o bem commum; nem servirão de titulo ou preeminencia.

ALGUNS AVISOS ESPIRITUAES DO GERAL EVERARDO

Não se consintam paradoxos e opiniões extravagantes que além de serem contrarias ao espirito da Sociedade são n'este tempo de grande perigo mormente n'essa região, tendo a companhia emulos, assim os que ensinam e pregam sigam sempre a doutrina commum e sã.

Que os nossos attendam sempre devéras á verdadeira abnegação de si mesmos, e á mortificação, e desapropriação de sus affectos no permitindo singularidades.

Para confesores de mulheres poucos e escolhidos, que fallem pouco e se não demorem com esta gente principalmente de tarde ou estando a igreja sem gente; nem confessem sem testemunhas *nulum locum dantes aut suspitioni aut diabolo y en suma no pierdan tiempo con este trato que es de poca ganancia y puede ser de mucha perdida.*

*En la institucion d'esta gente quando se dan a cosas spirituales se an de prevenir las illusiones. Ducuntur hae variis desideriis et implicantur multis erroribus et multa conversa sunt retro post Satan: y por este medio el demonio suele triumphar de muchos siervos de dios.*

E preciso tirar-lhes os desvanecimentos de cabeça, que tratem das obrigações e que

portunas, de respeito humanos e outros motivos ainda mais vergonhosos, costumam extorquir da curia romana provisões beneficicias, que mais parecem titulos de contractos de predios rusticos do que beneficios ecclesiasticos; provisões a favor das quaes tem infestado as parochias e côros de todo o reino uma tropa confusa de *sujeitos indiguos etc. etc.*

A insolencia do clero, a qual nasce da indulgencia dos bispos, turba o mundo e afflige a igreja. Entregam os bispos as coisas santas a cães e as pedras preciosas a porcos e elles em paga mettem-nas debaixo dos pés. Assim o quizeram, assim o tenham.

S. Bernardo: Carta ao papa Innocencio II.

Os Jacques Clementes não apparecem se não onde a sinceridade das convicções degenerou em delirio; e não onde as crenças são especulação.

Para ser Jacques Clemente requer-se mais alguma coisa do que saber assassinar; é necessario saber morrer.

A. Herculano.

Depois do combate nos campos da batalha, vem o combate da historia.

As lições da historia rara vez as aprendem os seus proprios auctores.

Garfield.

Contas de *gran capitán*: D. Gonçalo Fernandes de Cordova, militar insigne, obteve o cognome de *gran capitán*.

Tendo obrado grandes prodigios de valor na guerra de Napoles, foi objecto de intrigas na corte de D. Fernando.—Chamado a Hespanha, pediram-lhe contas do dinheiro gasto na guerra. Gonçalo que todo o seu rico patrimonio havia dispendido no serviço da patria, respondeu á exigencia das contas, dando-as pelo seguinte feito: 2005000 ducados em frades e freiras para pedirem a Deus pela victoria dos Hespanhoes—7005000 em espítoes etc. etc...

O vulgo attribue a estas contas as seguintes palavras:

tratam antes de mortificar-se que de fazer revelações.

Pelos muitos inconvenientes que nascem pelos nossos enfermos irem para casa de seus parentes desejo que isto só raramente se faça, e com causas muy urgentes, e vejam se será possivel dar-lhe companheiro.

DE EVERARDO AO PRELITO DA CASA DE S. ROQUE

Os padres nada temem seu proprio nem de casa nem de fora.....

.....homens de todo desligados das cousas d'esta vida e que nada devem ter como proprio não tenham causa de perder nada na sua perfeição e tambem para que das cousas pequenas não se vá ás grandes perdendo-se o espirito de verdadeira pobreza... todavia o superior pôde dar licença a algumas pessoas, em particular, para dispôr de cousas pequenas como são contas, imagens, agnus-dei, etc.

E segue — el parecer que V. R. da en que nuestros confesores non den limosnas a sus confessadas nos contenta mucho y se proveerá en las reglas de los sacerdotes=.

DA PROVISÃO DO CARDEAL INFANTE, INQUISIDOR GERAL

.....pela confiança que temos dos padres da companhia e por terem escolas geraes havemos por bem dar licença ao provincial..... e aos superiores dos collegios e casa de S. Roque..... possam rever e examinar e censurar todos os livros, tratados, opusculos, escriptos ou papeis de mão ainda que não tenham nome de auctor, que ao presente tiverem ou pelo tempo adiante comprarem..... damos licença ao provincial e superiores para que elles e as pessoas a que elles communicarem possam ter e usar de todos os livros, impressos, papeis e escriptos de mão..... de qualquer maneira defesos por nós ou polos inquisidores ou

Palas, picos y asadores, diez millones. Estopa, resina e piez, otros diez.»

Depois do peccado mortal, o que um bispo deve evitar de preferencia é o ridiculo.

Voltaire.

NOTICIARIO

Duas boas novidades litterarias. Antonio Feijó te a no prelo um livro de versos, e Luiz Osorio vai publicar a poesia que recitou em Lisboa no sarau dos estudantes.

A poesia de Luiz Osorio é editada pelo seu condiscipulo João Valente.

A Imprensa da Universidade publicou, por occasião do centenario de Pombal, um livro contendo a colleção das diversas vinhetas e emblemas que ainda restam da antiga Imprensa dos jesuitas. Esta Imprensa foi, como é sabido, extinta em 1759, passando o seu material para a da Universidade.

Vimos este livro e admirámos o trabalho da impressão, que, apesar de se acharem algumas das gravuras bastante deterioradas, saiu perfeitissima. Este resultado foi, segundo nos consta, devido ao director da impressão que fez avivar as gravuras e executou todo o trabalho, pelo que é digno dos maiores elogios.

Cremos que já não existe nenhum exemplar d'esta curiosa publicação. Era de grande utilidade que a imprensa da Universidade procedesse á tiragem de mais exemplares.

Quando publicámos o manifesto do Congresso Universal do Pensamento Livre, esqueceu-nos mencionar os locais onde se recebiam adhesões.

Reparamos hoje essa falta. Qualquer comunicação pôde ser enviada para a redacção do *Protesto Operario*, Porto, Largo da Fontinha, 50—Lisboa, Rua da Paz, 74, 2.º.

O *Campino*, jornal de Villa Franca de Xira, transcrevendo da *Evolução* o protesto dos alumnos do 4.º anno juridico contra as

polo catalogo do papa ou do concilio tridentino contanto que não sejam da primeira classe. Evora, 3 de fevereiro de 1578.

DO GERAL EVERARDO AO VISITADOR MIGUEL DE SOUSA RESIDENCIAS PERIGOSAS

..... Tenho visto como nas residencias que temos se repetem os desastres. V. R.ª empenhe-se em que os nossos não corram perigo, e muito folgarei que os nossos, quando possivel, venham dormir a casa. Não se entende isto nas ferias quando ordinariamente estão em Villa Franca (a quinta dos Jesuitas, vizinha de Coimbra, na margem do Mondego), e outras semelhantes residencias de muitos irmãos porque então não parece que haja este perigo.

HORARIO DO PROVINCIAL MANUEL RODRIGUES

De março a setembro tange-se o levantar ás 4 da manhã; o jantar ás 10, a ceia ás 6 e 3/4, o exame ás 8 1/2, deitar ás 8 3/4.

De novembro a janeiro é o levantar ás 5 1/4, jantar ás 11, ceia ás 8, o exame ás 9 3/4, deitar ás 10. Nas epochas intermedias as differenças são de quarto de hora.

O padre Jeronimo Rebello vice-reitor que foi d'este collegio (S. Paulo, de Braga) deixou escriptas por sua letra e seu signal estas palavras que seguem: — Em o anno de 1576 disse o arcebispo Dom fr. Bartholomeu dos Martyres que bastava por pregação em Vimieiro fazerem a doutrina aos lavradores e para isto bastaria o cosinheiro. Em esta igreja diz o cura que nam se prega domingo de Ramos nem dia de Paschoa.

DISPOSIÇÕES DO VISITADOR MIGUEL DE SOUSA (1578)

São muitas; publicaremos algumas das mais curiosas.

4.ª que façam orações ou declamações e que deem premios se quizerem.

injustas apreciações de que tem sido alvo o seu condiscipulo E. Gorrão, accrescenta as seguintes palavras:

«Parece-nos que este protesto, tão energico quanto conciso, deve servir de forte mordaca a todos aquelles que, não respeitando a dôr d'uma familia nem a desgraça d'um mancebo probó, se tem occupado em divulgar uns boatos calumniosos e aviltantes.»

O mez de maio tem corrido ameaçador para a agricultura. Devemos á amabilidade d'um amigo o seguinte extracto d'uma carta que recebeu de uma localidade do concelho de Idanha a Nova:

«No dia 18, das 4 para as 5 horas da tarde, descarregou sobre parte d'este concelho uma trovoadá medonha. As vinhas, além dos prejuizos d'este anno, ficaram ja podadas para o seguinte. As searas ficaram por tal modo que nem a palha se aproveita.

Os rendeiros ficaram desgraçados, o que se reflecte nos proprietarios que nada podem exigir. As sobreiras d'um instante para outro tomaram um aspecto estranho d'arvores aqui desconhecidas; são espectros vegetaes. As oliveiras estão juncadas de ramos, e as arvores fructíferas tem uma vista fria e desoladora, sem comparação com as mudanças no outomno.

A saraiva era tão grossa que chegou a ferir algumas pessoas matando aves e outros animaes».

Não garantimos a authenticidade do seguinte:

Consta-nos, muito vagamente, que vai abrir-se em cada commissariado uma aula de musica, em que se habitue o corpo policial a conhecer os diferentes hymnos nacionaes para que prenda qualquer executante, apenas o ouça tocar a Marselheza.

Lembramos um additamento: — ser preso todo o individuo que não souber afinar o hymno da carta.

Queixa-se-nos um cavalheiro, que nos merece todo o credito, de ter sido insolente-

5.ª que não haja excessos em agasalhar frades e hospedes.

8.ª leia o reitor cada mez as regras do perfeito das cousas espirituaes.

10.ª deem mais pregações a Roriz.

12.ª de noite não vão os moços buscar ovos.

13.ª deem á mesa bom vinho.

19.ª algumas vezes o reitor juntará os sacerdotes e fará conferencias com elles, se ha alguém que inquiete, se ha uniformidade na igreja.

20.ª fazer caso dos homens.

27.ª que não variem muito os officios.

28.ª Afagar os que vêm tentados,

30.ª Antes pender para o bem prover que para o mal.

31.ª Tirar pouco a pouco o fallar na crasta.

43.ª Tenham azorragues para botar os cães da igreja.

44.ª Tenha o reitor tento no que se prega por si ou por outro.

49.ª Peça-se ao arcebispo provisão para tomar adagas e canivetes.

51.ª Não se admita no estudo quem não sabe escrever.

52.ª a 55.ª Sobre o numero de estudantes nas classes; na 1.ª até 100; na 2.ª até 110; na 3.ª até 120; na 4.ª até 200.

61.ª Os mestres não se ponham a fazer pregações e colloquios alta voz.

62.ª Haja premios e dialogos, os premios podem dal-os os discipulos para as suas classes.

64.ª Não haja figuras nas declamações.

65.ª Os discipulos todos tirem os barretes.

69.ª Não é necessario que o reitor mostre aos consultores todas as cartas que lhe escreve o padre povincial.

71.ª Os mestres não podem fazer festa na classe nem armar a classe sem licença do Reitor.

GABRIEL PEREIRA.



mente tratado ha poucos dias, n'um comboio ascendente, por um empregado da companhia, que tem o officio de revisor.

É doença chronica que invadiu quasi todos os empregados do caminho de ferro, que não se envergonham de ser mal educados, acreditando-se uns *tigres* ainda mais ridiculos que o proprio *tigrinus arrobæius*. Pedimos ao sr. Espargueira que exija mais educação e melhor serviço aos seus subordinados.

Começaram no dia 29 os actos na faculdade de direito. Eis os nomes dos examinados.

1.º ANNO

Ribeiro de Magalhães.  
Marques d'Oliveira.  
Almeida e Silva.  
Carvalho Jalles.

2.º ANNO

Abel d'Azevedo.  
Almeida Rego.  
Carneiro da Cunha.  
Cunha Brochado.

3.º ANNO

Alvares Cabral.  
Alfonso Carvalho e Lemos.

4.º ANNO

Barbosa Mendonça.  
Alfredo Carvalho.

5.º ANNO

João Arroio.  
A. Guimarães.

A reforma d'instrução secundaria, apresentada ultimamente pelo sr. Thomaz Ribeiro, passou a dormir o somno dos justos. Era d'esperar, porque a celebre carta, que o sr. Thomaz Ribeiro escreveu no Porto sobre a salamanca, roubou a este sr. ministro todo o tempo para cuidar de coisas uteis e aproveitaveis.

Foi acaso o jesuitismo que lhe determinou esse procedimento, que se não justifica? Acreditamos-o sem difficuldades.

Fervilham os empenhos no ministerio da justiça para *abichar* as conexas. O reaccionario ministro vê-se seriamente apouquizado e não sabe resolver tantos interesses que estão em conflicto.

O nosso presado collega do *Seculo* disse, por equívoco, ter recebido do sr. Miguel Baptista da Silva a sua dissertação sobre finanças. Pedimos licença para advertir que foi o curso do 4.º anno juridico quem mandou imprimir aquella dissertação, e não o auctor, infelizmente já fallecido.

Den á luz uma robusta creança a ex.<sup>ma</sup> esposa do sr. Joaquim da Silva Coirinha, de Alcanena.

Nossas felicitações.

M.

O ultimo numero da *Evolução* appareceu adornado de muitos erros. Além d'outras excellentes cousas, saíram um *occuparem-nos* e uma *syndicatoria* de delicioso effeito.

Por mais que nos censem com a revisão, sempre colhemos o mesmo resultado.

À hora a que este jornal sair deve já ter sido entregue no ministerio do reino a representação dos alumnos da Escola Medica de Lisboa, pedindo que se sujeite o sr. Arrobos a uma inspecção medica, afim de se conhecer o estado das suas faculdades mentes.

Podemos asseverar aos leitores a veracidade d'esta noticia, que muita gente tomou por uma *blague*.

A academia de Coimbra resolveu, reunida em assembleia geral, agradecer á academia de Lisboa o entusiastico e fraternal acolhimento que esta fez aos estudantes de Coimbra, por occasião do centenario do Marquez de Pombal.

IMITAÇÃO DA CARTA DE BUY-BLAS  
(de V. H.)

Na sombra, alma gentil, envolto no mysterio  
Alguem vos ama e esconde o seu modesto amor:  
É o verme a quem prendeu o rutilar sidereo,  
Que vem banhar no abysmo a sua enorme dor.  
Por vós, que o deslumbraes do vosso espaço ethereo,  
Elle a vida daria—o triste sonhador!

S. G.

Publicações recebidas

Na impossibilidade de dar circumstancia da noticia de todas as publicações, cuja offerta agradecemos, diremos duas palavras sobre algumas, sem vislumbre de menos attenção por aquellas a que, por falta d'espaco, não dedicamos a nossa critica, tão modesta como franca.

—PREITO A POMBAL!—Uma poesia do sr. Almeida Braga. Apresenta, a pagina 11, dois versos magnificos; são:

... o seu nome a brilhar nas radiações da gloria,  
domina e reina já nas paginas da Historia.

A. Feijó—Sacerdos Magnus.

Como o distincto poeta pede benevolencia á critica, e porque não nos julgamos á altura da sua poesia verdadeiramente original, não fazemos o minimo commentario.

—REVISTA UNIVERSAL—periodico illustrado—homenagem a Almeida Garret.

É uma excellente publicação, de 8 paginas cada numero, que, além de instructiva leitura e variada, apresenta nitidas gravuras.

Assignatura (paga adiantada) para Portugal, Ilhas e Ultramar: por cada volume de 50 numeros, 3,500 reis; por cada serie de 10 numeros 500 reis.

Para o estrangeiro accrescem os portes do correio e as differenças do cambio. Numero avulso 60 reis.

Escriptorio na Rua da Rosa, n.º 206, 2.º andar—Lisboa.

—Codigo SOCIAL, base da Federação Brasileira. É um folheto de 60 paginas, em que o sr. Alves Corrêa, seu auctor, diz certamente o que pensa, mas que não podemos comprehender em todos os pontos.

É na verdade incomprehensivel, para nós, o periodo que o auctor, tratando da educação da mulher, fecha com as palavras seguintes:

«... tire-se-lhe da cabeça esse *formigueiro* de idéas vaidosas e aspirações falsas, que lhe fazem comprimir o craneo em volta da sua pequenez, e encham esse vasio com um numero de verdades palpaveis e sublimes aspirações que o adaptem á sua grandeza.»

Se, por ventura, não é exclusivamente nossa a culpa de acharmos obscura esta passagem, confirma o auctor a declaração que faz, na *Advertencia*, de que não abriu um livro nem consultou pessoa alguma antes de publicar este trabalho. Confirmar, porém esta affirmativa parecia-nos desnecessario; era para nós sufficiente a palavra do sr. Corrêa.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA. Publicação mandada fazer pela camara actual do municipio de Lisboa para commemorar o centenario do marquez de Pombal.

Encerra o 4.º fasciculo interessantes documentos, subsidio precioso para os futuros historiadores. Acompanha este faciculo uma gravura, representativa da—*Divisa da cidade de Lisboa*. Consiste n'um navio, em que se vêem poisados 2 corvos, allusão ao que nos diz a lenda. Conta-se que, tendo sido exposto á voracidade das aves de rapina o cadaver de S. Vicente, 2 corvos o defenderam contra os animaes que pretendiam banquetear-se. É sabido considerar-se S. Vicente padroeiro da capital.

É colleccionador dos documentos, que, por numerosos, nos abstemos de citar separadamente, o sr. Eduardo Freire de Oliveira, archivista da camara municipal de Lisboa.

—ESTUDOS FINANCEIROS—Dissertação para a 8.ª cadeira da faculdade de direito; por Miguel Baptista da Silva. Sabem os leitores d'este semanario o apreço em que tinhamos o merito d'este infeliz mancebo, que falleceu n'uma idade em que tanto havia a esperar do seu talento; e os leitores do *Instituto* conhecem o merito do trabalho apresentado pelo notavel academico na aula de finanças.

O actual curso do 4.º anno juridico, em homenagem á memoria do seu ex-condiscipulo, resolveu publicar aquella levantada manifestação da sua muita intelligencia. Não temos senão reverencia e sympathia por um acto tão honroso para quem o pratica. A dissertação é precedida da biographia, feita pelo distinctissimo e já conhecido academico João Pinto Rodrigues dos Santos, da poesia que já os nossos leitores conhecem, recitada pelo estimado poeta Luiz Osorio, á beira da campa, e d'algumas palavras que na mesma occasião pronunciou o intelligente quartanista Alfredo Vieira.

GUTTENBERG, publicação quinzenal dedicada á classe typographica e artes correlativas. Temos presente o numero programma que, além do artigo de apresentação, insere outros de grande merito. A edição é nitida e o preço de cada numero, de 8 paginas, é 40 reis. Para as provincias só se remette por series de 5 numeros, pagos adiantadamente. Administração—Calçada do Tijolo, 39, Lisboa.

LISBOA

O COMICIO

Terminou agora (2 1/2 horas da tarde) o comicio, promovido por uma commissão de estudantes para protestar contra as ultimas arbitrariedades do governador civil de Lisboa, já bem conhecidas de todos.

Perto de 4000 pessoas de todas as classes enchiam o vasto recinto a Arroios.

Tomou a presidencia Augusto Crespo, um dos mais prestantes membros da commissão pombalina, e da escola medica; e serviram de secretarios Barata e Lança. Crespo narrou as peripecias succedidas hontem para obter a licença para o comicio, que afinal não foi concedida; diziam que a commissão era composta de creanças, quando não era assim, eram todos maiores e, ainda mais, eleitores; na urna tirariam o desforço; o commissario de policia não vinha assistir porque *confia no bom senso da commissão*; pediu ordem; da ordem do comicio sahirá a força; foi energico e preciso.

Foram lidos telegrammas do Porto e Coimbra. Tomou em seguida a palavra Pereira e Sousa, membro da commissão. Elle era uma creança, mas tinha sido nomeado pelo governo para a commissão official pombalina. Leu a parte de policia do *caso da polytechnica* que produziu sensação; agora já se provoca á rebellião pelo assobio; aos discursos de Danton, Kobespierre e Marat contrapõe se o assobio; é ordeiro mas energico; se querem apanhar a hydra, prendam a maioria que approva a Salamanca.

Theophilo Braga, professor, ao principiar teve uma ovação; fallou do direito de reunião e definiu o que é ordem; contra-ordens a ordens é que é a desordem; a revolução, a anarchia está em cima; os poderes constituidos é que estão na desordem; elles é que deshonram as instituições e adduziu factos comprovativos; não deve ser representação mas requerimento; Arrobos e a policia infringem constituição, são criminosos; denominou de covardia a não comparencia de professores da Escola Polytechnica. Foi aplaudidissimo.

Portugal da Silva com voz firme e convicta revoltou-se contra isto tudo; prohibiram tudo até o assobio; respeita a auctoridade, mas a que exerce bem esse poder; os poderes publicos deixam medrar a reacção e atropellam os estudantes na sua carreira academica.

Barata leu o protesto; bravos e palmas cobriram o estudante.

Verdades Faria, tambem estudante, verbou entusiasticamente todas estas ultimas prepotencias; não conhecem os academicos como cidadãos para se reunirem, mas co-

nhecem-os para as propinas! agradeceu á imprensa independente e a todos que tem tomado a defeza dos estudantes presos; Fontes disse que era preciso dar força á auctoridade, mas então é porque ella não a tem.

Fallou tambem Eduardo Maia, que, quanto não fosse academico nem professor, desejou associar-se como habitante de Lisboa contra os desatinos do Arrobos.

O protesto foi delirantemente approvado e approvado tambem o parecer de Theophilo Braga para que tivesse a forma de requerimento, para ser instaurado o competente processo.

Completa ordem, dispersando tudo pacificamente. Vivas á academia. Grande apparatus policial.

E assim uns 4000 representantes da população de Lisboa manifestaram serena mas energicamente a sua reprovação ao governo da primeira auctoridade do districto.

ANTONIO FURTADO.

Correspondencia

ADMINISTRATIVA

Temos pedido por escripto a alguns dos nossos estimaveis assignantes que mandem pagar n'esta administração a importancia de suas assignaturas. Usamos d'este meio pelo motivo de não haver n'algumas localidades auctorisação para cobrança pelo correio, ou porque, sendo insignificantes as quantias a cobrar, seria relativamente grande a percentagem que teriamos de deduzir para pagamento da cobrança.

A esses nossos assignantes esperamos dever-lhes a fineza de responderem em breve ao nosso pedido.

Temos a prevenir os srs. assignantes que não receberam o numero especial d'esta folha, sabido por occasião do centenario, por não haverem ainda satisfeito a sua assignatura relativa á 1.ª serie, que o receberão logo que mandem satisfazer os seus debitos.

Aos cavalheiros, que ultimamente tem assignado para este jornal, requisitando a colleção dos numeros sabidos, temos a pedir desculpa da falta de alguns numeros, cuja edição se esgotou; esperamos poder enviar-lhos mais tarde, o que faremos logo que obtenhamos alguns d'esses numeros, que tratamos de comprar.

Recebemos d'Odemira, onde muitos cavalheiros honram a nossa folha com a sua assignatura, o seguinte telegrama:—*«Sd um assignante recebeu a Evolução.»*

Podemos affiançar que enviamos a todos os srs. assignantes.

Lembramos simplesmen te uma coincidência notavel.—Temos supportado em silencio irregularidades do serviço postal; rogamos porém no ultimo numero ás direcções dos correios que fossem mais escrupulosas no cumprimento dos seus deveres.

Succede logo um facto d'esta ordem. É realmente curioso!!! Aos nossos estimaveis assignantes pedimos desculpa de não remetter os numeros que faltam, porque os não temos.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que toda a correspondencia da *Evolução* deve ser dirigida para o Marco de Feira—4—Coimbra.

Encarregam-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas da *Evolução* os seguintes cavalheiros: Santarem—José Ferreira Maia, rua Direita, n.º 89.

Ribeira de Santarem—Joaquim Malfeito.

Cartaxo—Francisco Pereira.

Alcanena—Antonio Garcia.

Rogamos aos srs. assignantes que satisfacão com a maxima urgencia a importancia do seu debito.





# A EVOLUÇÃO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não póde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 27

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 5 DE JUNHO DE 1882

PUBLICAÇÕES  
Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

## O LIVRO D'UM MINISTRO

### III

Chegamos agora á parte do livro na qual o sr. Serpa trata do partido republicano.

Este partido é, segundo o auctor das *Questões de politica positiva*, composto de homens que valem pela intelligencia e pelo caracter, de especuladores, de resabiados da civilisação, de orgulhosos e vaidosos, de republicanos por jactancia e chibanteria, de espiritos acanhados que imaginam salvar o paiz supprimindo a lista civil, e finalmente de republicanos por preconceito (pag. 168, 169, 170 e 177).

Vamos ver a opinião do estadista a respeito de cada um d'estes grupos.

Ha em primeiro logar os homens que valem pela intelligencia e pelo caracter. É uma concessão forçada que nos faz o sr. Serpa, mas, apesar d'isso, agradeçemo-la. Effectivamente, enquanto os chefes dos partidos monarchicos vão subindo, até chegarem ao pariato e ao governo, ao mesmo tempo que descem na consideração dos homens de bem, os republicanos vão-se conservando no isolamento e na abnegação, com a consciencia do dever cumprido,—o que de certo vale mais, para elles, do que qualquer pasta de ministro.

Temos a considerar depois os *especuladores*. Quem designará o sr. Serpa por esta palavra? Serão os que fazem alarde das suas idéas republicanas para se venderem aos partidos monarchicos?

mais subido preço? Não pensamos que queira fazer uma offensa tão grave aos seus correligionarios politicos, que, em grande parte, foram recrutados entre esses especuladores.

É sabido que, logo que o partido regenerador dá noticia d'um politico venal, d'uma consciencia baixa, procede á compra, e inscreve-o no seu grémio.

Podiamos fallar de muitas apostasias, mas o publico ha muito que conhece, para lhe votar o seu desprezo, o nome infamado dos apostatas.

Se estes individuos fazem algum mal ao paiz, não é de certo enquanto se conservam no partido republicano.

O auctor das *Questões de politica positiva* menciona em terceiro logar «os resabiados da civilisação, que são sempre contra a ordem de cousas estabelecida, os espiritos melancholicos e mal-humorados, que acham sempre mau tudo o que está.»

É preciso, realmente, ser d'um pessimismo extraordinario para achar mau o nosso estado politico. Isto corre tudo ás mil maravilhas; nós estamos fazendo, sem darmos por isso, a perpetua admiracão do mundo.

Quem é que póde estar descontente com a marcha dos negocios publicos? Só os espiritos melancholicos e mal-humorados, é claro.

Felizmente para Portugal ainda existem, em contraposição a estes, os espiritos sadios e alegres que se julgam no direito de fazerem os seus deveres.

dão trabalho. Felizmente ainda ha homens de bom humor que vão passar o inverno a Paris, com 12 libras por dia, sob o grave pretexto de negociar um tratado. Verdade seja que algumas pessoas melancholicas affirmam, com solidos fundamentos, ter certo estadista feito um contracto ruinoso para o paiz, em nome do qual contractara. Verdade seja que estes mesmos individuos dizem que os industriaes portuguezes foram cynicamente burlados, e vão fechar, por isso, as suas fabricas, do que resultará uma assustadora crise de trabalho. Mas deixemos chorar os tristes!

Para compensar a tristeza d'alguns, existe n'outros a boa disposiçao, a bella e salutar alegria que provém das... consciencias — iamos a dizer dos estomagos — satisfeitas.

Ha ainda os republicanos «orgulhosos, ou os vaidosos a quem no regimen vigente ou nos outros partidos militantes se não dá a importancia que julgam ter.»

Oh, pobres creaturas! Pois haverá alguém tão ridiculamente insignificante, pois haverá alguém tão tristemente nullo que lhe recusassem a entrada na actual camara de deputados? Para honra da especie humana, não o acreditamos.

Tal classe de republicanos é mais uma phantasia do grande ministro.

Trata em seguida o nosso publicista dos «espiritos acanhados que preferem a republica, porque imaginam salvar as finanças do paiz pela suppressão da lista civil.» Pouca gente haverá, na verdade, que sustente a opinião de que os

sr. Serpa; d'uma causa tão simples não se podem esperar tão importantes resultados.

A proposito d'isto, commette o sr. Serpa mais um erro, que precisa de ser destruido. Diz que «os governos democraticos são sempre, e não podem deixar de ser os mais caros.» Para prova cita o exemplo dos Estados-Unidos, onde as despezas do governo e da administração são muito superiores ás das monarchias da Europa.

Para a comparaçao poder aproveitar ao seu intuito, devia ter por base as despezas de nações que tivessem fórmulas de governo diversas, mas os mesmos recursos naturaes: ou então as despezas do mesmo paiz, considerado sob regimens politicos differentes. Comparar, porém, os Estados-Unidos, nação riquissima, que póde gastar muitas vezes mais do que qualquer nação da Europa, com as monarchias do velho mundo, parece-nos argumentar com evidente má fé e notavel falta de lealdade.

Discutindo d'esta fórma, podem-se tirar todas as conclusões; que sejam verdadeiras ou falsas pouco importa: o que é necessario é que sirvam para o fim desejado.

Se o sr. Serpa seguisse o verdadeiro caminho, a conclusao seria diametralmente opposta. Se comparasse Portugal com a Suissa, teria de reconhecer o contraste entre a prosperidade de Portugal e d'este pequeno paiz.



da França do segundo imperio com as da França republicana, encontraria uma differença que deitaria por terra a sua these. Em agosto do anno findo, um jornal francez, apreciando o estado financeiro da França, exprimia-se de modo que não podia deixar duvidas no espirito mais metuculoso.

O seu artigo foi traduzido para um jornal monarchico portuguez (1), d'onde transcrevemos o que segue:

«Nós temos o agradável costume, desde que a republica está consolidada, de ver, não obstante uma diminuição de impostos de 300 milhões, as receitas crescerem constantemente, e contar todos os mezes excedentes de receitas fluctuantes entre meio milhão e um milhão por dia.» «Durante a quinzena finda (a 1.ª de agosto) o ministro das finanças teria podido dizer a si mesmo todas as manhas ao levantar-se da cama: hoje terei um excedente de receita de um milhão.»

Occupar-nos-hemos agora dos republicanos por preconceito, isto é dos que julgam que é a forma republicana que dá ou infunde a virtude ao povo. É ainda a Republica norte-americana que serve de prova em contrario ao auctor da obra que estamos analysando. A apregoada immoralidade dos Estados-Unidos contraria, diz este escriptor, o referido preconceito.

É mais um argumento que nada prova, enquanto se não demonstrar que o paiz em questão estaria mais moralizado se fosse regido pela forma monarchica.

O que está demonstrado até á evidencia, — já o dissemos n'este mesmo jornal e repetimol-o agora, — é que, se o exercicio mais energico reage sobre o orgão que se exercita, desenvolvendo-o e fortificando-o, o exercicio de instituições mais dignas actua sobre o caracter dos indivíduos, nobilitando-o e fortalecendo-o.

Menciona-se finalmente no livro — *Questões de politica positiva* — os republicanos por jactancia e chibanteria, que são a parte comica do partido. «Era bello, no tempo do absolutismo, ser republicano e invectivar os tyrannos,

quando se arriscava a cabeça... Mas hoje, nos livres paizes constitucionaes, quando nada se perde, as declamações tribuniicias contra a realza tem para os espiritos desabusados e menos exigentes o sabor comico do charlatanismo.»

Temos a lembrar ao illustre estadista que ninguem, a não ser algum poeta lyrico, que ninguem, a não ser talvez o sr. Serpa, se ainda fizesse versos e não fosse ministro, pede hoje o sangue dos tyrannos.

O distincto publicista esgrime no vauo, pretendendo destruir quixotescaamente um partido republicano de sentimentalistas, que só existe no seu cerebro de poeta e de visionario.

A ideia republicana define-se hoje positivamente, scientificamente: assenta sobre factos demonstrados, não deriva de rhetoricas declamações. E isto por uma razão simples: já todos comprehenderam que o unico modo de fazer triumphar uma verdade consiste em demonstral-a e diffundil-a amplamente.

É assim que procede entre nós a opposição republicana. Não afia os punhaes regicidas, não trama conspirações, não levanta barricadas. Quem ler os jornaes de propaganda democratica, quem assistir ás discussões, ás conferencias e aos comicios promovidos pelo partido republicano facilmente se convencerá de que não se chama ali ninguem ás barricadas. Por mais que o sr. Serpa apure o ouvido, não distinguirá de certo o som do rebate.

Do que, no momento actual, trata o partido republicano é simplesmente de converter em opinião o desejo, a aspiração dos que, sentindo já que o regimen monarchico é prejudicial, não tem ainda ideias definidas ácerca d'uma constituição politica que o substitua com vantagem. É a estes que se dirige a propaganda republicana; são elles que, convenientemente esclarecidos adensam, de dia para dia, as fileiras do nosso partido.

Poderão censurar-se os republicanos por exercerem d'esta forma a sua actividade politica? Não o cremos; mas, se elles procedem mal, de quem é a culpa?

Sómente do partido monarchico, porque não soube cumprir a sua função

unica, exclusiva de preparar o povo para um regimen mais perfeito. É simplesmente com este caracter transitorio, interino que se póde justificar o constitucionalismo.

Desde que este systema politico se pretende transformar n'um regimen definitivo, mente á sua missão e trahe o seu mandato, porque elle representa em politica uma função educadora, e não é, nem póde ser uma sinecura.

Os republicanos não procedem pela forma que o preclaro escriptor indica, mas sim do modo que vimos de apontar. O sr. Serpa póde enamar politica sentimental á nossa politica scientifica e digna; pela noassa parte temos a generosidade de não qualificar a sua.

Chegados ao fim d'esta longa apreciação do livro *Questões de politica positiva*, formularemos em pouca palavras o juizo que d'elles fizemos.

O sr. Serpa cala os factos que não póde interpretar falsamente, e interpreta falsamente os que de modo algum póde calar; parte d'um principio falso e recua muitas vezes nas conclusões; chega a meio caminho da verdade e tem medo de o percorrer logicamente por inteiro.

O seu livro não póde resistir á pompa deslumbrante dos reclames, nem encontrar na pasta de ministro broquel bastante forte para o abrigar. É uma obra cheia de asserções velhas e falsas, mil vezes rebatidas, elaborada sem a mira no interesse puro é immaculado da sciencia, e escripta por um politico de officio com o fim expresso de defender a sua industria ameaçada.

O sr. visconde de Benalcanfor chama-lhe «a obra de um philosopho, de um publicista e de um homem de estado.» O paiz conhece o estadista: que avalie por elle o publicista e o philosopho.

#### Os Jesuitas

Noticiava ha dias um jornal que se ia comprar um palacio no Porto para o estabelecimento interino dos jesuitas.

Nós que amamos o desenvolvimento intellectual de...

de nos podermos levantar do abatimento em que jazemos, não podemos ficar indifferentes perante esta invasão dos sectarios da vella metaphysica, os degenerados descendentes de Ignacio de Loyola.

Onde apparecer um jesuita ali encontrareis um obstaculo ao derramamento das sãs doutrinas, encontrareis ali trevas onde vós não podereis fazer penetrar uma ideia, mas onde os collaboradores da seita trabalham, como operarios do mal, na devastação das consciencias, pondo os alicerces do seu edificio — a ignorancia.

Se não, vejamos o que elles fizeram em Portugal.

Em 1540 a nossa litteratura rivalisava com as dos paizes mais adiantados da Europa.

Paulo III conseguiu do rei a admissão dos jesuitas aqui com o pretexto de organizar as missões para India.

E D. João III, que tanto elevára a nossa Universidade, dando-lhe estatutos e mestres abalisados, inoculou-lhe, bem como em todo o reino o virus mortifero que a devia corromper.

Vieram S. Francisco de Xavier e Simão Rodrigues para aqui organizar as missões.

O primeiro partiu para a India, a pregar a verdadeira doutrina do Christo, não levava a força, levava simplesmente a cruz e um grande amor pela humanidade.

Não procurava o seu interesse, promovia a instrução do povo.

Era um bom apostolo — os d'hoje differem pouco d'elle!

Simão Rodrigues entendeu que as Indias precisavam menos d'elle do que a Sociedade e por isso tractou de dominar a consciencia do rei.

A empreza era facil para gente, que, como o azeite, onde encontra poros logo se infiltra, se alaga, manchando tudo.

E a consciencia do rei, pelo seu grande amor pela religião, tinha um poder absorbente enorme; pouco faltou para lá, introduzir a Sociedade inteira!

As leis que depois dictou eram apenas ás suggeridas pelos jesuitas.

Succediam-se os alvarás concedendo que os socios recebessem o grau gratuitamente e sem obrigação, de juramento, para que fossem considerados como recebendo-o alli os que sabiam das suas officinas.

O collegio das artes, que já dominavam, era o unico estabelecimento cujos examinandos podiam ser admittidos aos cursos superiores.

Os empregados não podiam receber o ordenado sem certidão, passada por jesuitas, de que haviam cumprido as suas obrigações.

Como se vê, dominavam tudo na Universidade: o estudante que começava a ser d'elles desde o collegio das Artes e o mestre



a que não pagavam sem informação d'esta sancta gente.

Mas isto ainda lhes parecia pouco. Remexeram-se um pouco mais na consciencia do rei, e pela bocca augusta foi pronunciado o alvará a conceder-lhes:

—Que nenhum estudante pudesse ser hospedado, tanto dentro como fora da cidade, a não ser no collegio das Artes—!

E os homens que aqui se tinham introduzido com o pretexto de organizar missões nas nossas colonias fizeram de Portugal uma colonia sua!

Tinham absorvido tudo — riquezas, instituições, a consciencia do povo... o que restava era o corpo de D. Sebastião.

Possuam este moralmente; com tudo a pessoa do rei podia ser um estorvo a seus fins, e por isso precipitaram-no nos areões de Alcacervir e com elle o resto da nobreza que havia escapado á fogueira e ao exilio.

O povo ainda teve uns vislumbres de indignação; mas as sanctas traças d'estes mais sanctos homens illudiram-no bem como ao Cardeal que de rei tinha o nome.

Arvoraram o sapateiro Simão Gomes em propheta e as calamidades por elle predictas atemorizavam D. Henrique, que cada vez mais lhes pertencia.

O jesuita Manuel Godinho, disfarçado em estudante, veio a Coimbra enganar a Academia enquanto elles mandavam para as mãos dos inquisidores alguns dos professores illustres que restavam na Universidade.

Onde estivesse um homem que não fosse seu, ali estava um esbirro do sancto officio á accusal-o de herege, e pouco depois um auto de fé.

Cortaram as nossas relações com as nações, cultas pondo interdito a todas as obras estrangeiras.

Era este o nosso estado quando, para remate da sua obra, nos entregaram a Philippe II de Hespanha.

O Demónio do Meio dia era um digno socio dos discipulos de Loyola.

A todos convinha o enfraquecimento de Portugal; por isso de commun accordo presentearam a Universidade com uns estatutos, obra digna de taes auctores.

Não era a sciencia que elles procuravam; era o embrutecimento do povo e os estatutos satisfazião plenamente ao seu fim.

O estudante, sempre acorrentado á opinião do mestre não tinha a menor noção dos principios de Direito natural, faltava-lhes a critica, e a logica reduzia-se a sophismas.

Em theologia não professavam as ideias d'aquelle de que se diziam discipulos, mas sim uma metaphysica empoeirada.

E Christo, essa manifestação brilhante da Ideia, o pensador profundo, o socialista avançado dos tempos antigos que destruiu a desigualdade das raças, promulgou a liberdade e a emancipação da mulher, e deu o codigo perfeito da moralidade que lhe distillava do coração, se ainda pudesse ver isto, elle que era manso e bom, elle, cujos labios nunca proferiram uma palavra de odio, marchal-os-ia na frente com um ferro em brasa para que todos ali lessem:

—HYPOCRITAS E TRAIDORES!—

Hypocritas, que, com o nome de Christo na bocca e a cubica no coração, infiltravam no espirito da juventude a ignorancia e o fanatismo que com as pessoas lhes devia entregar os bens.

Traidores, que entregaram o reino aos Philippes depois de queimarem a nobreza e o povo nas fogueiras da Inquisição.

Os falsos discipulos tudo pervertiam, defendendo até a prostituição, questionando apenas o preço do que a mulher tem de mais sagrado—a honra.

Era um incendio que mais e mais se alargava, tudo destruindo, aniquilando tudo, desde a intelligencia adolescente dos mancebos até á solução dos problemas complicados da Politica.

Tudo estava morto, nada nos restava do nosso antigo esplendor. A fidalguia velha, alquebrada, jazendo no leito em lençoes de pergaminhos, tendo por evangelho scientifico um padre á cabeceira.

A nuvem dos jesuitas apparecera no horizonte com apparencias de brancura, foi crescendo, tudo encobrendo, carregando-se de cores escuras ofuscara o sol da Intelli-

gencia, nada já brilhava, todo fora obscurecido por ella.

Mas a tempestade tornara-se imminente e em seu seio brilhou um relampago scintillante, o raio desfez o colosso que nós assombrou.

Este relampago era o genio do Marquez de Pombal, que afastou do horizonte as nuvens de batinas que o toldavam.

E d'essa tempestade resta apenas uma ou outra nuvem que, impellida pelo vento, vae projectando a sombra sobre os povos onde passa.

Ha pouco varrida da França, paira logo sobre nós. É necessario expulsal-a d'aqui.

—E demais agora que ainda resoam os clamores da glorificação do gigante que primeiro expulsou os jesuitas!

A. R. NOGUEIRA.

CHRONICA

Muitos assumptos e pouco espaço. Não preambulemos.

Durante a semana que findou—bazar, circo e romaria.

Francamente desejava descrever o jardim, exuberante de flores e d'alegria, com os seus grupos mimosos de damas que benemeritamente sabiam atrahir para si as atenções e o dinheiro para a Philantropica, que prendiam n'um sorriso gracioso quem tinha a honra de as cumprimentar e o grato dever de d'sdobrar um bilhetinho...; quizera fallar da romaria, talvez devota e certamente realisadora de mil promessas, ansiosamente esperadas e gentilmente cumpridas, do ruído do arraial que se agitava picado aqui e além de trajos multicores, que lhe imprimiam o tom alegre das festas populares; fallaria, se pudesse, do circo e dos seus espectaculos, em que figuram velhos imperadores, com barbas estopentas e velhas corças, já causadas de indicar *boa pinga* á porta das tabernas...

Mas outros assumptos me reclamam, que, se têm menos cor local, interessam talvez maior numero de leitores.

Por mais descrente que pretendesse apresentar-me do bom gosto publico é da elevação com que se critica, não poderia duvidar da recepção que vae ter o livro de contos, a publicar-se brevemente, firmado com o nome de Fialho d'Almeida.

Parce estar muitas vezes transviado o senso critico das massas, quando applaudem o mediocre; mas quem assim pensa é desiludido ao apparecer uma obra de verdadeiro merito; então a corrente da opinião publica, desprezando o que até ahí encontrara não direi melhor, mas menos máu, dirige logo e logo as suas atenções e os seus applausos para a obra que, de justiça, reclama o seu *verdictum*, e é sempre imparcial, quando a classifica.

Ora, entre nós, nenhum escriptor trabalha como Fialho d'Almeida, para se robustecer no melhor meio litterario, para avivar as tintas da sua palheta, para dominar completamente a palavra, que, flexivel e nervosa, acompanha o pensamento d'um modo ligeiro, facil, que encanta e que nos prende.

Antecipando-nos em o felicitar pelo successo que a publicação d'este livro vae acrescentar á serie dos seus triumphos, agradecemos a Fialho d'Almeida a sua primorosa collaboração.

A vida é uma serie de contrastes. Como as flores que vegetam muitas vezes no campo santo da morte, uma desventura, que supplanta, vem occasionar a gloria, que illumina.

A morte infausta do brilhante chronista do Occidente e do Antonio Maria, que uma infeliz preocupação arrastou ao suicidio, deve Mariano Pina o convite de viajar até Paris, de ir viver no foco mais intenso da civilização contemporanea.

Mariano Pina vae substituir Guilherme d'Azevedo que, em Paris, fazia correspondencias para a *Gazeta de Noticias*. Com a boa vontade que possui, com a excellencia do novo meio, é de esperar que, a par de uma observação intelligente e de espirituoso humorismo, dê á sua palavra, já brilhante mas ainda confusa por vezes, e queicá menos

correcta, a naturalidade e a forma, que faziam do fallecido escriptor uma individualidade poderosa.

Com a mesma franqueza que agora nos inspira, levantaremos mais tarde o nosso grito de entusiasmo sincero, quando Paris tiver actuado com a maravilhosa influencia de seus estímulos no rapido progresso do distincto litterato que nos honramos de saudar.

Outro ponto e terminamos.

Na *Correspondencia de Coimbra*, n.º 43, appareceu uma critica ao ultimo livro de Gonsalves Crespo, ao rendilhado primor que se intitula *Nocturnos*.

Respeitamos tanto a opinião do critico que o pode ser-nos indifferente e vamos indicar algumas duvidas, que, por extraordinaria, se nos apresentam.

Começa por uma asserção que, por mais contestada que tenha podido ser, consideramos sempre verdadeira: principia declarando que *são verdadeiramente versos de Gonsalves Crespo*. Perfeitamente de accordo. Demais, nem o nosso Gautier se atrevia a plagiar, especialmente n'esta miséria de paiz, onde nada se faz que logo se não saiba.

Proseguindo, diz o precioso escriptor que na poesia de Gonsalves Crespo *o tragico perfuma-se, e chega-nos ao coração em versos de bronze*. Não valia a pena *perfumar-se o tragico* para se metter em bronze; assim, muito pouco nos deliciará o seu perfume. E, apesar do exemplo, com que a *Correspondencia* pretende esclarecer, dizendo que foi assim feita a tragedia de Ignez pelo genio de Camões, olhamos esta opinião, como poderíamos pasmar, olhando uma pagina de hebraico—sem a comprehender.

Diz mais o apreciavel critico que não enche 10 columnas de comparações artisticas, para se distinguir dos 500 chronistas da sua terra. Parece-nos que s. ex.ª foi excessivamente cauteloso na sua abstenção. Estamos plenamente convicto de que o illustre escriptor continuava completamente singular e distincto, dando livre expansão aos seus estudos de arte comparada.

Se valem as nossas supplicas, pedimos comparações. Na epoca revolucionaria da França, viu com surpresa Victor Hugo affixada n'uma esquina uma proclamação ao povo francez, firmada com o nome do grande poeta. Quando chegou a casa, encontrou como explicação o seguinte: *«O nome de Victor Hugo pertence a toda a França.»* Assim os homens privilegiados—uma vez no caminho das descobertas, deixam de pertencer a si proprios, são da humanidade inteira.

BABINET.

NOTICIARIO

Sahi no Diario de 28 do corrente o decreto da jubilação do ex.º sr. dr. Costa Simões, decano e lente de prima da faculdade de Medicina.

Reunidos no dia seguinte em uma sala da Sociedade dos Estados Medicos quasi todos os estudantes d'aquella faculdade, e tendo unanimemente resolvido que se fizesse uma manifestação de profundo sentimento pela retirada do venerando sabio da vida activa do professorado, deliberaram por proposta do alumno do 4.º anno, Eduardo d'Abreu, o seguinte: 1.º que, no dia immediato, se reunissem todos no jardim da Universidade e d'ahi se dirigissem a casa de s. ex.ª, dando-lhe os parabens pela sua jubilação, que lhe permite auferir no fim de 30 annos de altos serviços o descanso, a que, como poucos, tanto direito tem; 2.º que se solicitasse do sr. Reitor da Universidade faça constar na primeira reunião do Claustro pleno o sentimento dos estudantes de Medicina pela perda que o corpo docente soffre com a retirada d'um dos seus membros tão illustre; 3.º que um dos estudantes ficasse encarregado de escrever a biographia, com o elogio historico da vida activa de s. ex.ª, que se fará publicar.

Para este fim foi accéite o offerecimento de Eduardo d'Abreu, que declarou ter já adiantados alguns trabalhos n'este sentido.

Realizando-se a primeira parte d'esta proposta, para o que compareceram com raras

excepções os alumnos de todos os cursos, foram elles recebidos por s. ex.ª com a affabilidade que o caracteriza, respondendo commovido a uma breve mas eloquente allocução feita por Eduardo d'Abreu, que em poucas palavras soube synthetisar o que na vida do illustre sabio tem contribuido para o tornar justamente conhecido como um bemfeitor da humanidade, uma das primeiras notabilidades scientificas do paiz e o lente mais respeitado e ao mesmo tempo mais querido de todos os que tiveram a fortuna de ser seus discipulos.

Relativamente á segunda parte, obteve em resposta a commissão que se dirigiu ao sr. Reitor que não só faria constar em Claustro pleno a louvavel intenção dos estudantes de Medicina, mas que não esqueceria fazer d'ella publica menção na solemne abertura das aulas no proximo futuro anno lectivo.

Eis como os estudantes sabem prestar o devido preito ás qualidades dos que, austeros e bons, honram como o sr. dr. Costa Simões a respeitavel corporação a que pertencem, tornando-se ao mesmo tempo credores da veneração e estima dos seus discipulos.

Terá havido manifestação mais ruidosa do que esta, mas não mais significativa dos sentimentos de collectividade que a produziram.

Esteve n'esta cidade o distincto quartanista da Escola Medica de Lisboa, o sr. Santos Crespo, que presidiu ao meeting pro ovido pelos estudantes de Lisboa.

Veio visitar seu irmão, que se acha incommodado de saude.

Consta ao nosso collega *O Seculo* que um estudante da Escola Polytechnica, achando offensivas umas palavras que o *Jornal do Commercio* dirigira aos estudantes d'aquella escola, fôra á redacção do mesmo jornal e perguntara que n' tomava a responsabilidade das referidas palavras.

Respondeu-lhe um dos redactores que a tomava a redacção em peso. O estudante, depois de dizer algumas palavras asperas, trocou o seu bilhete com o redactor em questão. Não sabemos ainda o resultado da pendencia.

Já foi apresentado no parlamento o contracto celebrado entre a camara municipal e o ex.º sr. dr. Costa Simões para o abastecimento da cidade com as aguas do Mondego.

Em virtude da lettra do contracto, as obras devem principiar immediatamente á approvação pelo parlamento e estarão concluidas no prazo maximo de 2 annos.

Os filtradores, assim como os principaes machinismos, serão estabelecidos no porto dos Bentos, afim de elevar as aguas á Cumiada e ao Castello, para que dos reservatorios, collocados n'estes 2 pontos, possam beneficiar os 2 bairros — alto e baixo — da cidade.

A camara mandará collocar boccas de incendio pelas ruas.

São dois melhoramentos de utilidade incontestavel.

No dia 10 de junho haverá no *Theatro Conimbricense* um espectáculo dado por alguns distinctos artistas da SOCIEDADE DRAMATICA PHILANTROPICA-CONIMBRICENSE em beneficio da *Escola Livre das Artes do Desenho*.

Subirá á scena o applaudido drama em 4 actos — *Garpar o Serratheiro* e a comedia em um acto, ornada de côros — *Raros são, mas ainda os ha*.

Falleceu, ainda ha pouco tempo, na idade de 91 annos, o ultimo descendente d'esses antigos rapsodos que recitavam, nas diversas localidades, as velhas tradições piedosamente guardadas, e os canticos que elles compunham.

A civilização, com que luctaram, trouxe o seu desaparecimento, ficando sem substituição essas especies de armaduras, outr'ora tão celebres na região que elles frequentavam.

Chamava-se Oleg Gaboretz e tinha uma memoria prodigiosa; a sua voz era suave, musical, exprimindo-se com facilidade notavel, n'um tom que representava o meio termo entre o canto e a palavra.



Desde que noticiámos terem principiado os actos na faculdade de direito, tem mais sido examinados os seguintes academicos:

1.º ANNO

- Antonio Cabral Paes do Amaral.
- Antonio Assumpção e Sousa,
- Antonio Julio de Lacerda.
- Antonio Maria Bartholomeu Ferreira.
- Antonio Navarro Morão.
- Antonio Silva Peixoto.
- Basilio Pinto da Veiga.
- Carlos Drummond.
- João Augusto Taveira Catalão.
- Joaquim Antonio Fernandes.
- Joaquim de Brito e Rocha Aguiam.
- Joaquim Pedro Quintella Saldanha.
- José Bressane Leite Perry.
- Arnaldo Norton de Mattos.
- Egydio Herculano Malheiro.
- José Joaquim de Brito.
- Oliveira Machado.
- Conde Seabra.
- João Moraes Cabral.
- Alexandre Vilhena.

2.º ANNO

- Antonio Figueiredo Guimarães.
- Antonio Toscano Barbosa.
- Arthur d'Almeida Ribeiro.
- Augusto Dias Ferreira.
- Christovão Azevedo de Vasconcellos.
- Domingos da Costa Amorim.
- Eduardo de Castro e Almeida.
- Solano de Abreu.
- Francisco Ferreira da Silva.
- Francisco Fragateiro de Pinho Branco.
- Jacinto Rainha Junior.
- João Curado Borges da Gama.
- João do Nascimento Reis Curado.
- João Cupertino d'Andrade.
- José Ignacio Pimentel.
- José Gerardo Villas Boas.

3.º ANNO

- Alfredo de Castro.
- José Luiz Fernandes de Castro.
- Alexandre Silva.
- Motta Veiga.
- Anthero Garcia.
- Conceição Gomes.
- Neves Cardoso.
- Antonio Horta e Costa.
- Tavares Festas.
- Arthur Aguedo.

4.º ANNO

- Alfredo Vieira.
- Antonio Carneiro Giraldes.
- Antonio Jardim d'Oliveira.
- Antonio Feijó.
- Antonio Marques Figueiredo.
- Antonio Marinho Falcão de Castro.
- Mendes Gouvêa.
- Gouvêa Godinho.
- Antonio dos Santos.
- Santos Sobreira.

5.º ANNO

- Alexandre Macedo.
- Mendonça David.
- Freire Themudo.
- Antonio Barbosa Mendonça.
- Antonio José Marçal.
- Antonio Homem Sampaio e Mello.
- Antonio Velloso d'Araujo.
- Bernardino Campos de Mello.
- Domingos Barata.
- Eduardo Campos Paiva.

Recebemos e agradecemos os n.ºs 9 e 10 da *Galeria Republicana*. Aquelle publica o retrato do sr. Sousa Brandão, acompanhado de biographia escripta pelo sr. Bernardino Pinheiro, este o de Julio Grevy, com biographia do sr. Feio Terenas.

Recomendamos aos nossos leitores este interessante jornal, o mais barato que, no seu genero, se publica em Portugal.

O filho d'um antigo bibliothecario de Weimar, M. Preller, encontrou nos papeis de seu pae uma importante collecção d'auto-graphos de Goethe, Schiller e Herder.

Contam-se entre elles os manuscritos de muitas obras de Schiller, nos quaes se observam numerosas variantes aos textos conhecidos.

A maior estatua do mundo é um idolo de bronze que ha em Naza, no Japão.

Uma das suas narinas possui a capacidade sufficiente para abrigar um homem.

A «Civilisação Catholica»

Soubemos casualmente que a *Civilisação Catholica*, publicação mensal, redigida pelo sr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente de theologia na Universidade, nos tinha feito, no seu ultimo numero, a distincta fineza de se occupar d'um artigo que escrevemos ha perto de 3 mezes. A honra que recebemos veio um pouco tarde, mas os catholicos não costumam andar muito depressa.

Na *Evolução* de 6 de março do corrente anno apreciámos o partido clerical, apresentando asserções que são erroneas, na opinião do sr. José Maria Rodrigues, auctor do artigo da *Civilisação Catholica*.

Dissemos que o clericalismo estava na realidade morto, embora tivesse apparencias de vida.

O sr. José Maria Rodrigues sustenta a opinião contraria. Para defendermos a nossa, basta recordarmos um facto recente: o centenario do Marquez de Pombal. O partido clerical, pretendendo oppor-se a esta manifestação patriótica, empregou todos os esforços n'este sentido e até de França lhe veio o auxilio de Freppel, n'uma carta memoravel onde se chama *illustre* a Companhia de Jesus.

Que resultados tirou d'esta opposição em que poz todo o seu empenho? Ver a mais entusiastica e brilhante glorificação que ainda se fez em Portugal.

De resto, o proprio Concilio convocado por Pio IX consignou na *Constituição Dogmatica da Fé Catholica* as seguintes palavras:

«A auctoridade divina da Igreja foi regeitada... As Sagradas Escripturas começaram a ser consideradas fabulas e mythos. O Christianismo foi abandonado e substituído pelo reino denominado da razão ou da natureza!»

N'esta parte somos nós mais orthodoxos do que a *Civilisação Catholica*.

Continúa o sr. J. M. Rodrigues: «Os proprios ataques de toda a especie com que o christianismo é actualmente impugnado não se rão uma prova mais que sufficiente da sua vitalidade? Quem estivesse morto ou a morrer poderia resistir como o christianismo resiste?»

Mas sendo assim, ha de confessar o preclaro escriptor que, se o clericalismo, sujeito a ataques de toda a especie, não está ainda morto, está então em imminente perigo de vida. Do que a *Civilisação Catholica* deve tratar é de ajudal-o a bem morrer. Pela nossa parte respeitaremos o agonisar do moribundo.

Afirmámos que a sciencia matara o clericalismo. A *Civilisação Catholica* diz que não ha nada mais falso. E acrescenta: «E' verdade que um certo numero de sabios e uma grande multidão de meios-sabios tem procurado, levados por motivos extra-cientificos, mostrar que ha opposição entre as verdades da sciencia e os dogmas da religião christã. Mas para conseguirem o que desejam tem por costume estes individuos desfigurar as verdades religiosas que querem combater, arvorar meras hypotheses em verdades scientificas e cahir mesmo frequentes vezes em grosseiros erros scientificos. Posso citar á *Evolução* muitos exemplos do que acabo de dizer.»

Nós já sabemos o processo que o sr. J. M. Rodrigues vae seguir n'estas citações: sempre que as verdades scientificas forem oppostas ás suas ideias chama-lhes meras hypotheses; os grosseiros erros scientificos são quaesquer conclusões que não se coadunem com o seu modo de pensar. O processo é velho, mas é simples.

A opposição entre as verdades da sciencia e os dogmas da religião foi reconhecida não só pelos sabios, mas tambem pela igreja.

A sciencia e a igreja estiveram sempre de accordo, mas foi em que existia uma perfeita contradicção entre os dogmas e as verdades scientificas.

N'este ponto havia uniformidade de opiniões. A differença estava no modo de as divulgar. Os sabios expunham pacificamen-

te as verdades que descobriam, a igreja *impunha* os dogmas que lhe convinham; os sabios ensinavam apenas, a igreja, para convencer-os dos seus erros, tinha a fogueira e a tortura,—dois poderosos meios de argumentação.

A sciencia não deitou por terra as doutrinas da igreja, porque essas doutrinas não estão em contradicção com verdades nenhuma, escreve o sr. Rodrigues.

Não precisamos de narrar aqui os conflictos da sciencia com a religião; essa longa e edificante historia foi traçada magistralmente por J. W. Draper, professor da Universidade de New-York, n'um livro que devia andar nas mãos de todos.

A harmonia que o sr. Rodrigues diz existir entre os sabios e a igreja nunca foi reconhecida por esta. Pelo menos, não nos parece excessivamente affavel o modo como ella tratava os homens que dotavam a sciencia com uma verdade nova. Sirvam de exemplo Copernico, Vanini, Giordano Bruno, e tantos outros.

Para fundamentar o seu modo de ver, diz o illustre escriptor que os homens que nos seculos XVI e XVII mais contribuíram para os progressos da sciencia eram christãos.

Seriam; a igreja, porém, tratou-os do seguinte modo:

Copernico, tendo publicado em 1543 o livro—*Revoluções dos corpos celestes*,—foi condemnado como heretico por causa do seu systema dos mundos, que se fundava, dizia o decreto da condemnação, em *falsas doutrinas, inteiramente contrarias ás sagradas Escripturas*.

Képler, que publicou em 1609 *Os movimentos do planeta Marte*, e em 1618 o *Epitome do systema de Copernico*, livros onde expoz as leis que o tornaram immortal, viu os seus escriptos condemnados pela congregação do Index, por serem contradictorios com as Escripturas.

Giordano Bruno, que escreveu varias obras defendendo o systema de Copernico a pluralidade dos mundos, depois de perseguido por toda a Europa, foi afinal mettido na prisão onde permaneceu durante sete annos. Não querendo renegar as suas doutrinas contrarias ás Escripturas e repugnantes á religião foi piedosamente queimado em Roma no anno de 1600.

Em 1629, Vanini foi queimado pela Inquisição por ter escripto os *Dialogos sobre a natureza*.

Não sabemos se, como affirma o sr. J. M. Rodrigues, a paixão anti-religiosa é mais energica do que a paixão pela sciencia; em vista d'isto o que podemos afirmar é que a paixão religiosa é mais energica do que qualquer d'aquellas.

Continuaremos.

DITOS E PHRASES

A lua não tem habitantes.  
É Calino quem o demonstra.

—Se a lua fosse habitada, o que se tornariam esses individuos, quando ella está reduzida a um pequeno crescente?

A illusão é para a hallucinação o que a maledicencia é para a calumnia.

Laséque.

Para casos d'originalidade, é do estylo citar-se a America.

E com razão. Num jornal americano, lia-se, não ha muito, o seguinte curioso annuncio.

«*Offerem-se 20:000 dollars a quem tornar cego d'um olho a M... rico proprietario da Virginia.*»

Aguçados pela tentação da offerta, cae uma chuva de medicos em casa do opulento plantador.

Mas nenhum ganhou aquella bonita conta: —o homem era cego dos 2 olhos.

As leis d'excepção são emprestimos usurarios, que arruinam o poder, parecendo enriquecel-o.

Royer-Collard.

Sabe-se que Pope era corcovado Encon-

trando-o uma vez, disse o rei a alguem da comitiva:

—Desejava saber para que serve um homem, que anda todo de esguelha.

Pope, que o ouviu, grita immediatamente:

—Para vos fazer andar direito.

O homem já não é tão amavel que deva transformar a mulher á sua imagem.

Julien Penel.

Dirige-se um empresario de theatro lyrico a casa de Rossini, para elle ir assistir á *première* d'uma opera que se esperava produzisse extraordinaria sensação.

Cartazes enormes, *réclames* nos principaes periodicos, auctor já festejado etc., tudo fazia crer que mais um nome se inscreveria na lista das obras que o publico se felicita em consagrar.

Mas Rossini recusa, dizendo que, com o seu nome, um tanto conhecido, attribuiriam o facto de elle dar uma opinião sobre musica a quaesquer sentimentos menos elevados: inveja, rivalidade etc.

O empresario insiste dizendo que lhe proporcionaria um camarote, d'onde pudesse observar sem que ninguém o visse. N'estas condições annui.

Mas Rossini parecia louco, durante o espectáculo. A cada trecho que o publico applaudia, elle tirava cortezmente o seu chapéu. Ao findar o espectáculo, perguntou-lhe o empresario:

—Que demonio o obrigou a tirar o chapéu tanto a miudo?!

Responde Rossini:

—Costumo cortejar, sempre que vejo alguem das minhas intimas relações.

Diziam-na original—á famosa opera...

Correspondencia

ADMINISTRATIVA

**Guarda**—Recebemos do sr. dr. José de Castro 600 réis para pagamento da 1.ª e 2.ª serie d'esta folha. Pedimos-lhe desculpa do que injustamente poderia referir-se-lhe no que n'esta secção dissemos relativamente aos assignantes da Guarda.

**Portimão**—Recebemos do sr. dr. Ernesto Cabrita 300 réis para pagamento da 2.ª serie.

EXPEDIENTE

Os exemplares que restam do numero da *Evolução* publicado por occasião do centenario do Marquez de Pombal acham-se á venda em Lisboa na Tabacaria Victor Hugo, junto aos Recreios Whitoyne, e em Coimbra no Marco da Feira, 4.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que toda a correspondencia da *Evolução* deve ser dirigida para o Marco de Feira—4—Coimbra.

Encarregam-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas da *Evolução* os seguintes cavalheiros: **Santarem**—José Ferreira Maia, rua Direita, n.º 89.

**Ribeira de Santarem**—Joaquim Malfeito.

**Cartaxo**—Francisco Pereira.

**Alcanena**—Antonio Garcia.

Rogamos aos srs. assignantes que satisfacão com a maxima urgencia a importancia do seu debito.

Typ.—DE SANTOS E SILVA



## A EVOLUÇÃO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

N.º 29

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 22 DE JULHO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.— Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

## AVISO

Reconhecendo a impossibilidade de publicar regularmente esta folha durante as ferias, resolvemos suspender a sua publicação até outubro, mez em que reaparecerá consideravelmente melhorada.

Realizou-se o que tinhamos previsto; foi approvada a *tratada* de Salamanca, como bem lhe chamou um jornal regenerador que hoje tem o descaro de agredir os collegas que a atacam e com elles o paiz indignado ao ver, que os seus clamores são vão, e que lá onde elles se deviam escutar, se mofa e zomba d'elles. Não o admiramos, antes o esperavamos, porque já de ha muito conhecemos a gente que tem dirigido os negocios do paiz.

A venalidade predomina em todos os ramos de administração, e não são os mais altos homens do Estado que coram quando se lhes mostra bem patentemente a elles le ao paiz, que entre nós o dinheiro avassala as consciencias e faz que a dignidade seja uma palavra sem significação.

## FOLHETIM

## ROSALINO CANDIDO

O genio, como a loucura, é uma doença, uma preversão do systema nervoso, uma excitação extraordinaria das funções do cerebro. Qualquer disposição particular na organização da massa cerebral, desenvolvida depois pela educação, pelas circunstancias do meio geographico, pôde dar Napoleão ou Miguel Maximo, Demosthenes ou Assumpção, Cicero ou Arrobas, Victor Hugo ou Vidal. O catholicismo teve um vago presentimento d'esta grande verdade physiologica quando inventou a theoria da graça e da predestinação.

O homem põe, mas o cerebro dispõe.

A auctoridade catholica romana e os zeladores da ordem social gritam contra estes resultados da physiologia experimental, mas gritam em balde como gritaram contra Galileu, contra Kepler, contra Bacon e como gritam ainda contra Lyell, contra Claudio Bernard, contra Littré e contra todas as verdades da sciencia moderna. O catholicismo grita todas as vezes que a sciencia folga; é uma especie de cão medroso e vagabundo que, em vendo um braço no ar a afirmar alguma verdade, pensa logo que é para se lhe atirar uma pedra...

Mas nós não estamos aqui para tratar dos nervos de S. Thomaz, mas dos de Rosalino.

Rosalino seria um genio, se não fosse um louco sublime. O que elle não poderia ser nunca era um homem comum, um sujeito

Não sabemos como classificar o procedimento dos homens que para nosso mal hoje ali governam, e nem podemos calcular até onde a nossa indignação nos levaria.

Diremos somente que o que a camara dos pares acaba de approvar, é uma ladroira. Não encontramos na nossa lingua termo mais suave que possa melhor traduzir o que sentimos.

É na realidade admiravel tudo o que se faz a este pobre povo!

Para receber D. Alfonso gastam-se 900 contos de reis. Pouco antes tinham dicto pela bocca do rei que era preciso aniquilar o deficit que nos assoberba e esmaga, e, fundamentando-se n'isto, o governo pede ao povo paciencia para sofrer novos impostos; mas (oh coherencia!) Para o caminho de ferro que ha de ligar o Porto com Salamanca esbanjam-se 2.700 contos de reis! É que o povo pôde, e deve pagar mais. Nem isso é de estranhar quando se se vê presidindo ao governo do paiz o homem que proferio essas expressões.

Se o povo tivesse comprehendido bem os seus deveres, já ha muito que tinha exigido severas contas aos homens que todos os dias o ludibriam, aos homens sem vergonha que ao mesmo tempo que se sentam nas cadeiras de ministro tem

informe e incaracteristico, como um conselheiro de estado. Falta-lhe o senso da vulgaridade, a aptidão burgueza, a depressão do caracter, que constitue o talento especial de quem não tem talento nenhum.

Rosalino, se não fosse Rosalino, era talvez Michelet. De um ao outro ha a microscopica differença d'uma lesão imperceptivel talvez no grande sympathetic, d'uma congestão nos lobulos opticos ou de alguns centigrammas de menos de massa parda.

Michelet tinha a profunda veneração indiana das grandes cousas da natureza, o alto lyrismo pantheista d'um poeta dos Vedas; Rosalino tem o fanatismo dos cabritos. Rosalino ama, estremece os cabritos como se elles lhe tivessem sahido das proprias entranhas! Chora se ouve gritar um cabrito, e apossam-se d'elle desesperos propheticos e coleras biblicas perante o espectáculo d'um cabrito atado pelas pernas e preso de cabeça para baixo ao albardão feroz d'um contractador cabriticida.

Michelet tinha arrobamentos ineffaveis e grandes expansões mysticas perante o aspecto das montanhas, das aguas e dos campos; Rosalino pisa a terra com cuidado para a não magoar; anda por sobre as pedras da calçada como por sobre um tapete da Persia ou por sobre um canteiro de flores, com a veneração religiosa d'um budhista, com medo de esmagar alguma formiga.

Rosalino tem a loucura da Justiça. Declara que o mundo se não endireita, mas que não esmorecerá na faina ingloriosa de endireitar o mundo! Todos os escandalos o irritam, todas as infamias o encolerizam. E depois fulmina-os, estonteia-os, e martyrisa-os com todos os seus adjectivos revolucionarios, com todos os seus adverbios garibaldinos, com

o desavergonhamento de ir no parlamento advogar os interesses das companhias que os estendiam!

Isto tem-se dito muita vez; mas repetil-o é a nossa obrigação para que o povo o ouça, o comprehenda e exija contas de tão inflame e vergonhoso procedimento.

A veniaga chega a toda a parte!

Os jornalistas que hontem atacavam o sindicato, defendem-no hoje!

Os pares que por toda a parte proclamavam os males, que d'elle haviam de resultar, são agora no parlamento os estrenuos defensores do maior escandalo que se tem praticado no nosso paiz.

Os ministros que ainda não ha muito dictavam a carta, que um dos membros do sindicato devia escrever para se exonerar de membro de tão digna corporação, favorecem-no agora, e as suas faces não coram; porque a vergonha já ha muito fugio d'estas paragens.

Actualmente o governo para illudir, não nos importa quem, impõe aos seus satelites a obrigação de arranjarem representações forjadas, umas pela callada da noite, outras contra a vontade manifesta do povo!

Mas o povo vae começando a reconhecer o que vale, e o ajuste de contas pôde ser de resultados muito fataes.

É bom não abusar da sua paciencia:

todos as suas interjeições jacobinas e com todas os seus pontos de admiração tropicaes. Os pontos de admiração são como as faiscas da sua colera incendiaria, são verdadeiros cacêtes para os quaes appella sempre nas horas solemnes da sua indignação dan-tesca.

E uma das feições caracteristicas da intellectualidade de Rosalino é o amor lascivo que elle tem pelos pontos de admiração. Os pontos de admiração causam-lhe vertigens, produzem-lhe pesadelos. Aquellas formas esguias e penetrantes picam-lhe o cerebro, como se fossem alfinetes, fazem-lhe cocegas, irritam-no, dão-lhe os estremecimentos electricos d'um gato quando o afagamos na barriga. E chegando a esta excitação cerebral tem então golidices de adjectivação e de pontuação insaciaveis, epicuristas: gasta todos os adjectivos dos dictionarios e todos os pontos de admiração de uma typographia. E com elles que esfaqueia os adversarios, que apunhala os torpes, que perfura os devassos, que assassina os marotos, despejando-lhos em cima como uma chuva de espêtos.

É nesses momentos que Rosalino se torna verdadeiramente grande e phantastico. A sua figura transcendente e fina, de barba hirta e rara, toma no meio d'aquelles pontos de admiração, os ares olympicos d'um satyro bregeiro espreitando d'um bosque de eucalyptus esguios as pernas idéaes d'uma nympa descuidada. Até o seu chapeu, amarrado e velho, parece ter, nesses momentos, as fulgurações d'uma aureola.

Rosalino tem a sublime loucura da dignidade pessoal levada até ás transcendencias do mais intransigente stoicismo. Fuma folhas seccas de silva, mas não pede nem mesmo aceita um cigarro a um amigo. Será capaz

porque tudo tem limites, e se as coisas assim continuarem, não sabemos até onde poderão chegar os excessos d'um povo esfomeado, vilipendiado todos os dias e cansado de pacificamente assistir a todos os desaforos que ali se praticam a cada hora.

Dizemos isto a respeito de todos os partidos monarchicos que existem no nosso paiz.

Já os conhecemos.

Não são as blandicias do partido progressista que a nós nós illudem; já os conhecemos, e se ora nos dão a mão, amanhã, quando no poder, farão o mesmo que já antes fizeram para a approvação do tratado de Lourenço Marques, que alguns d'aquelle partido ainda hoje tem o arrojo de nos dizer que era util.

Lembramo-nos ainda bem da concessão Paiva d'Andrade. O partido progressista combateu-a para em seguida a approvar.

É preciso que o povo se não illuda, e não veja n'essas louvaminhas que todos os dias lhe fazem o desejo de o alliviar e auxiliar; é preciso que a essa gente que hoje o eleva para amanhã o esmagar responda sobranceiramente: — basta! É já tempo de olhar pela minha casa e não deixar a sua administração pelas mãos de especuladores sem vergonha.

de morrer de fome à meza de um jantar que lhe não pertença. Mette pedras nos bolsos do casaco para que lhe sirva de cobertor, mas não mendiga um agasalho. É admiravel e seria unico, se não existisse Diogenes, o stoico. Ha só uma cousa que Rosalino aceita, é uma assignatura para o seu jornal a *Luz da Razão*, um prodigio de pontos de admiração e um bello compendio de psychologia experimental. A *Luz da Razão*, como tudo o que escreve Rosalino, é a primeira obra d'este seculo em originalidade. A gente ao lê-la sente-se transportado para o reino das chiméricas, para o mundo phantastico das grandes allucinações febris. Os substantivos tem esgares de satyros embriagados; os adjectivos cheiram a enxofre; os verbos tem as scintillações metalicas do chumbo derretido; as interjeições vem embrulhadas n'um lençol, trazem dentes de cebola e fallam na voz soturna, arrancada e mysteriosa das almas do outro mundo; os adverbios apresentam-se com aquelle aspecto leudario, nocturno e vago das aparições transparentes dos poemas ossianicos; os pontos de admiração parecem um pandemionium de esqueletos dançando um *can-can* phantastico com os pontos de interrogação, que sehemham nina turba de *cocottes* cadavericas e syphiliticas sahindo por horas mortas da noite em fralda de camisa das enfermarias mal allumiadas d'um hospital de Braga. Só o talento apocalypticô de Rosalino chega a estas allucinações da arte. É extraordinario e assombroso. Ha, porém, um desgosto na sua vida, uma sombra n'esta gloria, é a concorreacia que lhe faz Jayme José Ribeiro de Carvalho, outro sublime.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO



## SUBSCRIÇÃO

## Para os estudantes processados

Concorreram com a quantia de 100 reis cada um os seguintes cavalheiros:

A. C. S., Agostinho Rego, Albano da Cunha, Antonio Boavida, Antonio T. Festas, Antonio da Silva Pontes, Antonio de Sousa Pereira, A. R. Nogueira, Arthur Henriques Bessa, Augusto Coelho Sobral, Aurelio Neves, Eduardo d'Araujo, Philippe de Vilhena, Francisco d'Alarcão, Frederico de Carvalho, Hippolyto de Barros, J. Lino Ferreira Junior, João de Macedo Santos, Joaquim Coimbra, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, José d'Ascensão Guimarães, José Barata da Silva, José de Barros e Sousa, José Mendes Alçada de Moraes, José Saldanha, Julio de Lima Duque, Manuel Dias da Silva, Sena Fajardo, Servio Branco, Urbano P. da Silva.

Somma..... 3\$000  
Redacção da *Evolução*..... 1\$000  
Total..... 4\$000

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

**Dr. ANTONIO DE ASSIS  
TEIXEIRA DE MAGALHÃES**

Lente substituto da cadeira de sciencia e legislação financeira na Universidade de Coimbra;  
socio do Instituto da mesma cidade, etc. etc.

Como apresentação perante v. ex.<sup>a</sup>, recorde a circumstancia fiscal de ter pago, escriptura e pontualmente, a pequena bagatella de 19\$460 reis, miseravel quantia, que me habilitou a ouvir a palavra de v. ex.<sup>a</sup>, que ainda hoje me dizem ser erudita, e o alto criterio de seus juizos, que varios optimistas se não cançam de me garantir recto e seguro. Ora, não sendo crível que aquella insignificancia monetaria — assim dicta para distincção de muitas outras — me conferisse o simples direito de ouvir a v. ex.<sup>a</sup>, mas de approximar das suas as minhas ideias para na lucta se apurarem as verdadeiras, venho declarar a v. ex.<sup>a</sup> que, durante o anno lectivo findo, não reconhecerei a possibilidade da lucta, porque ao olhar para o campo, d'onde esperava o inimigo com o espanto d'um bellico apparato, encontrei, surpreendido, uma pobre e fragil creatura, que era impossivel atacar dignamente pela nimia fraqueza d'uma figura rachitica e enfadada.

N'estas condições, conversemos amigavelmente, chãmente, terra a terra para que v. ex.<sup>a</sup> não me considere um incomprehendido. Prometto accomodar-me o mais possivel á exiguidade microscopica de seus conhecimentos e á torre de Babel que muito em miniatura se incumbem de representar. E, para dar tom academico:

SAPIENTISSIME DOCTOR — Parece-me que não vão a elevadas transcendencias, mas que, pelo contrario, v. ex.<sup>a</sup> pôde, com pequena difficuldade, comprehender-me, quando eu comparo a sociedade a um organismo individual. Sim, isto é doutrina vulgar e corrente. Perdô-me v. ex.<sup>a</sup> se lhe fiz confusão; mas actualmente a maioria — excluo a parlamentar, pelo respeito que a mim proprio devo — sabe dizer com uma tal ou qual precisão o que acabo de indicar; e, com toda a franqueza, esqueceu-me excluir a v. ex.<sup>a</sup> d'aquelle numero. Queriu eu dizer — confesso ter sido menos claro, é de nascença — que, á semelhança dos animaes, por exemplo, que tem dependente a saúde do estado normal dos seus órgãos, da maneira como estes executam a respectiva funcção, assim, na sociedade, qualquer órgão menos zeloso ou capaz no desempenho do papel que lhe foi distribuido, affecta mais ou menos directamente a sociedade inteira; e, á medida que vae annullando órgãos superiores, mais e mais graves se apresentam as perturbações que agitam o mundo social.

Ora — e espero que v. ex.<sup>a</sup> me acompanhará n'esta longa viagem de raciocinios — haverá importancia que exceda a da funcção que se dirige a instruir um paiz?

Eu confio muito e muito na força intelle-

ctual de v. ex.<sup>a</sup>; mas parece-me que, a despeito da sua grande vocação, não conseguirá responder affirmativamente, com um só exemplo sequer, áquella pergunta que tão claramente tive o cuidado de formular a v. ex.<sup>a</sup>.

Pois bem — coragem, senhor doutor, para continuarmos a ascensão da ingreme montanha que resulta das minhas observações seriamente complicadas — tomando para modelo o medico, que ou não conhece o órgão doente, e é incapaz, ou, conhecendo-o, não o tracta, e é infame, a Universidade de Coimbra, especialmente a faculdade de direito, com parcas excepções, consente que a grande lei da *selecção natural em sociologia* encontre a resistencia mais vergonhosa á sua effectividade, no corpo docente d'esta faculdade.

É o que demonstro a v. ex.<sup>a</sup> nas linhas que vão seguir-se.

N'um trabalho firmado com o nome de v. ex.<sup>a</sup> e cuja authenticidade ninguem contesta — OBRIGAÇÕES A PRASO, encontra-se um estudo profundo sobre esta materia e eu não tenho palavras com que felicitar a v. ex.<sup>a</sup> á altura do meu entusiasmo. A obra está boa; dizem-m'o todas as pessoas que com ella recrearam o espirito e eu quero accredital-as. Mas, independente do valor tecnico d'aquelle trabalho, pelo qual renovo os meus parabens a v. ex.<sup>a</sup>, o que verdadeiramente me assombrou, me produziu raptos d'admiração, vertigens de loucura e pasmo foi o plano da obra.

V. ex.<sup>a</sup> seguindo mentalmente a trajectoria descripta pela evolução da sciencia dos numeros, observando-a nas phases mais importantes, receio decidir-se por este ou por aquelle systema; mas a obra não podia ser compacta, representar um todo individo; ninguem se arrojará a sondar-lhe as mysteriosas maravilhas. «Vamos, portanto, dividir-a n'um numero de partes que romanos, gregos, arabes etc. não possam divergir, em face do numero que as indica. De facto um I em qualquer systema indica a unidade simples, unica» e v. ex.<sup>a</sup>, coroadando estes raciocinios da respectiva conclusão, dividiu aquella obra em uma

## Parte unica

(Pag. 27 da obra citada) Diria que é um assombro, que é um deslumbramento, se não fosse levado por um espirito de verdade a classificar de quixotesca, digna de Calino, uma ideia que só podia gerar-se no cerebro de v. ex.<sup>a</sup>.

Se a real Academia quizesse ter o grande merito, a virtude rara de ser coerente nas suas diferentes manifestações, bastava a originalidade d'aquelle *divisão*, unica nos fastos do *proudhonismo* humano, para que o humilde signatario d'estas linhas, ao encimar a columna d'este semanario com o nome de v. ex.<sup>a</sup> e titulos adjunctos, se gloriasse de escrever, mais, «Socio effectivo da Academia real das Sciencias». Aproveito o ensejo para pedir publicamente áquella corporação este acto de justiça com que todos folgaremos.

N'um outro trabalho de v. ex.<sup>a</sup>, cuja authenticidade não é mais controversa do que a do anteriormente referido e subtilmente dividido na *parte unica* que v. ex.<sup>a</sup> com arrojo descobriu, na obra que se inscreve AGUAS — *Das correntes não navegaveis nem fluctuaveis segundo o Direito Civil Moderno* apresenta v. ex.<sup>a</sup> uma verdadeira maravilha de abstracção que se completa com o famoso plano supracitado. Refiro-me, ex.<sup>mo</sup> sr., á divisão das aguas em... não digo, que podem julgar estar eu abusando da credulidade publica e inundar-me a gloria, a que só v. ex.<sup>a</sup> tem incontestavel direito. É verdade que eu posso referir-me á edição, citar a pagina, precisar o periodo, indicar as linhas que se descozem para dar logar áquelle laborioso phenomeno. Mas eu receio que v. ex.<sup>a</sup> não me perdôe facilitar eu a tal ponto o conhecimento d'uma divisão que, por mero erro typographico, talvez, reflecte, espelho fiel, no perfil scientifico de tão elegante praxista e auctorizado cavalheiro a luz ironica e fria da gargalhada publica. Se puzesse de parte a commiseracção que v. ex.<sup>a</sup> me inspira, eu apresentaria o asserto com que v.

ex.<sup>a</sup> chama a combate todos os que militam no campo do simples bom-senso, do bom-senso modesto, obscuro e util que muito provavelmente não acceita o repto; o asserto de que as aguas se dividem em abstractas e concretas. É o que sem esforço, clara e evidentemente, v. ex.<sup>a</sup> permite supôr, dizendo a pag. 24 da obra referida: «Se, porém, abandonarmos esta generalidade esteril do vastissimo campo da natureza, pondo de lado este conceito *abstracto* do elemento physico.....».

Eu conhecia, até ao apparecimento d'aquelle livro, varias divisões. Sabia que as aguas se podiam dividir em puras e mineiras, potaveis e não potaveis, thermaes e frias; mas abstractas e concretas!! Confesso o pasmo idiota, com que recebi aquella noticia. Eu tinha ouvido receitar aguas fereiras, sulfurosas etc., mas nenhum doente das minhas relações leve receita do medico que mandasse tomar, com intervallos de meia hora, 3 copinhos de agua abstracta! Nem tão pouco me consta que se aconselhasse ninguem a dissolver em agua concreta uma soda, por exemplo. A qualquer cavalheiro, que um acaso feliz levasse ao conhecimento de um tal receptuario, pedimos, em nome da humanidade, que vulgarise descoberta tão assombrosa.

Eu creio que, menos por mim, a quem pouco interessa uma resposta qualquer, mas pelo publico que certamente espera uma explicação das duvidas que respeitosa e apertadamente sobre o merito das duas obras nos pontos indicados, v. ex.<sup>a</sup> se determinará a sustentar, á luz do seu elevado criterio, que nenhuma divisão ou classificação é preferivel á divisão e á classificação que houve por bem apresentar.

Feita que seja aquella demonstração, ex.<sup>mo</sup> sr., a Academia não resistirá e v. ex.<sup>a</sup> será grande.

Para não importunar com a extensão da presente epistola, vou immediatamente expôr algumas considerações sobre o processo de ensino adoptado por v. ex.<sup>a</sup>.

A proposito dos Estatutos diz o *Aviso regio* (2 de outubro de 1876) sobre o tempo das lições, e modo de as tomar e explicar:

«Sua Magestade..... É Servido Ordenar, que fazendo Vossa excellencia praticar á risca a determinação dos Estatutos, emquanto á hora prefixa para entrarem os Professores nellas, estabeleça, que logo immediatamente se comece o exercicio das aulas por pedirem os Professores aos seus respectivos estudantes as lições, de que devem dar conta e se lhes explicou na lição antecedente, durante este exercicio, pelo menos, o tempo de um quarto d'hora.»

A falta de observancia que v. ex.<sup>a</sup> pratica n'uma grande parte do anno lectivo, sobre condemnavel, é despida da mais ligeira atenuante. Nem a circumstancia de ser exigida pelas condições actuaes a introdução d'este systema no ensino nem tão pouco realizar o compendio adoptado um ideal que um professor, á altura da cadeira, não possa exceder nas preleções, serão facies de provar, no caso sujeito.

V. ex.<sup>a</sup> deve conhecer que actualmente tudo leva a crer na utilidade das preleções, porque este systema facilita ao estudante a comprehensão de qualquer livro que se adopte e poupa-lhe o trabalho de consultar d'um dia para outro muitas vezes grossos volumes que exigem o socego e demora impossiveis para quem vê diante de si 24 horas, dentro das quaes ha de reunir materiaes, que o lente devia apresentar systematicamente colligidos.

Ainda quando v. ex.<sup>a</sup> tenha a modestia de dizer que reconhece sua facultaria absolutamente nada com a sua preleção — e, com franqueza, falta-me a coragem para o contradizer — escudando-se v. ex.<sup>a</sup> com a lei, tirava de si a responsabilidade que o assusta, porque ella pezaría apenas sobre os collegas de v. ex.<sup>a</sup>.

Agora, quanto ao compendio.

O sr. dr. Antonio dos Santos Jardim elaborou aquelle compendio, instado pela necessidade urgente do ensino; não teve tempo, queremos acreditar, para reconhecer os defeitos no breve trecho que regeu aquella cadeira. E, ainda que melhor elle tivesse

sabido d'aquella empreza, por um concurso de circumstancias mais favoraveis, a sciencia não descança entre as folhas d'um livro, caminha sempre e vae rasgando, de momento para momento, novos horizontes. Ora esta simples consideração onera a v. ex.<sup>a</sup> com toda a responsabilidade d'um dever que se não cumpre.

Das preleções, que v. ex.<sup>a</sup> fez, passada que foi em lições a doutrina do compendio, não me detenho a examinar-lhe o plano, cuja existencia desconheço, nem a utilidade na sua maioria. Poderia pôr em duvida a vantagem de averiguar se devemos dizer *real d'agua*, se *real de agua* ou se *real da agua*. Real em qualquer dos casos é a perda de tempo, a que v. ex.<sup>a</sup> nos sacrifica, no exame esteril de questiunculas semelhantes.

Francamente, ex.<sup>mo</sup> sr., v. ex.<sup>a</sup> nunca se lembrou de imaginar que a civilização pôde entrar na Universidade... como expectadora, representada em alguma celebridade contemporanea. Se o tivesse, ainda mesmo em sonhos, figurado, eu creio, apesar de conhecer a v. ex.<sup>a</sup>, que diligenciaria mudar a direcção dos seus trabalhos. Para conseguir esta tentativa, convidado n'esta mesma data o publico que lê e que sabe a verificar pessoalmente como, entre algumas outras, é regida a cadeira de finanças na Universidade de Coimbra.

Para que não se diga escolher de má fé um ou outro trabalho de v. ex.<sup>a</sup>, cumpre-me declarar que, além das duas obras que citei e das preleções que referi, nada me consta que v. ex.<sup>a</sup> tenha escripto ou pronunciado com intuitos scientificos. Certamente por falta de tempo, e não de planos concebidos, a que só resta dar a publicidade merecida.

Antes de cortejar a v. ex.<sup>a</sup> apresentando as minhas despedidas, cumpre-me fazer uma declaração.

Eu creio, perfeita e conscientemente, que, pela solidariedade, talvez justificavel, que existe entre a maioria dos collegas de v. ex.<sup>a</sup>, se não entre todos, creio, dizia eu, que ao pegar da penna para traçar estas linhas, pratiquei um acto, que ha de poderosamente influir não só no animo de v. ex.<sup>a</sup> mas tambem no dos outros julgadores dos meus trabalhos academicos.

Não sou um leviano que mais tarde se arrepende de uma resolução inconsiderada; sou um homem que, consultando a sua consciencia e sentindo irresistivel bradar-lhe a indignação, não digo bem, sentindo irresistivel rir dentro em si o desprezo e a compaixão, veio declarar a v. ex.<sup>a</sup> que, perante a sua sciencia official, e o seu auctoritarismo cesariano, elle simplesmente ri.

E o riso é uma philosophia. Graças a v. ex.<sup>a</sup> sinto-me philosopho. Muito obrigado.

De resto, no 3.<sup>o</sup> ou no 4.<sup>o</sup> anno, na Universidade ou em qualquer parte onde se saiba pedagogia, em Coimbra, a rainha do Mondego, ou n'outro ponto do globo, creia v. ex.<sup>a</sup> que não me cançarei de admirar e de o propôr á veneração, que o publico sabe dedicar a quem tão dignamente exhibe o symbolo d'uma sciencia.

De v. ex.<sup>a</sup>

incançavel admirador

MANUEL DUARTE LARANJA GOMES PALMA.

## O ENSINO

## do Direito Administrativo na Universidade de Coimbra

A questão de que nos vamos occupar, se bem que tenha uma parte pessoal, merece talvez a attenção do publico, porque se refere ao modo como são desempenhados os serviços retribuidos com o dinheiro do paiz.

A apreciação dos actos praticados pelos funcionarios publicos, principalmente quando esses funcionarios tem a seu cargo um dos serviços que mais cuidados reclama — a instrução publica, — é, parece-nos, digna da consideração da imprensa, que se presa de independente.

A cadeira de Direito Administrativo, na Universidade, foi este anno regida pelo sr.



dr. José Frederico Laranjo d'uma maneira que desprestigia a sciencia, e enodda os creditos do ensino superior. A manifesta incompetencia d'este professor está prejudicando altamente o paiz, e mais directamente os alumnos, sobre os quaes elle tem de exprimir officialmente uma opinião muitas vezes injusta.

O sr. Laranjo, exprimindo officialmente a sua opinião a respeito do meu merito scientifico, appreciou-me desfavoravelmente; eu vou apresentar alguns factos tendentes a pôr em relevo a competencia do mestre e a dignidade do juiz. E aos que me accusarem de crueldade por me occupar d'este ser grotesco, alvo constante da troça, — nas aulas, no parlamento, na imprensa, — respondo que me parece ter razão para pôr de parte, neste momento, a profunda compaixão que costumo sentir pelos pobres de espirito.

O sr. Laranjo não faz preleções: é o primeiro dever a que falta. Escreve as lições no remanso do seu gabinete, rodeado dos seus livros, na mais perfeita tranquillidade de espirito. Não lhe é facil, portanto, perturbar os erros que frequentemente escapam na exposição oral por uma irreflexão de momento.

Não obstante isto, as suas lições, elaboradas nas condições mais favoráveis, vêm cheias dos mais graves erros scientificos, e são escriptas n'um português mascavado e torpe, sem grammatica e sem estylo.

Para não tornarmos longo este trabalho, pômos de parte a questão do methodo, que é na realidade assombroso, e passamos a demonstrar que o sr. Laranjo não conhece as disposições do Codigo que explica.

Commentando o art. 53 do Cod. Administrativo, (lic. 27, pag. 290-291) levanta Laranjo a seguinte questão: a junta do districto será uma pessoa moral? resolver cita quantos Codigos Administrativos houve em Portugal, cita o Cod. Civ. e o jornal *O Direito*, e vem finalmente deduzir do citado art. 53 que o districto é uma pessoa moral.

O sr. Laranjo soubesse um quasi nada de materias que ensina bastava-lhe o art. 367, que diz expressa e terminantemente:

«O districto, o concelho e a parochia são havidos por pessoas moraes para todos os effeitos declarados nas leis.»

Pois não era muito saber este artigo, que é o primeiro das Disposições geraes do Codigo Administrativo. Nem generalidades sabe, este sábio!

Continuemos. Annotando o art. 103, n.º 7, do Cod. Administrativo, escreve o sr. Laranjo, na lição 42, pag. 435, (note-se que as lições são, como já dissemos, feitas por este professor) o seguinte formosissimo periodo:

«Hoje não ha ainda lei que mande que os partidos só sejam providos em concurso; o conselho de districto não pôde impôr essa condição por isso que a creação dos partidos não depende da approvação d'elle; o Codigo nem indirectamente exige tal condição; resta somente a praxe e algumas portarias; mas se as camaras não observarem a praxe e depois de creados os partidos fizerem nomeações de facultativos sem concurso, pelo Codigo actual não se encontra meio legitimo para annullar a nomeação e obrigar a proceder a concurso; o administrador do concelho não pôde fundamentar o recurso para o conselho de districto na falta de cumprimento da lei, os outros medicos que queriam concorrer não podem demonstrar que foram prejudicados nos seus direitos; é todavia util para os interesses dos municipios e para evitar questões abrir sempre concurso; urge porém reformar a legislação a este respeito.»

N'esta mesma lição 42, cita-se duas vezes (pag. 440) o art. 152 do Cod. Administrativo, e logo o art. 153 diz:

«Os partidos de que trata o precedente artigo (os partidos municipaes de facultativos, etc.) só poderão ser providos por meio de concurso annuciado na folha official do governo.»

Este é um erro palmar que o mais hu-

milde empregado administrativo se envergonharia de commetter.

Vejam os leitores que poço de sabedoria! Avaliem a sciencia e a consciencia d'este julgador que nem conhece a lettra expressa da lei, que é obrigado a ensinar!

No dia em que saiu esta lição alguns discipulos, condoidos pelo monumental estendete do infeliz professor, dirigiram-se a um parente d'elle e fizeram-lhe notar a barba-ridade sem igual.

O sr. Laranjo não pôz o pé na Universidade, e no dia seguinte fez sair uma lição nova, emendando o erro, com o mesmo numero e a mesma paginação.

Que extraordinario lente este que, em vez de ensinar os discipulos, é ensinado por elles! Curiosa inversão de funcções! Diver-tido e curioso professor!

Um caso analogo a este se dá com a interpretação do art. 53, n.º 18. Sustenta a *Revista de Legislação e Jurisprudencia* que o meio geralmente adoptado para a satisfação dos encargos do districto são as derrama, distribuidas pelos concelhos.

Diz o sr. Laranjo (lic. 30, pag. 329) que esta opinião é pouco segura e a contraria mais plausivel, em vista dos principios e da lettra do Codigo; e na lic. 31, pag. 332 escreve: «Dissemos que nos parecia pouco segura esta opinião, todavia a contraria é-o talvez menos ainda, por isso que da phrase—que constitue receita do districto—que o Codigo accrescenta ás palavras—percentagem adicional—não se pôde concluir, como queriamos, que seja essa percentagem a receita ordinaria e mais geral, visto que o n.º 5 e 6 do art. 59 contêm entre a receita ordinaria, sem distincção alguma, as quotas derramadas pelas camaras municipaes e os productos da percentagem adicional ás contribuições geraes e directas do Estado.»

Com tal firmeza de opiniões revelada pelo professor andam os discipulos sempre em risco de perderem o trabalho, entregando á memoria uma doutrina que no dia seguinte o sr. Laranjo lhes diz ser redondamente falsa.

Outras vezes succede não haver nenhuma alma caridosa que lhe indique os erros commettidos. Então o sr. Laranjo erra em março e corrige em maio: é o que se dá na lição 50, (pag. 510, nota) que aponta um erro da lição 34.

Podíamos apresentar muitos outros factos d'esta ordem; parece-nos, porém, que estes bastam para o publico poder aquilatar o merito scientifico do illustre professor Laranjo.

Depois d'isto, admira-se a coherencia com que este homem vai gritar nos meetings contra a má applicação dos dinheiros publicos. Pois que peor applicação pode ter o dinheiro publico do que ser dado a professores que desconhecem a sciencia que ensinam mediante retribuição do Estado?

Pelo que se vê, o sr. Laranjo não segue o rifão popular — *Quem tem telhados de vidro não atira pedras aos do visinho*. — Pois faz mal.

Quando ha tanta indecisão e ignorancia no mestre, como quer este que haja firmeza e sciencia nos alumnos ensinados por elle? Verdade seja (e diga-se isto em seu abono) que o sr. Laranjo reconheceu a sua incompetencia, e, ao encerrar a aula, pediu indulgencia aos discipulos. Não a teve para elles, é certo, mas pediu-a... para si.

Concluindo, direi que este artigo não é nem podia ser, motivado pelo despeito: a condemnação, partindo de tal juiz, não é um vilipendio, é uma gloria. Foi até para dar ao sr. Laranjo uma prova publica do meu reconhecimento que eu me dei ao trabalho de traçar estas linhas.

Coimbra, 15 de julho de 1882.

J. F. AZEVEDO E SILVA.

### A «Civilização Catholica»

Continuamos a responder ao sr. J. M. Rodrigues.

Diz este escriptor: «É falso, completamente falso que o espirito christão tenha sido arrancado das consciencias em todas as nações.»

Pela sua parte, afirma o Concilio, na *Constituição Dogmatica da Fé Catholica*:

«O Christianismo foi abandonado pelo reino denominado da razão ou da natureza.»

Nós seguimos a opinião do Concilio, que o sr. J. M. Rodrigues ha de forçosamente considerar superior á sua.

Escreve o nosso antagonista: «Arranque-se das consciencias o espirito christão e vê-se-ha como a nação em que este facto se der se dissolve rapidamente.»

É uma velha mania dos theologos a de suporem que o abandono das crencas defendidas por elles importa a dissolução e a depravação dos povos. Littré demonstra com factos historicos e com exemplos individuaes que a diminuição de auctoridade do principio theologico tem sido acompanhada do augmento da moralidade social, e que ha homens d'uma probidade immaculada que não vão buscar á theologia a sanção do seu procedimento. (*A. Comte et la phil. posit.*, pag. 212 e 213.) O proprio Littré, o santo que não acreditava em Deus, como lhe chamou alguém, foi sempre d'uma austeridade de caracter que não pôde ser excedida. Os obreiros do Senhor, pelo contrario, estão todos os dias praticando gentilezas pouco proprias para edificar os crentes. Podíamos apontar muitas, porque ha farta copia d'ellas; mas, para sermos breves, enviamos o sr. J. M. Rodrigues para os jornaes *O Seculo* e *A Folha Nova*, chronistas fieis de tão elevadas façanhas.

Não queremos com isto affirmar que todos os padres sejam maus; o que queremos é constatar que a moralidade não é um monopolio de suas reverendissimas, e que existe tanto no crente como no atheu. Um philosopho italiano, Ardigio, é até da opinião que a moral dos positivistas é mais elevada e mais solida que a dos theologos, accrescentando ainda que a religião prejudica a moralidade em vez de a favorecer; porque aponta ao crente um fim egoista—as recompensas eternas. (*La phil. experiment. en Italie*, por A. Espinas, pag. 150 e 151.) Ora Ardigio, que foi theologo e é hoje positivista, está nas melhores condições para comparar a moral theologica com a moral positiva.

Ainda a este respeito cita-se na *Civilização Catholica* F. Le Play, «o veneravel fundador da sciencia social.» Veneravel fundador parece-nos de mais. Le Play é, com certeza, o veneravel da sciencia social. Fundador, não; quem fundou a sociologia foi Augusto Comte.

Para provar que o espirito christão não se radicou nas consciencias á custa de muitas lagrimas e muito sangue, desfecha o sr. Rodrigues contra nós algumas finas ironias theologicas que derrocam pela base o edificio dos nossos conhecimentos nada vulgares da historia.

Diz que os christãos dos primeiros seculos martyrisavam milhões de romanos; diz que na Africa, America e Oceania os selvagens perecem ás mãos dos missionarios europeus; diz que é preciso ser alphabeta em historia para não saber que foi á custa de muita lagrima e muito sangue que o espirito christão se radicou nas consciencias. E diz ainda mais coisas.

Simplemente se esquece de dizer o que fizeram os missionarios na Asia. No livro—*A Conjuração de 1787 em Goa*—do fallecido escriptor Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara encontram-se documentos officiaes interessantissimos a este respeito.

Por esses documentos, que se podem ver nas *Soluções positivas da politica portugueza*, por Th. Braga, sabemos que os missionarios, em vez de apascentarem as ovelhas, lhes tiravam a lã, e que em vez de serem verdadeiros pastores eram lobos vorazes. São estas as proprias palayras do documento a que nos referimos.

Apesar de *alphabeta em historia*, parece que sabemos algumas pequenas coisas que o sábio theologo Rodrigues ignora.

Esquece-se tambem este preclaro varão do procedimento evangelico dos reis catholicos para com os mouros de Hespanha; esquece-se igualmente de dizer que a Inquisição, segundo o calculo de F. Garrido, só n'um periodo de trinta e seis annos, queimou doze mil e oitocentas pessoas.

E os catholicos ainda não mudaram de tactica. É o que se infere da linguagem do jornal *A Cruz* e a *Espada* de Braga. Diz elle: «A fogo a esses malvados, (refere-se á imprensa que denomina revolucionaria e im-

pia) a fogo esses badios, (!) a fogo a essa corja de larapios, já que a lei nos não protege, e nos encontramos sós com os soldados da Cruz. A fogo, catholicos! a fogo a elles que é o unico remedio.»

E tudo isto para radicar nas consciencias o espirito christão!

Aqui está o que sobre o assumpto nos dizem os nossos conhecimentos nada vulgares de historia. Os christãos foram victimas, a principio, por uma razão simples: porque não tinham força para ser algozes. Logo que a tiveram, fizeram o que nós sabemos, e que bem justifica a exclamação de Draper: «As mãos que se levantam para o Deus de misericordia estão ainda tintas de sangue!»

Quer o sr. Rodrigues mais lagrimas e mais sangue ainda? Se quer, diga-o, que na historia dos crimes do fanatismo encontraremos sangue que não se lava n'um mar.

### A sombra do cypreste

A vida me corria alegre e mansa  
Se n'esse olhar—um lago transparente,  
O meu amor n'um extase dormente  
Vogasse na barquinha da esperanza.

Se viesse perturbar tanta bonança  
O bramido dos ventos inclemente,  
Lançando os teus cabellos á corrente,  
Salvava-se agarrado á tua trança.

Do teu olhar não me fizeste a esmola  
A lembrança, porém, que me consola  
E que elle ha de voltar aos ceus um dia,

D'alguma estrella irá junctar-se á chamma!  
E do cypreste atravessando a rama  
Virá banhar a minha campã fria.

EDUARDO D'ARAÚJO

### Publicações recebidas

#### BANHOS DE MAR

ELEMENTOS DE HYDROTHERAPIA MARITIMA por Luiz Pereira da Costa, Licenciado na Faculdade de Medicina, Bacharel Formado na de Mathematica, e Socio Effectivo do Instituto de Coimbra.

#### THESES

MEDICINA THEORICA E PRATICA que se propõe defender na Universidade de Coimbra Luiz Pereira da Costa.

Acabamos de receber estas duas publicações que muito agradecemos ao seu auctor.

Nos *Elementos de hydrotherapia maritima* trata o sr. Luiz Pereira de analysar as condições das praias balneares, e a sua influencia medica, o que faz com muita sciencia, sem contudo tornar a sua obra inacessivel aos leitores que não tenham conhecimentos especiaes de medicina.

É este um dos grandes meritos do sr. Luiz Pereira, porque, combatendo a sua dissertação o uso desregado dos banhos do mar, é de toda a utilidade a facil comprehensão de um livro onde tão lucidamente se preceituam as regras a seguir e os cuidados a empregar.

O trabalho litterario de que nos occupamos verbeira fortemente a falta de escrupulo com que se empregam os banhos do mar, sem se escolher praia, e sem mesmo se consultar a sciencia. A medicação maritima é uma das mais energicas a que recorre a medicina; e, havendo para o emprego d'outros meios igualmente energicos todos os cuidados e todas as precauções, os banhos do mar são applicados a todas as doenças indistinctamente sob o pretexto de *verroso*, e a todos os individuos, sem que se attenda ao sexo, ao temperamento, á idade, etc.

A escolha da praia tambem é assumpto tratado de resto. Daqui podem provir graves inconvenientes, porque, sendo variavel a exposição de diferentes praias, a mineralização da agua, a sua temperatura etc, os resultados que se pretendem obter podem deixar de ser os que se vão encontrar na praia escolhida.

A estas judiciosas considerações accrescenta o sr. Luiz Pereira muitas outras, ten-



dendo todas a combater o uso incon siderado dos banhos do mar, feito sem se attender ás prescripções scientificas, as quaes, quando postas de parte, determinam um castigo grave infligido pela natureza aos que as desprezam.

Eis o que podemos dizer a respeito d'esta obra, lamentando que deficiencia dos nossos conhecimentos nos iniba de fazer uma apreciação como nós desejavamos e o livro merece.

Accrescentamos ainda que a edição é primorosa, reunindo por isso á belleza do estylo outra condição para ser lida com agrado.

*Discurso pronunciado no grande comicio anti-jesuitico por occasião do centenario do Marquez de Pombal em Coimbra por Francisco Maria Gomes do Rego Feio, aluano do 5.º anno juridico.*

Recebemos e agradecemos este folheto. Já tivemos occasião de nos referir a este magnifico discurso, quando descrevemos o comicio em que foi pronunciado.

Só accrescentaremos hoje que merece ser lido por todos os homens sinceramente liberaes, e que é uma obra valiosa de propaganda anti-jesuitica.

Recebemos e agradecemos *Notas, Ensaio de critica e de litteratura*, do sr. Alexandre da Conceição, e *Transfigurações*, por Antonio Feijó.

Com mais vagar nos occuparemos d'estas duas notabilissimas obras.

Damos hoje em folhetim um esplendido trecho do primeiro d'estes dois livros.

**Os Centenarios em Portugal**

Nas folhas seculares d'este livro sibyllino chamado a alma dos povos, ha phrases de uma significação tão intensa e profunda, que dão azo ás interpretações mais diversas.

E assim a celebração dos centenarios, que vulgarmente se considera como uma prova decisiva de vitalidade nacional, parece-me revelar, ao contrario, um pretexto inconsciente do povo contra a rapida decadencia do Presente.

N'este movimento tristemente entusiastico, n'esta grata saudade d'uma nação que se absorve na adoração mystica do Passado, transparece vagamente, sob uma forma diversa, o antigo sentimento de desconsolação e de simples confiança na morte, que produzio o Sebastianismo.

A cynica indiferença com que o povo portuguez assiste ao desenrolar constante das pequenas misérias, que invariavelmente constituem a nossa politica moderna, não é apenas uma consequencia da sua crassa ignorancia, mas tambem d'esta descrença no futuro, e d'esta vaga nostalgia da historia, que assalta o espirito ao recordar-se da luz no meio das trevas mais densas. E até quando tentamos illuminar o futuro com o debil clarão d'uma esperança, é ao passado que vamos pedir as cores para traçar em quadro phantastico.

Antigamente a natureza aventureira de um povo esmagado entre a Hespanha hostil e a immensidade do Oceano, cedia finalmente á atracção do abysmo, á tentação do infinito. Hoje esse mesmo povo tendo d'um lado o Porvir sempre inimigo de uma nação cançada e desfalecida, e d'outro a historia com as suas tradições heroicas como os gemidos oceanicos, brilhantes como o conviu luminoso do ceu e do mar do Sul, não hesita tambem e precipitando-se nas ondas do Passado julga cumprir como outr'ora a sua elevada missão.

Os centenarios entre nós são principalmente um phenomeno de psychologia collectiva, são a aspiração da alma nacional para a historia, onde pretende bazeir uma consoladora illuzão. E nas figuras collossaes do Cantor do Oceano subjugado á energia hesculea da humanidade, ou do ministro que ainda conseguiu galvanizar o cadaver de uma nação agonisante, julgamos encontrar as duas forças elevadoras na nossa existencia social. Como outr'ora a imaginação desvairada de um povo infeliz debuxava nos cerrados nevoeiros do Porvir, sobre o louco corcel das suas esperanças, como um anjo

de redempção, o vulto sympathico de um principe, cujo sangue tinham avidamente bebido os extensos areaes da Africa.

O Mysticismo é o producto natural da Desventura: e Portugal hoje como no seculo XVI, vando adiante de si as trevas de uma existencia quasi impossivel de novo arranca á historia a visão sebastianista. E sob estas apparencias positivas e atraz d'estas celebrações scientificas, levanta-se como um actor constante no enorme palco da historia, a alma mystica do povo portuguez, que depois de haver feito a sua gloria no periodo das Navegações, é hoje a sua consolação n'esta epocha de passamento social.

Coimbra.

Pedro Mascarenhas Gaivão.

**NOTICIARIO**

Tem havido em todo o Minho frequentes disturbios occasionados pela falta de milho e pela elevação do preço dos cereaes.

É o principio da colheita do que o governo tem semeado. Até onde poderão chegar os seus resultados não o podemos prever: não devemos porém deixar de extranhar que quando o povo morre de fome, se deem 2.700 contos para caminhos de ferro em Hespanha, e que sua magestade abandone o seu amado povo!

O sr. D. Luiz pediu ao parlamento licença para ir passeiar e o parlamento concedeu-lh'a... temporaria!

Sua magestade pôde e deve passeiar e, pensamos nós, a sua ausencia não se ha de sentir; custa-nos porém ter de dizer que sua magestade, o descendente de D. João IV vae a Hespanha pagar a visita ao seu augusto primo, e talvez realizar as promessas da conferencia de Caceres. O povo não chorará por ver o monarcha visitando a familia e abandonando-o, quando elle morre de fome: lastimará sem duvida que á sua custa se festeje a sua boa volta.

Chegou a Lisboa a commissão representando o syndicato de Salamanca que ia agradecer a sua magestade os beneficios que acabava de prestar ao paiz, apoiando a celebre *tratada* (vide *Economista*), facto que ha de ser com gloria mencionado no seu ecinado.

O povo que já vae percebendo a maneira como o governo procede, recebeu-os condignamente... á *petrada*. Não louvamos este procedimento, é certo, desejavamos antes que o povo serenamente ignatiasse tal proceder por meio de *meetings* ordeiros, d'onde se fixesse chegar aos ouvidos do primeiro funcionario do paiz as suas justas queixas.

Não o quer assim o sr. Fontes. É habito velho d'este estadista: illudir o rei e o povo. As consequencias...

Sua magestade vae mostrar-se na Beira, onde desejamos que seja bem recebido; porque, veedade, verdade, merece-os. Tanto procurou satisfazer os desejos do povo que não o receber condignamente seria ingratição!...

No dia 9 do corrente, fez acto do terceiro anno juridico o nosso sympathico amigo, Francisco d'Alarcão Vellasques Sarmiento, obtendo o resultado que era de esperar da sua muita intelligencia.

Nesse mesmo dia retirou-se para o Espinhal na companhia de alguns seus amigos, e condiscipulos, que vieram penhoradissimos pela recepção affavel e cordeal que alli lhes foi dispensada.

Entre outros, recordamos-nos de terem ido Elyσιο de Carvalho, Agostinho Rego, Joaquim Lino, e Joaquim Maria Bernardes.

Em ambas as noites que estes rapazes se demoraram no Espinhal tiveram *soiões* animadissimas, n'uma das quaes Agostinho Rego, um rapaz intelligente e esperançoso, cantou algumas árias do seu escolhido repertorio, e recitou a pedido das senhoras duas formosas poesias, sendo muito applaudido. (Tribuna Popular)

**DITOS E PHRASES**

Em 1793, pouco depois d'um concerto patriotico, mandou a auctoridade prender um dos violinistas.

Perguntando-se-lhe o motivo da prisão, disse, abanando a cabeça, como quem ameaça:

—Eu o ensinarei a estar, metade do tempo, de braços cruzados, quando todos os outros estavam a tocar.

Pobre musico! Tinha commettido o crime de... observar as pausas.

Um empregado dos caminhos de ferro fazia a revisão dos bilhetes. Chegando ás carruagens de 1.ª classe, encontra uma camponeza que lhe apresenta bilhete de 3.ª.

—Aqui com este bilhete?!

—Bem sei que é de 3.ª; mas tambem contei as carruagens: uma, duas, tres; e só na 3.ª é que entrei.

O amor proprio dos tolos desculpa o das pessoas de espirito, mas não o justifica.

Duc de Lévis.

Qual é o pano mais quente no inverno? O pano da chaminé.

O empresario d'um theatro francez ouve a leitura d'um drama em verso (?).

De repente surge um *soi-disant* alexandrino de 18 syllabas...

O empresario, interrompendo:

—Mais ce n'est pas un vers, c'est un boat!

A verdadeira sabedoria das nações é a experiencia.

Napoleão I.

Desconfiae das mulheres que dizem mal dos homens.

O governo Constitucional é o absolutismo mascarado com formulas de liberdade.

A republica moderna nasceu da philosophia e da reforma religiosa; em 1789 estava nas ideias e nas theorias; hoje está nos factos e nas necessidades.

José Maria do Casal Ribeiro, no opusculo—*Hoje não é hontem*, publicado em 1848.

A gratidão não é a virtude das testas coaroadas.

Idem.

Alcobaça, 18 de junho

Por varias vezes nos temos referido n'estas correspondencias a um processo por fraude de contribuição do registro, para o esquecimento do qual se tem empregado todos os esforços. Ultimamente, dizem, procuram actual-o, mas o celebre processo está por tal forma occulto, que não ha meio de o descobrir!

Veremos a energia que desenvolverá o sr. Escrivão de Fazenda, e o procedimento do louvado desempatante, no caso que este negocio prosiga, e faremos os nossos comentarios com toda a imparcialidade.

Se o processo não apparece, ha um meio de sanar todas as difficuldades:—formar novo processo, e averiguar d'esta forma a verdade, porque ella interessa ao publico e á fazenda nacional.

—Segundo nos consta, já estão liquidados os fundos legados pelo sr. dr. Brillhante á camara d'Alcobaça, e convertidos em inscripções. Era tempo! Resta-nos ver a maneira como será applicado o seu rendimento, e a imparcialidade que presiderá á escolha dos subsidiados. Dizem que a camara vae com toda a brevidade abrir concurso, para os candidatos apresentarem os seus documentos.

—Uma forte trovoadá pairou no dia 16 sobre a Nazareth, causando bastantes estra-

gos. Cahiram algumas faiscas no edificio da Misericordia da Pederneira, n'uma chaminé, n'uma casa da Praia e n'um barco de pesca em que vinham alguns pescadores, ficando assombrado um d'elles que está em perigo de vida. O barco ficou arrombado de um lado. Os outros tripulantes nada soffreram.

Os habitantes d'aquellas immediações, dizem não haver memoria de tão forte trovoadá.

—As obras da torre sul do mosteiro estão concluidas, e assente o pára-raios. É pena que o governo não mandasse concertar igualmente a torre do norte, ha annos deteriorada por outra faisca electrica.

(Do nosso correspondente)

**Correspondencia**

Sr. redactor—Em resposta á pergunta que o correspondente de v. n'esta localidade me faz em o numero 21 do seu mui lido jornal *A Evolução*, tenho a dizer o seguinte:

Que não recebi, nem no archivo da junta de parochia da minha presidencia existe documento algum, que auctorisae o prior d'esta freguezia a ter em seu poder o livro a que o dito correspondente se refere.

Ufano-me de subscrever-me  
De v. etc.  
José Ferreira da Silva.

Odemira, 14 de junho de 1882.  
(Segue-se o reconhecimento.)

**ANNUNCIOS**

**NUMERO ESPECIAL**

Os restantes exemplares do numero especial, com que *A Evolução* commemorou o centenario pombalino encontram-se á venda na Livraria Academica, rua da Calçada—COIMBRA.

**NOTAS**

ENSAIO DE CRITICA E DE LITTERATURA

por

Alexandre da Conceição

SUMARIO

- I Carteira d'um posivista
- II Esboços de critica
- III Estudos do natural
- IV Carvões

**FINANÇAS**

Para facilitar o rapido estudo d'algumas materias, que fazem objecto d'aquella cadeira está á venda na lithographia do—Marco da Feira n.º 4—uma synopse relativa á divida publica, orçamentos etc.

**AGENCIA DE ENCOMMENDAS**

DE

**PORTUGAL E BRAZIL**

Proprietario—Francisco Nones Collares  
COMMISSÕES DIMINUITISSIMAS

18, Rua da Atalaya, 18

LISBOA

As pessoas que se queiram informar do credito d'esta agencia poderão dirigir-se aos srs. correspondentes da Empresa **Notas Romanticas**, em qualquer terra do reino, ilhas e Brazil